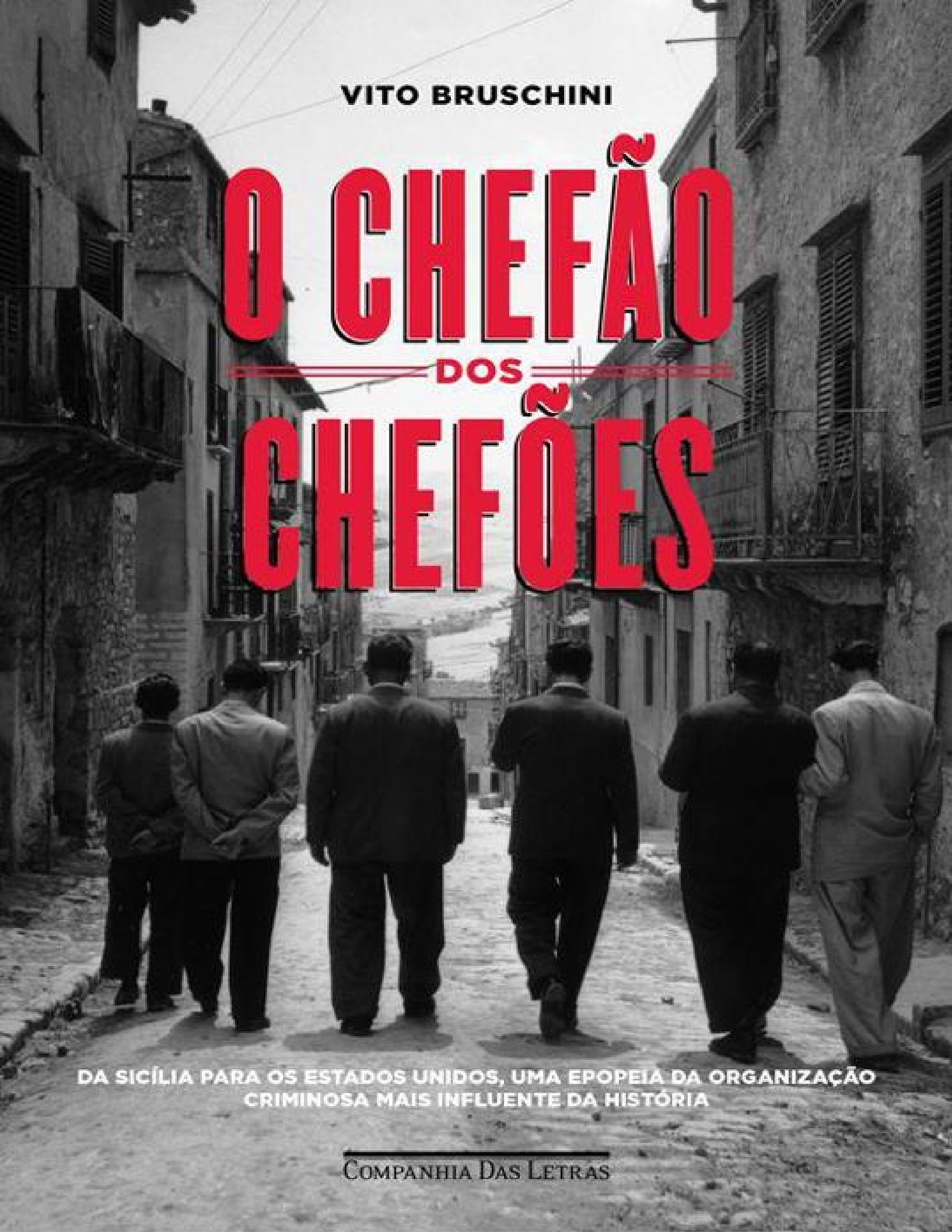


VITO BRUSCHINI

# O CHEFÃO DOS CHEFÕES

DA SICÍLIA PARA OS ESTADOS UNIDOS, UMA EPOPEIA DA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA MAIS INFLUENTE DA HISTÓRIA

COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.***





BIBLIOTECA
DO EXILADO

VITO BRUSCHINI

# O chefão dos chefões

*Tradução*
Federico Carotti

Companhia Das Letras

*Para Giuliana e Giuliana*

# PRIMEIRA PARTE

# 1. 1921
# O massacre de Borgo Guarine

*A maldita noite do massacre de Borgo Guarine*: era assim que os moradores do vale de Salemi lembrariam aquela noite de final de julho.

Não havia lua para iluminar a vastidão dos campos do latifúndio siciliano, mas o céu, negro como breu, estava semeado de milhares de pontinhos luminosos, e no zênite corria o rio da via láctea, parecendo que bastaria estender a mão para tocá-lo. Aquela claridade era suficiente para perceber os contornos das montanhas no horizonte. O calor do dia cedera lugar à leve brisa noturna que soprava do oceano, e a magia daquela paisagem, tão áspera e severa durante o dia, era suavizada pelo perfume das flores das laranjeiras e limoeiros.

Naquela noite maldita, Gaetano Vassallo desceu das serras da Montagna Grande, com dois de seus homens de maior confiança: Corrado e Mariano. Fazia pelo menos quatro meses que não via os filhos, o período mais longo desde que fora obrigado a se refugiar na floresta.

Os dois guarda-costas foram os primeiros a chegar a Borgo Guarine: Vassallo tinha parado ao abrigo de um arbusto de figos-da-índia para evitar possíveis emboscadas.

O silêncio da noite foi rompido pelo latido dos cães, alertados pelo trote dos cavalos dos dois bandoleiros. Corrado e Mariano se aproximaram do casario do povoado, conferindo se não havia intrusos por ali. Olhos receosos espiavam por trás do escuro das persianas, fechadas com trancas. Os dois saíram em disparada em sentidos contrários, para inspecionar os dois lados do vilarejo. Mas não havia nenhum estranho ao redor. Então Corrado soltou um assobio fino e longo.

Gaetano Vassallo, dando um tranco nas rédeas do cavalo, saiu do esconderijo e galopou até os dois homens. Depois de se reunirem, os três pegaram a trilha da fazenda que saía do vilarejo e terminava, cerca de meio

quilômetro adiante, na frente da casa de Geremia, irmão de Gaetano.

Na toca, cavada num declive natural do terreno pela divisão de engenharia das guardas reais, Gaspare ouviu os latidos dos cães, depois um assobio prolongado e então o pisotear dos cascos dos cavalos. Soergueu os torrões que os soldados tinham colocado para disfarçar o esconderijo e ajustou o foco do binóculo a fim de enxergar a herdade.

A escuridão e a distância não lhe permitiam distinguir os detalhes do casebre de Geremia Vassallo, mas, quando se abriu uma fresta na porta e o breu se clareou com um feixe trêmulo de luz, ele conseguiu vislumbrar uma sombra entrando furtivamente na casa.

Gaspare sentiu o coração na garganta. Lembrou das ordens do capitão Lorenzo Costa: "À menor suspeita, venha avisar correndo". Aquela visita noturna era decididamente insólita. Arrastou-se para fora do esconderijo e saiu em disparada, a fim de cobrir o mais rápido possível os três quilômetros que o separavam de um posto avançado guarnecido por seus camaradas. Após cinco minutos de uma corrida desabalada, Gaspare chegou ao posto e ali, com um telefone de campo, avisou o quartel-general.

Uma hora depois, quarenta soldados da guarda real, comandados pelo capitão Lorenzo Costa, cercaram a herdade de Geremia Vassallo. Não tinham certeza se seu irmão Gaetano, o bandido mais perigoso do território de Salemi, estaria lá dentro, mas esperavam que sim. Tinham ordens de não o deixar fugir e capturá-lo de preferência vivo. Quanto aos outros dois bandoleiros, podiam decidir na hora: vivos ou mortos, não havia ordens precisas.

Os soldados, arrastando-se em grupos de três, se aproximaram da casa. Mariano, um dos dois guarda-costas de Vassallo, estava nos fundos, enquanto o outro, Corrado, vigiava a entrada.

A longa permanência nas matas desenvolvera nos bandidos a sensibilidade de captar sons e movimentos que não pertenciam à natureza. Mariano, de fato, logo ouviu um rastejar suspeito não longe de onde estava. Virou-se de chofre empunhando o mosquete e fitou a escuridão, tentando penetrá-la. De uma moita próxima, um jovem soldado se atirou de um salto sobre ele, tapou-lhe a boca e com o punhal cortou sua garganta, de um lado a outro. Apertou-o contra si e imobilizou-o no chão. Dali a pouco chegaram os outros dois companheiros que compunham o grupo com ele. Mas o bandido Mariano já deixara de respirar.

Corrado, o outro bandoleiro, percebeu o leve alvoroço vindo detrás da casa e chamou o amigo em voz baixa.

Um dos soldados assobiou em resposta. Corrado se pôs atento e ia avançar até o lado da fazenda. Aquele sinal não o convencera. Mas bastou aquele breve momento de hesitação para que os dois grupos mais avançados saltassem sobre ele. Corrado pulou como uma cobra. Tinha o dedo no gatilho do mosquete. Assim que viu o vulto do primeiro militar se desenhando no céu, atirou e atingiu em cheio o peito dele. Mas, no instante em que puxou o gatilho, Corrado foi atingido por uma força sobre-humana que o jogou ao solo. Então dois, três, quatro, cinco soldados o atacaram e o mataram a golpes de punhal e baioneta. Uma dezena de outros soldados arremeteu contra a porta de entrada da casa, enquanto outros vigiavam as janelas da moradia para impedir qualquer rota de fuga, como lhes ordenara o capitão.

Assim que arrombaram a porta, os primeiros soldados entraram gritando que os moradores se rendessem. Mas, logo na entrada, encontraram Geremia armado de uma espingarda de caça. Com grande sangue-frio, ele atirou no primeiro que apareceu na soleira da porta e, numa rápida sucessão de tiros, abriu fogo contra o segundo soldado que tentou entrar. Os dois jovens militares tombaram por terra com um grito arrepiante. Enquanto isso, ouviam-se na casa gritos de mulher e o choro incontrolável de crianças.

À medida que Geremia se apressava em recarregar a espingarda, outros dez soldados irromperam na casa como um só homem.

Passando a entrada, ficava a cozinha com a lareira; no centro havia uma mesa grande e dois catres encostados nas paredes. O pequeno Jano, com medo, mas corajoso e sem chorar, rolou das cobertas e se escondeu embaixo da caminha.

Do quarto da tia, que dava diretamente na cozinha, Jano ouvia o irmão Giovanni chorar com todas as forças de seus jovens pulmões. Jano enfiou um pano na boca para não deixar escapar nenhum som. Debaixo da cama, viu muitas pessoas invadirem o quarto e se lançarem contra o tio Geremia, arrancando-lhe a espingarda das mãos, e depois foi um massacre. Viu com horror uma mão decepada cair ao lado da cama sob a qual estava escondido; depois ouviu alguns tiros e logo a seguir rolaram pelo chão pedaços de pernas e braços ensanguentados. O pequeno Jano, nauseado de horror, fechou os olhos, tapou os ouvidos e se encolheu no canto do refúgio improvisado. Ouviu a voz irreconhecível de sua tia Rosalia. Mas não pôde ver a mulher se jogar desesperada sobre o tio, recolher do chão as partes faltantes do corpo e, fora de

si, tentar recompô-las. Os dez minutos seguintes foram uma orgia de gritos, disparos, objetos arrancados e jogados ao chão. E, para sua sorte, o menino não viu o que sua pobre tia teve de sofrer, mas os gritos dela ficaram impressos em seus ouvidos por muitos e muitos anos.

Alguém arrancou a mulher ao marido. Vestindo apenas a camisola empapada de sangue, agarraram-na brutalmente e violentaram cada centímetro de seu corpo. A mulher, enlouquecida de dor, em meio ao tumulto conseguiu pegar um revólver do chão e atirou em si mesma. Fragmentos de miolos espirraram no rosto do homem que estava em cima dela, o qual caiu de lado quando a bala ricocheteou e lhe estourou um dos olhos. Foi como que o sinal para a enésima orgia de sangue. Os soldados, ainda não saciados, se arremessaram sobre o corpo nu da mulher.

A insânia terminou com a chegada do capitão Lorenzo Costa, que teve de disparar alguns tiros ao alto para se fazer ouvir por aqueles homens transformados em feras. Exaustos, encharcados de sangue e saciados de violência, os soldados por fim se acalmaram.

O capitão Costa andou entre os destroços dos aposentos, tomando cuidado para não pisar com os coturnos em restos biológicos. Entrou no quarto de dormir: havia um menino deitado, com a cabeça arrebentada; devia ter talvez cinco ou seis anos. Aproximou-se de um grande berço e viu dois cadáveres de recém-nascidos. Mas depois percebeu que apenas um dos gêmeos fora asfixiado, enquanto o outro, uma menina de poucos meses, ainda parecia estar viva: talvez tivesse desmaiado com um golpe no rosto agora inchado. Ninguém se deu conta de Jano, encolhido debaixo da cama, escondido sob um monte de cobertores.

— Onde está Vassallo? — bradou o capitão num tom que enregelou os homens em torno. — Vocês o deixaram escapar!

— Senhor capitão, daqui não saiu ninguém — interveio um dos soldados. — Ficamos de guarda em todas as janelas. Da casa ninguém saiu.

De súbito um detalhe chamou a atenção de Costa. No assoalho embaixo do berço, viu algumas tábuas soltas. Mandou que afastassem a caminha e notou um alçapão que levava ao porão da casa, e dali, passando por um túnel natural, chegava-se ao lado de uma pequena colina próxima. Vassallo tinha fugido por ali, tão logo ouviu o tiro disparado por Corrado.

Aquela descoberta enfureceu o capitão. A responsabilidade de toda aquela loucura era exclusivamente sua. Havia submetido seus rapazes a uma pressão intolerável por tempo demais, na expectativa de encontrar o bandido. Tinha-os

habituado à morte e agora a própria morte se tornara um detalhe de pouca importância para eles. Transformara-os num bando de animais ferozes. Uma matança sem precedentes. Sofreriam um processo do qual nenhum deles sairia ileso. Estouraria um escândalo. Era preciso descobrir rapidamente uma saída, ou sua carreira terminaria dentro daquela fazenda. Se pelo menos tivessem capturado Vassallo, tudo se tornaria mais aceitável. Poderiam dizer que tinham sido atacados pelo bandido e seus capangas e apenas se defenderam. Mas como justificar o massacre de duas crianças, ainda de fraldas, de uma mulher e de seu marido? Ao amanhecer todo o vilarejo estaria sabendo. Precisava encontrar uma solução. A responsabilidade deveria recair sobre um bode expiatório. O culpado teria de ser alguém interessado em eliminar a família Vassallo.

A decisão foi tomada. Ordenou aos subordinados que lhe entregassem um revólver e um de seus punhais ainda ensanguentados. Enrolou-os numa camiseta, que pegou no quarto de dormir, e mandou que um de seus homens de mais confiança, Michele Fardella, fosse esconder aquele embrulho na propriedade de Rosario Losurdo. Depois mandou que levassem os três cavalos dos bandidos para longe dali e os abandonassem num bosque, sumindo com as selas e os arreios.

Assim falou a seus quarenta canalhas e com eles selou um pacto infame.

# 2. 1938
# O jogo do *tocco*

Dezessete anos depois, o eco daqueles acontecimentos havia se transformado numa obscura lenda entre os camponeses mais jovens de Salemi, mas, para os mais velhos, a história continuava a representar o capítulo mais negro de seu passado.

A cidadezinha sofrera transformações não no tecido urbano, mas no plano social e político. Muitos moradores tinham sido obrigados a emigrar para nações mais hospitaleiras, enquanto o fascismo elevava a posições de prestígio indivíduos pouco recomendáveis.

Os dias transcorriam iguais, como em qualquer pequena província italiana, quando, numa clara tarde de outono, a paz do vilarejo foi perturbada pelo rufar do tambor de Ninì Trovato, o pregoeiro do município, que os moradores interpretaram como um alegre chamado para alguma proclamação.

Fazia anos que os habitantes de Salemi tinham se acostumado às aparições estrondosas do factótum do prefeito. Todos, até as crianças, conheciam o teor do anúncio que logo Ninì proclamaria ao vilarejo.

Mas naquela tarde os habituais "bem informados" ainda não tinham lido o decreto e, vendo Ninì passar sob as janelas, as pessoas se perguntavam do que poderia se tratar.

Algumas mulheres se puseram às janelas e lhe gritaram: *O que significa todo esse berreiro*? Mas Ninì, em uma atitude muito profissional, nariz empinado, nem sequer lhes dirigiu um olhar e, entrando na ruazinha que ia até a praça central do povoado, continuou a bater no couro gretado do instrumento.

A taberna de Mimmo Ferro, que dava para a praça central de Salemi, ficava do lado oposto à igreja matriz, diante dos imponentes muros do castelo

normando. A taberna, junto com a casa de Deus, era o único local do vilarejo onde as pessoas podiam se reunir depois de uma dura jornada de trabalho, com a diferença de que a igreja era frequentada exclusivamente por mulheres e velhos, enquanto a taberna era o destino preferido dos homens e rapazes.

Naquele final de tarde de outubro, Mimmo Ferro serviu na mesa do jogo de *tocco* a segunda jarra de vinho tinto. Recolheu os quatro copos usados e distribuiu outros quatro bem lavados.

A mesa estava cheia de homens da terra. Eram trabalhadores da pedreira, mineiros de enxofre, capatazes, administradores de fazenda. Raramente camponeses ou pastores participavam do jogo, nem tanto porque era preciso um pouco de dinheiro para entrar, mas sim porque era indispensável ter certa habilidade oratória, matéria que, como se sabe, camponeses e pastores não costumam dominar muito bem.

Em torno da mesa estavam Nicola Cosentino, um dos capatazes de Rosario Losurdo, e Curzio Turrisi, administrador do marquês Pietro Bellarato. Estavam também o barbeiro Domenico, o salineiro Turi Toscano, o carvoeiro Pericle Terrasini, o cavouqueiro Alfio, o mineiro Fabio e um número indeterminado de outros homens da região que murmuravam às costas deles, alguns de pé, outros sentados em banquinhos, torcendo ora por um, ora por outro grupo.

O objetivo do jogo era conseguir que sua equipe tomasse a maior quantidade de copos de vinho e, ao mesmo tempo, humilhar os adversários embriagando um deles e deixando os demais de boca seca. Sorteava-se o *patrão*, isto é, aquele que tinha a responsabilidade de gerir a jarra de vinho. Mas quem de fato comandava o jogo não era ele. Quem realmente decidia toda vez quem iria beber e quem iria ficar "agachado", isto é, a seco, era o *sub*, o verdadeiro patrão do jogo, que cumpria esse papel até serem consumidas três jarras de vinho. Ninguém saía do botequim de Mimmo Ferro enquanto não fosse vertida a última gota de néctar nos copos, mesmo que fosse preciso voltar para casa já em noite avançada.

O rufar do tambor de Ninì Trovato chamou a atenção dos clientes da taberna. Os que não estavam jogando foram até a porta, abriram e saíram ao ar livre para ouvir o que o velho pregoeiro tinha a proclamar.

Naquele instante, o príncipe Ferdinando Licata e o monsenhor Antonio Albamonte subiam pela rua Garibaldi, a ruazinha que, serpenteando entre as casas, terminava na praça do castelo.

O príncipe Ferdinando Licata gostava muito de conversar com o culto monsenhor. Costumavam se encontrar no final do dia, enquanto esperavam a hora do jantar. Suas frequentes discussões os levavam a infinitas elucubrações, pois tinham concepções do mundo e da vida diametralmente opostas. Mas ambos se respeitavam: o monsenhor desistira de converter o príncipe a suas ideias místicas e Ferdinando Licata abandonara o propósito de mudar as ideias do padre sobre as opiniões de Voltaire.

Juntos, formavam uma estranha dupla. Era quase cômica a forma como Licata sobranceava dom Antonio, que era baixo, roliço, o rosto redondo marcado por dois grandes olhos que transmitiam argúcia e esperteza. O príncipe, observando-se bem, não possuía nenhum traço do siciliano típico; na verdade, tinha quase um metro e noventa de altura. E tampouco seus modos, muito formais, correspondiam ao caráter dos sicilianos. Mas onde ele traía suas antigas origens insulares, pelo lado da bisavó, era no comportamento sempre reservado e relutante em mostrar os próprios sentimentos. Seu autocontrole e senso de humor revelavam as origens anglo-saxãs do bisavô, que pertencia à antiga aristocracia inglesa da qual Licata herdara o título.

Ninì Trovato, portanto, tinha sacudido a atmosfera pacata do vilarejo. Algumas crianças corriam alegres ao redor do arauto, tentando tocar aquele fascinante instrumento, que provavelmente representava uma antiga relíquia das campanhas napoleônicas. Algumas pessoas postaram-se às janelas; entre elas estava também Peppino Ragusa, o médico municipal de Salemi, ainda mais pobre do que seus conterrâneos, que nunca sabiam como recompensá-lo por suas milagrosas intervenções.

O médico interrompeu o exame de um pequerrucho, acometido de piolhos, e se aproximou da janela do consultório para ouvir a proclamação. A mãe do menino também se adiantou curiosa, mas permanecendo respeitosamente um passo atrás dele.

Os dois viram Ninì no centro da praça e o ouviram bradar o incrível anúncio.

*Iscuitem, iscuitem, iscuitem ... U prufeito urdeina ... qui quaim apertance aa*

*raça ubraica deive ésseire dinunçato à uturidadi, nus cartoirius di rigistru civili... e acunvida per beine toidos qui apertancem a eista raça qui istão neista Cumuna a si presentaire nus iscritoirius di rigistru civili.*

As palavras em altos brados do arauto causaram um estremecimento no médico.

Ninì tocou mais uma vez o tambor e repetiu o vergonhoso decreto:

*Escutem, escutem, escutem ... O prefeito ordena que todos os judeus devem ser denunciados às autoridades, nos cartórios de registro civil... E convida por bem todos os que pertencem à raça judaica, residentes no Município, a se apresentarem nos escritórios de registro civil.*

Em 6 de outubro de 1938, o Grande Conselho do Fascismo havia promulgado as famigeradas "leis raciais", uma série de decretos que pretendia exaltar a raça itálica como raça ariana pura. Tal era o pretexto de fachada, assinado, entre outros, por dez cientistas de ética duvidosa. Mas todo mundo tinha entendido que era uma concessão de Mussolini a seu amigo Hitler, que justamente alguns meses antes fizera uma visita oficial a Roma. O objetivo era atingir o povo judaico, que perdera a cidadania italiana; foram anulados os casamentos mistos, e a raça foi declarada incompatível com cargos militares e públicos e também com algumas profissões, como a de educador, advogado, jornalista e magistrado.

Para uma parcela dos italianos, o futuro se anunciava mais desolador do que o já desolado presente. Entre esses italianos estava o dr. Peppino Ragusa.

— Esses pobres judeus ainda não acabaram de pagar por seu deicídio — comentou dom Antonio Albamonte, detendo-se diante da taberna de Mimmo Ferro.

Nem dessa vez seu amigo príncipe concordou com ele. Com efeito, Licata meneou a cabeça.

— Dom Antonio, o senhor não entende que os judeus são apenas bodes expiatórios? Assim foi nesses séculos e assim sempre continuará a ser.

— Mas é uma gente gananciosa — atalhou o padre, entrando na taberna seguido pelo príncipe.

O monsenhor comprava seus charutos apenas de Mimmo Ferro. A entrada deles interrompeu o vozerio animado do jogo do *tocco*. Todos se viraram para eles. Quem estava sentado se levantou em sinal de respeito e quem estava de boné descobriu a cabeça. Dom Antonio pediu os habituais toscanos a Mimmo e lançou um olhar ao pequeno grupo de jogadores.

— Veja, príncipe, esse jogo resume toda a filosofia de nosso povo. Mais que Aristóteles e o seu Voltaire.

Mimmo lhe estendeu cinco charutos embrulhados em papel-manteiga. Dom Antonio pegou um, acendeu e aspirou voluptuosamente algumas baforadas.

— Este é um de meus muitos vícios — disse sorrindo com falsa modéstia.

— O charuto é o símbolo do prazer perfeito — comentou o príncipe. — É delicioso, mas nos deixa insatisfeitos.

Sorrindo, dirigiu-se para a saída, acompanhado pelo monsenhor. E espicaçou-o novamente:

— Mas o que pretendia me dizer sobre aquele jogo?

O padre fez um amplo gesto com a mão, como que para abarcar as casas, os prédios e os passantes.

— Está vendo tudo isso? Ora, aqui na Sicília não se diz que esta é a realidade. O mundo real é uma aparência. O verdadeiro mundo, o do poder e das decisões importantes, é subterrâneo e invisível. É como no *tocco*, a sorte e o azar quem cria é o *sub*, uma figura que parece depender do *patrão*, mas na verdade é quem realmente comanda a partida.

# 3. 1920
# As estratégias do poder

Dezessete anos antes daquela límpida tarde de outono, o povo italiano vivia seus momentos mais dramáticos. O descontentamento entre todas as classes sociais tinha alcançado níveis de extrema intolerância. E precisamente naquele ano a colheita foi a mais catastrófica de que tinham lembrança os camponeses, a tal ponto que o governo foi obrigado a importar dois terços do trigo necessário ao país a um preço muito mais alto do que o consumidor médio italiano poderia pagar. Em muitas cidades, os choques entre manifestantes e forças policiais estavam na ordem do dia. Aos choques seguiram-se as greves, anunciadas por grande parte dos profissionais liberais e operários, e até pelos funcionários públicos e professores.

Na Sicília, à diferença do resto da Itália, a situação não foi tão dramática, porque a insatisfação dos camponeses não contava com o apoio decisivo das massas operárias das grandes indústrias. Mas, de qualquer forma, o povo também conseguiu se fazer ouvir com violência, recebendo o apoio dos socialistas e populares.

Por isso os grandes latifundiários da Sicília ocidental, naquele 14 de outubro de 1920, realizaram uma reunião secreta. Deviam decidir os rumos que dariam à economia siciliana, para não perderem o controle do poder.

O encontro se deu nos salões do Palácio Cesarò, no coração de Palermo, de propriedade de Calogero e Paola Colonna, descendentes de um ramo da famosa família romana que chegara à Sicília no século XIII. Os convites foram distribuídos sigilosamente a trinta e oito grandes latifundiários, além de alguns representantes do clero, políticos e representantes da imprensa. Compareceram trinta e quatro: todos homens. Mulheres e amantes foram excluídas da reunião. Naturalmente, a condessa Paola Colonna, verdadeira artífice daquela conjura, como anfitriã da assembleia, foi a única mulher presente ao encontro.

Ferdinando Licata, que pouco tempo antes havia feito quarenta anos, foi um dos últimos convidados a chegar.

Beijou a mão da condessa:

— Dona Paola, é uma honra conhecê-la. Devo admitir que o que dizem sobre seu fascínio é muito pouco comparado à realidade.

A nobre, adiantada em anos, sentiu-se lisonjeada pelas palavras do príncipe e admirou sua bela aparência.

— Príncipe Licata, quando uma mulher é jovem, dizem que é bela, mas quando está em idade mais avançada o melhor que podem lhe dizer é que ela é fascinante. Eu gostaria de ser lembrada por meu cérebro.

Licata sorriu:

— Os homens se assustam com uma mulher bela e dotada de inteligência. Seu marido realmente teve sorte.

A condessa lhe dirigiu um sorriso de cumplicidade, dando a entender que ele podia se considerar dispensado.

Ferdinando Licata conhecia a maioria dos convidados. Os poucos que ainda não tivera o prazer de conhecer foram-lhe apresentados pelo próprio dom Calogero Colonna.

Quase todos os presentes eram nobres que haviam herdado feudos que conservavam por graça de Deus e do rei. Lá estavam Francesco Adragna de Salemi, barão da Salina de Altavilla; Gioacchino Caffarelli de Vizzini, barão de Guzman; Pietro Bellarato, marquês de Campo Allegro; Carlo Quartararo de Sciacca; Antonio Todaro, barão da Galia; Alfio Mastropaola, um nobre de Palermo. Entre os políticos foram convidados o liberal Antonio Grassa, o republicano Vito Bonanno e um certo Ninì Rizzo. Não faltava um representante dos jornalistas, Raffaele Grassini, porta-voz oficial do "partido dos agrários", e havia ainda um representante da Igreja, dom Antonio Albamonte, também expoente da nobreza da ilha.

Dom Antonio Albamonte, naquela época simples pároco da catedral de Salemi, era o caçula de três irmãos homens e, por estratégias familiares, fora obrigado pelo pai a abraçar a carreira eclesiástica. Mas o caráter e a falta de preconceitos não o diferenciavam muito dos outros participantes.

Ao serem apresentados, Licata e dom Antonio sentiram uma simpatia mútua, instintiva e imediata.

Ferdinando Licata se aproximou do grupo que parecia mais aguerrido. No

centro estava o barão Gioacchino Caffarelli de Vizzini, agitando freneticamente os braços.

— A culpa é toda daquele imbecil do Salandra, que durante a guerra, para incitar aqueles quatro grevistas ao combate, prometeu que, quando voltassem para casa, "teriam um pedaço de terra só deles".

— Salandra devia cortar a língua — ecoou o deputado Ninì Rizzo.

— Agora ninguém mais os segura. E são apenas os socialistas... — arriscou o marquês Pietro Bellarato.

— Quem também colaborou foi aquele santo do pau oco, dom Sturzo, com seus populares — acrescentou Alfio Mastropaola.

— Agora eles também querem repartir nossos feudos para distribuir entre o povo. Mas que revolução é essa? Não entendo.

Interveio Paolo Moncada, príncipe de Valsavoia:

— A desvalorização nunca foi tão grande, e parece que vai continuar. Num ano, o ouro subiu de cinco liras e oitenta e cinco centésimos o grama para catorze liras e cinco centésimos! Duzentos e quarenta por cento. Um número assustador!

— O verdadeiro tumor a ser extirpado é a escória socialista — atalhou, decidido, o marquês Bellarato.

— O problema é que eles têm maioria na Câmara: cento e cinquenta e seis — especificou Moncada, cofiando a longa barba branca.

— Mas não esqueçamos — arrematou com satisfação o republicano Vito Bonanno — que na Sicília os socialistas não conseguiram nenhum assento.

— É verdade — concordou o velho príncipe de Valsavoia. — E os fascistas também não levaram nada. Em dois anos também vão desaparecer. Mas o que me preocupa são as cem cadeiras dos populares, daquele padre dos infernos... desculpe, dom Antonio... aquele dom Sturzo, que usa batina preta, mas poderia muito bem ser vermelha.

Raffaele Grassini, o jornalista, entrou na conversa.

— Não vamos esquecer, senhores, que estas foram as primeiras eleições realmente livres, desde a unificação até hoje. Temos de reconhecer que os socialistas são os verdadeiros representantes do povo.

— É a consequência do direito de voto que os senhores políticos quiseram estender a todos os cidadãos do sexo masculino! — exclamou Bellarato, o mais exaltado. — De qualquer forma, temos de considerar que apenas pouco mais da metade dos eleitores votou.

— Isso porque o Parlamento perdeu a credibilidade. Principalmente

quando os deputados foram ignorados pelo rei, quando tiveram de decidir se o país entrava na guerra. Lembram? — disse Alfio Mastropaola dirigindo-se a todos. — A maioria dos deputados apoiava a não intervenção, e no entanto o rei decidiu que a Itália devia combater.

— Hoje, porém, é justamente o Parlamento que quer manter o preço político do pão. Não conseguimos sustentar esses preços! — bradou o marquês Pietro Bellarato, chamando a atenção dos presentes. — O trigo, vendemos a um quarto do preço real. Por que temos de tirar do nosso bolso? Esses vermelhos estão nos levando à ruína!

A assembleia concordou, preocupada.

— Querem lançar o terror entre as massas camponesas, a intenção deles é criar pânico. Estão nos provocando porque querem que as pessoas explodam de ressentimento, querem que o povo pegue em armas para revolucionar o sistema e se apossar de todos os nossos bens. Essa é a verdade!

As últimas palavras tiveram a força de emudecer os presentes.

Então Calogero Colonna se dirigiu ao centro do salão e bateu palmas para pedir a atenção dos convidados.

— Caros amigos, obrigado pelas intervenções — iniciou, pigarreando para limpar a garganta, e tirou do bolso do paletó um papel com uma lista de nomes. — Devo comunicar que quatro nomes faltaram à convocação. Para salvaguardar nossas coisas, é bom que saibam quem são: o barão Vincenzo Aprile, o conde Gabriele Amari, o marquês Enrico Ferro e o barão Giovanni Moleti. É bom saber quem é amigo e quem é inimigo. E agora passo a palavra ao nosso porta-voz, o ilustre professor Raffaele Grassini.

Dito isto, voltou a se sentar, enquanto o jornalista avançava até o meio do salão. Sem preâmbulos, dirigindo-se à condessa sentada no centro do semicírculo, começou a falar:

— Antes de mais nada, cumprimento nossa gentil anfitriã, a condessa Paola Colonna, que teve a bondade de nos acolher em sua magnífica casa. — Esperou cessarem as palmas para continuar. — A questão do momento, e o motivo da reunião desta noite, é a atitude a tomar diante das provocações que todos nós sofremos nessas últimas semanas. Camponeses que ocupam nossas terras, meeiros que não querem mais pagar o combinado, bandoleiros que roubam gado e depois revendem para arrendatários de feudos distantes. O momento é grave.

E prosseguiu:

— O Estado está distante e, além disso, à beira do colapso econômico. Na

balança comercial, a despesa é três vezes maior do que a receita. Os camponeses que foram lutar na guerra, onde conseguiam comer pelo menos uma vez por dia, voltaram para uma vida miserável e infeliz. Agora esses mesmos camponeses olham com rancor os que ficaram e enriqueceram. Os campos estão abandonados, um pouco por falta de mão de obra, mas um pouco também porque não vale a pena. Nessas condições, não falta muito para acender o estopim da revolta, e garanto aos senhores que há líderes capazes de fazer estourar uma revolução mesmo com ânimos muito menos rancorosos. A pergunta é: o que devemos fazer para deter essa loucura? O debate está aberto. A fim de manter a ordem, procurem falar um por vez, levantando a mão. Obrigado.

Calou-se e foi para um canto da sala, onde permaneceu de pé.

O marquês Pietro Bellarato foi o primeiro a tomar a palavra. Era um homem baixo e robusto, e certamente não tinha a aparência aristocrática de um Licata.

— A resposta é uma só. É uma resposta que vem das profundezas dos séculos passados. É a resposta que nossos antepassados sempre nos recomendaram e nunca falhou: a força das armas! Eu, como todos vocês, tenho a meu serviço um exército de matadores que me custa os olhos da cara. Vamos dar um belo exemplo, e verão que tudo voltará como era antes.

O marquês voltou a se sentar. A seu lado ergueu-se uma mão. Era Francesco Adragna, que tomou a palavra:

— Os camponeses são como filhos para mim. E os filhos precisam de tapas para obedecer. Só assim eles nos ouvem. Concordo com o marquês.

Os sinais de assentimento na assembleia pareciam indicar concordância geral.

O príncipe Ferdinando Licata levantou a mão para pedir a palavra. Tinha permanecido em silêncio até aquele momento. Quase ninguém percebera sua presença.

— A palavra ao príncipe Ferdinando Licata — Raffaele Grassini o indicou à plateia.

O príncipe, magro, alto, com cabelos bastos e encaracolados, negros como azeviche, e os olhos azuis como os céus de primavera, herdados do pai, um aristocrata de origem galesa, tinha impressionado não só a bela anfitriã mas também os demais presentes.

— Não creio que seja uma boa ideia.

A voz firme do príncipe Licata emudeceu a assembleia. O marquês

Bellarato, em particular, enrijeceu na poltrona. Licata continuou em tom decidido:

— Os tempos estão mudando e devemos mudar com os tempos. Chega de violência. Já tivemos mortes e lutos demais. Nossos camponeses querem formar cooperativas? Deixemos que formem. Querem ocupar as terras e pedir aos tribunais que reconheçam seus direitos? Que peçam. Não vamos nos opor; pelo contrário, vamos concordar com suas demandas e ajudar a colocá-las em prática... e digo mais: façamos um pequeno esforço e participemos nós também dessas cooperativas, nós e nossos amigos mais fiéis. Ajudemos a pedir dinheiro à Caixa rural para os arrendamentos coletivos.

O príncipe fez uma pausa, olhando o auditório. Depois retomou com um tom mais insinuante:

— Mas quem administra a Caixa? Não somos nós? E não seremos sempre nós a adiar ao infinito os empréstimos?

Sorriu com ar esperto, e os presentes soltaram um suspiro de alívio, embora nem todos tivessem entendido plenamente o sutil senso de humor do príncipe e pedissem esclarecimentos aos vizinhos.

— Se bem entendi — respondeu, sarcástico, o marquês Bellarato —, devemos ajudá-los em seus projetos. É isso?

— É isso — prosseguiu Licata. — Podemos controlar os movimentos deles, estender ao infinito as ações de expropriação e depois jogar areia definitivamente no processo, se assim nos interessar. Fazê-los pensar que receberão empréstimo para o arrendamento e depois negar com algum esquecimento burocrático ou simplesmente porque os processos terão se perdido em algum incêndio e eles terão de entrar com novas solicitações. Ou, se acharmos que é do nosso interesse, faremos que recebam esses benditos pedaços de papel.

— Um tiro, e tudo volta ao lugar mais depressa! — opôs-se o arrogante marquês.

— O marquês deseja que nossas belas terras sejam invadidas por todos os policiais e carabineiros do continente? — retomou calmamente o príncipe. — Além disso, violência atrai violência, morte atrai morte.

— O príncipe Licata tem razão! — ouviu-se uma voz vinda das poltronas dos dignitários mais importantes.

Tinha sido o pároco de Salemi, dom Antonio Albamonte, a falar. Todos se

voltaram para ele, uma das vozes mais influentes da assembleia, apesar de seus trinta e cinco anos.

— Somos gente civilizada — começou dom Antonio —, e a violência deve ser excluída. Nossos camponeses são como ovelhas que precisam do cão e do pastor para guiá-los. Podemos até deixar que escolham o caminho, mas temos de garantir que somos sempre nós a conduzi-los. Devemos facilitar as mudanças necessárias para nossos protegidos, mas devemos também assegurar que, no fundo, nada mude.

— Mas, dom Antonio, assim seremos como um capão, que se sente galo mas não tem colhão! — disse o marquês, rindo, no que foi imitado por grande parte da assembleia. — Perdoe-me, condessa...

Desculpou-se pela comparação ousada diante da única mulher presente na sala. Depois retomou:

— Eles nos comerão vivos, monsenhor está totalmente errado! A *lupara*[*] é a única música que essa gente ouve e é a *lupara* que devemos tocar!

Olhou os vizinhos em busca de aprovação. Mas fez-se silêncio no salão. O moderador retomou a palavra:

— Bem, se me for permitido interpretar as opiniões dessa assembleia — disse Rafaele Grassini, o jornalista —, estamos diante de duas correntes de pensamento. A do marquês Bellarato, que propõe o uso da força, oposta à do príncipe Licata, que nos exorta, pelo contrário, a apoiar as veleidades dos camponeses, mantendo porém sob controle as iniciativas deles. Na entrada, os senhores receberam convites. Marquem no verso qual das duas propostas desejam apoiar.

O resultado dessa votação pode ser considerado um passo fundamental para a máfia na Sicília.

[*] Fuzil de caça a lobos (*lupus*) usado pela máfia siciliana nos primórdios, que se tornou um símbolo dos assassinatos cometidos pela organização. (N. E.)

# 4. 1938
# O encontro fatídico

Na manhã seguinte, o dr. Peppino Ragusa, mais combativo do que nunca, foi até a prefeitura para tentar entender o que aquele decreto absurdo significava na prática. Não conseguia perceber o que poderia acarretar a indicação *pertencente à raça judaica* num registro civil. Era bom ou poderia ter consequências nefastas? Alguém teria de lhe explicar.

Vestiu o melhor terno, deu o nó na gravata e, escoltado pelo filho Saro, percorreu o vilarejo com passos rápidos rumo ao escritório do secretário municipal. Tinha certeza de que o destino não lhe preparava nada de bom. Pensou nos filhos. Havia esperado que tivessem um futuro melhor do que o dele, talvez longe daquela terra avara. Stellina, a filha mais nova, se casara com um rapaz tranquilo de Marsala, e era talvez quem estava melhor. Mas Ester, a primogênita, filha da primeira esposa, acabava de completar vinte e oito anos e, apesar do diploma de professora, não conseguia arrumar emprego e principalmente um bom marido. E por último havia Saro, o pequeno órfão que tinham adotado ainda bebê e criado como filho. Saro era tímido, sério demais para a idade. Um rapaz muito inteligente, bonito como o sol, com um topete castanho-claro rebelde que tentava inutilmente afastar dos olhos. Sempre tinha sido o melhor aluno da escola, mas teve de se conformar em trabalhar com o barbeiro Domenico, e isso Peppino não podia perdoar.

Chegaram ao prédio da prefeitura, e Ragusa perguntou se podia falar com o secretário municipal.

Nessa época, o prefeito nomeado de Salemi era Lorenzo Costa, um lígure que havia desembarcado na Sicília vinte anos antes, no comando dos soldados das guardas reais. Costa soubera se adaptar ao ritmo dos tempos e, depois da experiência no exército real, havia se transferido para o novo corpo de polícia e depois criara a seção dos fascistas de combate em Salemi. Sua escalada política

o conduzira ao cargo municipal mais elevado. Na qualidade de prefeito, nomeara como secretário municipal seu homem de maior confiança, Michele Fardella, único que conhecia todos os seus crimes. Para o comando dos esquadrões, havia escolhido Jano Vassallo, o jovem filho daquele Gaetano Vassallo, que fora o chefe de um dos bandos mais aguerridos dos campos de Salemi antes do fascismo, e cujos traços tinham se perdido fazia muitos anos.

O esquadrão de combate era formado por um grupo de jovens arruaceiros, sempre dispostos a chegar às vias de fato, fortalecidos pelo poder que lhes conferia Roma e pela proteção pessoal do prefeito. Além de Jano, o pelotão mais linha-dura era formado por cinco dos rapazes mais desclassificados de Salemi. O mais jovem era Ginetto, um verdadeiro poltrão, mas que, em grupo, era o mais violento de todos. Outro era Nunzio, filho mais velho de Manfredi, um dos vários emigrantes de primeira hora. Prospero Abbate, Cosimo e Quinto eram os outros três que seria um grande elogio chamar de "canalhas". Jano, o condigno chefe deles, era um jovem de ombros fortes e pernas rijas, cuja presença impunha desconforto e apreensão aos habitantes da zona.

Lorenzo Costa, que agora tinha de pensar principalmente em manter a ordem pública no território sob sua jurisdição, tolerava o rapaz e procurava refrear seus ímpetos furiosos.

Jano tivera uma infância rebelde. Foi o desespero de todos os professores que tentaram domá-lo.

O massacre de sua família, a que assistira quando criança, havia marcado indelevelmente sua personalidade. Ele odiava o mundo, tornara-se violento e, para sua sorte, com o advento do fascismo tinha se inserido numa organização sem escrúpulos, que lhe dera boa acolhida. Sob certos aspectos, o esquadrão dos camisas-negras representou sua salvação, embora a paranoia já o tivesse envolvido num obscuro labirinto.

Jano queria vingança, amava sangue, odiava o dr. Ragusa, pois não conseguira salvar sua mãe quando ela deu à luz os gêmeos; odiava Rosario Losurdo, o arrendatário do príncipe Licata, porque se safara com apenas cinco anos de prisão pela carnificina de seus parentes; odiava o pai, o terrível bandido Gaetano Vassallo, porque, durante a chacina, pensara apenas em salvar a própria pele, abandonando a família à mercê dos assassinos; odiava também a mãe por ter escolhido aquele patife como marido... em suma, era um revoltado contra tudo e contra todos.

A presença de Ragusa ali na prefeitura foi uma verdadeira e grata surpresa para Jano e seus milicianos, que tinham transformado uma das salas do edifício

municipal em base operacional: era uma ótima promessa de diversão.

— Caro doutor, veio nos visitar? — perguntou em voz alta Ginetto, que estava fumando apoiado no batente da porta.

Sem diminuir o passo, sempre seguido por Saro, Ragusa passou a seu lado:

— Ginetto, por que não está na escola neste horário? — censurou o médico, fazendo valer sua autoridade.

O rapazinho se afastou da porta, como que apanhado em flagrante e respondeu titubeante:

— Mas não vou mais, já sou crescido.

Nesse instante Jano apareceu.

— Crescido? Não me faça rir!

Mas a essa altura Ragusa e o filho já estavam nos escritórios do prefeito e do secretário.

— Ei, doutor, onde pensa que vai? — gritou Jano.

— Fui convocado pelo secretário municipal — mentiu Ragusa, sem diminuir o passo.

A seguir entrou no escritório de Michele Fardella e se postou diante de sua mesa.

Não era uma escrivaninha de trabalho, pois Fardella não sabia ler e muito menos escrever. Mas era um simples local para justificar o salário. O verdadeiro trabalho quem fazia eram os funcionários do andar térreo, amontoados numa sala cheia de documentos e arquivos.

— Senhor Fardella, não vou tomar seu tempo — começou o médico, sentando-se. — Ontem ouvi Ninì anunciar que devia vir aqui na prefeitura. Mas posso saber de que porra se trata?

— Doutor, do que o senhor está falando?

— Mas como, do que estou falando? Quem mandou Ninì sair por aí avisando que os judeus viessem se apresentar no cartório de registros? Era uma brincadeira?

O médico começava a se impacientar. Saro fez um gesto com a mão para que se acalmasse.

— Um momento...

Michele Fardella, que não gostava de ser apanhado desprevenido, levantou e se aproximou da porta.

— De Simone! — berrou alto.

Depois voltou a se sentar diante do médico, sorriu, estendeu um maço de Popolari, que Ragusa recusou. Fardella ignorou Saro e pôs um cigarro na boca,

acendeu-o e se apoiou no encosto da cadeira.

— Um pouco de paciência e logo descobriremos o mistério.

Alguns segundos depois, entrou De Simone, um velho funcionário que fazia na prefeitura o trabalho de dez pessoas. Estava ofegante por ter subido as escadas correndo. Não teve forças nem para se apresentar.

— Que história é essa dos judeus? — perguntou Fardella.

O velho recobrou o fôlego e finalmente disse com sua voz rouca:

— É um aviso que chegou na semana passada do Ministério do Interior. As leis raciais foram aprovadas. Os judeus não são mais cidadãos como nós, cristãos — resumiu De Simone.

O médico sentiu gelar o sangue e Saro não entendeu bem do que eles estavam falando. Michele Fardella também não conseguia entender o que aquela decisão significava na prática.

— Está tudo escrito aqui — disse De Simone, aproximando-se da pilha de documentos num canto da escrivaninha.

Examinou rapidamente algumas lombadas, depois puxou com destreza uma *Gazeta Oficial* e estendeu ao secretário municipal, colocando-a de propósito de ponta-cabeça, para caçoar dele. Michele Fardella fingiu ler rapidamente e depois devolveu as folhas a De Simone.

— Do que se trata? Diga em dez palavras — ordenou num tom que não admitia réplica.

— É o que eu disse, precisamos registrar os judeus num relatório que depois enviaremos ao Ministério. Eles não podem mais exercer suas profissões.

Folheou algumas páginas do decreto real. Depois começou a ler num tom de cantilena:

— Providências para a defesa da raça italiana. Vittorio Emanuele III, por graça de Deus e vontade da nação Rei da Itália e Imperador da Etiópia, considerando a premente e absoluta necessidade de prover, em vista do art. 3...

— Está bem, está bem, De Simone. Pode ir.

Peppino Ragusa sentia a cabeça girar num redemoinho e não percebeu o sinal de solidariedade do velho amigo De Simone, que fez uma meia reverência a todos, virou-se e saiu da sala.

Saro ficara em silêncio até aquele momento. Por respeito ao pai, não tinha intervindo na conversa. Mas agora, vendo-o em dificuldade, dirigiu-se a Michele Fardella.

— Mas a legislação já está em vigor? — perguntou com ar inocente.

— O que você queria... Não precisam se preocupar... Doutor, doutor,

coragem, não leve por esse lado, sabe como são as coisas aqui na Itália. Fazem tantas leis, e quantas são respeitadas? Essa é só mais uma. Nossos governantes fazem de propósito. Como é que dizem? Muitas leis, nenhuma lei.

Lá de baixo subiram alguns gritos desesperados, depois um berreiro, vozes de mulher e um tropel rápido, como de gente fugindo.

Michelle Fardella se pôs de pé num salto. A ação era mais consoante com seu caráter. Tirou uma Beretta da gaveta e correu para a porta. Saro foi atrás, enquanto o pai permaneceu apoiado na escrivaninha, mentalmente prefigurando um futuro de desespero.

No passadiço, Fardella e Saro viram no andar de baixo, no centro do salão, um homem que tomara o velho De Simone como refém, imobilizando-o com o braço esquerdo, enquanto na mão direita empunhava um revólver, que apontava ora para a têmpora do pobre funcionário, ora para as pessoas comprimidas a uma parede.

— Ninguém se mova! Ou mato ele! Juro que mato! — o homem gritava para as pessoas aglomeradas junto à parede. Algumas estavam com os braços erguidos, outras agachadas.

O homem não percebera Fardella logo acima dele.

— Acalme-se, não faça bobagens, não aconteceu nada!

Todos dirigiram a atenção para Fardella, que, escondendo o revólver atrás das costas, começou a descer as escadas devagar, seguido por Saro.

— Pare! Pare! Ou mato ele se não parar! — O homem comprimiu o revólver na garganta de De Simone.

— Está bem, eu paro, pronto, já parei.

Mas Fardella continuava a descer, mesmo diminuindo ao máximo seus movimentos.

— Mas me diga o que posso fazer por você.

— Não pode fazer nada. Agora ninguém pode fazer nada! — gritou o desesperado.

Perto dele havia duas mulheres. A mais gorda cingia a mais jovem, como que para protegê-la. A moça era Mena, filha de Rosario Losurdo, a outra era Nennella, sua governanta. Saro já vira Mena outras vezes no povoado, e tinha ficado fascinado com sua beleza solar. Agora ela estava ali, sua vida correndo perigo, o cano do revólver de um louco a menos de um metro de distância. Saro temia que o homem fizesse algum gesto insensato.

Jano, ao lado da porta do salão, estava com as mãos para cima, como seus companheiros. Esperava o momento de agir. Mas, enquanto o outro estava com

o revólver apontado, evitava qualquer movimento.

Michele Fardella voltou a falar:

— O que você quer? Quem o deixou nervoso?

Naquele instante alguém fez um gesto, talvez abaixando as mãos. O desesperado deve ter visto de relance, virou-se e deu um tiro para o alto. Foi como um sinal. Um grande tumulto estourou: gente gritando e tentando correr porta afora, outros se lançando ao chão. Mena e a governanta também tentaram fugir, mas a multidão se chocou contra elas e as duas se separaram. A moça caiu a um passo do louco. Jano e seus milicianos foram em disparada até sua sala para pegar as armas; Michele Fardella, protegendo-se atrás da balaustrada de mármore da escadaria, mantinha o homem sob a mira do revólver. A única coisa que pôde fazer foi gritar:

— Calma!!! Calma!!! Não atire! Não atire!

Saro, num salto, alcançou Mena e, rolando com ela no chão, afastou-a do homem ensandecido.

O homem, arrastando De Simone, refugiou-se num dos cantos do salão. Estava completamente fora de si. Não raciocinava mais, era um perigo. Continuava a berrar:

— Mato todo mundo! Mato todo mundo! Canalhas! Malditos canalhas!

Mena ergueu os olhos assustados para o rapaz que a protegia com o próprio corpo. Seus olhares se cruzaram, seus narizes quase se tocaram.

— Não tenha medo — sussurrou Saro.

Mena fechou os olhos de pavor e se agarrou a ele.

Michele Fardella tentava atrair a atenção do homem:

— Acalme-se... fale comigo... diga quem você é...

O homem, no auge do desespero, soltou um grito que dilacerou a alma de todos os presentes.

— Que Deus me perdoe! Que Deus perdoe a todos!

Com todas as suas forças, empurrou De Simone para o lado. O funcionário, que esperava o tiro de misericórdia, caiu de boca no chão. Depois o pobrezinho colocou o cano do revólver sob o queixo e apertou o gatilho.

O estrondo fez os presentes estremecerem. A bala lhe saiu pelo meio da cabeça, rachando o crânio e despedaçando o cérebro em mil fragmentos que foram parar na parede. O homem escorregou silenciosamente para o chão, ficando sentado como uma marionete com os fios cortados. Alguns gritaram e outros ficaram imóveis, paralisados.

Michele Fardella, alcançado por Jano e os outros camisas-negras, se

aproximara do suicida.

Saro ajudou Mena a se levantar.

— São tempos horríveis... — disse-lhe num sopro, ele também sinceramente assustado.

A jovem, ainda abalada, teve forças para fitá-lo nos olhos. Depois abaixou o olhar, assim que Nennella, a criada gorda, veio buscá-la.

— Que os céus o abençoem, Saro — disse Nennella, que o conhecia. Depois levou Mena para fora do prédio, dirigindo-se ao coche.

Saro seguiu a jovem com o olhar, até vê-la desaparecer além do portão. Depois virou-se para o grupo que tinha se aglomerado ao redor do suicida.

Prospero, um dos homens de Jano, se abaixara ao lado do cadáver e levantou a cabeça ou o que restara dela.

— Você o conhece? — perguntou Jano.

— Deve ser alguém daqui — respondeu meneando a cabeça em negativa.

Um velho camponês abriu caminho entre os conterrâneos.

— É Davide Zevi — disse em voz alta, em tom reprovador.

— Um judeu? — perguntou-lhe Jano.

O camponês respondeu apenas com um aceno de cabeça.

— Bem, ele nos fez economizar uma bala — comentou cinicamente Jano, abrindo caminho entre a multidão.

Alguns se persignaram, outros foram avisar os policiais, outros foram chamar o coveiro do cemitério.

Saro percebeu que, na confusão, tinha pisado num documento. Recolheu-o. Era a carteira de identidade de Mena. A jovem completara dezoito anos e fora tirar o documento. Observou a foto e reviu seus lindos olhos verdes emoldurados por cabelos negros. Mena era a moça mais bonita que ele conhecia, pensou. Pôs o documento de identidade no bolso e levantou os olhos. No alto da escadaria, surgiu seu pai.

Peppino Ragusa assistira à cena do suicídio em silêncio, literalmente transtornado. Não era de seu feitio ficar impassível diante de uma cena do gênero. Em outros tempos, teria se lançado sobre o homem para impedir qualquer loucura, teria tentado conversar, em suma, procuraria de todas as maneiras fazê-lo raciocinar. Ragusa era forte e confiante em suas capacidades de diálogo e humanidade. Mas algo já se rompera dentro dele. O equilíbrio e a segurança que haviam feito dele uma das pessoas mais influentes entre seus conterrâneos tinham-no abandonado inesperadamente.

Saro foi até ele, tomou-o pelo braço e levou-o para fora daquele inferno.

# 5. 1938
# Quando nasce o amor

Annachiara, depois do jantar, sentada ao lado da chaminé da cozinha, ficou a alinhavar um vestidinho que estava fazendo para a mulher do professor da escola primária. A luz oscilante da lamparina clareava os dedos ágeis, que se moviam rápidos como os de um prestidigitador.

Chegou até a barra do vestido, então parou e aprumou as costas, endireitando a coluna entorpecida pelo tempo que passara curvada. Tinha os olhos cansados, os ombros doloridos. Veio-lhe de súbito um cansaço que conhecia bem e que diariamente era obrigada a suportar e a ignorar. Guardou a linha e a agulha na caixa de sapatos e foi para o quarto. Peppino ainda estava amarfanhando as cobertas de tanto se revirar na cama.

— Peppino, você não está dormindo? — perguntou, desabotoando o casaco.

Peppino bufou e se revirou pela centésima vez embaixo das pesadas cobertas militares.

Annachiara sentou-se na beirada da cama.

— Peppino, não se atormente. Você sabe como funcionam as coisas por aqui. Daqui a um mês ninguém vai mais pensar nisso. E, além disso, quem vai se lembrar da gente, aqui na Sicília.

Ela deu-lhe uma sacudidela, para arrancar sua concordância. Peppino se ergueu:

— Dessa vez não será como as outras. Você vai ver, vão nos perseguir. O Duce tentará agradar o Führer. Ouviu o que eles conversaram em Roma?

— Você trabalhou a vida toda, esteve numa trincheira, até foi ferido pelos austríacos: quem vai te querer mal? Não te entendo quando você fica assim.

Annachiara levantou da cama, tirou a blusa de agasalho e depois o vestido de lã, ficando apenas com a combinação de algodão preto.

Ainda não tinha quarenta anos, mas, com as dificuldades da vida, os três filhos para criar, o trabalho de inventar todos os dias o que serviria no almoço e no jantar, os serviços de costura que fazia à noite roubando-lhe horas de sono, envelhecera antes do tempo.

Peppino Ragusa a olhou com sentimento de culpa.

— Temos que sair do país.

O tom a enregelou.

— Você não pode estar falando sério. Nossa vida é aqui — respondeu em tom paciente, vestindo a camisola grossa.

Peppino se endireitou na cama.

— Para nós, judeus, vai ser difícil viver numa nação onde nos tirarão todos os direitos, até o de trabalhar.

A mulher soltou os cabelos: queria eliminar o tom dramático daquelas paranoias do marido.

— Peppino, nós moramos no fundo da Itália — disse-lhe com aquela simpática cadência vêneta que tanta paixão despertara no marido siciliano. — Fique tranquilo, ninguém virá nos procurar.

Peppino afastou a mão da mulher.

— Você precisava ver o desespero daquele homem.

— Vamos, não pense mais nisso. Vá e apague a luz, que o querosene está quase acabando.

No domingo seguinte, haveria grandes comemorações em Salemi. Era a festa de santa Faustina, a padroeira dos campos. Desde as primeiras horas do amanhecer, as ruas da cidadezinha seriam invadidas por bancas e ambulantes vindos de toda a província. O programa incluía a celebração da santa missa e depois a procissão solene, com a presença do bispo. À tarde, a banda de Calatafimi, o povoado vizinho, iria alegrar os moradores com trechos de ópera e o repertório local. Depois seria a vez do bingo na praça, com prêmios oferecidos por alguns atacadistas da província: garrafas de vinho e de azeite, ricotas e salames. Por fim, com as primeiras sombras da noite chegaria o momento mais esperado: os fogos de artifício. Um espetáculo emocionante com o qual as crianças sonhavam o ano inteiro, mas que também os adultos não perderiam por nada no mundo.

Com a vinda das bancas abarrotadas de tudo o que se pudesse imaginar, as mulheres do vilarejo tinham a oportunidade de encontrar roupas, xales,

sabonetes, meias e todos os outros artigos difíceis de achar na localidade. Mena, acompanhada pela indefectível Nennella, percorria o mercadinho que ocupava toda a praça do castelo.

O dia estava cinzento, mas soprava o vento e não havia um ar de chuva. Todos os moradores estavam com suas roupas de festa, e assim as mulheres tinham deixado o vestido preto de todos os dias para usar roupas mais coloridas e ataviadas.

Mena passeava de uma banca a outra com a alegria e a curiosidade de uma menina à solta na terra dos brinquedos. A gorda Nennella tinha dificuldade em acompanhá-la e às vezes deixava que ela tomasse um pouco a dianteira, limitando-se a olhar de longe, enquanto descansava encostada em algum portão.

Naquela manhã, a barbearia também estava fechada por causa da festa e Saro aproveitava o dia de folga. Como todos os rapazes de Salemi, sabia que o mercadinho era mel que atraía as moças, e passeava pelas bancas espiando aqui e ali, na esperança de encontrar a jovem filha de Rosario Losurdo.

Desde o dia do suicídio do judeu na prefeitura, Saro não tinha feito outra coisa senão pensar nela, em seus bastos cabelos negros, em seus olhos brilhantes como esmeraldas. Assim, não foi por acaso que os dois se reencontraram, a vasculhar velhos objetos numa banca de artigos de segunda mão. Roçaram as mãos ao pegar a mesma estatueta *art déco* de uma vestal filiforme.

Educadamente, Mena retirou a mão:

— Oh, por favor...

— Mena...

A jovem olhou para o rosto de Saro e seus olhos se iluminaram de prazer.

— Ah, Saro!

Trocaram um aperto de mão irracionalmente longo.

— Olá... que bom te rever... — cumprimentou o rapaz com um sorriso.

— Nunca te agradeci pelo que fez — disse Mena em tom caloroso.

Saro sentiu o coração na garganta.

— Imagine, não foi nada.

— Aquele pobrezinho poderia ter feito um massacre.

Começando a rir e cobrindo a boca com a mãozinha afilada, continuou:

— Então me vi no chão com um homem por cima de mim. Vi os olhos de Nennella... faltou pouco para que ela tivesse um enfarte.

— Fiz a primeira coisa que me passou pela cabeça — Saro tentou se justificar.

Mena, porém, continuava sorrindo:

— Sim, mas não se jogou para salvar Nennella, que estava ao lado... esperto você, hein... — Mena tocou afetuosamente o ombro dele.

Emocionou-se de novo àquele contato. Mena percebeu:

— Vamos, seu bobo, estou brincando. Saro Ragusa, será que você é muito sensível?

Na verdade Saro estava muito embaraçado.

— Imagina — mentiu, desmascarado. — Mas espere...

Tirou do bolso do paletó de fustão uma carteira de identidade.

— É sua, você perdeu no tumulto.

Mena arregalou os olhos e exagerou um pouquinho ao mostrar admiração.

— Minha carteira de identidade... Achei que ia precisar fazer outra! Você é o meu anjo da guarda!

Bateu palmas de alegria, tirando o documento da mão de Saro. Abriu a carteira do documento e viu ali dentro um bilhete dobrado ao meio.

— Oh, oh! E isso, o que é?

Pegou o papelzinho, abriu e viu que era uma cartela de tômbola. Levantou os olhos para devolver a cartela, pois nem imaginou que Saro queria lhe dar um presente... porém Saro não estava mais ali. Procurou-o entre a multidão, porém o rapaz tinha desaparecido. Mas viu Nennella se aproximando.

— Aquele rapaz com quem você estava falando era Saro? — perguntou em tom inquisidor.

— Ele me devolveu minha carteira de identidade. Ele a encontrou.

— Menos mal, assim não precisamos fazer outra — respondeu, distraída, a governanta.

Mena escondeu a cartela de tômbola na mão e retomou seu passeio entre as bancas do mercadinho.

Ao meio-dia em ponto, o pesado pálio da santa atravessou as portas da igreja, não sem algumas dificuldades. Foi transportado no ombro de dezesseis dos homens mais robustos de Salemi. Santa Faustina trazia no peito vários colares de figos secos, mas também muitas cédulas de cinco e dez liras. À frente dela via-se a figura rubicunda do monsenhor Antonio Albamonte, acompanhado pelo jovem pároco dom Mario, que sustentava um grande crucifixo de metal. De ambos os lados, um grupo de coroinhas corria para manter o passo da procissão e, atrás, seguiam as mulheres da congregação da

catedral. Dom Mario entoava litanias que as mulheres e, depois, todo o povo repetiam na mesma cadência e no mesmo tom.

Os camponeses, à passagem da santa, avançavam e atiravam punhados de trigo, que tinham reservado na última semeadura, como forma de favorecer a próxima colheita e trazer um pouco de boa sorte à família.

No aglomerado da procissão, Mena e Saro se viram próximos outra vez, como por encanto. Mas quanto trabalho Saro tinha tido para alcançá-la!

— Onde você vai ver os fogos? — perguntou-lhe Saro.

— Na praça — respondeu ela em voz alta, para se fazer ouvir entre a algazarra da multidão.

— Eu conheço um lugar ótimo, onde não perderemos nem uma fagulha — disse ele, temeroso de ser rejeitado.

— Saro, está vendo a Nennella? — e apontou a mocetona na frente deles, também arrastada pelo fluxo de pessoas. — Ela não sai de perto de mim.

— Quer dizer que também levaremos Nennella — respondeu ele com um sorriso, feliz com a cumplicidade que se criara entre ambos. Queria acrescentar que estava feliz em revê-la, mas a multidão os separou: Saro foi empurrado na direção oposta à de Mena e, enquanto se distanciavam, trocaram um sorriso, ambos surpresos com aquele sentimento que nascia dentro deles.

A voz tonitruante de Ninì Trovato, o arauto do município, leu o número da tômbola que um menino retirara da cestinha:

— Quarenta e três — gritou, mostrando a bolinha aos conterrâneos que lotavam a praça do castelo, para comprovar que o número sorteado era aquele mesmo.

— Quadra! — uma voz feminina se levantou na praça e um braço abanou a cartela com o número sorteado.

A voz era de Mena e a cartela da sorte era a que lhe fora dada por Saro.

— Ganhei, ganhei! — gritou a jovem, dando pulinhos de alegria.

Nennella, que estava a seu lado, também sorriu feliz com o prêmio.

— Então, Mena, você ganhou?

Ninì Trovato convidou a felizarda a subir ao palco, enquanto um rapaz da comissão organizadora pendurava o número sorteado no grande painel do bingo.

Mena abriu passagem entre a multidão e foi até onde estavam expostos os prêmios.

Quando apareceu ao lado de Ninì, foi recebida por aplausos calorosos e assobios de alegria. Ela riu de contentamento. Agitou a cartela, para mostrar à multidão. Depois se aproximou do megafone e repetiu os quatro números que lhe fizeram ganhar a quadra.

— Três, dezessete, vinte e nove e quarenta e três!

— Você é Mena Losurdo? — perguntou Ninì, já sabendo a resposta.

— Sim, sou Mena.

Ninì aproximou a boca do microfone e anunciou:

— A moça, senhores, ganhou quatro garrafas de vinho tinto, quatro salames, quatro queijos curados e quatro metros de linguiça.

Todos aplaudiram e os prêmios foram colocados num saco de juta, que então foi entregue à felizarda.

— Vai conseguir levar?

— Você encha o saco, Ninì, e do resto cuido eu — respondeu a ganhadora com um sorriso contagiante.

Descendo a escadinha do pódio, Mena procurou Saro com o olhar, enquanto todos lhe davam os parabéns.

Mas havia gente demais e era impossível encontrá-lo. Voltou para o lado de Nennella, que se jogou em seus braços e lhe tirou o saco das mãos para dar uma espiada dentro dele. Ambas riam com gosto, como na infância, quando a mãe de Mena descobria alguma travessura e repreendia as duas com voz bondosa, ameaçando chamar o homem do bosque se não andassem na linha.

Meia hora depois de ser concedido o prêmio e a multidão ondulante ter explodido em aplausos para a feliz ganhadora, Mena sentiu que alguém segurava sua mão. Virou-se e viu Saro materializando-se mais uma vez a seu lado. Nem teve tempo de dizer que tinha ganho com a cartela dele, e Saro já a puxava para um lado, forçando a passagem entre o povo.

Ainda com o saco premiado nas mãos, Nennella gritava de alegria. Virou-se para onde acreditava estar Mena, mas não a viu. Não se preocupou muito, ocupada como estava em festejar o feliz prêmio do bingo.

Enquanto isso, Mena, arrastada por Saro, não opunha resistência, mas tinha deixado de rir e começava a se preocupar.

— Aonde estamos indo?

— Você vai ver, confie em mim.

— Mas eu nem conheço você.

— Confie — disse ele com voz firme.

Entrou no portão de uma casa que ficava na frente da fortaleza. Desceu os degraus cortados na rocha, que levavam às adegas. Mas Mena deu-lhe um puxão, obrigando-o a parar.

— Ei, por quem você me toma? Não vou descer ao porão com você!

— Mena, peço que confie em mim, quero te fazer uma surpresa!

Fez esse pedido com tanta veemência que Mena não pôde deixar de atendê-lo.

— Então está bem... vamos — concordou, depois de um instante de dúvida.

Os dois chegaram ao final da escada de pedra e entraram por um túnel ao lado de um tonel. Percorreram a longa galeria que parecia se aprofundar no subsolo e por fim chegaram a um espaço aberto, clareado apenas por uma luz que vinha do alto. Dali subia uma escadinha de madeira. Saro subiu na frente. Mena o acompanhou ágil, sem trair a ansiedade que desde o início lhe apertava a garganta. Chegando ao primeiro patamar, agarrou o rapaz pelo paletó, puxando-o com força:

— Saro Ragusa, espero que a surpresa seja realmente uma surpresa, senão você vai se dar mal. Lembre que tenho dois irmãos bem grandes, para não falar de meu pai.

A ameaça era a sério e Saro respondeu a sério:

— Você não vai se decepcionar.

Dito isto, aproximou-se de uma escada em caracol de ferro batido.

— E agora temos de fazer uma longa escalada. Acha que consegue?

— Pense nas suas pernas, não nas minhas — respondeu a jovem, afastando-o de lado e subindo na frente. Saro a acompanhou.

Ele tentou erguer a vista. Entreviu sob a saia os tornozelos esguios e as belas pernas juvenis, mas a voz cortante de Mena o deteve:

— Olhe para baixo! Ou te arranco os dentes com um pontapé!

A subida durou longos minutos. Os degraus pareciam não acabar mais. Então a rampa final e mais íngreme foi anunciada por uma grande corda pendente do forro, em forma de cone, pois não havia mais corrimão onde segurar. Mena pegou a corda, imitada por Saro. Subiu com certa dificuldade os últimos degraus de pedra e finalmente alcançou uma área circular no interior de uma espécie de guarita, onde havia uma porta baixa de madeira. Mal conseguiam ficar de pé naquele espaço tão exíguo.

— Chegamos. Agora feche os olhos.

Saro se aproximou da porta e a abriu. Mena, um pouco impaciente, mas curiosa como nunca se sentira antes, fechou seus maravilhosos olhos verdes. Então Saro a conduziu pela porta, abaixando suavemente a cabeça dela para não bater na viga. Por fim saíram ao ar livre.

Mena sentiu no rosto o frescor da noite, que descia com sua densa colcha negra sobre todo o vale. Abrindo os olhos, viu um panorama que a paralisou de emoção.

Estavam na sacada mais alta do castelo. A vista dominava toda a planície de Salemi. As sombras da noite ainda não tinham escurecido os montes, as florestas, as herdades nos vales. O mistral começara a soprar e levava as nuvens que, logo antes, tinham ameaçado chuva. No horizonte, os pontinhos luminosos dos lampiões, nas janelas das casas encravadas nos montes, davam àquela paisagem a aparência de um antigo presépio.

Mena fitou Saro e, com o olhar cheio de reconhecimento, agradeceu-lhe por aquela emoção. Saro sorriu docemente para ela... ia tomá-la nos braços, quando de repente ouviu um silvo. Do fundo do precipício, bem diante deles, subiu ao ar um rojão. Mena se virou e gritou de admiração. O rojão, em forma de bengala, soltou um estrondo e se desfez em mil estrelinhas. A partir daí, foi uma sucessão de lançamentos, estouros, fontes luminosas, nuvens multicoloridas de morteirozinhos, girândolas vermelhas, amarelas, brancas, chuvas de luz dourada que se projetavam e explodiam sobre os jovens, presenteando-os com emoções sem fim. Instintivamente, Mena se aproximou de Saro, como que procurando proteção contra aquela descarga de tiros e estrondos. Ele a abraçou pela cintura, puxando-a para si. Depois veio a explosão final, anunciando o término do espetáculo.

Quando os sons se dissolveram entre as gargantas do vale, Mena ergueu o rosto para o rapaz. Os dois, imóveis, continuaram abraçados, fremindo de desejo... mas depois desfizeram o abraço. Regras ancestrais os prendiam ao dever.

— Temos de voltar. Nennella deve estar me procurando — disse timidamente Mena, estendendo-lhe a mão.

— Vamos — disse Saro, triste. Apertou a mão dela e conduziu-a de volta à guarita, para tomarem o caminho de volta. Nenhum dos dois atreveu-se a falar; preferiram ficar com a lembrança maravilhosa daqueles momentos mágicos, abraçados no alto do castelo.

# 6. 1938
# As razões do medo

O suicídio do judeu no edifício da prefeitura tinha abalado profundamente o ânimo de Peppino Ragusa. Perdera o apetite, não queria ver mais ninguém, tão logo podia, fechava o consultório e se refugiava em casa. Decidira suspender as aulas noturnas que dava aos analfabetos do vilarejo.

Annachiara estava desesperada e furiosa com a depressão em que o marido caíra e tentava animá-lo com todos os meios e argumentos.

— Você não pode abandoná-los assim. Seria renegar suas ideias, seus ideais — bradava, agitando o indicador em riste.

Peppino não respondia, não queria discutir com a mulher.

— Não pensou neles? Agora fica com pena de si mesmo? Se faz de vítima?

Mas Peppino abanava a cabeça desconsolado, desesperado.

Annachiara, então, tentou a compaixão.

— Peppino, eu peço a você, não se renda. Não deixe que aqueles idiotas o derrotem.

Alguém bateu timidamente à porta. Annachiara se perguntou preocupada:

— Quem será?

Peppino Ragusa, tomado pelo pânico, ergueu a cabeça.

A mulher abriu e, vendo quem era, se desmanchou num sorriso:

— Turi... Pericle... que surpresa! Entrem, venham...

Peppino tinha se levantado e fora ao encontro de seus alunos idosos, comovido com aquele gesto de solidariedade. Abraçou ao mesmo tempo os quatro velhos, que o envolveram calorosamente em silêncio, abafando os soluços de emoção que sentiam subir à garganta.

Quando se desvencilharam do abraço, Turi Toscano lhe estendeu um caderno de capa preta.

— Olhe, doutor, consegui fazer a tarefa.

Turi tinha as pontas dos dedos corroídas pelo sal e dificuldade em segurar a caneta.

Peppino Ragusa abriu o caderno e leu em voz alta as frases que Turi tinha escrito numa letra insegura.

— Todos os homens nascem com a mesma dignidade... Apenas o trabalho honesto liberta... — Não conseguiu prosseguir e, mais uma vez, abraçou emocionado o velho trabalhador das salinas.

— Ah, Turi... obrigado. Nossas noites não foram em vão.

— Doutor, por que o senhor quer nos deixar? — perguntou afinal Turi Toscano, quando se soltaram do abraço.

— Caros amigos — olhou-os como se estivesse contando — E Gerolamo? E Vincenzo Valli?

Esperou uma resposta deles, mas os quatro se fecharam num silêncio eloquente e baixaram os olhos, para não cruzar com o olhar do médico.

— Então, estão vendo? É por isso. Ouviram o anúncio de Ninì? Começou o que eu temia. A partir de agora vai ser uma vida dura para nós, judeus. Por isso não quero arrastar outras pessoas para os meus problemas.

Turi Toscano foi o primeiro a romper o silêncio:

— Não vamos permitir que lhe façam mal. Mas quem o senhor acha que vai se interessar por nós, aqui no Sul? Roma está do outro lado do mundo.

— Você tem razão — interveio Ottavio Gravina, o mais jovem e rústico de todos. — Não temos nada a temer.

— Mas não é com a força que se vence essa batalha — retomou o médico. — Eles sempre serão mais fortes.

Bateram novamente à porta. Todos se viraram.

Um sorriso iluminou o belo rosto de Annachiara:

— Devem ser os outros amigos. Viram? Eles também vieram.

Foi até a porta e a escancarou, pronta para dar as boas-vindas aos retardatários...

Mas, diante dela, saindo da escuridão da noite, despontou a gargalhada de Jano, cercado por três de seus mais fiéis camaradas: Ginetto, Nunzio e Prospero.

— Boa noite, Annachiara, não vai nos convidar para entrar? — Jano, apoiado ao batente, lançou um olhar para dentro da casa.

Naquele mesmo instante, na residência de Rosario Losurdo, o arrendatário do príncipe Ferdinando Licata, realizava-se uma festinha pelo retorno de

Manfredi da África, de Adis Abeba, onde tentara a sorte como emigrante um ano e meio antes, movido pelas seduções do regime. Havia embarcado com a esperança de adquirir terras, uma grande fazenda, onde pudesse passar os últimos anos de vida, mas aqueles dezoito meses na Etiópia tinham sido uma grande desilusão.

A casa estava iluminada festivamente. Todos faziam perguntas a Manfredi, que respondia com monossílabos. Mostrava impaciência.

Rosario Losurdo era muito afeiçoado a seu administrador. Quando foi preso sob a acusação, depois anulada, de ter sido o mandante da chacina em Borgo Guarine, Manfredi havia tomado as rédeas da fazenda durante cinco anos, sem que se sentisse a ausência do patrão. Empenhara-se em proteger a família dele como se fosse a sua própria. Não deixara faltar nada e continuou a tocar os negócios do feudo, coletando as rendas como se Rosario nunca tivesse se ausentado da fazenda. Essa honestidade e essa dedicação haviam conquistado Losurdo, que, logo que saiu da prisão e reassumiu o comando das propriedades do príncipe Licata, começou a tratá-lo como igual, como um irmão.

Entre os jovens mais interessados estava Saro, que perguntava a Manfredi como era a terra, se era mesmo fácil obter as permissões para cultivar, quanto custavam as fazendas, se era preciso levar as sementes da Itália, quais eram as plantações mais produtivas, por que voltara apenas dezoito meses depois da partida, se as populações eram muito hostis aos brancos... e se era verdade que as moças eram bonitas e fáceis.

A essa pergunta os jovens caíram na risada, cochichando e trocando comentários de duplo sentido.

Manfredi abafou os entusiasmos:

— A África é uma fraude. Tudo o que contaram para nos convencer a partir é falso.

— Mas e o império, o lugar ao sol, a terra prometida? — perguntou Saro desconsolado.

— Tudo mentira. Os únicos que estão realmente enriquecendo são os "tubarões": altos dirigentes do partido, militares, diplomatas, grandes empresários, ou seja, amigos dos amigos do governo. Moram nos palacetes que expropriaram da velha burguesia etíope, e as mulheres circulam pela cidade com os carros oficiais, o que seria proibido, mas é tolerado.

— Eu sempre disse: a terra prometida é a América — falou Saro aos amigos.

— É verdade. Quem voltou diz que em *Nóviorque* qualquer um pode ficar

milionário — insistiu Michele, um dos filhos de Losurdo.

— Mas então o que estamos esperando para ir? Vamos embora desta terra ingrata. — Desde criança, Saro sonhava em partir para outros mundos.

Rosario Losurdo se aproximara do grupo de jovens que assediavam Manfredi.

— Deixem o coitado respirar.

Sua voz teve o efeito mágico de silenciar todos os jovens, que se viraram para ele.

— E você, Saro, para onde quer ir? Para a América? Quer matar seu pai e sua mãe do coração?

As taças começaram a circular. Todos brindaram ao retorno de Manfredi e tomaram do bom vinho da fazenda de Rosario Losurdo.

— Então, você quer ir embora?

A voz feminina fez com que Saro se virasse de súbito, e por pouco não derramou o vinho no vestido de Mena.

— Você quer ir para a América? E não pensa em mim? — Aquelas palavras só serviram para aumentar o embaraço de Saro.

— Na verdade...

A jovem desatou a rir:

— Vamos, estou brincando, caçoando de você, seu tonto.

— É só uma ideia, eu gostaria, mas não sei se algum dia terei coragem. — Fitou-a nos olhos. Ela não conseguiu sustentar o olhar.

— Mas por que disse que não penso em você? — retomou Saro.

Dessa vez foi Mena que se encontrou em dificuldade.

— Foi isso que eu disse?

— Não finja que esqueceu.

— Significa o que eu disse — a voz estava um pouco alterada e Saro percebeu.

Por alguns instantes, os dois jovens se fitaram intensamente no fundo dos olhos.

— Pois sabe o que eu lhe digo? Vá para onde quiser, Saro Ragusa.

Assim dizendo, Mena deu-lhe as costas e se afastou misturando-se aos convidados.

Jano, ignorando as leis da hospitalidade, entrou na casa do médico sem esperar convite, seguido pelos três apaniguados.

— Bom, bom... vejo que continuam a manter reuniões subversivas, doutor Ragusa, apesar de já ter recebido um comunicado do prefeito. Estou certo?

Annachiara, com sua cordialidade inata, convidou Jano a tomar assento.

— Jano, Nunzio, aceitam um pouco de vinho? Sentem-se, a casa é sua.

Dizendo isso, foi até a prateleira pegar os copos e a jarra.

Mas a voz de Jano enregelou a dona da casa.

— Não se incomode, Annachiara. Não estamos aqui para beber. Ou, pelo menos, não seremos nós a beber. — O sorriso sarcástico foi imitado pelos outros três milicianos, que lhe dirigiram um olhar de compreensão. — Vou repetir. Não sabem que é proibido fazer reuniões sediciosas? O que vocês estão tramando? — perguntou dirigindo-se aos quatro camponeses e sentando-se à cabeceira da mesa.

Mimmo Ferro, que dos quatro era o que menos temia a autoridade de Jano, por tê-lo socorrido em suas inúmeras bebedeiras, respondeu com sarcasmo:

— Quem tem a consciência limpa ou é fraco de memória, ou nunca a usou. Caro Jano, somos culpados como todos os homens que vivem nesta terra.

— Bancando o esperto, hein, Mimmo?

Turi Toscano interveio em auxílio do companheiro:

— Jano, você sabe muito bem o que viemos fazer aqui na casa do doutor. Com certeza não é a revolução.

— Antes eu nem sabia fazer contas — acrescentou Pericle, o carvoeiro.

Annachiara tinha trazido quatro copos e estava servindo o vinho.

— Mas eu sei que o doutor não ensina só a contar e a ler, não é mesmo, doutor Ragusa?

Peppino abaixou a cabeça. Havia desistido de se defender. Não tinha nada a dizer àquele grosseirão.

Jano deu um soco violento na mesa, fazendo Annachiara estremecer.

— Responda quando lhe faço uma pergunta!

Um dos copos caiu e o vinho derramou na mesa. Jano se afastou e se levantou para não se sujar. Estava furioso.

— Em todo caso, chegou sua hora, meu caro doutor. Sei de tudo o que vocês fazem em suas reuniões. A tabuada é mera desculpa. O que lhe interessa é meter ideias socialistas na cabeça desses burros. Doutor, o senhor está tramando contra o regime. Só por isso eu poderia jogá-lo na cadeia.

— Estou à sua disposição, Jano — explodiu finalmente Peppino Ragusa. — Me jogue na cadeia, você não tem a mínima prova do que está falando. Vai

fazer papel de idiota diante de todos, como sempre.

Jano arremessou-se contra o médico e o atingiu no rosto com o cassetete que sempre levava consigo. Começou uma enorme confusão. Annachiara se atirou em Jano gritando, mas Ginetto impediu e a afastou. Mimmo Ferro tentou intervir, porém Nunzio lhe deu um empurrão com o ombro e o derrubou no chão. Do rosto de Peppino Ragusa começou a jorrar sangue. Turi, Pericle e Ottavio Gravina tentaram alcançar a porta, mas Prospero cortou o caminho deles.

— A festa mal começou e já querem ir embora? — gritou Jano para os três. — Preciso de testemunhas, alguém precisa espalhar o que acontece com quem se opõe a nós.

Peppino enxugou o ferimento na manga da camisa.

A um aceno de Jano, Nunzio e Prospero imobilizaram os braços do médico. Ele tentou se desvencilhar, mas os dois eram mais fortes e logo desistiu. A mulher continuava a gritar que o soltassem, que não o machucassem.

Nas mãos de Jano apareceu um frasco. Annachiara viu e soltou um grito estridente. Ginetto deu-lhe um safanão violento para que se calasse e, não obtendo resultado algum, deferiu-lhe um soco no rosto que a deixou desmaiada. Peppino Ragusa, vendo a mulher no chão, mais uma vez tentou freneticamente se libertar. Bradava:

— Assassinos!

Nunzio e Prospero tinham dificuldade em segurá-lo. Então derrubaram o médico e o imobilizaram.

Jano se aproximou, agarrou-o pelos cabelos e ergueu sua cabeça. Depois lhe enfiou o gargalo na boca, obrigando-o a engolir a água salgada.

Aquela água salgada era uma variante do famoso óleo de rícino, mercadoria bastante rara e, portanto, muito cara. A alternativa, em compensação, tinha os mesmos efeitos do óleo e, além disso, causava uma sensação de náusea que durava vários dias.

Peppino Ragusa, um pouco por causa da posição, um pouco por causa da abundância de água que era obrigado a engolir, começou a tossir, expelindo o líquido pelo nariz e por outras partes do corpo. Mas Jano só deu a tarefa por encerrada depois de esvaziar o frasco. Finalmente Nunzio e Prospero o soltaram. Peppino, numa poça de sujeira, rolava e continuava a vomitar. Annachiara ainda estava inconsciente e os quatro amigos, atônitos e aniquilados diante de tamanha maldade.

Jano pegou uma toalhinha bordada da mesa e enxugou as mãos.

— Lembrem-se do que viram. E digam a todos que este é o tratamento reservado aos inimigos do Duce.

Dito isto, jogou a toalha no chão e saiu acompanhado de seus camaradas.

Naquele momento, na sede da fazenda, Rosita, a senhora Losurdo, reconhecidamente uma das melhores cozinheiras da região, entrou no salão em festa com uma enorme torta de figos com calda de mel, transportando-a com aquela delicadeza que só se usa com os recém-nascidos. Mena acompanhava a mãe com um molho de colherinhas e seu irmão Donato carregava uma pilha de pratos de sobremesa.

Rosario Losurdo, como grande parte dos arrendatários sicilianos, tornara-se uma verdadeira potência na região, e o jogo de porcelana Limoges com filetes de ouro tinha sido uma das primeiras aquisições que sua mulher desejara quando enriqueceram. A torta foi cortada e os pratinhos passaram velozes de mão em mão.

Mena cortou a última fatia e a levou pessoalmente a Saro.

— Aproveite, Saro, pois na América não há mulheres que saibam fazer tortas tão boas — gracejou, estendendo-lhe o prato.

— Sua mãe é uma grande doceira — comentou Saro, lambendo os dedos besuntados de mel.

— Na verdade, fui eu que fiz a torta. Mamãe ajudou... mas eu é que preparei!

O rapaz arregalou os olhos.

— Você é extraordinária... nunca comi nada tão gostoso...

Mena sorriu e instintivamente Saro deu-lhe um beijo no rosto, mas a boca melada com calda de figo e mel deixou uma marca na face da moça que ele tentou, desajeitado, limpar com o punho da camisa.

Ela recuou, rindo:

— Saro, fique parado aí. Você é um desastre.

Depois pegou um lencinho e removeu a marca de torta.

— Desculpe, Mena, meu Deus, que papelão!

Rosario Losurdo assistira à cena de longe:

— O que está acontecendo aqui?

Mena ainda era a sua menina e aquelas atitudes não lhe agradavam nem um pouco. Diante daquele tom sério, Saro se virou bruscamente; quando viu o pai da moça, teve um sobressalto quase cômico.

— Dom Rosario... o que está acontecendo? — Não conseguiu senão repetir a pergunta feita pelo dono da casa.

Mena abanou a cabeça sorrindo:

— Pai, o que você quer que esteja acontecendo? Saro vai embora e estamos nos despedindo. — Empurrou o pai na direção dos convidados. — Volte para os seus amigos.

Rosario Losurdo tinha uma predileção pela pequena Mena. Só ela podia se permitir qualquer impertinência em relação a ele.

Saro estendeu a mão para Losurdo a fim de se despedir:

— Beijo suas mãos, dom Rosario.

Ele cumprimentou o rapaz lançando-lhe um olhar muito eloquente. Ao retirar a mão, percebeu que ela estava melada. Limpou-a nas calças com indiferença e se afastou, orgulhoso com aquele "dom" que nunca ninguém lhe concedera antes.

Mena, que acompanhara o pequeno contratempo, começou a rir.

— Você é mesmo um atrapalhado. — Pegou-o pela mão e, atravessando o salão, arrastou-o até a saída. — Sinto muito, mas agora você precisa mesmo ir, pois, se meu pai percebe que eu menti, estou frita.

— Sinto muito... — balbuciou Saro.

— Se dependesse dele, eu ficaria naquelas redomas de vidro onde eles põem os santos padroeiros.

— E com razão. Sabe lá quantos te lançam olhares compridos.

— Não poucos, digamos.

Ambos sorriram. Pararam na porta, frente a frente, e de súbito ficaram sérios. Mena fez um movimento imperceptível, aproximando seu rosto. Passaram-se poucos segundos, mas foram longuíssimos. Então Saro tomou as mãos de Mena, rompendo deliberadamente aquele momento mágico.

— Preciso ir.

Dizendo isso, apoiou suavemente os lábios nas palmas das mãos de Mena e assim ficou alguns instantes. Depois, sem se virar, partiu envolto pelas sombras da noite.

No caminho de volta, Saro sentia frêmitos de prazer à lembrança de ter tocado a pele delicada de Mena. A moça era filha de Losurdo, o arrendatário mais rico de Salemi. E ele era apenas filho de um médico judeu paupérrimo.

Certamente Losurdo tinha planos muito diferentes, e seria muito melhor

esquecê-la. Com esses pensamentos girando na cabeça, Saro, ao se aproximar de casa, viu várias pessoas na frente do portãozinho entreaberto. Entendeu de imediato que acontecera algo grave.

Quando as pessoas notaram sua presença, abriram passagem para que ele entrasse em casa. Saro viu a mãe estendida na cama. Mimmo Ferro e Turi Toscano, sentados ao lado. O pai, com a camisa ainda manchada de vômito, estava curvado à cabeceira, aplicando uma injeção na mulher. Ester, a irmã, ao vê-lo entrar, correu até Saro e o abraçou com força.

— O que aconteceu? — perguntou a ela.

Mas Ester soluçava e não conseguia dizer uma palavra. Saro se desprendeu do abraço e perguntou o que tinha acontecido com a mãe. Depois reparou no pai. Notou o desalinho dele, a camisa molhada, os cabelos sujos. Annachiara, gemendo, inclinou a cabeça de lado, abriu os olhos e viu o filho. Moveu de leve a mão para tocá-lo e Saro correu para abraçá-la.

— Mãe...

Conseguiu reprimir o nó que se formara na garganta. A mulher pareceu se tranquilizar ao ver o marido, que permanecia junto dela. Viu também os dois amigos ao pé da cama e Ester transtornada, em lágrimas. Fechou os olhos e, sob a ação do sedativo, mergulhou num sono sem sonhos.

Saro se levantou, viu o aposento em desordem, a poça de água no chão, o frasco caído e se virou para o pai.

— Quem fez isso?

Peppino Ragusa não queria responder.

— Foi Jano. Ele e seus camisas-negras — disse Mimmo.

— Eu mato ele, eu mato ele! — urrou Saro.

Mas o pai o segurou pelos ombros, imobilizando o filho.

— Vamos, calma. Você não vai matar ninguém. Precisamos fingir que não foi nada. Temos que sumir da face da Terra. Agora eles são os mais fortes. Nem os policiais podem fazer nada contra os fascistas de combate.

# 7. 1939
# A súplica

O príncipe Ferdinando Licata estava pessimista quanto ao futuro da ilha. Não se passava um dia sem que tomasse conhecimento de alguma injustiça, de alguma violência contra o pobre povo por obra dos detentores do poder político e administrativo do país. O fascismo havia colocado nos postos de comando homens sem nenhum valor moral e empurrara homens de valor e profunda ética para funções marginais.

Em pequena escala, a própria Salemi era um claro exemplo da corrupção do regime. Diziam que o prefeito da cidade, Lorenzo Costa, exterminara famílias inteiras sem nenhum escrúpulo e nomeara como chefe da milícia um pobre desajustado, Jano Vassallo, responsável por ações loucas e insensatas. Mas agora esse psicopata começava a passar dos limites, e algumas pessoas em Salemi se sentiam no dever de restaurar os limites da vida civilizada.

Foi pensando nisso que naquela manhã o príncipe Ferdinando Licata decidiu enfrentar Jano e seus ilustres apaniguados. E não só porque o dr. Peppino Ragusa era um amigo querido, mas também por razões ocultas no mais profundo âmago de seu coração. Não fossem essas misteriosas razões, o príncipe jamais se rebaixaria a um acordo com um sujeito desprezível como Jano.

O espírito libertário e o profundo senso de justiça que corriam nas veias do príncipe provinham de seu bisavô, o londrino Frederick Leicester, que no final do século XVIII, na esteira dos viajantes do Grand Tour, percorrera a Itália de ponta a ponta.

Na Sicília, o jovem Leicester encontrou o amor, as cores e a paisagem que tanto buscava e lá resolveu permanecer pelo resto de sua vida. Devido a um erro do escrivão no cartório — mas havia quem dissesse que foi para renegar seu

passado —, o filho de Frederick, futuro avô de Ferdinando, foi registrado com uma corruptela no sobrenome, passando de Leicester a Licata, e assim a Sicília ganhou uma nova linhagem de príncipes.

Graças à sua capacidade e preparo cultural, Ferdinando Licata soube administrar habilmente as poucas terras herdadas do avô. Por muitos anos, foi considerado um ótimo partido pelas jovens sicilianas de sangue azul. Mas Ferdinando era muito reservado, não acreditava no casamento e, mesmo tendo numerosas amantes ao longo da vida, sempre conseguiu escapar aos laços do matrimônio.

Era também um grande diplomata e sempre evitara disputas com os vizinhos e vários "dons" dos arredores. Nunca quis se misturar com eles, considerando-os gente muito rústica e inculta.

Então, naquela manhã de domingo, pouco depois das seis, o príncipe Ferdinando Licata tinha se postado a duas quadras da casa de Carmela Petrulli, perto da fonte. Ele sabia, a cidade inteira sabia, que todos os sábados à noite Jano se esgueirava para a casa de Carmela e saía logo depois do alvorecer. Carmela não era a prostituta do vilarejo, e sim uma das inúmeras viúvas brancas, vítima da emigração masculina que, por volta dos anos 1920, despovoara grande parte das cidades sicilianas.

Pontual como sempre, a porta da casa de Carmela se abriu naquele domingo de manhã e Jano saiu furtivamente. Enrolou-se no manto negro que usava por cima da camisa também negra, a qual já era como uma segunda pele.

O cavalo castanho de Ferdinando Licata estava bebendo na fonte quando Jano apareceu por trás do casario. Ao ver o príncipe, esboçou um gesto instintivo de surpresa, mas conseguiu dissimular. Licata, porém, fingiu se surpreender ao encontrá-lo àquela hora.

— Jano, é tarde demais para ir à caça e cedo demais para não ir. O que você está fazendo aqui a esta hora, em pleno domingo? — perguntou desmontando do cavalo.

— É, príncipe, a cotovia já acertei, com todo o respeito.

Estugou o passo sem se deter, mas o príncipe foi rápido e o alcançou segurando o cavalo pelas rédeas.

— Sabe qual é a tragédia da idade madura? Não é tanto ser velho, como poderiam pensar, mas é continuar jovem na mente e nos sentidos.

O príncipe tocou no braço de Jano e reteve o cavalo, obrigando o rapaz a parar também.

— Vocês, jovens, nos veem envelhecidos e grisalhos, mas nossos desejos, nossa vontade de agir é exatamente igual à que tínhamos aos vinte anos. Quantos anos você tem, Jano?

O rapaz ficou admirado com aquela pergunta e respondeu quase automaticamente:

— Vinte e quatro.

— Parabéns.

Retomou o passo, e dessa vez foi Jano que o seguiu. Queria entender o que o príncipe pretendia com aquela conversa.

— São poucos os jovens que chegam aonde você chegou com essa idade. É evidente que está destinado a um futuro cheio de realizações. Você merece, claro...

— Mas? — interrompeu Jano, demonstrando uma inteligência invulgar.

— É verdade, há um "mas" — admitiu o príncipe, percebendo que não estava diante de um caipira ignorante, como sempre havia pensado. — Veja, na vida podemos não nos importar com os homens, mas sempre precisamos de um amigo. É fundamental ter alguém em quem possamos confiar.

— Príncipe, por que esse sermão?

— Jano, vejo que você também é um bom rapaz e quero lhe oferecer a minha amizade.

— Fico muito lisonjeado, príncipe Licata. E o que quer em troca?

— Ora, as coisas não são bem assim. — Ferdinando Licata começava a perder a paciência com aqueles modos diretos e insolentes de Jano. — Digamos que, se ficássemos amigos, meus amigos seriam automaticamente seus amigos e vice-versa, seus amigos passariam a fazer parte do meu mundo. Entendeu bem o que estou lhe oferecendo, Jano?

— Vou virar príncipe? — Jano começava a ficar irreverente, mas Ferdinando fez que não ouviu.

— Tem um amigo meu, o doutor Peppino Ragusa, que me parece ter sido denunciado como subversivo. Não existe coisa mais mesquinha do que uma acusação dessas. O doutor é um bom homem, e prova disso é ele ter se desdobrado todos esses anos pelo bem de todos nós, sem nunca pedir nada. Se o doutor decidisse ir embora de Salemi — insistiu o príncipe —, seria uma grande

desgraça para toda a comunidade. Ele, um médico do município, também assumiu a tarefa de ensinar nossos camponeses, que nunca foram à escola, a ler e a fazer contas.

— É, mas também enfia ideias revolucionárias na cabeça deles. Prega o socialismo, a distribuição das terras e implica com o Duce. Um indivíduo desses pode ser amigo? — Jano não percebeu que tinha alteado a voz.

— Mas que mal poderia fazer? De minha parte, não penso como ele, mas ele é absolutamente inofensivo. Jano, prometa que vai deixá-lo em paz...

— É também um judeu imundo — foi sua única resposta. — A raça judaica é a causa de todos os males. Depois da guerra mundial, provocou a revolução russa, favoreceu o comunismo.

— Pobre imbecil. Você não consegue entender que isso são meros chavões? — Fernando Licata entendeu que não conseguiria nada de Jano.

O jovem, que não se intimidara nem um pouco, respondeu com a agressividade que lhe era peculiar:

— Príncipe, o senhor não consegue entender que o tempo dos nobres já passou? Para vocês e todos como vocês, acabou! A revolução fascista os pôs de joelhos. Agora somos nós que trazemos ordem e respeito às cidades. Não pode existir nenhum outro poder dentro do Estado fascista!

A fisionomia de Ferdinando Licata gelou. Não respondeu nada, mas apoiou o pé no estribo e montou na sela do cavalo.

— Jano, você gosta de *porchetta*? — perguntou em tom brincalhão.

— Mas que pergunta! Claro, por quê?

— Vou lhe mandar um pouco. Estamos na época do preparo.

O príncipe esporeou a montaria e o cavalo se afastou num galope ligeiro em direção aos campos.

Em outros tempos, ninguém sonharia responder ao príncipe daquela maneira. Olhou ao redor para ver se alguém assistira à discussão. Não havia uma alma viva na rua, mas Jano sabia que, por trás das persianas, mil olhos tinham comprovado a que nível chegara seu poder.

Estimulado por aquela vitória sobre o poderoso príncipe Licata, Jano decidiu passar à ação e iniciou os procedimentos burocráticos para cancelar a licença de médico municipal do dr. Peppino Ragusa. Sabia que não era coisa de pouca monta, porém, quando não se dá o primeiro passo, nunca se chega lá. Assim, escreveu uma carta ao chefe do município, o amigo Lorenzo Costa,

informando-o de que, "para salvaguardar a ordem pública, e por suas origens judaicas, com base nas recentes leis raciais, requer-se a remoção do dr. Giuseppe Ragusa do cargo de médico municipal da mesma cidade".

Costa protocolou o requerimento e o enviou ao chefe da província. Este deu ciência do requerimento e o enviou ao governador da província, o qual, por sua vez, sem avaliar o mérito, remeteu o pedido para o diretor do centro sanitário provincial, que, sem sequer ler, enviou-o ao diretor do centro sanitário do Município de Salemi. Este devia simplesmente escolher o substituto do dr. Giuseppe Ragusa e lhe enviar o comunicado do novo cargo. A escolha do diretor sanitário foi muito simples, pois fazia algum tempo que um certo dr. Bizzarri trabalhava no centro sanitário e o atormentava com suas manias perfeccionistas, vendo defeitos em tudo o que se passava. Na escrivaninha do diretor havia uma pilha de cartas de reclamação enviadas por ele. Chegara a escrever ao próprio Duce, reclamando de algumas faltas de higiene. Era a ocasião certa para tirá-lo dali.

Assim, o dr. Attilio Bizzarri recebeu uma carta determinando que assumisse o cargo de médico municipal de Salemi no prazo de um mês a contar da data do envelope.

Ao mesmo tempo, o diretor sanitário escreveu uma carta ao dr. Giuseppe Ragusa, de conteúdo exatamente contrário: dava-lhe ordens de desocupar o cargo no centro médico municipal no prazo de um mês a contar da data do envelope. Infelizmente, um problema nos correios reais impediu que o dr. Ragusa recebesse o ofício.

Numa fria manhã de 1939, o dr. Attilio Bizzarri subiu no ônibus que o levaria ao centro médico do município. Bizzarri havia passado dos cinquenta anos, mas as demandas da profissão e seu caráter altruísta, sempre disposto a se sacrificar pelo próximo, tinham-no consumido tanto que parecia bem mais velho. Era muito apreciado pelos colegas, ao passo que os burocratas das unidades sanitárias não suportavam sua meticulosidade.

Possuía uma alma generosa, não fazia distinções entre nobres e camponeses e, devido a essa disponibilidade, era muito estimado por todos os pacientes. Tinha um instinto inato para diagnósticos e uma intuição extraordinária para prescrever o tratamento certo de cura.

O médico chegou diante do consultório de Peppino Ragusa. Tocou a campainha e uma moça de cabelos castanhos veio lhe abrir a porta. Era Ester, a filha mais velha de Ragusa, que ajudava o pai como enfermeira. Bizzarri se apresentou e pediu para falar com ele.

— Bom dia, colega, sou o doutor Bizzarri — apresentou-se o médico, estendendo a mão com um sorriso.

Peppino não fazia a menor ideia do motivo daquela visita. Bizzarri entendeu seu desconforto e foi em seu socorro.

— O senhor não recebeu a carta da direção regional?

— Na verdade, não recebi carta nenhuma — respondeu Peppino, que começava a entender, mas ainda não queria aceitar a evidência.

— Sei que foi enviada há um mês.

Peppino olhou para a filha, mas ela balançou a cabeça, como que para confirmar que não chegara nenhuma carta da direção.

O dr. Bizzarri estava desanimado.

— As confusões burocráticas de sempre. Não recebeu nenhuma carta. Mas que beleza, que sincronia...

— O senhor veio me substituir? — Peppino Ragusa por fim entendeu.

— Exatamente. Só que deveriam tê-lo avisado a tempo, para se preparar e ter tempo de se organizar. — Tirou um papel do bolso interno do paletó e estendeu ao colega. — Este é meu ofício. Veja quando me enviaram... na mesma data, deveriam ter lhe enviado a carta de sua nova nomeação. São mesmo uns atrapalhados.

Bizzarri se aproximou de uma cadeira e se sentou, apoiando no chão a valise que havia trazido. Enquanto isso, Ragusa leu rapidamente a missiva que designava Bizzarri para seu lugar. Em seguida, passou-a a Ester, que, em silêncio, correu os olhos rapidamente pela carta.

— Depois de vinte anos...

— Infelizmente é a lei. Você é judeu, não é?

Mas Peppino não podia ouvi-lo, pois trocava um abraço desesperado com a filha Ester. Depois a jovem disse:

— Vamos, pai. Vamos para casa. Quem sabe vamos conseguir.

Saíram do consultório abraçados em direção à casa para dar a triste notícia a Annachiara.

# 8. 1939
# Os “cem santos”

Como todos os anos, Ciccio Vinciguerra foi convidado pelo príncipe Ferdinando Licata para a cerimônia dos Cem Santos. Era como lhe lembrar, a cada 1º de novembro, que sua condição de pobreza não havia mudado. O pobre lavrador não tinha família. Ninguém conhecia suas origens, ninguém sabia de onde ele viera. Um belo dia apareceu em Salemi, esmolando uma diária como trabalhador braçal. Foi graças ao príncipe Licata que começou a trabalhar e se fazer benquisto pelos habitantes da cidade. Ciccio Vinciguerra falava muito pouco. Quando lhe perguntavam alguma coisa, respondia com monossílabos. Por isso todos na cidade lhe deram o apelido de *u pisci* (o peixe). Depois, porém, o temperamento dócil, a força incansável, a discrição e sua habilidade com as armas lhe haviam granjeado a confiança de Rosario Losurdo, que, com a bênção do próprio príncipe Licata, o recrutara para seu exército de capatazes.

Como fazia todos os anos, Ciccio Vinciguerra chegou pela porta dos fundos da mansão Licata e atravessou o longo corredor que levava à grande sala de banho no andar térreo. Ali encontrou os outros “cem santos” que, como ele, tinham sido convocados para a celebração de são Cristóvão, o padroeiro da família do príncipe.

Quando todos os cem pobres da cidade completaram as abluções dos pés, foram levados, descalços, para o Salão dos Mapas, que ficava no andar nobre da mansão. Ciccio Vinciguerra, arregimentado com os outros conterrâneos, percorreu os luxuosos corredores com a cabeça virada para o alto, admirando os desenhos e as cores dos afrescos do forro que celebravam o triunfo de Júpiter, no comando de uma biga.

Entraram no salão e se enfileiraram junto às paredes, preparando-se para aguardar pacientemente a chegada do dono da casa e de sua irmã.

Naquele instante, Ferdinando Licata estava com Manfredi, o emigrante arrependido, o capataz de maior confiança de Rosario Losurdo.

Manfredi, já perto dos sessenta anos, servia à família dos Licata desde tempos imemoriais. Antes dele servira seu pai, e antes ainda seu avô. O príncipe tinha grande consideração por ele, principalmente pelo espírito de sacrifício e sincero respeito que Manfredi lhe demonstrava. Para ele, a terra era uma religião, e desde menino, vendo como os pais se dedicavam a ela ao extremo, sonhava possuir uma *salma* própria, quatro hectares de terreno. Naquela manhã, Manfredi tomara a grande decisão, movido acima de tudo pelas insistências de sua mulher Adele e do filho Nicola. Aproveitaria a festa dos Cem Santos para pedir uma graça ao príncipe. Era antiga tradição siciliana fazer uma súplica aos poderosos em datas especiais.

— *Patri*, tenho um pedido a lhe fazer — começou ele, depois de ter se inclinado e beijado sua mão. — O senhor me conhece desde que eu era criança e viu meus meninos nascerem. Servi ao senhor durante toda a vida e protegi a terra que me deu para cuidar. Nunca precisou reclamar de mim nem de meus familiares.

— Manfredi, você está entre os homens mais fiéis que eu conheço — elogiou o príncipe para apressar as saudações. — Mas pode falar. Entre nós, duas palavras mais do que bastam. O que você quer me pedir?

O príncipe transmitia uma sensação imediata de autoridade, e com isso incutia temor.

— *Patri* — retomou o capataz, bastante emocionado. — Jamais ousaria lhe pedir, mas cheguei a uma idade em que a mulher e os filhos me forçam... Enfim, *patri*, minha família nesses anos fez muitos sacrifícios, somos três trabalhando em suas terras.

— Dois — corrigiu o príncipe. — Parece-me que Nunzio tem se ocupado há algum tempo de outros assuntos.

— Príncipe, hoje em dia não é fácil criar os filhos. Outros põem certas ideias na cabeça deles, e tudo que ensinamos vai pro inferno... com todo o respeito.

— A honestidade é louvada por todos, mas morre de frio — cortou o príncipe.

— *Patri nostru* — retomou o capataz em tom de súplica, continuando a amarrotar o boné —, nos meses que fiquei na África, guardei um pouco de dinheiro, pouco na verdade... Tem um terreno no vale de Madonnuzza, estou falando de apenas uma *salma*. É árido, abandonado faz cem anos ou mais. Não

tem água perto... Mas o senhor realizaria um antigo sonho meu se pudesse me oferecer aquele terreno por esse pouco de dinheiro.

O príncipe se surpreendeu com o pedido.

— Meu bom Manfredi, não quero roubá-lo — disse por fim, dirigindo-se à porta. — Por que cargas d'água você quer ficar com aquele pedaço de terra abandonada por Deus e pelos homens? Sabe o trabalho que teria para conseguir alguma batata?

— Entenda como uma obsessão minha. Mas peço-lhe... — E pegou uma das mãos do príncipe para retê-lo na sala.

O príncipe se libertou do aperto.

— Não se divide a terra, você sabe. É uma regra. Mas quanto você tem para me oferecer, Manfredi?

— Tudo o que conseguimos até hoje: seis mil liras.

Ferdinando Licata não se comovia facilmente, mas sentia-se tocado pela força moral daquele homem. Sabia também que aquele dinheiro não era fruto de anos de poupança, do contrário o homem teria dito "economizei". Era o resultado das apropriações indébitas que Nunzio, seu filho, andava realizando às custas dos pobres camponeses da área, junto com Lorenzo Costa e Jano Vassallo.

Mas fez de conta que ignorava a origem daquela pequena fortuna. Além do mais, não queria perder de todo a amizade daquela família que, de fato, havia servido tão devotamente aos Licata por três gerações. Assim, respondeu com um sorriso cativante:

— Com cinco mil liras eu compro meia Balilla... Faria um bom negócio... Está bem, Manfredi, você me dá cinco mil liras e as outras mil considere um presente meu para você cavar o poço. E você fica com uma *salma* da propriedade Madonnuzza em Sòllima, está bem? Dê a mão.

Manfredi precisou de alguns instantes para compreender que o príncipe aceitara a proposta, e por apenas cinco mil liras! Respondeu com um largo sorriso e apertou com devoção a mão que Ferdinando Licata lhe estendia. Naquela época era assim que se assinavam os contratos.

Junto ao Salão dos Mapas havia um vestíbulo. Era uma sala decorada com dois armários de cerejeira maciça que iam até o forro, parecidos com os que se encontram nas sacristias das catedrais. Depois da conversa com Manfredi, o príncipe foi até eles, tirou o casaco de veludo, enquanto Lavinia, sua irmã mais

velha, ajudada pela empregada, pegava dois aventais brancos bordados em um dos armários. Ia ter início uma cerimônia de que o próprio Ferdinando Licata, nos últimos anos, necessitava intensamente, a fim de mostrar sua proximidade com os camponeses mais carentes. Na verdade, era o expediente que havia criado para calar seus sentimentos de culpa ou, pelo menos, aplacá-los por algumas horas.

As portas do Salão dos Mapas se abriram e imediatamente um silêncio irreal caiu entre aquelas antigas paredes. Os cem camponeses olharam para a porta e pouco depois, como numa aparição milagrosa, surgiu a silhueta inconfundível do príncipe Ferdinando Licata. Uma imagem de extraordinária nobreza, de uma humanidade comovente, de uma estatura poderosa. Instintivamente todos os camponeses abaixaram a cabeça e o tronco numa saudação reverente. Ferdinando respondeu com um aceno imperceptível de cabeça. Depois, como um papa, foi para o centro do salão, seguido por duas empregadas que levavam algumas toalhas de tecido branco dobradas no braço e por outros serviçais que seguravam bacias esmaltadas e grandes jarros d'água. Fechava o cortejo a figura séria de Lavinia, que, com acenos decididos e inequívocos, orientava os criados, que com uma eficiência silenciosa preparavam o cenário para o rito da ablução.

O nervosismo era visível entre os camponeses. Embora todos mostrassem grande submissão ao príncipe e àquela cerimônia em que Ferdinando Licata lavava seus pés, não conseguiam compreendê-la plenamente. Aguardando o início, homens e mulheres, todos descalços, não ousavam respirar.

A um sinal de Lavinia, uma das empregadas pegou um dos camponeses pelo braço e o conduziu à poltrona, fazendo-o sentar. Enquanto isso, o príncipe se aproximara da bacia, arregaçando as mangas do avental de linho. Abaixou-se, mergulhou o pé do camponês na água e realizou a ablução.

A lavagem de uma parte do corpo é um ritual antiquíssimo. A dos pés é especialmente simbólica. Cristo foi o primeiro a se submeter a seus discípulos e a purificar seus pés. Era essa a mensagem que o príncipe queria transmitir a seus protegidos.

Terminada a ablução, o camponês se levantou, deixando a poltrona para outro pobre. A cerimônia se repetiu, entre a comoção dos domésticos e o embaraço dos camponeses, até o último participante.

Depois disso, todos passaram para a sala de jantar ao lado, onde havia

algumas mesas postas com as melhores louças e onde o próprio príncipe, com a ajuda dos empregados, começou a servir seus amigos até o brinde final.

Os outros nobres da região consideravam Ferdinando Licata no mínimo extravagante por causa dessa prática. Além disso, não entendiam por que ele recusava o título de "dom" dado pelos camponeses, visto que tinha duplo direito a ele: por ser de linhagem aristocrática, e porque em Salemi encabeçava uma grande comunidade, entre parentes e camponeses. Mas Ferdinando preferia que seus protegidos o chamassem de *u ppatri*, pois era para eles como um verdadeiro pai. E a comunidade da região de Salemi retribuía, reconhecendo-lhe a autoridade com uma veneração que beirava o fanatismo.

Licata se submetia ao ritual mortificante por vários motivos, ocultos e enterrados nas dobras profundas de sua consciência. Periodicamente eles se apresentavam impertinentes, reclamando sua atenção. O mais constante estava ligado à lembrança de uma mocinha inglesa chamada Carole.

A jovem viajara por toda a Europa antes de desembarcar na Sicília, onde amigos em comum lhe haviam falado do príncipe Licata. O encontro entre os dois foi um clássico amor à primeira vista. Perderam-se no inebriamento mútuo de suas almas por semanas e meses.

Junto a ela, os dias transcorriam alegres, repletos de cores e perfumes. Junto a ela, o mundo parecia um paraíso. Licata nunca havia sentido aquela emoção íntima chamada amor, mesmo tendo se entregado a muitas aventuras antes de Carole. Ela também se apaixonara por seus bastos cabelos encaracolados, seus olhos celestes, sua autoridade e porte físico. Mas, depois, sobreveio algo que rompeu esse belo sonho.

Para duas pessoas que se amam, a vinda de um filho geralmente é tida como uma dádiva dos céus, mas não foi esse o caso com Ferdinando Licata. Com trinta e nove anos, considerou que não poderia assumir a responsabilidade por uma família, ainda menos por um filho, e cometeu o erro que iria lastimar pelo resto da vida.

Além da festa dos Cem Santos, algumas generosas doações que fazia à orfandade de um convento e a um outro mosteiro de frades franciscanos o fizeram ser considerado um dos filhos prediletos de monsenhor Albamonte, o qual o acolhera desde longa data entre seus amigos de maior confiança, fazendo alguns negócios rentáveis com o príncipe.

Alguns anos antes, monsenhor Albamonte tinha adotado o hábito de

participar do dia dos Cem Santos. Não lhe custava nada e, além do mais, ficava associado diante dos conterrâneos à ação filantrópica do príncipe, recebendo indiretamente não poucas vantagens.

Depois de providenciar que os visitantes fossem servidos, *u ꝑatri* foi se sentar ao lado do amigo monsenhor.

— Caro príncipe — disse ele, movendo a cadeira para que Ferdinando se sentasse mais confortavelmente —, no dia em que você não estiver mais ardendo de amor, muitos morrerão de frio em Salemi. O alto prelado estampava um sorriso permanente no rosto, para mostrar sua benevolência.

Ferdinando respondeu, trocista:

— De fato, só se vive enquanto se ama. E para nós, caro monsenhor, não sobrou muito tempo.

O padre fez os esconjuros de praxe.

— O que está dizendo, príncipe? — Sorrindo, tocou o metal da faca com o mindinho e o indicador estendidos, fazendo o sinal dos cornos. — Não coloquemos bastões entre as rodas da Providência.

Dom Antonio, graças a seus conhecimentos e às engrenagens que tão bem soube azeitar, em poucos anos conseguira se tornar bispo de Salemi. Hoje representava uma verdadeira potência econômica na região.

Sempre que se encontravam, os dois velhos amigos não perdiam a ocasião de falar dos bons tempos passados. Monsenhor relembrou mais uma vez o episódio da reunião no Palácio Cesarò. Ele, então um simples pároco, tinha apreciado as ideias do jovem príncipe. E elas se imprimiram não apenas na mente do cura. De fato, depois daquela reunião, o apreço da aristocracia siciliana pelo príncipe Ferdinando Licata tinha subido às alturas. Administradores, capatazes, meeiros, até o último camponês, todos começaram a ver nele um espírito iluminado, um verdadeiro chefe.

# 9. 1920
# Cooperativas brancas e vermelhas

Pela primeira vez desde tempos imemoriais, o "partido dos nobres agrários" se abria para as novas exigências dos tempos. Os "agrários", como eram chamados os grandes latifundiários, sentiam-se legitimados a intervir, mesmo sem a ajuda do governo distante e incapaz, onde a ilegalidade tivesse avançado demais. Chegaram a avaliar a hipótese de uma secessão do Estado nacional. Ideia que o jornalista Raffaele Grassini levaria às últimas consequências décadas mais tarde, com a proposta de uma Trinácria independente.

Enquanto isso, exatamente nesse período conturbado, Ferdinando Licata, junto com alguns amigos mais fiéis, entre os quais se incluía dom Antonio Albamonte, conseguiu açambarcar a propriedade de muitas terras. Nada fez senão recorrer com ousadia às mesmas leis que permitiam que cooperativas formadas ora por ex-combatentes, ora pelos "vermelhos", ora pelas ligas camponesas "brancas" de dom Sturzo adquirissem em enfiteuse os latifúndios improdutivos ou mal aproveitados. Foi nessa época que Ferdinando Licata aumentou desmedidamente suas propriedades, tornando-se um dos maiores latifundiários da Sicília. Graças à fama de homem generoso e sábio, favorável a ceder terras aos camponeses, contrário à violência, não lhe foi difícil encontrar gente disposta a aceitar sua proteção. Para os camponeses, na maioria analfabetos, era um alívio ter alguém como ele dirigindo a cooperativa encarregada de distribuir as terras. Ele costumava repetir seus princípios básicos aos colaboradores mais fiéis: "Pego e deixo pegarem, como e deixo comerem". Que a ele coubesse o assado e aos outros comensais as migalhas, pouco importava numa sociedade onde era comum passar fome.

Naturalmente, essa atitude lhe causava fortes sentimentos de culpa em relação a seus conterrâneos. O príncipe Licata tinha um senso inato de justiça muito profundo e, por saber que contribuía para tornar a vida dos pobres ainda

mais miserável, desenvolvera não poucos sintomas e problemas físicos. O mais evidente era uma úlcera que o atormentava dia e noite fazia anos.

Sua primeira obra-prima de perícia mercantil-política foi realizada cerca de dois meses após a reunião do Palácio Cesarò. Foi precisamente dom Antonio Albamonte quem lhe deu a oportunidade de ingressar em uma das primeiras cooperativas camponesas sicilianas.

O reverendo pároco, para afastar suas "ovelhas" das seduções dos "vermelhos", empenhara-se em ajudar seus paroquianos a adquirir pequenos lotes de terra, seguindo as orientações do Partido Popular de dom Sturzo. Congregou um bom número de camponeses e criou uma cooperativa chamada Os Veteranos, embora muitos só tivessem participado da guerra ouvindo os relatos de algum amigo combatente.

O fato é que o empreendedor dom Antonio Albamonte pôs-se imediatamente em ação para encontrar uma propriedade que pudesse repartir com os associados. Alguns lhe aconselharam o ex-feudo Baucina, de propriedade de um certo Valguarnera, de origem catalã, com mais de mil hectares entre Castelvetrano e Santa Ninfa.

Todas as economias somadas dos sócios da cooperativa cobriam apenas uma parcela ínfima do valor pedido pela propriedade, mas fora suficiente para lhes garantir a opção de compra.

Dias depois, porém, surgiu uma segunda oferta para esse mesmo feudo, feita por um primo do marquês Pietro Bellarato, que Ferdinando havia conhecido durante a reunião no Palácio Cesarò. Se a cooperativa Os Veteranos não conseguisse honrar seus compromissos, isto é, encontrar a soma necessária para comprar a terra, valeria a oferta do sobrinho do marquês, por outro lado, decididamente inferior à dos paroquianos de dom Antonio.

Portanto, o sacerdote tinha de se apressar para conseguir o restante do valor combinado ou, no vencimento do prazo da opção, os camponeses perderiam suas suadas economias.

Dom Antonio então recorreu à Caixa rural, graças aos préstimos do bispo, que exercia um influente patronato sobre os administradores do banco. Num primeiro momento, parecia que o empréstimo sairia logo. Mas passavam-se os dias e as semanas: toda vez a concessão do empréstimo pela Caixa rural era adiada. E o prazo de vencimento da opção se aproximava, inexorável.

Os sócios entraram em pânico e o pároco não sabia como acalmá-los, a não ser aparentando tranquilidade e lembrando que ele também havia investido suas economias. Mas dom Antonio Albamonte estava seriamente preocupado.

Com certeza tramavam contra sua cooperativa. Foi então que lhe ocorreu pedir o auxílio do príncipe Ferdinando Licata.

Este atendeu de bom grado ao pedido de ajuda do pároco e aceitou entrar em Os Veteranos como sócio-protetor da cooperativa.

A primeira coisa que fez foi descobrir os motivos pelos quais o empréstimo da Caixa rural havia emperrado. Por intermédio de alguns "amigos", veio a saber que o próprio marquês Pietro Bellarato bloqueara o empréstimo, para favorecer a cooperativa cujo sócio-presidente era seu primo, também interessado na compra do ex-feudo Baucina. Faltavam dez dias para vencer o prazo da opção de compra. Tempo de fato insuficiente para levantar às pressas o capital necessário: dom Antonio demorara demais para lhe pedir ajuda. Como encontrar uma solução rápida e eficaz? Foi então que Ferdinando Licata decidiu enfrentar o problema diretamente na raiz, isto é, resolveu falar com o marquês.

Antes de mais nada, convocou seu fiel arrendatário Rosario Losurdo.

Rosario Losurdo, originário de Gangi, tinha começado como carreteiro, transportando mercadorias por todos os povoados das Madonie, quando o único meio de transporte ainda era a carroça siciliana. Rosario era infatigável: entre uma viagem e outra, permitia-se um curto descanso apenas para não derrear de cansaço os generosos cavalos. Quando não estava fazendo fretes, dava uma mão para os camponeses carpindo os campos, mas também era hábil com a colher de pedreiro, e deixara seu suor em mais de uma casa nas Madonie. O fato de percorrer a região lhe permitia conhecer os casos e a situação patrimonial de muitas famílias locais. Sabia da ansiedade daquela senhora nobre que, ano após ano, via a filha fenecer sem que nenhum bom partido se apresentasse para conhecê-la, mas conhecia também as ambições daquele rico tabelião que desejava um título de nobreza para o filho. Sabia onde estavam os animais que podiam ser furtados facilmente de seus legítimos donos ou porque tinham pouca vigilância, ou porque os pastores podiam ser corrompidos com algumas liras. Às vezes enviava-os aos matadouros clandestinos que abasteciam as fábricas de embutidos, outras vezes oferecia-se como intermediário entre os ladrões e os proprietários, para recuperar os animais em troca de uma comissão.

Fazia isso e aquilo para *fari vagnari u pizzu*. Na Sicília "fazia-se molhar o bico" com a oferta simbólica de um copo de vinho aos amigos que não haviam negado um favor ou que tinham feito um bom trabalho. Pois bem, *u pizzu* era a

unidade de medida dessas irmandades, aquela remuneração suficiente para "molhar o bico" em troca de proteção.

Graças a esses expedientes, Rosario Losurdo conseguira juntar uma boa quantia, que, com habilidade e algumas manobras não totalmente lícitas, soubera dobrar no espaço de poucos anos. Mas a circunstância que lhe mudara a vida foi o encontro com Rosita, a filha de um administrador das terras de Gibellina.

Ele a conhecera durante a festa de santa Rosalia em Palermo. Imediatamente gostaram um do outro. Rosario lhe oferecera uma *fuitina* e Rosita, mais fogosa do que ele, tinha aceitado.

Dizem que não foi premeditação de Rosario Losurdo: ele não visava à invejável posição do pai de Rosita, mesmo que, por muito tempo, as más línguas continuassem a jurar que fizera todos os cálculos. Mas a moça era muito bonita e de fato houve um grande amor entre eles. Logo a união foi alegrada por dois belos meninos, Michele e Donato, e por uma menininha, Mena, nascida um ano depois do segundo filho.

O encontro entre Losurdo e o príncipe Ferdinando Licata ocorreu antes de estourar a grande guerra. Foi um encontro realmente afortunado para ambos.

Uma das terras do príncipe era vizinha do feudo Asinomorto, do príncipe Bongiorno de Gibellina, um jovem descendente que ficara órfão na infância e que em pouco tempo se viu privado de grande parte de sua fortuna pela ganância do tutor e pela vida dissoluta que ele mesmo levava. Pela milésima vez, o jovem príncipe precisava de dinheiro com urgência, devido a algumas dívidas contraídas com gente desonesta. Assim, ofereceu ao príncipe Licata o feudo Asinomorto que fazia divisa com suas terras, ao preço de cerca de duzentas mil liras. Concordaram com o valor de cento e oitenta mil e marcaram encontro no tabelião. Na manhã do dia combinado, ocorreu um fato insólito. O idoso avô do príncipe, enquanto vistoriava suas terras de carruagem, foi atacado por alguns bandidos mascarados que o golpearam na cabeça e lhe roubaram tudo o que trazia: relógio, algumas liras e o anel da família. O velho príncipe sofreu um grande trauma craniano e foi imediatamente levado ao palácio, onde o príncipe já havia chamado o médico da cidade. Para não perder o acordo com Licata, enviara ao cartório um procurador especial, homem no qual confiava cegamente.

Mas, como se diz, todo homem tem seu preço: o procurador assinou o

documento de compra e venda fazendo acrescentar a cláusula de que Ferdinando Licata, como lembrança da feliz transação, se comprometia a entregar ao príncipe Bongiorno, em todos os meses de setembro dos nove anos seguintes, sete tortas de figos.

Na verdade, o procurador nunca recebeu o valor combinado, mas declarou em perjúrio que o guardara devidamente na casa do príncipe, numa gaveta de sua escrivaninha onde costumava esconder documentos e dinheiro, para não ficar andando com todo aquele dinheiro vivo. Bongiorno depositava uma confiança absoluta no procurador e, embora com muitas reservas, acabou por acreditar nele, mesmo porque o tabelião havia confirmado que houve a troca entre a escritura e o dinheiro, diante de seus próprios olhos. Bongiorno não conseguiu impedir que Licata se apossasse do feudo Asinomorto, mesmo não tendo recebido uma única lira por sua venda, e nos anos seguintes, quando chegava o mês de setembro, Licata nunca deixou de enviar ao príncipe sete tortas de figo, que inevitavelmente acabavam na gamela da pocilga, entre as pragas do ludibriado.

Desnecessário dizer que aquele procurador se chamava Rosario Losurdo, o qual, tempos depois, quando o avô do príncipe morreu e o jovem Bongiorno decidiu se estabelecer em Roma na casa de alguns parentes nobres, passou a trabalhar com Licata, como seu principal colaborador.

Graças àquela feliz transação, Losurdo recebeu dez hectares do antigo feudo como presente do príncipe Licata. Ao longo do tempo, consolidou-se entre os dois homens uma grande amizade.

O príncipe Licata, portanto, convocou Losurdo e lhe expôs o problema em linhas gerais.

— Antes, quero tentar convencer o marquês a se tornar meu amigo. A não criar dificuldades para a minha cooperativa... Mas, no caso de alguma incerteza, vou precisar de uma demonstração de força... Nada violento, você me conhece... Digamos que, nessa primeira vez, nos contentaremos com alguns animais. Faça com que roubem, esconderemos o gado por alguns dias, depois vou conversar e, se ele aceitar se retirar do negócio do feudo Baucina, devolvemos os animais.

— E se ele se recusar? — perguntou o administrador.

— Nesse caso, devolvemos as vacas, mas degoladas.

Sem piscar, Losurdo perguntou quem deveria fazer o trabalho.

— Bem, eu diria que Gaetano Vassallo é adequado para as duas tarefas.

Dom Antonio Albamonte estava seriamente preocupado com os camponeses da cooperativa. Todas as manhãs, na hora da primeira missa, um pequeno grupo representando os trezentos e noventa e cinco cooperados vinha pedir informações sobre seus investimentos. Para alguns, o dinheiro dado para o adiantamento correspondia a dez anos de sacrifícios. Só a ideia de vir a perder esse dinheiro se tornara uma obsessão para muitos deles.

Aquela manhã, depois de ter falado pela milésima vez com uma delegação de camponeses, dom Antonio foi ao palácio Licata para ter informações diretas do príncipe.

— Dom Antonio, fique tranquilo. Já lhe disse: é como se o feudo já estivesse em seu bolso. Na pior das hipóteses, todos os camponeses receberão o dinheiro de volta — disse Licata tentando tranquilizá-lo. — Já tem gente trabalhando por vocês.

— Falta pouco mais de uma semana para o vencimento — insistiu o reverendo.

— É tempo mais do que suficiente — mentiu o príncipe.

O fracasso do empreendimento seria uma catástrofe, não tanto pela perda das economias dos camponeses, mas pela péssima imagem que lançaria sobre o Partido Popular de dom Sturzo.

# 10. 1920
# Como nasce um bandoleiro

Rosario Losurdo já estava cavalgando fazia quatro horas, rumo a Portella de Pianetto, onde ficava, ele sabia, o acampamento de Vassallo e seus malfeitores.

Nas primeiras décadas do século, um grande número de bandos armados agia na Sicília sem ser molestado. Era a decorrência natural da imensa miséria a que estavam condenados pastores e camponeses desde o berço até o túmulo. Os mais insatisfeitos, desiludidos com sua existência, rebelavam-se e decidiam viver de saques e assaltos. A passagem para a ilegalidade muitas vezes derivava das injustiças cometidas pelas autoridades, pelos impostos iníquos, pelas taxas de arrendamento desproporcionais, pelas promessas jamais cumpridas dos políticos, pelos tabeliães de origem burguesa que se revelavam mais rapaces do que os próprios aristocratas.

A história de Gaetano Vasallo não era uma exceção a essa dramática regra. Quando criança, um dos cães de caça de seu patrão, perseguindo uma lebre, chegou até o casebre de sua família e entrou no cercado dos animais domésticos. A mãe procurou afastá-lo com um bastão, mas o cão pegou uma galinha e tentou fugir. A mulher conseguiu cortar seu caminho e, enquanto o animal tentava pular a cerca, com a força do desespero conseguiu atingi-lo no focinho, obrigando-o a soltar a presa. Em seguida, ele caiu no chão paralisado e a galinha, embora assustada, esvoaçou por cima do galinheiro e salvou suas penas.

Pouco depois chegou o patrão. Era um marquês, que, vendo seu cão agonizante no cercado, amaldiçoou toda a família de Gaetano. Infelizmente o pai estava trabalhando nos campos. No casebre estavam apenas a mãe e Geremia, irmão de Gaetano.

Naqueles tempos, um cão de caça valia mais do que um camponês. O marquês, fora de si com a perda do cão, começou a brigar com a mulher e

bateu nela com tanta violência que provocou o aborto do terceiro irmãozinho. Ela adoeceu para sempre e nunca mais se recuperou, sendo acolhida numa instituição de freiras, de onde saiu alguns anos depois num caixão.

Dois anos depois, o marquês foi atingido por um tiro de *lupara* que feriu e imobilizou definitivamente sua mão direita. Os carabineiros prenderam o pai de Gaetano Vassallo, e o juiz o condenou a dez anos de prisão por tentativa de homicídio, embora ele se declarasse inocente. Apenas alguns anos mais tarde, um velho da região confessou no leito de morte ter sido ele a disparar no odiado marquês devido a uma ofensa que sofrera, e, embora estivesse entregando a alma a Deus, o velhote declarou que se arrependia de não tê-lo matado.

Assim, o rapaz recuperou o pai, mas então o ódio pelos patrões, e por qualquer instituição que representasse o Estado, havia se enraizado tanto nele que seu único objetivo na vida era se vingar do mundo.

Gaetano Vassallo começou a vida de bandido roubando e assaltando todos os que tinham a infelicidade de cruzar seu caminho. Depois passou para a extorsão, muito mais segura e rentável do que os assaltos. Mandava uma carta simples de solicitação ao desafortunado, um administrador, um procurador ou um coletor, e esperava que o pagamento chegasse. Quando a vítima apresentava resistência, ele iniciava a represália. Às vezes dizimava animais, outras vezes ateava fogo aos feixes de feno ou aos depósitos com as colheitas recém-feitas. Em raríssimas ocasiões as vítimas reagiam, o que só acontecia porque ainda não tinham ouvido falar dele. Em meio a toda essa atividade, Vassallo havia encontrado tempo para se casar. O encontro com a futura mulher se dera numa fazenda de amigos.

A casa era isolada, perdida nos campos de Ravanusa, e constituía um esconderijo ideal. Depois da milésima extorsão, a qual, porém, resultou num carabineiro ferido, Gaetano Vassallo decidiu se refugiar naquela fazenda. Lá encontrou a jovem filha de seus hospedeiros: Teresa, uma jovem de vinte anos que vivia praticamente reclusa naquele lugar, passando semanas inteiras sem encontrar ninguém de sua idade. A chegada de Vassallo, homem no auge da maturidade, foi uma grande emoção para ela. Mesmo o relato da vida aventurosa do bandido, tão desregrada, exerceu um fascínio sedutor sobre a

jovem. Em suma, ela viu no rude bandoleiro um príncipe encantado, a realização de um belo sonho de amor.

A bem da verdade, Gaetano foi honesto com ela. Disse-lhe sem rodeios que a relação dos dois não tinha futuro. Não poderiam viver juntos, ele era um fugitivo, precisava se mudar constantemente. Se a justiça o alcançasse, poderia ser condenado a trinta anos de prisão.

Vassallo, naquela época, conhecia apenas a meiguice da moça, e não sua teimosia. O fato é que Teresa não só quis se casar com ele como também teve dois filhos, com um ano de diferença: o mais velho, Jano, e o outro, Giovanni. Agora Teresa estava grávida de novo, mas dessa vez esperava gêmeos, de acordo com Peppino Ragusa, o médico municipal de Salemi.

Gaetano Vassallo tinha estabelecido seu quartel-general nos montes e vales que ficavam entre Monte Polizzo e Montagna Grande. Era um território de matas densas, interrompidas por precipícios súbitos e canais profundos. Impossível de atravessar se a pessoa não tivesse nascido naquela região. Vassallo e seu bando conheciam todas as ravinas, todos os recessos daquele território e o percorriam de cima a baixo em cavalos velozes. Faziam incursões por Calatafimi, Vita, Ummari, Mendola. Abasteciam-se de víveres, impunham taxas e tributos e distribuíam uma parte de seus ganhos entre os camponeses e pastores mais miseráveis, que, em troca, os mantinham informados dos movimentos dos carabineiros e, quando necessário, davam-lhes refúgio.

O encontro entre Losurdo e Vassallo se deu no refúgio de Portella del Pianetto. O abrigo era uma simples reentrância na montanha, que formava uma espécie de gruta e dominava a escarpa. Gaetano Vassallo inspirava medo só de olhá-lo. A barba comprida e desgrenhada escondia os traços do rosto. O casaco de pelo de carneiro o protegia do frio.

— Gaetano, o príncipe Licata tem um favor a lhe pedir — começou Rosario Losurdo depois de lhe apertar a mão e sentar ao lado do fogo.

— Nunca recusei um favor ao príncipe, você sabe. É um homem justo e, para mim, é uma honra trabalhar para ele — respondeu acendendo um charuto toscano, retirado do envelope que Losurdo lhe estendera e que acabou no bolso de seu casaco de couro.

— Trata-se do marquês de Campo Allegro. — O administrador queria antes avaliar sua reação.

— Quem? O marquês Bellarato, aquele grande desgraçado? — exclamou seco o bandoleiro, soltando uma nuvem de fumaça.

— Ele mesmo.

— Então finalmente chegou a hora do marquês?

— Não, não, não precisa matá-lo — apressou-se em esclarecer Losurdo. — Seria bondade demais... basta que você pegue alguns animais. Deve escondê-los por alguns dias, e depois eu lhe digo se é para devolver ou degolar todo o rebanho.

Todos os homens que se encontravam no acampamento nessa ocasião participaram da conversa. Vassallo não tinha segredos com seu bando. Dois ouviam com especial interesse o pedido do administrador do príncipe Licata: Curzio e seu irmão Salvatore Turrisi. Este último era um pobre camponês de vinte e cinco anos que se juntara ao bando de Vassallo por causa do marquês Bellarato.

Salvatore Turrisi tivera o azar de medir sua palavra contra a do marquês e naturalmente fora derrotado. Até algum tempo antes, Turrisi tinha sido um de seus capatazes. Devia cuidar dos mal-intencionados e dos caçadores no feudo Balestruccio, que o marquês reservava para a caça. Salvatore Turrisi era ótimo caçador, de mira infalível, e por isso o marquês o escolhera como guarda-costas. Graças a esse trabalho, vivia dignamente e era grato ao marquês.

Um dia, Salvatore Turrisi vagava pelo bosque San Michele atrás de faisões, quando encontrou o cavalo do marquês pastando sozinho num desfiladeiro, as rédeas pendendo do freio, a sela bem presa. Mas Bellarato não se encontrava nas proximidades. Imediatamente Turrisi imaginou que o marquês tivesse caído; a leve brisa do poente lhe trouxe sons de gritos e lamentos. Ele apurou o ouvido e reconheceu a voz do marquês. Subiu na colinazinha, entrando na mata fechada onde, no alto, abria-se uma clareira verdejante, cercada de carvalhos. No centro da clareira, Turrisi viu uma cena que jamais deveria ter visto.

Tomado de fúria, o marquês, massacrava a chicotadas um jovem pastorzinho de não mais de doze anos, completamente nu. O menino estava no chão e não podia se defender. O marquês continuava açoitando aquele pobre corpo, já irreconhecível pelas chagas, pelas marcas do chicote e pelo sangue.

Instintivamente Turrisi se lançou a galope na direção do marquês, saltou do cavalo e o segurou por trás, tentando afastá-lo do menino.

Bellarato urrava como uma fera e tinha a boca empastada de saliva e sangue; contorcia-se para se libertar dos braços de Turrisi, que não o soltava e lhe gritava que se acalmasse. Após um último estremecimento, à mercê de uma força contra a qual não podia opor resistência, finalmente o marquês se abandonou como que desmaiado. A atenção de Salvatore foi atraída, então, pelos leves lamentos do jovenzinho. Alguns metros adiante, viu suas pobres roupas, uma camisa surrada e uma calça, toda a roupa que tinha para se proteger contra o rigoroso frio da montanha.

Erguendo os olhos, como numa visão irreal, Turrisi viu em torno de uma macieira silvestre um rebanho de ovelhas reunidas num silêncio perfeito, ao abrigo da sombra circular da arvorezinha. Aproximou-se do jovem pastor para tentar socorrê-lo. Mas logo notou que não havia mais esperanças. Estava prestes a se levantar e ir buscar uma garrafa de água, quando viu surgir por trás de suas costas o cano de uma espingarda de caça. Não teve tempo de se recuperar da surpresa. O marquês apontou a espingarda para o rosto do jovem pastor e disparou um tiro. O rosto da criança estourou em mil pedaços, um jorro de sangue atingiu o rosto e o peito de Turrisi. O marquês jogou a arma no chão, depois montou no cavalo de Turrisi e partiu a galope, seguindo a trilha que descia para o vale.

Ele ficou sozinho, paralisado de horror. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que certamente perderia o emprego. Com o marquês na prisão, as terras ficariam abandonadas e não precisariam mais dele na fazenda. Pensou depois no pobre rapazola. Foi até o cavalo do marquês, mais abaixo no desfiladeiro, esperando que houvesse um cobertor na sela. De fato havia. Voltou à clareira. Cobriu o jovem e o colocou no cavalo. Apanhou sua espingarda do chão e se preparou para voltar à casa da fazenda com aquele triste fardo.

O sol já estava baixando no horizonte. À distância viu um redemoinho de pó se levantar da vereda. Parou para observar quem tinha tanta pressa e pouco depois sua curiosidade se transformou em horror.

A pleno galope vinha seu irmão Curzio. Um minuto depois já o alcançara. Os dois desapearam.

— Salvatore! — gritou Curzio com lágrimas nos olhos. Depois notou o fardo na garupa do cavalo e foi levantar a coberta, descobrindo uma perna ensanguentada. — Mas então é verdade! É verdade!

Salvatore Turrisi ainda não entendera bem o inferno que estava para atingi-

lo.

— Você já soube? — perguntou.

— Quero ouvir de você, antes que os carabineiros te levem embora — recomeçou a gritar com o irmão, agitando freneticamente os braços. — Salvatore, é verdade que você matou esse pastorzinho? Por quê? Por quê?

Turrisi começava a entender.

— Mas o que você está dizendo? Foi o senhor marquês! Foi ele! Quem te contou uma mentira dessas? — E agarrou o irmão pelo colarinho, aguardando a resposta.

— Os carabineiros estão à sua espera na casa da fazenda. Ele disse que você antes o massacrou a chicotadas e depois deu um tiro à queima-roupa.

Turrisi entendeu que estava perdido. Dessa vez não tinha saída. Sua palavra não valia nada, enquanto a do marquês era evangelho. A única coisa que conseguiu dizer ao irmão foi:

— Não fui eu... juro pela minha honra.

— Que Deus o abençoe! Eu sabia! Sabia que você não seria capaz de certas coisas. — Curzio o abraçou num ímpeto, quase o derrubando, e o beijou repetidamente no rosto. — Se você tivesse feito isso que o marquês contou, nossa mãe morreria.

— Foi o marquês... tentei impedi-lo... — Salvatore procurava se justificar.

Mas o irmão já pensava no próximo passo.

— Você precisa fugir, precisa se esconder nas serras. Os carabineiros têm serviço demais para fazer, não vão perseguir um desesperado como você. — Abraçou-o mais uma vez. — Deixe o corpo do rapaz aqui e vá embora. Junte-se com Vassallo, se não quiser acabar fuzilado... Salvatore, meu irmão... e assim você também...

Curzio estava realmente angustiado: anos antes, também acontecera com ele uma injustiça semelhante e fora obrigado a se juntar ao bando de Vassallo a fim de evitar longos e injustos anos de prisão. Naquela época, era uma encrenca se indispor com um aristocrata.

— Vassallo está nas serras da Montagna Grande, no município de San Giorgio. Diga que fui eu que te mandei e explique tudo detalhadamente — instruiu-o Curzio, ajudando a colocar o cadáver no chão.

Salvatore Turrisi, com o coração em tumulto, voltou a montar no cavalo. Com um puxão nas rédeas deu a volta e, depois de se despedir do irmão com um aceno de mão, tomou o caminho das montanhas, amaldiçoando o marquês Bellarato e toda sua estirpe...

Gaetano Vassallo, sempre em busca de proteção, ficou muito satisfeito em prestar aquele favor ao príncipe Licata. Não tinham se passado quarenta e oito horas desde o encontro com Losurdo, e o bandoleiro se apresentou com quinze homens no Baglio di Buturro. Ali os lavradores reuniam no outono uma parte do gado do marquês Bellarato, para passar o inverno. Ninguém ousou se opor, e para Vassallo e seus homens apropriar-se das vacas foi como um piquenique.

Naquelas mesmas horas, Ferdinando Licata subia a escadaria do palácio do marquês Bellarato em Salemi. O marquês sabia do envolvimento de Licata com a cooperativa Os Veteranos e intuíra o motivo de sua visita.

— Caro marquês, venho no papel de embaixador — começou Ferdinando Licata depois dos cumprimentos de praxe —, portanto não tome minhas palavras como afronta pessoal.

— Sabe como dizem na minha terra, príncipe? — rebateu zombeteiro o marquês. — Quem te agrada demais ou está te enganando ou já te ferrou.

Ferdinando Licata não respondeu à vulgaridade e continuou sério:

— Cerca de trezentos e noventa camponeses investiram as economias de toda uma vida para comprar o ex-feudo Baucina. Será uma pena eles não conseguirem coroar seu sonho de serem proprietários daquele pedaço de terra.

— Mas, príncipe Licata, desde quando o senhor se interessa pelo bem-estar dos camponeses? — perguntou, cáustico, o marquês.

— Desde que eles começaram a tomar consciência de que também são seres humanos — especificou Ferdinando, que, abaixando a voz, prosseguiu com um tom confidencial: — E também para dar fé ao acordo do Palácio Cesarò.

Então, buscando a cumplicidade do marquês, concluiu:

— Ouça, vamos ceder alguma coisa hoje, para não renunciar a tudo amanhã.

— Não concordo com suas teorias. Somos nós os donos da terra, o resto não conta. Nunca acreditei no que ficou decidido no Palácio Cesarò. — O marquês tinha ideias bastante claras sobre a propriedade das terras.

— Marquês, as pessoas que eu represento estão muito decididas a não perder seu dinheiro. Elas me disseram que são capazes de qualquer ação, mesmo no limite da lei. Marquês, acredito que neste momento elas se apoderaram de todo o gado do Baglio di Buturro.

O marquês deu um pulo. Naquele instante, ouviram-se toques furiosos da campainha e batidas no portão. Uma voz da rua gritou:

— Abram!

Sincronia perfeita, pensou o príncipe Licata.

O marquês, enfurecido como um marido que acaba de descobrir a mulher na cama com seu melhor amigo, deixou o salão.

Ferdinando Licata aproximou-se da janela e espreitou o que estava acontecendo na rua. Um homem gesticulava e explicava ao marquês o que acontecera poucas horas antes em Baglio di Buturro. O marquês não abriu a boca, mas cerrou os punhos até doerem os dedos. Depois deixou o homem e voltou a entrar na mansão. Ferdinando Licata viu o mensageiro montar no cavalo e se afastar a galope. Voltou a se sentar na poltrona, e pouco depois o marquês irrompeu na sala.

Bellarato parou diante dele e o interpelou:

— Príncipe Licata, qual é o limite dessa chantagem?

— Já lhe disse. Sou apenas um embaixador. — Licata ostentava uma calma angelical. — Simplesmente me pediram que lhe rogasse para retirar a precedência sobre o ex-feudo Baucina. O feudo acabará complicando a vida de seu primo e a sua também. É grande demais e está quase todo abandonado. Para fazer qualquer melhoria, o senhor iria precisar de muito dinheiro... e neste momento nem o senhor marquês nem seu primo têm muitas moedas em caixa. Ouça-me, estimo sua pessoa e sei que sabe ser prático. Se fizer a gentileza de se retirar do negócio, conseguirei que lhe devolvam o gado são e salvo.

Depois de uma pausa, concluiu:

— Aconselho-o a ser razoável.

O marquês explodia de raiva. Tinha vontade de pegar o príncipe a pontapés, mas conseguiu se conter.

— Bastardos miseráveis, desgraçados, ignorantes, mortos de fome, querem dizer a mim o que devo e o que não devo fazer? Mas como se atrevem a dar ordens ao marquês Pietro Bellarato? Não aceito ordens de ninguém, de ninguém! Ainda menos de um bando de mafiosos! Príncipe, como o senhor pôde se prestar a esse jogo?! Vou denunciá-los a todos, denunciá-los ao chefe dos carabineiros...

Ferdinando Licata deixou escapar um sorriso.

— Deixemos as forças da ordem fora disso, elas já têm dores de cabeça demais para resolver.

— Mas jamais renunciarei a Baucina. Pode dizer a seus protegidos que o feudo será meu. — Ele se aproximou de Licata. — Nunca vão conseguir obter o valor integral no prazo. A Caixa rural não conseguirá lhes fornecer o empréstimo em uma semana.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou o príncipe, dessa vez seriamente preocupado.

Pietro Bellarato se levantou e a sombra de um riso se esboçou em seu rosto. Respondeu em tom enigmático:

— Eu sei.

Ferdinando Licata percebeu que a conversa não estava trazendo nada de concreto. Levantou-se da poltrona.

— Acho que nossa conversa deve terminar por aqui. Sinto muito... não por mim, mas pelo senhor.

E dizendo isso dirigiu-se à saída, sem se despedir do anfitrião.

Bellarato observou o príncipe se afastar, espantado de como a conversa havia sido interrompida, e ficou preocupado.

— O que pensam em fazer comigo?

Ferdinando Licata parou na porta. Virou-se e disse:

— O marquês não faz ideia do que uma mente desesperada é capaz de conceber. E quando se trata de trezentas e noventa e cinco mentes, pode haver um verdadeiro terremoto. Não sei o que eles pretendem fazer, não me contaram. Sei apenas que o senhor marquês vai sair em frangalhos, economicamente falando.

— Quanto quer para detê-los? Agora, já, quero dizer. — O marquês avançou até o centro da sala.

— Marquês, dei-lhe a impressão de ter vindo esmolar algum escudo de ouro?

Ferdinando Licata adotou um tom gélido e seus olhos se cerraram como duas fendas. Depois retomou:

— Vou fazer de conta que não ouvi, porque vejo que o senhor está longe da graça de Deus. — E depois de dizer essas palavras, desapareceu da vista do marquês.

# 11. 1920
# Quem nasce e quem morre

Jamais as palavras do príncipe foram tão proféticas. Vassallo recebeu ordens de degolar todas as cabeças de gado de Pietro Bellarato, marquês de Campo Allegro, e de incendiar o depósito de provisões.

Naquela noite, o céu despejou um aguaceiro e Vassallo, com seis de seus homens de maior confiança, teve muito trabalho para atear fogo aos galpões. Tiveram de recorrer a cinco baldes de gasolina. Depois de várias tentativas, as chamas finalmente pegaram nas traves de madeira e na palha, conseguindo derrotar o aguaceiro.

Gaetano Vassallo e seus bandidos assistiam satisfeitos à proeza quando Geremia, o irmão mais velho de Vassallo, chegou a galope. Avisou ao irmão que sua mulher Teresina estava para dar à luz os gêmeos. A parteira estava em Palermo, precisavam recorrer ao médico de Salemi, e não havia tempo a perder. Gaetano Vassallo montou de um salto no cavalo, deixando seus companheiros, e correu a Salemi para buscar o médico do município, Peppino Ragusa.

A casa onde Teresina morava com os dois filhos ficava a poucos quilômetros da cidade. O bandido não se preocupou em ser visto pelos carabineiros, que, de qualquer forma, raramente faziam rondas noturnas, preferindo a segurança da chefatura. Além do mais, chovia torrencialmente como não ocorria havia meses, e isso favoreceu seus movimentos.

Quando chegou em casa com o médico, Teresa já estava no limiar de suas forças. Os dois filhos, Jano e Giovanni, ficaram escondidos debaixo da mesa, apavorados com os gritos da mãe. Teresa, já sem o líquido amniótico, não conseguia expulsar os dois bebês. Peppino Ragusa entendeu imediatamente a gravidade da situação. Precisava fazer uma cesariana, mas as condições de higiene do casebre eram no mínimo precárias. Não havia nem um carrinho

para levá-la ao posto médico de Salemi e, de qualquer maneira, chegariam tarde demais. Pesando tudo, tomou uma decisão confiando na sorte, mas a sorte já havia esquecido o endereço daquele casebre fazia um bom tempo. Mandou ferver os instrumentos, trazer lençóis e ordenou a Vassallo que ficasse a seu lado. Pouco depois, chegou o irmão de Gaetano, Geremia, que pegou Jano e Giovanni e levou-os para o quarto ao lado. Vassallo tinha se aproximado da mulher e lhe dizia para ter mais um pouco de paciência que logo acabaria... ao mesmo tempo, pedia ao médico que se apressasse.

Peppino Ragusa, com apenas trinta e quatro anos, já ajudara a nascer quase metade da população da cidade e enfrentara situações semelhantes... infelizmente, amiúde com resultados desastrosos. Sentia que, agora também, as coisas não iriam caminhar como deveriam; de fato, pouco depois de iniciar a incisão, Teresa deu um gemido e entregou a alma a Deus. Vassallo entendeu imediatamente o que tinha acontecido. Devido à sua grande experiência com a morte, era um exímio conhecedor dela. Um grito saiu de seu peito. Seu irmão Geremia abraçou Jano e Giovanni, e cerrou os olhos, desolado. O menor começou a chorar, enquanto Jano se soltou do abraço desesperado do tio e corajosamente foi à porta para ver o que estava acontecendo. Viu o pai segurando o rosto da mãe. De costas, o médico tinha acelerado os movimentos para salvar pelo menos as duas crianças. Ainda tinham alguns segundos de autonomia, depois também morreriam, de asfixia.

Peppino Ragusa acabou de fazer a incisão no ventre do pobre cadáver e por fim retirou da placenta o primeiro recém-nascido. Ergueu-o pelos tornozelos, segurando-o de ponta-cabeça. Com uma leve batida nas costas e outra no peito, ajudou o bebê a respirar, depois limpou o muco do nariz e da boca. Envolveu-o num pedaço de lençol e gritou para que Vassallo o segurasse. O bandido, como que atordoado, soltou a mulher que cobrira de beijos e pegou nos braços aquele farnelzinho que chorava. Não sabia se odiava aquele montinho de carne que custara a vida de sua mulher ou se o adorava como um Deus-menino. O médico se concentrou no outro recém-nascido, que já não dava sinais de vida. Percebeu que era uma menininha. Apressou-se em cortar o cordão umbilical, depois repetiu as operações já realizadas com o gêmeo. Então fez uma massagem cardíaca, soprou em sua boca e um instante depois, como por milagre, a segunda recém-nascida começou a respirar e a chorar.

Então o dr. Ragusa viu Jano, o irmãozinho mais velho, escondido atrás da perna da mesinha. Chamou-o com brandura, para que não ficasse ainda mais assustado do que já estava. Fez um sinal para que pegasse nos braços a

irmãzinha que acabava de nascer. Jano se aproximou e o médico pôs em seus pequenos braços a desventurada irmãzinha.

Agora tinha de pensar na mãe. Infelizmente, pôde apenas constatar a morte. Costurou o talhe da cesariana e cobriu o belo rosto com o lençol.

Quando Vassallo viu o gesto definitivo, levantou o filho para o alto e, com um rugido de timbres desumanos, amaldiçoou a si mesmo e a toda a raça humana que permitira aquele horror.

Aquele urro feroz permaneceu nos ouvidos de Jano pelo resto de sua vida infeliz.

Os dias se passavam inexoráveis e da Caixa rural não chegava nenhuma instrução sobre a liberação do empréstimo à cooperativa Os Veteranos. Dom Antonio estava cada vez mais preocupado e agora, perto do prazo de vencimento da opção, não tinha esperanças de poder honrar a dívida moral que assumira com os trezentos e noventa e cinco camponeses. Como se justificaria se não conseguissem pagar o preço combinado? Tinha depositado todas as suas esperanças na influência de Ferdinando Licata, mas ela não fora suficiente. Algo ou alguém freara a tramitação burocrática do processo. No entanto, o príncipe lhe havia garantido que a Caixa rural era de alguma maneira operada por amigos dele.

Naquela manhã, Licata também o persuadira de que tudo ia se resolver a seu favor. Apesar de faltarem apenas cinco dias para o vencimento, o príncipe emanava uma certeza tão insopitável que conseguia infundir tranquilidade mesmo nos interlocutores mais pessimistas, embora na verdade não dispusesse de nenhum trunfo.

Enquanto isso, o marquês Bellarato, durante uma das cavalgadas por suas terras à caça de veação e de prestativos pastorezinhos, tinha cruzado com Ninì Rizzo, o parlamentar republicano que já vira na casa dos Colonna durante a famosa reunião no Palácio Cesarò.

Rizzo cavalgava com seu capataz, caçando perdizes. Viu o marquês à distância e se aproximou dele com uma exclamação de reconhecimento. O capataz manteve-se à distância e assim permaneceu durante todo o encontro, que nunca se soube se foi casual ou arranjado com perseverança.

— Marquês, eu soube o que os bandoleiros lhe fizeram — começou Rizzo, pondo-se ao lado de sua jovem égua. — Creio que o senhor tem razão em insistir no tratamento forte.

— Fico contente em ouvir isso, deputado — respondeu Bellarato cauteloso. — Exterminaram meu gado inteiro e incendiaram o depósito.

— Não podemos mais tolerar essa barbárie. — Rizzo foi enfático.

— Mas vocês, em Roma, o que dizem? — provocou-o diretamente o marquês.

— Roma está longe, caro Bellarato — respondeu o deputado. — Mas quero lhe mostrar que há gente pensando em nós. Mandarei vir unidades especiais para investigar o incêndio e localizar os responsáveis, está bem?

— Não esperava tanto.

— É preciso dar o exemplo, eles devem entender que aqui não há lugar para a anarquia e os subversivos — continuou o político.

Ficou em silêncio por alguns segundos, depois perguntou:

— Em todo caso, marquês, o senhor poderia ser menos inflexível com os amigos.

Bellarato ficou na defensiva:

— O que quer dizer? Que amigos?

— Resumindo, se hoje eu lhe faço um favor, espero que me considere um amigo, não sei se estou sendo claro.

— Não consigo acompanhá-lo — respondeu o marquês.

— No entanto é simples. Devemos estar unidos. — E por fim foi ao nó da questão: — Por que não retira a oferta para o feudo Baucina? Aquilo é só pedra, ali um nabo não cresce nem enfiado à força. E, depois, não serve a ninguém criar questões por nada.

O marquês Bellarato finalmente entendeu o motivo do encontro. Perdeu todo o ar diplomático e lhe perguntou com rispidez:

— Foi o príncipe Licata que o mandou?

O deputado sentiu-se atingido.

— Mas, Bellarato, não é assim que se fala entre cavalheiros. Ninguém manda em mim, ponha isso na cabeça.

Dizendo essas palavras e tocando com dois dedos a aba do chapéu, afastou-se a galope, sempre seguido à distância pelo capataz.

Faltavam apenas dois dias para vencer o prazo da opção de compra da

cooperativa Os Veteranos e obter a posse do antigo feudo Baucina. Naquela manhã, a maioria dos trezentos e noventa e cinco associados se reuniu na frente da prefeitura de Salemi, perto da Caixa rural. Naquela época, na Sicília e em toda a Itália o desemprego não poupava nenhuma família. Os lavradores e os meeiros, apoiados pelas ligas socialistas e pelo Partido Popular, cruzavam os braços. Os mais empreendedores disputavam qualquer pedaço de terra que pudessem obter ilegalmente. Depois, quando o decreto Falcioni de abril de 1920 determinou que as terras ocupadas de forma abusiva antes daquela data passariam a pertencer legitimamente a seus ocupantes, não só os proprietários rurais assim como os administradores mais esclarecidos declararam que aquela renúncia à legalidade era uma injustiça com todos os que haviam respeitado a lei. Mas, acima de tudo, sustentavam que era muito perigoso apoiar o conceito de que a revolta armada às vezes podia "valer a pena".

Naquela manhã, na frente da prefeitura de Salemi, junto com os trezentos e noventa e cinco Veteranos estavam também os representantes de outra cooperativa, A Agrícola, apoiada pelo Partido Socialista e em especial por um delegado do partido, um advogado chamado Nicola Geraci, de Petralia Sottana. Eles também reivindicavam a posse de uma área para ser distribuída entre todos os associados.

O prefeito, vendo a praça cheia de gente, mais apinhada e ruidosa do que na Páscoa, começou a se preocupar seriamente. Os quatro carabineiros lotados na cidade naquele dia estavam nos campos, cuidando de várias incumbências, e o quinto não podia abandonar a chefatura.

Não sabendo mais a que santo recorrer, o prefeito teve a ideia de fazer intervir *u patri*. O príncipe Licata, entre todos os aristocratas da zona, era o mais próximo da população. Talvez conseguisse dominar a multidão. Ferdinando não se fez de rogado e pouco depois chegou à prefeitura montado em seu cavalo castanho. Alguém soltou assobios de protesto, mas os outros o calaram.

O prefeito explicou-lhe a situação e, com sua calma habitual, Licata o tranquilizou.

Alguns minutos depois, fez entrar na Sala do Conselho uma representação das duas cooperativas. As cadeiras principais foram ocupadas pelo prefeito e por todos os seus assessores. No centro da tribuna, de pé, estava Ferdinando Licata. Quando finalmente todos ficaram em silêncio, o príncipe começou a falar.

— Bem, amigos. Chegou o tempo da justiça. Muitos de vocês foram para a guerra, e a muitos de vocês devemos a vitória. Portanto, vamos nos colocar de acordo e façamos esse bendito socialismo.

Os camponeses não acreditavam no que estavam ouvindo. Muitos concordaram com satisfação, alguns velhos enxugaram os olhos.

Depois de uma breve pausa para lhes permitir assimilar o que havia proposto, Ferdinando prosseguiu:

— Agora, vou chamar um por vez. Você — disse, dirigindo-se ao secretário —, pegue o caderno de atas e comece a escrever.

Depois voltou a falar à assembleia:

— Então comecemos logo, porque são muitos. — Apontou o indicador para o camponês mais próximo. — Venha você.

O homem, um camponês queimado pelo sol, de uns quarenta anos, se aproximou com certa hesitação.

— Diga o seu nome.

— Alvaro Di Paola, filho de Giuseppe — respondeu quase balbuciando.

O secretário olhou para o prefeito aguardando seu consentimento, que não tardou a chegar, e em seguida começou a escrever no caderno.

Nesse momento a palavra coube a Nicola Geraci, o representante do Partido socialista. Era ousado e seguro de si.

— Perdoem, mas para que serve tudo isso? É um novo censo?

— Tenha paciência, senhor Geraci — interveio o prefeito, que tinha entendido aonde o príncipe queria chegar —, deixe o senhor príncipe prosseguir, pois aqui dentro todos confiamos nele.

— Então, Alvaro — retomou o príncipe —, diga o que possui, se tem casa própria, se os animais, a vinha, o olival, são seus, em suma, descreva tudo o que tem.

Alvaro Di Paola ficou desconcertado e desconfiado, como todos os camponeses quando lhes perguntam o que possuem... aquele interrogatório parecia uma armadilha.

Contudo, respondeu diligentemente:

— Sim, a casa é minha. Tenho seis outeiros com vinhedos e vinte oliveiras... tenho também duas vacas, uma jumenta e um asno, nada mais — apressou-se em dizer.

— Secretário, anotou tudo? — perguntou Licata, e o secretário assentiu com a cabeça. — Bem. Aproxime-se outro.

Os camponeses se apresentavam disciplinadamente diante do príncipe e declaravam seus bens.

A reunião prosseguia havia alguns minutos, quando Nicola Geraci fez outra interrupção:

— Mas esperem um momento... essa história não está me agradando.

Dessa vez, porém, acercou-se de Licata como que para enfrentá-lo de igual para igual.

— Por que está colhendo todas essas informações? Na minha terra se diz: onde está o embuste? — E riu, imitado por alguns outros.

Ferdinando Licata permaneceu impassível.

— Não devemos fazer o socialismo? A primeira coisa é registrar no livro as propriedades de todos os sócios, depois fazemos as contas e dividimos em partes iguais, segundo o que é justo. Pode ser que alguém que tenha duas vacas precise dar uma delas a quem não tem nenhuma, e alguém que tenha dez oliveiras precise ceder três a quem só tem quatro, para que cada um fique com sete oliveiras. Isso é socialismo.

Todos os presentes foram tomados pelo desconforto.

— Então essa era a ideia do socialismo? — vários homens perguntaram a seu vizinho.

No centro da sala um velho camponês exclamou:

— Mas assim eu não gosto. Se o socialismo for isso, eu vou embora.

Todos concordaram com ele.

— Assim não é bom... Tirem meu nome do registro...

— O meu também...

Em suma, aquele dia foi um grande foge-foge da revolução socialista.

Nicola Geraci estava desmoralizado. Todos os esforços para convencer aqueles homens a se unir foram em vão. Com os olhos transbordando de ódio, dirigiu-se ao príncipe Licata com palavras duras:

— O senhor se acha muito esperto, não é, príncipe? Saiba que gente como o senhor está com os dias contados. Com gente de sua espécie, não temos mais o que fazer: na Rússia enforcamos nos postes.

Girou sobre si mesmo e saiu do Conselho Municipal seguido pelos olhares de compaixão dos presentes, que viam nele um morto-vivo.

# 12. 1920
# A dificuldade de morrer

Naquela tarde, o marquês Pietro Bellarato voltou antes do horário normal à sua mansão, no bairro mais antigo de Salemi. Estava irritado e de mau humor. Na hora do almoço, como vinha lhe acontecendo cada vez mais nos últimos meses, sentia a cabeça invadida por um turbilhão de imagens que o levavam a buscar emoções cada vez mais fortes e extremas. Começava então a se impacientar, a bocejar, mas não queria dormir, era mais falta de oxigênio, era algo que o obrigava a montar no cavalo e a se lançar em suas propriedades em busca de alguém que pudesse saciar seus desejos loucos.

Os pastorezinhos, de início, julgavam uma honra satisfazer o patrão, mas, depois que ele começara a lhes fazer mal, escondiam-se tão logo ouviam à distância o galope de seu cavalo. Abandonavam o rebanho e corriam para se refugiar entre as rochas e os desfiladeiros aonde o cavalo não conseguia chegar. Apavorados, viam-no perambular para a frente e para trás como um lobo esfaimado perto do rebanho, à procura deles. O marquês chamava com longos assobios, gritando com a boca empastada de poeira e saliva. Maldizia-os, porque deviam estar guardando as ovelhas.

Depois, entendendo que não iriam aparecer, com a cabeça explodindo, arremetia a galope rumo a outra área, na esperança de encontrar um submisso no qual pudesse dar vazão a seus instintos. E se encontrasse algum desafortunado, este pagaria por si e pelos outros que tinham sido mais espertos.

Sem lhe faltar com o respeito, mas com decisão, os capatazes haviam avisado o marquês de que corriam boatos perigosos sobre ele. Conversas que fariam estourar algum "sangue quente". Mas Bellarato era demasiado seguro de si e de seu poder: ninguém poderia detê-lo, nem mesmo o papa.

Aquela tarde, portanto, era uma daquelas em que não pudera satisfazer seus desejos obscenos. Serviu um pouco de Marsala num copo, depois se atirou

no sofá, exausto pela longa cavalgada. Bebericou o licor e abandonou a mão no braço do sofá.

Tosco, o doméstico que crescera junto com ele, reavivou o fogo da lareira e lhe perguntou se ainda precisava dele ali. O marquês, porém, não respondeu. O fiel criado aprendera quando devia sumir das vistas do patrão. Tosco saiu do salão abanando a cabeça. Estava furioso com a degradação daquele homem. Amargava-lhe a alma vê-lo naquele estado. Mas não podia fazer nada contra a loucura que o acometia cada vez mais nos últimos tempos. Se o velho marquês seu pai o visse, morreria do coração...

Bellarato fechou os olhos e caiu em um profundo torpor. Quando reabriu as pálpebras, não conseguiu situar imediatamente seu espírito e precisou fazer um esforço de memória para se lembrar que não era de manhã, e sim o final da tarde. Olhou diante de si e... viu uma figura negra, completamente coberta por um manto, o capuz abaixado sobre o rosto.

Assim que o marquês viu o desconhecido, inclinou-se para ele, assustado. Então o sujeito misterioso tirou o capuz e se mostrou.

O marquês o reconheceu e relaxou.

— Ah, é você... — murmurou afundando-se novamente no sofá. — Por que está aqui?

Em seguida se deu conta de que aquela visita inesperada entrara no gabinete sem ter sido anunciada pelo mordomo. Não terminou o pensamento, pois de repente a figura tirou uma longa faca de dentro da capa e se pôs imediatamente sobre o marquês, tentando segurar-lhe os braços. Este, porém, se desvencilhou e correu para a porta. O homem, entretanto, foi mais rápido e num salto deu-lhe um empurrão, fazendo-o rolar diante da lareira. Bellarato escorregou para trás, procurando algo com que pudesse se defender, estendeu a mão para o atiçador, mas com um chute o sujeito afastou o utensílio. Desesperado, o marquês agarrou um pedaço de lenha em brasa na lareira e o arremessou contra o homem. Este se desviou, continuando a avançar, implacável. O marquês tentou se levantar, mas o homem pulou sobre ele apertando-o contra o chão. Enfiou-lhe na boca uma das toalhinhas bordadas do sofá, de apoio para a cabeça. Imobilizou-o e atordoou-o com dois violentos murros na testa. O agressor se levantou e, com a ponta da faca, arrancou os botões da braguilha da calça do marquês.

Este, embora aturdido, ainda conseguia recear a ameaça representada por aquela longa faca. Cuspindo o bordado, bradou:

— Por que está fazendo isso comigo?

Em resposta, o outro obrigou-o a se deitar no sofá e lhe comprimiu o joelho no peito, impedindo-o de se mexer. O marquês percebeu que ia morrer e se rebelou, escoiceou com suas últimas forças e se debateu como um endemoniado. Então seu algoz lhe deu um soco violento, dessa vez no meio do rosto. O marquês sentiu o osso do nariz se quebrar, e um jorro de sangue lhe manchou a mão. Começou a chorar. A figura de preto abriu completamente as calças dele; com uma das mãos, agarrou seu membro, esticando-o o máximo possível. A expressão do rosto do indivíduo não mostrava qualquer compaixão. Aproximou a lâmina afiada da carne... o marquês ofegava de pavor... e então, num golpe seco, decepou o responsável por tantas violências. O marquês soltou um grito animalesco, enquanto um jorro de sangue começou a pulsar ritmicamente da ferida, espraiando-se pelo sofá. O indivíduo, ainda não satisfeito com sua vingança, enfiou-lhe o que sobrara do músculo frouxo do pênis em sua boca aos urros, fazendo-o engolir dois dedos goela abaixo, depois fechando seus maxilares, até que o marquês começou a arfar e a tossir em busca de ar. As últimas palavras que Pietro Bellarato ouviu, foram-lhe ditas por seu algoz.

— Hoje Salemi brindará à sua morte, senhor marquês.

Esse foi seu epitáfio, e num último gemido desesperado Bellarato expirou, revirando os olhos fora das órbitas.

Uma nuvem densa de fumaça invadiu o salão. O assassino se virou, viu as pesadas cortinas de veludo em chamas e logo o fogo se espalhou nas tapeçarias e nos móveis antigos. O homem começou a tossir. Protegeu a boca com o manto. Depois se afastou das chamas, indo para a porta. Mas, assim que a abriu, mais oxigênio entrou no salão e um retorno de chama atingiu seu manto...

No amanhecer do dia seguinte, depois que as chamas foram totalmente dominadas, não sobrara quase nada da mansão. Todo o mobiliário antigo, os quadros, as tapeçarias, os espelhos, tudo se perdeu. Os carabineiros de Salemi encontraram os restos de duas pessoas: uma com certeza era o marquês Pietro Bellarato, segundo o testemunho do criado que o deixara adormecido no salão. Mas, quanto ao outro, não se soube absolutamente nada. Não conseguiram identificá-lo nem pelos documentos, que se destruíram por completo.

O sargento-chefe Mattia Montalto determinou o translado dos restos dos dois cadáveres para o necrotério do hospital mais próximo. Mandou chamar o médico municipal, Peppino Ragusa, e pediu-lhe uma necrópsia. Ele queria

saber como aquelas duas pessoas tinham morrido e se era possível identificá-las.

Num exame sumário, o médico determinou que se tratava de um homem e de uma mulher. Mas depois teve de voltar atrás, pois, no exame mais detalhado de um dos cadáveres, descobriu que quem pensara ser uma mulher tinha na garganta... alguma coisa parecida com um membro masculino. E era da própria pessoa!

Tratava-se, portanto, de uma explícita simbologia mafiosa, segundo a qual os genitais amputados e enfiados na boca do cadáver reparavam a ofensa feita à mulher de um "amigo" ou outro tipo de ultraje de caráter sexual.

A morte do marquês Bellarato causou grande sensação em toda a região de Salemi e, como havia previsto o misterioso assassino, naquele dia muitos brindaram à sua morte.

Mas os que mais sentiram satisfação pela partida do marquês Bellarato foram os trezentos e noventa e cinco sócios da cooperativa Os Veteranos. Os camponeses não conseguiam reprimir a felicidade. Alguns até choraram de alegria: com a morte dele, não precisariam mais temer que outro concorrente lhes tirasse o feudo Baucina.

Na mesma manhã em que o cadáver foi encontrado, vencia o prazo da opção de compra dos Veteranos, e a cooperativa ainda não tinha obtido o empréstimo na Caixa rural.

Logo que a notícia da morte se espalhou pela cidade, dom Antonio Albamonte dirigiu-se imediatamente ao palácio do príncipe Ferdinando Licata, para lhe comunicar o que havia acontecido. Encontrou-o iniciando o café da manhã, à base de laranjas, bolachas e geleia. Acomodou-se diante do príncipe e, espalhando um pouco de geleia de laranja numa torrada, perguntou:

— Soube do marquês Bellarato?

— Que morte terrível, coitado — comentou Ferdinando Licata sem parar de comer.

— O incêndio começou ontem à tarde e só conseguiram apagar o fogo hoje cedo — continuou o sacerdote, partindo um biscoito como uma hóstia. — Falei com Tosco, o criado dele. É a única testemunha. Diz que não sabe explicar de quem pode ser o segundo cadáver, pois jura que não levou ninguém até o patrão.

Depois de uma breve pausa, retomou:

— Príncipe, não acha uma coincidência muito estranha terem matado Bellarato um dia antes da data de vencimento da nossa opção?

— Com certeza. Agora Bellarato não poderá mais comprar o feudo

Baucina. Não temos mais a espada de Dâmocles de sua oferta. Dessa vez o destino jogou a nosso favor — sentenciou Ferdinando Licata.

— Não terá alguém guiado a mão do destino? — arriscou temerariamente o padre.

Ferdinando deixou cair um pouco de suco de laranja na camisa.

— Dom Antonio, o senhor quer dizer que o marquês pode ter sido morto por algum camponês? — indagou, limpando a camisa com um fino guardanapo de linho.

— Muitos de nossos camponeses estavam seriamente preocupados em perder suas economias. Não me admiraria se algum deles quisesse resolver a questão com o fogo do inferno.

— Eu soube que o doutor Ragusa encontrou um corpo estranho na garganta dele — comentou o príncipe, lançando um olhar a Albamonte.

O pobre padre fez o sinal da cruz.

— Que o Senhor tenha piedade dele.

— Como ele teve de suas pequenas vítimas — concluiu Licata. — O marquês tinha muitos inimigos. O que ele fazia a seus jovens pastores era verdadeiramente intolerável.

— Seja como for, que agora a paz esteja com ele. O marquês não pode mais nos criar problemas. É como se o feudo já fosse nosso.

— Dom Antonio, seus sócios podem dormir tranquilos. Eu lhe disse que não precisavam se preocupar.

Com efeito, a morte imprevista do marquês foi a salvação para os trezentos e noventa e cinco sócios da cooperativa Os Veteranos. Ferdinando Licata, por meio de um amigo, conseguiu finalmente obter um empréstimo do Banco da Sicília, que foi decisivo para o desfecho favorável da transação. Com a notícia de que o ex-feudo era propriedade da cooperativa, os trezentos e noventa e cinco camponeses exultaram e abençoaram o príncipe, e naturalmente também dom Antonio, que insistiu em tê-lo na cooperativa no posto de presidente honorário. Finalmente seriam donos das terras que iriam cultivar: um sonho que muitos não conseguiam sequer imaginar. Beijariam a terra que o príncipe pisava, tamanho era o reconhecimento por sua generosidade.

As más-línguas tentaram também sugerir a intervenção direta do princípe na história do incêndio, mas foram imediatamente silenciadas pelos presentes, que afirmaram:

— *U patri* jamais faria algo que não fosse honroso para si e seus amigos.

A partir de então, o príncipe Ferdinando Licata passou a ser para todos *u patri*.

Por seu lado, dom Antonio jamais esqueceria o favor que Licata lhe fizera. Muitos camponeses, depois do sucesso da cooperativa Os Veteranos, queriam formar outras cooperativas sob a proteção da Igreja e d'*u patri*, afastando-se assim das tentações das ligas vermelhas, com seus discursos socialistas e anticlericais.

Mas, a bem da verdade, cumpre dizer que o príncipe também teve um lucro notável com a administração da cooperativa. Nos quatro anos seguintes, deixou que os camponeses cultivassem a terra como arrendatários, enquanto esperavam se tornar os legítimos proprietários. Na prática, pagavam uma taxa de arrendamento à cooperativa, a qual, na verdade, ia para a bolsa dos procuradores do príncipe. Esse pagamento, em vez de ser contabilizado como parcela de amortização do empréstimo contraído com o Banco da Sicília, e portanto ser descontado do contrato no ato de venda, era considerado apenas taxa do "terreno". Exatamente como se o dono ainda fosse o velho latifundiário cujas terras improdutivas os camponeses tivessem ocupado.

Quando por fim a cooperativa, isto é, o príncipe e dom Antonio, decidiu que chegara o momento de transferir o latifúndio aos sócios, foram os dois que estabeleceram as regras da divisão. Destinaram as melhores terras, as mais férteis e ricas em água, a alguns amigos e todas as demais aos sócios restantes. Assim se deu que Ferdinando Licata ficou com uma centena de hectares, entregou outros cem à sua irmã mais velha, Lavinia Licata, e mais cem a dom Antonio. Outros duzentos hectares foram divididos entre seis ou sete amigos, e os outros lotes entre os mais de trezentos e noventa associados da cooperativa.

O dr. Ragusa, com a intenção de desvendar o mistério do segundo homem carbonizado, passou muitas horas daquela noite no laboratório do centro médico, analisando os dois cadáveres.

Peppino Ragusa tinha a obstinação típica de todos seus conterrâneos. Além do mais, havia lutado na guerra do Carso e ali sua couraça se tornara mais grossa e impermeável. Foi no hospital de Bassano del Grappa, onde fora internado devido a um ferimento de baioneta na mão, que conheceu Annachiara, uma atendente de vinte anos, órfã de pai e mãe.

Em sua terra, Peppino havia deixado uma filha na casa de alguns parentes

e um túmulo onde estava sepultada sua mulher, vítima da malária. Jamais pensou ser capaz de se apaixonar de novo. Até aquele momento, a vida lhe reservara sofrimentos dolorosos e esforços sobre-humanos. Pensava não haver mais espaço para os sentimentos. Porém, à vista daquele anjo loiro, aquela sensação mágica chamada amor voltara a lhe agitar a mente e o coração. Ficou fascinado pelos modos gentis e discretos da jovem. Mas apenas no final da convalescência, poucos dias antes de receber alta do hospital, teve coragem de revelar seus sentimentos.

Foi assim que os dois prometeram se casar logo que terminasse a guerra. Poucos meses depois, a Itália assinou o tratado de paz com a Áustria em Saint-Germain, e o casal finalmente pôde se unir em matrimônio, antes de enfrentar a longa viagem para Salemi, onde Annachiara lhe prometera criar Ester como se fosse sua filha. Logo a família se ampliou com a chegada de um menininho, um enjeitado que uma mãe desesperada abandonara no átrio da igreja. Dom Albamonte convenceu os Ragusa a ficar com ele, embora o médico fosse de origem judaica. Mas confiava que Annachiara era uma fiel temente a Deus. Assim Saro passou a fazer parte da família do médico municipal, e um ano depois nasceu também uma menininha bulhenta, Stellina, mimada e admirada pelos irmãos mais velhos.

À noite, o sargento-chefe Montalto foi ao consultório do médico para ouvir o relatório da necrópsia.

— São dois homens, não tenho nenhuma dúvida — começou o doutor.

— O marquês foi reconhecido pelo Breguet de ouro que encontramos derretido num bloco só — comunicou o carabineiro.

— Antes de morrer sufocado, ele foi castrado. Depois o assassino enfiou o pedaço de pênis na boca dele — disse o dr. Ragusa.

O sargento interrompeu:

— É uma antiga prática por essas bandas, para fazer justiça a um crime sexual — comentou. E acrescentou: — Encontramos uma faca de lâmina comprida ao lado do homem que deve ter sido o assassino.

— Esse homem devia ter um metro e sessenta de altura. Pelo crânio encontrado, não devia ter mais de quarenta anos... mas é só isso que posso dizer, sargento. Estava realmente em péssimas condições.

— Talvez saibamos quem ele era. Encontrei uma medalhinha entre os restos de suas roupas — informou Montalto.

— Nós o conhecemos aqui da região?

— Com certeza. É do bando de Vassallo — afirmou com segurança o

sargento-chefe Montalto. — Esse homicídio vai nos trazer um mar de problemas. Bellarato, cá entre nós, doutor, era um grande safado. Mas conhecia pessoas influentes, e de Palermo já avisaram que vão mandar um capitão no comando de um grupo de guardas reais para capturar o mandante do homicídio.

— Era só o que faltava em Salemi... guardas reais — lamentou o médico.

— Anunciam-se tempos difíceis.

— É verdade — concluiu o médico com tristeza.

Naquela mesma semana, outro episódio despertou alvoroço entre os moradores de Salemi e das Madonie: o sumiço de Nicola Geraci, o representante das ligas socialistas. Aquele que faltara com o respeito ao príncipe durante a reunião na prefeitura.

A esposa é quem tinha dado parte do desaparecimento, depois de três dias de ausência do marido, que não voltara para casa, em Petralia Sottana. Os carabineiros enviaram uma fotografia a todos os comissariados e chefaturas da Sicília. A notícia se espalhou feito um raio pela região. Mas onde ela realmente causou sensação foi em Salemi. A cidade inteira sabia da discussão que Geraci tivera com o príncipe Licata, insultando-o publicamente. As pessoas murmuravam suas suspeitas, mas não ousavam expô-las à luz do dia.

Todos concordavam que não se podia ofender um personagem como o príncipe Licata e pensar em sair impune.

Tais eram os comentários a que se entregavam ardorosamente os velhos camponeses que participavam dos serões noturnos do dr. Ragusa.

Naquela noite, deixaram de lado as aulas de educação sanitária e começaram a divagar sobre o desaparecimento de Nicola Geraci.

— Tem todas as características de um crime da máfia — comentou o médico.

Pericle Terrasini, um camponês que na vida só conhecera sofrimento e cansaço, sentenciou:

— Geraci fez por merecer. Não se ofende um homem de honra, como ele fez.

O médico sorriu interiormente àquela atávica submissão a tudo que representasse o poder. Conseguiria algum dia fazer seus queridos conterrâneos entenderem que todos nascemos iguais? Que quem comete um erro, seja aristocrata ou pobre, deve pagar a dívida perante a sociedade? Pensou com

ternura em seus três filhos: Ester, a primogênita, a caçula Stellina, com poucos meses de idade, e também em Saro, que ele adotara com Annachiara, sua paciente mulher... O sacerdote tinha dito: "Vocês estão praticando uma boa ação e um dia serão recompensados mil vezes por isso".

Annachiara era uma esposa incomparável. Em apenas três anos, tinha se integrado plenamente com os moradores de Salemi, e com sua habilidade de costureira ajudava as vizinhas cortando as roupas, que pareciam saídas de uma loja de Roma.

Já era tarde. No campo, as pessoas acordam antes do amanhecer e aquelas horas de aula roubavam o sono dos camponeses. O médico acompanhou a "turma" à porta e se despediu dos "alunos" bem-dispostos, marcando um novo encontro para a semana seguinte. Todos se despediram respeitosamente dele e de sua mulher.

Peppino Ragusa fechou a porta satisfeito.

Fazia tudo isso de graça. Mesmo não professando às claras, tinha ideias sinceramente democráticas, que alguns, para denegri-lo, tachavam de "socialistas"; mas o médico tinha plena convicção de que apenas um povo instruído podia se considerar realmente livre.

# 13. 1939
# Adeus, Providência

Depois da chegada do dr. Bizzarri ao povoado, Peppino Ragusa viu-se em graves dificuldades financeiras. Os clientes haviam deixado de procurá-lo, pois tinham medo de Jano. O único trabalho que ainda lhe permitiam era o de açougueiro. Chamavam-no ao matadouro e ele fazia o trabalho sujo. Às vezes recebia alguns bifes, às vezes algumas liras. A ajuda financeira mais significativa vinha de Annachiara, que voltara a trabalhar como costureira para as senhoras do vilarejo.

As mulheres não se deixavam influenciar tanto pelas regras quanto os homens, e nenhuma delas se punha a esmiuçar se Annachiara era mulher de um judeu ou de um cristão. Ela trabalhava bem, era econômica e isso bastava. Depois, havia as pequenas contribuições de Saro e Ester, esta prestava serviço na escola primária local.

Naquele domingo, Jano Vassallo acordou decidido a espancar alguém. O primeiro que lhe veio à mente, para variar, foi o dr. Peppino Ragusa. Mas se esqueceu que era domingo e que, como em todos os dias de folga, Peppino ia cuidar da terra com o filho Saro. Chamar de "terra" aquele palmo de pedra era eufemismo, pois não passava de um lotezinho íngreme que ele conseguira logo depois da guerra graças à lei de 13 de fevereiro de 1933, que concedia aos veteranos a possibilidade de receber pequenas áreas incultas.

De todo modo, Jano e seus quatro temíveis crápulas camisas-negras decidiram descer ao vale, e pegaram os cavalos. Na verdade, eram cinco pangarés velhos, que tinham tomado de algumas famílias aristocráticas caídas em desgraça.

Logo que Grappa começou a latir, Peppino percebeu que estranhos se

aproximavam. Curvado sobre o campo de cebolas, Saro foi o primeiro a se endireitar e olhar ao longe. Peppino se aproximou.

— É som de cascos.

Peppino percebeu o tom de inquietação nas palavras do filho.

— Parece mais de um — respondeu.

Grappa continuava latindo na direção do horizonte, onde finalmente apareceram os cinco cavaleiros. Peppino não demorou a perceber que era Jano com seus lacaios, os quais não prometiam nada de bom: Jano segurava um mosquete, coisa não habitual para ele, que preferia o cassetete. Agora empunhava uma verdadeira arma, uma carabina, uma Mauser Carcano, a M 91.

— Estão me procurando — anunciou, seco, para Saro. — Vá pela porteira, eu me escondo em San Clemente.

Amarrou o cachorro no tronco de uma árvore, para que não o seguisse.

— Não vou deixá-lo sozinho. Vamos enfrentá-los juntos — exclamou Saro com ímpeto juvenil, segurando a enxada com que estava carpindo o terreno.

— Saro, obedeça! Faça o que estou dizendo! Vá, vá!

Saro tinha uma especial adoração pelo pai. Quando atingiu a maioridade, contaram-lhe que não era filho natural de Peppino e Annachiara, que o haviam adotado com apenas um mês de vida. Saro adorava os dois, pois nunca lhe deixaram faltar nada e sempre lhe deram muito amor; depois que soube do segredo de suas origens, passou a amá-los ainda mais, pela generosidade e nobreza de alma deles. Além disso, o pai lhe inculcara, pelo exemplo e por ensinamentos, o senso de justiça e honestidade. Saro orgulhava-se de sua família e daria a própria vida se alguém se atrevesse a lhe fazer algum mal. Não queria deixá-lo sozinho. Peppino conhecia a teimosia do filho e se aproximou dele.

— Escute, não quero o confronto com eles. Se você ficar aqui, não tenho como me defender. Faça o que eu disse. — Dessa vez foi peremptório e, indicando a trilha para a porteira, ordenou: — Por ali!

Saro hesitou um instante, depois se virou e começou a correr na direção do atalho que subia pela garganta de Monte Sant'Angelo. Quando o viu em segurança, Peppino correu para se esconder entre os altos pés de milho do campo vizinho. Se alcançasse o bosquezinho, poderia se considerar salvo. Conhecia todos os barrancos, todas as moitas, todos os recessos do bosque. Lançou-se naquela direção, enquanto ouvia às costas os gritos dos camisas-negras cada vez mais próximos.

Já estava correndo fazia alguns minutos. Atravessara todo o campo até, enfim, chegar ao bosquezinho de San Clemente. A respiração lhe saía do peito aos estertores, o coração batia loucamente, não sabia até quando conseguiria resistir. Encontrou um carvalho com uma grande moita na base e se escondeu ali embaixo. Tentou acalmar a respiração, para que não o ouvissem.

A seguir, Jano chegou com os quatro cavaleiros. Os cavalos espumavam de suor, relinchavam de cansaço. Pararam numa clareira não muito distante do esconderijo. Peppino ouviu Jano exclamar com raiva:

— Ele está aqui perto, tenho certeza.

Jano fez o cavalo curvetear em círculo, para olhar todo o bosque. Depois gritou:

— Peppino Ragusa! Saia, preciso falar com você...

Então abaixou a voz para que apenas os companheiros ouvissem:

— Preciso tocar a serenata... com isto! — e agitou ironicamente o mosquete.

Peppino Ragusa, em seu esconderijo, ouviu os outros milicianos rindo com sarcasmo e se arrepiou.

— Peppino! Não tenha medo! — gritou Jano outra vez.

Aproveitando a deixa, Ginetto, o mais jovem dos quatro seguidores, para mostrar que participava do jogo do chefe, acrescentou em voz baixa:

— Queremos depenar você só um pouquinho.

Peppino ouviu uma risada. E prendeu a respiração. Nesse meio-tempo, os cinco tinham começado a revistar as moitas.

De súbito, como num sonho, espalharam-se pelo bosque as notas de uma valsa. Peppino olhou em torno e lembrou que não estava longe do palácio Licata. O príncipe Ferdinando poderia ser sua salvação. Viu seus perseguidores distantes na clareira. A partir do ponto onde se encontrava, a vegetação se tornava mais agreste e emaranhada. O descuido secular dos antigos proprietários e administradores tinha deixado o bosque se adensar tanto que só era possível atravessá-lo a pé, enquanto outrora os senhores podiam caçar e até percorrê-lo em seus coches.

Peppino recuou, arrastando-se para fora da moita, depois levantou, respirou e lançou-se contra o emaranhado impenetrável de arbustos, sem prestar atenção aos lanhos que os espinhos e galhos secos lhe deixavam no rosto, nos braços e no peito.

Ao ouvirem o som dos passos e das moitas pisoteadas, os cinco camisas-negras se viraram naquela direção. Um deles viu o médico e o apontou aos

demais. Lançaram-se imediatamente em sua perseguição. Mas o cavalo de Ginetto estacou de chofre diante de uma grande moita. O rapaz voou da sela e aterrissou no meio do arbusto. Os outros não se preocuparam com ele e continuaram a caça. Ginetto saiu machucado da moita. Os espinhos tinham lhe rasgado a camisa e as calças em mil lugares. Furioso como um animal ferido, irritou-se covardemente com o cavalo, espancando-o na anca. Por fim montou de novo e partiu em perseguição com os amigos.

Peppino, com uma boa vantagem, continuava correndo com todas as suas energias. Já tinha chegado ao final do bosque e um pouco adiante, no alto de uma colina, quando viu sua meta.

Nesse meio-tempo, Jano também tinha saído da densa vegetação. Esperou os outros quatro: em grupo eles eram invencíveis. Depois, quando Prospero, Quinto, Nunzio e Ginetto o alcançaram, retomaram a perseguição soltando gritos selvagens.

Peppino claudicava pelo caminho de terra que ia até o palácio. Já estava a poucas dezenas de metros do portão, enquanto às suas costas os gritos dos crápulas tornavam-se cada vez mais próximos.

O portão do palácio Licata se abriu e dois capatazes robustos apareceram com cartucheira ao ombro e espingarda de caça na mão. Ambos traziam a clássica boina siciliana que sombreava os olhos, escuros como o inferno, e usavam botas de couro reluzente, de cano alto, sobre as calças de fustão.

Ao vê-los, Peppino caiu a seus pés e só teve forças para dizer:

— Ajudem-me...

O mais jovem o ajudou a se levantar e o levou para o interior da mansão.

Nesse ínterim, Jano e os outros chegaram à rédea solta, levantando uma grande nuvem de poeira.

Quando o pó se assentou um pouco, Jano advertiu o velho capataz:

— Não se metam. Vocês devem entregá-la a mim.

Dizendo isso, desceu do cavalo, enquanto o capataz mais jovem reaparecia no portão.

O mais velho, sem se abalar, movendo apenas os lábios, foi mais peremptório:

— Amigo, aqui você está nas terras do príncipe Ferdinando Licata.

Jano se postou diante do homem e, afastando as pernas, disse:

— Só quero esse vagabundo e então vou embora.

O capataz, medindo as palavras, murmurou:

— Aqui só um pode dizer “Quero”.

Tão logo disse isso, o colega mais jovem, com uma lentidão calculada, se afastou de lado, para tirar o companheiro da sua linha de fogo.

Pelo tom resoluto do carrancudo capataz, a conversa parecia encerrada. Os quatro comparsas fitaram Jano, curiosos para ver como ele resolveria a questão. Nenhum deles pensou em apear para ajudar o chefe. Jano pensava rapidamente numa resposta, quando o portão voltou a se abrir e, dessa vez, surgiu a figura imponente de Ferdinando Licata.

— Bettino! — exclamou em tom peremptório —, nem na festa do santo padroeiro se pode ficar em paz?

Repreendia o capataz, mas era evidente que as palavras se destinavam aos intrusos. Fingiu só então notar os recém-chegados.

— Já ofereceu um copo de vinho aos nossos visitantes? Não vê como estão encalorados?

— Não queríamos incomodá-lo — interveio Jano, querendo chamar a atenção do príncipe. Mas este não se dignou a lhe dar sequer uma olhada. Concentrava sua atenção em Ginetto, o mais jovem do grupo.

— Ginetto, por que você não está com seu pai? — perguntou-lhe num tom de afetuosa reprimenda. — Ele está lá dentro.

O rapaz não soube responder senão algo banal:

— Eu estava ocupado...

O príncipe franziu o cenho, aborrecido.

— Noto com desgosto que não existe mais o devido respeito, aquele respeito que antigamente nós, os jovens, tínhamos pelos mais velhos. Mas saibam que tudo o que é moderno mais cedo ou mais tarde é ultrapassado.

— Nossas ideias viverão mil anos! — Jano Vassallo teve a desfaçatez de responder.

O príncipe o fulminou com os olhos e se despediu:

— As visitas me esperam. Vão em paz.

Dizendo isso, voltou a entrar no palácio, deixando os cinco espumando de raiva.

Quando o portão se fechou às suas costas, Ferdinando se aproximou de Peppino Ragusa, prostrado numa cadeira do saguão, ainda apavorado e ofegante. Pela maneira como se dirigiu a ele, parecia existir entre os dois uma antiga cumplicidade.

— Peppino, por que implicam com você?

Peppino se levantou da cadeira e estava para lhe beijar o anel, quando o príncipe retraiu a mão.

— *Patri*, estão me caçando há dias. Eles me acusam de ser subversivo.

Ferdinando Licata não escondeu um leve sorriso.

— Só isso? É o que todos dizem, não é?

Mas Peppino não conseguia sorrir.

— *Patri*, o senhor sabe que não é verdade. Dou algumas aulas aos analfabetos da região. Mas dizem que misturo essas aulas com discursos antifascistas.

— E não é assim? — O príncipe se divertia com aquela singeleza de Peppino.

— Tento abrir os olhos deles. Fazer com que pensem com a própria cabeça.

— Agora se acalme. — Licata lhe pressionou os ombros, como que lhe dando coragem. — Se quiser se juntar a nós, hoje tenho os "cem santos" para o almoço.

— Talvez eu espere mais um pouco antes de ir.

O príncipe ia se afastar, quando perguntou:

— E em casa, como estão todos?

— De saúde, tudo bem. Saro é muito próximo. É um rapaz muito querido.

— Bem... A casa é sua. — E voltou a suas visitas e ao monsenhor, os quais havia abandonado com sua longa ausência.

Na sala de jantar, um vistoso gramofone difundia as notas de uma valsa vienense. Ferdinando Licata voltou a se sentar ao lado do monsenhor Antonio Albamonte, que, com os outros quatro comensais à mesa, saboreava uma torta de baunilha.

— Desculpe-me, monsenhor... eram uns mal-educados.

O prelado assentiu com a boca cheia, enquanto um criado trazia uma fatia de torta para o príncipe. Ferdinando começou a comer com gosto e, olhando a medalha que decorava a batina do prelado, perguntou com uma pitada de ironia:

— Monsenhor, não sabia que tinha ido à guerra.

O bispo fez troça, tocando o metal da condecoração.

— Esta? Esta ganhei num parque de diversões — disse, rindo, mas logo voltou a ficar sério. — Estou brincando, claro. Recebi esta medalha das mãos de Storace, há cerca de dois meses. "Benemérito da batalha do trigo." Recebemos eu e outros sessenta bispos e mais dois mil padres de toda a Itália. Nesse mesmo dia fomos recebidos por Pio XI. Foi um dia inesquecível, por isso ela está sempre comigo.

— Pelo que li, não me parece que Achille Ratti concorde muito com as escolhas de nosso Duce. A encíclica do ano passado condena sem rodeios a ideologia nazista. Mesmo assim, nosso Duce não faz senão aclamar seu amigo Adolf e agora também o toma como modelo. Há alguns meses, ele instituiu o passo romano, para imitar o passo de ganso do exército alemão. Não é grotesco? — disse o príncipe, deixando que o convidado tirasse suas próprias conclusões.

— Não tanto quanto a saudação romana. Fico realmente constrangido quando preciso fazê-la a algum alto funcionário do partido — justificou-se o padre. — Em todo caso, para compensar, nosso papa também condenou o comunismo com a *Divini Redemptoris* — acrescentou prontamente o monsenhor. — Veremos. Nosso Duce sabe o que está fazendo. Viu quanta ordem ele nos trouxe?

— O que ele fez foi substituir a máfia. — E, para reforçar seu argumento, o príncipe repetiu: — O Estado fascista substituiu a máfia. Mas as raízes continuam intactas. Mudaram apenas o nome; os métodos são os mesmos. Estou disposto a apostar, monsenhor, que, quando esses senhores de camisas negras forem embora, o poder mafioso voltará como antes, e mais forte do que nunca.

— É preciso ter paciência. Esperar que a tempestade passe — respondeu placidamente o bispo, colocando na boca o último pedaço da torta.

Então prosseguiu, depois do enésimo copo de um bom vinho que afrouxara os freios inibidores:

— No que me diz respeito, nada mudou. — Aproximou a boca do ouvido do príncipe. — O bandoleiro Giuseppe Spagnolo está escondido no convento de Santa Margherita, perto de Calatafimi. Uma ovelhinha desgarrada que quer voltar ao aprisco, mas as leis não permitem. Spagnolo perdeu a conta de quantos cristãos mandou de volta para o Criador. Eu gostaria de enviá-lo para a América. Lá poderia refazer a vida... Sei que você mantém boas relações com os Florio.

— É verdade — confirmou Ferdinando —, não perguntam nada quando peço que embarquem algum pobre-diabo.

— Bem. Giuseppe Spagnolo é uma pessoa generosa, se lhe salvarmos a pele — concluiu o monsenhor.

— Vamos fazer assim, monsenhor. Faço seu bandoleiro embarcar e não quero nada para mim...

— Mas? — antecipou-se o sacerdote.

— O senhor fará o favor de esconder um conterrâneo meu em um de seus

conventos por alguns meses — pediu o príncipe Licata. — Esse bom homem precisa sumir.

— Quantos ele matou? — perguntou, malicioso, o monsenhor.

— Não, não, ele é realmente um bom homem. Sua única desgraça é ter se indisposto com os camisas-negras.

— É um subversivo? Um socialista? — perguntou o padre, desconfiado.

— Monsenhor, as ideias são sacrossantas, venham de onde vierem. O importante é não deixarmos correr sangue — respondeu o príncipe. — Garanto-lhe, é um pobre-diabo... se chama Peppino Ragusa... Então, posso contar com isso?

— Se para o senhor a troca é suficiente, por mim está ótimo. Como se diz, o açúcar não estraga o doce.

# 14. 1939
# Nenhuma folha se move...

Desde o dia da perseguição, Peppino Ragusa procurava sair o mínimo possível em Salemi. Ia ao consultório, na vã esperança de que aparecesse algum cliente, mas voltava imediatamente para casa e se trancava de novo, até a manhã seguinte. Nesse período, suspendera também os serões noturnos, temendo que Jano reaparecesse e molestasse seus alunos idosos. Annachiara não conseguia entender aquela obstinação, e dessa vez foi ela quem propôs largarem tudo e voltarem para o Norte, para o Vêneto. Mas Peppino estava ligado demais às cores de sua terra, às velhas paisagens, àquele sol, para conseguir renunciar a eles.

Jogar tudo isso fora e ter de recomeçar a vida naquela idade, do outro lado do mundo, não era uma perspectiva atraente. Era preciso ter paciência. Mais cedo ou mais tarde, Jano se acalmaria. Ele o conhecia desde menino, sempre foi o mais insolente e briguento de seus companheiros, mas era generoso e um homem de palavra.

Na verdade, Jano nunca se entendera com Saro. Também era verdade que tinham cinco anos de diferença. Mas, acima de tudo, tinham personalidades muito diferentes. Um era impulsivo e arrogante, o outro, reflexivo e impenetrável. Saro falava pouco, nunca abria o jogo, estava sempre na defensiva, preferia passar por grosseiro a se mostrar acessível demais e, com isso, expor-se a ingerências alheias. Essa atitude o tornava fascinante e intrigante aos olhos das garotas. Além disso, o físico atlético, os olhos azuis como o céu e os ombros musculosos eram atrativos irresistíveis para todas as jovens da cidade e do campo, que se viravam discretamente quando ele passava.

Saro ajudava Domenico em sua barbearia, caixa de ressonância de todos os fatos, pequenos ou grandes, que aconteciam na comunidade.

Enquanto Saro ensaboava o rosto de Ninì Trovato, o idoso arauto e

factótum da prefeitura, entrou Donato, o filho do meio de Rosario Losurdo. Saro afiou a navalha na tira de couro pendurada na parede, pegou o pote cheio de água, uma bolinha de borracha que colocou na boca de Ninì, que, com a língua, a posicionou entre a dentadura e a bochecha. Era o engenhoso sistema inventado por Domenico para os clientes de idade, com rugas marcadas demais. A bolinha retesava a pele e facilitava o barbeado.

Ninì Trovato era o homem mais bem informado da cidade. Se alguém quisesse saber quem eram os pais de algum petiz, ele sabia desfiar toda a árvore genealógica da família. Na barbearia, estavam também Ciccio Vacca, Roberto Naselli, o corretor de gado, um certo Armando Caradonna e outros três homens da região.

Naquela manhã, Ninì era o centro das atenções e contava pela centésima vez o que acontecera em Partanna, alguns anos antes, ao cavaleiro Notarbartolo, um velho advogado de uma das cooperativas agrícolas criadas para ajudar os veteranos de guerra, mas na verdade destinadas a consolidar a frente dos arrendatários e se contrapor às iniciativas das ligas socialistas.

Da porta, o som de palmas, como um aplauso curto e irônico, chamou a atenção de todos os presentes. Jano entrou na barbearia dirigindo-se à poltrona de Ninì e disse:

— Todos os vermelhos deviam balançar enforcados num galho.

Ninì olhou e reconheceu quem tinha entrado. Levantou da cadeira, tirando a bolinha da boca e a espuma do rosto.

— Jano Vassallo... fique com o meu lugar. Não tenho pressa.

Deixou cair a bolinha de borracha no pote de água.

Jano se aproximou, encarando Saro. Os dois se fitaram nos olhos.

— Barba, Jano?

— Sim — disse o outro, sentando na poltrona.

— Não tem medo da minha navalha? Depois do que você fez com meu pai.

— Saro, você não faria mal a uma mosca. Seu pai é outra história... Direito e avesso — disse, sorrindo, e aquele sorriso fez todos os presentes respirarem aliviados.

Saro começou a ensaboá-lo utilizando outro pincel.

— Jano, deixe meu pai viver em paz. Somos gente pacífica.

— Saruzzo, não estou bravo com o seu pai, e sim com as pessoas que não se enquadram. Agora é preciso meter na cabeça que um só manda, e é *Ele*! Fui claro? Seu pai, é verdade que ele ensina aqueles pobres camponeses analfabetos

sem pedir uma lira, mas enfia ideias subversivas na cabeça deles, e isso não é bom. A verdade é que agora até os padres levam tiros. Vocês souberam o que aconteceu no domingo passado, não?

— Você se refere ao sermão de dom Mario? — perguntou Ciccio Vacca.

— Eu estava lá — interveio Armando Caradonna —, e garanto a vocês que nunca ninguém fez um discurso tão duro contra os senhores.

— Eu me refiro aos tiros que deram na porta da residência paroquial no dia seguinte — corrigiu Jano.

— Bem, meu pai jamais sonharia em dar um tiro numa igreja — disse Saro com veemência, começando a ensaboá-lo.

— Mas são pessoas que pensam como ele!

Jano, porém, estava enganado. Quem tinha se revoltado contra a rispidez do sermão certamente não fora um socialista. Pois Rosario Losurdo podia ser considerado qualquer coisa, menos um vermelho... E quem disparara contra a residência paroquial tinha sido ele.

Naquela manhã, Ferdinando Licata vestira seus trajes de caçada, calças, casaco de veludo marrom e botas de couro de cano alto; montou Lampo, o belo potro de pelagem negra, e rumou para a casa da fazenda Tafèle, onde morava Losurdo, sua família e o grupo de capatazes.

Rosario tinha dez anos a menos do que Licata, mas a vida dura do campo, as responsabilidades familiares e as acusações que enfrentara anos antes, declarando-se sempre inocente, pareciam tê-lo envelhecido prematuramente. Ainda não tinha cinquenta anos, mas sua barba era totalmente branca e os cabelos também já haviam encanecido quase por completo. Ele e o príncipe aparentavam a mesma idade. Mas ninguém deveria se deixar enganar pelas aparências, pois sob aqueles cabelos prematuramente brancos havia uma mente desperta, capaz de calcular o valor e o potencial produtivo de um terreno em fração de segundos, com uma pequena margem de erro de alguns quilos a mais ou a menos. Além disso, tinha uma força física realmente admirável. Era invencível na queda de braço, mesmo contra os jovens mais saudáveis e robustos da região.

Ferdinando parou no alto da colina, de onde podia enxergar todo o planalto. Viu as casas de fazenda espalhadas no vale, cercadas pelo verde dos campos.

A maior era precisamente a de Rosario Losurdo.

Losurdo percorreu um bom caminho, pensou Ferdinando, desde que era carreteiro. De fato, o administrador do feudo Castellana, depois da prisão, tinha se tornado um dos homens mais poderosos da região de Salemi. A injustiça que tivera de suportar eliminou qualquer submissão que ainda pudesse guardar em relação à lei. Convencera-se de que a justiça era um ideal inalcançável neste mundo. Muito pelo contrário, sendo a lei escrita e interpretada pelos homens, podia ser burlada, contornada e readaptada segundo as necessidades.

Licata viu um alvoroço no pátio da casa do administrador. Certamente já fora avisado pelos capatazes que trabalhavam para Losurdo, mas pagos com seu dinheiro. Afrouxou as rédeas e começou a descer a trilha.

Não era frequente o príncipe ir falar pessoalmente com um subordinado. Aliás, ninguém se lembrava de algum dia isso ter ocorrido. Mas dessa vez Licata precisava prestar um favor ao monsenhor: ninguém jamais deveria voltar a disparar contra a residência paroquial.

Ao lado do portão, Rosario Losurdo já o esperava havia alguns minutos.

— Beijo-lhe as mãos, *patri* — disse o administrador, indo segurar as rédeas de Lampo para o príncipe desmontar.

— Toda vez que vejo esta terra, meu coração se enche de alegria, Rosario — disse Licata olhando ao redor. — Vê-se que cuida dela com amor.

Com um frêmito de orgulho, Losurdo abriu um sorriso.

— O senhor é sempre generoso nos elogios.

— Infelizmente, Rosario, não estou aqui apenas para elogiá-lo.

O tom grave do príncipe apagou o sorriso de Rosario.

— Sei o que o senhor me quer falar, príncipe, mas no domingo dom Mario usou um tom atrevido demais contra nós, homens de honra. Reconheço que foi um impulso ao qual eu não soube resistir, quase como se a espingarda disparasse sozinha. De qualquer forma, não voltará a acontecer.

— Bom, Rosario. Você sabe o quanto considero o monsenhor. E os amigos dele devem ser nossos amigos. Mesmo que às vezes falem demais. Assunto encerrado.

Losurdo também tinha uma questão em aberto com o príncipe e aproveitou a rara oportunidade de lhe falar.

— *Patri*, sempre houve a maior sinceridade entre nós — disse o administrador. — Tem uma coisa que eu gostaria de esclarecer.

— Do que se trata?

— De Manfredi e seu filho Nunzio — continuou Losurdo.

— Nunzio é uma maçã podre — comentou amargamente o príncipe.

— Ele corre o risco de contaminar todo o cesto. É preciso uma atitude firme contra aquela família — declarou o administrador.

— Você sabe que Manfredi me pediu para comprar um lote de Madonnuzza?

— É sobre isso também que eu queria falar. Lembro ao senhor que Madonnuzza faz divisa com meu terreno de Giovinazzo. O senhor não pode dar a ele. Perdoe minha franqueza.

— Seu problema é Nunzio ou a divisa? — perguntou, sério, o príncipe.

— Manfredi é meu melhor capataz. Quando estive preso, ele ajudou minha família. Serei eternamente grato a ele por isso. Mas não posso tolerar que alguém de sua família se comporte daquela maneira.

— Você me coloca em dificuldade, pois já dei minha palavra. Não posso voltar atrás na minha decisão. Nunca fiz isso na vida. — O príncipe Licata estava sinceramente amargurado.

— Já disse a Manfredi para controlar o filho. Mas agora aquele bendito rapaz escapou das mãos dele. Obedece cegamente aquele louco do Jano — continuou Losurdo.

— Jano não é louco. Está revoltado contra o mundo, e não posso negar que tem razão.

— Faz algum tempo que ele ronda a minha casa, e não gosto disso — comentou Losurdo.

— Aqui há uma colmeia, meu caro Rosario. E as varejeiras zunem onde há mel — disse Licata sorrindo. — Em todo caso, fique tranquilo. Pelo que sei, Mena tem a cabeça no lugar.

— Mas tem um temperamento que não é fácil. É voluntariosa, essa é que é a verdade. Vai acabar matando a mãe do coração — concluiu Losurdo com um sorriso triste.

# 15. 1921
# Lembra a primeira vez?

Na primavera, graças às cores brilhantes das glebas cultivadas, os vales de Salemi cintilavam como diamantes. Repentinamente, das copas das árvores ergueu-se uma revoada de rolinhas, assustadas com o barulho dos motores que rompiam o silêncio dos campos. Uma coluna de caminhões e caminhonetes cinza-esverdeados surgiu de uma curva e subiu a estrada que levava a Salemi. Na caminhonete da frente, ao lado do motorista, protegido com óculos escuros antipoeira, estava o próprio, o capitão das guardas reais, Lorenzo Costa.

Depois da ocupação de Fiume e dos levantes que naqueles anos tinham agitado a maioria das cidades italianas do Norte, o primeiro-ministro Nitti decidira revigorar as forças de segurança pública, dando a elas características especificamente militares: assim nasceram as guardas reais.

Lorenzo Costa, genovês da gema, fazia parte delas.

Fora transferido do comando de Roma para Palermo com a finalidade de reprimir os tumultos que, nos últimos meses, vinham incendiando algumas províncias sicilianas. Consideravam que um forasteiro poderia ocupar o comando de maneira mais imparcial, sem se deixar levar por perigosos interesses regionais.

O capitão recebera instruções precisas de Roma: deveria esclarecer o assassinato do marquês Bellarato. Quem era o assassino, se havia mandantes e por que aquela brutal emasculação. Era necessário mostrar à população uma vontade decidida de punir os culpados, fossem quem fossem. O capitão Lorenzo Costa deveria investigar também o desaparecimento de Nicola Geraci, o expoente das ligas vermelhas de Petralia Sottana. O Estado precisava dar uma demonstração de força. As guardas reais eram a resposta certa, por serem formadas por ex-soldados que, não encontrando trabalho ao retornarem da guerra, aceitaram integrar um corpo paramilitar. O campo de batalha das

guardas reais seriam as ruas e praças das cidades, e seus inimigos, os cidadãos.

Logo o uniforme deles passou a ser odiado por todos os grupos políticos que pretendiam organizar comícios ou manifestações. As guardas reais eram especialmente brutais e resolutas em suas intervenções, tanto que muitas vezes bastava que aparecessem nas praças para os manifestantes mais irredutíveis ficarem dóceis como anjinhos.

A coluna entrou numa Salemi deserta e foi para a praça do Convento de São Francisco, uma construção maciça de tijolos vermelhos dominada por uma torre alta de ameias. Uma ala do convento fora reservada para os quarenta homens sob o comando do capitão Costa.

Assim que Lorenzo Costa desceu da caminhonete, o sargento-chefe Montalto foi a seu encontro, como acontece com velhos amigos, e fez uma saudação militar.

— Fez boa viagem, capitão?

O outro se empertigou em posição de sentido e não respondeu à pergunta de cortesia.

— Sargento, eu gostaria de organizar imediatamente o quartel-general.

— Não quer descansar um pouco, se refrescar... deseja uma limonada? — continuou ele, afável.

— Não disponho de tempo para isso. Infelizmente tenho muitas coisas a fazer antes de voltar para casa. Portanto, vamos ver se nos mexemos.

As intenções eram inequívocas. Era preciso agir, agir, agir, essas eram as ordens de Roma.

Mattia Montalto lhe forneceu todo o material da investigação sobre o marquês Bellarato. Lorenzo Costa quis efetuar uma vistoria imediata no palácio destruído pelo fogo. Levou metade dos homens. Vasculharam entre os escombros em busca de indícios, porém nem eles mesmos sabiam o que deviam procurar: não eram investigadores, mas ex-soldados de infantaria que tinham conhecido os horrores da guerra de trincheira.

O trabalho realizado pelo sargento-chefe Montalto e seus homens tinha sido mais do que satisfatório. O único indício capaz de identificar o segundo cadáver, o provável homicida, era uma medalhinha que o incêndio poupara, grudada entre os restos das roupas e a pele do desafortunado. O sargento-chefe abriu um armário e tirou a medalhinha de um envelope. Mostrou-a ao capitão.

— Aqui está ela... — disse e a estendeu a Lorenzo Costa, que a observou atentamente.

Era uma dessas medalhinhas de alumínio distribuídas nas escolas durante

os exercícios de ginástica. De um lado havia a figura de um santo atravessando um rio com um menino nas costas e na outra face o símbolo de uma vitória alada.

— Sei perfeitamente de quem era essa medalhinha. Ele tinha por ela um apreço maior do que por qualquer outra coisa neste mundo — explicou Montalto. — Ganhou numa competição de corrida campestre durante a festa de são Cristóvão.

— O nome dele? — perguntou o capitão.

— Ele se chamava Salvatore Turrisi. — Abriu o livro de registros e folheou até encontrar o nome. — Aqui... nascido em 1895.

"Só vinte e seis anos", pensou o capitão Lorenzo Costa.

— Turrisi tinha também um motivo para matar Bellarato — continuou o sargento-chefe. — Ele fora acusado pelo marquês de ter mantido relações carnais com um pastorzinho, matando-o depois. Fugiu por causa dessa acusação. Fazia parte do bando de Vassallo.

— O bando de Vassallo precisa ser aniquilado, estamos aqui para isso também. E não vamos dar nenhum desconto — sentenciou Lorenzo Costa. — Dessa vez eles realmente exageraram... O incêndio foi ateado por eles?

— Acho que começou acidentalmente — declarou Montalto. — Talvez Bellarato tenha se defendido com um tição da lareira, que, verificamos, estava acesa... em suma, acho que Turrisi ficou preso entre as chamas.

O capitão quis saber de todos os fatos relevantes dos últimos seis meses em Salemi, e assim a reunião com o sargento se prolongou pelo menos por duas horas. No final da longa conversa, o capitão formara uma ideia muito clara das dinâmicas sociais que tinham caracterizado aquele último período da cidadezinha siciliana.

Sua primeira ordem foi que se vigiasse secretamente a casa da família Turrisi. Mandou dois de seus homens se posicionarem num cômodo abandonado anos antes por uma família de emigrados, situado justamente na frente do portão da casa de Curzio, o irmão de Salvatore Turrisi, que também se associara ao bandoleiro Vassallo. Sabia que os bandidos visitavam periodicamente suas famílias, para rever os filhos, reabraçar as esposas e se reabastecer de víveres.

Curzio caiu na armadilha numa noite do final da primavera. Os guardas reais foram tão atenciosos que esperaram que ele concluísse seus deveres

conjugais, antes de entrar em ação com toda a violência. Depois que todas as luzes da casa se apagaram, eles esperaram mais um pouco. Então o capitão Costa fez um sinal, e uma dúzia de homens entrou em ação, enquanto os demais ficaram do lado de fora da casa, para bloquear qualquer rota de fuga. Os guardas reais arrombaram o portãozinho e invadiram a casa em duplas.

Biagio, o filho de seis anos, acordou sobressaltado e começou a chorar. Um dos soldados o pegou e tapou sua boca. Enquanto isso, os outros subiram ao segundo andar da casa, onde irromperam no quarto de dormir, surpreendendo Curzio ainda sem cuecas e sua mulher Vincenza com a longa combinação branca erguida até o ventre. Curzio mal teve tempo de sair de cima da mulher, e dois guardas o imobilizaram contra o chão. A mulher tinha se recomposto e, mantendo uma calma surpreendente, pensou imediatamente no filho, gritando:

— Biagio!

Então tentou sair depressa da cama, mas também foi imobilizada por outros dois guardas reais.

A seguir, o capitão Costa apareceu à porta. Dando uma olhada, acenou aos dois soldados para que soltassem a mulher. Assim que libertaram sua presa, ela se atirou para fora do quarto, descendo a escada, e se jogou sobre o filho, dando um repelão violento no guarda que o segurava. Abraçou o menino, que pôde voltar a respirar e chorar.

O capitão Costa se aproximou de Curzio, que, porém, estava com o rosto espremido contra o assoalho e não podia vê-lo.

— Curzio Turrisi, chegou o dia do juízo para você também... Vamos conversar um pouco...

A partir daquela data, em todo o território de Salemi, as palavras "Vamos conversar um pouco" passaram a ser sinônimo de tortura e sofrimento para os pobres coitados a quem eram dirigidas.

Num dos porões onde os guardas reais tinham se aquartelado, o capitão mandara montar uma espécie de sala de interrogatórios, a qual nos meses seguintes as pessoas de Salemi passaram a chamar de "o matadouro". Se aquelas paredes pudessem falar, narrariam atrocidades de envergonhar o gênero humano.

A mobília da sala era apenas uma cadeira de madeira escura, com dois braços onde estavam presas duas correias de couro, uma tarimba fixada na parede com dois estribos e no centro uma tina de zinco cheia de água. Nada mais.

Os guardas reais haviam amarrado os pulsos de Curzio com as duas

correias. O pobre camponês tinha pouco mais de trinta anos e não nascera para a vida de bandido. Para ele, o centro do universo era a família, mas fora obrigado a fugir e a engrossar as fileiras do bando de Vassallo devido a um entrevero que tivera com seu senhor, o barão Francesco Adragna.

Agora estava ali, preso com aquelas correias que lhe tolhiam qualquer manifestação de sua vontade. Não opôs resistência aos guardas, deixou que o amarrassem na cadeira e, quando levantou a cabeça, viu o capitão Lorenzo Costa com seu uniforme azul impecável, que se aproximou e lhe mostrou, na palma da mão, uma medalhinha enegrecida.

— Reconhece? — perguntou o capitão revirando a medalhinha, para mostrar as duas faces. Como Curzio parecia ignorá-lo, repetiu com mais veemência. — Reconhece?

Curzio olhou a medalhinha, depois ergueu os olhos e assentiu.

— A quem pertencia? — insistiu o capitão.

— O senhor sabe, capitão. Ao meu irmão, ao Turi, Salvatore — respondeu Curzio, enquanto seus olhos ficavam úmidos.

— Você sabe que fim teve seu irmão, não sabe?

Curzio abanou a cabeça numa negativa e mentiu, pois a notícia de que Salvatore morrera no incêndio do palácio do marquês Bellarato tinha atravessado não só os vales de Salemi mas também os montes das Madonie.

— Seu irmão primeiro castrou o marquês Bellarato e depois o matou como a um cachorro — resumiu o capitão. Sabia perfeitamente que Curzio tinha conhecimento da morte do irmão. — Pena que tenha morrido por causa de um imprevisto: um incêndio talvez provocado pelo próprio marquês, para se defender... Mas isso são coisas que agora todos já sabem...

Aproximou-se do ouvido de Curzio e sussurrou:

— O que eu quero de você são informações que poucos sabem, além dos interessados diretos... — Aquelas palavras estremeceram Curzio, que não era um modelo de bravura. — Vocês dois faziam parte do bando de Vassallo. É claro que antes alguém mandou Vassallo dar um sumiço em Nicola Geraci, aquele político socialista, e depois, para confundir as ideias dos investigadores, mandou seu irmão matar o marquês Bellarato, com o qual Salvatore tinha contas a acertar.

— Vassallo não tem nada a ver com esses acontecimentos — murmurou Curzio sem muita convicção.

— Então me diga... Você estava presente quando Vassallo se encontrou com Rosario Losurdo? — perguntou o capitão.

— E o que isso tem a ver?

— Losurdo por acaso não era o administrador do príncipe Ferdinando Licata? — insistiu Costa.

— Não vou dizer mais nenhuma palavra. O senhor quer me pôr em maus lençóis, colocar na minha boca palavras que eu não disse. Não sei nada a respeito disso. — E fechou a boca com ar de desafio.

— Isso vamos ver — limitou-se a dizer o capitão Lorenzo Costa.

Curzio conheceu pessoalmente as funções da tina instalada no meio da sala. Era um dos métodos mais usados na época para obrigar os suspeitos a confessar coisas que, de outra forma, jamais confessariam.

O prisioneiro era totalmente despido e em seguida, fosse verão ou inverno, colocado dentro da água gelada. A tina era estreita demais para acomodar todo o corpo. Os braços e as pernas, que ficavam pensos do lado de fora, eram presos com arames nas laterais do recipiente, onde havia anéis metálicos chumbados expressamente para esse fim. O infeliz, mergulhado na água salgada, era açoitado com um chicote de nervo de boi. Na salmoura, as chicotadas eram ainda mais doloridas, mas não deixavam marcas. Se o indivíduo conseguia resistir aos golpes, por não ter o que confessar, e se tivesse barba ou bigode, os carcereiros arrancavam seus pelos; depois, com uma torquês, passavam para as unhas e, por fim, queimavam-lhe a sola dos pés. Se ainda assim a pessoa resistisse, era a vez dos choques elétricos, aplicados nas partes mais íntimas e delicadas. Nos intervalos, enfiavam um funil na boca do prisioneiro e, com as narinas fechadas, ele era obrigado a engolir água salgada até o estômago se dilatar totalmente.

Esse método faria empalidecer os jesuítas da Santa Inquisição, mas, na Sicília, conseguiu conter o avanço da criminalidade e das organizações subversivas mesmo depois do fim do fascismo.

Curzio Turrisi não experimentou todas as variantes da "caixinha", como era chamada a tina na gíria. Conseguiu resistir apenas até lhe arrancarem os pelos; então cedeu e se declarou disposto a assinar qualquer papel. O capitão Costa ditou pessoalmente uma declaração acusando o bando de Vassallo de haver cometido os dois homicídios em nome de um mandante anônimo. Aquela confissão bastava para Lorenzo Costa ter autorização de passar por cima da própria lei.

A tática empregada pelo capitão foi a mesma utilizada para capturar Curzio Turrisi. Procurar Gaetano Vassallo entre as serras era como tentar encontrar a clássica agulha no palheiro. Seria um erro ir ao território do

bandido, as probabilidades de êxito seriam muito pequenas. Costa, então, decidiu vigiar à distância as casas e fazendas dos parentes de Vassallo. Em especial a de Geremia Vassallo, seu irmão, que, junto com sua mulher, Rosalia, se encarregara de cuidar dos gêmeos recém-nascidos e dos outros dois filhos: o primogênito Jano, de sete anos, e Giovanni, um ano mais novo.

Geremia era meeiro da fazenda de um nobre de Palermo, Luigi Ardizzone, e morava numa herdade modesta em Borgo Guarine, não muito distante de Montagna Grande, a serra onde o bando de Vassallo se reunia quando precisavam planejar alguma ação criminosa.

O capitão Lorenzo Costa sabia esperar. Sabia, por experiência própria, que era apenas uma questão de tempo, talvez de semanas ou meses, e mais cedo ou mais tarde o rato voltaria à toca e acionaria a armadilha.

Finalmente, numa noite em fins de julho a armadilha foi acionada... e na manhã seguinte o mundo de Salemi não seria mais o mesmo.

# 16. 1939
# Quando o erro se transforma em remorso

Ferdinando Licata fazia ele mesmo as malas de sua viagem a Trapani. Enquanto jogava as roupas dentro da valise de couro, flagrou-se pensando se teria mais amigos ou inimigos. Não era a primeira vez que tais ideias estranhas lhe ocorriam. No começo, lançara-as de volta ao poço negro da mente, mas fazia algum tempo recomeçara a ruminar, e por vezes o desconforto predominava, causando-lhe profunda depressão. A própria ida a Trapani, que se permitia periodicamente, tornara-se motivo de ardentes reflexões. Até uma década antes, aquelas viagens eram semanais, depois as visitas se reduziram a cerca de duas vezes por mês, depois a apenas uma... e desde a última vez haviam se passado cerca de três meses. Aquele contínuo fazer e desfazer malas lhe parecia uma das muitas derrotas de sua vida. Recusar-se a ter sua própria família, uma mulher, um filho, fora uma escolha que, a princípio, não lhe custara muito esforço. Aliás, a julgar por seus contemporâneos casados que reclamavam o tempo todo das esposas, sentia-se um privilegiado. Conseguira evitar as insídias do matrimônio e se vangloriava disso, enquanto os demais aristocratas o tinham como exemplo. E tudo graças à sua irmã Lavinia, que cuidava da mansão sem a ajuda de governantes ou administradores.

Ao longo dos anos, tornara-se um cliente aficionado da casa de tolerância de Francesca Gravina, conhecida como uma das mais exclusivas de toda a Sicília. Tivera relações com jovenzinhas em sua primeira experiência, com senhoras mais maduras, com nobres que, no segredo das alcovas de Francesca, pediam para consumar o adultério com um dos homens mais renomados da ilha, embora poucas pessoas pudessem afirmar que o conheciam verdadeiramente. Com algumas dessas senhoras, os encontros se prolongaram por diversos meses. Mas quando Ferdinando Licata percebia que os sentimentos começavam a prevalecer sobre a paixão, conseguia, sempre com

muita delicadeza, escapar à captura e prosseguia sua vida de eterno solteiro.

Nos últimos tempos, as visitas à casa de Francesca tinham se tornado cada vez mais esporádicas. Seu espírito não era mais tão leve e despreocupado como na juventude.

Naquele dia, preparando aquela maldita mala, centenas de perguntas vieram-lhe à mente. Era opressiva aquela necessidade de um afeto diferente dos conhecidos até aquele momento, um afeto mais profundo que apenas um filho pode oferecer. Desde algum tempo afloravam à superfície de sua consciência os excessivos erros que cometera na vida. Com o passar do tempo, os erros se transformam em remorsos, e para calar as vozes interiores adotamos práticas de expiação. Era a via adotada pelo príncipe Licata, que até aquele momento, porém, não obtivera grandes resultados. Sua esperança era que a humilhação de lavar os pés de seus camponeses silenciasse aquelas vozes, mas tinha sido inútil.

Depois da visita a Trapani, decidiu enfrentar Manfredi para avisar que não poderia mais lhe vender o terreno de Madonnuzza. Faltaria com sua palavra. E o que é um homem se perde a dignidade de sua honra? Rosario Losurdo, seu companheiro de infâmias, lhe pedira um favor. Ele poderia negar, tinha o poder e a faculdade para tanto.

Por dias e dias, Ferdinando Licata ficou indeciso sobre que caminho seguir, se o da honra ou o da conveniência. No fim, escolheu o mais fácil. O crime é um companheiro intransigente. A pessoa só consegue se libertar caso seja muito forte e decida se emancipar a qualquer custo, ainda que pague pelas consequências.

Assim, subiu em seu Alfa Romeo e, despedindo-se da irmã Lavinia, encaminhou-se para Trapani. Ainda estava na estrada provincial rumo a Calatafimi, antes de cruzar a estrada principal, quando viu uma caminhonete dos camisas-negras de Jano despontar em velocidade moderada de uma estradinha secundária e vir em sua direção. Na cabine estava apenas o motorista, que ria tentando espiar pelo retrovisor externo o que se passava atrás dele, enquanto na parte traseira estavam os cinco valentões, pretos como besouros, gritando e agitando os cassetetes no ar. Ferdinando Licata acompanhou os olhares deles para entender com quem estavam se metendo. Finalmente entendeu qual era o objeto daquela excitação. Com as mãos amarradas com uma longa corda, presa atrás da guarda do caminhão, o príncipe reconheceu a barba densa e inconfundível de Ciccio Vinciguerra. O pobre-diabo corria sabe-se lá por quanto tempo, puxado como um animal. Sua única preocupação era não cair no chão para não ser arrastado. Mas o sadismo dos

milicianos era bem calculado; com efeito, o caminhão seguia em velocidade reduzida, permitindo a Vinciguerra não tropeçar e cair. Vendo aquilo, Licata deu uma brusca meia-volta, acelerou, ultrapassou o caminhão e, com uma violenta guinada, se pôs de atravessado na estrada. Distraído com os gritos de seus camaradas, o motorista não percebeu Licata indo ao encontro do caminhão, gritando para que parasse. Quando o motorista finalmente se deu conta do obstáculo, pisou no freio até o fundo. O caminhão derrapou alguns metros no caminho de terra. Os cinco, tomados de surpresa, caíram uns sobre os outros no fundo da carroceria. Enquanto isso, Ciccio Vinciguerra continuou correndo por inércia até cair exausto atrás do veículo, agora parado, com os pulmões ofegantes.

Licata foi até ele e o ajudou a soltar os nós da corda. Nesse meio-tempo, Jano apareceu no parapeito da traseira, furioso com o imprevisto.

— Mas que maldição! O que está acontecendo? — gritou, os olhos saltando das órbitas.

Pulou para baixo com o cassetete em punho, pronto para usá-lo, e gritou de novo:

— Quem diabos está se intrometendo?

O príncipe Ferdinando Licata se ergueu em toda a sua estatura. Jano chegava-lhe ao queixo. O príncipe estava mais furioso do que ele.

— Jano, vou denunciá-lo ao prefeito! Esse homem é meu empregado! Não encoste o dedo nos meus empregados, ouviu bem? — bradou com a voz na altura máxima.

Naquele momento, os outros quatro camisas-negras tinham se aproximado.

Nunzio, o filho de Manfredi, logo se mostrou o mais aguerrido.

— Jano, vamos fazê-lo experimentar um pouco do nosso bom óleo de rícino. Aí veremos se ele continua com vontade de gritar.

Licata não se deixou intimidar:

— Nunzio, como se atreve a se dirigir a mim dessa maneira? Você é a vergonha da sua família.

Nunzio estava para se lançar contra Licata, porém Jano o reteve.

— Parado, Nunzio. No príncipe não podemos tocar. Mas nele, sim.

Apontou para Ciccio Vinciguerra, que tinha se levantado do chão e ainda não conseguia falar por falta de fôlego.

— Ele disse que o fascismo na Sicília fez mais estragos do que obras. Ouvi com meus próprios ouvidos. Isso se chama derrotismo!

— Mas não estamos em guerra. Derrotismo... — repetiu Licata com uma

risada. — Cuidem de manter a ordem pública e não de implicar com um pobre-diabo.

O príncipe Licata desfez os nós da corda, depois pegou Vinciguerra pelos ombros e o ajudou a caminhar, indo em direção ao carro.

— Vou levá-lo para casa e fazer de conta que não aconteceu nada.

— Mas o senhor não pode nos tratar assim!

Dessa vez foi Ginetto quem falou, o mais jovem do grupo.

O príncipe ouviu e se virou.

— Ginetto, trate de crescer e vá trabalhar. Sua família não consegue mais sustentá-lo.

— Calma, rapazes, vamos manter a calma — disse Jano, categórico.

Depois gritou para o príncipe, que já alcançara o carro:

— Príncipe Licata, não há mais espaço para múmias como vocês.

Os cinco riram desbragadamente da tirada. Nunzio deu um tapa no ombro de Jano, satisfeito pela maneira como ele resolvera a discussão em favor deles. Ginetto e os demais também trocaram sonoros tapas para sublinhar a vitória.

Nessa época, não era preciso muito para rapazes sem eira nem beira se sentirem os donos do mundo.

Ferdinando Licata girou o Alfa Romeo e retomou o caminho, seguindo para o Borgo Tafèle, onde ficava a casa de Rosario Losurdo. Ciccio Vinciguerra precisava de proteção, e assim Licata considerou que devia retirá-lo do feudo Dell'Orbo, do príncipe Moncada, e levá-lo para o feudo Castellana, de Losurdo.

Chegaram à herdade, onde Losurdo estava negociando a venda de alguns cavalos com dois intermediários vindos de Marsala. Manfredi, o capataz-chefe, o ajudava nas negociações. Ao ver o príncipe chegar, Losurdo se desculpou com os visitantes e foi a seu encontro.

— O senhor não estava indo a Trapani? — perguntou, intuindo algum contratempo. Depois se dirigiu a Vinciguerra, que parecia mais morto do que vivo. — Ciccio, o que você está fazendo no carro do príncipe?

— *U patri* salvou a minha vida — respondeu ele, descendo do carro.

— Ciccio nunca abre a boca. Mas, quando fala, arranja encrenca — declarou Ferdinando Licata aproximando-se de Losurdo.

— Mas o que aconteceu?

— Jano e seus comparsas o pegaram — explicou o príncipe em voz alta, para que todos ali ouvissem. — Amarraram Ciccio com uma corda no

caminhão deles, e o fizeram correr pelos campos de Salemi.

Manfredi aproximara-se do grupo, embora guardando alguns passos de distância. O príncipe o viu e foi em sua direção.

— Lamento dizer, mas o seu Nunzio também estava lá. — O príncipe ergueu a voz, coisa que raramente acontecia. — Ele me faltou com o respeito, está ouvindo? A mim! Instigou os outros a me darem óleo de rícino! Nunzio! Seu filho! — Tentou se acalmar. — Eu segurei Nunzio no colo, não é verdade, Manfredi? Mas o que se tornaram esses nossos filhos! Quem consegue reconhecê-los! Perderam o respeito e a dignidade. E fizeram com que os pais também perdessem!

Manfredi estava mortificado, com vontade de sumir debaixo da terra. *U patri* tinha razão. Nunzio perdera o respeito pelos mais velhos. Mas eram aquelas novas ideias revolucionárias que os fascistas haviam metido em sua cabeça.

— Jano e os outros canalhas o fizeram acreditar que ele virou sabe lá o quê. — Manfredi tinha obtido uma promessa do príncipe: a compra de um terreno em Madonnuzza. Esperava do fundo do coração que o príncipe não voltasse atrás depois do acontecido.

Mas estava enganado. Ferdinando Licata pensou em aproveitar a ocasião para salvar um pouco de sua dignidade. Com efeito, tomou-o pelo braço e se afastou dos presentes para lhe dizer com um tom entristecido, falsamente entristecido:

— Há algumas semanas, eu lhe fiz uma promessa. E pensava em honrá-la quando voltasse de Trapani. Mas esse episódio realmente me fez mal. Não se pode ser benfeitor de quem não o respeita.

— Mas, *patri*, o senhor sabe quanto lhe sou fiel e reconhecido. Nunzio, infelizmente, grudou-se naquele Jano como uma sanguessuga. Eu o amaldiçoo pelo que ele lhe fez.

— Deixe-me concluir. Conheço você e sei como é fiel. Mas essa raça de usurpadores é nossa inimiga, entende o que quero dizer, Manfredi? Não posso aceitar que comam do meu pão. Os traidores devem ser mantidos à distância. Eles e todos os de sua espécie. Sinto muito, Manfredi, mas chegamos ao limite. Ou seu filho entra de novo na linha, ou você e sua família terão de sair de Salemi.

Estas últimas palavras foram como uma marretada na cabeça do pobre camponês, e o fizeram cambalear. Manfredi não estava acostumado a implorar e engoliu aquele ultimato.

— Não se preocupe, farei com que ele volte à razão.

— Ótimo.

Despediu-se e se aproximou de Losurdo, que se mantinha afastado, mas ouvira toda a conversa:

— Nosso amigo Vinciguerra não voltará mais ao feudo Dell'Orbo. Vai ficar aqui com você. Substitua-o por outro. Não quero que se repita o que vi hoje.

Losurdo assentiu e o príncipe voltou para o carro.

— Vamos ver se agora consigo ir.

Deu a partida e deixou todos emudecidos. Losurdo e os outros o seguiram com o olhar até a poeira desaparecer atrás da curva.

Manfredi ainda não se recuperara do acesso de raiva do príncipe. Conforme tomava consciência de que não poderia mais ter aquele pedaço de terra, a ira contra o filho Nunzio aumentava e a raiva se tornava incontrolável.

Nunzio devia abandonar esses sonhos de poder. Por culpa dele, a esperança de uma vida se dissolvia como a névoa na primavera. Mas talvez as coisas ainda não estivessem perdidas. O príncipe dera a entender que, se ele recolocasse Nunzio nos trilhos, poderia rever sua decisão. Manfredi devia obrigar categoricamente o filho a abandonar aquele grupo de fanáticos.

Saltou na charrete e chegou a Salemi a tempo de ver o caminhão entrar na vila, retornando da expedição punitiva contra Ciccio Vinciguerra.

Manfredi ficou de pé na charrete, mantendo esticadas as rédeas da jumenta.

— Nunzio! — gritou ao filho, que descia do caminhão. Jano não estava ali, pois resolvera ir rondar a casa de Mena. Nunzio reconheceu a voz do pai e se virou.

— O que é? — respondeu com rispidez.

Manfredi, apesar do tamanho, desceu da charrete com inesperada agilidade e, com o chicote na mão, aproximou-se do rapaz e lhe desferiu um golpe seco no rosto, deixando uma marca avermelhada na face.

Os três camaradas imediatamente seguraram seus braços, mas Nunzio fez sinal para que o largassem. Eles soltaram.

— Isso é para você se lembrar da educação que te dei. Dizem que você não respeita mais ninguém... você e seus ilustres comparsas — disse Manfredi, fremindo de raiva.

— Ouça, velho, cuidado com o que diz, ou vai provar a madeira do meu bastão. — Quem falou de forma tão descarada foi Ginetto.

— Era exatamente isso que eu queria dizer. — Manfredi agora abrandara o

tom, na esperança de tocar a consciência do filho. — Você não é assim. Não pode fingir um cinismo que nunca teve.

— E o que você sabe sobre mim? Você me criou a pão e bofetadas, e me ensinou a curvar a cabeça diante de todos. Agora são os outros que curvam a cabeça diante de mim. O que acha que é melhor? Hein, pai? Você cresceu feito uma mula que só leva pancada. Mas agora o futuro é nosso. — Riu na cara do pai e começou a cantar "Giovinezza", acompanhado pelos amigos.

— Por sua culpa, não vou ter o terreno de Madonnuzza.

— As economias de uma vida inteira por um pedaço de terra de onde até as lagartixas fogem de nojo. Não enxerga a raça de mendigo que você sempre foi a vida toda?

Diante desse insulto, Manfredi já ia chicotear novamente o rosto de Nunzio, mas dessa vez o rapaz não se deixou surpreender. Segurou o braço do pai armado com o chicote e lhe deu um tapa com a outra mão. Manfredi cambaleou, mais pela surpresa do que pela força efetiva do golpe. Jamais esperaria que um filho fosse capaz de lhe bater.

— Nunzio, amaldiçoo você e toda a sua descendência pelas próximas sete gerações. Você morreu para mim, para sua mãe e seu irmão.

Então subiu na charrete e se afastou, enquanto às suas costas ressoavam hinos de guerra dos camisas-negras, entoados aos brados insolentes pelos amigos de Nunzio.

O rapaz, por seu lado, tinha emudecido; viu desaparecer a charrete atrás da viela e caiu em um profundo desalento com a praga que o pai lhe rogara.

# 17. 1939
# Isso é o cinema

Nos pequenos vilarejos rurais, onde os únicos contatos sociais se davam na missa dos domingos de manhã e nas raras festas familiares e religiosas do santo padroeiro, o cinema na praça era um acontecimento vivido por jovens e velhos como um arrebatador sonho coletivo.

Em Salemi, aguardava-se a chegada de Balilla com os filmes e o projetor no começo da tarde. No inverno, a sala de projeção era montada no salão da prefeitura, enquanto no verão o cenário ideal era a praça da catedral, com a tela colocada no começo da rua. Naquele dia, porém, ameaçava chuva e assim o secretário municipal decidiu fazer a projeção no salão municipal.

O carro foi estacionado na frente da prefeitura, e centenas de braços se ofereceram para transportar o delicado equipamento até o interior do salão. Metade da cidade já estava reunida na praça para assistir à cerimônia de montagem da tela e do posicionamento do projetor. As caixas dos filmes, aqueles curiosos recipientes redondos de alumínio com nervuras em relevo, eram consideradas pelos rapazes como verdadeiras caixas mágicas. E os pedacinhos de filme, que às vezes o operador era obrigado a cortar para que as imagens casassem com o som, eram disputados pela meninada em longas batalhas.

Em Salemi, a projeção do filme já tinha se tornado um programa mensal, ao qual poucos moradores faltariam. Muitos vinham dos povoados próximos, especialmente quando o filme era uma história de amor.

Para aquela tarde estava anunciada a exibição de *Casta diva*, um drama de Carmine Gallone feito três anos antes e interpretado por Martha Eggerth, uma atriz húngara muito famosa pelos vários filmes rodados na Itália.

Todas as moças da região tinham recebido autorização dos pais para assistir à película, acompanhadas pelos irmãos ou por uma amiga da família. O filme

se passava no final do século XIX e contava a história dos obstáculos de um grande amor entre o músico Vincenzo Bellini e uma cantora. O final dramático previa a morte da heroína, a casta diva do título.

Mena também conseguiu permissão do pai. Com os irmãos Michele e Donato e a mãe Rosita, tinha ido na charretinha logo cedo, para pegar os melhores lugares na sala. Naturalmente, todos os espectadores deviam levar uma cadeira, do contrário teriam de assistir à projeção de pé, no fundo do corredor.

Quando a sala ficou pronta e o portão foi aberto, a multidão começou a entrar de forma ordenada. Levavam cadeiras e bancos, que foram dispostos diante do lençol pendurado no forro numa longa haste de bambu.

Quem entrava cumprimentava amigos e parentes, e toda a plateia respondia em coro, ironicamente, à saudação. Os rapazinhos davam tapas na cabeça dos meninos da frente e depois se escondiam atrás das costas do vizinho. Alguns atiravam bolinhas de papel molhadas de cuspe, que iam atingir a cabeça dos que estavam nas filas da frente. No salão também estavam Annachiara, a esposa loira do dr. Peppino Ragusa, com a filha Ester e Saro. Chegaram ainda os camisas-negras do esquadrão fascista local, Ginetto, Nunzio, Prospero e Quinto. Mas ninguém lhes deu atenção.

A magia do cinema criava concórdia entre todos. Jano chegou pouco depois. Não trazia cadeira, mas encontrou alguém que, mesmo sem muita vontade, lhe cedeu o lugar. Percorreu a sala com o olhar e finalmente viu sua presa: Mena estava algumas filas adiante e ainda não tinha percebido sua presença. Jano se ajeitou na cadeira e a luz se apagou. A alegre barulheira diminuiu. Ouviam-se silvos e assobios e, quando a tela se iluminou, imediatamente baixou na sala um silêncio absoluto.

No fim da primeira parte, as luzes se acenderam e todos se levantaram para esticar as pernas, postas a uma dura prova pela imobilidade quase completa. Foi então que Mena se virou para a plateia, a fim de ver se encontrava algum conhecido.

A jovem vestia um pulôver escuro e justo, que ressaltava suas formas. Seus olhos límpidos e profundos cruzaram rapidamente com os de Saro. Ela desviou o olhar para não enrubescer.

Algumas filas atrás, quem não tirava os olhos de cima dela era Jano. O jovem se moveu e entrou em seu campo de visão. Sorriu:

— Olá, Mena, está gostando?

Mena percebeu a presença dele e respondeu à saudação.

— Tenho medo que termine mal.

— Você vai ver, ele vai conseguir se casar.

— Tomara. Com certeza Bellini era mesmo um doce — sentenciou ela, referindo-se ao personagem do filme.

Jano sorriu ao comentário. As luzes diminuíram e depois se apagaram totalmente. Ia começar a segunda parte.

Quando a palavra *Fim* surgiu no lençol branco, muitas senhoras e moças esconderam os lencinhos que tinham usado para conter as lágrimas pela morte da protagonista. Mesmo depois de acesas as luzes, todos os presentes permaneceram em silêncio, como na esperança de que o filme continuasse e tivesse um final mais feliz. Então um rapaz começou a bater palmas, e todos o acompanharam num aplauso alegre e espontâneo. As pessoas começaram a sair do recinto. E não era a coisa mais fácil do mundo, pois precisavam retirar as cadeiras e os bancos que alguns jovens mais impulsivos haviam emprestado da igreja.

Jano aproveitou a balbúrdia para se aproximar de Mena.

— Você tinha razão. No final ela morre — disse-lhe com um sorriso.

— Todos esses filmes terminam da mesma maneira — disse ela com os olhos ainda brilhantes. — Se a vida fosse assim, seria uma tragédia constante.

— Mas você chorou, fale a verdade.

— Imagine, o que é isso... Precisa muito mais para me comover — a jovem mentiu descaradamente.

— Por exemplo? — provocou Jano, cortando o caminho dela e obrigando-a a parar, enquanto as pessoas continuavam passando em redor deles.

Mena se desviou de Jano e voltou a andar.

— Jano, você está pensando o quê?

— Mena, eu queria...

Mas não pôde terminar a frase porque Rosita, alguns passos à frente, virou-se e chamou:

— Mena, venha logo que vai chover.

— Já estou indo, mamãe — gritou para a mãe. Depois se dirigiu a Jano. — O que você ia me dizer?

Ele tocou o braço dela e disse:

— Você está linda hoje e...

Mas as pernas de uma cadeira se interpuseram entre os dois, obrigando-os a se separar. Jano se irritou e deu um safanão nelas.

— Cuidado! Seu palerma! — ele gritou para o rapaz que a carregava.

Este, que carregava a cadeira apoiada no peito, cambaleou, pois também levava outra na cabeça, em um equilíbrio instável.

— Não vi vocês — tentou se desculpar Saro, olhando Mena com ar maroto.

Ela caiu na risada ao ver o jeito cômico do rapaz e correu para alcançar a mãe já na rua, deixando os dois se encarando. Jano chiou:

— Você fez de propósito.

Saro levou na brincadeira.

— Mas não vi vocês, de verdade. E além disso, Jano, deixe dessas manias de perseguição.

Dizendo isso, retomou o caminho para a saída, depois de deixar Jano no meio da sala, espumando de raiva. Uma chuvinha cerrada começava a cair.

A chegada do cinema a Salemi teve a força de suspender todas as atividades do povoado. Poucos deixavam de ir à sala da prefeitura para assistir aos filmes. Entre eles, alguns velhos, os doentes e os que aproveitavam para realizar aquelas tarefas que não queriam que ninguém na cidade soubesse. Um deles era Nunzio, que, desde a discussão com o pai, caíra em profunda depressão. Precisava desabafar com alguém muito próximo, um amigo ou... mais que um amigo. Aproveitou a chegada do filme, quando todas as ruas de Salemi se esvaziavam por umas duas horas, para ir visitar Tosco.

O ex-criado do marquês Bellarato vivia praticamente recluso em casa, uma bela moradia de cinco cômodos que o próprio marquês lhe presenteara no começo da convivência deles.

Quando ouviu baterem à porta, o coração de Tosco subiu à garganta. Nunca ninguém vinha à sua casa. Mas, no fundo do coração, sempre mantinha a esperança de que Nunzio se lembrasse dele.

Abriu a porta e, vendo o rapaz, lançou-se a ele e deu-lhe um abraço apertado. Mas Nunzio, como sempre, afastou-o de repelão e entrou, fechando a porta atrás de si.

— Até que enfim você veio... Já faz um mês... Não consigo ficar longe de você — choramingou Tosco, enquanto o visitante entrava na sala de jantar.

Nunzio não respondeu. Estava silencioso e olhava os móveis antigos, as pratas preciosas, os relógios esmaltados, os bibelôs de porcelana, os abajures estilo *art déco* que Tosco surripiara do palácio do marquês, considerando-os seus, na condição de filho natural do velho marquês Bellarato.

Ele nascera de uma relação entre o marquês e uma de suas criadas,

concebido quando a marquesa estava grávida de Pietro. Os dois rapazes, quase da mesma idade, tinham crescido juntos. Brincaram com os mesmos brinquedos, estudaram nos mesmos livros. Mas, embora meios-irmãos, Tosco era o criado e Pietro, o marquês.

Com o passar dos anos, Pietro Bellarato descobriu suas inclinações e, não podendo dar vazão à sua brutalidade com as mulheres, recorreu a seu joguete preferido: Tosco. Este, atraído doentiamente pelo meio-irmão, em cujo lugar gostaria de estar, não encontrou nada melhor do que saciar todos os mais vergonhosos desejos dele, e isso foi a ruína para ambos. Aos vinte anos, o marquês Pietro Bellarato havia se transformado numa espécie de sátiro, sempre em busca de novas transgressões. Fazia o irmão se vestir de mulher, com as roupas da mãe, ou punha-lhe arreios e o montava completamente nu. Mas logo eles esgotaram a gama das perversões e o marquês começou a se sentir entediado com seu joguete.

Assim, um belo dia Tosco foi posto de lado, como uma puta velha, embora ainda nem tivesse completado vinte anos.

Para Tosco, ser rejeitado por seu adorado Pietro foi o momento mais dramático de sua jovem existência. Pensou diversas vezes no suicídio, mas depois, como tantas vezes ocorre nessas circunstâncias, atirou-se nos braços do primeiro que apareceu. Os jovens do vilarejo não tiveram piedade: passavam-no de um para outro, como se ele fosse carne de açougue. Aproveitaram-se de seu estado de confusão mental e em uma noite o mergulharam no pior pesadelo que a mente humana pode conceber. Tosco viu-se no fundo de uma vala barrenta, inteiramente nu, sem se dar conta do que lhe acontecia, pois estava totalmente aturdido com o vinho ruim que lhe haviam dado para beber. Depois, como num eco distante, ouviu risos na beira da vala e sentiu jatos quentes de um líquido acre regando seu rosto, boca, nariz, todas as partes de seu corpo. E os perseguidores não se limitaram àquela repugnante violência. À luz incerta da lua, ele vislumbrou alguém na borda da fossa que, continuando a rir, abaixava as calças. Mas uma voz imperiosa silenciou aquelas gargalhadas e o bando, já saciado de jogos horrendos, foi embora calmamente.

Uma mão forte o ajudou a sair da vala e o levou ao riacho próximo, onde Tosco pôde se livrar de todos os ultrajes que sofrera. Ficou na água por um bom tempo. Depois Nunzio, um dos filhos de Manfredi, levou-o de volta ao palácio do marquês, onde finalmente pôde descansar.

Naquela noite, paradoxalmente, Tosco reencontrou a paz. Começara a pensar, com milhares de doces fantasias, naquele que viria a substituir Pietro

em sua mente. Nunzio tinha sido muito gentil com ele, e era muito jovem. Entre mil subterfúgios, continuaram a se encontrar, embora Nunzio, para não ser objeto de escárnio dos companheiros, o tratasse em público com frieza e distância.

— Já comeu? Quer que eu prepare alguma coisa? — perguntou Tosco.

A atenção de Nunzio foi atraída por dois laços de couro com alguns sininhos presos, apoiados numa cadeira. Levantou-os e tilintou.

— O que é isso?

Tosco tirou as correias das mãos dele e escondeu numa gaveta.

— Não é nada.

— O que são aqueles sininhos? Quem te deu de presente? — insistiu Nunzio.

Tosco segurou o braço dele.

— Está com ciúmes?

— Que ciúmes coisa nenhuma. Vamos, me conte. Há outro?

— Não há ninguém. Foi uma bela ideia dos seus amigos. Não me diga que não sabia.

— Não sei de nada, juro.

— Foi seu amigo Jano que me deu. Sou obrigado a usar as correias nos pulsos e nos tornozelos toda vez que preciso sair. Ele me disse: "Assim as pessoas, ouvindo você chegar, podem fugir. Porque vocês, veados, são piores do que os leprosos". Agora só saio quando chega a carrocinha das verduras e preciso comprar alguma coisa. O resto, uma boa mulher da paróquia providencia para mim.

— Sinto muito.

Tosco voltou a abraçá-lo.

— Não aguento mais... me ajude... não me abandone.

Seu grito de desespero trespassou o coração de Nunzio como uma lança. E pensar que tinha ido lá procurar um pouco de conforto. Depois, como se lesse seu pensamento, Tosco levantou o rosto e enxugou os olhos:

— Você também está triste. O que aconteceu?

— Sempre a mesma discussão com meu pai. Só que dessa vez ele me amaldiçoou.

— O que você fez para ele?

— Eu, nada. Foi aquele filho da mãe do príncipe Licata que voltou atrás

na palavra. Tinha prometido a ele um terreno na fazenda Madonnuzza. Para meu pai, ter aquela terra, ele que nunca teve nada na vida, significa a recompensa por toda uma vida de dificuldades.

— O príncipe voltou atrás? Não posso acreditar... Será que foi por sua causa?

— Sim. Por culpa minha. Porque faço parte do esquadrão fascista.

— Só por isso? Você deve ter afrontado o príncipe de alguma maneira, para ele recuar em uma promessa feita.

— Mexemos com o Ciccio Vinciguerra dele.

— Quem?! *U pisci*? Mas aquele não vale nada.

— Quando fala, faz declarações contra nosso Duce. Tivemos de castigá-lo.

— Ferdinando Licata é um osso duro. Mas, em tempos como hoje, ninguém é intocável — comentou Tosco. — Você vai ver, mais cedo ou mais tarde ele vai dar um passo em falso e então seu pai vai conseguir o terreno.

Abraçou-o e, sussurrando, pediu:

— Fica aqui esta noite.

— Não. Tenho apenas uma hora. Até acabar o filme.

— Que pena. Então precisamos nos apressar.

Mais tarde, no final da sessão, Nunzio alcançou Jano, enquanto este ia para casa com Ginetto.

Jano estava irritado e caminhava em silêncio. Quando estava com aquele humor, os camaradas sabiam que era melhor deixá-lo em paz. Mesmo assim Nunzio se aproximou e disse:

— Preciso falar com você.

— Nunzio, você perdeu o filme.

— Na verdade precisei fazer algumas coisas.

— Com alguma bela moça? — interveio Ginetto.

— Tive uma discussão com meu pai.

— Eu sei. Ginetto me contou tudo. Aquele príncipe me dá cada vez mais nos nervos.

— Ele e aquele administrador dele — frisou Nunzio.

— Losurdo, porém, tem uma qualidade — corrigiu Jano, insinuante.

— E qual?

— Uma filha que se chama Mena — disse, sorrindo e pensando em sua beleza. — Portanto, em Losurdo não se mexe. O príncipe ainda é muito

poderoso. Não vamos nos meter em encrenca.

— Para você, é fácil falar. Mas, por causa das suas asneiras, acabou sobrando para mim — desabafou Nunzio.

Jano bateu em seu ombro, fazendo-o parar.

— Ei, camarada, eu não faço asneiras — disse-lhe com o dedo em riste. — Se não está contente com o que fazemos, pode muito bem se retirar. Mas cuidado para não cruzar meu caminho.

— Vamos, Jano, Nunzio tem um pai que é um homem simples — interveio Ginetto para acalmar os ânimos.

— Ginetto tem razão. Tenho um pai que é uma nulidade. Estou azedando meu fígado por nada.

— Assim está melhor, meu amigo. — Jano pôs o braço em volta dos ombros de Nunzio. — Todos nós temos uma coisa em comum: nossos pais, que são uns cabeças de asno.

E os três se afastaram dando gargalhadas, como se não tivesse acontecido nada entre eles, tragados pela escuridão da noite.

# 18. 1921
# Anos difíceis

As horas noturnas no posto dos carabineiros de Salemi eram intermináveis. Depois das seis da tarde, o primeiro-sargento Costanzo Felici e o segundo-sargento Rocco Trigona, com outros dois cabos, eram obrigados a viver praticamente reclusos dentro da pequena chefatura. Raras vezes saíam para encontrar alguns conterrâneos da mesma idade, com quem tinham conseguido fazer amizade.

Os quatro dividiam um quarto, onde dormiam e descansavam nas horas em que não estavam de serviço. Um segundo quarto era ocupado pelos dois carabineiros alistados. Na cozinha ao lado, havia espaço para uma grande mesa, onde passavam a maior parte do tempo livre, isto é, quando não precisavam estar à disposição do sargento-chefe, Mattia Montalto. O cozinheiro era Costanzo Felici, de origem napolitana: movia-se com destreza entre molhos e berinjelas à parmegiana, como um grande cozinheiro.

Naquele ano, o verão estava quente e abafado como os velhos de Salemi não se lembravam desde tempos imemoriais. Apenas com a noite avançada, a temperatura dava um descanso. Por isso Costanzo Felici e Rocco Trigona, também naquela noite, tinham se demorado na taverna de Mimmo Ferro, onde ficaram jogando bisca com alguns amigos. Já era muito tarde quando voltaram à chefatura, um pouco altos pelos vários copos de vinho que tinham bebido.

Antes de ir se deitar, Costanzo preparou para si e para seu colega uma montanha de espaguete com molho de tomate. Os outros dois, os cabos, já dormiam fazia algumas horas.

Enquanto Costanzo escorria o macarrão e Rocco, com os fones no ouvido, tentava sintonizar o rádio galena num programa musical, uma pedra quebrou de repente os vidros da janela e caiu ao lado de Costanzo, que, com o susto, deixou cair a panela esmaltada, queimando a mão. Trigona, ocupado em ouvir

a música, não percebeu nada. Apenas quando viu o amigo correr para a janela com ar muito sério, tirou os fones.

— Costanzo... — Mas não terminou a frase, porque o amigo apagou a luz e fez sinal para que ficasse quieto.

Foi até ele, perto da janela com o vidro quebrado. Olharam para fora, mas a rua estava deserta. Então Costanzo Felici avançou decidido até a porta, seguido pelo sargento. Saíram para a pracinha, empunhando as automáticas.

Eram quatro da manhã e as ruas da cidade estavam mergulhadas num silêncio profundo. O sargento fez sinal para que voltassem a entrar. Retornaram à cozinha e Felici se abaixou para pegar a pedra. Ou melhor, a folha de papel quadriculado que envolvia a pedra. Apoiaram-se à mesa, alisando melhor a folha para ler a mensagem. A letra era incerta e trêmula. Mas o aviso se lia claramente: "Em Borgo Guarine há uma surpresa para vocês".

O céu começava a clarear, diluindo num azul desbotado a escuridão da noite. Aquela hora do dia lembrava ao sargento-chefe Montalto os pacientes deslocamentos à espera de surpreender os bandidos escondidos em alguma fazenda. Já tinha perdido a conta de quantas noites passara no bivaque! Pensava naquilo, quando viram a casa de Guarine. Uma leve névoa azulada dominava a paisagem. Um silêncio irreal cercava o lugar. Na terra batida, ouvia-se apenas a pancada surda dos cascos do cavalo e o ranger das rodas da charrete. Rocco Trigona, o sargento, puxou as rédeas e o cavalo parou do lado de fora da herdade. Os três desceram da charrete com as pistolas em punho. Aproximaram-se com cuidado, mas um detalhe chamou a atenção do sargento-chefe: a porta da casa estava entreaberta.

Ele a empurrou e entrou devagar, tendo às costas o sargento Felici, enquanto Trigona tinha ido para os fundos da casa.

Montalto, tão logo entrou, sentiu uma contração no estômago. Iluminados pela primeira luz do dia, viu dois cadáveres, dois homens caídos de bruços no chão. Um estava irreconhecível devido às punhaladas. Ele se aproximou e virou a cabeça do morto. Tinha a barba longa e as roupas cheiravam a lenha queimada. O outro também tinha uma barba comprida e roupas de caça. A longa experiência de Montalto lhe sugeriu que deviam ser bandoleiros. Entrou na cozinha. Ali o espetáculo era ainda mais pavoroso. O sargento que vinha atrás fez um gesto de repugnância. O chão estava cheio de sangue e coberto de restos orgânicos. Diante de uma das duas camas, havia uma mão decepada.

Rodeou a grande mesa e se aproximou da lareira, onde vira umas massas informes. Um tronco humano jazia pela metade dentro da lareira, mas foi tomado de náusea ao ver que era o corpo de uma pobre mulher, martirizado em cada centímetro de carne. E ainda não sabia o que o esperava no quarto dos fundos, o quarto de dormir... no chão jazia o corpo de uma criança de talvez cinco anos, com a cabeça arrebentada, e na cama desfeita, desarticulado como uma boneca de pano, um bebê de poucos meses.

— Chefe! Venha depressa! — A voz do sargento o despertou daquilo que lhe parecia um pesadelo.

Rocco Trigona ficara na cozinha. O que ele poderia ter encontrado de mais horrível?

A atenção de Montalto foi atraída por um movimento do berço. Ele se aproximou e percebeu uma trouxinha de carne que agitava os braços. Viu que o bebê tinha o rosto inchado. Pegou o recém-nascido nos braços... era a gêmea do menino que jazia no meio da cama. Por fim o bebê tossiu convulsivamente e, como se tivesse soltado uma tampa que lhe obstruía a garganta, começou a chorar desesperadamente. Montalto apanhou um pano no berço e envolveu a menina, mantendo-a no colo. Voltou para a cozinha e por pouco não colidiu com o sargento Rocco Trigona, que, ao ouvir o choro, correu para o quarto.

— Chefe... um menino — disse incrédulo.

— Uma menina. É menina — corrigiu, seco, Montalto, mostrando o bebê que tinha no colo.

— Venha ver o que encontrei.

Levou-o até a caminha e suspendeu as cobertas, fazendo-lhe sinal para olhar debaixo do estrado.

Montalto lhe estendeu a recém-nascida, que Rocco Trigona teve dificuldade em pegar nos braços, abaixou-se e viu o pequeno Jano dormindo profundamente, como que desacordado.

Felici e Trigona levaram Jano e a irmãzinha até a casa do dr. Peppino Ragusa. Annachiara, a mulher do médico, poucos meses antes tinha dado à luz sua primeira filha, Stellina, e acolheu provisoriamente a recém-nascida, Piera, como outra filha. O médico examinou Jano, mas o menino não tinha sofrido nenhum trauma e no mesmo dia foi levado a uma comadre da família, perto do povoado.

O sargento-chefe, que ficara procurando indícios na casa da herdade onde

ocorrera o massacre, por volta do meio-dia, foi alcançado pelo capitão Lorenzo Costa e dois subalternos. Pouco depois, chegou também o dr. Peppino Ragusa, chamado por Montalto para fazer um laudo clínico das causas das mortes e, principalmente, para verificar os abusos infligidos à mulher. De Santa Ninfa veio o procurador do reino, acompanhado por dois auxiliares.

Após um exame sumário da chacina, Peppino Ragusa confirmou que, depois do assassinato do homem e das crianças, a mulher fora violentada várias vezes seguidas. O que sofrera era inimaginável, também torturada com leves cortes de faca e perfurada em diversos lugares. Os homens que estavam na entrada foram mortos do lado de fora da casa e depois arrastados para dentro. Eram visíveis as marcas deixadas pelas botinas. Uma busca minuciosa feita no exterior da casa identificou o local onde eles foram atacados e mortos.

Todos os moradores das fazendas próximas acorreram em massa assim que souberam da tragédia. Todos conheciam os sacrifícios que Geremia e Rosalia tinham feito para criar os filhos de Vassallo depois que sua mulher, Teresina, morrera no parto dos gêmeos. Aquele massacre atroz somava mais uma tragédia a uma tragédia sem fim. Mas quem poderia ter praticado uma ação tão cruel? Os camponeses, homens e mulheres, assistiam em silêncio ao vaivém das autoridades, dos carabineiros, dos investigadores, que entravam e saíam da propriedade levando restos e corpos do crime que poderiam ser úteis para as investigações.

Oculto entre a multidão estava Gaetano Vassallo, que, descalço, roupas surradas, boina suja na cabeça e barba longa, podia ser confundido com um dos camponeses que lotavam a cena do crime. Tinha o coração despedaçado, mas a cabeça lúcida como nunca. A descoberta do acontecido por pouco não lhe arrancou um grito de dor. Sua lembrança recuou para um ano antes, quando viu a mulher morrer em seus braços. Agora, aquele horror se acrescia a uma dor que ainda não cicatrizara e lhe dilacerava o coração. Tinha vontade de correr até a casa e apertar os filhos no peito, mas mesmo aquele simples consolo lhe era negado pelo destino.

Precisava manter os nervos firmes, precisava descobrir o responsável por aquela matança e depois pensaria em acertar as contas pessoalmente. O mandante do massacre iria amaldiçoar o dia em que nasceu.

Tentava captar um nome, um indício, uma frase qualquer dita pelos carabineiros. Não devia atrair suspeitas sobre si, por isso circulava entre seus

conterrâneos fingindo curiosidade, perguntando ora a um, ora a outro o que havia acontecido. Precisava tomar cuidado e evitar também cruzar o olhar com quem o conhecia, embora estivesse tão maltrapilho que seria difícil reconhecê-lo.

A partir daquela maldita noite, Vassallo era como um homem morto.

O sargento-chefe Montalto descobrira o alçapão do porão muito bem disfarçado por baixo do berço. Percorrera todo o interior da passagem, até sair duzentos metros adiante na gruta de uma montanha próxima. Em alguns trechos, o terreno tinha sido remexido recentemente. Bitucas de cigarro indicavam que alguém esperara ali por algum tempo. No final do reconhecimento, Montalto tinha formado uma ideia bastante clara do ocorrido.

— Creio que Vassallo veio visitar a família com esses dois vagabundos. — Apontou ao capitão Costa os dois bandidos na entrada. — Alguém lhe armou uma cilada, mas ele conseguiu fugir pela passagem e esse "alguém", naturalmente mais de um, se vingou em toda a família.

— Eu me pergunto quem poderia odiá-lo com tanta ferocidade — comentou o capitão Costa. — Em todo caso, agora não gostaria de estar no lugar dele. Se Vassallo o descobrir, vai esfolá-lo com as próprias mãos — concluiu com um arrepio.

— Há apenas uma justiça, e é a divina. Mas quem fez tudo isso terá de pagar perante a justiça dos homens — declarou o sargento-chefe.

— Mas quem poderia ter um ódio tão visceral de Vassallo? — continuou a perguntar intencionalmente o capitão Costa.

— Vassallo tem muitos amigos que o protegem, mas também muitos inimigos que o odeiam. Aquele bandido tem duas pastas desta altura de relatórios e denúncias. Mas uma fúria dessas nunca tinha ocorrido aqui nas nossas bandas. — Montalto refletiu longamente. — Sim, é muito insólito. Isso é coisa que vem de fora.

O sargento-chefe começava a se aproximar da verdade.

— Mas estou formando uma ideia — disse o capitão Costa, para guiar Mattia Montalto no rumo que preferia. — Soube por um informante que não faz muito tempo Rosario Losurdo, o administrador do príncipe Ferdinando Licata, foi pedir um favor, adivinhe para quem?

— Para Vassallo? — perguntou Montalto.

— Exatamente! Sabe o marquês Bellarato, que teve morte tão cruel em seu

palácio em chamas?

O sargento-chefe conhecia bem toda a história e assentiu.

— Lembra o cadáver que encontraram carbonizado no palácio, ao lado do marquês?

— Claro, fui eu que conduzi as investigações. Era o cadáver de Salvatore Turrisi — disse Montalto.

— Bom. Naturalmente você também sabe que Turrisi fazia parte do bando de Vassallo e estava ali para cumprir um favor que Losurdo pedira a Vassallo, decerto por ordem do príncipe Licata.

— De fato, o príncipe tinha interesse na morte do marquês... — comentou Montalto.

— Porque o marquês tinha se intrometido na compra de um certo feudo — prosseguiu o capitão. — O motivo cai como uma luva. Nesse ponto, Vassallo deve ter chantageado o príncipe e ele decidiu matar Vassallo. Losurdo fez o trabalho. Mas, quando Vassallo fugiu, atacou sua família.

O sargento-chefe Montalto abanou a cabeça.

— Não me convence. Aqui somos todos camponeses e lavradores; isso é obra de um matador profissional. Não se comete um massacre desses à toa, a menos que sejam uns calhordas sem raízes.

# 19. 1939
# Bilhetes anônimos

Naquela manhã, foi o próprio Michele Fardella que levou ao prefeito um bilhete que encontrara embaixo da porta da prefeitura.

— Capitão, mais dois bilhetes anônimos — avisou, deixando na escrivaninha as folhas dobradas em quatro.

Costa continuou a folhear o *Giornale di Sicilia* e não deu muita atenção aos bilhetes.

Todos os dias chegavam à prefeitura, pelos meios mais singulares, no mínimo duas ou três cartas anônimas. Às vezes eram pessoas descontentes com a situação, às vezes era para acusar fulano de ter roubado os animais de beltrano, outras ainda, mais prosaicamente, um amante traído que denunciava a vida dupla da mulher que o desonrara. Em suma, aqueles bilhetes representavam o teatro da vida cotidiana de Salemi e arredores.

— Tem ordens para esta manhã? — perguntou-lhe o fiel Fardella.

— Não, Michele. Pode ir — respondeu o capitão. — Quando sair, ligue o rádio.

Largou o jornal na mesa e pegou as duas cartas. A primeira fora cuidadosamente datilografada e era assinada por *um grupo de funcionários*. "Quanto zelo", pensou o capitão. Depois, afundando na poltrona, começou a ler.

*Excelência, trazemos ao vosso conhecimento que na soc. seguradora siciliana demitiram todos os funcionários judeus, mas para o cúmulo da ironia mantiveram ainda o Diretor. A lei deveria ser igual para todos, especialmente a fascista, e rogamos a V. Excia. que tome providências, sendo isso um abuso e contrário ao desejo do Duce.*

*O Diretor sempre foi um déspota e não é mais desejado nessa sociedade, de*

*outra forma avisaremos a quem de dever. Respeitosamente...*

"Desgraçados, mais uma dor de cabeça...", e jogou a folha na mesa. De alguma maneira o problema teria de ser resolvido. Mas pensaria nisso no dia seguinte.

Abriu a outra carta anônima. Trazia poucas linhas escritas à mão, mas, quando acabou de ler, endireitou-se na poltrona alarmado e releu-a atentamente.

*Abra o caixão de Salvatore Turrisi e encontrará uma bela surpresa. Se adivinhar como se chama o verdadeiro cadáver, será nomeado cavaleiro. Um amigo.*

O capitão correu até a janela para tentar deter Michele Fardella. Mas o secretário municipal já tinha sumido de vista.

Releu mais uma vez o bilhete, depois a memória recuou dezenove anos. Lembrou o homicídio do marquês Bellarato: foi a razão pela qual viera de Palermo para Salemi. Lembrou que tinham encontrado um segundo cadáver carbonizado, o de Salvatore Turrisi... Lorenzo Costa amaldiçoou todos os sicilianos e aquela mania de se esconderem atrás de um bilhete anônimo. Seu sexto sentido lhe sugeria que aquela história ocultava algo muito grave.

Que peça lhe reservava o destino?

Mena se tornara uma obsessão para Jano. A moça conseguia fazê-lo esquecer os rancores, as violências, as raivas nunca aplacadas, e o bom humor dela, sua ironia, sua atitude decidida lhe inspiravam sentimentos que nunca tivera por ninguém, nem por sua mãe. Seria aquilo o amor? Sua graça, o rosto de grande beleza, emoldurado por dois olhos verdes, que ressaltavam sob os longos cabelos negros, causavam em Jano uma espécie de vertigem. Mena entrara em sua pele e em sua cabeça, e precisava, necessariamente, se tornar sua mulher.

Jano se entregava a esses doces pensamentos sentado junto à janela do caminhão que Nunzio dirigia pela estrada provincial até Borgo Fazio. Lá deviam retirar alguns móveis para o capitão.

Não tinham trocado uma palavra desde a saída de Salemi. Nunzio

assobiava uma musiquinha da moda para se entreter. Jano contemplava a paisagem à frente, quando viu despontar de uma curva, no sentido contrário, uma charrete puxada por uma jumenta ambarina. De imediato reconheceu Mena: não havia em Salemi mulher que soubesse manobrar as rédeas tão bem quanto ela. De fato, logo que a moça viu o caminhão vindo em sentido contrário, no meio da estrada, diminuiu o trote da égua e parou a um lado da estrada.

— Diminua, diminua.

Jano sacudiu Nunzio, que estava absorto em seus pensamentos.

Nunzio freou e desviou o caminhão para a beira da estrada.

— Pare. É Mena.

Mesmo antes de o caminhão parar, depois de passar pela charrete, Jano tinha descido e caminhado em direção à jovem, que tinha se posto de pé.

— Mena. Que surpresa. Nunca imaginaria encontrá-la aqui.

Aproximara-se dela, apoiando a mão no ferro encurvado que servia para facilitar a subida.

— Vim trazer o almoço para os meus irmãos — respondeu ela com frieza.

Sem lhe dar tempo de qualquer reação, Jano subiu na charrete e tirou as rédeas de suas mãos.

— Dê aqui. Eu levo você para casa.

Então, dirigindo-se a Nunzio, que tinha posto a cabeça para fora da janela, exclamou:

— Vá indo, depois nos encontramos.

Estava feliz como uma criança com aquele encontro inesperado. O caminhãozinho seguiu, e só então Mena se deu conta de que ficaria sozinha com Jano.

— Mas não podemos viajar juntos. Se meu pai nos vir, ele me mata — revoltou-se a jovem.

Mas Jano já tinha dado uma chicotada na jumenta, que, num salto brusco, retomou o trote rápido, sentindo-se guiada com mãos mais autoritárias. O movimento da charrete fez Mena cair sobre Jano, que sorriu e a abraçou pela cintura.

— Ei, Mena, não me provoque.

— Não toque em mim. — Ela o obrigou a tirar a mão. — Hoje você realmente resolveu me fazer perder a honra, Jano.

Ele riu de coração e chicoteou a égua, que aumentou o passo.

— É um sonho ficar ao seu lado. Sabe que você me enfeitiçou? Enquanto

trabalho, estou sempre distraído, pois fico pensando nos seus olhos.

Tentou diminuir o trote da égua; não queria que aquele encanto acabasse rápido demais.

— Eu não sabia que você trabalhava — caçoou a moça.

Ele retrucou:

— Sou gente importante, pode acreditar... Não me verá tendo o mesmo fim desses lavradores. Minha mulher será respeitada como uma nobre.

Estendeu a mão para tocar os ombros dela. Mas Mena se afastou dele, refugiando-se no canto do banco.

— Vamos, não faça assim. — Jano segurou as rédeas com uma mão e com a direita tentou puxar a moça para seu lado. — Minhas intenções são sérias, o que você acha?

Os olhos dele ardiam de desejo, e com um puxão conseguiu atraí-la para si. Mena se tornou mais firme.

— Ouça, esta história não está me agradando. Agora desça.

Achava que Jano estava a ponto de ultrapassar os limites. Jano parou a jumenta no meio da pista, depois se virou para a jovem, tentando segurá-la pelos ombros e abraçá-la.

— Mena, sou louco por você. Quero me casar com você. Eu te peço, não me diga não. — Tentou beijar o pescoço dela, mas a moça se debatia.

— Jano, pare, pelo amor de Deus.

Golpeou-o com os punhos, mas Jano, ao contato com sua pele, tocando-lhe o quadril macio, não conseguiu mais se controlar.

— Um beijo... só um beijo... Mena, você vai ver, será maravilhoso... você precisa de alguém como eu.. você vai gostar.

Mena começou a se desvencilhar para descer, levantou-se do banco, mas Jano a agarrou pelo pulso, obrigando-a a se sentar outra vez e lançou todo seu corpo sobre ela. Então Mena gritou de desespero e arranhou o rosto dele com as unhas. Ele se afastou, massageando o ferimento. Mena o olhou apavorada e começou a choramingar.

Jano estancou o sangue com a mão e se levantou, incrédulo.

— Desculpe... peço que me desculpe... eu disse: você me deixa louco. Não sei o que aconteceu comigo... Mena, peço que me desculpe.

Sinceramente entristecido, segurou sua mão e a beijou com humildade, continuando a pedir desculpas.

Mena estava realmente assustada. Com a ponta da blusa, removeu da mão as marcas de sangue que Jano deixara. Depois falou baixinho:

— Agora me leve para casa. Meus pais devem estar preocupados.

Sem discutir, Jano voltou a pegar as rédeas e a jumenta retomou seu trote ritmado. Mantiveram-se calados pelo resto do caminho.

Jano procurava uma saída para aquela situação desagradável. Com um lenço, limpou o sangue que secava na ferida, depois viu à distância os casebres de Borgo Tafèle.

Antes dele, Mena já havia reconhecido as árvores e as moitas de figos-da-índia que ficavam próximas da casa.

Minutos depois eles entravam no terreno da herdade. Nicola, um dos filhos de Manfredi, deixou o carrinho com o qual transportava o esterco das vacas para a esterqueira e se apressou em segurar a jumenta pelo freio. À janela da cozinha apareceu a figura de Rosita, que, vendo o rosto da filha e o de Jano, percebeu que havia algum problema. Foi ao encontro dos dois, enquanto lá fora Rosario Losurdo também se aproximava em passo rápido, pois, no depósito das ferramentas, tinha visto a charrete de Mena chegar, mas conduzida por Jano.

Rosita alcançou antes os dois jovens.

— As montanhas nunca se encontram — disse a mulher a Jano.

— Mas as pessoas sim — retrucou rápido o rapaz.

Rosita não pôde deixar de notar a marca de sangue no rosto dele.

— Você se machucou?

— Um galho na estrada, nada de grave.

Enquanto isso Rosario Losurdo chegou, ele também preocupado com aquela presença inesperada.

— Mena, você se perdeu?

A jovem não respondeu, baixou os olhos e entrou em casa, seguida por Rosita. Nicola aproveitou para se afastar, levando a égua e a charrete até a cocheira.

O silêncio da filha preocupou Losurdo, que se enrijeceu e avançou até Jano.

— Jano, onde está seu cavalo? Será que preciso começar a me preocupar? — Depois viu a marca no rosto dele. — O que foi isso no rosto?

Finalmente Jano decidiu falar:

— O senhor sabe quanto o estimo e respeito toda a sua família. Vi como o senhor criou seus filhos. Tenho a honra de ser amigo de Michele e Donato. — Essa mentira ele disse abaixando o olhar, para não se trair. Depois ergueu o rosto e fitou Rosario Losurdo nos olhos. — Eu amo Mena e hoje lhe peço formalmente a mão dela. Tenho um bom emprego e posso sustentá-la com

muita decência...

— Espere, pare, Jano. Não diga mais nenhuma palavra — interrompeu Rosario Losurdo. Ainda estava preocupado. — Responda sinceramente. Aconteceu algo irreparável?

— De forma nenhuma. Eu respeito Mena, quero me casar com ela — respondeu Jano com desfaçatez.

Losurdo se tranquilizou.

— Bom, acho estranho que minha filha não lhe tenha dito nada.

Jano se colocou na defensiva.

— E o que ela teria a me dizer?

— Mena já está comprometida — mentiu Losurdo.

Aquela declaração foi como uma chicotada para Jano. Aliás, pior; foi como uma afronta.

— Comprometida? — tartamudeou.

Rosario Losurdo, com aquela revelação, esperava se livrar do rapaz para sempre. Mas Jano não se deu por vencido.

— Mena gosta de mim.

— Não acredito que Mena pôde enganá-lo a esse ponto ou, do contrário, terei de lhe dar um bom corretivo! Não se brinca com um rapaz sério como você.

A essa altura, Losurdo estava se divertindo como um gato brincando com um rato.

Por outro lado, Jano não tinha nenhum senso de humor, portanto não podia entender a ironia do pai de Mena.

— Sinto muito, Jano, se por algum momento você pensou o contrário. Mas ânimo! Um belo rapaz como você terá mil moças prontas para casar.

Jano não o ouvia mais. Ficara tão chocado com aquela revelação que ainda não se recuperara.

— E com quem? — perguntou.

— Com quem o quê? — repetiu Losurdo.

— Com quem? Quem vai ter essa sorte? — continuou a perguntar Jano.

— Quem é o noivo? — Agora era Losurdo que estava embaraçado.

— Sim, quem é? Eu conheço? — insistiu Jano.

Losurdo não sabia o que responder. Coçou a nuca em busca de uma resposta. Depois lhe ocorreu na mente o rapaz que cortara seus cabelos dias antes e que Mena não perdia ocasião de procurar na igreja e na cidade.

— Saro. É Saro!

Mas um segundo depois se arrependeu de ter dito aquele nome. Acabava de envolvê-lo numa complicação que podia trazer consequências desconhecidas.

— Saro...

Jano repetiu aquele nome como que hipnotizado. Os olhos traíam uma fúria interior. Virou-se e saiu da herdade, esquecendo-se até de se despedir de Rosario Losurdo.

# 20. 1939
# Percorrendo túmulos

O coveiro do cemitério golpeou a madeira do caixão com a pá e fez um sinal às pessoas na beirada da cova de que encontrara o que estavam procurando.

Ninì Trovato e outros três velhos, encarregados dos serviços no cemitério, pegaram as quatro pontas das cordas que o coveiro passara por baixo do caixão e suspenderam com grande esforço. Cada um puxava sem se preocupar com os outros, e assim o caixão subia torto. Em certo momento, por pouco Ninì não deixou a corda escapar das mãos. O caixão se inclinou de modo assustador, e então o coveiro foi dar uma ajuda. O sargento Mattia Montalto fez o mesmo, e ajudou o velho que estava do outro lado da corda de Ninì. Finalmente acabaram de erguer o ataúde e o depositaram no chão.

Curzio Turrisi, o irmão do defunto Salvatore, também tinha sido convidado para a cerimônia macabra. Curzio já estava em liberdade, tendo pago sua dívida com a lei com onze anos de uma dura prisão. Lá estava o procurador Tommaso Amato, que, por insistência do prefeito Lorenzo Costa, havia autorizado a exumação. Também estavam presentes Jano e Michele Fardella, secretário municipal, representando o prefeito de Salemi. Ele estava encarregado de redigir o relatório da exumação. De fato vinha munido de papel e caneta. Fora convocado também o dr. Bizzarri, que havia substituído o dr. Peppino Ragusa como médico municipal.

O coveiro se aproximou do caixão e, com um pé de cabra, soltou facilmente a tampa. Depois de algum esforço, com a ajuda de Ninì Trovato, conseguiu levantar as tábuas da tampa. Abriu completamente o caixão, lançou uma olhadela profissional no interior e se pôs de lado. O sargento foi o primeiro a se aproximar, seguido por Jano e depois Curzio Turrisi.

Embora tivessem se passado dezenove anos desde o dia do incêndio, o que

restava do corpo não tinha se decomposto, mas parecia mumificado. Sob as roupas consumidas, entrevia-se ainda o tronco enegrecido do corpo que ardera no incêndio do palácio. A caveira, com a mandíbula escancarada que parecia zombar dos presentes, estava recoberta por uma película negra semelhante a um pergaminho.

O dr. Bizzarri, do alto de seus cem quilos, resfolegando como uma locomotiva, inclinou-se sobre o cadáver.

— Mas está mumificado? — perguntou, perplexo.

— Não — interveio Ninì Trovato —, é um fenômeno deste terreno. Já encontrei outros mortos mumificados neste cemitério. O dr. Ragusa falou que é um fenômeno físico-químico, produzido por microrganismos que estão presentes nessa terra composta de areia seca.

O dr. Bizzarri o ouviu com curiosidade. Assentiu com um sinal de cabeça e se empertigou diante do caixão. Em seguida ordenou que os coveiros transportassem a múmia até a capela do cemitério.

— Mas por que esse sacrilégio? — perguntou Curzio a Michele Fardella, que naquele momento, como representante do prefeito, era a personalidade de hierarquia mais alta entre todos eles. — Nem depois de morto vão deixá-lo em paz?

— É a lei. Recebemos uma informação. Talvez não seja seu irmão ali no caixão — respondeu Fardella.

— E quem o senhor quer que seja? E depois de tanto tempo, a quem isso pode interessar? — continuou Curzio desconsolado, afastando-se de lado enquanto dois coveiros, depois de colocar o cadáver no saco de juta, seguiam para a capela do campo-santo.

— Na verdade, não tenho modelos de comparação para estabelecer se a identidade é efetivamente a do morto — tentou se defender o dr. Bizzarri.

O sargento interveio:

— Na chefatura temos a ficha de Salvatore Turrisi. Também deve haver uma foto de documento. Vou lhe mostrar.

— Sargento, preciso de relatórios médicos, impressões digitais, não consigo nada com uma foto de documento, desculpe-me dizer.

— Em todo caso, vou colocá-la também à disposição — reforçou o sargento Montalto.

O pobre dr. Bizzarri analisou minuciosamente os míseros restos do corpo,

mas não conseguiu encontrar nada que pudesse sustentar a hipótese de uma troca de cadáver, como insinuava o bilhete anônimo.

A altura do corpo correspondia à de Salvatore Turrisi. Os ossos estavam inteiros, ou seja, o defunto nunca tivera fraturas. Isso confirmava a declaração de Curzio de que Salvatore nunca sofrera uma queda na vida e nunca quebrara sequer um mindinho. O incêndio havia apagado totalmente as impressões digitais, portanto era impossível uma análise comparativa. Em suma, aquele bilhete tinha todo o jeito de ser um embuste.

Jano e Michele Fardella relataram os resultados negativos da autópsia ao prefeito Lorenzo Costa. Este, porém, continuava a crer que aquele bilhete anônimo dizia a verdade. Pois, do contrário, para que relembrar um acontecimento ocorrido quase vinte anos antes?

Por aquelas misteriosas vias do destino que muitas vezes, sem nenhuma razão, trazem súbitas mudanças a nossas vidas, o sargento Mattia Montalto, algumas tardes depois, foi levar ao dr. Bizzarri a pasta de Salvatore Turrisi.

O médico lhe agradeceu o incômodo, abriu a pasta e percorreu distraidamente os relatórios sobre as atividades do fora da lei. Depois pegou a foto do documento e deu uma olhada distraída. Salvatore Turrisi estava sorrindo, como se sorri em todas as fotos para documento.

O dr. Bizzarri estremeceu visivelmente.

— Doutor, o que foi que o senhor viu? — perguntou o sargento ao notar sua surpresa.

O médico virou a foto para ele e apontou a boca.

— Não entendo — continuou o sargento.

— Não vê aqui? — disse, indicando os dentes. — Turrisi não tinha o incisivo superior esquerdo.

O sargento examinou o retrato e notou que havia um pequeno espaço vazio entre um dente e outro.

— É verdade.

O médico se levantou para ir buscar a caveira do cadáver exumado. Aproximou-se do sargento e lhe mostrou os dentes.

— Está vendo? Este cadáver tem todos os dentes em ordem. Não falta nenhum.

O sargento Montalto examinou de novo a foto. Não havia dúvida. Não podia ser a mesma pessoa.

— Então aquele bilhete anônimo dizia a verdade.

— Cem por cento — concluiu o médico. — Estes restos não são de Salvatore Turrisi.

A notícia teve o efeito de um terremoto. A informação de que o cadáver enterrado quase vinte anos antes não era de Salvatore Turrisi se espalhou com a rapidez de um raio por todos os cantos de Salemi e das Madonie.

— Mas então quem é a pessoa que encontramos carbonizada no palácio do marquês Bellarato? — bradou Lorenzo Costa para Michele Fardella, para o sargento Mattia Montalto e para o surpreso Jano, convocados ao salão da prefeitura. — E que fim levou Salvatore Turrisi?

— E a essa altura quem é o assassino do marquês Bellarato? Será que morreu no incêndio ou ainda está solto? E de quem é o cadáver carbonizado? — arriscou o sargento. — Turrisi pelo menos tinha um motivo. Temos de retomar tudo desde o início ou deixar de lado.

— Não se fala nisso. A população não pode pensar que deixamos crimes impunes ou assassinos sem nome. Em Roma foram muito claros: a ordem em primeiro lugar — vociferou o capitão.

Obediente, o sargento esperava as ordens, que de fato chegaram pontualmente.

— Sargento, até amanhã ao meio-dia quero em cima desta mesa todos os relatórios sobre a época do incêndio no palácio do marquês Bellarato. Digamos... tudo o que aconteceu em Salemi dois meses antes e dois meses depois do incêndio. Vou estudar pessoalmente o caso. Agora é um imperativo categórico saber quem é esse cadáver que esteve por dezenove anos no caixão de Salvatore Turrisi.

O sargento esboçou uma saudação e saiu do aposento.

Nas semanas seguintes, o capitão Lorenzo Costa estudou minuciosamente todos os relatórios diários reunidos pelo sargento Montalto dezenove anos antes. No final da segunda semana, tinha um quadro claro da situação. Para expô-lo, convocou seu braço direito: Michele Fardella.

— Caro Michele, já entendi o que aconteceu dezenove anos atrás — declarou com ar sabichão. — Talvez você não se lembre, mas, três dias depois do incêndio, a mulher de um tal Nicola Geraci informou os carabineiros que seu marido tinha desaparecido. Nicola Geraci era um socialista, representante das ligas vermelhas de Petralia Sottana, não valia nada. Mas agora vou lhe dizer

uma coisa que o fará dar um pulo na cadeira — segredou em tom melodramático.

— Lembro desse Nicola Geraci, era o típico político que nunca parava de falar — disse Michele Fardella.

— Geraci havia discutido com o príncipe Ferdinando Licata. O príncipe, numa reunião na prefeitura, tinha convencido os camponeses que ser socialista não valia a pena para ninguém. Nicola Geraci não engoliu a coisa e, diante de toda a assembleia, ameaçou o príncipe que o faria pagar por aquilo mais cedo ou mais tarde.

— Jamais se ameaça abertamente um figurão desses. Nicola Geraci era um diletante — comentou Fardella.

— De fato, não valia um tostão furado. Assim, três dias depois ele sumiu de circulação. Não voltou mais para casa, em Petralia Sottana, para sua mulher, que chora por ele até hoje. O corpo nunca foi encontrado.

Perscrutou o secretário, para ver pelo movimento dos músculos de seu rosto se ele também chegara às mesmas conclusões.

Michele levantou o olhar para o prefeito.

— Quer dizer que o cadáver carbonizado, aquele encontrado no palácio do marquês Bellarato, pode ser de Nicola Geraci?

— Estou propenso a apostar nisso.

— Nicola Geraci, um socialista... mas o que ele fazia na casa do marquês, que sabidamente odiava os vermelhos?

— Não sei, mas descobriremos isso também.

— De que maneira?

— Penso no príncipe Licata, *u patri*. Talvez tenhamos encontrado uma maneira de nos livrarmos dele também e de pôr as mãos em seu patrimônio.

Aquelas últimas palavras fizeram gelar o sangue de Michele Fardella.

— O príncipe Licata é intocável — sussurrou.

— Os interesses do fascismo estão acima dos interesses particulares — lembrou-lhe o capitão. — Se pensar bem, verá que Licata era o único na cidade que tinha motivos para matar o marquês Bellarato e o advogado Nicola Geraci. O advogado era o representante das ligas socialistas de Petralia Sottana e apoiava a cooperativa Agricola para conseguir as terras, quando, numa famosa reunião na prefeitura de Salemi, Licata liquidou qualquer veleidade socialista nas terras dos camponeses. Nicola Geraci o ameaçou e dias depois desapareceu de circulação. O motivo contra o marquês Bellarato era de conhecimento de todos. O marquês colaborava com a cooperativa de um primo para obter a

transferência de um feudo, não me lembro mais de quem nem do nome... Baucina, se não me engano. A cooperativa de Licata precisava saldar o valor da compra, do contrário perderia o dinheiro dado em caução, pois o marquês Bellarato tinha fundos para adquirir o feudo. E por acaso, justamente um dia antes do término do prazo, o marquês foi morto e seu palácio ardeu em chamas.

— Mas o que Nicola Geraci tem a ver com isso?

— O incêndio foi ateado para eliminar todos os indícios — continuou o capitão Costa. — Ninguém reconheceria os dois cadáveres carbonizados. Mas a ideia genial de Licata foi envolver Salvatore Turrisi. Este, sim, tinha um bom motivo para matar o marquês Bellarato.

— Fez com que o segundo cadáver fosse identificado como Turrisi graças à medalhinha de são Cristóvão — Michele Fardella completou o raciocínio. De fato, aquela hipótese era plenamente verossímil.

— Isso mesmo. Claro que eu gostaria de saber que fim levou Salvatore Turrisi.

— O príncipe deve ter dado dinheiro a ele e o despachado para fora do país, assim ele ficava fora do caminho.

— Ou pode ter encomendado sua morte, para eliminar todas as testemunhas — concluiu o capitão. — Seu cúmplice é Rosario Losurdo, o braço direito, o administrador de suas terras. Precisamos dar um jeito nele também, e assim o caminho estará aberto para nos apropriarmos de todos os seus bens.

— Mas há os herdeiros legítimos — objetou Michele Fardella.

— Fardella, será que você ainda não entendeu o que se pode fazer numa ditadura que protege as suas costas? — Fez com que o outro se aproximasse da janela. Podiam ver pelos vidros os raros passantes apressados, embrulhados em suas gabardinas. — Se soubermos fazer a coisa direito, seremos os donos desta cidade e das terras em redor.

O capitão Lorenzo Costa sabia que, para colocar o plano em prática, ele iria necessitar do apoio de Jano Vassallo, o braço operacional do esquadrão fascista. Quando se tratava de armar confusão e agir com a força bruta, Jano não precisava se convencer da qualidade e legitimidade da missão. O prefeito lhe expôs o plano que tinha apresentado a Michele Fardella, e Jano acolheu a ideia com visível entusiasmo. E ainda encontrou uma maneira de aperfeiçoá-la. Sugeriu que o dr. Peppino Ragusa também estava envolvido naquele grande

complô organizado pelo príncipe Licata. Não tinha sido ele a declarar que o segundo cadáver era de Salvatore Turrisi?

— Por que a implicância com Peppino Ragusa? — O prefeito, que não era tolo e conhecia até demais o instinto vingativo de Jano, queria conhecer o verdadeiro motivo daquele pedido: Jano jamais agia por amor à justiça.

— É um judeu e, apesar disso, continua exercendo a profissão de médico.

— Jano, não diga asneiras. Por que você quer envolver Ragusa?

— Está bem. Para o senhor não se pode mentir, não é verdade? — disse, sorrindo com ar cúmplice. — É por causa de Saro, o filho dele. Ele se pôs entre Mena e mim. Sabe quem é?

— A filha de Rosario Losurdo. É uma bela moça. Mas ela não vai querer saber de você depois que você prender o pai dela.

— Deixe que eu cuido disso, e verá como ela vai cair na rede.

O prefeito abanou a cabeça. Jano sabia ser mais diabólico do que ele.

Os olhos de Jano brilharam.

— Bom. Qual é o primeiro movimento?

— Vamos esperar que o doutor Bizzarri termine a autópsia do cadáver e identifique Nicola Geraci. Depois falaremos com o procurador.

O dr. Bizzarri jamais se envolvera com tais problemas. Pedira ao prefeito pelo menos três semanas antes de assinar o relatório sobre a identificação daquele corpo. O sargento Montalto lhe oferecera plena colaboração. Trouxe-lhe os informes e as fotos das pessoas desaparecidas naquele período em Salemi e nas Madonie, entre elas Nicola Geraci. Mas Bizzarri não era médico legista e pediu um assistente de patologia à Procuradoria de Palermo. O capitão Costa, porém, negou. O médico podia muito bem fazer aquilo sozinho, disse a ele num encontro no palácio da prefeitura. E insistiu que procurasse alguma semelhança com Nicola Geraci. Em suma, o prefeito lhe dera a entender, sem muitas paráfrases, que aquele cadáver devia ser identificado como o representante das ligas socialistas de Petralia Sottana.

Mas o dr. Bizzarri era um médico escrupuloso e não queria assinar uma perícia de cujos principais resultados não tivesse certeza. Foi assim que pediu ajuda ao colega Peppino Ragusa.

Ragusa chegou à capela do cemitério com sua inseparável maleta de couro.

— Obrigado, doutor, por ter vindo. Bizzarri foi ao seu encontro limpando as mãos com um pequeno lenço. — Pode lhe parecer no mínimo estranho que justamente eu tenha lhe pedido ajuda.

— Bem, confesso que tive dificuldade em acreditar.

— Infelizmente a política é um bicho feio. Me mandaram para cá e jamais pensei que fosse para substituir um... judeu.

— E agora precisa desse judeu.

— Doutor Ragusa, para mim isso nunca foi problema. Mas estes são os tempos que merecemos. Eu me inscrevi no Partido apenas porque preciso trabalhar. É crime trabalhar? — E lhe estendeu a mão. — Sem rancores, está bem?

Peppino Ragusa automaticamente apertou a mão do outro.

— Mesmo que, desde junho deste ano, o Conselho dos ministros tenha proibido apertar a mão e tenha ordenado a saudação romana — comentou Bizzarri com um sorriso malicioso. — É possível algo mais idiota?

Sua corpulência o fazia simpático, e Peppino Ragusa sentiu que aquele sujeito começava a lhe agradar.

— Então, do que se trata? — perguntou Ragusa, aproximando-se do altar onde fora colocado o cadáver mumificado, que Bizzarri mandara despir.

— Eu nunca tinha visto uma mumificação natural como essa — disse Bizzarri, tocando a pele parecida com pergaminho ainda colada aos ossos do cadáver.

— Esta terra tem bactérias que devoram as partes moles do corpo, mumificando-o — respondeu Peppino Ragusa. — Esse processo é favorecido também pela porosidade do terreno, composto de areia rica em sais, seca e porosa, que protege os cadáveres do processo de decomposição. Encontramos outros no mesmo estado.

— Precisamos tentar identificar a quem pertencia este corpo.

Peppino Ragusa se abaixou para examinar atentamente o crânio e a pele enegrecida pelo fogo. Depois virou o cadáver, com a ajuda de Bizzarri. Pegou a serrinha e começou a seccionar.

Pelo desenvolvimento da espinha vertebral, estabeleceu que não podia de forma alguma ser um jovem de vinte e cinco anos, idade de Salvatore Turrisi na época do incêndio. Aquele corpo era de um homem de quarenta anos, no mínimo. Depois foi a vez do crânio. Na área da faringe não encontrou traços de fuligem. Essa descoberta o deixou perplexo.

— O que você encontrou? — perguntou Bizzarri interessado.

— Ou não encontrei — respondeu Peppino Ragusa, enfatizando o "não". — O colega sabe perfeitamente que as pessoas que morrem queimadas respiram fuligem, a qual, depois, deveria ser encontrada na faringe, na traqueia e nos alvéolos pulmonares. Mas não há traços de fuligem onde devia haver.

— Quer dizer que ele estava morto antes de ser lançado ao fogo?

— Provavelmente. É o que vamos confirmar com a análise espectroquímica de algumas manchas de sangue. Já ouviu falar de embolia gordurosa? — perguntou, começando a raspar com o bisturi os restos de uma mancha de sangue.

O dr. Bizzarri abanou a cabeça em negativa.

— Há uma década — retomou o dr. Ragusa, colocando os restos de sangue entre duas lâminas de vidro, que depois colocou sob o microscópio —, cirurgiões e patologistas descobriram que, após as contusões, fraturas e lesões variadas, a gordura vai do tecido adiposo para os vasos sanguíneos. Seguindo na corrente sanguínea, a gordura alcança o ventrículo direito e dali o pulmão. Com isso, ela provoca a obstrução dos pequenos vasos pulmonares, que em muitos casos leva à interrupção da circulação sanguínea e, portanto, à morte. Muitas vezes a embolia gordurosa se desenvolve em poucos segundos, e é sempre causada por algum tipo de violência externa.

O exame deu razão à intuição do dr. Ragusa: o homem fora morto antes e depois atirado às chamas.

Mas de quem era aquele corpo? Peppino Ragusa estudou longamente as fotos de Nicola Geraci, comparando-as ao cadáver carbonizado. Com efeito, a dimensão do crânio, a estrutura do esqueleto, a conformação do maxilar, a altura podiam corresponder às do homem encontrado no caixão. Mas Peppino Ragusa preferiu não assinar a identificação.

— Há uma alta probabilidade de que seja realmente Nicola Geraci — declarou ao colega no final da necrópsia. — O teste definitivo seria o da dentição. Mas ele não aparece em nenhuma foto com os dentes em evidência.

— Tentamos também localizar os parentes. Mas os carabineiros não encontraram ninguém, nem a esposa. Parece que ela deixou o país e foi para a Alemanha — informou Bizzarri.

— No pé em que estão as coisas, eu não gostaria de assinar a identificação como sendo Nicola Geraci. Sinto muito — concluiu o dr. Peppino Ragusa.

— Em todo caso, basta para tranquilizar minha consciência — agradeceu Bizzarri, apertando-lhe a mão com gratidão. — E obrigado pela lição. — Seu rosto rubicundo se dilatou num riso.

Na manhã seguinte, Michele Fardella entrou no gabinete do capitão Costa, na sede da prefeitura, e lhe apresentou o relatório do dr. Bizzarri.

Costa leu atentamente o documento e, ao terminar, levantou a cabeça satisfeito.

— Bem, agora temos a prova científica de que o cadáver é de Nicola Geraci, morto antes de ser lançado ao fogo. A testemunha?

— Jano está chegando com nosso homem.

— Eu o conheço?

— É Prospero, o filho de Corrado Abbate, o feitor do barão Adragna. Um rapaz esperto.

— Mas ele faz parte dos esquadrões de combate?

— É da equipe especial.

— Preferiria um estranho à milícia.

— Podemos procurar outro, se quiser.

— Agora é tarde demais. Se já o treinaram, esse Prospero vai ter que servir. Menos gente fica sabendo da história e é melhor para todos — concluiu o prefeito, levantando e se aproximando da janela.

Alguns minutos depois, ouviu-se uma batida à porta. Era Jano, que entrou na frente de Prospero.

O jovem se imobilizou em posição de sentido diante da escrivaninha, enquanto Jano se sentava.

Costa se aproximou do rapaz. Observou-o e então perguntou:

— Qual é o seu nome, camarada?

— Prospero Abbate. Filho de Corrado e de Maria...

O capitão o interrompeu, batendo com a mão em seu ombro.

— Certo, certo... pode se sentar, fique à vontade.

O jovem olhou o prefeito e se sentou na cadeira ao lado de Jano.

Costa se pôs diante dele.

— Somos uma esquadra invencível — começou em tom afável —, portanto temos de nos ajudar mutuamente, sem "ses" nem "mas"... Precisamos que você faça uma coisa para nós...

Prospero se sentiu recompensado com aquele pedido. Para ele, era um sonho ser útil ao prefeito. Se lhe pedisse, podia se atirar ao fogo...

Alguns dias depois, no Balilla do capitão Costa, comprado com o dinheiro dos contribuintes do município, Jano, Michele Fardella, Prospero Abbate e o próprio capitão Costa partiram de manhã a Marsala, para ver o procurador Tommaso Amato, de comprovada lealdade fascista.

O gabinete do procurador fora instalado numa das amplas salas do primeiro andar de um palacete em via Egadi, no norte de Capo Lilibeo. As janelas se abriam a pique sobre o mar e proporcionavam ao procurador uma vista incomparável. O advogado Amato, quando não estava em audiência no tribunal, passava até quinze horas por dia sentado diante daquelas janelas, estudando papéis e documentos que o ajudavam a resolver processos e conflitos quase sempre deprimentes. Ele dizia que aquele mar maravilhoso era a sua tortura. Estava ao alcance de sua mão, mas nunca podia aproveitá-lo.

— Entrem — disse ao ouvir baterem à porta do escritório. Esperava o capitão, e Costa foi pontual como sempre.

O prefeito se sentou diante da escrivaninha, enquanto Jano e Prospero ficaram em pé, atrás dele.

— Senhor procurador, desculpe-me se entro imediatamente no assunto, mas gostaria de voltar a Salemi à tarde — começou Costa, abrindo a pasta de couro. — A autópsia do presumido corpo de Salvatore Turrisi apresentou resultados surpreendentes. Está tudo escrito aqui, no relatório do doutor Bizzarri — e estendeu os documentos, que o advogado Amato começou a folhear.

— Foi identificado como Nicola Geraci? — disse depois de ler o laudo.

O prefeito assentiu.

— Mas há uma novidade.

— O que mais descobriu, capitão?

— Esse senhor — apontou Prospero Abbate atrás de si — tem algumas revelações a fazer sobre quem matou Geraci. Aproxime-se, Prospero.

O jovem deu um passo à frente, até a escrivaninha do procurador, que o observava apoiado no espaldar da poltrona de couro.

— Como se chama, rapaz?

— Prospero Abbate, filho de Corrado Abbate e Maria Pellizzeri.

— Está bem, está bem — interrompeu o procurador. — O que você viu?

— O seguinte... Aconteceu há dezenove anos.

— E por que só agora vem nos contar, rapaz?

Embora Prospero já fosse homem-feito, o procurador, do alto de seu meio século de vida, considerava todos como rapazes. A severidade do tom intimidou Prospero.

— Bem... na verdade... fiquei com medo...

— Vamos, coragem, diga o que viu.

— Na tarde em que o marquês Bellarato foi morto, eu estava no palácio

dele.

O procurador se inclinou na direção de Prospero.

— Mas quantos anos você tinha?

— Dezenove anos atrás, eu tinha onze — respondeu Prospero, resoluto. — Às vezes, o marquês convidava a nós, rapazinhos, para ir à mansão, e nos dava um pouco de açúcar de cevada. Eu estava com ele quando Rosario Losurdo chegou.

— Rosario Losurdo sempre foi administrador do príncipe Licata — esclareceu o capitão Costa.

— Eu sei quem ele é! — respondeu, impaciente, o procurador. Depois voltou a Prospero com um tom severo. — Continue.

— O marquês mandou que eu me escondesse atrás de uma cortina. Dali ouvi as conversas. Agora não lembro bem as palavras exatas, faz muito tempo... Lembro apenas que Losurdo pedia que ele saísse da concorrência para comprar o feudo Baucina... que o príncipe Licata se lembraria do favor e iria retribuir um dia ou outro... e ameaçava o marquês, que, no entanto, ria da história. Depois o marquês se levantou da poltrona e gritou para Losurdo que jamais abriria mão do negócio... então Losurdo se aproximou da lareira, pegou um atiçador e deu vários golpes no marquês... antes de sair, pôs fogo numa cortina com um tição em brasa e fugiu. Eu fugi antes que chegassem os socorros. Nunca contei nada disso a ninguém.

Calou-se e olhou para o capitão Costa e depois para Jano, como que buscando uma confirmação de que tinha cumprido bem seu dever. Os dois, porém, o ignoraram.

O procurador se reclinou no encosto da poltrona. Refletiu por alguns segundos. Depois olhou para Prospero:

— Naquele dia chovia ou fazia sol? — perguntou com astúcia.

Prospero foi tomado de surpresa. Esperava ter concluído sua tarefa. Olhou em torno, procurando ajuda. Não encontrou.

— Bom... na verdade...

— Que diferença faz, senhor procurador? — interveio Costa para livrar seu homem do embaraço. — Na verdade, ele fez afirmações muito graves.

— Graves até demais. Você percebe, rapaz — retomou o advogado Amato, dirigindo-se a Prospero —, que suas palavras podem significar a condenação à morte de algumas pessoas? E sabe que, se descobrirem que são calúnias, você pode terminar na cadeia por mais de quinze anos?

— É a verdade, advogado. Antes de vir aqui, tive o cuidado de averiguar o

relato dele — interveio Costa. — Devo dizer que descobri que, na época, o príncipe Licata era o chefe da cooperativa que ia comprar as terras de um feudo. O mesmo feudo que interessava ao marquês Bellarato, que estava em sociedade com um primo. A cooperativa de Licata, porém, não tinha dinheiro para honrar o compromisso, que, veja a coincidência, vencia justamente no dia em que o marquês foi morto. Apurei que no dia seguinte o marquês iria pagar sua opção de compra, para tomar posse daquele mesmo feudo. Mas nunca pôde fazê-lo, pois foi assassinado por Losurdo, o braço direito de Licata. Repito, justamente na tarde anterior ao vencimento.

— E por que encontraram também o cadáver de Nicola Geraci? Era um representante das ligas socialistas de Petralia Sottana, está escrito aqui — disse o advogado Amato, lendo o relatório do capitão Costa. — Que relação tem ele com essa história?

— Nada, senhor procurador. Eu soube que Nicola Geraci, durante uma assembleia na prefeitura de Salemi, ofendeu gravemente o príncipe Licata, ameaçando-o de morte. Mas quem morreu foi ele. O plano elaborado pelo príncipe Licata e seu administrador era perfeito. Eles se livrariam ao mesmo tempo do marquês e de Geraci. Depois do marquês, Losurdo matou também Geraci e o atirou no fogo do palácio, que ardia em chamas. Uma ajuda indireta também foi dada pelo doutor Peppino Ragusa, que, ao que parece, fez a análise dos cadáveres e estabeleceu a identidade do segundo como se fosse um certo Salvatore Turrisi. Com isso, ele desviou o rumo das investigações. Por outro lado, Turrisi também tinha um motivo para odiar o marquês. Andava dizendo que o marquês o acusara injustamente de haver matado um pastorzinho. De fato, desde aquele dia Salvatore Turrisi também sumiu da cidade e ninguém mais o viu. Certamente Licata lhe pagou para sair da região, e perderem seu rastro.

"É um plano admissível", pensou o advogado. Mas o testemunho de Prospero era falso, sua intuição nunca o traía.

— São acusações pesadas. Preciso pensar, estudar o testemunho. Aqui vamos mexer com um aristocrata, uma pessoa estimada e respeitada por toda a população. Mandante de dois homicídios. Não se pode enlamear alguém assim levianamente, com base numa lembrança de um fato ocorrido há dezenove anos.

— Senhor procurador, eu gostaria de sair hoje deste escritório com os mandatos de prisão. — Costa, embora mais jovem do que o procurador, emanava uma indiscutível autoridade. — Como prefeito, para garantir a ordem

pública, peço-lhe que não me desaponte. O senhor sabe que, em Roma, apenas numa coisa "Ele" não transige: a ordem! Assim, peço-lhe essa autorização para poder cumprir meu mandato da melhor maneira possível. Assumo todas as consequências de tal ato. O senhor ficará de fora, dou-lhe minha palavra.

Naquela mesma tarde, o capitão voltou a Salemi com três ordens de prisão. Uma para Rosario Losurdo, por duplo homicídio, a segunda para o mandante do crime, o príncipe Ferdinando Licata, e a terceira para o judeu Peppino Ragusa, por cumplicidade.

Durante todo o caminho de volta, ficaram pensando na maneira mais espalhafatosa de atirar na cadeia aqueles três, em especial o príncipe Licata, *u patri*. Para a cidade e o campo ao redor, aquela prisão representaria um sinal da extraordinária força do Partido. O próprio Mussolini, ao ter conhecimento da coisa, lhes daria os parabéns. Talvez até os convidasse para ir a Roma. Por tudo isso, Jano não admitia ter de entregar o príncipe numa bandeja de prata aos carabineiros da chefatura local. Pois, por lei, cabia a eles executar o mandato de prisão.

— Nós tivemos todo o trabalho e quem ganha é o sargento Montalto — lamentou-se Jano durante boa parte da viagem.

No final, conseguiu arrancar do capitão a possibilidade de realizar as prisões com o esquadrão de combate. Jano já se via na primeira página de todos os jornais do Reino.

Às vezes os tolos se contentam com pouco, e para Jano, que nunca tivera nada na vida e fora privado de todo o seu mundo numa única noite, aquilo era suficiente.

# 21. 1921
# O pagamento da coragem

O verão tinha acabado e o outono cobria os campos e as matas com suas cálidas cores ambarinas.

O sargento-chefe Mattia Montalto, em sua chefatura, contemplava pela milésima vez o papel quadriculado anônimo e as palavras que avisavam do massacre. Tentara reunir amostras da caligrafia de alguns moradores que suspeitava serem possíveis autores do bilhete. Tinha certeza de que o remetente devia ter visto os agressores. Que era mais de um, não havia dúvida. Difícil estabelecer, no entanto, de quem era a letra, não sendo ele um perito em grafologia.

Em todo caso, fazia tempo que suas suspeitas apontavam para um certo Michele Fardella, um carvoeiro que, cansado de se esfalfar oito meses por ano na floresta, cortando galhos para fazer carvão, decidira colocar-se a serviço do capitão Costa.

Com a ajuda do professor de Salemi, Montalto tivera acesso aos cadernos de todos os alunos do primeiro grau. Ao folheá-los, descobriu que num deles faltava uma folha, que tinha sido arrancada. Como se fosse intencional, era o caderno da aluna Margherita Fardella, a irmã mais nova de Michele.

Montalto, então, mandou o sargento Trigona ir buscá-lo e trazê-lo à chefatura. Era a terceira vez que Fardella era intimado, portanto, tendo um gênio colérico e pouco respeitoso às autoridades, não dissimulou sua raiva.

— Sargento, se o senhor tem alguma acusação contra mim, pode dizer. Mas pare de me tratar como um delinquente! — disse ao entrar na chefatura.

— Fardella, ninguém está acusando você de nada — respondeu Montalto com voz serena. — Mas estou fazendo algumas investigações e tenho o direito de lhe perguntar algumas coisas.

— Então pergunte. O que mais o senhor quer saber?

Montalto pôs diante dos olhos dele a folha de papel quadriculado.

— Foi você que escreveu este bilhete?

Michele Fardella ergueu os olhos para o céu.

— Meu Deus, sargento. Ainda a história desse bilhete? Mas eu já lhe disse da outra vez que não fui eu que escrevi. Não sei nem escrever, certo?... nem ler.

— Fardella, é melhor você dizer a verdade. Mesmo porque encontrei o caderno de onde a folha foi arrancada... — Fez uma pausa para criar um pouco de ansiedade no suspeito. Depois concluiu: — É o caderno de sua irmã.

Michele Fardella conseguiu manter um ar indiferente, mas abaixou os olhos para o chão. Montalto entendeu que ele não diria mais nenhuma palavra. Se falasse, seria um cadáver ambulante. Quem quer que tivesse encomendado aquele massacre, não teria escrúpulo em matá-lo.

— Está bem, se você não quer falar, então vai passar alguns dias na cadeia até soltar a língua.

Em seguida, fez um sinal ao sargento, que o pegou pelo braço e o levou para uma das celas temporárias.

Como sempre, a notícia da prisão de Fardella se espalhou em questão de minutos. Naquela noite, o sargento-chefe Montalto, como sempre fazia antes de voltar para casa para o jantar, foi ao Círculo Vittorio Emanuele, onde os notáveis da cidade costumavam se encontrar para comentar os fatos do dia.

Lá encontrou o barão Francesco Adragna, que, com dom Antonio e o príncipe Calogero Colonna, ouvia Vito Bonanno entregue à leitura do *Avanti*.

Assim que Montalto entrou no salão, Bonanno interrompeu a leitura:

— Boa noite, sargento. Acomode-se, ouça o que o idiota do Salvemini escreveu.

— Quem é ele, seu compadre, dom Bonanno? — brincou Montalto.

— Na verdade, é um desses que gostariam de nos ver pendurados numa árvore — informou o príncipe Colonna.

— Escutem o que ele diz, está demolindo todos...

Vito Bonanno retomou a leitura do artigo do jornal:

*A classe capitalista italiana é de formação recente. Em especial os novos-ricos criados pela guerra, que o povo chama de "tubarões", são pessoas intelectual e moralmente grosseiras. Esses aproveitadores não se contentaram em reconduzir os operários à razão. Pelo contrário, propuseram-se a destruir as*

*organizações operárias. Ainda mais brutais do que os industriais, foram os agrários...*

Interrompeu a leitura e se dirigiu aos companheiros:
— Aqui ele está falando de nós. E retomou:

*... os agrários, que, por tradição secular, estavam acostumados a se considerar os donos absolutos das terras e a tratar os camponeses como animais de carga.*

— Que tremendo filho da puta desgraçado! — disse, enfurecido, o barão Adragna. Depois dirigiu-se a dom Antonio: — Perdoe-me a linguagem, dom Antonio, mas esses anarquistas vêm com cada uma...
— "Eles também" — retomou Bonanno, mas foi mais uma vez interrompido na leitura.
— Ele continua se referindo aos agrários — especificou o barão Adragna. E continuou a ler:

*Eles também queriam se vingar dos servos que sonhavam em se tornar patrões, e correram a se juntar aos fascistas. Esses proprietários de terras têm um medo enorme de uma convulsão social, e o medo é mau conselheiro. Os militares de carreira, que armam e formam os esquadrões fascistas, introduziram sua mentalidade no movimento fascista, e com ela a ferocidade metódica que, antes deste ano, era desconhecida na luta política italiana.*

O capitão Lorenzo Costa entrou no salão a tempo de ouvir as últimas linhas do artigo. Quando Bonanno terminou de ler, interveio, atraindo a atenção de todos.
— Esses subversivos acabarão todos na forca.
— Capitão, aceita um Marsala?
O barão Adragna aproximou-se do bar, onde encheu um copinho com o licor perfumado.
— A Itália precisa de estabilidade e ordem. E só nós podemos garantir as duas coisas. — Pegou o copinho das mãos do barão.
— Naturalmente que ao exercer essas garantias, alguns se arriscam a acabar com a cabeça quebrada — disse sorrindo o príncipe Colonna.

Antonio Grassa, de convicções liberais, foi mais incisivo:

— Quando se começa a tolerar algumas coisas, a princípio elas se tornam suportáveis e, depois de algum tempo, até normais. Devemos estar atentos para não nos acostumarmos demais com cabeças quebradas, senão, mais cedo ou mais tarde, a nossa é que estará quebrada.

— Os cavalheiros não precisam se preocupar, pois estamos aqui pelos senhores — tranquilizou-os o capitão, tomando um pequeno gole do Marsala.

Depois se aproximou de Mattia Montalto:

— Por favor, sargento-chefe Montalto. — E o convidou para se afastarem.

— Perdoem-me, estou sendo convocado. — Montalto se despediu brincando com os outros presentes e acompanhou o capitão até uma salinha do clube.

— Desculpe-me, chefe, sei que prendeu Michele Fardella. Ele é um bom homem, corajoso. Não fez nada — disse-lhe o capitão Costa sem rodeios.

— Tenho certeza de que foi ele que jogou na chefatura o bilhete avisando do massacre — respondeu, seco, Montalto.

— Ainda essa história... Já lhe dei minha opinião. Acredito que o príncipe Licata e seu administrador Losurdo estão envolvidos nessa história. Por que não me dá ouvidos?

— O príncipe Licata não pode ter feito uma coisa desse tipo.

— Ele, não. Mas seu administrador, sim. Quer apostar que Losurdo está escondendo alguma coisa? Por que não revista a fazenda dele?

— E com que mandato? — replicou Montalto.

— Invente um. Não ponha a culpa em Fardella. Ele jamais vai poder lhe dizer os nomes dos responsáveis pelo massacre, pois, se disser, será um homem morto. É isso que quer?

— Claro que não. Mas se Michele Fardella presenciou o massacre, também sabe quem é o responsável — insistiu o sargento-chefe.

— Fardella, mesmo que seja verdade o que você afirma, ele jamais falará — repetiu o capitão Costa. — Ouça o que estou dizendo. Solte-o. Preciso de gente como ele. — Fez uma pausa e depois recomeçou, como se tivesse encontrado uma solução. — Façamos o seguinte: dê-me Fardella e eu lhe entrego o culpado pelo massacre.

— Capitão Costa, o senhor está me confundindo com um desses chefes de bairro. Sou um sargento-chefe. Não posso fazer esse tipo de acordo. Nós, carabineiros, podemos fixar um preço para nossas ações. Algumas custam mais, outras menos. Mas pagamos apenas com uma moeda: a coragem.

— Isso mesmo, sargento, você aprendeu bem a lição. Respeito seu ponto de vista, mas peço-lhe pela última vez: liberte Fardella, ele não sabe de nada.

Mattia Montalto ajeitou o boné com calma.

— Fardella ficará preso o tempo prescrito por lei, nenhum minuto a mais, nenhum minuto a menos.

E depois de dizer essas palavras, girou nos calcanhares, despediu-se de todos e foi embora do clube.

# 22. 1938
# Violência gera violência

A maior mistificação da violência é nos fazer acreditar que ela é capaz de extirpar o mal, enquanto na verdade ela apenas fortalece o que tentamos destruir.

Foi o que ocorreu com Jano. Assistir ao massacre de sua família foi como uma droga para seu espírito, uma droga que o intoxicou e sem a qual ele não conseguia mais viver.

Por um infeliz acaso, o responsável pelo massacre fora justamente o homem que ele mais admirava, Lorenzo Costa, o mesmo que o apontava como seu braço direito, precedido apenas por Michele Fardella. Se Jano soubesse da verdade, o triste destino de muita gente em Salemi certamente teria sido outro. Mas o segredo daquela noite de final de julho era guardado por apenas duas pessoas, ligadas entre si por um pacto de sangue.

Jano, portanto, conseguira arrancar do capitão a permissão de executar as três ordens de prisão com seus homens do esquadrão de combate. Porém o prefeito exigiu, em troca, um compromisso seu: que ele entrasse em ação no dia seguinte ao amanhecer, a fim de evitar uma eventual revolta da população. Em suma, queria que os três acusados fossem presos com absoluta discrição, sem o rufar de tambores que Jano tinha em mente. Antes de mais nada ele devia salvaguardar a ordem. A prisão do príncipe e a de seu administrador abalariam os equilíbrios sociais, o que poderia acarretar consequências imprevisíveis e incontroláveis.

Jano lhe prometera segredo absoluto até o amanhecer do dia seguinte.

No entanto, Jano era um sujeito inconfiável, mentiroso e caprichoso. O capitão Costa, como prefeito de Salemi, sabia disso, mas sabia também que,

para governar com cassetete, tipos como Jano eram necessários, e aprendera com o tempo a tolerar suas insubordinações. Jamais, porém, lhe passou pela cabeça que ele pudesse desobedecer suas ordens em um momento tão delicado.

O capitão, conhecendo seu frangote e para mantê-lo calmo, sugeriu que passasse a noite com Carmela. Num primeiro momento, Jano disse que seguiria seu conselho, mas depois, indo para casa, pensou em Mena... e depois em Saro.. e daí em Peppino Ragusa, no pai...

Eram oito da noite. O vento, que soprava do poente ao anoitecer, tinha amainado e começara a cair uma chuva leve e persistente, típica da primavera. A hora era perfeita, pois neste momento as famílias de Salemi estavam sentadas ao redor da mesa para a única refeição do dia. A surpresa estava garantida... A tentação era forte demais. Num segundo esqueceu o compromisso assumido com o capitão, deu meia-volta e foi chamar seus homens de maior confiança.

Peppino Ragusa estava sentado à cabeceira, cortando o pão. Do lado oposto, perto do fogão, estava Annachiara, e nas laterais, Ester e Saro. A mulher tinha preparado sopa de feijão.

Naquela noite, como certamente ocorria em todas as outras casas de Salemi, o assunto principal da conversação era a descoberta, feita alguns dias antes, da misteriosa troca do corpo de Salvatore Turrisi no caixão.

Quando Peppino estava tomando o segundo prato de sopa, três vigorosas batidas na porta fizeram os quatro estremecer. Annachiara olhou desorientada para o marido. Não era o bater tímido dos amigos de Peppino vindo às aulas habituais, mesmo porque elas tinham sido suspensas.

Peppino Ragusa levantou-se e se dirigiu à porta, mas não teve tempo de abri-la, pois ela foi escancarada por uma violenta pancada, e dois enlouquecidos de camisa negra, Quinto e Cosimo, atiraram-se sobre ele e o imobilizaram. Peppino contorceu-se com todas as suas forças, mas em vão. A seguir entraram Nunzio e Ginetto, depois Prospero Abbate e por fim Jano. Estavam todos de camisa negra, usando por baixo uma malha de gola alta, também negra. Saro se levantou da cadeira e tentou ajudar o pai, mas Nunzio lhe desferiu um golpe de cassetete no estômago, fazendo-o dobrar-se em dois de dor. Ester, gritando de medo, tentou abraçar a mãe, a qual, porém, a afastou para ir corajosamente enfrentar o homem que espancara Saro. Nunzio, porém, lhe assestou um golpe na cabeça. A mulher caiu no chão com os cabelos loiros ensanguentados, enquanto a filha corria até ela. Ver a mulher sangrando fez com que se

multiplicassem as forças de Peppino Ragusa, que, apesar de seus cinquenta e dois anos, ainda era um touro. Girou sobre si mesmo, desequilibrando os dois que o prendiam pelos braços, depois desferiu um pontapé no mais próximo, Quinto, que o soltou para apalpar a contusão causada pelo golpe que recebera. Nesse meio-tempo, Peppino tinha se libertado também de Cosimo, que se surpreendeu com sua força inesperada. De cabeça baixa, gritando como um animal numa armadilha, Peppino arremeteu contra Nunzio, que ainda observava os ferimentos infligidos a Annachiara. Peppino o atingiu no ventre, arrastando-o de encontro à mesa e dando-lhe um contragolpe nos rins que por pouco não o fez desmaiar. Mas Jano e Prospero foram rápidos e começaram a bater no médico com seus cassetetes. Ester chorava e gritava para que parassem. No chão, Saro se contorcia devido ao golpe recebido. Não tinha força nem coragem para se levantar e refrear aquela fúria. Os dois continuavam espancando Peppino no corpo todo: cabeça, costas, rins, pernas, de novo a cabeça, e assim ininterruptamente. Por fim, Ginetto se aproximou e deteve o braço de Prospero.

— Pare. Não vê que ele está quase morto?

Jano também parou. Estava exausto pelo esforço, como os demais comparsas. Arfavam, e Jano jogou-se a uma cadeira.

Ester tinha tamponado o ferimento da mãe com uma ponta de seu vestido, deixando uma perna descoberta. Jano olhou-a e sua mente se inflamou. Levantou e se dirigiu a ela.

Ginetto, que não participara da chacina, parecia o único a manter um pouco de lucidez.

— Vamos, antes que comece a chegar gente.

Jano parou e foi em direção à porta.

— Levem-no para o caminhão — disse, indicando Peppino Ragusa. Depois desapareceu atravessando a porta.

A violência exaltava Jano, dava-lhe a sensação de dominar a vida dos outros, fazia-o se sentir um deus.

Mais tarde, bateu delicadamente à porta de Carmela. A mulher, de penhoar, abriu e teve um estremecimento ao ver a máscara de ódio que transparecia em seus traços deformados.

— O que foi? Parece que você viu um fantasma — disse ele, entrando.

— O que você está fazendo aqui? Hoje não é sábado.

— Está esperando alguém? Vem abrir a porta vestida desse jeito? O que diria seu marido? — perguntou-lhe com frieza, empurrando a mulher para o quarto e fechando a porta às suas costas.

Ela, ofendida, fez que ia bater nele:

— Não sou uma puta! — Mas ele segurou seu pulso. A mulher sussurrou: — Sou só a sua puta.

Como única resposta, Jano lhe deu um tapa que a derrubou no chão. A mulher se encolheu, massageando o rosto, e gritou:

— Desgraçado!

Jano se abaixou sobre ela e virou-a de bruços. Tirou o penhoar, depois pegou as alças da camisola, que arrancou num golpe seco, deixando-a totalmente nua.

— Não dorme nem de calcinhas... — comentou, admirando as nádegas roliças.

Despudorada, ela se virou ocultando os mamilos com o braço, mas mostrando o denso tufo de pelos negros que cobriam o púbis. Jano olhou ávido aquelas curvas macias e sinuosas. Carmela era um maravilhoso exemplar das mulheres da Itália meridional. Tinha carne ambarina, quadris largos, cintura estreita, seios redondos, ventre convidativo e carnudo.

O rapaz, já de meias e camiseta, se arrojou em suas partes mais íntimas, começando a mordê-la até ela gritar, não se incomodando que os vizinhos pudessem ouvir.

Aquela noite foi interminável para Jano. Apesar da lascívia que o enchia de ardor e desejo, não conseguiu saciar a luxúria da amante. Tentou várias vezes penetrá-la, mas sempre falhando miseravelmente e às vezes até de maneira cômica, caindo por fim adormecido, esgotado pela tensão, pela impotência e por uma jarra inteira de vinho tinto.

Aquela noite foi interminável também para Peppino Ragusa, que, com o rosto inchado, dores no corpo todo, passou aquelas longas horas no piso de uma cela improvisada numa das salas do edifício da prefeitura, ao lado do esquadrão de combate.

Foi interminável também para os cinco milicianos de camisa negra, que tinham recebido ordens de Jano para não tirar os olhos do prisioneiro.

Uma hora antes do amanhecer, deviam se preparar para realizar as outras duas prisões.

Mas aquela noite foi interminável também para alguns indivíduos misteriosos, que circularam pela região até quase o alvorecer e depois desapareceram ao abrigo da escuridão...

Uma tímida batida à porta fez Carmela dar um salto na cama. Também para ela tinha sido uma noite infernal, cheia de remorsos e raiva por um destino que lhe levara o marido para longe de casa e nem lhe dera o consolo de um filho. Um destino infame que a fizera conhecer um desgraçado como aquele Jano, o qual dificilmente poderia deixar.

Quando ouviu uma nova batida na madeira da porta, dessa vez mais forte, sacudiu Jano com força, tentando acordá-lo e fazê-lo se recuperar do álcool consumido durante a noite.

Por fim o jovem recobrou a consciência. Suas têmporas latejavam, estava com uma tremenda dor de cabeça, mas conseguiu se sentar com as pernas para fora da cama.

Enquanto isso, continuavam batendo na porta.

Jano se lembrou de que deviam ir prender o príncipe Licata e seu administrador, Losurdo. Já amanhecia e avaliou, desolado, suas condições físicas e psíquicas.

— Vou preparar um café para você — disse Carmela, voltando a vestir a camisola e o penhoar surrado.

Jano levantou-se da cama e se arrastou até a porta. Estava com a boca empastada, a cabeça pesada, e furioso com o que havia acontecido na noite anterior com Carmela. Ou, melhor, com o que não havia acontecido...

Abriu a porta e encontrou seus quatro fiéis comparsas de crimes. Não percebeu que tinham o rosto mais devastado que o dele.

— Vou tomar um café e já encontro vocês, camaradas — disse distraído, voltando-se para entrar de novo na casa. Nunzio, porém, o segurou pelo braço.

— Jano, aconteceu uma coisa terrível — disse no tom mais funesto que conseguiu fazer.

Jano desvencilhou o braço.

— Do que você está falando? — O sentimento de culpa o fazia pensar, apavorado, que toda Salemi já estava a par de seus fiascos. — Quem anda dizendo essas merdas por aí?

— Que merdas? — Nunzio não conseguia acompanhar seu raciocínio.

Jano se acalmou.

— Mas a que você está se referindo? — perguntou cautelosamente.

— Aconteceu uma coisa infame... no cemitério... o vigia ainda está em estado de choque... precisamos ir até lá.

Atrás dele, Jano viu os outros quatro, com ar mais sombrio do que suas camisas negras.

— Vocês ficaram loucos? Temos dois mandatos de prisão para executar.

— Antes precisamos passar no cemitério — insistiu Nunzio.

— Jano, vista-se e vamos, não há tempo a perder — reforçou Ginetto.

Irritado com aquele clima de mistério, Jano perdeu a paciência:

— Mas alguém pode me dizer o que aconteceu?

Os cinco recuaram imperceptivelmente, como que de medo de sofrer a ira de seu comandante. Mas nenhum teve coragem de lhe dizer uma palavra a mais.

— O caminhão está pronto. Precisamos ir, Jano. — Prospero apontou o caminhão a poucos metros dali.

Jano estava furioso com aquela atitude. Carmela tinha aparecido às suas costas e lhe deu uma xícara de café ainda fumegante.

— O que está acontecendo? — perguntou instintivamente a mulher.

Jano tomou o café e acendeu um cigarro.

— Mais tarde você vai saber. Hoje vão falar de nós no rádio, você vai ver.

Devolveu-lhe a xícara e acompanhou seus fiéis camisas-negras, que seguiram à frente dele até o caminhão.

O pequeno cemitério de Salemi ficava situado numa elevação não muito distante do vilarejo. Num bosque de abetos e azinheiros, uma estrada de terra subia em espiral rodeando a colina, até chegar a uma clareira na frente do portão do cemitério, cuja arquitrave trazia a legenda esculpida *Domus mortis*. O cemitério ocupava apenas um hectare e, ao lado das tumbas monumentais das famílias nobres e mais notáveis de Salemi, encontravam-se as tumbas com lápides de mármore, pertencentes às famílias de classe média, e as tumbas dos mais pobres, identificadas com uma simples cruz de madeira e trazendo apenas o nome e as datas de nascimento e morte.

Jano não conseguira arrancar de seus homens o motivo daquela mudança de planos. Todos limitaram-se a balançar a cabeça.

Prospero parou o caminhão em frente ao portão e todos desceram e entraram no cemitério.

Jano continuava não entendendo:

— Mas, afinal, o que viemos procurar aqui?

Por fim Nunzio tomou coragem.

— Venha, Jano, leve-nos ao túmulo de sua mãe.

Jano sentiu um golpe.

— O que tem a minha mãe?

— Sua mãe nada, que Deus a tenha em glória — tranquilizou-o Nunzio. — Mas vamos.

Jano deixou de lado qualquer protelação. Encaminhou-se a passos largos até a mureta que delimitava o lado leste do cemitério. A luz já vencera as trevas, embora o sol ainda não tivesse despontado no horizonte. Os cinco homens seguiram Jano, mantendo-se à sua esquerda e à sua direita. Jano avistou a lápide da sepultura de sua mãe... a lápide estava no lugar, mas... havia um monte de terra fresca, como testemunho de que alguém cavara um buraco bem ali. Jano já estava a alguns metros do buraco escavado e teve um sobressalto ao ver que alguém havia cavado *na* tumba de sua mãe.

Com o coração em tumulto, aproximou-se da beirada da cova. Olhou para baixo e viu a madeira do caixão.

— Desgraçados! Desgraçados! — gritou.

— Mas parece tudo em ordem — apressou-se a dizer Ginetto.

— Sim, vamos fechá-la novamente, algum idiota se divertiu cavando a terra esta noite — comentou Nunzio.

— Malditos! É um sacrilégio!

Jano continuava desesperado, enquanto Nunzio tentava acalmá-lo. Então ficou subitamente sombrio.

— Um minuto... — disse num fio de voz. — A tampa foi retirada... Foi arrancada! — bradou.

— Não. Como fariam uma coisa dessas? — Ginetto tentou negar a evidência.

— Olhe, olhe direito... — Jano apontou para um lado do caixão, onde era evidente que a tampa não se encaixava no formato do caixão. — Ali, Ginetto, vá ver.

— Mas... — tentou se opor Ginetto.

Jano, num tom que não admitia réplicas, pressionou o subordinado:

— Estou mandando você descer!

Ginetto, ajudado por Prospero e Quinto, desceu na cova. Abaixou-se sobre o caixão. Encostou com relutância na tampa, que de fato estava apenas apoiada

na beirada do esquife.

— Foi aberto, não foi? — gritou Jano, de cima, fora de si.

Com as duas mãos, Ginetto segurou as bordas da tampa e tentou erguer. Ao incliná-la, ela escorregou de suas mãos cheias de terra úmida, caiu de lado e revelou o interior do caixão.

O horror que se apresentou aos olhos de Jano e de seus homens paralisou a todos.

Sobre o cadáver esquelético da mãe, estava deitada uma enorme porca cortada ao meio, ainda sangrando. O fedor da carne em decomposição fez Ginetto vomitar, espirrando suco gástrico na porca e no cadáver da mãe de Jano.

O urro pavoroso do filho ressoou por muito tempo no vale. Os companheiros o agarraram à força para evitar que, na loucura de sua ira, quebrasse a cabeça no mármore da lápide.

Lavinia Licata viu na linha do horizonte a grande nuvem de poeira levantada pelas rodas do caminhão dos camisas-negras. Daquela distância podia ouvi-los cantando seus hinos ingênuos e provocadores...

*Fischia il sasso, il nome squilla*
*del ragazzo di Portoria*
*E l'intrepido Balilla*
*sta gigante nella storia.*
*Ai nemici in fronte il sasso*
*agli amici tutto il cuor...*

Pareciam um grupo de colegiais a passeio, mas, armados de bastões e mosquetes, aqueles jovens atrevidos incutiam pavor nas pessoas mais pela estupidez ditada pela pouca idade do que pelas atitudes aguerridas.

Enquanto o caminhão, com um grande rangido dos freios, estava parando, Jano saltou da plataforma e seguiu resoluto até o portão do palácio dos Licata. Bateu diversas vezes com o cassetete na porta, enquanto os outros milicianos o alcançavam, dispondo-se ao redor dele. Ginetto, Nunzio, Prospero, Quinto e Cosimo sabiam que iam efetuar uma prisão pela qual seriam lembrados, também em anos futuros, em toda a Sicília.

— Príncipe Licata, abra! — gritou Jano com todas as forças. Estava colérico e ainda precisava descarregar toda sua ira pelo desaforo que lhe haviam feito. Um insulto supremo para qualquer ser humano, mas inimaginável para um filho da Sicília.

Continuou a golpear com fúria a madeira do portão. Ouviu-se do outro lado o som de um ferrolho se abrindo, e então apareceram dois robustos capatazes. Um deles, o mais velho, era Bettino, que Jano já tivera o azar de encontrar tempos antes. Os dois homens exibiam semblantes sombrios, como o céu negro antes de desabar uma tempestade, e estavam armados com duas espingardas de caça de cano duplo.

— Levem-me imediatamente ao seu patrão — ordenou Jano, impaciente.

Mas Bettino, um palmo mais alto do que ele, deteve-o com a mão. Nisso, o outro capataz havia se colocado de lado para dar passagem a Lavinia, que aparecera às suas costas. A mulher parou no meio da porta e o capataz mais jovem permaneceu a seu lado, como que para protegê-la.

— Se procuram meu irmão, informo que ele partiu esta noite para uma de suas habituais viagens pela Europa. Voltem mais ou menos daqui a um ano — disse com muita calma.

— Está gozando da minha cara? — Jano perdera qualquer cautela.

A mulher, ofendida por aquele linguajar, comprimiu os lábios e se virou para entrar na mansão, mas Jano, colérico como nunca, alcançou Lavinia, empurrou-a de lado e irrompeu no palácio seguido por alguns de seus milicianos.

Bettino e o outro capataz tiveram a reação imediata de carregar o cano de suas espingardas, mas com um gesto imperioso de mão Lavinia indicou que os deixassem entrar. Cosimo e Prospero, que não haviam seguido os demais, permaneceram do lado de fora do portão, mantendo sob as vistas os dois capatazes armados, para que não se movessem.

Jano e os outros três camisas-negras vasculharam todos os recessos do palácio, mas não se encontrou nenhum sinal do príncipe. Lavinia dissera a verdade: Licata partira para uma longa viagem, pois suas roupas não estavam mais nos armários.

# 23. 1939
# A fuga

Ninguém na cidade jamais ousaria pensar que um dia o príncipe Ferdinando Licata, *u patri* de toda a comunidade, seria obrigado a fugir de Salemi para escapar ao confinamento ou à prisão. Licata era odiado por Costa, porém ainda mais por Jano, que atribuía genericamente aos nobres e às autoridades constituídas a origem de todos os seus males. O jovem decerto o submeteria à infâmia da "caixinha" para humilhá-lo, para fazê-lo entender quem mandava agora em Salemi.

Licata não podia permitir tal afronta e, com o coração mortificado, depois de demonstrar seu poder a Jano profanando o túmulo de sua mãe, decidira partir naquela mesma noite para a América.

Todas as quinzenas, saía de Palermo um navio dos Florio que fazia a rota para o Novo Mundo. Voltaria quando as coisas mudassem. Deixou uma procuração em branco para a irmã Lavinia e, com grande tristeza, deixou Salemi.

Naquela mesma manhã, Jano se precipitou para a fazenda de Rosario Losurdo. O administrador do príncipe Licata era o terceiro da lista dos homens que devia prender. Temia não encontrá-lo. Se Losurdo viesse a saber por algum *amicu de li amici* que Jano estava fazendo aquelas prisões, também ele fugiria, escondendo-se na mata, e não seria mais encontrado.

Mas mesmo tendo sido avisado pelo príncipe, Rosario Losurdo não quis abandonar suas terras. Ele não tinha nenhum envolvimento na morte do marquês Pietro Bellarato, ocorrida dezenove anos antes.

Agradecera ao príncipe, mas disse que não iria sair da fazenda.

E assim foi. Losurdo já estava esperando a chegada dos camisas-negras,

postado no terreiro da herdade com os filhos e os camponeses que o ajudavam a lavrar suas terras. A chegada do caminhão do esquadrão de combate foi anunciada pelo barulho estrondeante do velho motor.

Jano desceu do caminhão e se aproximou de Losurdo, com seus cinco milicianos à direita e à esquerda. Parou a um passo do administrador e olhou toda a família enfileirada. Seu olhar encontrou por um momento o de Mena, mas a moça abaixou imediatamente os olhos.

Jano apontou o cassetete para o peito de Rosario e disse:

— Losurdo, preciso lhe falar em particular.

Com a mão, Rosario afastou o bastão ameaçador.

— Acompanhe-me — disse dirigindo-se à casa.

Jano fez um gesto para que seus comparsas não se movessem e desapareceu no interior da habitação.

— O bom da nossa terra — começou Jano — é que aqui os segredos voam como flechas. Se ocorre algum crime, ninguém fala nada e todos se viram para o outro lado, mas com a velocidade da luz todos acabam sabendo.

— Não tenho muito tempo para lhe dedicar, Jano. Vamos ao que interessa — disse Losurdo sem cerimônia.

— Caro Rosario, seu tempo agora depende muito dos meus humores.

Tirou da camisa um documento e mostrou ao administrador.

— Está vendo isto? É sua ordem de prisão. Por um crime que você cometeu há dezenove anos.

— Ainda Bellarato? Jano, por que esta obstinação sua contra mim? Antes tentou me pegar com o massacre da sua família. Alguém escondeu as armas do crime na minha casa, cumpri cinco anos por aquela acusação, mas nada tinha a ver com ela, e você sabe disso. Depois o homicídio do marquês. Eu estava no campo quando o mataram, e posso provar. Jano, você deve procurar seu bode expiatório em outro lugar.

— Dessa vez há uma testemunha ocular — insistiu Jano. — Uma pessoa viu você matando Bellarato com as próprias mãos.

A nova acusação enfureceu Losurdo.

— É mentira. Mas por que essa perseguição?

— Depende de você — disse Jano enigmático, dobrando o documento em quatro.

— O que significa isso, depende de mim? O que você tem em mente? Quem preciso trair? — Losurdo imaginava que Jano ia lhe pedir que testemunhasse contra o príncipe Licata.

— Você não precisa trair ninguém... Digamos que seja uma troca. Eu te deixo em liberdade em troca de um favor.

— Que tipo de favor? — perguntou Losurdo, desconfiado.

— Nos dias de hoje não convém ter um sogro na cadeia acusado de homicídio. Por isso vou salvá-lo. — Losurdo começava a entender. — No fundo não peço nada de mais. Poderá continuar desfrutando suas propriedades e seremos mais do que amigos...

Rosario Losurdo estava petrificado. Cerrou os punhos para se conter e não arrebentar de pancadas aquele pequeno presunçoso de camisa negra.

— ... na verdade, seremos parentes... Então, posso chamá-lo de... pai?

Foi demais para Rosario Losurdo. Ele se aproximou, ameaçador, de Jano, que tentou acertá-lo com o cassetete. Mas Losurdo, apesar de seus cinquenta anos, foi mais ágil e agarrou o bastão no momento em que ia ser atingido. Torceu o pulso de Jano e o rapaz foi obrigado a soltá-lo. Losurdo jogou o cassetete para longe, depois agarrou Jano pela camisa e quase o levantou. Estava furioso e seria capaz de estrangulá-lo.

— Seu mísero rato de esgoto, sua carniça podre, jamais darei minha filha a um carrasco como você, prefiro ser enforcado. Chantagista desgraçado. Quanto lhe custou esse falso testemunho? Darei o triplo do que você deu e farei testemunhar que foi você quem matou Bellarato com seis anos de idade! — Deu-lhe uma bofetada com tanta força que o fez bater a cabeça na mesa.

Logo a seguir irromperam na sala os cinco camisas-negras, além de Michele, Donato, Mena e Rosita. Nunzio e Prospero entraram na frente e, quando viram Jano no chão esfregando a cabeça, arremeteram para imobilizar Rosario.

Ao ver a cena, Rosita gritou:

— Larguem meu marido!

Os gritos se sobrepunham. Michele, o filho mais velho de Losurdo, pegou seu facão e, por um momento, a longa lâmina chamou a atenção de todos. Gritou:

— Alguém vai se machucar, cuidado que não estou brincando!

Losurdo, temendo represálias contra o filho, berrou para ele:

— Michele, guarde essa faca.

Cosimo apontou a espingarda de cano duplo cortado contra Michele.

— Obedeça seu pai!

Jano se levantou, recusando a ajuda de Quinto.

— Calma, não aconteceu nada. Acalmem-se.

Para não deixar nenhum equívoco, Rosario explicou seu gesto aos familiares:

— Ele me pediu Mena em casamento. Em troca queimaria o depoimento de uma falsa testemunha, que me acusa dizendo que me viu matar o marquês Bellarato. Não sacrifico minha filha por uma infâmia desse gênero.

Jano se aproximou dele.

— Losurdo, hoje, aqui na frente de todos, eu lhe digo que logo você vai apodrecer na cadeia, Mena será minha e vou me tornar dono dos feudos Castellana e Giovinazzo. Sua família cairá em desgraça e sua mulher virá de joelhos me pedir um naco de comida para matar a fome.

Um grito feminino de desespero interrompeu aquele quadro sinistro. Mena se atirou aos pés do rapaz, chorando desesperada.

— Jano, piedade! Não nos faça mal, eu lhe suplico.

Jano a ergueu.

— Mena, não se desespere, está tudo bem... tudo vai se ajeitar, fique tranquila. É seu pai que tem a cabeça mais dura do que a minha.

Rosita se aproximou da filha e a tirou das mãos dele.

— Jano, eu te amaldiçoo — declarou com raiva.

Mas Jano sorriu, depois se dirigiu de novo a Losurdo, que fora imobilizado por Nunzio e Prospero:

— Então, qual é sua última palavra?

— Você é um ser desprezível — respondeu, seco, Rosario Losurdo.

Jano ordenou que os capangas o algemassem e o levassem para o caminhão.

O prefeito mandara transformar os porões do palácio da prefeitura de Salemi em celas, para prender os dissidentes políticos e todos os que deviam ser dobrados a fim de se obter alguma confissão ou delação.

Losurdo foi trancafiado numa dessas celas, ao lado da cela em que Peppino Ragusa fora preso na noite anterior.

O médico caíra no abismo da depressão. Não conseguia aceitar o que lhe acontecera. Depois de anos dedicados a trazer um pouco de conforto aos cidadãos de Salemi, o que estava acontecendo com ele era profundamente injusto.

Ouviu chegar outro desafortunado. Ouviu entrar na cela vizinha. Ouviu fecharem o ferrolho e trancarem a fechadura. Depois, quando os passos pesados

dos camaradas se afastaram, aproximou a boca da parede que o separava do companheiro de prisão.

— Sou Peppino Ragusa. Você quem é?

— Olá, doutor, sou Rosario Losurdo.

— Rosario... e o que você está fazendo aqui?

— É ainda por causa da história do marquês Bellarato. Eles dizem ter uma testemunha ocular que jura ter me visto matar o marquês. É evidente que é uma armação. Eu sou inocente.

— Ser inocente é um grande problema, porque geralmente os inocentes não têm álibis — sentenciou o médico.

— Vou conseguir provar que não tenho nada a ver com aquele homicídio. Mas estou assustado por causa da minha família. Não confio nesses palhaços e em como eles exercem seu poder. Não temem sequer os carabineiros. A essa altura já tomaram o lugar deles.

— Apesar de tudo, porém, não devemos nos desesperar.

— Mas e o senhor, doutor, por que o prenderam?

— Eles me acusam de ter feito uma falsa identificação na autópsia do cadáver queimado no palácio do marquês Bellarato. Eu o identifiquei como Salvatore Turrisi, um dos capatazes do marquês, enquanto, pelo contrário, comprovou-se que era um advogado de Petralia Sottana, Nicola Geraci.

— E por isso o estão processando? — perguntou Losurdo incrédulo.

— Dizem que errei no reconhecimento para despistar as investigações. Mas fiz de boa-fé, não queria despistar nenhuma investigação.

O médico se afastou da parede e se jogou na palha, com a cabeça entre as mãos. Engoliu os soluços que lhe subiam à garganta.

Do outro lado da parede, Losurdo reprimia toda sua raiva e, ouvindo os lamentos do médico, teve mais piedade por ele do que por sua própria sorte. Desabafou dando um violento soco na porta, e por pouco não machucou o pulso.

Naquela mesma tarde, Rosita, acompanhada dos filhos Michele e Mena, subiu na charrete e se dirigiu a galope para a sede dos carabineiros. O sargento Mattia Montalto era o representante da lei ali em Salemi e teria de ouvi-la.

O sargento morava com sua mulher, Sara, justamente em cima da chefatura. Sara acolheu Rosita com um forte abraço de compaixão. A notícia da prisão de Losurdo e do dr. Ragusa, pelo esquadrão de combate, já correra a

região.

Rosita se dirigiu ao sargento sem preâmbulos.

— Sargento, a legalidade precisa retornar a Salemi. Hoje de manhã, Jano e aqueles desgraçados do bando dele foram pegar meu marido. Um cavalheiro. O senhor precisa fazer alguma coisa.

— Vou falar pessoalmente com Jano, dona Rosita, mas por enquanto se acalme, sente-se.

Sara trouxe uma bandeja com copinhos e uma garrafa de licor de pétalas de rosa. Serviu um pouco e distribuiu os copos para Rosita e os homens. Mena era jovem demais para beber.

— O senhor tem razão. Eles são piores do que lobos. Abocanham a garganta e não soltam mais. Sargento, o senhor precisa pegar Rosario sob sua proteção. Só confio no senhor.

Então Michele interveio:

— Sargento, mas a execução das prisões não caberia ao senhor? O que o esquadrão de combate tem a ver com isso?

— Tivemos que fazer um acordo com eles. Os fascistas se ocupam dos políticos e dos dissidentes. Dos crimes comuns cuidamos nós, os carabineiros.

— É exatamente o que estou dizendo. Como eles podem fazer uma prisão por acusação de homicídio? — Michele, inflamado, levantou-se da cadeira. — É uma tarefa que cabe a vocês.

— Sim, é verdade, eles ultrapassaram todos os limites. Vou pedir que o entreguem a mim, prometo a vocês.

— Mas quando? — insistiu Rosita.

— É só o tempo de eu me organizar com meus homens. — O sargento Montalto sabia que ia se meter em confusão. — É provável, em todo caso, que tenham sido autorizados pelo prefeito.

— Sem dúvida, um comparsa digno deles! — exclamou Michele.

Rosita retomou:

— Sargento, Jano precisa ser contido. Ele pôs os olhos em cima dela — indicou Mena, que estava à parte, quieta, assustada — e armou toda essa confusão para arrancar de Rosario permissão para se casar com ela.

— É assim que estão as coisas? — perguntou Sara, perplexa. — Mas esse jovem é uma desonra para toda a cidade.

— Faz algum tempo que ele vem rondando a fazenda como mosca-varejeira — reforçou Rosita. — Sargento, tenho medo que um dos meus filhos acabe fazendo uma bobagem.

— Se eu o vir novamente rondando a fazenda, dou um tiro — bravateou Michele.

— Rapaz, você não vai atirar em ninguém! — repreendeu o sargento. Depois, aproximando-se de Mena, perguntou: — É verdade o que eles estão dizendo?

— Jano é um prepotente — respondeu Mena. — Uma vez fui levar o almoço para Michele e Donato, e ele subiu na charrete. Estávamos só nós dois e ele tentou me beijar. Mas o coloquei na linha.

— Canalha — rosnou Michele.

— Calma, vamos manter a calma — o sargento Montalto estava realmente preocupado. — Vou falar com Jano. Mas não tomem nenhuma atitude, ou pode acontecer uma tragédia. Tenha cuidado, Michele. Agora você é o responsável pela família. Não faça loucuras.

O rapaz, que completara vinte e um anos pouco tempo antes, concordou abaixando a cabeça, como que se concentrando na responsabilidade que o sargento acabara de lhe impor.

Rosita, depois dessa primeira visita, foi à casa do dr. Ragusa.

Ao abrir a porta e ver Rosita diante de si, Annachiara caiu num pranto incontido. As duas trocaram um longo abraço fraternal. Annachiara não parava de soluçar. Estava sinceramente comovida pela visita de Rosita. Ester se aproximou da mãe e lhe estendeu um lenço, enquanto Saro fazia Mena e Michele entrarem.

— Não chore, Annachiara. Já estive com o sargento Montalto, quem sabe ele resolverá a situação — informou Rosita, entrando e indo se sentar à mesa de refeições.

— Você não sabe o quanto lhe agradeço por esse gesto, Rosita — disse Annachiara, enxugando os olhos e ajeitando os cachos loiros que haviam se despenteado durante o abraço.

— Precisamos nos ajudar. Aqueles porcos estão implicando com nossos homens. Mas revidaremos golpe por golpe.

— Perdemos tudo... eles nos tratam como empesteados... — Annachiara estava para cair novamente em lágrimas.

Mena se aproximou de Saro.

— Gostaria de um copo d'água.

— Venha, Mena...

Entraram na grande cozinha e Saro pegou a jarra de cerâmica esmaltada. Virou devagar para servir a água no copo, mas... a jarra estava vazia. Sorriu pela distração e disse:

— Vou buscar no poço.

— Vou com você — disse Mena.

O coração de Saro subiu à garganta. Saíram pelos fundos da casa e foram até o poço, uma simples mureta circular com uma roldana com cabo de madeira presa a uma trave. Ao lado havia uma exuberante figueira que, no verão, oferecia uma agradável sombra conhecida em toda a região.

— Minha mãe está desesperada — disse Saro com o coração palpitante, pegando o balde de metal enquanto Mena segurava a corda.

— Já a minha parece um homem — sorriu Mena. — Se fosse por ela, já teria eliminado todos os prefeitos e fascistas das redondezas.

— Não vejo sua mãe no papel do vingador negro. — Saro também sorriu, enquanto baixava o balde no poço. — Você é como ela? — perguntou após um momento de silêncio.

Mena, porém, não respondeu. Continuava soltando a corda que Saro segurava com firmeza nas mãos.

— Saro, quanto anos você tem? — perguntou Mena de chofre.

— Eu?

— Vê mais alguém aqui em volta? — respondeu ela, caçoando.

Agora o coração de Saro estava para explodir.

— Vinte e seis — mentiu, diminuindo um ano. E começou a erguer o balde cheio de água.

— E com essa idade ainda não se casou?

Saro não só não tinha se casado como ainda era virgem. Embora todos os seus amigos já tivessem usado mais de uma vez as prostitutas de Marsala.

À pergunta de Mena, ele enrubesceu.

— E isso é pergunta que se faça?

— Responda.

— Não, não me casei. Vê alguma mulher aqui em volta? — Saro arremedou a frase dela.

— Bom, poderia haver... — murmurou Mena num sopro.

A corda escapou das mãos do rapaz e o balde caiu com um baque na água. Por pouco ele não perdeu a corda. Mena desandou a rir, cobrindo a boca com as mãos brancas e afiladas, ainda não estragadas pelo trabalho pesado da fazenda.

— Está rindo de mim?

— Eu nunca faria isso, Saro — pronunciou o nome dele com sincero enlevo.

Os dois jovens se fitaram intensamente, permanecendo imóveis e gozando aquele momento de intimidade. Mena foi a primeira a romper o encantamento:

— Pegue a água.

Saro ergueu o balde e verteu água na jarra que Mena tinha entre os braços, e a jovem, pousando os lábios na borda, sorveu um longo gole. Um filete de água caiu em sua blusa e se insinuou no peito. Ao terminar, estendeu a jarra a Saro, virando-a para que o rapaz pudesse beber no mesmo local. Saro pegou a jarra e pôs os lábios exatamente onde Mena havia pousado os seus, e então enxugou a boca com uma ponta da camisa, sem desgrudar os olhos dos verdes olhos de Mena.

— Agora vamos, disse a moça, e começou a andar acompanhada pelo rapaz.

Saro guardou aquele encontro no coração como um dos momentos mais intensos de sua vida. Mas Mena também jamais iria esquecê-lo.

No dia seguinte, Jano foi ao palácio da prefeitura para relatar ao prefeito a prisão de Losurdo e do dr. Ragusa. Mas o capitão o acolheu com uma expressão que não prometia nada de bom. Também estava presente ao encontro Michele Fardella, o guarda-costas de confiança do prefeito.

— Você desobedeceu minhas ordens — disse o prefeito sem rodeios. — Eu havia dito para proceder a todas as prisões juntas, ao amanhecer.

— E foi assim que eu fiz — disse Jano, tentando acalmá-lo.

— Não! — berrou Costa, dando um soco na mesa e levantando da poltrona da escrivaninha. — Você não fez assim! Você é um mentiroso e, além do mais, um homem em quem não se pode confiar, porque não segue as ordens! — Costa, quando se irritava, fazia tremer os vidros das janelas.

— O senhor está sendo injusto.

— Não podia esperar o amanhecer, não? Precisou sair correndo para prender o doutor e ter sua pequena satisfação com Saro, não foi? Não podia esperar?

Jano não sabia o que balbuciar como justificativa.

— Você deu oportunidade para que o príncipe fugisse! E Losurdo também poderia ter desaparecido, se não fosse o idiota que é.

O prefeito percorria o escritório a passos largos, enquanto Jano permanecia de pé no centro, confuso e de cabeça baixa, aborrecido pela presença de Fardella, que ria sob os bigodes que não tinha.

— Diga-me: o que eu faço com você? — Aproximou-se dele e insistiu. — Vamos, agora fale.

— Prendi o doutor e Losurdo.

— Isso eu já sabia. Diga algo de novo.

Agora Costa se divertia com seu subalterno. Lançou um olhar de cumplicidade a Michele Fardella, que lhe respondeu com o mesmo ar astuto.

— Estão numa cela. Nos porões do palácio.

— Isso eu também já sabia. Sou o prefeito desta merda de cidade e o mínimo que posso fazer é saber quem está aqui no meu palácio.

— O príncipe partiu para a América e volta daqui a um ano.

— Isso é o que te disseram. O príncipe Ferdinando Licata ainda se encontra na Sicília e talvez não muito longe daqui. — Costa sempre sabia do que falava.

Mas a discussão se interrompeu, pois alguém batia à porta. Na entrada apareceu a figura inesperada do sargento Mattia Montalto.

— Entre, sargento — disse Costa com tom afável.

O sargento entrou na sala e rapidamente explicou o motivo de sua visita.

— Eu estava justamente procurando você, Jano, e é muito oportuno que o prefeito esteja presente.

— Do que se trata, Montalto? — eriçou-se o capitão.

O sargento se aproximou da escrivaninha e disse a Costa:

— Fizemos um acordo, tempo atrás, quando o senhor assumiu este cargo, sobre esse rapazinho — disse indicando Jano, sem se incomodar com sua reação. — O senhor se lembra?

— Sim. Eu me lembro.

— Não muito bem, se me permite, porque ele deveria se ocupar apenas dos dissidentes e dos eventuais elementos enviados ao desterro — tomou fôlego e prosseguiu —, não dos casos criminais. Para estes há os carabineiros. Do contrário, dissolva a Arma e faça como achar melhor!

— Sargento, não é o caso de levantar a voz — disse o capitão, tentando aplacar sua ira. — Quando se quer fazer um favor, sempre é preciso pagar por ele.

Depois, em tom conciliador, começou a explicar:

— Fez-se dessa maneira porque não queríamos envolver a Benemérita

numa situação constrangedora. Sabe o que significa prender um nobre nesses lados, não?

— E o que significa? — O sargento não entendia aonde o capitão queria chegar.

— Significa se tornar inimigo dos latifundiários e dos nobres. Todos o veriam como uma pessoa hostil, indisposta em relação ao poder, em relação à vida abastada. Em suma, preferi transferir toda a impopularidade dessa ação para o esquadrão de combate. E é assim que me agradece?

— Muita gentileza de sua parte, prefeito. Mas não precisava se incomodar. Agora devemos pôr as coisas em ordem e estou aqui para lhe comunicar que tomarei os dois prisioneiros sob minha guarda.

— Nem pense nisso! — disparou Jano, já incomodado com todas aquelas bajulações. Mas um olhar de Costa o imobilizou.

— Nem pense nisso, sargento. — Costa disse o mesmo, mas em tom mais melífluo.

— Desculpe, prefeito, mas preciso insistir. É importante restabelecer os papéis nesta cidade. — Lançou um olhar a Michele Fardella, que continuava em silêncio num canto da sala.

— A decisão está tomada, sargento. Já comuniquei a transferência para depois de amanhã, para o cárcere da circunscrição de Marsala.

— Isso caberia a nós.

— Já lhe disse que é um caso muito especial.

— Não confia nos carabineiros, prefeito?

— Confio apenas em mim mesmo. E agora, sargento, se não tem mais nada a dizer... tenho muitas coisas para fazer.

Mattia Montalto entendeu que não obteria êxito e jogou sua última cartada.

— Então me permita escoltar os prisioneiros.

— Está brincando? — exclamou Jano, mas o sargento não se dignou a lhe dirigir sequer um olhar.

— Então? — insistiu Montalto.

— Sargento, não se fala nisso. O senhor já tem muito o que fazer por aqui. E agora tenha um bom dia.

E com essas palavras secas, dispensou-o. O sargento fez uma continência, virou-se e saiu do escritório.

— Aí está, essas são as confusões que você arruma e eu sempre preciso consertar — desabafou o capitão, quando a porta se fechou às costas do

sargento. — Não devemos nos tornar inimigos dos carabineiros. Ou do contrário as pessoas vão ficar ao lado deles, e isso não queremos — disse Costa irritado.

— Tudo deve ser feito com a maior discrição — interveio Michele Fardella pela primeira vez.

— Quando levarmos embora o doutor Ragusa e Losurdo algemados, as pessoas vão entender quem manda aqui — exclamou Jano. — Não com a maior discrição, como diz Fardella, mas com a maior repercussão. Todos devem vê-los com os pulsos algemados e todos devem ver que são os camisas-negras que os estão levando para a prisão. Só assim venceremos.

O Duce não falaria melhor. Costa abaixou a cabeça e foi obrigado a admitir que Jano estava certo.

— E agora o que o senhor deve fazer, prefeito — continuou Jano —, é escrever uma bela ordem de confisco das terras do príncipe Licata e de seu administrador Rosario Losurdo. Por ora congelaremos os bens. Não poderão receber mais os benefícios enquanto o processo não terminar. E nós é que desfrutaremos das taxas.

Nisso também Costa e Fardella tiveram de dar razão ao exaltado Jano.

A história se repete porque os homens nunca mudam. O sargento Mattia Montalto era um homem de honra. As injustiças o entristeciam. Mas eram tempos de prevaricação. A lei não servia mais à justiça, e sim de apoio aos espertos que haviam conseguido açambarcar os postos administrativos mais rentáveis.

Tinha a impressão de já ter vivido aquela cena na sala de Costa. Por isso não engolia a presença junto ao prefeito, isto é, no cargo institucional mais alto de uma cidade, de um assassino como Michele Fardella...

# 24. 1921
# A Glisenti modelo 1911

A decidida obstrução do sargento Mattia Montalto acabou com qualquer prudência do capitão Costa. Devia afastar Michele Fardella daquela situação. Temia que pudesse confessar algo comprometedor.

Costa, portanto, decidiu entrar em ação.

No dia seguinte, reuniu-se com dez dos membros mais violentos de sua tropa de assalto na sede dos fascistas.

É imperativo abater qualquer movimento subversivo ainda em sua origem — iniciou num tom de orador. — Eu soube por fontes fidedignas que alguns grupos de agitadores estão se preparando aqui em Salemi para desencadear uma revolta contra os fascistas. Um desses grupos é organizado pelo príncipe Licata.

Os rapazes olharam-se incrédulos. O príncipe era muito estimado por todos; como poderia apoiar os subversivos? Satisfeito com o impacto que criara em seus subordinados, o capitão prosseguiu:

— Exatamente. O príncipe Licata é uma liderança, mas não podemos tocar nele. Acabaríamos nos tornando inimigos de todos os latifundiários amigos dele, e isso não queremos. Mas pegaremos seu braço operacional: Rosario Losurdo, seu administrador. Foi ele o responsável pelo massacre de Borgo Guarine. Chegou o momento de fazer esse desgraçado pagar.

Um brado de guerra ressoou na sala e todos se arremessaram às prateleiras para pegar os cassetetes e os estandartes. Mas o capitão pediu mais uma vez a atenção deles.

— Parem! Parem. Essa não é uma expedição punitiva como as outras. Losurdo é um osso duro. Devemos agir com esperteza. Devemos organizar um plano. Lembrem que ele também é estimado por seus numerosos capatazes, que estão dispostos a dar a pele por ele e o príncipe. Portanto, prudência e esperteza... Eis o plano que elaborei...

O sargento-chefe Montalto conhecia suas crias e entendeu que a insistência do capitão Costa em libertar Fardella significava que o ex-carvoeiro devia saber de alguma coisa. Além do mais, não gostava daquela obstinação contra o príncipe. Ele também conhecia as ideias de Ferdinando Licata, mas não via nenhum problema nisso. O príncipe era um homem de honra. Lorenzo Costa, porém, estava com ele na mira e, em vista do que se ouvia e lia nos jornais sobre os bandos fascistas que atacavam habitações e associações populares, massacrando civis, Montalto decidira ir a Licata para avisá-lo.

O príncipe o recebeu no Salão dos Mapas.

— Por que está tão preocupado, sargento? — perguntou-lhe, fazendo-o sentar num dos sofás.

— Não quero alarmá-lo, Excelência, mas é conveniente que saiba que o capitão Costa o considera responsável por organizar uma célula subversiva aqui em sua residência — explicou Montalto. Depois foi mais explícito: — Na verdade, correm muitas histórias, e nos últimos meses, no continente, vários inocentes foram mortos por muito menos. Não gostaria que alguns esquentados fizessem alguma idiotice.

— O senhor teme que os esquadrões de ação possam atacar o palácio? — atalhou Licata.

— Isso mesmo, Excelência.

Licata relaxou e sorriu.

— Então fique tranquilo, já tomei minhas precauções e estou bem protegido. Em todo caso, agradeço seu interesse. A Itália precisa de homens como o senhor: honestos e leais.

— Vivemos tempos de grande confusão. Espero que essa loucura acabe, mais cedo ou mais tarde. — Dizendo isso, Mattia Montalto se levantou. — Não quero tomar mais seu tempo, príncipe.

— Diga-me uma última coisa, sargento... ainda está investigando o massacre de Borgo Guarine?

— Sem dúvida. A investigação acabou de começar.

— O senhor tem suspeitos?

— Quando não se captura o culpado nas primeiras quarenta e oito horas após o crime, depois é mais difícil apresentá-lo à justiça. Mas eu sou paciente... No entanto, devo confessar que ainda não consegui formar uma ideia precisa dos possíveis motivos. Em todo caso, há uma investigação em andamento correndo em segredo na fase de instrução do processo.

Dito isto, o sargento chefe fez uma saudação militar impecável e se

despediu do príncipe.

O grupo fascista entrou em ação durante a noite fechada. Era liderado pelo próprio Lorenzo Costa, com sete dos homens mais violentos filiados à seção do partido fascista em Salemi. Chamavam-se Abbate, Ioppolo, Amari, Busacca, Cotta, Garofano e Modica, todos delinquentes destinados a mandar ainda por muito tempo na região. Quatro deles subiram numa carroça descoberta puxada por um belo cavalo baio, outros dois montavam asnos, enquanto Lorenzo Costa e Antonio Ioppolo cavalgavam dois jovens cavalos castanhos. A sinistra comitiva partiu de Salemi e galopou por cerca de duas horas até avistar a fazenda de Rosario Losurdo.

Os oito do grupo de ação deixaram o veículo e as montarias a cerca de meio quilômetro da fazenda e se aproximaram a pé. Maurizio Abbate, o mais corpulento, levava uma abóbora cavada, que os camponeses mais pobres usavam como recipiente. A abóbora continha álcool etílico. Chegaram ao lado do barracão e, a um gesto do capitão Costa, Maurizio Abbate derramou uma parte do conteúdo da abóbora na carroça e outra na lenha. Depois acendeu um fósforo, que lançou entre a lenha.

Os clarões das chamas penetraram pelas janelas da casa de Manfredi, o capataz-chefe de Losurdo. Acostumado a dormir com os nervos sempre tensos, Manfredi abriu os olhos ao primeiro crepitar e percebeu imediatamente que o depósito estava pegando fogo. Pulou da cama acordando a mulher. Depois correu para fora da casa, e além dos muros da sede viu as chamas se erguendo do barracão. Aproximou-se do portão e o abriu. Nesse instante, chegou Rosario Losurdo empunhando a carabina. O administrador olhou desconsolado as chamas, que devoravam rapidamente o telhado do barracão.

— Malditos velhacos — sussurrou consigo mesmo, percorrendo mentalmente a lista de todos os inimigos seus e do príncipe Licata. A lista não era pequena e, com certeza, estava incompleta.

Nesse meio-tempo, dos casebres e casas ao redor chegaram os camponeses que trabalhavam as terras do príncipe. Alguns traziam pás, outros baldes e algumas enxadas. Manfredi mandou que cavassem uma trincheira em torno da sede, para deter o fogo. Infelizmente, era impossível tentar apagar o incêndio com água, que, naquela estação depois do tórrido verão, escasseava nos reservatórios.

Costa e seus sete comparsas, protegidos por uma grande sebe, observavam

de longe o socorro tardio dos camponeses, que se limitaram a proteger a sede do fogo. Viram Losurdo olhar em torno de si, procurando entre as sombras da noite. Mas a escuridão estava a favor deles. Quando se certificaram de haver cumprido a missão a contento, arrastaram-se para fora do esconderijo e retornaram a Salemi.

Na manhã seguinte, logo cedo, o príncipe Licata chegou ao local do incêndio. Com ele vinham o sargento-chefe Montalto e dois cabos. Junto com Losurdo, Manfredi e os outros capatazes que formavam o pequeno exército do príncipe Licata reviraram os escombros ainda fumegantes em busca de alguma pista, de algum indício. Não prestaram atenção aos restos semiqueimados de uma abóbora seca, e assim nunca conseguiram as provas de que havia sido um incêndio doloso.

Ainda estavam vasculhando as cinzas, quando surgiu o pitoresco grupo dos fascistas de ação, constituído pela carroça puxada por uma égua cinza, os dois asnos e dois jovens potros que transportavam os oito camisas-negras. O capitão Costa apeou do cavalo, seguido por seus subordinados, armados de bastões e más intenções.

— Capitão... As vozes aqui em Salemi correm mais depressa do que o mistral — disse o príncipe, acolhendo-o com um amargo sarcasmo.

— As vozes são tão velozes como a vingança, príncipe Licata — retrucou Costa depressa. — Vejo que não lhe faltam inimigos.

O sargento-chefe entrou nos cumprimentos.

— Costa, está em missão?

— Sargento, seus amigos são meus amigos. Respeito o príncipe Licata... mas não Rosario Losurdo, que acolhe em casa subversivos sem Deus — disse, dirigindo-se ao administrador, que, naquele momento, estava armado com uma simples pá.

— Capitão, lembro-lhe que aqui o senhor está numa terra particular — bradou Losurdo.

— E o senhor lembre que eu represento a lei. Como o sargento — especificou o capitão Costa. — Aliás, nós, os fascistas de combate, representamos diretamente a vontade do povo. O senhor tem um problema, Losurdo. Algum desafeto seu, provavelmente o mesmo que ateou esse fogo, escreveu que o senhor em sua casa, além de proteger agitadores sórdidos, oculta as provas do massacre de Borgo Guarine. É verdade?

Rosario Losurdo sorriu.

— Diga a esse senhor anônimo que venha me dizer isso na cara. É uma

brincadeira, não?

— Nunca brinco em serviço, Losurdo. Se o senhor diz ser inocente, não terá nenhum problema em me deixar dar uma olhada em sua casa.

— Mas como se atreve? — interveio o príncipe, porém Losurdo o interrompeu.

— Príncipe, não há nenhum problema. Pode deixar... não tenho nada a esconder.

— Bem, então vamos começar? — prosseguiu o capitão.

— Mas com uma condição. Ou melhor, duas — interveio Ferdinando Licata. — Não gostaria que acontecessem alguns... como dizer... passes de mágica. Portanto, antes de entrarem, os senhores serão revistados e depois todos serão acompanhados por meus capatazes.

— Que assim seja — concordou Costa.

Alguns minutos depois, os camisas-negras do capitão, depois de revistados cuidadosamente pelos capatazes, entraram na casa e começaram a procurar as provas da culpa de Losurdo. Dividiram-se em três grupos: Amari e Busacca revistaram a cocheira e a casa de Manfredi. Cotta, Abbate e Garofano vistoriaram a residência de Losurdo. Por fim, Ioppolo e Modica dedicaram-se a revistar a pequena capela, agora convertida num depósito de móveis e arreios. Cada grupo tinha às costas dois capatazes, atentos para que não houvesse nenhum passe de mágica, como o príncipe Licata tivera o cuidado de ressaltar.

Enquanto alguns revistavam e outros vigiavam, as famílias de Losurdo e Manfredi reuniram-se no centro do pátio, enquanto o príncipe Licata, o capitão Costa e o sargento, com seus homens, permaneciam em silêncio em outra área do pátio, aguardando o término da revista. Meia hora depois, um grito vindo da capela desativada fez todos se virarem.

— Capitão, corra aqui! — Era a voz de Antonio Ioppolo.

O capitão Costa, seguido pelo príncipe Licata e depois por todos os outros, aproximou-se a passos largos da entrada da capela.

Entrou na antiga igrejinha. Havia bancos amontoados a um canto, um confessionário, uma pilha de arreios de couro, um velho arado de pregos e, no fundo, o que restava do altar. Atrás do altar estava Ioppolo, que fez sinal ao capitão para se aproximar. Contornando os obstáculos, o grupo foi até o altar. O príncipe Licata viu imediatamente o que havia chamado a atenção do homem. Ioppolo levantara uma pedra do piso e debaixo dela, num esconderijo cavado na terra, havia um embrulho de pano.

Licata olhou para Manfredi, que seguira os dois durante a revista. E com

um sinal dos olhos indagou se estava tudo em ordem. Manfredi, desconsolado, fez um gesto afirmativo com a cabeça. O capitão Costa abriu caminho entre os homens e se abaixou para observar o esconderijo.

— Havia um monte de cestos e balaios por cima. Achei suspeita a lajota do piso desalinhada — disse Antonio Ioppolo buscando algum elogio.

E o capitão não deixou de cumprimentá-lo:

— Muito bem, Ioppolo. Talvez seja aquilo que buscávamos...

Recolheu o invólucro de tecido. Levantou-se de maneira que todos o vissem, em especial o príncipe Licata e o sargento-chefe, que, tendo entrado por último, agora tentava se aproximar de Costa.

— Dê-me isso, capitão.

O capitão ficou satisfeito em deixar a descoberta a cargo de Mattia Montalto. Entregou o embrulho em suas mãos e esperou que mostrasse o conteúdo. O sargento-chefe percebera que tinha ali um revólver e um outro objeto, talvez uma faca. Abriu as pontas da camiseta usada como embrulho, e aos olhos de todos apareceram uma Glisenti 1911 e um facão cuja lâmina ainda trazia manchas visíveis de sangue coagulado.

O príncipe Licata se enrijeceu. Só agora entendera que toda aquela encenação, o incêndio, a revista e a descoberta faziam parte de uma cilada do capitão Costa. Enquanto pensava nisso, a voz do sargento o fez retornar à realidade.

— Rosario Losurdo, por que essas armas estão em sua fazenda?

Losurdo, apesar de sua experiência, da vida dura que enfrentara desde criança, também ficou sem palavras. Conseguiu apenas balbuciar:

— Na verdade não sei de nada... este revólver não é meu...

À voz trovejante do príncipe, todos se viraram.

— Sargento, é evidente que essas armas foram escondidas aqui por algum infame, que, juro, não terá vida longa!

— Calma, todos — bradou Mattia Montalto. — Qualquer um pode ter escondido este revólver aqui. Mas agora Losurdo deve vir comigo até a chefatura. Preciso registrar a ocorrência e tomar seu depoimento.

— Sargento, não tenho nada a dizer. Não sei nada dessas coisas.

— Vai me declarar isso no boletim de ocorrência.

Fez um sinal aos dois cabos, que o pegaram e o empurraram para fora da capela, seguidos por Montalto, que embrulhava de novo o revólver e a faca no pano da camiseta.

O príncipe Licata se aproximou do capitão Costa. Com sua estatura que

ultrapassava a do outro, e com sua ira, ele realmente dava medo.

— Costa — soprou-lhe ao ouvido num momento em que ninguém podia ouvi-los —, rogue a Deus que nada aconteça a Losurdo, pois do contrário o senhor estará em dívida comigo, e eu não costumo ser piedoso com meus devedores.

Sem lhe dar tempo de responder, saiu da igrejinha.

Algumas centenas de metros adiante, escondido numa pocilga, Gaetano Vassallo, acompanhado por Cesare, um jovem membro do bando, enquadrava com o binóculo o portão da fazenda de Losurdo.

Logo que soube do incêndio, quis imediatamente ver com os próprios olhos. Vira a chegada do príncipe Licata, do sargento-chefe dos carabineiros e, por fim, de Costa com seus camisas-negras. Agora via Losurdo sair com os pulsos algemados, escoltado por dois cabos e seguido pelo sargento.

— Prenderam Losurdo — murmurou ao jovem. — Não entendo o que ele tem a ver com o incêndio do barracão.

Só mais tarde Vassallo viria a saber por seus informantes habituais que Losurdo fora preso porque encontraram em sua fazenda as armas usadas no massacre de sua família.

# 25. 1939
# Salto no escuro

Ao sair do escritório do prefeito, o sargento Montalto estava muito pessimista com o futuro da Itália. Via uma nação nas mãos de patifes, onde apenas os interesses econômicos importavam, enquanto os princípios pelos quais sempre se batera, como a justiça, a equidade, a meritocracia, o trabalho como dignificação do homem, já estavam à mercê de indivíduos que não sabiam respeitar as regras mais elementares da vida civilizada. Fizera uma promessa às esposas do dr. Ragusa e de Rosario Losurdo, mas não pudera cumpri-la.

Seu uniforme não tinha mais valor. Como iria se apresentar diante das pessoas e fazer respeitar a lei se, em primeiro lugar, ele não conseguia que fossem aceitas aquelas regras básicas ditadas pela certeza do direito?

Encontrou Saro no caminho. O jovem vinha justamente dos porões da sede da prefeitura, onde pedira para ver o pai. Mas foi em vão, porque os camisas-negras o escorraçaram com grosserias, dizendo-lhe que encaminhasse um pedido por escrito ao prefeito.

— Sinto muito, Saro. Estou realmente mortificado — disse o sargento com sincero pesar. — Mas o esquadrão não quer me entregar seu pai e Losurdo. São eles que vão transportá-los até Marsala depois de amanhã. A esperança é que o processo comece logo.

— *U patri* foi embora, senão poderia fazer alguma coisa — lamentou Saro.

— Com essa gente, nem *u patri* pode fazer nada. Não dão ouvidos a ninguém. Estão fora da realidade. Têm princípios só deles. Ou se segue, ou se está fora.

As palavras do sargento foram como um vento gelado para Saro. Durante toda a sua vida, seguindo os princípios do pai, sempre procurara respeitar as regras, jamais se desviar da lei, coisa que ali na Sicília pouca gente fazia, muitas

vezes preferindo buscar justiça com as próprias mãos. Infelizmente, o Estado em geral se mostrava ausente, e as leis quem de fato criava eram as classes nobres, isto é, os latifundiários e seus defensores, os administradores e os capatazes. A música tinha mudado um pouco desde que os fascistas se instalaram no governo, mas no final das contas voltara a ser a mesma, embora os músicos tivessem mudado.

Naquela noite, Saro caiu no mais profundo desespero.

Sentia dentro de si o desejo violento de ser um chefe e conseguir que as coisas andassem como ele queria, e não como queriam os prefeitos e os Janos deste mundo.

Depois a imagem de Mena concretizou-se em seus pensamentos. A maravilhosa Mena, com os olhos de esmeralda e os cabelos negros, o corpo perfeito de uma jovem que exprimia uma passionalidade visível em cada poro de sua pele macia. O que podia fazer por ela? Como poderia ajudar seu pai adotivo e Losurdo naquele momento tão difícil de suas vidas?

Tais foram os pensamentos que o mantiveram acordado a noite toda.

As imagens de Mena eram meigas, mas chegavam a seu cérebro com um tom de reprimenda. Saro continuou a passear pelo quarto. Depois julgou ter chegado a uma solução... foi uma decisão que viria a mudar radicalmente sua vida.

Porém, antes de colocá-la em prática, precisava ver Mena. Podia ser até o último encontro entre os dois, mas ele queria que Mena soubesse como era grande seu amor por ela.

Era noite cerrada e as ruas de Salemi estavam desertas. Saro andava quase na ponta dos pés, não queria correr o risco de ser visto por alguém. Foi até o portão ocidental da cidade, de onde partia o caminho que levava a Borgo Tafèle, as quatro casas onde ficava a fazenda de Rosario Losurdo. No instante em que pisou na trilha, já fora de Salemi, se pôs a correr, auxiliado também pelo fato de que o percurso era uma descida. Ao se aproximar do pequeno povoado, os cães das várias herdades começaram a latir à sua passagem, mas ninguém prestou atenção. Por fim chegou à sede da fazenda. Sabia perfeitamente qual era a janela do quarto de Mena.

A prisão de Rosario Losurdo desorganizara a vida da família. Rosita tentara fazer frente à situação substituindo o marido em tudo: na organização do trabalho, no enfrentamento dos pequenos e grandes problemas do cotidiano. Michele abandonara a supervisão do feudo Dell'Orbo, do príncipe Paolo Moncada, para ficar perto da mãe e apoiá-la naquele momento difícil. Seu irmão, Donato, no entanto, continuou trabalhando como capataz. Mena e Nennella cuidavam dos afazeres domésticos.

Embora chegasse à noite exausta de trabalho, Mena não conseguia mais dormir tranquila. Acordava o tempo todo, qualquer barulhinho a sobressaltava e temia que alguém viesse prender os irmãos.

Revirava-se na cama a noite inteira e invejava o sono de Nennella, que dormia no mesmo quarto. A criada dormia o sono dos justos, não se colocava grandes perguntas e de seu nariz saía um leve assobio, como os bebês quando ficam um pouco resfriados.

Nas horas em que tentava inutilmente conciliar o sono, Mena também fantasiava sobre Saro. Ela gostava do jovem filho do dr. Ragusa. Tinha maneiras sempre educadas, não como alguns grosseirões da cidade, que pareciam rudes montanheses. Tinha repassado mil vezes na memória a cena do poço, com mil nuances, mas um só final, um beijo intenso e apaixonado com as costas apoiadas ao tronco da figueira, e as pernas dele tentando se colocar entre suas coxas e ela sentindo na anca seu... mas logo que a fantasia avançava um pouco além do permitido, tentava afastar a imagem, não queria confessar aqueles pensamentos impuros ao padre Mario... As noites, porém, eram longas e, mais cedo ou mais tarde, no momento de adormecer, quando a atenção estava menos vigilante, via-se sob a árvore com Saro, que a beijava, tocava seu seio e depois...

Escancarou os olhos, tinha ouvido um som estranho, um chiado triste e delicado, *poo poo poo*, como o de uma poupa. Uma poupa àquela hora da noite? Aquele barulho estava muito próximo. Depois, o vidro da janela foi atingido por uma pedrinha. Mena levantou e se aproximou.

Reconheceu Saro e sentiu um frêmito no ventre.

O rapaz fez sinal para que ela descesse. Ela concordou, pegou um grande xale na cadeira e foi encontrá-lo no pátio, rezando para que ninguém acordasse.

Saro a esperava do lado de fora da porta, sem se preocupar se alguém o vira. Mena saiu e, receando acordar a mãe, deu-lhe a entender em silêncio que ele era um louco por estar ali naquela hora. Saro ia responder, mas ela pôs uma mão delicada sobre sua boca, para que não falasse nada. Depois pegou a mão

dele e o conduziu ao barracão, que ficava longe de sua casa e da de Manfredi.

Quando chegaram, Mena finalmente disse:

— Mas você é louco de vir aqui a esta hora da noite! Quer que os capatazes atirem em você?

Em resposta, Saro a abraçou, mergulhando o rosto em seus longos cabelos. Mena fechou os olhos e encostou a face no rosto do rapaz. Respirou profundamente para gravar na lembrança o cheiro de Saro. Enfim ele se afastou e a beijou nos lábios. Ela se soltou por completo. A língua dele se demorou nos lábios fechados dela, depois procurou um caminho para lhe penetrar a boca. Mena resistiu um pouco, mas depois abriu lentamente os lábios e por fim Saro pôde entrar entre seus pequenos dentes. E quando as línguas se encontraram, foi uma explosão de paixão: entrelaçaram-se, perseguiram-se, tomaram-se e se soltaram, para se unir uma vez mais. Os dois jovens estavam no auge da excitação. A boca de Saro abandonou o quente e úmido refúgio para descer entre os seios que ele libertara da camisola. Os dedos pressionaram as duas frescas colinazinhas e a língua se moveu delicadamente nos bicos que despontavam como dois botões carnudos. Saro estava insaciável e Mena começava a palpitar de prazer, já totalmente desvanecida. Sentia no ventre a turgidez do pênis do rapaz. Tocou-o instintivamente e depois prendeu-o com força através da calça. Deslizou a mão para baixo e para cima. O membro estava inchado. A mão de Mena se introduziu na calça e finalmente pôde senti-lo em toda a sua plenitude.

A língua de Saro descera na pele macia do ventre e continuava a descer. Mena, porém, o deteve e comprimiu o rosto do rapaz junto ao ventre. Saro continuava a lamber a pele macia abaixo do umbigo e, com o queixo, sentia os pelos pubianos de Mena. Sua excitação estava no limite. Mena soltou um lamento, acariciou os cabelos de Saro, depois o empurrou em direção à vagina: era sua permissão para ir até o fim.

Saro começou a brincar nos pelos pubianos com a ponta da língua. Molhou-os com saliva e então começou a saboreá-los muito delicadamente. Avançou devagar com a língua, aprofundando e por fim alcançando sua natureza mais oculta. Apenas com a ponta da língua roçou o clitóris. Mena começava a ficar úmida e ao mesmo tempo duas lágrimas de incontrolável felicidade sulcaram seu rosto. Então deu a entender a Saro que chegara o momento tão esperado. Saro voltou a lhe beijar os lábios macios, enquanto ela dirigia o membro dele para sua vagina. Saro se deixou guiar pacientemente, não querendo lhe causar o menor trauma. Simplesmente não se mexeu. Mena

compreendeu sua delicadeza e agradeceu com o coração. Pôs o membro entre suas pernas. A vagina estava totalmente úmida e palpitante, pronta para acolher aquela paixão tão fogosa que segurava nas mãos. Mena colocou com delicadeza o membro na parte mais secreta que inchara e se umedecera de prazer. Depois, quando teve certeza que estava na posição, deu dois pequenos golpes com os quadris. Saro sentia espasmos de desejo. Gostaria de enfiá-lo com violência, de sair e voltar a entrar, mas fez um imenso esforço e continuou sem se mover. Mena, com os dedos, sentiu que chegara o ponto crucial. Então uniu mais uma vez seus lábios aos de Saro, como que para agradecer pela paciência. Ela sorriu para ele com grande doçura, depois com um golpe seco afundou-se completamente no corpo do rapaz. Sentiu, mas em uma sensação mais mental, romper-se o hímen, e um jorro de sangue escorreu pelas pernas de ambos. Abraçaram-se ainda mais intensamente e Mena começou a se remexer, gozando até o último instante daquela união. Agora chorava e ria, beijava Saro na boca e nos olhos, acariciava-o e apertava seus glúteos para que o rapaz ficasse colado a ela o máximo possível. Saro agora podia dar vazão a toda sua paixão, até aquele momento reprimida, e com os quadris golpeava e agitava o membro dentro do corpo de Mena, sempre mais forte, sempre mais rápido, depois mais lento, para retomar os movimentos com ardor renovado. Nesse momento, Mena atingiu o auge do prazer, e com um último soluço ritmado Saro sentiu seu esperma inundar o ventre da jovem, que ao mesmo tempo alcançava o orgasmo.

Permaneceram em silêncio por muito tempo, abraçando-se e acariciando-se. Depois Saro foi o primeiro a falar.

— Tomei uma decisão. Meu pai e seu pai não têm saída. Serão processados e condenados por um crime que não cometeram. Decidi que amanhã à noite tentarei libertá-los.

Mena perdeu o fôlego devido à surpresa.

— Mas é uma loucura. Vão te pegar. Como você pode achar que vai conseguir?

— Tenho um plano, acho que vai funcionar.

A moça estava desesperada.

— Você não pode fazer isso. Não pensa em mim?

— Foi justamente o que vim lhe dizer... — Saro não conseguia encontrar as palavras. — Veja, na verdade isso que aconteceu não estava previsto.

— Já se arrependeu?

— Não, não, Mena, tente me entender. Eu te amo. Te amo. Vamos nos casar... Mas antes preciso libertar meu pai e o seu pai. Vim para te dizer isso.

Que eu te amo... mas que, se me acontecer alguma coisa, você deve me esperar, pois eu vou voltar e me casar com você.

— Mas é claro que eu vou te esperar, seu tolo. Também te amo e não vou amar mais ninguém na minha vida. Mas, pelo nosso amor, peço que não faça loucuras. Deve haver um pouco de justiça também neste mundo.

— Não, não há.

— Mas e se acontecer alguma coisa com você? Eu morro.

— Não vai acontecer nada de irreparável. Mas, se eu tiver de ir embora por algum tempo... jure que vai me esperar... jure.

— Eu juro...

Suas bocas se uniram para um último ardente e apaixonado beijo.

Quando os camisas-negras eram obrigados a ficar de guarda no palácio da prefeitura, o que raramente ocorria, o jantar lhes era preparado pela mulher de Ninì Trovato, o arauto e factótum da prefeitura de Salemi. Desde alguns dias, com dois prisioneiros à espera da transferência, o esquadrão de combate estava alocado na prefeitura para fazer a guarda de Losurdo e Ragusa.

Para os presos, Tina preparava um pouco de batatas cozidas com queijo, nozes e azeitonas, enquanto para os camisas-negras alternava entre espaguete com sardinhas em conserva de berinjela e *panelle* feitas com farinha de grão-de-bico.

Depois da captura do dr. Ragusa e de Losurdo, Jano ordenara que Tina também preparasse refeições para eles, enquanto não fossem transferidos para o cárcere de Marsala.

Naquela noite, portanto, a mulher de Ninì preparou na hora certa as cinco tigelas, duas para os presos e três para os camisas-negras. Normalmente, era o jovem Pepè que levava as refeições para o corpo de guarda na sede da prefeitura. Pepè era o netinho de Ninì Trovato, filho único de sua nora Giuseppina, outra viúva branca da cidadezinha. Seu filho, de fato, tinha ido para a Alemanha anos antes em busca de trabalho, e nunca mais voltara. Escrevia todos os meses uma carta à mulher, jurando sentir saudades dela e do filho e pedindo que transmitisse saudações aos pais, porém mais que isso não falava: quanto ganhava, onde vivia, quando pensava em voltar... O fato é que

Pepè e Giuseppina moravam na casa de Ninì Trovato. Sempre que o avô pegava a trombeta e o tambor para ir fazer algum anúncio em praça pública, Pepè, desde pequeno, imitava o som e seguia na frente dele até a porta de casa, pondo a mão em funil na frente da boca e modulando um *pe-pe-pe-pe-pe* que dava nos nervos de Ninì.

Pepè já tinha catorze anos, mas todos na cidade continuavam a chamá-lo assim, tendo esquecido seu verdadeiro nome. Naquela noite, Tina ajeitou as tigelas numa tábua de madeira que usava para fazer massa de pão e macarrão, cobriu os pratos com um pano e ajudou Pepè a equilibrá-la na cabeça. Recomendou-lhe que andasse devagar para não tropeçar, ou o arrebentaria de pancadas. Deu-lhe a bênção e mandou que fosse até o corpo de guarda na prefeitura.

Pepè, atento ao que prometera à avó, caminhava com cuidado, mas pegou um atalho para chegar antes. Passou por uma viela que descia sob um arco e ia até a praça da prefeitura. As vielas eram iluminadas pelas luzes das janelas das casas. De súbito, uma sombra apareceu por trás de uma viela e atravessou seu caminho. O rapaz levou um susto e por pouco não deixou cair os pratos no chão. O homem ajudou-o a reequilibrar a tábua, e a cena, vista de fora, tinha algo de cômico. Quando os dois conseguiram restabelecer a estabilidade da tábua, a sombra disse com uma voz rouca e artificial:

— Pepè, deixe a tábua comigo. Eu a levo aos fascistas.

A sombra estava envolta num longo manto negro, e Pepè, ao som daquela voz soturna, começou a choramingar:

— Por favor, não me faça mal. Eu lhe digo tudo.

— Você não tem que me dizer nada, apenas deixe que eu leve o jantar aos camaradas.

— Quer que a minha avó me mate de pancadas? — disse Pepè, lamuriando-se ainda mais alto.

Para acabar com aquela cena, Saro tirou uma navalha de sob o manto e a lâmina rebrilhou à luz de um lampião suspenso num portão logo ao lado. A cabeça do rapaz pareceu sumir na gola do casaco, como a de uma tartaruga no casco.

— Prefere algumas pancadas ou um corte nessa garganta maciazinha? — E moveu a lâmina debaixo do nariz dele, num rápido movimento de mão.

Pepè se afastou ainda mais.

— Tome, faça o quiser... mas não me machuque, por favor...

Entregou-lhe a tábua, que Saro segurou com ambas as mãos.

— Agora conte até mil e só depois volte para casa. E não diga nada a ninguém, nem a seus avós, sobre essa história, se não vou buscá-lo na cama quando estiver dormindo e vou pendurá-lo na figueira de cabeça para baixo.

— Não vou contar nada, senhor, juro, para ninguém.

— Muito bem, e agora comece a contar.

— Até mil?

— Sim, até mil, nenhum a menos. Você sabe contar?

— Claro, claro, tirei seis em aritmética.

— Muito bem, agora conte, virado para a parede.

Pepè obedeceu e começou a contar. Saro seguiu rapidamente para a sede da prefeitura. O portãozinho do recinto onde ficava o corpo de guarda dos fascistas de combate se abria à esquerda do palácio municipal. Do lado de fora, no pátio, estava o caminhão, conhecido em toda a região. No beco ao lado, numa reentrância formada por duas casas, usada pelas mulheres para estender roupa, encontravam-se os dois cavalos que Saro emprestara de alguns amigos de Pusillesi, um vilarejo próximo a Salemi.

Com a tábua apoiada na cabeça, Saro se aproximou do portãozinho. Seu coração batia disparado. Não tinha um plano preestabelecido. Sabia que teria de improvisar. Esperava apenas que Losurdo e seu pai não entrassem em pânico e que o ajudassem no momento decisivo da fuga.

Bateu resolutamente no portão e logo a seguir Quinto abriu. Saro foi ágil ao passar pelo camisa-negra, equilibrando com destreza a tábua na cabeça para não ser reconhecido.

— Chegou a comida! — disse alegremente, entrando na sala de reuniões. Apoiou os pratos na mesa.

Imediatamente Cosimo e Prospero deixaram o que estavam fazendo e se atiraram aos pratos.

— O que sua avó nos preparou de bom?

— Macarrão com sardinhas.

Tiraram o pano e descobriram as tigelas com o macarrão ainda fumegante. Sem muitos rodeios, Cosimo e Prospero se sentaram e começaram a enrolar o macarrão com os garfos, abocanhando porções gigantescas.

— Vamos, depressa — disse Quinto a Saro, que recolocara a tábua na cabeça com as duas tigelas restantes.

A sorte estava a seu lado. Ninguém ainda percebera a troca. Quinto descia as escadas dos porões à sua frente. Parou diante da primeira cela. Colocou a chave e só então percebeu que não era o Pepè de sempre que trazia a comida.

— Por que Pepè não veio? — perguntou desconfiado, enquanto abria a porta da cela.

— Está doente. A vó Tina me mandou.

A porta da cela se abriu. Peppino Ragusa estava de pé diante da abertura. Tinha o rosto pálido, os olhos apagados, mas ao ver o filho não conseguiu se conter e exclamou:

— Saro!

Num instante, Quinto percebeu que tinha sido enganado, mas, ainda mais rápido, Saro jogou a tábua com as tigelas na direção do pai, que ficou com elas na mão, totalmente confuso. Saro tirou de sob o manto a navalha com a qual fazia a barba dos clientes e, num golpe preciso, cortou o rosto de Quinto. Este procurou proteger o rosto, depois tentou estancar o sangue, segurando como conseguia o longo talho com a palma das mãos. Saro não lhe deu trégua e, pegando a tábua que caíra no chão, jogou-a com toda a força contra a cabeça do infeliz, que caiu desacordado numa grande poça de sangue.

Peppino Ragusa era uma boa pessoa e jamais esperaria que o filho pudesse ter tal atitude, e além do mais a sangue-frio.

Saro precipitou-se para pegar as chaves na fechadura e foi abrir a porta da cela de Losurdo, o que conseguiu na primeira tentativa.

Rosario Losurdo compreendeu imediatamente a situação.

— E os outros dois? — perguntou a Saro, vendo Quinto sangrando desacordado no chão.

— Estão se empanturrando de macarrão — e apontou com o indicador o andar de cima.

— Talvez tenham ouvido... Vamos. Você sobe na frente, nós vamos atrás — disse Rosario.

Peppino Ragusa permanecia na cela, pois, devido a seu caráter, aquela situação lhe parecia incontrolável. Losurdo o pegou pelo braço e o obrigou a sair.

Saro começou a subir as escadas, aguçando os ouvidos, para tentar perceber o menor ruído suspeito. Atrás vinha Rosario e ainda mais atrás o médico. A favor deles tinham apenas o elemento surpresa e uma navalha. Não podiam perder aquela vantagem.

Saro chegou à porta e a abriu lentamente. Viu Cosimo na sala, ainda curvado sobre o prato de espaguete. Fez sinal aos dois para segui-lo, mas assim que passou pela porta sentiu uma pancada parecida com um golpe de porrete que lhe tirou o fôlego. Fora atingido por uma cadeira e, caindo no chão, a

navalha escorregou de sua mão. Rosario, que estava pronto para qualquer eventualidade, interveio e arremeteu de cabeça baixa contra Prospero. Atingiu-o em cheio no peito, jogando-o contra a parede. Virou-se, mas viu Cosimo se aproximando com uma espingarda de cano cortado. Era evidente que tinham montado a cilada para apanhá-los de surpresa, e tiveram pleno sucesso. Cosimo gritou:

— Parados ou atiro!

Saro deu uma cambalhota para alcançar a navalha. Aquele movimento repentino distraiu Cosimo o suficiente para impedir que Losurdo recebesse a descarga da espingarda. De fato, Cosimo a apontou para Saro, que apanhou rápido a navalha e a atirou contra ele, aberta como um bumerangue. A lâmina se cravou de comprido na mão direita de Cosimo, no momento em que ia apertar o gatilho. Foi uma fração de segundo, e o impacto da navalha na mão realmente desviou o tiro. Cosimo sentiu uma dor que parecia uma chicotada e fitou a mão, onde se fincara o *liccasapuni*. Arrancou-o e imediatamente o sangue começou a jorrar da ferida.

O dr. Peppino Ragusa assistia à cena como se não lhe dissesse respeito. Mas ficou chocado com Saro: jamais o imaginaria capaz de tanta violência.

Enquanto isso, Losurdo se jogara contra Prospero, que ainda se recuperava do golpe no peito. Rosario o agarrou pelas orelhas e bateu com todas as forças a cabeça de Prospero contra a parede. Na quarta pancada violenta, o homem escorregou de suas mãos.

Cosimo, descontrolado de raiva, empunhou a espingarda com a outra mão, já que a direita estava inutilizada, e mirou contra Saro, mas Rosario Losurdo chegou por trás dele, arremetendo como um búfalo, golpeando-o nos rins e derrubando-o no chão.

— Vamos! Vamos! Vamos! — gritou para Saro.

Peppino Ragusa, nesse ínterim, estava ajudando Prospero. Seu instinto de médico o fazia socorrer todos que precisassem de seu auxílio.

Saro voltou sobre seus passos, agarrou-o pelo braço e obrigou a segui-lo:

— Pai, não é hora de se comportar como um missionário.

Alcançaram o portão e saíram para o ar fresco da noite.

— Vamos pegar o caminhão — disse Rosario ao ver o veículo estacionado no pequeno pátio.

— Não, ele não. Olhe os pneus — respondeu Saro. — Ali atrás há dois cavalos nos esperando.

Rosario observou os pneus do caminhão e viu que os quatro tinham sido

furados.

— Belo trabalhinho — comentou.

— Isso não é nada, cortei também o cabo dos freios! — arrematou Saro.

Alcançaram os cavalos. Losurdo montou o mais magro e Saro e seu pai subiram num belo baio, jovem e robusto.

Enquanto se afastavam para os lados de Calatafimi, ouviram os brados de Prospero e Quinto. Ouviram quando o motor do caminhão foi ligado, mas não o viram se aproximar.

Tinham conseguido. Saro estava orgulhoso de si. O pai, nem tanto.

# 26. 1939
# O Santuário de Calatafimi

Saro soube fazer as coisas com grande discernimento. Tinha estofo de organizador: era rápido nas decisões e sabia como proceder para alcançar determinado objetivo.

Quando começara a pensar na fuga, a primeira coisa com que se preocupou não foi tanto *como* conseguir resgatar o pai e Losurdo, e sim *onde* escondê-los pelo tempo necessário até a saída do navio.

Saro decidira que fugiriam para a América, pelo menos enquanto a Itália não se recuperasse da loucura das leis antijudaicas.

Para encontrar um esconderijo seguro que não levantasse suspeitas, recebeu a ajuda de um amigo frade, um franciscano que vivia no Santuário de Calatafimi, a igreja matriz. Os piedosos frades já tinham acolhido outras vezes famílias inteiras de dissidentes e até mafiosos entre seus muros.

O Santuário surgira por volta de 1200 e, para enfrentar os corsários que chegavam pelo mar, ao longo do tempo se transformara numa verdadeira fortaleza, escarpada e poderosa. Saro pensou que seria um refúgio ideal, mesmo porque ficava a poucos quilômetros do porto de Castellammare del Golfo, de onde um pesqueiro os levaria a Palermo.

Ainda era noite quando chegaram a Calatafimi. Dirigiram-se ao Santuário, e foi o próprio frei Antonino, amigo de Saro, que os recebeu e fê-los entrar na segurança do mosteiro.

O frade não fez nenhuma pergunta. Olhou as pessoas que estavam à sua frente, cumprimentou com um aceno de cabeça e depois disse baixinho:

— Sigam-me.

Virou-se e seguiu até uma escada que descia para a cripta da igreja.

Andava depressa pelos corredores silenciosos, iluminando o caminho com uma lamparina a óleo. Chegou a uma porta e a abriu. Antes de deixá-los entrar, perguntou atenciosamente:

— Vocês comeram?

— Na verdade não tivemos tempo — respondeu Saro.

— Vou trazer alguma coisa. Enquanto isso, entrem e se acomodem, há alguns colchões de palha desocupados.

Saro foi o primeiro a entrar no aposento espaçoso e ficou surpreso ao ver quanta gente havia ali. Todos olharam assustados para os recém-chegados, no mais absoluto silêncio, esperando explicações. Uma pergunta os remoía: eram espiões ou amigos?

Saro esclareceu que vinham de Salemi e pretendiam embarcar para a América. Com aquelas palavras, todos relaxaram: estavam nas mesmas condições.

Fazia alguns anos que o Santuário se tornara o ponto de passagem dos sicilianos que precisavam fugir da Itália clandestinamente.

Nas últimas semanas, os frades tinham acolhido duas famílias judias, uma de Caltanissetta e a outra de um lugarejo perto de Enna. Aquelas pessoas desesperadas e apavoradas levavam poucas coisas, o mínimo indispensável para poderem se locomover com agilidade.

À parte, evitando não se misturar com as duas famílias judias, estava um certo Vito Pizzuto, um administrador do feudo Vicaretto. Encontrava-se escondido no santuário fazia pelo menos um mês, para não ser capturado pelos fascistas de Trapani, que o haviam acusado de atividades contra o Estado.

Naquela época, talvez devido à Concordata de dez anos antes, as propriedades eclesiásticas gozavam de uma espécie de extraterritorialidade, e por isso eram consideradas o melhor refúgio para quem tentava escapar ao regime fascista.

O objetivo de todos era um só: fugir de uma terra ingrata, subir a um dos navios da frota Florio que saía de Palermo, no qual, dando uma boa gorjeta ao marinheiro de plantão, poderiam embarcar sem muita fiscalização.

Quanto aos documentos, havia até uma organização filiada a uma outra, que ficava no porto de Nova York. Elas forneciam a passagem de ida, documentos falsos e a possibilidade de parcelar o pagamento em cômodas prestações. Naturalmente, a quadrilha abateria a dívida diretamente do salário do emprego que a própria organização arrumava para o clandestino, e assim os imigrantes ingênuos ficavam duplamente amarrados.

Nem o próprio paraíso poderia ser mais bem organizado.

Na época, centenas de milhares de desesperados atravessaram o oceano dessa maneira, em busca de uma vida nova, de um mundo novo, onde finalmente o trabalho devolveria a dignidade que lhes era negada em sua terra natal.

Enquanto isso, em Salemi, Prospero e Quinto tinham destruído o caminhão batendo numa mureta, numa curva da estrada para Calatafimi. Jano os alcançara, acompanhado de Ginetto e Nunzio, e estava repreendendo os dois pobres-diabos, que mal conseguiam ficar de pé, ainda sob o choque da colisão.

Prospero havia percorrido a estrada em grande velocidade, derrapando terrivelmente por causa dos quatro pneus danificados e, quando tentou pisar no freio para diminuir a marcha, o pedal foi até o fundo, no vazio, e o caminhão seguiu em frente, batendo violentamente em uma mureta oculta por uma moita de figos-da-índia.

Mais tarde Prospero, Quinto e Cosimo foram levados ao consultório do dr. Bizzarri, que, acordado no meio da noite, costurou, remendou, medicou, e duas horas mais tarde se jogou exausto numa cadeira dizendo:

— Foi uma pancada e tanto, sem dúvida.

A frase incomodou Jano, que não gostava que lhe passassem a perna.

— Se eu pegá-los, não vão sair vivos.

— Enquanto isso devem estar dando risada, esperando o navio para a América — comentou o médico.

— Por que o senhor acha que eles vão deixar o país? — perguntou Jano na defensiva.

— Você não disse que os perseguiram na estrada para Calatafimi? — perguntou o médico, servindo-se um copo de vinho que pegara no armário dos medicamentos.

— E daí? O que tem isso a ver com a América? — insistiu Jano.

— Bom, devem estar no Santuário esperando a partida do navio, que, de fato, deve sair na semana que vem, se o tempo permitir.

— Mas o que é isso, o senhor está brincando de adivinhar? — indagou Nunzio.

— De jeito nenhum. Todo mundo sabe disso. Quem quer sair do país e está com problemas com a lei se esconde no Santuário de Calatafimi até a noite anterior à partida, depois é levado até o porto de Castellammare, onde toma um

pesqueiro que o leva diretamente ao navio que está para sair. Ali tem um encarregado que o deixa embarcar como clandestino, e pronto.

O médico olhou para os três, que o ouviam perplexos. O dr. Bizzarri percebeu que tinha falado demais.

— Não me digam que não sabiam? Todos sabem desse esquema, onde muita gente sai ganhando.

— Tem certeza? — Jano ainda não estava convencido de que era verdade.

— Claro! No ano passado, nessa mesma época, o padre Antonino me chamou para atender a uma grávida. Ela estava para dar à luz e eles tinham de enfrentar a travessia até Palermo. Estavam com medo de que ela parisse a criança no pesqueiro. Tive que adiantar o trabalho de parto.

— Padre Antonino, o senhor disse? — perguntou Jano.

— Sim, na verdade é um frade franciscano. É ele quem comanda um pouco toda essa história. Mas vocês realmente não sabiam? Não posso acreditar... — O doutor abanava a cabeça, incrédulo. — Já faz uns dois ou três anos que ele mantém esse esquema.

— Entendi, doutor! — Jano estava irritado com aquela litania que apenas enfatizava sua tolice.

— Talvez eu não devesse ter contado. Mas agora está feito, e não tem volta.

O médico era fatalista e não se afligia com nada. Os problemas, dizia ele, são feitos para ser resolvidos.

Aquela revelação tinha reacendido em Jano as esperanças de capturar os três fugitivos. Mas, antes de mais nada, precisava pôr as mãos no frade.

No dia seguinte, foi com Nunzio até Calatafimi. Consultando os registros civis, descobriu toda a vida e os milagres do religioso. Frei Antonino era um enjeitado que os pais tinham abandonado diante do mosteiro dos capuchinhos de Salaparuta, e lá ele passou toda a adolescência e a juventude. Os frades o criaram como um filho, e portanto era natural que, com vinte anos, tomasse os votos, mesmo porque sempre se recusara a abandonar o mosteiro, embora os bons frades o tivessem incentivado a procurar trabalho fora dali.

Jano não conseguia montar um plano para atraí-lo. Já Nunzio não tinha muitos escrúpulos.

— Pegamos o sujeito e pomos na "caixinha".

— Está louco? Quer que eu brigue com o prefeito? Se fizermos uma coisa dessas, a Igreja pedirá nossa cabeça em represália.

— E se invadirmos o Santuário?

— É proibido. As igrejas são tabu para nós.

— Então precisamos bolar alguma coisa indireta.

— É, alguma coisa indireta, mas o quê? — repetiu Jano, pensativo.

— Uma chantagem, por exemplo — sugeriu Nunzio —, todo mundo tem alguma coisa para esconder na vida. Frei Antonino certamente não deve ser exceção.

— Tudo está em descobrir o ponto fraco dele. Você concorda em segui-lo por algum tempo?

— Com muito prazer — respondeu Nunzio.

A teoria de Nunzio segundo a qual todo mundo tem algum segredo oculto revelou-se verdadeira.

Nos dias seguintes, ele seguiu o religioso como uma sombra, alternando-se com Ginetto, que Jano tinha chamado para ajudá-los. Os três nunca o perdiam de vista, desde manhã, quando o frade saía para celebrar a missa na capela próxima, até a noite, quando voltava ao Santuário para as vésperas. Frei Antonino era baixo, magro, com o rosto encovado e ornado por uma barba escura cerrada. Estava sempre atarefado. Ia ao mercado comprar os alimentos que os frades não produziam; ensinava catecismo às crianças que se preparavam para a primeira comunhão; à tarde, jogava bola com um bando de meninos no pátio empoeirado na frente do Santuário, sem tirar a batina, de maneira que, terminado o jogo, precisava de uma boa meia hora para se espanar entre as risadas dos garotos, pois gostava de fazer palhaçadas para eles. Depois, antes de anoitecer, às vezes saía, acompanhado por um coroinha, para ministrar a comunhão a alguma velha doente que não podia sair da cama. A conduta de frei Antonino parecia seguir os trilhos de uma vida eclesiástica normal e irrepreensível.

No entanto, tendo Ginetto em sua cola, certa tarde o frade entrou numa casa, acompanhado do coroinha que levava a água benta, e demorou mais do que o normal. Ginetto se aproximou das janelas do andar térreo, mas não viu ninguém lá dentro. Aliás, notou que a cozinha parecia quase abandonada, com o guarda-louças sem portas, o fogão apagado e os apara-chamas abertos. "Talvez estejam no andar de cima, onde ficam os quartos", pensou. Era fácil chegar até a sacada graças a um aterro de pedregulhos amontoados ao lado da casa. Ginetto decidiu subir por ali, mesmo que sua corpulência não o favorecesse. Agarrou-se à grade e se ergueu com dificuldade. A janela estava iluminada. Saltou a grade silenciosamente. No chão havia papéis, pedaços de telhas, tijolos

quebrados; a casa devia estar abandonada sabe-se lá por quanto tempo. Ele se esticou para espiar dentro do aposento. Em cima de uma cômoda capenga e sem gavetas, viu o frasco de água benta e o livrinho de orações. Desviando o olhar para o centro do quarto, viu frei Antonino sentado na beirada de uma cama e o coroinha ajoelhado entre suas pernas. O frade parecia estar ouvindo sua confissão. Segurava o rosto dele entre as mãos e lhe dizia algo com grande ternura. As palavras, porém, Ginetto não conseguiu ouvir.

Depois viu o frade erguer o rosto do menino e beijá-lo na testa. O menino deixou, como que hipnotizado. Depois frei Antonino pegou a cabeça do coroinha e empurrou-a para baixo, entre suas pernas...

Ginetto tinha visto o suficiente. Desceu da sacada por onde subira. Agora devia correr até Jano e Nunzio, para lhes contar o que havia descoberto.

Nunzio tinha mesmo razão: todo mundo tem alguma coisa de que se envergonhar. Poucos minutos depois, Jano, Nunzio e Ginetto chegaram à casa abandonada para surpreender o frade.

A sorte estava ao lado deles, pois frei Antonino e o rapazinho ainda se encontravam no quarto do andar de cima. Decidiram que Jano, mais ágil do que Nunzio, subiria na sacada, enquanto Nunzio entraria por uma das janelas do andar térreo; Ginetto ficaria de guarda do lado de fora, para não deixar ninguém entrar, caso surgisse algum imprevisto.

A execução foi rápida. Jano quebrou a janela e se precipitou no quarto, enquanto o frade ainda estava abraçado ao menino, agora completamente nu. Uns dois segundos depois, Nunzio entrou pela porta às suas costas. O padre emudeceu. O rapazinho tinha começado a chorar. Então, com a ponta do cassetete, Jano ergueu as roupinhas remendadas que estavam no chão e estendeu-as ao menino.

— Agora se vista e vá para casa.

O menino pegou seus trapos, apertando-os junto ao peito, e estava para sair, quando Jano lhe cortou o caminho com o cassetete.

— Como você se chama? — perguntou.

— Alessandro — respondeu o menino com timidez.

— E seu pai? — insistiu Jano.

— Roberto Pizzi. — E abaixou a cabeça, prevendo as pancadas que levaria pelo que tinha feito.

Jano levantou o cassetete, como se fosse a cancela de uma passagem de nível.

— Agora vá.

E o rapaz, ainda nu, saiu correndo do quarto.

— Não é o que vocês estão pensando — tentou dizer o frade assim que o menino saiu do quarto.

Mas Jano o fulminou com o olhar.

— E como se chama isso, padre? "Novo catecismo"? O senhor é indigno de vestir a batina.

— Eu posso explicar... não faço mal a eles...

Mas Jano o interrompeu:

— Pelo menos nos poupe de suas idiotices, padre.

— Eu lhe daria uns bons tiros, para ele se lembrar dessa noite — interveio Nunzio, que não via a hora de bater em alguém.

Mas Jano o deteve.

— Sou bondoso com eles. Às vezes dou comida, para a família também — continuou o frade.

— Vamos ouvir o que o pai e os irmãos dele acham, padre?

O homem abaixou a cabeça. Viu que não tinha escapatória.

— O que vocês querem? Mas saibam que não tenho muito dinheiro. Só um pouco de ouro que os fiéis oferecem à igreja.

Essa era a proposta que Jano estava esperando. Uma boa troca.

— Não quero seu dinheiro, padre, apenas algumas informações.

Na manhã seguinte, logo cedo, Jano estava diante da escrivaninha do capitão Costa para o relatório diário.

— Consegui descobrir onde eles estão escondidos.

— Ótimo, Jano, você é o melhor — elogiou o prefeito. — Onde eles estão?

— No Santuário de Calatafimi. Mas tenho outra surpresa, capitão. No Santuário também estão escondidas duas famílias judias, esperando embarcar para a América.

O capitão Costa se desencostou da cadeira.

— Duas famílias judias? — repetiu.

— Sim, são de Enna e de Caltanissetta. Vou trazê-las para o senhor numa bandeja de prata, capitão...

— Quem sabe quanto terão pagado para fugir para a América. Enna e Caltanissetta, você disse. — O prefeito estava pensando no valor dos terrenos naquelas áreas.

— O senhor vai poder confiscar tudo que eles têm. — Jano leu os pensamentos dele.

— É. Mesmo que já tenham vendido tudo, posso anular a transação.

Costa via os limites de suas terras se ampliarem cada vez mais.

— Mas preciso lhe pedir um favor — disse Jano fingindo um ar submisso, sabendo, porém, que o capitão não poderia negá-lo.

— Eu sabia. Quando você dá um presente, depois leva a fita e a caixa.

— Eu soube que Vito Pizzuto, um administrador de Vicaretto, também está escondido no mosteiro, esperando ir para a América. Quanto a ele, teremos que fechar um olho. Precisamos garantir sua partida.

— E por que isso?

— Porque é alguém que, apesar de tudo, fez bem a muita gente — mentiu Jano.

— Não será porque você quer ficar com todos os bens dele enquanto ele está na América? — perguntou sorrindo o capitão, conhecendo bem a ganância de Jano.

— Bem, não se pode esconder nada do senhor, não é mesmo?

— Está bem, combinado. Para você o mafioso e para mim os dois judeus.

Por volta do meio-dia, frei Antonino entrou na sala onde estavam reunidos todos os fugitivos. Foi até o centro do aposento e disse:

— Tenho boas notícias. O armador finalmente marcou o dia da partida: será na próxima quarta-feira, 3 de maio. Portanto, vocês sairão daqui na véspera, no dia 2 à noite, entenderam?

Os fugitivos trocaram abraços, felizes por finalmente abandonar aquele cárcere forçado. Beijaram-se, congratularam-se. Por alguns minutos houve um ar de festa e alegria até exagerado. Nos últimos dias, todos estavam mais nervosos e irrequietos devido à espera. Reuniram-se em torno do frade, fazendo-lhe mil perguntas: como partiriam, quem os levaria até o porto, se deviam providenciar água e pão para a viagem, mas frei Antonino estava nervoso e se esquivava às perguntas, respondendo que fariam cada coisa no seu devido tempo. Em seguida fez um sinal para que Vito Pizzuto o acompanhasse.

Depois de percorrer alguns corredores, os dois chegaram à ala do mosteiro onde ficavam as celas dos frades. Frei Antonino chegou a uma das portas, abriu-a e mandou Vito Pizzuto entrar. No meio do quarto mobiliado com muita simplicidade, tendo apenas uma cama, uma mesinha e algumas cadeiras, estava Jano.

O frade saiu e fechou a porta às suas costas, esperando no corredor.

Era a primeira vez que Vito Pizzuto via Jano, e sua camisa negra o colocou

na defensiva.

Jano se aproximou e fez a saudação romana.

— Não nos conhecemos, meu nome é Jano Vassallo. Não precisa ter medo, estou aqui para ajudá-lo — disse voltando a se sentar. — Por favor, fique à vontade. — E fez sinal para que Pizzuto se sentasse numa das cadeiras.

O homem obedeceu sem pestanejar.

— Preciso pedir sua colaboração. Digamos que nós dois precisamos fazer um acordo... O que me interessa são as famílias judias e os três que chegaram por último.

Aquelas palavras alarmaram Vito Pizzuto, pois significavam que todos tinham sido entregues pelo frade.

— No que lhe diz respeito... decidimos deixá-lo partir. Naturalmente tudo tem seu preço. Mas vou poupá-lo de uma longa e incômoda permanência em nossas prisões.

— O que eu preciso fazer?

Jano tirou do bolso da camisa uma folha dobrada em quatro. Desdobrou-a e colocou-a em cima da mesa, diante de Pizzuto, junto com uma caneta, dizendo:

— Você precisa assinar aqui.

Vito Pizzuto leu o texto. Depois ergueu os olhos cheios de ódio para Jano:

— Se eu assinar, tenho sua palavra de que vai me deixar partir?

— Tem. Eu mesmo vou escoltá-lo até Castellammare e embarcá-lo no pesqueiro.

— E quanto vale sua palavra? — provocou o mafioso, que em outros tempos teria muito gosto em esmagá-lo sob a bota, como um besouro.

— Sinto muito, não há como verificar isso. É pegar ou largar. Só digo o seguinte: se você assinar, poderá partir e me esquecerá; se não quiser assinar, hoje à noite estará com os outros numa cela dos fascistas de Salemi, acusado de traição.

Vito Pizzuto amaldiçoou o frade que o vendera àquele fascista fanático.

— É melhor confiar em mim, Pizzuto.

O mafioso nunca havia sido chantageado na vida e aquela extorsão o deprimia... Depois concluiu que não tinha escolha, pegou a caneta e assinou o papel.

Jano, satisfeito com o andamento das coisas, verificou a assinatura na base do texto e dobrou a folha em quatro, recolocando-a no bolso.

— Você precisa me agradecer, Pizzuto. Quando voltar para a Sicília, vai

encontrar suas terras com o dobro do tamanho, eu prometo... Mas voltemos aos fatos. — Jano se levantou. — Claro que nunca nos vimos. Você não pode comentar este nosso encontro com ninguém, ou todo o acordo será anulado, com exceção disto aqui — disse, batendo a mão no papel guardado no bolso. — O acordo também será anulado se, por qualquer razão, eu não conseguir capturar todos os outros prisioneiros, portanto... fique quieto. Se lhe perguntarem onde esteve, diga que... você queria se confessar. E não faça essa cara. Você verá, vou ser um bom administrador dos seus feudos. — Em sua voz, porém, havia um tom de escárnio.

Ele se aproximou da porta e a abriu. O frade, que ficara no corredor, reconduziu Pizzuto ao dormitório onde estavam todos os fugitivos.

Diante do olhar de censura do mafioso, o frade não resistiu e abaixou a cabeça. Preferiria se afundar no inferno a ser acusado daquela traição... e ainda por cima com um amigo, como Saro o considerava. Mas não podia agir de outra maneira e prosseguiu na mentira.

Finalmente o dia 2 de maio chegou. Para os fugitivos, as horas pareciam nunca passar. Haviam preparado as malas no dia anterior. Tinham se vestido da cabeça aos pés com muitas roupas, principalmente as mulheres e as moças, que haviam posto duas ou três saias, uma sobre a outra, diversas camisas e blusas. Mas estava calor e, conforme o tempo passava, iam tirando as peças, que iam abarrotar os sacos ou as malas já transbordando de roupas e objetos.

Saro só pensava em Mena e em todos os instantes que passara com ela. Sentia uma grande tristeza, mas se consolava pensando que ela o esperaria, conforme tinha jurado.

Seu pai, no entanto, parecia totalmente aniquilado por tudo que estava acontecendo: Peppino Ragusa parecia ter envelhecido dez anos. Não conseguia pensar que estava abandonando Annachiara e Ester. Mas Saro conseguira convencê-lo a partir, prometendo-lhe que a mãe e a irmã os alcançariam na América dentro de um mês, apenas o tempo de lhes remeter o dinheiro necessário para a viagem.

Losurdo caminhava o tempo todo de lá para cá no salão, detendo-se de vez em quando para falar com os homens das duas famílias judias.

Às oito da noite, ouviram um caminhão parar nos fundos do Santuário. Espiaram pelas janelas e viram frei Antonino fazer um sinal ao motorista para que se aproximasse o mais perto possível do portão. Estava com a lona abaixada

e no volante havia um desconhecido, que nunca fora visto por aquelas bandas.

A seguir, o frade entrou no quarto e disse o tão ansiado:

— Caminho livre! Vamos, rápido.

Percorreram os corredores do mosteiro, emocionados pela partida mil vezes sonhada. Depois subiram na carroceria, que estava parcialmente ocupada por caixas de frutas. Saro, antes de entrar no espaço livre entre a carga, parou ao lado do amigo frade e lhe deu um forte abraço para expressar toda a sua gratidão, mesmo sabendo que o sacerdote tinha cobrado mil liras de cada um deles.

Eram doze pessoas ao todo. Ajeitaram-se no fundo da carroceria, e o frade gastou algum tempo arrumando as caixas junto à guarda traseira do caminhão, para que os fugitivos não fossem vistos numa eventual vistoria do lado de fora.

Quando terminou, deu sua bênção em voz baixa:

— Que o Senhor esteja convosco.

Em resposta, ouviu um resmungo atrás da barreira das caixas de fruta, depois desceu da carroceria e fechou a guarda, travando-a com dois ganchos laterais.

Então foi até a porta do motorista e fez um gesto, autorizando-o a partir.

Frei Antonino viu o caminhão se afastar na estrada que levava a Castellammare del Golfo. Girou sobre os calcanhares e retornou ao Santuário para os ritos da noite.

O caminhão sacolejava na estrada de terra irregular e esburacada. Atrás, na carroceria, na mais completa escuridão, os fugitivos sentados no chão mantinham silêncio. Todos sentiam um misto de medo e esperança. Cada vez que o caminhão diminuía a velocidade, temiam ser apanhados numa barreira de fiscalização, mas o veículo não parou em nenhum momento. Apenas Vito Pizzuto parecia tranquilo, como se aqueles receios não lhe dissessem respeito.

Nenhum deles percebeu que, logo depois de sair da cidade, o motorista entrara numa estrada secundária que, em vez de seguir para a costa, voltava a Salemi.

Cerca de dez minutos depois, o caminhão pareceu enfrentar uma subida razoavelmente íngreme. O motorista reduziu a marcha e o motor rangeu para vencer a escalada. Saro, mergulhado em pensamentos, percebeu a mudança de velocidade. Estavam subindo, pensou, enquanto deviam descer para chegar ao litoral. Virou-se para tentar espiar por baixo da lona. Mas ela estava bem

esticada e ele não conseguiu erguê-la.

— Quer ser visto? — disse um dos judeus, vendo seus movimentos.

— Estamos subindo! — exclamou Saro.

O comentário chamou a atenção de Rosario Losurdo.

— Tem razão. De Calatafimi para o litoral, é sempre descida. Fiz esse caminho um milhão de vezes com a carroça.

Saro finalmente conseguiu afastar a lona, mas a escuridão o impedia de perceber onde se encontravam.

— Não consigo reconhecer a estrada — disse Saro desalentado.

Losurdo tomou seu lugar e olhou para fora.

O caminhão agora avançava bem devagar. Depois diminuiu até quase parar. Estava perto de uma bifurcação, no topo da subida. Passou diante de um nicho sagrado, onde havia a imagem de uma Virgem. Losurdo gritou:

— É o cruzamento da Nossa Senhora da Assunção. Estamos indo para o lado errado!

Saro começou a bater na cabine do motorista e gritou:

— Motorista! Você está indo na direção errada!

Mas o motorista não respondeu, virou numa estrada em declive, e o caminhão ganhou velocidade.

No interior da carroceria estourou uma grande confusão. O pânico assaltara a todos e todos gritavam pedindo para descer. Apenas Peppino Ragusa continuava em silêncio, sentado na plataforma de madeira.

Muitos tinham se erguido e oscilavam à direita e à esquerda, conforme as guinadas que o motorista ia dando para acompanhar as curvas da estrada.

Alguém gritou:

— Fomos traídos!

E outro:

— Estão nos levando para Salemi!

Foi como um sinal, e logo alguém começou a deslocar as caixas de frutas para abrir passagem até a borda da carroceria. Saro, como os demais, se encheu de angústia e tentou desesperadamente abrir uma passagem no lado da lona que já cedera.

— Pai, fique perto de mim — gritou ao pai, que, no entanto, continuava a ignorá-lo.

Enquanto isso, um dos judeus tinha chegado na beirada traseira e conseguira tirar os dois ganchos. A guarda caiu e, numa das inúmeras guinadas, algumas caixas foram arremessadas para a estrada.

Finalmente Saro conseguiu se enfiar na abertura da lona.

— Pai, levante, precisamos sair daqui. Salte atrás de mim.

Peppino Ragusa olhou para ele com imensa tristeza. Saro passou pelo espaço que conseguira abrir entre a guarda lateral e a lona. Antes de pular, gritou de novo para o pai:

— Levante! Salte atrás de mim!

Saro se deixou cair e rolou na relva macia. Levantou-se e correu para se esconder atrás de uma moita. Viu o caminhão continuar a descer, mas ninguém mais saiu por sua rota de fuga.

O caminhão deu uma guinada brusca à direita e entrou no cercado de um pátio. As vacas aglomeradas num canto começaram a mugir assustadas. O motorista freou de repente e todos os passageiros caíram uns sobre os outros. A confusão atingira seu auge. Todos tentaram alcançar a saída, passando por cima das cestas e caixas de frutas. Jogaram-se para fora do veículo. Saltaram para o chão. Mas, assim que tocaram o solo, foram agarrados por mãos robustas que, entre palavrões e blasfêmias, fizeram com que todos se deitassem de bruços no chão, com a cara na poeira.

Uma centena de metros atrás, Saro, ouvindo os gritos, entendeu que eles haviam caído numa armadilha. Avançou com cuidado, para não ser visto: o luar era tão intenso que à distância podia enxergar perfeitamente todo o drama.

Escondeu-se outra vez atrás da moita. Daquela posição via o caminhão. Viu Vito Pizzuto descer por último, ajudado por um dos agressores. Então reconheceu os fascistas de combate comandados por Jano. E foi o próprio Jano que ajudou Pizzuto a descer do caminhão. Aquele traidor o acompanhava até a cabine. Agora Pizzuto subia... do lado do passageiro.

Jano voltou a olhar os fugitivos, que ainda estavam de rosto no chão. Procurou seu pai e Rosario Losurdo. Reconheceu-os pelas roupas que usavam.

Depois Saro viu os camaradas distribuindo cegamente os golpes de cassetete, por todas as partes do corpo, em meio a zombarias.

O motorista ligou novamente o motor do caminhão, dando a volta no pátio para retornar à saída.

Jano verificava a identidade dos fugitivos: levantava a cabeça de cada um agarrando-o pelos cabelos.

Pouco depois, Saro o ouviu gritar:

— Falta um. Falta Saro.

Então Jano correu atrás do caminhão, que já tinha saído do pátio. Aos gritos, mandou o motorista parar. Depois ordenou a um dos camaradas:

— Vá ver se ele ainda está escondido lá dentro.

O camisa-negra, que devia ser Ginetto, subiu com dificuldade na caçamba e desapareceu no interior da lona. Pouco depois saiu balançando a cabeça. O caminhão então se moveu de novo e se afastou na noite, dessa vez em direção ao litoral.

Jano e seus acólitos, enfurecidos, se voltaram para os fugitivos e começaram a bater neles com ferocidade.

Saro, impotente, não conseguiu suportar aquela visão. Lágrimas de raiva lhe sulcavam o rosto. Viu Losurdo, que se levantou do chão para tentar se defender, agredindo um dos camisas-negras. Mas foi imediatamente cercado pelos outros, que o espancaram com força. Do rosto de Rosario Losurdo escorria sangue, seus olhos estavam inchados, e um camisa-negra atingiu-lhe o fígado, usando o cassetete como aríete. Rosario vergou os joelhos e caiu com o rosto para baixo, apertando o ventre.

Saro amaldiçoou Jano. Percebeu que tinham sido vendidos em troca da liberdade de Vito Pizzuto. Jurou que voltaria e faria Jano pagar por todas as suas maldades... Permaneceu mais um pouco na sombra, em silêncio. Viu também seu pai ser espancado. Peppino Ragusa tentou se levantar do chão, mas um golpe na cabeça o fez desmaiar.

Saro não conseguia mais suportar aquela cena. Então se afastou e por um bom tempo continuou ouvindo os gritos de dor daqueles pobres infelizes.

# 27. 1939
# Adeus, terra amarga

O cais do porto de Palermo estava lotado de maltrapilhos vestidos com suas roupas de festa. Era uma humanidade sem passado, mas com a frágil esperança de um futuro diferente. Traziam panos amarrados em trouxa, onde estavam todos os seus pertences, sacolas de palha cheias de queijos e salames, botas e sapatos pendurados no pescoço para não gastar. Era fácil identificar a pessoa que estava de partida, pois tinha um ar apalermado, receando o passo que estava para dar, ou manifestava grande alegria por estar escapando definitivamente da miséria que a acompanhava desde o nascimento. Os parentes, por sua vez, os que ficavam, estavam tristes e calados. Sabiam que nunca mais voltariam a ver os filhos, maridos, irmãos, e assistiam, imóveis e silenciosos, aos preparativos frenéticos que antecediam o embarque.

As notícias do "novo mundo" eram fantásticas, murmurava-se que o dinheiro dava em árvores e que a terra era distribuída de graça a todos que a cultivassem. A terra! Possuir um pedaço de terra era o sonho de metade das pessoas que se aglomeravam no cais do porto de Palermo. A outra metade pretendia fazer fortuna no trabalho braçal, enquanto as mulheres sonhavam com um casamento com algum belo jovem que lá tivesse chegado antes delas.

Saro tinha viajado a noite inteira e boa parte do dia seguinte, um pouco a pé, um pouco de carona nos caminhões que iam a Palermo. Chegando ao porto, foi assediado por uma multidão de gente lhe oferecendo e pedindo coisas. Havia quem queria vender remédios contra enjoo, quem lhe prometia um trabalho logo que desembarcasse na América, quem lhe pedia que se casasse com a irmã, do contrário ela não poderia partir... Saro estava completamente atordoado com os pedidos daqueles desesperados, aos quais se

misturavam pequenos vigaristas e malandros que, passando por fiscais sanitários do porto ou funcionários da alfândega, conseguiam arrancar os poucos tostões dos ingênuos em troca de promessas que jamais seriam cumpridas.

Com o bilhete de terceira classe na mão, Saro foi encaminhado para uma enorme fila de pessoas que iriam se submeter a uma consulta médica preliminar. Os médicos deviam constatar apenas se as pessoas não tinham piolhos ou alguma doença contagiosa, encaminhando-as depois para uma segunda fila, onde quem tivesse passado no exame e possuísse a passagem recebia o tíquete de embarque.

Ao cair da noite, finalmente o segundo oficial deu a ordem de embarque. Como um rio na cheia, as pessoas correram para os dormitórios sob o convés, arrastando trouxas e pacotes, acotovelando-se e gritando, a fim de se apossar dos leitos do primeiro nível.

Saro não participou da investida e permaneceu no convés, num canto ao lado dos cabos das âncoras e das saídas de ar. Apoiou-se na amurada e ficou observando as manobras dos marinheiros, que se preparavam para tirar as amarras do *Principessa Matilde* da companhia Florio. Quando a sirene soltou seu assobio rouco, Saro Ragusa sentiu o cérebro se dilacerando e um aperto no coração. Pela primeira vez, teve clara consciência da viagem que iria empreender. Pela primeira vez, entendeu o significado da palavra "adeus". "Adeus" talvez significasse nunca mais rever sua terra amada, a terra de suas raízes, seus pais e suas irmãs, seus amigos e principalmente Mena. A doce Mena. Com ela tinha vivido as emoções mais intensas de sua breve existência.

Ao segundo toque da sirene, o navio começou a se mover. Era a primeira vez que Saro subia num navio. Continuou observando cheio de curiosidade os marinheiros no cais e no convés soltando os cordames e as exibições do rebocador que começara a levar o *Principessa Matilde* para fora do porto. O cais estava lotado de parentes, e era impressionante o silêncio que dominava a cena. Alguns choravam, outros agitavam um lenço branco, mas a maioria estava atônita, olhando o casco do navio se afastar lentamente da terra.

Saro apoiou a cabeça na amurada e sentiu as lágrimas correrem pelo rosto. Tentou conter a emoção. Mas o pranto era incontrolável. Então pensou na mãe. Quando era pequeno e muitas vezes sentia dificuldade para adormecer, a mãe lhe dizia para rezar. "A oração é o remédio dos pobres", sussurrava ela em seu ouvido. E começava uma litania improvisada, para embalá-lo num sono suave.

Apesar de não ser mais criança, Saro começou a rezar...

Enrolou-se em suas roupas e mergulhou em um sono agitado.

Depois de haver passado o Estreito de Gibraltar e entrado em alto-mar, o *Principessa Matilde* começou a oscilar, instável como uma casca de noz. A maioria dos passageiros da terceira classe começou a enjoar, muitos vomitaram, tendo que sair dos dormitórios e encontrar um canto abrigado no convés. O vento, em pleno oceano, soprava com violência, e apenas os mais robustos conseguiam resistir ao frio intenso, apesar do calor da primavera avançada. As pessoas estavam nervosas e desgastadas, a tripulação irritada e insolente, a resistência psíquica e física de todos enfrentava duras provas.

Saro não conhecia ninguém e passava grande parte do dia cuidando da própria vida, acocorado ao abrigo da coberta de popa. Não havia nada para fazer e as horas transcorriam com grande lentidão. Os únicos momentos de agitação eram as refeições, servidas no grande salão sob a estiva. Foi justamente ali que Saro conheceu Titina, uma jovem da região de Noto, que lhe disse estar à procura de sua alma gêmea.

Titina era miúda mas bonita, com quadris e seios fartos, comprimidos num corpete amarrado na frente, que atordoavam os homens da embarcação. Pusera os olhos em Saro e, no oitavo dia de navegação, quando ele se sentou para esperar os atendentes trazerem a sopa, ela aproveitou e se sentou ao lado dele para puxar conversa.

— De onde você é? — perguntou Titina, beliscando um pedaço de pão.

Saro a fitou. Tinha dois olhos azuis como o céu, mas cabelos e sobrancelhas escuros.

— Meu nome é Saro e sou de Agrigento — mentiu ele, lembrando os comentários de Manfredi, que dizia que os bandidos e os espiões americanos eram ligados aos policiais da Sicília. — E você?

— Eu sou Titina e nasci em Noto — respondeu de pronto a jovem. — Você tem parentes na América?

— Não. Só alguns amigos.

— Eu tenho um noivo e vou para me casar.

— Parabéns.

— Não o conheço. Não vi nem foto dele. Foi o padre da minha cidade que acertou tudo. Ele me disse: "Titina, vá para a América, senão aqui você vai mandar todos os homens para o inferno".

Ela desatou a rir, mostrando os dentes estragados como os de um velho.

Todos se viraram para eles, pois raramente se ouvia alguma risada no navio, e todos queriam saber o que tinha causado aquela hilaridade. Queriam

participar da felicidade de alguém, mesmo que fosse um estranho. Mas, quando viram que era Titina, perceberam que não havia nenhum motivo para ficarem alegres, e continuaram a mergulhar as colheres nas tigelas.

— O que vocês estão olhando, seus velhos babões? — gritou a moça.

Saro se sentia desconfortável.

— Deixe para lá, Titina.

A sopa deles também chegou, já fria, e começaram a comer. Mas Titina não o deixava em paz:

— Onde você vai morar?

— Ainda não resolvi — respondeu Saro com paciência.

— Meu noivo quer me levar *nãoseionde*, mas eu quero ficar em Nova York — reclamou Titina.

— O lugar não tem importância. Se você estiver bem com ele, vai se sentir bem em qualquer lugar.

— Eu quero ficar em Nova York — repetiu ela como uma menina caprichosa.

Mais tarde o navio enfrentou um grande temporal. Os passageiros se esconderam na estiva de terceira classe. Foram os piores momentos da travessia. As pessoas sofriam e reclamavam. Não apenas as mulheres, mas também os homens que, em suas cidades, jamais demonstrariam qualquer sinal de fraqueza. As crianças choravam sem trégua, atormentando os ouvidos e a cabeça de todos.

Era uma humanidade dobrada pela miséria e pela fome, pela ignorância e pelo desespero. Poucos ainda tinham um vislumbre de esperança. Mas todos, mesmo naquele estado miserável, possuíam um senso de dignidade que os levaria a lutar contra todas as adversidades da vida até o último suspiro, sem se render jamais. Com tal força, esse povo constituía uma linhagem especial de gente, que, mesmo tratada como raça inferior, sabia enfrentar as condições mais difíceis, mostrando um espírito de sacrifício e uma capacidade de adaptação invulgares.

Mas o futuro ainda estava a quase dois mil quilômetros daquela massa malcheirosa, impregnada de lamentos, sofrimentos e desespero.

A realidade, naquele momento, era outra, a realidade era representada por uma jovem mãe que, num dos leitos, tentava amamentar o filho. Mas o recém-nascido não queria mamar e chorava o tempo todo. Depois, à noite, o choro se

enfraqueceu. A mãe tentou fazer com que a criança pegasse o mamilo, mas ela não respondia mais aos estímulos. A mulher abraçou o nenê junto ao peito, como que procurando protegê-lo da morte. Tentaram tirá-lo dela, mas ela o defendeu com as unhas, gritando que o filho estava dormindo e não podiam pegá-lo. Naquela noite, ela se levantou e disse que ia ao banheiro. No entanto, subiu as escadas que levavam ao convés. Abraçava aquele fardo inerte como o mais precioso dom. Saiu enquanto ainda soprava a tempestade. Ninguém a viu, ninguém pôde detê-la... ou talvez alguém a tenha visto, mas deixou que fosse ao encontro de seu destino e de sua imensa dor. Não voltou mais à estiva e no dia seguinte transformou-se numa simples nota no diário de bordo.

Então, como por encanto, um dia a tempestade cessou. A população de desesperados recuperou o vigor e o otimismo. Todos saíram ao ar livre para aproveitar os cálidos raios de sol.

Saro, deitado no lugar habitual, viu Titina à distância, no lado da proa, numa discussão acalorada com um homem decididamente mais velho. Viu quando ela lhe deu um empurrão e ele se afastou, vindo para o castelo de popa; Saro percebeu que o homem se dirigia para o seu lado, e que era exatamente com ele que o sujeito estava irritado.

Levantou-se, enquanto o outro, furioso como um bisão, se pôs a seu lado e disse sem preâmbulos:

— Não se aproxime mais da minha noiva, entendeu?

— Amigo, quem é a sua noiva? — perguntou Saro.

— Não se faça de esperto. Você sabe que estou falando de Titina. Vi vocês dois ontem. Não é certo que você a desonre.

— Mas Titina já tem um noivo. Está na América — explicou-lhe Saro.

— Esse é o primeiro pretendente. Se não gostar dele, Titina vai se casar comigo. E você não pode se meter entre nós, estamos entendidos?

— Olhe, amigo, não ligo para a sua Titina. É ela que vem sempre me amolar. Eu já tenho uma mulher.

— Como você se atreve a me faltar com o respeito? — disse, puxando Saro pela lapela do casaco.

Mas Saro, num movimento brusco, se desvencilhou do ataque.

— Está procurando encrenca?

Rápido como um raio, o homem puxou a faca, de dois palmos de comprimento.

— É você que está — respondeu, colocando-se em posição de ataque.

Saro, que não queria brigar, deu meia-volta e se afastou; o homem com o punhal ia começar a persegui-lo, quando um rapaz que estava por ali deu-lhe um encontrão com o ombro, jogando-o no chão. Saro e o rapaz se olharam. Ele era alto, com um rosto simpático e um bigodinho maroto que lhe dava o ar de um astro de cinema. O rapaz abaixou ainda mais a boina quadriculada de azul, como que fazendo pose, levou dois dedos à testa e cumprimentou Saro, que lhe deu um sorriso de agradecimento.

Enquanto isso, o homem caído no chão espumava de raiva. Agora não sabia se cuidava do "bigodinho", que o tinha empurrado de propósito, ou se ia atrás de Saro. Levantou-se e optou pela segunda alternativa. Saro estava chegando às escadas da estiva, já fora de alcance do noivo ciumento, quando uma rasteira maldosa interrompeu sua fuga e o fez rolar pelo chão. Virou-se para ver quem o derrubara e estremeceu ao reconhecer Vito Pizzuto, bem vestido, sentado numa caixa, fumando um charuto.

Num segundo, o homem com a faca estava sobre ele, mas alguns marinheiros e um oficial tinham se reunido ao som de um apito. Os marinheiros imobilizaram o homem armado antes que pudesse ferir alguém. Ele tentou se soltar, debatendo-se com todas as suas forças, mas os marinheiros tinham seus próprios métodos: deram-lhe uma bastonada que o atordoou e o arrastaram para uma cela de isolamento. O oficial se aproximou de Saro para saber por que o homem estava tão enfurecido com ele. Não sabia se também devia trancafiar Saro numa cela. Tinha tentado roubá-lo? Ou eram rancores antigos?

Saro não quis responder.

— Se não responder, terei de prendê-lo. Isso pode prejudicar sua entrada nos Estados Unidos. É melhor você colaborar — disse com paciência o oficial.

Nesse meio-tempo, um homem estava se aproximando e a multidão se abria para deixá-lo passar. Sua figura carismática era conhecida de todos no navio, e era curioso que um passageiro da primeira classe viesse até o convés da terceira.

Quando o príncipe Ferdinando Licata chegou ao lado de Vito Pizzuto, este, ao reconhecê-lo, levantou-se em sinal de deferência. O príncipe o repreendeu em voz baixa com sua típica cadência:

— *Chi nun po' fari a buttana, fa a ruffiana*, quem não pode ser puta, vai ser cafetina. — disse, fitando-o demoradamente nos olhos, querendo reduzi-lo a cinzas. — Como você se chama?

— Vito Pizzuto — respondeu o chefe mafioso, que conhecia a autoridade do príncipe.

— Vou me lembrar de você — disse Licata, voltando a andar.

Vito Pizzuto não reagiu, baixou o olhar e preferiu sumir entre a multidão de passageiros, que o viram resmungando contra o príncipe.

Ferdinando Licata se aproximou do oficial e lhe disse:

— Tenente, o rapaz é meu amigo. Eu o conheço desde garotinho, é filho de um médico de Salemi.

O oficial, reconhecendo o príncipe, fez sinal para seus marinheiros, que imediatamente soltaram Saro. Então se despediu do príncipe e se afastou.

Saro ficou surpreso ao ver Licata no navio. Beijou-lhe as mãos, mas o príncipe recusou o beijo e lhe deu sua primeira lição:

— *Cu' iè ricco d'amici iè scarsu di guai*, o rico de amigos é pobre de problemas.

Saro sorriu à ideia de ter o príncipe Ferdinando Licata como "amigo".

— Príncipe Licata, o senhor também na América?

Ferdinando sorriu e como única resposta lhe fez um sinal:

— Venha, vou lhe mostrar o navio...

E, por fim, num belo dia:

— É a 'Mérica.

Todos os passageiros se precipitaram ao convés, para finalmente contemplar seu sonho. A realidade era superior a tudo que tinham imaginado. Ali estava a Estátua da Liberdade... fitaram-na boquiabertos, enquanto ela desfilava ao longe do navio, estupefatos com sua altura.

Mas a América ainda estava longe... Em Manhattan, só podiam descer os passageiros de primeira e segunda classe, junto com os americanos e os membros da tripulação. Todos os passageiros da terceira classe eram embarcados numa pequena balsa que os levava a uma ilhota, a quinze minutos do porto de Nova York. Antes de poder entrar na América, aquela população de desesperados tinha de passar pela Ilha das Lágrimas. Assim fora rebatizada a Ellis Island, que até 1954 veria passar por seus portões doze milhões de pessoas, o maior fluxo migratório de todos os tempos.

# SEGUNDA PARTE

# 28. 1939
# Esta é a ’Mérica

Para entrar na América, o indivíduo não podia estar doente nem ser disforme, não podia ter disfunções psíquicas, histórico de criminoso ou, pior, de anarquista. Esses “defeitos”, se fossem detectados no momento do desembarque, levavam automaticamente à expulsão. Os fiscais da imigração deixavam entrar quem estava apto para o trabalho, quem tinha dinheiro suficiente ou vinha com passagem previamente paga até o destino final. Mas também serviria a palavra de honra de um parente ou de um amigo, que declarasse poder dar assistência ao imigrante até ele conseguir um emprego. Definitivamente, o governo queria se certificar de que o recém-chegado não iria se somar às fileiras de mendigos e criminosos.

Para os imigrantes com “fiador”, a visita a Ellis Island poderia durar menos de oito horas. Nesse caso, não recebia uma permissão ou um atestado, e de sua passagem pela ilha restaria apenas uma linha no registro de imigrantes com seus dados gerais e o local de trabalho.

Mas, para quem não conseguia passar pela inspeção dos funcionários da imigração, a permanência na ilha poderia se estender por alguns meses. A “condenação” era selada com uma letra do alfabeto, desenhada na gola do casaco ou nos ombros do pobre desgraçado. O “S” significava sarna; o “C”, conjuntivite; o “G”, gravidez; mulheres grávidas não podiam entrar na América, e por isso retornavam ou deviam esperar o dia do parto na ilha.

Mas a letra mais temida era o “X”, que significava deficiência mental e podia ser decretada também para os surdos e os mudos. Nesses casos, entrava-se no circuito dos testes de inteligência.

Esses pobres renegados eram obrigados a enfrentar longos dias de quarentena para responder a perguntas mortificantes como “Que dia é hoje?”, “Que cor é esta?”, “Esquerda ou direita?”, e sofriam exames médicos

degradantes, numa verdadeira falta de respeito à pessoa humana. Tudo agravado pelas incompreensões culturais e linguísticas, com resultados geralmente grotescos que levavam ao caminho de volta ou, pior, ao suicídio, com um mergulho desesperado nas águas geladas da baía de Manhattan.

Tais eram as boas-vindas da América. Uma nação que acolhia de braços abertos quem quisesse viver no Novo Mundo, mas mostrando imediatamente que era preciso se adequar às suas regras.

Muitos foram despachados de volta para o remetente, entre prantos, lágrimas e desespero de companheiros e parentes que, mais afortunados, tinham conseguido autorização para entrar.

Entre seus companheiros de viagem, Saro foi um dos mais afortunados, porque saiu de Ellis Island após seis horas apenas de permanência. Mais tarde, soube que alguns ficaram retidos por mais de três semanas e outros foram despachados num navio de volta para casa.

Junto com uma centena de outros companheiros de aventura, ele foi embarcado no rebocador que fazia o transporte entre a Ilha das Lágrimas e o porto de Nova York, e enfim, vinte minutos depois, desembarcou em solo americano.

No final dos anos 1930, cerca de cem mil italianos atravessaram o oceano para ir viver do outro lado do mundo. Em comparação com os imigrantes do começo do século, eram em número nitidamente inferior, mas com as mesmas características. Quem decidia partir era quase sempre um fugitivo, um aventureiro, um perseguido pela polícia ou simplesmente um desesperado...

Vincenzo Ciancianna seguia o fio desses pensamentos encostado num poste, assistindo ao desembarque dos cem imigrantes que haviam passado pelas forças caudinas de Ellis Island. Fazia mais de trinta anos que ele era o recrutador a serviço dos Bontade e já era um perito em reconhecer os tipos que poderiam dar uma ajuda à família.

Ele havia montado uma classificação própria dos imigrantes, dividindo-os em quatro categorias. Em primeiro lugar vinham os “chorões”. Eram os que estampavam na face a saudade do país que acabavam de deixar, certamente já tinham se arrependido da decisão e de bom grado pegariam um navio de volta.

Estes eram as presas mais fáceis para os recrutadores da máfia, mas eram também, de longe, os menos confiáveis.

Depois havia os "cagões". Eram os que se apavoravam na hora em que desciam a escada do navio, pois temiam o futuro incerto e a nova vida que teriam de enfrentar. Mas, comparados com os da primeira categoria, tinham mais autoconfiança, pois traziam no bolso a carta do pároco da cidade ou de algum parente pedindo que um tio ou um primo os ajudasse, pelo menos nas primeiras semanas. Estes, a máfia preferia deixar em paz, porque, bem ou mal, já contavam com um protetor.

A seguir vinham os "pés de boi". Estes tinham aceitado a aventura e não viam a hora de começar a trabalhar. Além do mais, sabiam que encontrariam um parente ou um conterrâneo esperando-os no ancoradouro, que se colocaria à disposição para lhes encontrar alojamento e um trabalho adequado. Destes os recrutadores também mantinham distância.

Por fim havia os "contos". Esses indivíduos pareciam saber o que queriam, mesmo que fosse a primeira vez que pisavam em solo americano. Estavam atentos a tudo o que acontecia ao redor, tinham um olhar arrogante e um certo ar de desafio. Eram os guarda-costas dos senhores, os administradores que tinham aprontado algo de grave na terra pátria e fugiam da justiça italiana para se abrigar na América, escondidos no fundo de uma estiva, ou simplesmente eram os mafiosos da Sicília, da Campânia ou da Calábria obrigados a mudar de ares e se afastar do regime fascista. Esses valentões não procuravam uma atividade estável. Para eles, a América não era a terra onde poderiam sobreviver. Para eles, a América era a terra a ser conquistada. Eram estes que os recrutadores procuravam com maior afinco, e era um orgulho para eles quando conseguiam convencê-los a entrar para a organização.

Vincenzo Ciancianna identificava imediatamente os "chorões", que eram sempre os mais numerosos. Abordava-os falando no dialeto deles, embora com o tempo seu linguajar viesse cada vez mais misturado com palavras americanas. Vincenzo, com sua barriga volumosa, rosto jovial e um grande charuto colado no canto da boca, transmitia prontamente uma sensação de confiança. Prometia aos recém-chegados um lugar para dormir e talvez até um trabalho, se para eles estivesse bom. E como estava bom! Nem precisava dizer! Para aqueles pobrezinhos perdidos e confusos, suas propostas eram uma bênção, eram luz num dia de chuva, música que descia do céu...

O pardieiro onde eram jogados e o trabalho que tinham de fazer iriam prendê-los para sempre à família, na qual desempenhariam as tarefas mais

humilhantes, mas necessárias, como, por exemplo, descarregar mercadorias contrabandeadas que chegavam ao porto, bem escondidas nas estivas dos navios provenientes dos portos italianos e franceses.

O drama dos imigrantes italianos era duplo, pois de um lado precisavam se defender dos outros grupos étnicos que haviam chegado antes, como os irlandeses, e, de outro, eram obrigados a suportar as opressões e chantagens das famílias que dominavam os bairros e impunham suas taxas, pedágios, proteção, que poderiam muito bem dispensar. Mas sabiam também que, caso se rebelassem, a vida se tornaria insuportável, correriam o risco de sofrer injustiças e... acidentes.

Ao redor de Vincenzo Ciancianna, formara-se um grupo de imigrantes. Aquele barrigudo com o rosto simpático atraía os "chorões" como o mel atrai as abelhas. Todos achavam que aquele italiano tinha sido enviado pelo Senhor. Não suspeitavam que ele os estava atraindo para uma armadilha sem saída. A um simples olhar, Vincenzo estabelecia quem se tornaria estivador, quem iria para as lavanderias, quem se destinaria aos transportes, quem ficaria com os jogos de azar, e assim por diante. Entregava-lhes um bilhete já preenchido, mesmo aos analfabetos, e recomendava que se apresentassem naquela mesma noite no endereço indicado e mostrassem o bilhete a quem os recebesse. Não precisavam fazer mais nada, os hospedeiros iriam cuidar deles.

— Esta é a 'Mérica, amigos, o país da cocanha. Mexam-se.

Vincenzo terminava invariavelmente com aquela frase e, como por mágica, os sorrisos voltavam ao rosto de todos. Acreditavam que finalmente tinham conseguido sair do pesadelo da pobreza. Essa ilusão duraria poucas horas, e depois eles afundariam de novo no tormento de uma vida desesperada.

Saro também tinha se aproximado do grupo de imigrantes que rodeavam aquele sujeito simpático e bem vestido. Quando chegou sua vez, Vincenzo Ciancianna, depois de observá-lo por dois segundos, decretou:

— Carregador de hotel — e procurou o pedido no maço de folhas.

Mas Saro segurou sua mão, e esse gesto surpreendeu o homem.

— Na verdade, em Salemi, eu era barbeiro — disse timidamente, soltando a mão do homem corpulento.Vincenzo olhou-o perplexo.

— Barbeiro?... Talvez eu tenha alguma coisa para você. — E, dizendo isso, voltou a procurar no maço de folhas algo que se adequasse a ele. Os passageiros que pertenciam à quarta categoria, isto é, os "contos", quando chegavam à América sabiam apenas dois nomes: Miss Molly, uma taverna que ficava numa rua não muito distante do cais, e Vincenzo Ciancianna ou algum representante

dele. Logo que desciam do rebocador, deviam pedir informação onde ficava a taverna e depois, chegando lá, deviam perguntar ao taberneiro se aquele "tal dos tais" tinha chegado.

Foi justamente no Miss Molly que Vito Pizzuto foi parar, e lá encontrou à tarde o recrutador da família Bontade: Vincenzo Ciancianna.

Para os "contos", de fato, o serviço era diferente. Era gente de certa importância, às vezes até chefes ou figurões enviados pelos primos sicilianos para escapar às perseguições do regime fascista.

Vito Pizzuto não era propriamente um chefe, mas sua habilidade como extorsionário era uma das referências que Bontade mais apreciara em sua carta de apresentação. Os que entravam diretamente nas famílias, e nunca eram muitos, recebiam como adiantamento alguns "contos" de dólares.

No endereço da Baxter Street, no limite sul do bairro de Little Italy, não havia uma barbearia, mas apenas uma funerária, para grande surpresa de Saro. Ele abriu a porta de vidro e entrou na lojinha decorada com móveis e acessórios fúnebres. Um homenzinho calvo, com um paletó de tecido negro, foi a seu encontro torcendo as mãos, que tanto podia significar "Bom, mais um caixão vendido" ou "Sinto muito sua perda". Em todo caso, aproximou-se e, com um sorriso triste e ar contrito, disse numa espécie de americano sicilianizado:

— Sinto pelo senhor e por sua família...

Saro não entendeu uma só palavra e, abanando a cabeça, respondeu:

— Lamento, não entendo...

— Ah, mas é um conterrâneo...

O homenzinho mudou imediatamente de atitude. Apertou-lhe a mão com entusiasmo, tornando-se menos pegajoso e mais direto.

— Sou da Sicília, de Salemi... Queria uma informação... aqui não há uma barbearia? — Saro estendeu-lhe o bilhete que o homem barrigudo lhe dera no porto.

— E eu sou de Messina, somos quase conterrâneos. — O homenzinho espiou a folha. — Ah, foi o Ciancianna que te mandou. Certo... certo... — Olhou-o dos pés à cabeça. — Você é barbeiro?

Saro assentiu.

— Está bem, não vamos perder tempo, vamos fazer um teste já. — Virou-se e fez sinal para que o acompanhasse.

Levou-o aos fundos da loja, seguiu por um longo corredor onde havia

algumas portas e por fim chegou a um amplo salão, escuro e frio, que cheirava a formol. Acendeu a luz e Saro viu três mesas de mármore. Em duas delas estavam estendidos os cadáveres de uma mulher muito idosa e de um homem de meia-idade, ambos nus.

— Eles te assustam? — perguntou o homenzinho.

— Bem, a aparência deles não é lá muito boa... — respondeu Saro, irônico.

— Você sabia que a barba e os cabelos continuam a crescer depois da morte? Você seria capaz de cortá-los nos homens e preparar as mulheres? Talvez maquiando-as com um pouco de batom e pó de arroz? Naturalmente também precisa vesti-los para a apresentação aos parentes.

— Posso tentar.

O homenzinho trouxe uma mesinha de rodízios com as ferramentas do ofício: tesouras, navalhas, pó de arroz e batom.

— O.k., bom trabalho. Mostre-me o que sabe fazer.

Deixou Saro sozinho, e ele imediatamente começou a barbear o homem. O dono da funerária voltou cerca de meia hora depois. Verificou o trabalho que Saro tinha feito até o momento. O cadáver, agora, estava com os cabelos brilhantinados e a pele barbeada e fresca. Saro também tinha tido tempo de passar um pouco de pó de arroz, para tirar a palidez típica dos cadáveres. O homenzinho parecia satisfeito com o trabalho do jovem.

— O.k., você é bom, para a primeira vez está muito bom. Acho que pode dar certo. Venha comigo, vou lhe mostrar o resto do local. — Apagou a luz e os dois voltaram pelo corredor. — Estas aqui são as salinhas onde preparamos os falecidos.

Abriu uma das portas que davam para o corredor. Dentro da sala havia um estrado alto, duas cadeiras de madeira, um grande crucifixo na parede do fundo e alguns vasos com flores do enterro anterior. Não havia janelas e o interior cheirava a cemitério.

— Você vai ver que acaba se acostumando. É curioso como todos nós, mais cedo ou mais tarde, nos resignamos com a morte, enquanto com a vida não conseguimos nos acostumar...

Fechou a porta e voltou a percorrer o corredor. Prosseguiu:

— Você vai preparar os cadáveres nessas salas. São seis. É raro haver seis cadáveres ao mesmo tempo. Aconteceu só umas duas vezes... por causa de um acerto de contas no bairro. Quando há guerra entre as quadrilhas, para nós, coveiros, é uma fartura — comentou com um tom ganancioso.

E, indicando uma porta por onde passavam, continuou:

— Este quartinho tem uma janela. Você pode dormir aqui até encontrar outro alojamento. — Depois apontou para uma porta dupla do outro lado do corredor. — Aqui fica a capela. É onde ficam os corpos para a última despedida dos parentes. Se forem católicos, deixamos a decoração como está. Se tiverem outras religiões, tiramos o crucifixo e colocamos o que quiserem, certo?

O salão, diferentemente das outras salas, estava bem decorado. Tinha quadros de santos nas paredes, uma fileira de cadeiras, um altarzinho com uma cruz de madeira, um pequeno armário na parede em frente. O ambiente era iluminado pela luz que provinha de um vitral com o Espírito Santo no centro.

Voltaram para os fundos do estabelecimento, onde havia uma espécie de escritório com uma mesinha coberta de papéis, a qual fazia as vezes de escrivaninha e provavelmente também de mesa de refeições, pois entre os papéis via-se um prato com restos de uma refeição. Depois de se sentar, e sem maiores rodeios, o homenzinho explicou:

— As regras são as seguintes: pago seis dólares por semana. Mas dois tenho que reter para a Associação. O quartinho você me paga à parte, e também terei de reter uns vinte por cento para a Associação.

— Mas o que é essa Associação?

— Mas você não sabe? É a União Siciliana. É graças à União que conseguimos trabalhar em paz. Nós das funerárias, então, temos que ser duplamente agradecidos à União.

— E por quê? — indagou Saro.

— A União nasceu para oferecer aos imigrantes um funeral decente e uma cova em solo siciliano. Os imigrantes aceitam a triste condição de expatriados, mas todos querem fechar os olhos sob o céu da Sicília. Se isso não é possível, pois muitas vezes a morte chega à escondidas e sem dar tempo de nos preparar para o grande passo, querem pelo menos ser enterrados em sua casa. A União Siciliana é uma espécie de seguradora. Quem aderir recebe um funeral decente e a passagem de volta à pátria.

— E se alguém não quiser participar dessa associação? Eu, por exemplo, não pretendo morrer tão cedo.

— Você quer as vantagens sem gastar um centavo? Pois me diga: como você encontraria trabalho e um quarto para dormir num estalar de dedos? Você acredita mesmo que aqui tudo são flores?

— Se as regras são essas...

— Essas ou... — e fez um eloquente gesto de “paulada”.

— Entendi, não estou discutindo...

— Isso, assim é melhor. O trabalho começa às oito e termina às oito. A menos que haja algo inesperado... Para comer, use a cozinhazinha aqui atrás. Aprenda logo o inglês... vai ver que é muito simples. Acho que eu já disse tudo... Ah, eu me chamo Enzo Carruba.

— Quando eu começo?

— Você já começou... há dois corpos à espera... para devolver à vida. — E sorriu da própria piada. — Enquanto você prepara o homem, vou buscar o vestido para a velha. Se você visse que massacre, pobre gente...

E saiu, ainda sorrindo. Saro não entendeu se pela satisfação de ter encontrado um empregado ou porque já estava meio maluco.

Naquela época Nova York era dominada por cinco grandes famílias mafiosas. A família Genovese era a maior e a mais enraizada no território, a ponto de contar com trezentos afiliados. Ocupava-se de extorsões, empreiteiras, coleta de lixo, controle dos portos de Newark e Elizabeth e de Fulton, o mercado do peixe. Tinha uma rede capilar de salas para jogos de azar e também controlava a agiotagem e o tráfico de drogas. Tinha influência no sindicato dos pedreiros e dos carpinteiros e sobre o Jacob K. Javits Convention Center, ponto de convergência histórico dos entrelaçamentos entre políticos e mafiosos.

A família Gambino tinha duzentos afiliados. Estavam envolvidos nos jogos de azar, na agiotagem, no tráfico de drogas, no controle de construtoras, no transporte do lixo sólido urbano e dos alimentos, e também no sindicato dos caminhoneiros.

A família de Joseph "Joe Bananas" Bonanno podia contar com cem afiliados e era ativa nos jogos de azar, na agiotagem, no tráfico de drogas e nos caça-níqueis. As outras duas famílias tinham cerca de cinquenta, sessenta afiliados cada uma. A família Lucchese agia principalmente em Nova Jersey, com atividades de agiotagem, drogas, extorsão e controle no setor imobiliário.

A família Colombo, ativa no Brooklin, Queens e Long Island, tinha atividades nos jogos de azar e na agiotagem.

Dessas cinco famílias derivavam outras vinte e seis, cada uma delas com competência numa determinada faixa do território.

Foi Lucky Luciano quem, no início dos anos 1930, impôs áreas territoriais tão bem definidas, para encerrar as guerras entre as famílias que haviam dilacerado o Sindicato nos anos anteriores.

De tempos em tempos, porém, algum chefão ávido demais ou demasiado

confiante em sua capacidade de ataque esquecia os fatos e ia invadir territórios ou atividades que não lhe competiam.

Na zona sul do East River, duas famílias menores, a siciliana dos Bontade e a irlandesa de Brian Stoker, disputavam o controle dos mortos e dos espaços nos cemitérios. Os Bontade estavam mais bem organizados, porém a família Stoker era mais impiedosa, tendo reunido os delinquentes mais ferozes do Queens e do Bronx, sem levar em consideração se eram irlandeses, porto-riquenhos ou poloneses.

Saro já tinha aprendido a barbear, embelezar e vestir os cadáveres à perfeição e dominava razoavelmente a nova língua.

Os tempos de Salemi já estavam distantes, na América não havia espaço para as lembranças. Sua única saudade tinha um nome: Mena. Aquela recordação ainda estava viva em sua memória.

Naquela manhã, ele estava recompondo os traços de uma jovem. Os parentes queriam que ela usasse o vestido de noiva que não teve tempo de trajar. Chegara da Itália com malária, mas os fiscais de Ellis Island não tinham percebido e lhe deram o visto. A malária, porém, já lhe havia devorado o fígado: ela se foi poucas semanas depois de ter alcançado seu sonho, dez dias antes de desposar o homem que a pedira em casamento e pelo qual enfrentara as dificuldades da travessia oceânica.

Saro estava orgulhoso da maquiagem e dos preparativos que havia feito. Considerava-o um de seus melhores trabalhos. Tinha dado cor às faces, passara batom nos lábios, empoara o rosto para eliminar a palidez da morte. O longo véu branco cobria os ombros da jovem e o vaporoso vestido de noiva preenchia totalmente o caixão.

Levou o estrado, montado numa maca sobre rodas, da sala de maquiagem à câmara ardente. Abriu a porta dupla e entrou com o caixão. Colocou-o no centro da sala, que já estava decorada com flores. Logo a seguir, recebidos por Enzo Carruba, chegaram os familiares e o sacerdote.

A mãe e o pai da jovem explodiram em lágrimas ao revê-la tão bonita que parecia viva e palpitante. Os outros parentes também se comoveram ao ver a pobre garota. O futuro marido preferiu não ir à cerimônia, pois não tinha nenhuma ligação com ela, nem afetiva nem pessoal. Fora o padre da cidade que decidira unir os dois.

O sacerdote recitou um breve sermão que não conseguiu consolar os

familiares; depois de meia hora de lágrimas e lamentos, tudo se acabou.

Os parentes saíram da capela a fim de se preparar para os funerais solenes, como só os italianos sabem organizar. Enzo Carruba estava alegre, pois todos o elogiaram pela organização da cerimônia e pela preparação da pobre moça. A gorjeta foi considerável, e sumiu rapidamente no bolso interior do paletó do homenzinho: se ninguém visse, não precisaria dar uma porcentagem daquele dinheiro aos controladores do setor funerário.

Depois que os parentes saíram, Saro ficou sozinho com a defunta. Foi pegar uma chave de fenda no pequeno armário no fundo do salão, para prender os parafusos na tampa do caixão. Voltou ao ataúde e o fechou, lançando um último olhar à desafortunada noiva.

De repente, ouviu passos rápidos no corredor. Virou-se para olhar e viu um homem desgrenhado, arfante, com um vasto bigode, irrompendo na capela. O homem estava em pânico e avançou decidido para Saro.

— Você precisa me salvar. Os homens de Stoker estão me perseguindo. Esconda-me.

Pelo sotaque, o sujeito devia ser napolitano. Saro era rápido nas decisões, mas dessa vez não sabia mesmo o que inventar.

— Meu padrinho o recompensará — disse o homem, apavorado. — Salve-me.

Então dois irlandeses entraram na funerária no exato momento em que os parentes da jovem estavam saindo. Enzo Carruba, mesmo assustado, tentou se colocar na frente dos dois para lhes impedir a entrada.

— Senhores... senhores... por favor... há um enterro...

O primeiro irlandês, que parecia ser o chefe, robusto como um touro, cabelos acobreados e curtos, o deteve com a mão esquerda, enquanto mantinha a direita no bolso da calça, segurando uma semiautomática 7,65.

— Você, quem é?

— Sou Enzo Carruba — respondeu, na esperança de que seu nome fosse familiar ao outro. Mas pelo visto nunca enterrara nenhum parente daquele indivíduo sardento, pois o irlandês o empurrou com violência, sem nenhuma consideração, derrubando-o no chão.

— Não se faça de herói e evitaremos um monte de problemas. A loja tem outra saída? — perguntou o sardento.

O homenzinho calvo sacudiu a cabeça. Um esgar iluminou o rosto do irlandês, que fez um gesto para que o companheiro o seguisse. Já achava que tinha agarrado sua presa.

Os dois desapareceram nos fundos do estabelecimento. Abriram a pontapés as portas das salinhas de maquiagem dos cadáveres, mas era como se o perseguido tivesse se dissolvido. Os dois, então, viram a porta dupla da capela e ouviram alguns ruídos vindos de lá. O sardento fez sinal para o outro ficar de guarda. Apontaram as pistolas e avançaram na ponta dos pés em direção ao salão. Depois ele gritou uma ordem e os dois arrombaram ao mesmo tempo a porta dupla e entraram correndo na capela, prontos para atirar.

Saro teve um sobressalto e se virou, levantando as mãos. Numa delas segurava sua inseparável navalha.

— Parado! Não se mexa! — gritou o chefe aproximando-se com ar sério, enquanto o segundo procurava a presa pelos outros cantos da sala. — Solte essa navalha e saia daí.

Saro deu um passo de lado e deixou cair a navalha no chão, realmente amedrontado.

— Não me machuque... estou apenas fazendo o meu trabalho — disse, tentando acalmar o mais agitado.

O "Sardas" se aproximou do caixão e, sem tirar os olhos de Saro, deu uma olhada no paramento roxo que descia até o chão para ocultar as quatro pernas do catafalco sobre rodas. Com um gesto de mão, afastou Saro, que continuava com as mãos levantadas. Então o segundo homem se aproximou, colocando-se do outro lado do estrado. Os dois estavam prontos para abrir fogo... O sardento segurou uma ponta do tecido e ergueu-a rapidamente, apontando a pistola para debaixo do caixão. Mas não havia ninguém. O irlandês continuava olhando ao redor, procurando um possível esconderijo. Além das cadeiras, de um pequeno armário e daquele caixão, não havia mais nada na sala.

"Sardas" olhou para o caixão e para o cadáver completamente envolto no vestido nupcial. Com o cano da pistola, ergueu o tule, mas só o suficiente para espiar o rosto da defunta.

Saro respirava fundo a fim de disfarçar o medo.

O homem viu a boca com batom e soltou o véu sobre o rosto. Virou-se para o amigo. A partir daí, passou a ignorar totalmente Saro, como se ele jamais tivesse existido e não passasse de uma mosca na tapeçaria.

— Vamos para as outras salas — ordenou ao outro irlandês, e os dois voltaram para o corredor.

Saro apressou-se em fechar a tampa do caixão e apertou os parafusos. Depois de alguns minutos, chegaram os seis carregadores, seguidos por Enzo Carruba.

— Eles foram embora? — perguntou a Saro, que estava pegando a navalha no chão.

Ouviram-se grandes pancadas e o som de portas arrombadas.

— Estão ouvindo? Estão arrebentando todas as portas — respondeu Saro. — Depressa, rápido, levem o caixão para o carro.

Os seis jovens ergueram o caixão, apoiando-o e equilibrando-o nas costas, e foram para a saída, onde os esperava o carro fúnebre, enfeitado com penachos negros, guirlandas barrocas com caveiras, ampulhetas e todos os outros elementos que evocam a fugacidade da nossa existência.

Os dois garanhões, negros como carvão, com os arreios cerimoniais decorados com tachas de metal e os tapa-olhos com duas caveiras de prata e longos penachos, começaram a bater as patas ao burburinho das pessoas, e o condutor teve bastante dificuldade em contê-los, puxando as rédeas e o freio de mão.

As mulheres choravam, outras rezavam, as crianças gritavam ou trocavam tapas de desaforo. A mãe da jovem morta estava à beira de um colapso.

Saro acompanhou o caixão até o carro, depois saltou para a boleia ao lado do cocheiro.

Os seis rapazes colocaram o caixão na plataforma do carro com extrema delicadeza, como uma última atenção terrena à jovem que se fora para sempre. Depois depuseram sobre a tampa as coroas e os ramalhetes de flores que os parentes haviam trazido como piedoso adeus. O pai da falecida tinha os olhos vermelhos, mas reprimia as lágrimas. A mãe, apoiada em dois irmãos mais velhos, desesperava-se e amaldiçoava o destino.

Enzo Carruba apareceu à porta da funerária, ainda esfregando as mãos, satisfeito com o andamento das coisas, apesar do imprevisto. Em poucos segundos o cortejo seguiria para o cemitério.

Mas, de súbito, pancadas violentas assustaram as pessoas mais próximas do féretro. As pancadas eram surdas e o caixão vibrava a cada batida. As coroas e alguns ramalhetes começaram a escorregar da tampa do ataúde. Ouviram-se gritos abafados. Pareciam vir de dentro do caixão. Depois de muitos golpes, um silêncio profundo desceu sobre a multidão dos presentes. Todos prenderam a respiração e aguçaram os ouvidos, mesmo os que estavam mais distantes do coche fúnebre. Duas novas pancadas violentas fizeram o caixão cair.

Um grito se elevou ao céu:

— Virgem do Carmineee!

Era a mãe da falecida que lançava aquele brado cheio de esperança e

devoção.

— Fizeste um milagreeeeeee! — continuou a gritar melodicamente, desvencilhando-se de seus arrimos, e agitou os braços para o céu, como que falando diretamente com a Virgem, que, segundo a mulher, devia estar pairando logo acima dela. Enquanto as pessoas começavam a murmurar e avançar até o coche, alguns repetindo "É um milagre", e outros mais céticos abanavam a cabeça, dois homens se aproximaram do caixão, como que para escutar melhor as batidas vindas de seu interior. Um deles gritou:

— Está viva! Viva!

Foi como um sinal, e outros gritos se levantaram entre as pessoas:

— A Virgem fez o milagre!

— Rápido, abram o caixão!

— Desçam o caixão!

Um dos parentes olhou em torno, como se procurasse algo para soltar a tampa. A alguns metros de distância, viu operários arrumando o calçamento com losangos de pedra. Correu até lá e arrancou da mão de um deles um longo ferro que servia para tirar as pedras da calçada. Começaram a vergar a madeira a fim de enfiar melhor o ferro na fenda e, quando conseguiram que penetrasse uns dez centímetros, empregaram todas as forças fazendo alavanca. Os parafusos que prendiam a madeira se soltaram e a tampa, como que erguida por uma força sobre-humana, saltou para fora do carro. Todos viram claramente quando a noiva se levantou dentro do caixão. Então houve um grito em uníssono, mesclado de alegria, lágrimas, incredulidade, medo. Alguns aplaudiram. Muitos gritavam "Milagre! Milagre!". Outros se ajoelharam com a cabeça entre as mãos e começaram a rezar. As crianças gritavam com uma alegria inconsciente.

Enzo Carruba nunca tinha visto nada parecido em toda sua longa carreira de coveiro. Fez o sinal da cruz, enquanto por trás chegavam os dois matadores irlandeses, furiosos e desiludidos por ter perdido a presa.

Carmelo Vanni, vestido de noiva, sem o vistoso bigode que Saro lhe raspara depressa e com a boca pintada de vermelho, respirou a plenos pulmões. Por causa do pânico desencadeado pela claustrofobia, tinha ficado sem fôlego. Mas não havia tempo a perder.

Os capangas de Stoker afastaram Enzo Carruba, que estava na frente da porta:

— Quem está gritando? — perguntou o sardento, seguido pelo colega.

Não muito longe, viram o que supostamente seria um cadáver, vestido de

noiva, em pé no meio do caixão, e toda a multidão gritando, trocando abraços, rezando. Precisaram de alguns segundos para entender a encenação.

Mas aqueles poucos segundos foram suficientes para que Saro gritasse a Carmelo Vanni para pular na boleia. Depois ele empurrou o cocheiro para fora do carro e, com um chute, soltou o freio. Agarrou as rédeas e chicoteou os cavalos, que não esperavam outra coisa para começar a andar. Os dois garanhões deram um salto e o coche pesado se moveu, em meio ao pânico dos presentes, que não entenderam por que a jovem noiva estava subindo para o banco do cocheiro. Houve um instante de grande confusão.

Às costas, Saro ouviu alguns tiros de revólver. Virou-se e viu os dois matadores abrindo caminho entre a multidão para alcançar o carro fúnebre. Ao lado de Saro estava Carmelo Vanni, ainda grotescamente vestido de branco. Então ele largou as rédeas e, numa acrobacia, debruçou-se para fora da boleia, abaixando-se até as argolas onde estavam enganchados os arreios dos dois cavalos negros. Tirou a navalha do bolso e, com um golpe seco, cortou os nós. Depois saltou para a garupa de um dos cavalos, segurando o outro pelas rédeas para que não escapasse. Os dois animais estavam assustados com os tiros e a enorme balbúrdia. Saro fez sinal para Carmelo pular. Ele se armou de coragem e se atirou sobre o outro cavalo.

Atrás deles o tumulto parecia um fim de mundo. Incrédulos, parentes e amigos viram aquela que ainda pensavam ser a ex-falecida saltar agilmente na garupa do cavalo. Então todos começaram a correr atrás do carro fúnebre, gritando para pararem. Na multidão estavam também os dois capangas, que, de pistola na mão, abriam caminho sem economizar empurrões e rasteiras nos coitados que estavam no caminho deles. A mãe da morta desmaiou.

Enquanto isso, os dois animais haviam se soltado do timão. O coche, que tinha embalado na descida, deu um tranco ao perder a estabilidade do timão. As duas rodas da frente se abriram de repente, o veículo tombou com grande estrépito e se quebrou na estrada, desfazendo-se em mil pedaços de madeira e gesso.

Os dois matadores foram atingidos e caíram no chão. “Sardas” xingou e, do chão, apontou o revólver para o fugitivo vestido de noiva. Deu uns dois tiros, porém o alvo já estava longe demais.

As mãos de Enzo Carruba, em desespero, buscaram os poucos cabelos que lhe restavam na cabeça reluzente de suor.

— Estou arruinado — murmurou abatendo-se na soleira de sua bela agência funerária.

À distância, Saro e Carmelo Vanni galopavam na direção de Columbus Park. Ao se aproximarem do parque, os dois se separaram, tomando rumos diferentes.

# 29. O La Tonnara

Ferdinando Licata tinha viajado na primeira classe e assim, ao chegar ao porto de Nova York, descera com os demais passageiros de primeira e segunda classe, sem precisar enfrentar os trâmites de entrada dos fiscais de Ellis Island. No cais esperava-o a sobrinha Elisabetta, que todos ali chamavam de Betty. Era filha de sua irmã Lavinia, e tinha ido ao cais com sua filha de sete anos, Ginevra.

Licata a reconheceu imediatamente na multidão. Diferentemente da irmã do príncipe, ela estava um pouco acima do peso, mas possuía o mesmo rosto maravilhoso: ao mesmo tempo aristocrático e decidido.

O príncipe Ferdinando Licata não era homem de se comover facilmente, embora o avançar dos anos tivesse modificado um pouco seu caráter. Ao ver a querida Elisabetta, não conseguiu desfazer o nó que sentia na garganta. Deu-lhe um longo abraço, murmurando:

— Elisabetta... Elisabetta...

A jovem fechou os olhos ao ser abraçada, como que lembrando as sensações e os perfumes da sua terra distante. Soltou-se do tio e, sorrindo para disfarçar a emoção, apresentou-lhe a menina que trazia pela mão.

— Tio, esta é Ginevra.

A menina estava distraída com a confusão que reinava no cais do porto, curiosa com o grande navio atrás daquele senhor alto e de cabelos grisalhos. Ferdinando se inclinou até ela. Fitou a menina e depois apertou-a junto ao peito, deixando seus bracinhos colados ao corpo. Elisabetta olhou a cena com ar nostálgico e, num segundo, lhe passaram pela mente todas as ocasiões perdidas, distante do calor de uma verdadeira família.

Ferdinando soltou a pequena e, endireitando-se, não conseguiu evitar mais um beijo na sobrinha.

— Este foi sua mãe quem mandou.

Não havia nenhuma intenção de censura, mas Elisabetta baixou a cabeça para conter as lágrimas.

— Ela mandou dizer que reza por você... por vocês... todos os dias.

— Preciso escrever para ela. Mas aqui há tantas coisas a fazer. Não tenho um minuto de folga — tentou se justificar.

— Não precisa me dizer nada, Elisabetta.

— Mamãezinha se chama Betty — interveio a pequena.

— Ah, é assim que ela se chama?

— É, Betty. Só eu chamo de mamãezinha.

— Está bem, então é Betty... Mas o nome verdadeiro dela é Elisabetta — reforçou Ferdinando de brincadeira.

— Não, Betty!

— Está bem, Betty... mas é Elisabetta.

O príncipe riu, imitando a sobrinha, enquanto Ginevra, contrariada, cruzava os braços e repetia obstinadamente:

— Betty!

Era como se Ferdinando Licata tivesse tido dez filhos. Sabia se comunicar perfeitamente com as crianças.

— É igualzinha à avó. Parece Lavinia naquele quadro do salão. Tinha a mesma idade dela — comentou, observando melhor a pequenina.

— É, eu sei, tem a mesma testa e os mesmos olhos de mamãe.

— E o resto da família? — perguntou Ferdinando, para mudar de assunto. Betty pegou o tio pelo braço e os dois se encaminharam para a saída.

— Nico ficou no restaurante. Sabe, ainda não podemos nos permitir um cozinheiro e ele não pode sair do fogão.

Betty e Nico tinham chegado a Nova York em 1926 e durante cinco anos haviam trabalhado mais de catorze horas por dia, juntando cada centavo para realizar um velho sonho: abrir um restaurante italiano. No início, tinham se alojado num vão de escadaria da Crosby Street, nos limites entre o bairro italiano e o Soho. Depois encontraram uma oportunidade mais ao norte, no East Village. No começo do século, aquela região era habitada pela alta burguesia de Nova York, mas, por causa da proximidade dos bairros mais populares de Little Italy e Chinatown, aos poucos as famílias ricas foram preferindo se mudar para o centro e as casas tinham sido ocupadas por imigrantes irlandeses, alemães, poloneses, judeus, ucranianos e porto-

riquenhos. A elevada densidade de etnias transformara o bairro numa das zonas mais explosivas e difíceis de controlar pelas forças da ordem. E era exatamente por isso que se encontravam imóveis comerciais a preços muito baixos. Betty e Nico, morando no bairro, podiam procurar com paciência o ponto certo, e que também fosse um bom investimento para suas economias. Finalmente a oportunidade surgiu em 1931. O imóvel ficava na zona sul da rua 6 Leste e, junto com o restaurante, compraram também um ótimo apartamento no primeiro andar do mesmo prédio. Deram ao restaurante o nome de La Tonnara e por fim decidiram ter um filho. Ginevra, com efeito, nasceu em março do ano seguinte.

Não que com a abertura do La Tonnara os sacrifícios tivessem chegado ao fim. Pelo contrário, as dívidas nunca acabavam, e Betty, até o nascimento da menina, continuou trabalhando de manhã como cabeleireira no estabelecimento de um polonês e à noite servindo os pratos preparados pelo marido aos clientes do restaurante.

Quando Ginevra nasceu, uma vizinha idosa cuidava da criança no período em que Betty e o marido estavam ocupados no restaurante.

O início dos anos 1930 foi dramático não só para eles, mas para todo o povo americano. A Grande Depressão não poupou ninguém. O restaurante custava a decolar. Foi apenas seu enorme orgulho que impediu Betty de voltar para Salemi, para junto da mãe.

La Tonnara tinha sido decorado com objetos que lembravam a Sicília. Uma grande rede de pesca cobria completamente o forro. Nas paredes havia armadilhas para lagostas e arpões para a pesca de altura. Nas laterais da entrada, duas grandes cabeças embalsamadas de peixe-espada causavam enorme impressão em quem nunca tinha visto algo parecido. As paredes haviam sido pintadas com cenas imaginárias de pesca. Mas num canto, ao lado da entrada da cozinha, Ferdinando Licata reconheceu a paisagem e o vilarejo de Salemi encastelado na colina. Surpreso, apontou-os para Betty.

— Foi um homem que veio de Salemi, Salvatore Turrisi, quem pintou — informou Betty. — Nós lhe demos comida durante um mês. Depois, assim como chegou, ele desapareceu.

Ferdinando observou melhor o quadro.

— Salvatore Turrisi... era um capataz... Eu não sabia que ele pintava tão bem nem que tinha vindo para a América.

— Há muita coisa que vocês não sabem... — Betty ia acrescentar "sobre seu povo", mas se interrompeu para não começar uma conversa que não sabia

aonde poderia levar.

— Você tem razão. Nós nos obstinamos em procurar valores nos outros, sem perceber que talvez tenhamos muitas outras virtudes, igualmente importantes.

— É o defeito de grande parte da humanidade — comentou a sobrinha.

— Você sabia que esse Salvatore Turrisi é procurado por homicídio na nossa terra?

Mas nesse momento Nico entrou, voltando do mercado com os braços cheios de sacolas. Ginevra correu ao encontro dele.

— Papai, olhe quem chegou da Sicília.

Nico pôs as sacolas na mesa e se aproximou do príncipe com os braços abertos.

— Príncipe Licata... bem-vindo à América e à nossa humilde casa.

Ferdinando o abraçou, mas certamente não com o mesmo calor com que havia abraçado a sobrinha.

— Nico, aqui você me chame de Ferdinando, ou no máximo de tio, senão os moleques vão zombar de mim.

Desataram a rir e se abraçaram novamente.

— Vocês fizeram um trabalho maravilhoso, parabéns. Estou orgulhoso de vocês — disse, indicando o restaurante. — Mas a verdadeira obra-prima é esta pirralhinha.

Abriu os braços e Ginevra correu a se aninhar dentro deles. Depois se soltou do abraço e correu para um canto da sala:

— Papai, olhe o que o tio Ferdinando me trouxe.

Voltou com a réplica de um carrinho siciliano, mostrando-o ao pai como um troféu.

— E depois... mais uma surpresa.

Deixou o carrinho nas mãos do pai e desapareceu atrás da porta da cozinha, voltando em seguida com um grande boneco siciliano, quase de seu tamanho.

— É o Orlando! Para você e para a mamãe.

Ela o estendeu a Nico, que devolveu o carrinho e levantou o boneco.

— Mamãe, como é pesado! Vamos colocá-lo aqui, na Tonnara.

Sorriam, como uma família feliz com as escolhas feitas até o momento. Não tinha sido fácil, mas a longo prazo os sacrifícios e o trabalho honesto oferecem satisfações duradouras, e Betty e Nico, depois de anos de muito esforço, começavam a colher os primeiros frutos de sua vinha.

Saro continuara cavalgando o cavalo preto, sem se virar para trás. Deixando Chinatown, tinha entrado no Columbus Park, que durante uma época era considerado uma das zonas mais mal-afamadas da cidade, conhecida como Mulberry Bend. Depois, as autoridades decidiram derrubar os casebres e transformaram aquele submundo num parque, o único daquele bairro densamente povoado. Chegando ao centro do bosquezinho, Saro diminuiu a corrida do garanhão. Olhou para trás e, por sorte, não viu ninguém em seu encalço. Apeou e tentou espantar o cavalo, que, porém, parou alguns metros adiante e começou a pastar.

O problema, agora, era achar um local para dormir. Não podia mais voltar à funerária.

Saro decidiu sair do parque e se afastar o mais possível daquela área. Devia se misturar à multidão, desaparecer de vista... e naquela imensa cidade era a coisa mais fácil de se fazer. Começou a procurar lojas com placa de barbearia; se tivesse sorte, poderia encontrar serviço. Ou podia voltar ao porto. Lá sempre estava Vincenzo Ciancianna, que o enviaria a qualquer outro lugar.

Estava percorrendo a Bowery Street, a longa avenida que chegava até a costa oriental, e começando a sentir no estômago sinais claros de que era hora de engolir alguma coisa. Havia um carrinho de cachorro-quente parado bem na esquina com a East Broadway, espalhando pelo ar um vago cheiro de borracha queimada. Ele se aproximou e viu que o homem preparava uns sanduíches compridos, colocando dentro umas estranhas salsichas pálidas, que nunca tinha visto na vida. Além do cheiro, o aspecto era convidativo, e as salsichas pareciam suculentas com aquele curioso creme amarelado espalhado em cima.

— São gostosas? — perguntou um pouco ingenuamente.

— Claro. É cachorro-quente — respondeu o alemão.

— Não tenho dinheiro.

— Então vá embora, você me espanta a clientela.

— Posso lhe fazer a barba e o bigode — disse, tirando a navalha tão depressa que assustou o alemão.

O homem tocou sua barba áspera... "E por que não?", pensou... Era uma hora sossegada, sem grande movimento, e ele aceitou...

Quinze minutos depois, o alemão parecia pronto para encontrar a namorada, e Saro pôde experimentar o sanduíche. Sentou à sombra de um portão e comeu como se fosse uma refeição completa. Conseguiu relaxar, com o estômago que agora tinha parado de reclamar... Depois das emoções daquela manhã, finalmente um pouco de paz...

Reabriu os olhos, certo de que ele havia passado apenas alguns segundos rememorando a imagem de Mena... mas a luz mudara por completo, o vendedor de sanduíches não estava mais no ponto, e Saro fora despertado bruscamente pelo som de uma banda composta de um tambor e um trompete. Os músicos vestiam um uniforme azul e, quando terminaram de tocar, uma mulher, o terceiro elemento do grupo, começou a gritar alguma coisa num megafone.

Saro apurou os ouvidos.

— Enquanto as crianças tiverem fome, lutaremos por elas. Enquanto seres humanos forem para as prisões, lutaremos por eles. Enquanto houver vítimas da dependência, lutaremos por elas. Enquanto houver pessoas precisando vender seu corpo, lutaremos por elas. Enquanto houver pessoas privadas da luz do Senhor, lutaremos por elas.

A cada frase, o músico do tambor batia no instrumento com tanta força que as pedras saltavam. Tão logo os instrumentistas surgiram na rua, formaram-se alguns grupinhos de crianças na frente deles, abanando as mãos e fingindo reger uma orquestra de cem componentes.

— Aproximem-se — continuou a mulher ao megafone, uma matrona gorda com dois seios enormes que ondulavam a cada passo dela. — As portas do Senhor estão sempre abertas. Uma palavra de conforto pode salvar sua vida. Você, moça — e se dirigiu a uma garota que estava esperando clientes ao lado de um portão —, abandone sua vida de lascívia. Retome o caminho reto. Pense na sua mãe.

— E você na sua irmã! É graças à minha mãe que eu conheço todos os truques da profissão! — A moça riu desbragadamente e se recolheu à sombra do portão, para não ser mais incomodada.

A matrona não se deu por vencida e procurou outro transeunte. Seu olhar recaiu justamente em Saro, que estava deitado sob o portão ao lado da prostituta.

— E você, irmão — ela se aproximou de Saro —, não dê ouvidos a essa sereia chamada garrafa. Olhe a que estado o vício pode reduzi-lo. Olhem, olhem todos — disse, dirigindo-se à plateia de crianças e a alguns adultos curiosos. — Crianças, não façam como esse pobre rapaz. É assim que vocês podem ficar se começarem a beber: um bêbado que não consegue sequer encontrar o caminho de casa.

Saro se levantou do chão.

— Na verdade eu estava só descansando... Não sou um bêbado.

— Todos dizem isso. Você é italiano, não é?

— Sou, sim.

— Pois então, todos sabem que os italianos gostam de beber vinho até cair.

— Mas eu não bebi, será que a senhora não entende isso? — Saro tinha levantado a voz em tom ameaçador.

Um policial se aproximava do grupo que se formara.

— O que está acontecendo aqui? É você que está ameaçando? — perguntou, ríspido, a Saro.

A mulher interveio, colocando-se entre Saro e o policial.

— Senhor policial, está tudo bem. Ele é um dos nossos. Está tudo bem mesmo. Pouco convencido, o guarda cumprimentou a tenente do Exército da Salvação levantando o cassetete à altura do quepe e se afastou.

— Irmão, venha conosco para o Posto Avançado, torne-se soldado, junte-se ao Exército da Salvação para a alegria do Senhor.

A mulher se exaltava. Saro olhou para o homem do tambor. Ele, magro como um palito, levantou os ombros e sussurrou baixinho, para que a mulher não escutasse:

— Não custa nada, e além do mais come-se duas vezes por dia.

Aquelas palavras foram mágicas para Saro. Tinha encontrado um refúgio e uma maneira de não passar fome. Estava certo quem dizia que a América era uma grande nação.

Levaram Saro ao Posto Avançado da Madison Street, que ficava ali perto. Era um espaço amplo no subsolo, que talvez tivesse sido uma loja de vinhos e licores, porque as paredes pareciam impregnadas do cheiro típico das tabernas. Foi recebido por uma senhora, de saia azul e camisa branca, com ombreiras militares vermelhas onde havia uma estrelinha pregada. Devia ter uns cinquenta anos, mas ainda não tinha rugas no canto dos olhos. De fato, aparentava menos. Os cabelos loiros e compridos estavam presos numa trança que se espiralava na nuca, e com esse penteado ela parecia a vovó dos biscoitos de aveia. O rosto, porém, ainda era bonito e os olhos azuis lhe davam uma expressão bondosa que contrastava com seus modos militares e pletóricos. Abriu um sorriso largo e afetado:

— Venha, entre, irmão. Bem-vindo ao nosso Posto Avançado. Aqui combatemos por todos os nossos irmãos desventurados como você.

Ela o levou até um bufê num canto da sala, onde havia sanduíches,

garrafas de laranjada e Coca-Cola.

— Sirva-se à vontade. Com a barriga cheia reza-se melhor.

Deixou-o e foi até outro grupinho sem uniforme. Logo a seguir, aproximaram-se da mesa os dois instrumentistas que ele tinha visto na rua. O do tambor, estendendo a mão para pegar um sanduíche, viu Saro afoito com o segundo sanduíche.

— Não precisa se empanturrar — disse a ele —, a comida nunca acaba. Como eu falei, é uma verdadeira fartura.

— Há quanto tempo você está com eles? — perguntou Saro com a boca tão cheia que mal conseguia respirar.

— Um mês, e lhe garanto que não vou embora fácil. Agora sou um soldado — respondeu com certo orgulho.

— Mas você fica o dia inteiro por aí tocando tambor?

— Claro.

— Para mim não serve.

A mulher que o acolhera voltou.

— Irmão, como você se chama?

— Saro. Saro Ragusa.

— Eu sou a capitã Virginia. Venha, vamos ao Banco das Graças prestar honras ao Senhor.

Sem esperá-lo, foi para o centro do salão, onde havia uma espécie de plataforma, e se ajoelhou. Alguns a imitaram e Saro, depois de devorar o sanduíche, sentiu-se na obrigação de acompanhá-la, mesmo não gostando de toda aquela história. Ele se ajoelhou e Virginia começou a entoar um hino. Pouco depois, todos os presentes se uniram ao salmo, e até na rua podia-se ouvir o coro.

*Enquanto existirem mulheres que choram, lutarei.*
*Enquanto existirem crianças com fome e frio, lutarei.*
*Enquanto existir um embriagado, lutarei...*

Quando terminaram, Virginia perguntou a ele:

— Saro, você quer se tornar um soldado de Cristo?

A pergunta o apanhou de surpresa.

— Mas...

— Ó, Senhor... — a mulher ergueu os braços para o céu, prontamente imitada por todos os presentes, inclusive Saro —, rendemos graças à Vossa

benevolência, porque quisestes guiar essa ovelhinha perdida para o caminho da luz.

Então se levantou e se dirigiu a Saro, dizendo:

— E agora venha assinar os artigos de guerra.

Ele se deixou guiar feito um autômato. Naquele momento, se lhe dissessem para se jogar no fogo, ele se jogaria. Com a assinatura no pé da página onde estavam reproduzidos os doze pontos do credo dos membros do Exército da Salvação, as formalidades tinham se encerrado. Agora Saro era um soldado do glorioso Exército. Os presentes aplaudiram e entoaram o Aleluia, mas dessa vez os trompetes e tambores tocaram em uníssono, fazendo estremecer os vidros do edifício. No final, todos rodearam Saro, cumprimentando-o pela decisão, e havia quem o beijasse e lhe apertasse vigorosamente as mãos. Depois Virginia pediu a atenção de todos. Subiu no Banco das Graças para que a vissem e ouvissem melhor.

— Senhores... senhores, por favor... — Bateu palmas para chamar os soldados à ordem.

— Depois de terem se refocilado — e usou essa palavra para impressionar o auditório —, voltemos a nossos alegres campos de batalha. E, peço, capturem algum outro troféu — disse olhando para Saro, com a satisfação de um caçador que acabou de pendurar a cabeça do alce em cima da lareira.

Os grupinhos se reconstituíram, tambor, trompete e megafone, e retomaram a obra de conversão espalhando-se pelas ruas da metrópole.

Saro estava se aproximando de um grupo para sair de mansinho, mas Virginia o segurou pelo pulso e o levou até uma porta.

— Espere, Saro. Não terminamos com você...

Frequentemente Virginia usava o nós majestático. Ela o conduziu a um pequeno vestiário, onde havia um sofazinho e um cabideiro com uma grande quantidade de uniformes pendurados. Calças, camisas e saias, tudo rigorosamente azul, exceto, claro, as camisas, brancas como neve.

Fechando a porta atrás de si, Virginia disse:

— Tire a roupa — e começou a procurar entre os uniformes algum do tamanho dele.

Saro se surpreendeu com a ordem e achou que tivesse entendido mal. Virginia se virou com uma calça azul na mão e uma camisa do tamanho dele.

— Então? Vocês são todos iguais. Quanta timidez, hein?

Dizendo isso, pôs as roupas no sofazinho, aproximou-se dele e começou a desabotoar sua braguilha. Ela se sentou no sofá, enquanto Saro permanecia de

pé à sua frente como um menino diante da mãe. Virginia tirou suas calças com grande naturalidade, depois pôs as mãos em seus quadris, demorando-se longamente neles. Seus dedos tateavam os músculos da parte de trás da cintura, depois ela acariciou os abdominais e suas mãos escorregaram para trás, nas nádegas, como que avaliando sua beleza. Massageou os músculos glúteos suspirando e fechando os olhos de prazer.

Saro estava embaraçado. O rosto daquela mulher lhe lembrava o de sua mãe, e essa imagem não era a mais própria para tais circunstâncias. Mas sentiu o hálito de Virginia em seu ventre. Então preferiu fechar os olhos e seus pensamentos foram involuntariamente para Mena. Porém, o olhar inocente da jovem era inconveniente para aquele momento e ele se sentiu culpado. Então veio-lhe em socorro Martha Eggerth, a atriz de *Casta diva*, o último filme que vira em Salemi. Naquele instante, sentiu uma espécie de corrente elétrica em suas partes baixas até o estômago. A capitã Virginia passou a língua em seu membro ainda inexpressivo, depois colocou-o inteiro na boca e começou a chupá-lo até senti-lo engrossar e intumescer, palpitante como um obelisco de carne...

Quando saiu do vestiário alguns minutos depois, Saro vestia o uniforme do Exército da Salvação: camisa branca com ombreiras vermelhas, mas sem estrelinhas, e calça azul.

Uma moça de cabelos vermelhos como fogo, que acabava de voltar de uma expedição "de guerra", comia um sanduíche quando viu Saro sair do quarto. Ao lado dela estava o trompetista de seu grupo. Ela lhe deu uma cotovelada e cochichou com a boca cheia:

— Olha aí mais um que teve um bom boquete da capitã.

Riram ao ver Virginia atrás de Saro. A mulher se dirigiu com toda a naturalidade para o órgão num dos cantos da sala. Sentou-se e começou a tocar uma melodia de grande força emocional. Os novos aspirantes a soldados foram conduzidos ao centro da sala, onde estava o Banco das Graças, para a cerimônia de iniciação.

Enquanto isso, um dos organizadores dos grupos que deviam sair em missão aproximou-se de Saro. Tinha uma prancheta com várias folhas cheias de nomes.

— Você é o soldado... — e fez uma pausa para que Saro desse seu nome.

— Saro Ragusa — respondeu ele um pouco entediado com todas aquelas regras.

O tenente verificou as anotações e não encontrou o nome.

— Você é um soldado novo, não é? — Escreveu numa folha o nome dele, a data de nascimento e a experiência profissional.

Abaixando a prancheta, perguntou:

— Você sabe cantar? Ou é desafinado?

— Claro que sei cantar. Os italianos cantam e bebem vinho, todo mundo sabe disso — respondeu Saro com um sorriso provocador e olhando ao redor em busca de confirmação.

— Está bem, está bem, não precisa se ofender. Esta é a sua primeira saída, se não me engano...

Estudou a lista à procura da equipe adequada para incorporar o novato.

— Ei, chefe... isto é, quero dizer, tenente...

Uma voz feminina falou a suas costas. O tenente se virou e viu se aproximar a moça de cabelos cor de fogo.

— O Dixie e eu estamos prontos para sair outra vez. Ele poderia vir conosco — disse, indicando Saro, que ainda estava atordoado com os acontecimentos que haviam se abatido sobre ele naquele dia.

Saro agora podia vê-la mais de perto. Era muito alta, embora estivesse de sapatos sem salto. A blusa justa punha em relevo um corpo perfeito. A cintura fina e os quadris e ombros largos davam-lhe um porte atlético. Os seios eram pequenos, e esse detalhe lhe conferia uma aura de elegância e distinção, rara de encontrar naquele submundo.

— Você é a Isabel — disse o tenente voltando a consultar a lista. — Está com a Petrova e o Dixie, não é?

Isabel confirmou, continuando a mastigar o sanduíche. Lançou um olhar indiferente a Saro, que estava deslumbrado com seus olhos azuis como o mar. Dixie e Petrova também se aproximaram. Saro fitou o rapaz. O bigodinho maroto o tornava simpático ao primeiro olhar. Ele também estava de uniforme, mas, diferentemente dos outros, usava um boné xadrez azul de enviesado, parecendo um francês do porto de Marselha...

"Onde foi que vi esse rosto?", pensou Saro. Dixie tinha uma fisionomia familiar... Naquele instante, o "bigodinho" observou melhor a fisionomia de Saro. Interrompendo a mordida que o levaria ao bocado final do sanduíche, ele se desmanchou num sorriso.

— Ei! Mas olha só quem está aqui! Os amantes das suas namoradas continuam te perseguindo?

Finalmente Saro o reconheceu:

— Foi você que me salvou daquela facada!

— Aquele lá parecia um javali furioso te perseguindo...

Os dois se abraçaram instintivamente, como velhos amigos que tivessem voltado para casa depois de mil batalhas.

— Não pude te agradecer. — Saro o abraçava e lhe dava tapinhas nos ombros.

— Não há o que agradecer, por sorte depois *u patri* chegou.

— Depois que vocês acabarem de se esfregar como duas gatas no cio, a gente pode sair — interrompeu a ruiva.

Dixie se soltou do abraço e apresentou:

— A propósito, essa é a tenente Petrova. — Indicou a russa, uma mulher de quarenta anos nem gorda nem magra, mas bem fornida. — Essa é Isabel.

Isabel era um concentrado explosivo da Irlanda. Lançou-lhe apenas um olhar desdenhoso. O rapaz de boné continuou:

— E eu sou Dixie.

— Dixie... me diga seu nome verdadeiro.

— Em Nápoles me chamavam de Mimmo. Mas meu nome é Domenico. Aqui todos me chamam de Dixie. Como você vê, tenho um nome internacional —, disse, abrindo um largo sorriso.

— Está bem, certo — concluiu o tenente, anotando o nome de Saro no final do trio. — Saro, você está na patrulha de Petrova.

As almas a salvar eram prostitutas, viciados, alcoólatras, ladrões e delinquentes comuns, que deviam ser procurados em seus respectivos bairros; por isso a Broome Street, no coração do Soho, era uma das ruas mais percorridas por aquele Exército. Petrova usava o megafone, enquanto Dixie tocava o trompete e Isabel o tambor. Saro ficou encarregado de recolher as doações com uma latinha de alumínio. Como sempre, havia um séquito de crianças que os imitavam, isto é, fingiam tocar o trompete colocando um polegar na boca ou declamavam como a grande senhora russa de cabelos presos em várias trancinhas. Isabel desferia pontapés em quem se aproximava querendo encostar em suas nádegas, atingindo os rapazotes atrás de si, para o grande divertimento deles, misturado com desejo. De vez em quando, alguns senhores de idade punham alguns centavos na latinha, alguns bêbados ficavam ouvindo a pregação de Petrova, mas depois, quando entendiam que o teor do discurso era que deviam parar de beber, praguejavam e se afastavam depressa. O mesmo faziam os viciados, enquanto as prostitutas, como não podiam

abandonar o ponto, caçoavam dela. Às vezes, as que não estavam dispostas a brincar lhe mostravam a bunda.

Todas as manhãs, em alguns bairros, havia pelo menos dois mortos. Eram os que não haviam conseguido resistir a uma overdose ou tinham sido devorados pela cirrose.

Saro, vencendo sua inerente timidez, se aproximava das pessoas que pensava poderem lhe dar alguma moedinha de esmola, mas as negativas eram dez vezes mais frequentes que as doações. Essa lenga-lenga acabava sendo frustrante para os soldados do Exército, por isso a capitã recomendava que as ações em campo não durassem mais do que uma hora.

Os primeiros dias foram os mais difíceis para Saro, mas depois foi como os amigos haviam previsto:

— Logo você se acostuma e daqui a pouco se torna um trabalho como outro qualquer.

O grupo de Petrova continuava a percorrer o Soho e às vezes chegava a Little Italy. Mas Saro, com o pretexto de ser italiano e não querer ser visto pelos amigos, convencia Petrova a permanecer no lado oeste da Broome Street. Na verdade, Saro temia um encontro desagradável com os homens de Stoker.

Mas naquele dia teve um encontro desagradável com outra pessoa. Foi na altura da Sullivan Street, num beco sem saída, local onde ficavam sacos de lixo e papelões velhos. O beco era escuro, mas ele conseguiu distinguir claramente uma jovem, miúda e bonita, bem-proporcionada, sendo empurrada por um porto-riquenho.

Ao entrar no beco e se aproximar dos dois, Saro reconheceu a mulher. Era Titina, a moça que ele conhecera no navio.

— Titina! — chamou ele, enquanto o homem estava com o braço erguido para lhe dar mais uma bofetada.

Ao chamado, o porto-riquenho parou e se virou. Titina viu Saro à distância e não o reconheceu logo, ela também perdida nos vapores do álcool. De qualquer forma, era alguém que a conhecia, então correu ao encontro dele para escapar à fúria do homem.

Saro viu que a moça estava com o rosto inchado e os lábios empastados de sangue.

— Me ajude. Me ajude... — exclamou a pequena Titina chorando, e abraçou Saro com força.

Depois levantou o olhar. O olho semicerrado pelo inchaço. Com o outro tentou identificá-lo.

— Mas quem é você?

— Não está me reconhecendo? Sou Saro. Nós nos conhecemos no navio.

Não haviam se passado muitos meses desde a chegada deles, mas naquele curto prazo Titina tinha visto passar um batalhão inteiro de homens por seu corpo, e com certeza nem todos agradáveis como Saro.

— Ah, Saro... sim... como poderia esquecer... Nunca te esqueci.

Mas foi interrompida pela chegada do brutal porto-riquenho. Ele não devia ter mais de vinte e três anos, porém era robusto como um touro. Ele arrancou Titina dos braços de Saro.

— Amigo, fique longe da minha mulher!

— Tenho a impressão de que já vivi esta cena — disse Saro.

— Que porra você está falando? — gritou o porto-riquenho.

— Sinto muito, Saro. Você é que devia ser o meu homem — lamentou-se Titina num fiapo de voz, pois o homem a tinha agarrado pela garganta.

O restante do grupo alcançou Saro. Petrova interveio com o sermão de sempre, mas dessa vez não funcionou.

— Irmão, acalma tua ira. Não tenhas atitudes que ofendam o Senhor — disse ao porto-riquenho.

Este, como única resposta, sacou um canivete e, num gesto rápido e imperceptível, abriu a lâmina, agitando-a diante dos recém-chegados.

— Fiquem longe de mim...

Empurrou Titina com violência para o fundo do beco. A moça, que mal conseguia ficar de pé, tropeçou e caiu sobre o monte de papelão e palha de embalagem. Saro foi igualmente rápido e pegou sua inseparável navalha. Os dois se fitaram durante alguns segundos, indecisos se iriam lutar.

— Irmãos, não! Assim não! — gritou Petrova.

Dixie interveio, pegando Saro por um braço.

— Deixa, essas pessoas não ouvem a voz da razão.

— Eu conheço ele, é da gangue de Stoker — acrescentou Isabel. — Não é gente normal. Vamos, Saro, vamos! — repetiu, peremptória.

Saro saiu da posição de guarda, e o outro também.

Petrova, Isabel e Dixie voltaram-se ao bêbado estendido no chão, enquanto Saro observava Titina se levantando do monte de papelão com a ajuda do porto-riquenho. Quando ficou novamente de pé, o homem, para despejar sua raiva reprimida, deu-lhe um soco impiedoso no estômago, fazendo-a dobrar sobre si

mesma. Titina cuspiu sangue e começou a choramingar, implorando que ele não a machucasse mais e prometendo que pararia de beber.

Saro, indignado, mordeu os lábios. Naquele curto período tinha visto o pior lado da humanidade. Entendera que a violência era a única arma para se sobreviver naquele inferno de cidade. Teria de renegar tudo o que o pai lhe ensinara: a honestidade, a integridade, a ética... todas elas bobagens que ali em Nova York não levariam a lugar nenhum. Outros valores tinham prioridade. Saro havia entendido claramente quais eram eles e, vendo aquela pobre mulher torturada por sua ingenuidade, jurou a si mesmo que se transformaria num verdadeiro cidadão americano, digno da nova pátria.

# 30. "*Vagnari u pizzo*"

A vida de Ferdinando Licata tomara um rumo inesperado. The Father, como agora o chamavam no bairro, saboreava sensações e emoções que jamais conhecera. Não conhecia o sentido de uma "verdadeira família". O afeto da sobrinha, a vida tranquila e ativa de Betty e do marido, o amor sincero de ambos, fortalecido pelas dificuldades que tiveram de enfrentar numa terra desconhecida, estavam mudando sua opinião sobre a família e o sentido da vida.

As dificuldades que enfrentara nos últimos meses tinham corroído sua vontade férrea. Ele nunca fugira diante de nada e de ninguém. Mas agora estava reavaliando o velho ditado siciliano *calati juncu, ca passa a china*. "Dobra-te, capim, até passar a cheia" não era uma demonstração de fraqueza, mas de força e caráter. A força dos grandes estrategistas era saber administrar a retirada para evitar a derrota; saber esperar o momento certo, mesmo que por muito tempo, era prova de caráter e de grande sabedoria.

A vida de Ferdinando Licata, portanto, sofrera uma grande guinada. Antes jamais teria pensado em ir fazer compras no mercado: isso era serviço de empregados. No entanto, para ajudar a família, de manhã pegava a grande sacola da sobrinha e descia até a rua, misturando-se às mulheres e aos velhos encarregados daquele ritual diário.

Nos primeiros tempos, observou como procediam as *commari* de Little Italy e aprendeu rápido os truques do ofício. Agora sabia regatear, pegava mais uma fruta quando o vendedor já tinha pesado e dado o preço, "Levo este, tem todo o sol da Sicília dentro", sabia de cor os nomes dos comerciantes e vendedores do bairro, e logo todos passaram a conhecê-lo. Levou mais alguns dias para aprender a escolher a melhor fruta: que não fosse verde, mas também não muito madura. Apalpava as laranjas uma por uma, observava o pendão das peras, verificava se as verduras não tinham folhas murchas. Às vezes, se

precisava ir fazer algumas compras e Ginevra não tinha de ir à escola, pegava a menina pela mão e saíam em grande estilo. Orgulhava-se demais da sobrinha-neta, um pouco porque se parecia com ele e podiam tomá-la por sua filha, mas principalmente porque era tão bonita que todas as mulheres do bairro paravam para lhe dar balas e doces.

Como todas as meninas, Ginevra aproveitava a prerrogativa de ser pequena e bonita, e a cada passo pedia ao tio-avô que lhe comprasse um biscoito, um algodão-doce ou um chocolate. Desejos que Ferdinando, depois de uma ríspida negativa inicial, acabava invariavelmente por atender, esperando novas repreensões de Betty, que não queria que a menina fosse muito mimada.

Algum tempo depois, entre tio-avô e sobrinha-neta selou-se um pacto de silêncio, pelo qual Ginevra jamais diria à mãe o que ele comprava para ela.

La Tonnara faturava razoavelmente bem. Betty e Nico tinham aprendido a poupar nos pratos principais, mas ao mesmo tempo cozinhavam à maneira siciliana, usando os mesmos temperos e os mesmos ingredientes utilizados em casa. Os sicilianos que entravam no restaurante saíam com lágrimas nos olhos depois de reconhecer os sabores de sua terra. Assim, o restaurante vinha tendo sucesso, pois todas as noites lotava não só com pessoas do bairro, mas com clientes de outras regiões da cidade.

Mas o olhar atento de Ferdinando Licata notara que ultimamente Betty andava cada vez mais nervosa e explodia por qualquer besteira. Nico dizia que ele tivesse paciência e não se preocupasse. Ferdinando não conseguia entender qual era o problema. Um dia, de manhã cedo, Licata entendeu.

Como já fazia diariamente, foi ao mercado e comprou hortaliças e peixe, de acordo com a lista que Nico lhe preparara na noite anterior. Na volta, entrou na cozinha pela porta dos fundos.

Ouviu vozes exaltadas vindo do salão. Uma delas era de Betty. De vez em quando ouvia-se a de Nico, mas havia uma terceira pessoa, de sotaque estrangeiro, que parecia zangada com os dois.

Ferdinando deixou a sacola na mesa da cozinha e se aproximou da porta do salão para ouvir melhor a conversa.

— Vocês não podem vir aqui nos pedir dinheiro para pagar suas dívidas de jogo, dizia Betty.

Nico tentava acalmá-la segurando-a pelo braço.

— Betty, assim não.

— O dinheiro não é para nós. É o seguro que vocês estipularam para o restaurante.

Ferdinando se esticou devagar, para ver quem estava falando com sua sobrinha. No centro da sala, de pé, viu um sujeito robusto, que parecia um boxeador, com uma camisa preta de gola olímpica, e ao lado dele dois indivíduos pouco recomendáveis com as mãos nos bolsos e ar sinistro. Os dois guarda-costas do cobrador traíam sua origem irlandesa, cabelos ruivos e a pele pontilhada de sardas.

— Sabe onde eu vou enfiar essa sua merda de seguro? — continuava Betty, sacudindo o punho debaixo do nariz do boxeador.

Ferdinando teve vontade de rir. Jamais ouvira Betty dizer uma única palavra vulgar.

Nico interveio.

— Não temos essa quantia. Pelo menos não agora.

Mas Betty o interrompeu.

— Não temos agora nem nunca. Estamos afundados até aqui de dívidas. Aliás...

Foi até a mesinha onde ficava a gaveta do caixa. Abriu e tirou um maço de papéis e contas. Depois voltou até o grandalhão e lhe jogou a papelada na cara.

— Você não quer cuidar destas?

As contas e promissórias voaram pelo ar como alegres andorinhas na primavera. O homem se desviou dos papéis e pegou Betty pelo pulso, que tentou se soltar.

— Puta maldita...

Betty cuspiu na cara dele.

Nico se aproximou para libertar a mulher das mãos do brutamontes. Ele soltou a presa, puxou a toalha quadriculada da mesa mais próxima, provocando um grande estrondo dos pratos e copos que caíram no chão, e enxugou o rosto. Estava realmente furioso.

Nico se afastou, protegendo a mulher.

— Quanto tempo vocês nos dão, para juntar esse valor?

— Mas não está certo! Não está certo! — gritava Betty. — Este mês já pagamos vocês. O senhor Stoker já recebeu nosso dinheiro. Isto é uma extorsão que vocês estão fazendo, para os seus vícios. Stoker sempre agiu bem conosco. Não pode ser ele quem está pedindo mais dinheiro. São vocês, é para vocês, não é verdade?

Nico tapou a boca da mulher.

— Não deem ouvidos a ela. Está fora de si. Estamos com uma filha doente — mentiu — e não temos dinheiro para a cirurgia... É por isso. De qualquer forma, vamos dar os cem dólares para vocês, nem que tenhamos que roubar. Me deem apenas uma semana de prazo.

— Cinco dias. Apenas cinco dias.

Sem esperar a resposta, o boxeador girou nos calcanhares e, ao sair, puxou outra toalha, derrubando no chão os pratos que Betty tinha preparado para o jantar.

Assim que eles saíram, a mulher abraçou o marido, explodindo em lágrimas.

— Jamais conseguiremos nos livrar. É uma maldição...

Enquanto Nico a consolava e lhe infundia coragem, Ferdinando Licata voltou sobre seus passos, pegou a sacola de compras e saiu, para fingir que estava acabando de chegar.

A capitã Virginia decidiu que havia chegado o momento de experimentar os dotes de Saro como pregador.

De um dia para o outro, portanto, Saro, Dixie e Isabel estavam trabalhando juntos pelas ruas do Soho, às vezes chegando até Greenwich Village. Havia tanta harmonia e sintonia entre eles que pareciam três amigos de longa data. Na prática, trabalhavam para o Exército uma meia hora, tentando angariar algumas moedas. O resto do turno passavam no alto dos terraços dos prédios, onde ficavam a maior parte do tempo bebendo cerveja, que compravam graças à caridade das pessoas.

Num terraço da Greene Street, ainda havia tanques de lavanderia funcionando. Uma cortina de lençóis brancos se agitava à brisa do meio-dia. O verão estava se aproximando e já fazia um tremendo calor. Enquanto Dixie e Saro se sentavam no chão, encostando-se numa chaminé, Isabel correu para as gamelas, uma espécie de recipiente de ferro cheio d'água, protegido por um telheiro de tijolos vermelhos.

— Rapazes, vamos tomar banho? — convidou ela, enquanto desabotoava a blusa.

— Você está louca? — disse Saro.

— Ah, vamos!

Dixie se pôs de pé num salto e abriu a garrafa de cerveja. Tomou um gole, depois jogou-a para Saro.

— Estou indo, Isabel!

Saro bebeu e, sem ânimo, foi atrás do amigo.

Isabel tinha deixado suas roupas numa mureta e mergulhara na água até o pescoço.

— Está gelada... Meu Deus, eu vou morrer.

— Garota, Dixie está chegando para aquecê-la.

O rapaz tinha tirado a roupa no caminho e estava só de cuecas. Ele se aproximou da tina onde estava Isabel.

— Dixie, não venha me mostrar o seu pintinho, senão eu começo a gritar. Vá no outro — e indicou com o nariz o tanque ao lado.

Mas Dixie, provocadoramente, começou a abaixar as cuecas imitando a voz e os movimentos das *strippers* da Broadway.

— Você é um porco! — gritou Isabel, rindo.

Então ela prendeu a respiração e desapareceu debaixo d'água. Dixie viu os densos cabelos ruivos boiando na superfície. Acabou de tirar as cuecas e também mergulhou, mas no tanque ao lado.

— Meu Deus, como está gelada! — exclamou Dixie.

Isabel emergiu para retomar o fôlego. Respirou fundo, a plenos pulmões. Saro também se aproximou dos tanques. Não parava de imaginar o corpo perfeito de Isabel e a olhava com desejo.

Ela percebeu seu olhar.

— Saro, não seja vulgar você também, tire a roupa mais para lá.

— Eu não vou tirar a roupa. Mas alguém vai ter de pagar um penhor.

Dizendo isso, pegou as roupas de Isabel em cima da mureta. Depois, brincalhão, aproximou-se do parapeito. Dixie se divertia: já tinha entendido aonde Saro queria chegar.

— Ei, Saro, esse é o meu uniforme — esganiçou a bela Isabel.

— É, eu sei — disse, aproximando o nariz para cheirá-lo. — E cheira a porquinha — acrescentou, rindo.

— Siciliano desgraçado! — gritou Isabel, ficando de pé.

Mas se deu conta de que saíra da água exibindo seus seios jovens. Imediatamente voltou a se afundar até o pescoço.

— Saro, juro que você me paga! Devolva as minhas roupas! — gritou, exibindo toda sua valentia de irlandesa.

Saro tinha estendido as roupas da garota fora da balaustrada.

— Alguém vai ter que pagar um penhor.

— Nem se atreva. Juro que arranco o seu coração, seu siciliano de merda.

— Vamos, Saro, o que você quer em troca? Um beijinho meu? — brincou Dixie se intrometendo no jogo deles.

— Não, dela.

— Só um beijinho? — continuou a provocar Dixie.

— Claro, só um beijinho — arremedou Saro.

Dixie se dirigiu a Isabel.

— Você teve sorte, ele só quer um beijinho... eu não me contentaria com isso.

— Nem morta. É isso! Quando eu morrer, te dou um beijo, está bem?

Com um pulo, Isabel saiu do tanque e correu para um dos lençóis no varal. Puxou-o e se embrulhou nele, depois começou a perseguir Saro, que, afastando-se do parapeito, entrou no labirinto de lençóis pendurados no meio do terraço. Isabel tentava localizá-lo seguindo a sombra projetada pelo sol. Mas não conseguia alcançá-lo, para grande divertimento de Dixie e do próprio Saro. Então Isabel cortou o caminho dele e, num bloqueio perfeito, lançou-se sobre Saro e o imobilizou com os braços e as pernas. Agarrados dessa maneira, os jovens rolaram em cima do monte de panos recém-lavados, numa brincadeira que ia se transformando num jogo erótico.

Mas Dixie interveio e deteve os dois espíritos em ebulição.

— Meninos, vem vindo alguém.

Imediatamente Isabel se soltou do abraço de Saro, que lhe estendeu suas roupas. Antes de se esconder atrás de um lençol para se vestir, espiou a braguilha estufada de Saro.

— O seu amigo acordou... Falam muito bem de vocês sicilianos — comentou ela, sarcástica.

— Para nós é como dinheiro, nunca é suficiente.

— Certamente não como um bom irlandês!

— Topamos qualquer desafio.

— Vamos, vamos. Venham por aqui — chamou Dixie, que tinha encontrado um jeito de sair.

Desceram as escadas externas de ferro, evitando a escadaria do prédio, por onde, pelo que dissera Dixie, alguém vinha subindo, talvez atraído pelas risadas deles e pelos gritos divertidos de Isabel.

Minutos depois, retomavam o serviço como núcleo avançado do Exército da Salvação em Greenwich Village. Isabel deu duas baquetadas na cabeça de Saro, para castigá-lo pela brincadeira, e começou a tocar seu tambor para chamar a atenção dos passantes. Dixie tirou o trompete da caixa, que na

verdade era uma corneta, e começou a improvisar uma de suas músicas com a mesma habilidade de um músico negro. Saro, com a latinha de donativos, pôs-se a circular para as esmolas, mas naquela hora a Greene Street estava quase deserta. Em seguida entrou num bar e ali seu olhar recaiu sobre uma grande carteira transbordando de dólares. Depois viu que o dono era um comerciante de cítricos. Era um homem de modos decididos, que não tinha mais que um metro e meio de altura. O baixinho estava voltando do mercado central, e naquela manhã tivera a sorte de encontrar um carregamento de limões, quando todos os outros concorrentes só tinham basicamente "portugais", como as pessoas chamavam as laranjas no Brooklyn.

Saro entendeu na hora que não deviam perder a oportunidade. Saiu em busca dos amigos e contou sobre a carteira recheada.

— Mas não podemos roubá-lo. Que papelão faríamos! — cortou Isabel.

— Não vamos roubá-lo — propôs enigmaticamente Dixie. — Ele simplesmente vai nos dar.

— Você tem dons de hipnotizador? — troçou Isabel.

— Não, tenho um plano... — acrescentou Dixie ainda mais misteriosamente, e explicou sua ideia.

Pouco depois, Saro voltou ao bar. O comerciante ainda estava sentado no mesmo lugar. Agora, na companhia de uma puta. Ela se agarrava a ele feito uma sanguessuga e lhe mordiscava a orelha com a língua. Saro se aproximou da mesa e distraiu a atenção da moça.

Ela o olhou e, ao ver que era do Exército da Salvação, disse:

— Querido, aqui não há ninguém para ser redimido.

Saro ficou sério. Abaixou-se até o ouvido do comerciante.

— Tenho um negocinho que em sete dias pode dobrar as verdinhas que estão no seu cofre. Interessa?

O homem o olhou com suspeita.

Saro continuou, imperturbável:

— Posso lhe apresentar um amigo capaz de fazer esses milagres. Claro que não é exatamente legal... mas o dinheiro não tem cheiro, não acha?

Ele tinha dito essa última frase com a voz ainda mais baixa. O comerciante se virou para olhá-lo melhor. Não há nada mais tranquilizador do que a ilegalidade para quem quer fazer muito dinheiro, e rápido.

O baixinho dispensou a moça e mandou Saro se sentar no lugar dela. Ainda estava desconfiado.

— Mas você é do Exército da Salvação. Vocês não fazem coisas sujas.

— Isso é você quem diz — respondeu Saro, pensando na capitã Virginia.

Então o comerciante, como que encorajado, perguntou:

— Do que se trata?

Tinha mordido a isca.

As noites no La Tonnara seguiam a rotina habitual. Depois que Betty decidira melhorar um pouco a aparência do restaurante, usando toalhas e guardanapos de tecido, gastando também alguns dólares a mais na decoração das mesas, com velas ou raminhos de flores, houve uma queda na clientela. As pessoas do bairro se sentiam intimidadas pelo restaurante, que parecia ter as pretensões dos lugares do centro. Assim, a frequência havia diminuído, e isso foi fonte de discussões entre o casal. Mas a carranca dos dois nos últimos dias não era por causa das toalhas vermelhas quadriculadas, e sim pelo iminente ultimato dos homens de Stoker. Nico tinha consultado seus amigos e alguns o aconselharam a recorrer aos agiotas calabreses, mas, pelo menos por enquanto, ele não queria entrar na espiral da agiotagem.

Uma manhã, enquanto preparava os legumes para a sopa, ele abriu a gaveta das facas e, sob o compartimento dos talheres, encontrou uma nota de cem dólares dobrada em quatro. Quem a teria posto ali? Naquele instante Betty entrou e, instintivamente, ele guardou a nota no bolso da calça xadrez. Mas, devido ao contato com as pessoas, Betty logo percebia os menores movimentos de quem estava perto.

— O que você escondeu tão depressa? — perguntou ao marido.

Nico sabia que não podia esconder nada e lhe mostrou a nota.

— Foi você que pôs na gaveta dos talheres?

Betty se aproximou e olhou a nota.

— É do tio Ferdinando, aposto. — Pegou a cédula das mãos do marido. — Naquele dia ele deve ter ouvido a nossa discussão com aqueles canalhas.

— Isso acabaria com os nossos problemas — comentou Nico.

— Não se fala nisso. Você não entendeu que não quero pagar a mais?

— Betty, essa é uma gente que não pede a mesma coisa duas vezes.

— Trato é trato. Stoker não tem nada a ver com isso, tenho certeza. Eles tentaram. Com a gente não deu certo, só isso.

Ela foi até o tio. O príncipe passava parte da manhã sentado no salão do restaurante lendo livros ou jornais.

Jogando a nota na mesa, Betty disse:

— É sua, não é?

— Tem meu nome escrito nela? Acho que não. Onde você encontrou? — perguntou mentindo.

— Tio, não brinque comigo. Você ouviu aqueles sujeitos do seguro, não foi?

— É gente que precisa viver, no fundo eles protegem o restaurante dos mal-intencionados, não é verdade?

— Aquilo que eu devia pagar eu já paguei. Não vou tirar nem mais um centavo este mês. Sei como essas coisas terminam. Aqui não é a Sicília.

Deixou a nota em cima da mesa, na frente do tio, e voltou para a cozinha.

Chegou o prazo do ultimato. Naquela noite, Betty e Nico estavam especialmente nervosos, talvez prevendo que aconteceria algo desagradável. Um rapaz, que nunca tinham visto antes, passou na hora do fechamento e perguntou se havia um envelope para a família Stoker. Betty respondeu que não havia nenhum envelope.

Depois, mais nada.

Os dias seguintes foram de grande tensão. Transcorreram também o terceiro e o quarto dia desde o ultimato. Passaram-se outros dias mais, sem nada acontecer... e no fim o episódio foi esquecido. Betty não deixou de dizer a fatídica frase que, mais cedo ou mais tarde, todas as mulheres acabam dizendo a seus maridos:

— Viu como eu tinha razão?

E tudo pareceu ficar por isso mesmo.

Com o passar das semanas, como Betty havia previsto, uma nova clientela começou a afluir, vinda dos bairros vizinhos: Greenwich e Chelsea. Era gente de classe média ou artistas sem dinheiro, mas que criavam um grande folclore e descreviam entusiasmados aos amigos a espetacular sopa de feijão com frutos do mar e o pão crocante de Nico.

Certa noite, os lustres do restaurante se apagaram inesperadamente. Um "Oooh" em uníssono acompanhou a súbita escuridão. As velas das mesas permitiram que os clientes continuassem a refeição.

Mas após alguns minutos ouviu-se um grande estrondo de vidros quebrados e quatro bandidos irromperam no restaurante, virando mesas e tudo o que encontravam no caminho: copos, pratos, garrafas. As pessoas gritavam assustadas. Alguns se esconderam debaixo das mesas, outros ficaram paralisados nas cadeiras, os que se erguiam levavam coronhadas de espingarda.

— Parados! Parados! — gritava um dos bandidos, um sujeito sardento.

Betty, que no momento da invasão entrava no salão com uma jarra de vinho e alguns copos, parou e ficou quieta num canto. Sob a máscara de lenços negros, reconheceu os dois irlandeses que tinham acompanhado o cobrador algumas semanas antes.

O homem que gritara se aproximou do caixa. Abriu a gaveta e apanhou um punhado de dólares, colocando-os no bolso. Passou ao lado de Betty e lançou-lhe um rápido olhar. Então começou a disparar contra todos os objetos de decoração. Depois de dar vazão à sua fúria, gritou novamente para os clientes:

— Ninguém se mexa.

Nesse ínterim, os outros três tinham aproveitado para pegar as carteiras dos clientes e alguns colares das mulheres, mas acabou sendo um butim magro.

Tão logo Ferdinando Licata ouviu quebrarem os vidros do restaurante, entendeu o que estava acontecendo. De pijama, pois já estava na cama fazia algum tempo, desceu até a rua e entrou no restaurante para ajudar Betty e Nico. Mas não estava armado e não poderia fazer muita coisa contra aqueles destemperados. Ao entrar, o homem que estava mais próximo da porta o agarrou pela gola do pijama e o atirou para dentro do restaurante. Ferdinando perdeu o equilíbrio e rolou pelo chão.

— Perdeu o rumo da cama, vovô? — zombou o sardento.

Ferdinando não respondeu. Porém não tirou os olhos do homem enquanto se levantava. Este notou sua firmeza, mas continuou a zombar. Afastou-o com a coronha da espingarda.

— Fique no seu lugar, velho.

Pegou uma cumbuca de sopa de uma mesa próxima e despejou na cabeça de Ferdinando. Pedaços de pão, feijões, mexilhões e camarões escorriam pela camisa do pijama. O homem estourou numa gargalhada. Ferdinando abaixara a cabeça para não receber a sopa quente no rosto, e então voltou a fixar os olhos no sujeito e, apesar da penumbra, jamais iria esquecer aqueles olhos escuros, aquele olhar líquido.

— Amigo, você acabou de começar a cavar seu túmulo. Mas vou fazer você cavá-lo com os dentes — sussurrou o príncipe para que apenas ele o escutasse. Naquele instante, uma voz infantil fez todos se virarem, gelando o sangue de Betty e do próprio Ferdinando.

— Mamãe... papai... o que está acontecendo?

Ginevra estava na porta, com um pijaminha cor-de-rosa e, abraçando uma bonequinha de pano, esfregava os olhos.

O homem que se encontrava mais próximo dela agarrou a menina,

apertando-a contra si e tapando sua boca. A menina se debatia e chorava apavorada. O sardento se aproximou e deu-lhe um tapa que a fez desmaiar.

Ferdinando e Betty gritaram e tentaram correr até a criança, mas foram imobilizados por duas espingardas apontadas contra o peito deles.

— Vovô, não complique as coisas — disse-lhe um dos criminosos.

O chefe dos bandidos, aquele cheio de sardas, levantou a voz para que todos os clientes do restaurante ouvissem:

— Agora chega. Nós vamos embora, e vai ser como se não tivesse acontecido nada. Fiquem parados e ninguém sairá ferido. Levaremos a menina, assim nenhum de vocês vai se mexer. Se alguém sair do restaurante, eu juro que mato a garota.

— Nãããão! Deixem ela, eu imploro. Levem a mim! Levem a mim... — disse Betty, chorando. Mas não obteve resposta.

Os quatro recuaram com as espingardas apontadas e saíram levando a menina. Quando a porta se fechou atrás deles, Betty fez menção de perseguí-los, mas Ferdinando a segurou:

— Quieta. Eles não vão machucá-la. Vão deixá-la em algum lugar.

Mas não foi assim. Apesar de terem procurado por todo o bairro com a ajuda de amigos, conhecidos e desconhecidos, não houve sinal da menina e, noite alta, Betty quis ir à polícia denunciar o desaparecimento e, naturalmente, o assalto ao restaurante, embora Ferdinando a aconselhasse a esquecer os policiais.

Saro tinha marcado um encontro com o comerciante de limões para o sábado seguinte, no escritório da New Street na Irving Trust Company. Disse-lhe que o escritório era de seu amigo Marangoni... O papel de mister Marangoni seria interpretado por Dixie.

Mas Dixie não tinha um escritório. E Isabel tratou de cuidar disso.

Se o comerciante ainda tinha algumas dúvidas sobre o negócio, elas se dissiparam totalmente quando Saro marcou o encontro. Ter um escritório na New Street, e ainda por cima na Irving Trust Company, um dos novíssimos arranha-céus do triângulo de ouro dos negócios de Manhattan, significava estar no topo do mundo. O comerciante lhe garantiu que não faltaria ao encontro do sábado seguinte.

Agora era a vez de Isabel. A irlandesa ruiva nem sempre fora do Exército da Salvação. Tal como Saro, ela também tinha se alistado havia poucas semanas.

Antes disso, trabalhava num bar pouco recomendável do Soho como vendedora de charutos e cigarros. Passava de mesa em mesa oferecendo tabaco e outras exclusividades da casa, como papelotes de cocaína, para quem quisesse algumas emoções. Ali ela conheceu Martin Fisher, o porteiro da Irving Trust Company. Martin acabara de se divorciar da mulher e não era o tipo de homem que, depois de um divórcio, se enterra dentro de casa ou não quer mais ver os amigos. Martin Fisher não tinha a menor intenção de reatar com a chata da sua ex-mulher e começara a sair diariamente, procurando prostitutas para se divertir e compensar todas as noites que fora impedido de fazer isso.

Isabel o conheceu no Strange Fruit, local frequentado por aficionados de jazz. Ele se ofereceu para acompanhá-la até sua casa no final do expediente. Isabel aceitou, porque no fundo Martin, com sua barriguinha, sorriso simpático e fala mole, era uma pessoa sociável e não parecia perigosa.

Mas Isabel fez questão de frisar que não saía com o primeiro homem que a convidasse. Não era uma prostituta. Em suma, ele não devia esperar nada dela. Martin conhecia bem aquele estribilho e fez de conta que aceitava o jogo. Mas Isabel não estava brincando. No momento final, deixou o sujeito de boca seca.

Essa atitude dela intensificou o interesse do recém-divorciado. Martin Fisher começou a frequentar quase diariamente o Strange Fruit e todas as noites esperava até o final do turno de Isabel para levá-la em casa em seu Ford novo, o primeiro presente que se concedera depois da separação.

Ele devia ter um bom emprego para se permitir um carro daqueles, comentou Isabel certa noite, e foi assim que Martin lhe contou que trabalhava na Irving Trust Company, o arranha-céu orgulho de toda a Manhattan, concluído apenas sete anos antes. Isabel soltou um assobio de admiração, mas Martin Fisher foi honesto com ela. Na verdade, ele era apenas o porteiro.

Quando Isabel se demitiu do Strange Fruit por incompatibilidade com o proprietário, que pretendia dela algumas proezas fora do expediente, não encontrou nada melhor do que se alistar no Exército. Assim perdeu o contato com Martin Fisher, mas no momento oportuno sabia onde poderia encontrá-lo, e de fato, um dia, subiu até o quadragésimo quarto andar, onde ele havia dito que trabalhava, e foi visitá-lo para grande alegria dele.

# 31. A era do suingue

No sábado seguinte, Saro se encontrou com o vendedor de limões na frente da Irving Trust Company. Johnny Scalia, esse era o seu nome, era um imigrante da segunda geração, também de origens sicilianas. Ainda falava italiano, embora maltratasse muitas palavras e fosse preciso adivinhá-las.

Entraram no imenso saguão e se encaminharam resolutamente para os elevadores. Havia poucas pessoas circulando. Como não se tratava de um dia útil, os que estavam lá eram diretores ou funcionários dedicados que precisavam concluir algum serviço interrompido ou terminar relatórios que deveriam estar na mesa do chefe às nove horas da segunda-feira.

Subiram ao quadragésimo quarto andar e seguiram o corredor que levava aos escritórios da National Blue Joy Company. Saro tocou a campainha e a seguir a porta foi aberta por uma elegantíssima secretária de tailleur preto, cabelos ruivos recolhidos num austero coque e óculos na ponta do nariz.

— Bom dia — disse Isabel. — É o senhor Ragusa?

Diante da resposta positiva de Saro, fez sinal para os dois entrarem.

— Mister Marangoni avisou que está à sua espera. Por favor.

— A hora extra é por nossa causa? — perguntou Saro, fingindo que a via pela primeira vez. — Estragamos seu *weekend*.

— Costumo passar os sábados na cama...

— Não duvido — gracejou Saro. Mas se corrigiu prontamente — Desculpe-me, gosto de brincar.

— Eu quis dizer que não tenho nada para fazer. Mas de vez em quando pode-se abrir uma exceção, principalmente se mister Marangoni a pedir.

— Ele não atormenta os funcionários, não é?

— De forma alguma, ele é sempre muito gentil. Por isso é impossível lhe dizer não. — Com o dedo indicador ajustou os óculos no nariz. — Por favor, façam a gentileza de se sentar. Vou avisar que os senhores chegaram.

Ela se afastou rebolando pelo longo corredor, e Saro pensou que talvez Isabel estivesse exagerando um pouco no papel da secretária perfeita.

Johnny Scalia não se deixou distrair pelos atrativos de Isabel e pelo tailleur justo que insinuava o corpo quase perfeito. Examinava o escritório: um grande salão com divisórias de vidro, onde havia uma dezena de escrivaninhas e algumas pranchetas de desenho. Portas de mogno alinhavam-se ao longo do extenso corredor, e todo o conjunto sugeria uma grande empresa.

— Mas para que são essas pranchetas de desenho? — perguntou a Saro.

— Projetos. A Blue Joy também faz os projetos de decoração das salas de jogos, para os clientes que pedirem.

O comerciante assentiu com ar interessado. Depois de alguns minutos, Isabel retornou à saleta.

— Mister Marangoni os espera. Aceitam alguma coisa? Talvez um chá, um café...

— Para mim nada — respondeu o comerciante.

— Eu aceitaria um café — disse Saro. Isabel lançou-lhe um olhar enfurecido, depois esboçou um sorriso e fez sinal aos dois para que a acompanhassem.

A sala do diretor era tão grande quanto o salão dos funcionários. Sobre a gigantesca escrivaninha distribuíam-se documentos, papéis e objetos pessoais, muito bem organizados. De um lado, a estatueta de bronze dos jogadores de golfe, como testemunho da paixão do dono do escritório pelo esporte, num canto algumas caixas de charutos cubanos, porta-canetas, canetas, um abajur de mesa em estilo *art déco*, um porta-papéis de couro. As janelas amplas davam diretamente para o quadrilátero onde Nova York fora fundada.

Assim que entraram no escritório, mister Marangoni, isto é, Dixie, levantou-se da poltrona de presidente, atrás da escrivaninha, e, tirando o havana da boca, estendeu a mão ao comerciante, que a apertou com uma ponta de servilismo. Dixie também estava impecável no terno de linho, também emprestado, como o tailleur de Isabel, da loja de seu amigo Gallo, um conterrâneo de Aversa.

— Por favor, mister Scalia, sente-se — indicou a poltrona diante da escrivaninha.

O comerciante se sentou e Saro ocupou a outra poltrona.

— Perdoe-me por incomodá-lo num sábado... mas, o senhor entende, alguns negócios prefiro concluir fora do expediente.

— Entendo perfeitamente — respondeu o comerciante.

— Um charuto? — Estendeu-se sobre a escrivaninha e abriu uma das caixas de cubanos.

— Um cubano nunca se recusa. — O comerciante pegou um charuto da caixa e se dedicou a acendê-lo.

Saro, sem ser convidado, estendeu a mão e tirou dois charutos da caixa. Enfiou um rapidamente no bolso do paletó e pôs o outro na boca.

— Muito bem, vamos ao ponto — disse Dixie, soltando uma grande baforada. — Quanto mais cedo terminarmos, mais depressa voltaremos para nossas famílias. Sábado e domingo são os únicos dias em que consigo ver minha mulher. O senhor é casado, mister Scalia?

Saro lhe lançou um olhar severo. Não devia exagerar.

— Minha mulher morreu no ano passado.

— Oh, sinto muito... eu não quis...

— Não há problema — interrompeu o comerciante.

— Então, mister Marangoni — interveio Saro com um tom decidido —, quer explicar ao senhor Scalia no que consiste o negócio?

— Sem dúvida, explico já. Trata-se de caça-níqueis. Devo dizer que não há nada de ilegal... afora o fato de que as maquininhas foram levemente domesticadas... em favor da casa, claro. — E deu uma risada, no que foi imitado por Saro.

Scalia, porém, limitou-se a sorrir e perguntou:

— O senhor tem um estoque dessas maquininhas?

— Deixe-me concluir, e depois poderá fazer todas as perguntas que quiser — respondeu Dixie, voltando a ficar sério. — São cerca de cem caça-níqueis, eles já estão montados e se encontram numa sala de jogos do Bronx. Eu lhe direi o local apenas depois de fecharmos o acordo. Elas têm também uma licença. Como lhe disse, não há nada de ilegal. Estou lhe propondo um grande negócio.

— Posso lhe perguntar por que não ofereceu a algum amigo seu, se é tão bom negócio? — perguntou o comerciante de limões, desconfiado.

— Exatamente pelo que o senhor acabou de dizer.

Ouviu-se uma batida à porta e Isabel entrou no escritório trazendo numa bandeja uma xícara de café. Todos esperaram ela colocar a xícara diante de Saro, depois ela se virou para sair, concedendo a Scalia um último olhar de admiração em seu belo traseiro. Mas, antes de chegar à porta, Dixie lhe disse:

— Senhorita, pode ir. Eu mesmo fecharei o escritório.

— Obrigada, presidente, e bom fim de semana. — Depois dirigiu-se às

duas visitas — Bom dia, senhores. — E saiu da sala.

A interpretação de Isabel acabava ali. Quando a porta se fechou, Dixie, com ar cúmplice e em voz baixa, disse ao comerciante:

— Ela já deu para mim. Tem uma bunda que parece de mármore e dois peitos...

O comerciante sorriu e começou a se sentir à vontade na poltrona. Soltando uma baforada, concordou:

— Sim, é uma lindeza. É verdade, a bunda é o melhor dela, com todo o respeito.

— Muito bem, mas voltando ao nosso assunto... — Saro chamou os dois de volta à terra.

— Estávamos dizendo... por que não ofereci o negócio a meus amigos? Mas, mister Scalia, exatamente por isto, porque meus amigos sabem que meus interesses são outros, importação, exportação e assim por diante. Não sabem que tenho sociedade em algumas casas de jogos. Sou obrigado a me desfazer porque um amigo me confidenciou que daqui a uma semana vão aparecer os fiscais da indústria de armamentos. Para eu poder fazer parte da lista deles, é preciso estar totalmente limpo, o senhor me entende... Por isso tenho de me desfazer rápido delas, e por isso o preço de venda é tão conveniente, como eu lhe dizia.

— Quanto seria esse preço?

Dixie se inclinou para o homem. Fitou-o nos olhos. Tinha combinado um valor com os amigos, mas agora queria aumentar a jogada.

— Trata-se de quase cem máquinas licenciadas, já instaladas numa sala de jogos. A única coisa que o senhor tem que fazer é ir buscar montes de dinheiro todos os dias.

— Afinal, quanto? — insistiu o comerciante, impaciente.

— Trinta mil — arriscou Dixie.

Saro se virou de chofre. Tinham combinado quinze mil dólares.

O comerciante se reclinou na poltrona.

— É demais — disse desconsolado.

— Mas o preço é negociável — interveio Saro.

— Vinte e dois — propôs Johnny Scalia.

— Vinte e oito — contrapôs Dixie.

— Vinte e cinco — corrigiu Scalia.

— Vinte e seis — propôs ainda Dixie.

— Vinte e cinco e fechamos já — disse, peremptório, o comerciante.

— Vinte e cinco mil dólares o senhor recupera num mês. Entende o

negócio que está fazendo? Toque aqui. — Dixie ficou de pé, imitado por Scalia, e os dois trocaram um aperto de mãos.

— Onde estão as máquinas?

— No Bronx, um pouco mais ao sul, em El Barrio, na rua 117 — respondeu Dixie. Abriu uma gaveta e tirou duas folhas datilografadas e um certificado de licença. Estendeu os papéis do contrato a Johnny Scalia.

— Eu já havia preparado o contrato. Veja se está bem para o senhor.

Ele deixara a licença dos caça-níqueis bem visível na mesa. O comerciante examinou o certificado e leu atentamente uma das folhas datilografadas. Era uma declaração de Marangoni cedendo-lhe a administração e a propriedade de todos os caça-níqueis instalados na sala de jogos localizada no número 767 da rua 117. A leitura do documento o convenceu e ele devolveu o papel a Dixie, que lhe disse:

— Assine.

Então Johnny Scalia tirou um talão de cheques da carteira, preencheu o lugar adequado com a cifra de "25.000" e embaixo pôs sua assinatura.

Por seu lado, Dixie assinou as duas folhas do contrato e as endossou para Scalia. Após preencher o cheque, o comerciante, por sua vez, assinou as duas folhas. Deu a cópia a Dixie e ficou com o original.

— Muito bem, mister Marangoni — disse Scalia, levantando-se para se despedir. — Foi um prazer fazer negócio com o senhor. Se tiver outras propostas, aqui está o meu cartão. Pode entrar em contato, e tenho certeza de que entraremos em acordo.

Dixie pegou o cartão, mas não tinha nenhum para retribuir.

— O senhor sabe onde trabalho. Portanto, pode vir me visitar quando quiser... Apenas peço que não comente com quem fez esse negócio... por favor.

— Claro, claro... — Johnny Scalia sorriu, feliz por participar daquele pequeno segredo. — Pode ficar tranquilo, e lhe dou os parabéns.

— Por quê?

— Tão jovem e já ergueu esta bela estrutura...

Tinham se levantado e o comerciante se lembrou de Saro.

— Oh, estava me esquecendo do amigo que nos apresentou... — Tirou da carteira duas notas de cem dólares e colocou-as no bolso do paletó de Saro. — Você fez por merecer, amigo.

— O senhor é muito generoso.

O chão ardia embaixo dos pés de Johnny Scalia, que acreditava ter feito o maior negócio de sua vida e não via a hora de ir correndo tomar posse do que

era seu.

— Conheço o caminho, amigos. Não se preocupem. — Dizendo isso, abriu a porta e saiu.

Saro e Dixie prenderam a respiração e ficaram calados até ouvir a porta se fechar às costas do comerciante. Pouco depois, a porta do escritório se abriu e apareceu Isabel. Os três amigos se uniram num abraço, pulando de alegria na sala pelo desfecho da encenação. Isabel abanava o cheque e Saro as duas notas de cem.

— Você foi grande, melhor que o Errol Flynn. Até se parece com ele. — Isabel abraçou Dixie e lhe sapecou um beijo na boca.

— Ei, ei, e eu? Quem foi que jogou a isca? — lembrou Saro, ressentido.

Isabel se soltou de Dixie e deu um abraço em Saro.

— Você foi soberbo — disse, beijando-o no rosto. — Mas temos de ir logo, Martin falou para ficarmos até o meio-dia no máximo, daqui a pouco chega o pessoal da limpeza.

— Precisamos também devolver as roupas — lembrou Saro.

— E depois, todos ao Savoy! Hoje é sábado — disse Dixie, eletrizado.

— Mas me disseram que lá só vão os negros — resmungou Isabel.

— Eles tocam o suingue mais explosivo de Nova York. É o melhor lugar para se chacoalhar!

— Tem certeza que não vamos nos aborrecer? — perguntou Saro.

— Você nem imagina o fogo que há nesse ritmo. Todos ao Savoy!

Com os dois documentos no bolso, Johnny Scalia rumou a toda pressa para a rua 117 de El Barrio. No número 767, encontrou o Crazy Strass, mas as portas estavam fechadas. Ou, melhor, uma equipe de pintores estava reformando o lugar e os jogos estavam suspensos. Scalia bateu na porta para entrar; o mestre de obras lhe disse que estavam fazendo hora extra, porque na segunda-feira de manhã a sala tinha de estar pronta para a abertura, às dez. O comerciante viu o conjunto de caça-níqueis enfileirados nas paredes, as mesas de bilhar e todos os demais aparelhos, mais ou menos mecânicos, de depenar os bobos. Sentiu-se ainda mais reconfortado quando o mestre de obras comentou que estavam refazendo a pintura porque lhe haviam dito que um novo administrador dos caça-níqueis iria assumir. Scalia sorriu à ideia de que o homem citado era justamente ele, e por um instante visualizou as toneladas de moedinhas que iria recolher todas as semanas. Ofereceu uma bebida no bar ao lado aos operários,

despediu-se e voltou para sua casa solitária. Eram mesmo dias de sorte, pensou com seus botões. Dois lances de sorte numa semana... não podia pedir mais ao destino.

Os lugares da moda ficavam todos na "rua do suingue", a rua 52, entre a Quinta e a Sexta Avenida.

Naquele sábado, o Savoy estava tão lotado que eles nem conseguiram se aproximar da bilheteria. Alguém havia espalhado que Duke Ellington iria tocar naquela noite. Os negros do Harlem pareciam enlouquecidos, mas na fila havia também uma quantidade enorme de brancos que pagariam qualquer preço para entrar.

Dixie, diante daquele frenesi, sugeriu aos amigos irem a algum outro lugar: ali jamais conseguiriam entrar.

Foram ao Onyx, que também ficava na "rua do suingue". Para entrar, bastava dar a senha a quem aparecesse na portinhola embutida no portão de entrada.

— Sou do Local 802 — escandiu Dixie, e num passe de mágica a porta se abriu, para a grande satisfação do napolitano. — Viram só?

— O que quer dizer Local 802? — perguntou Isabel, nada impressionada com a habilidade do amigo.

— É a seção de Nova York do Sindicato dos Músicos — revelou Dixie. — Eu me inscrevi. Um dia vou conseguir tocar trompete num desses lugares.

Isabel e Dixie ficaram como um casal durante quase todo o tempo, embora ele estivesse totalmente entregue ao êxtase de observar o fraseio do trompetista e não se interessasse muito pelas atenções que a moça lhe dedicava. Ela começava a se sentir entediada e convidou Saro para dançar, mas ele respondeu que não sabia dar dois passos e que preferia ficar sentado: "Para não virar alvo das gozações do salão", disse. Isabel riu de modo franco, levantou-se e o arrastou para o meio da pista. Mesmo de sapato baixo, era mais alta do que ele. Abraçou-o e disse simplesmente:

— Você me acompanha.

Por sorte, tinha começado um *blues* lento e os dois se abraçaram, abandonando-se às notas de "Mood indigo", do grande Duke Ellington. Quando a última nota se extinguiu, os dois continuaram mais alguns segundos abraçados no centro da pista. Depois se soltaram, olharam-se em silêncio e sorriram. De repente, Isabel lhe deu um beijo ardente e rápido, se soltou e voltou para a mesa. Mas Saro a deteve, enquanto os outros espectadores voltavam à pista para uma nova música, mais rápida e ritmada.

— O que foi aquilo? — perguntou ele, totalmente desconcertado.

— Não foi nada, só queria ver se você me dava algum arrepio — respondeu ela.— E dei?

— O que você acha?

Isabel alcançou a mesa e se sentou ao lado de Dixie, que, totalmente distraído, tamborilava na toalha a música que a orquestra começava a tocar.— Isso é "Jumpin' at the Woodside", de Count Basie e Hathaway — gritou para Isabel, enquanto ela bebericava um Martini —, sinta o ritmo.

Continuou a acompanhar a orquestra, os dedos correndo sobre a toalha. E não percebeu que Isabel estava com os olhos lacrimejantes.

Saro, porém, notou a mudança da jovem. Nunca a vira com os sentimentos tão expostos. Pelo contrário, apesar de sua energia, sempre imaginara Isabel como uma pessoa muito controlada, capaz de disfarçar o mínimo sinal de fraqueza. Não sabia como interpretar aquela emoção. A ansiedade seria pela indiferença de Dixie ou por causa dele?

A segunda-feira demorou a chegar para Johnny Scalia. Ele estava absolutamente empolgado com o negócio que tinha feito. Lera e relera o contrato de cessão para procurar algum eventual artigo que pudesse ter lhe escapado no momento, alguma cláusula de reversão, mas não encontrou nada que pudesse obrigá-lo a devolver os caça-níqueis. Além do mais, a licença era clara. Havia o número de série, o tipo, o registro dos caça-níqueis, enfim, tudo estava de acordo com a lei... ou quase. A adulteração do mecanismo que regulava as vitórias era um detalhe ao qual as autoridades já nem prestavam atenção. Todos os caça-níqueis da federação tinham sido adulterados. Era impensável um controle nesse sentido.

Às dez em ponto, ele estava na frente do número 767 da rua 117. Entrou e seguiu resolutamente até a porta da sala de jogos. O lugar estava em perfeita ordem, todos os caça-níqueis com suas banquetas, as mesas prontas para receber os tolos, o pessoal da sala se preparando. Um sujeito se aproximou e lhe disse:

— Abriremos em meia hora, estamos terminando de nos preparar.

— Pode continuar. Sou o novo dono dos caça-níqueis.

E, dizendo isso, rumou decidido para o escritório, deixando o homem perplexo.

Bateu e entrou sem nem esperar resposta. No escritório, sentado atrás da escrivaninha, viu um homem com cerca de sessenta anos, em mangas de

camisa. Ele levantou a cabeça de uma montanha de papéis que estava tentando organizar e o encarou com ar interrogativo.

— Olá, sou Johnny Scalia, o novo dono dos caça-níqueis. É o senhor que dirige o local? Mister Marangoni fez um ótimo trabalho. Teve também o cuidado de limpar a sala, é um prazer fazer negócios com ele.

Conforme Scalia falava, o homem de camisa se levantou da poltrona, deu a volta na escrivaninha e se postou na frente do comerciante de limões.

— *Ma che minchia* é você? — perguntou-lhe, numa mistura de inglês com dialeto siciliano, sacudindo os dedos unidos debaixo do nariz.

— Mister Marangoni não avisou o senhor? — Agora o rosto de Scalia não exibia mais tanta cordialidade.

— *Ma che minchia* é esse Marangoni? E quem já ouviu falar desse sujeito? — continuou o homem de camisa no mesmo tom ríspido.

— Ele tem um escritório na National Blue Joy Company, no quadragésimo quarto andar da Irving Trust Company. Estive no escritório dele. Veja, só um momento... — Tirou do bolso a licença e o contrato de cessão e estendeu-os para o homem. — Está vendo? É o número 767 da rua 117 em El Barrio. Está vendo a licença? E esse é o contrato da venda dos caça-níqueis.

O homem leu rapidamente as duas folhas e, à medida que lia, seu rosto ia ficando cada vez mais vermelho. Sua pressão devia estar subindo a níveis alarmantes. Começou a sentir falta de ar e, quando terminou de ler, olhou para Scalia, que, por sua vez, começava a se sentir um pouco desconfortável.

— Está tudo em ordem, espero... — conseguiu dizer ao homem.

O homem, em resposta, rasgou o papel em mil pedaços.

— Agora está tudo em ordem! Agora está tudo em ordem! — gritou com todo o fôlego que lhe restara, jogando os pedaços do contrato para o ar como confete. E continuou: — Mas quem o mandou aqui? De que família você é?

Os gritos atraíram os homens que estavam na sala, entre eles dois leões de chácara.

— Algum problema, chefe? — perguntou um deles.

— Perguntem a ele — respondeu, apontando Scalia, que já começava a temer por sua segurança.

O leão de chácara se dirigiu ao comerciante de limões:

— Qual é o problema, amigo?

— Sábado de manhã, mister Marangoni me cedeu os caça-níqueis...

Mas não conseguiu terminar a frase, porque os dois brutamontes o pegaram pelos braços e o levaram para fora.

Scalia esteve a ponto de desmaiar. Sentiu um vago mal-estar se espalhando pelo corpo, pensou que estava paralisado, mas, quando se recobrou, percebeu que estava encostado na parede de um prédio. Um passante atirou uma moeda no chapéu a seus pés.

Ainda em estado de choque, Johnny Scalia, olhou aquele quarto de dólar no chapéu. E, ao ver aqueles vinte e cinco centavos, lembrou-se de tudo.

Correu ao banco com o coração na mão e, ao entrar, olhou o relógio. Eram dez e quarenta... talvez desse tempo. Pediu para falar com o gerente, e o gerente chamou o caixa. A sentença do caixa foi como um banho frio para o pobre comerciante.

— Sim, hoje de manhã veio um rapaz, foi um dos primeiros clientes. Lembro que estava bem vestido, tinha um bigodinho como o do Errol Flynn. Devido ao valor que sacou, gravei bem a fisionomia dele.

Scalia agora corria para o centro de Manhattan, para a Irving Trust Company. Entrou no elevador e pediu ao ascensorista o quadragésimo quarto andar.

— National Blue Joy Company — frisou.

— É no quarenta e quatro — confirmou o rapaz do elevador.

No quadragésimo quarto andar, Johnny Scalia saiu do elevador e se encaminhou para o escritório da National Blue Joy Company, tentando manter a calma. Controlou a raiva para não brigar. Poderia ameaçar chamar a polícia, mas havia quem fizesse um trabalhinho melhor do que a polícia. Estava com o coração na garganta.

Tocou na grande porta de mogno. Uma senhora de meia-idade veio abrir. Uma secretária típica, eficientíssima. Scalia entrou no saguão. O escritório estava em plena atividade. Atrás dos vidros, os funcionários trabalhavam sem levantar a cabeça das escrivaninhas ou das pranchetas de desenho.

— A secretária ruiva não está? — perguntou depois de observar o ambiente.

— Não gosta da minha cor? — respondeu a senhora de meia-idade. — Posso saber quem o senhor está procurando?

— Mister Marangoni — disse de um só jato.

— Mister Marangoni? — repetiu a secretária.

— Sim, mister Marangoni.

— Tem hora marcada?

Johnny Scalia voltava a respirar desafogado. Pelo menos o homem estava.

— Não, mas diga que é Johnny Scalia e ele vai entender.

— Fique à vontade — disse ela, indicando-lhe a saleta, e se afastou em

direção ao longo corredor.

Scalia observou a secretária e não pôde deixar de notar suas nádegas volumosas ondulando.

"Que grande diferença do traseiro da ruiva de sábado...", pensou. Esse Marangoni sabe mesmo aproveitar, e tão jovem..."

Esse pensamento o desanimou. De fato, Marangoni era jovem demais para ter um escritório como este. Enquanto se perdia nessas reflexões, a secretária voltou, acompanhada de um cavalheiro distinto com paletó de tweed inglês e uma gravata-borboleta. Scalia, vendo-o se aproximar, levantou-se automaticamente da poltrona.

— Bom dia, sou Robert Marangoni. O senhor está me procurando? — Estendeu a mão e apertou vigorosamente a mão mole e suada do comerciante.

— O senhor tem um filho, por acaso?

— Não sou casado. Mas posso saber a razão de sua visita?

— Eu comprei aqui do senhor um lote de caça-níqueis com licença e tudo...

Ao ouvir essas palavras, o homem se virou e disse à secretária:

— Regina, cuide você disso. — E se afastou extremamente aborrecido com aquela invasão de seu reino de geometrias e números primos.

— O senhor não percebe o que está dizendo? — A secretária o pegou pelo braço, como uma criança birrenta, e o levou até a porta. — Aqui é um escritório de arquitetura. Projetamos pontes, prédios, estâncias turísticas, entende? Como lhe passou pela cabeça falar em caça-níqueis? Meu Deus, hoje em dia se vê de tudo.

Abriu a porta e o empurrou para fora. Johnny Scalia sentiu um ardor intenso no meio do peito e se apoiou à parede, esperando passar.

# 32. água na boca

Não foi necessária a intervenção da polícia para encontrarem Ginevra, pois na manhã seguinte ao ataque ao La Tonnara a menina foi descarregada de um carro a poucas quadras de distância, na rua 7 Leste, ao lado da Tompkins Square, o parque que oferecia um espaço mais arejado aos moradores do bairro. A pequena foi socorrida por uma mulher que a reconheceu imediatamente, graças às fotos que tinham saído nos jornais da noite anterior. Ela a levou ao restaurante, onde Betty, com um grito de alegria e lágrimas de alívio, abraçou a filha até quase sufocá-la.

Levaram a menina ao hospital e os médicos constataram que ela não sofrera nenhum abuso sexual. Ainda assim, Ginevra estava visivelmente em estado de choque.

Os prejuízos ao La Tonnara foram consideráveis. O episódio havia desestabilizado o pequeno núcleo familiar, que, até aquele momento, vivera relativamente em paz.

Passado o medo por Ginevra, a vida retomou o ritmo de sempre. Era preciso recomeçar as atividades interrompidas.

Ferdinando Licata se prontificou a pagar os danos ao restaurante, mas Betty recusou sua ajuda. O tio lhe apontou o perigo de cair na espiral dos agiotas, sob o risco de ter em pouco tempo um sócio indesejado entre eles. Sem levar em conta que os Stoker poderiam comprar suas dívidas dos agiotas, e com isso eles os trariam para dentro de casa. Esse argumento fez a sobrinha raciocinar e reconsiderar sua decisão. Em dez dias o La Tonnara reabriu para o público.

Mas as pessoas estavam com medo. Os clientes fixos preferiram emigrar para outros restaurantes do bairro.

No fim das contas, ajeitar de novo o local tinha saído muito mais caro do que pagar o seguro, como os Stoker denominavam o "*pizzo*", a taxa de proteção deles.

Brian Stoker era o rei incontestado do East Village. Os irlandeses tinham se instalado naquela parte da cidade quando Nova York era uma imensa favela. Seu pai viu a cidade se transformar e ajudou a construí-la concretamente, pois era pedreiro. Brian se lembrava dele voltando à noite para o casebre onde moravam, mal tendo forças para engolir o jantar que a mãe tinha preparado e cair no colchão de crina num sono agitado.

Chegava a trabalhar dezoito horas por dia. Um pedaço de pão e um pouco de queijo era o almoço que matava sua fome às onze da manhã, após seis horas de trabalho; depois ia comer de novo apenas às nove da noite, antes de se deitar.

O jovem Brian, vendo o pai se esfalfar dessa forma desumana, jurou a si mesmo que não teria o mesmo destino. E quando completou catorze anos, antes que o pai o fizesse acompanhá-lo na obra, comunicou a ele que encontrara trabalho no porto como estivador para a família Jeson, que naquela época mandava no East Village.

O que os Jeson diziam era lei. Ai de quem os contrariasse.

Brian começou como entregador de drogas para os altos dirigentes do sindicato ou da polícia. Um trabalhinho fácil que lhe rendia por semana o que o pai trazia para casa após um mês.

Alguns anos depois, já um pouco mais forte, participou de um espancamento.

Com o tempo, Brian demonstrou sangue-frio e indiferença diante da morte e passou a fazer parte dos "negócios molhados", como os irlandeses chamavam as missões homicidas.

A mãe Jeson tinha admiração por aquele rapaz de olhos frios como gelo e o apontava como exemplo para os mais novos, que talvez não quisessem saber de matar as pessoas.

A partir daquele momento, a carreira de Brian Stoker se manteve em escala ascendente. Por causa de sua lendária ferocidade, os mal-intencionados da cidade passavam longe do East Village, e mesmo a polícia não queria nada com aqueles tipos. "Que se matem entre si", diziam os policiais.

Umas duas vezes tentaram colocá-lo na cadeia, mas as testemunhas, na hora de depor no tribunal, não apareciam ou diziam não se lembrar de nada.

Os Jeson perceberam tarde demais que haviam criado uma cobra que, mais cedo ou mais tarde, se voltaria contra eles. Assim, planejaram eliminá-lo, para grande tristeza da mãe. Mas Brian não dormira no ponto, soube trabalhar muito bem os afiliados da família, conseguira o apoio deles e, assim, certa noite ele tomou o poder, matando justamente sua protetora, a mãe Jeson, diante dos

olhos do marido e de todos os filhos. A visão do garrote na mulher, sem que nenhum deles pudesse fazer nada para salvá-la, enlouqueceu os filhos menores e impressionou tanto os demais que os Jeson preferiram desaparecer para sempre de Nova York.

Assim, numa só noite, Brian herdou todas as atividades da família irlandesa, inclusive o esquema dos túmulos no cemitério, que se tornou um de seus empreendimentos de ponta.

Nos últimos tempos, ele tentava se expandir para o sul do bairro, em direção a Lower East Side e Chinatown, mas encontrava forte resistência dos italianos, os Bontade, que, afinal, era a família protegida pelo clã dos Genovese.

Damien, o filho, era uma cópia piorada do pai Brian. Tinha herdado a crueldade e a amoralidade total, mas não a astúcia e os dotes de estrategista.

Percorria o East Village num flamejante Buick como se fosse um jovem príncipe. O que queria, ele pegava, fosse uma laranja ou uma garota virgem. O pai tentava contê-lo, sem nenhum resultado.

Damien só andava escoltado por Kevin e Hugh, os dois guarda-costas que eram também seus melhores amigos. Juntos, os três causavam mais devastação do que as hordas de Gengis Khan. Mais do que Brian, o verdadeiro pesadelo do bairro era seu filho Damien, por causa de sua imprevisibilidade. Mas Kevin, que todos chamavam de "Sardas", não era menos temível.

Mas os três mosqueteiros, como diziam os moradores do East Village, cometeram um grande erro, e esse erro foi o início de sua ruína.

Tinha sido Kevin, o sardento, quem, no assalto ao La Tonnara, pegou no caixa e embolsou o maço de notas. Quando chegaram em casa para dividir o butim, entre os dólares e as joias dos clientes do restaurante eles encontraram o comprovante de uma remessa de pagamento da Itália para Ferdinando Licata. Equivalia a cem dólares, traduziu Kevin, estendendo o comprovante a Damien.

Na manhã seguinte, o trio se pôs imediatamente em ação. Foram até a agência dos correios do distrito de East Village e ficaram esperando na saída lateral. Quando viram o carteiro encarregado da área da Avenue A sair da agência para fazer sua rota habitual, puseram-no à força no Buick de Damien e rumaram a toda velocidade para o quartel-general, que era a salinha dos fundos do Sullivan Bar, local que Damien conseguira adquirir com suas tramoias habituais.

Mostraram ao carteiro o comprovante de remessa e o endereço do

destinatário. Pois bem, a partir daquele momento ele deveria entregá-lo não no endereço do envelope, e sim no Sullivan Bar, isto é, para eles. No intuito de mostrar que não estavam brincando, com a ponta de um canivete lhe fizeram um corte na mão, mas apenas o suficiente para verter algumas gotas de sangue. O pobrezinho estava no mais absoluto no pânico e balbuciou que seguiria as instruções deles. Depois, sem perder mais tempo, levaram o carteiro de volta ao carro e o despejaram nas imediações da agência postal. A ação durou ao todo uma meia hora, mas foi uma das meias horas mais rentáveis da gangue de Damien Stoker.

Pena para eles, porque durou pouco.

Quando o aviso de crédito não chegou, Ferdinando Licata foi imediatamente à casa de seu contato. Era um dos contadores da família Genovese, um dos canais usados pelos mafiosos americanos e sicilianos para se comunicarem sem passar pelos controles federais. O homem afirmou que o procedimento não tinha sofrido nenhuma alteração naquele mês: sua irmã Lavinia havia depositado o dinheiro para o correspondente dele na Sicília. Este o contatara, avisando que o depósito fora efetuado e lhe dera o valor em código. Ele, por sua vez, tinha remetido o aviso de crédito ao endereço de praxe, o de Licata. Tudo normal.

— Não se preocupe, deve ter sido um problema de entrega do correio — disse, tentando tranquilizá-lo enquanto procurava o comprovante numa gaveta. — Olhe, está aqui, dom Licata — e estendeu-lhe a cédula.

— Não sou "dom" — respondeu Licata, pegando a folha para conferir a data e o valor.

— A propósito, justamente esta manhã chegou um envelope para o senhor.

O homem foi até a escrivaninha com tampo, abriu uma gaveta e tirou dali uma carta.

— Aqui está, ainda tem perfume de limão — comentou, tentando amenizar a situação.

O príncipe Licata lançou-lhe um olhar severo, pegou o envelope e abriu. Era da irmã. Lavinia escrevia para comunicar que Rosario Losurdo tinha sido abatido por alguns caçadores clandestinos.

> [...] *Ele os flagrou caçando em nosso feudo de Madonnuzza. Rosario não hesitou em enfrentar os bandidos, parece que eram três. Ele sempre foi um amigo fiel da família. Sacrificou sua vida pela nossa terra, que Deus o tenha em glória. Os caçadores não foram identificados, mas parece que vinham de*

*outra província. Caro Ferdinando, você não deve se preocupar comigo. Pensando no que você teria feito, confiei o cuidado de nossos bens a Manfredi. É ele nosso novo administrador. Creio que você aprovará minha escolha.*

A carta terminava com as habituais recomendações. Licata dobrou a folha, pensou comovido em seu fiel Losurdo, depois agradeceu ao Senhor por lhe dar o apoio de uma irmã tão forte e decidida. Depois relembrou por que tinha ido até a casa do contador. Estava terrivelmente desconfiado de que alguém tivesse interceptado a carta de crédito.

Foi ao banco e pediu que o gerente verificasse se alguém fizera um saque em seu nome.

O gerente chamou o caixa, o qual se lembrou de haver descontado recentemente uma ordem de crédito para um homem que levara uma procuração do senhor príncipe. Na verdade, algum tempo depois, Licata soube que o caixa também estava na folha de pagamento dos Stoker. No momento, porém, não tinha nenhuma razão para duvidar dele e pediu que descrevesse o sujeito que se apresentara em seu nome.

Os Stoker tinham uma marca registrada: os cabelos cor de fogo. Quando o caixa descreveu o sujeito, um sardento de olhos negros como carvão, Licata reviu na lembrança um dos guarda-costas de Damien.

O príncipe resolveu se encontrar com o homem que seus amigos na Sicília tinham recomendado, caso precisasse de ajuda.

O homem se chamava Jack Mastrangelo e, embora morasse no Brooklyn havia dez anos, ninguém parecia conhecê-lo.

Por três dias Licata perambulou de um endereço a outro, de uma loja a outra do imenso bairro popular. Mas as pessoas não o conheciam ou, se conheciam, não admitiam isso e juravam estar ouvindo aquele nome pela primeira vez. Quando já ia desistir e pedir ajuda aos amigos na Sicília, Mastrangelo se materializou como por encanto. Era um homem atarracado, de feições deformadas por duas longas cicatrizes, uma que ia da boca à orelha esquerda e a outra vertical na têmpora direita. Aqueles ferimentos contavam

muito sobre sua vida, que não devia ter sido apenas de músicas e flores.

Jack Mastrangelo tocou em seu ombro para chamar a atenção:

— Está me procurando, príncipe Licata?

— Quem é você?

— Mastrangelo, Jack Mastrangelo.

O homem era soturno e de poucas palavras.

— Ah, finalmente! — exclamou o príncipe. — Faz uma semana que o estou procurando.

— Eu sei.

— Preciso de você.

Jack Mastrangelo não levou muito tempo para descobrir onde morava o "Sardas", isto é, Kevin. Era um elegante edifício na rua 4 Leste, próximo à Bowery. Num sábado à noite, ele entrou no apartamento do segundo andar, seguido por Ferdinando Licata. Abriu as torneiras da banheira e só fechou quando a água chegou até a beirada. Então os dois se prepararam para esperá-lo. Mastrangelo se comprimiu na sombra do saguão de entrada, enquanto Licata se acomodou num sofá da sala de estar.

Nas semanas anteriores, Mastrangelo tinha verificado que uma parte da gangue de Stoker costumava se divertir todos os sábados numa casa de jogos em Little Italy, onde todos acabavam se embriagando.

Naquele sábado, o roteiro se repetiu da mesma forma, com a variante, porém, de uma prostituta especialmente desesperada em conseguir um dinheiro rápido, que foi com Kevin até o apartamento dele, escorando-o a duras penas.

A mulher abriu a porta, procurou o interruptor, virou-o, mas a luz não se acendeu.

Da sombra surgiu uma figura que a assustou:

— Quem é você? — gritou, surpresa.

— Pegue isso e vá embora — ordenou Mastrangelo, peremptório, estendendo-lhe uma nota de cinco dólares. — Se você abrir a boca, vou te buscar na sarjeta onde você mora e você vai se arrepender de ter nascido.

Jack Mastrangelo achou que aquelas palavras bastariam para assustá-la.

A prostituta arrancou a nota de sua mão, largou Kevin, que bamboleou para a frente, caindo nos braços de Mastrangelo, e fugiu. Nunca contou a ninguém o que tinha lhe acontecido.

Mastrangelo arrastou o homem para o interior do apartamento, na direção do banheiro. Kevin estava tão bêbado que ainda não entendera o que estava acontecendo. Mastrangelo imobilizou suas mãos atrás das costas com uma algema e o atirou dentro da banheira cheia.

Licata, em silêncio, observava a cena à porta do banheiro.

O súbito contato com a água gelada fez Kevin estremecer, e finalmente ele pareceu sair do torpor do álcool. Viu um homem acima dele. Ia gritar, mas Mastrangelo afundou sua cabeça na água por alguns segundos. Quando o deixava emergir, Kevin tossia e vomitava na tentativa de respirar um pouco de ar. Na terceira imersão, entendeu que devia desistir de gritar.

— Quem é você? O que quer de mim? — perguntou, continuando a expelir água.

— Você está com um grande problema, meu amigo — Mastrangelo agarrou seus pés e o afundou de novo debaixo d'água.

Ele tentou chutar violentamente, mas Mastrangelo agarrou seus testículos e espremeu com toda força. Kevin, com a cabeça debaixo d'água, gritou e imediatamente a água entrou pela boca, quase o afogando. Rapidamente, ajudado por Licata, Mastrangelo amarrou os tornozelos dele com uma corda. Depois deixou que o irlandês aflorasse à água e retomasse o fôlego. Quando voltou a respirar, embora com dificuldade, ainda teve fôlego para ameaçar:

— Você sabe que o meu chefe é Damien Stoker? Quando te pegarem, você vai ver o que vai acontecer...

Mastrangelo atirou a corda para o alto, fazendo-a dar a volta no lustre pendurado no teto. Depois passou a outra ponta da corda pelo nó que prendia os tornozelos de Kevin e deu um nó de bombeiro com a destreza de um marujo. Então pegou a outra ponta da corda e esticou bem.

Mastrangelo puxou a corda com toda força e o homem saiu da banheira, pendurado de cabeça para baixo, como um porco prestes a ser abatido.

— Quero algumas informações — disse-lhe Mastrangelo com uma voz angelical.

— Me abaixe, estou quase vomitando.

— Como vocês conseguiram pegar a carta de crédito de Ferdinando Licata?

Mas Kevin não conseguiu se conter e começou a vomitar a bebida misturada com água e toda a comida que tinha no estômago. A posição invertida complicava bastante seu mal-estar. Um pouco de líquido entrou pelo nariz, o resto sujou seu rosto e os sucos gástricos queimaram seus olhos. Estava

muito mal e teve a sensação de que ia morrer. Respirava com dificuldade, tossia, cuspia... a dor era insuportável.

Quando se acalmou um pouco, Ferdinando Licata se aproximou de seu ouvido, para ele ouvir melhor, e repetiu a pergunta de Mastrangelo.

Finalmente veio a resposta:

— O carteiro... obrigamos o carteiro a trazê-la para nós... agora me solte.

— Mais uma pergunta. A menina dos donos do La Tonnara foi molestada?

— Não... não... não tocamos nela, juro.

Tinha respondido muito depressa e Licata não acreditou nele.

— Amanhã é domingo. Você não vai querer ficar pendurado aqui o dia todo... E sabe que antes de segunda-feira não vai vir ninguém.

— O que você quer saber? — ele perguntou, começando a choramingar.

— Quem tocou nela?

— Foi Hugh... e um pouco também Damien. Mas não a violentaram... juro.

— Isso eu sabia. — Licata se reaprumou. Seu rosto estava petrificado.

Fez um sinal para Mastrangelo: era hora de irem embora. Mas, antes de sair, fechou as janelas e as portas. Amordaçou o homem, para que não o ouvissem do lado de fora. Por fim, abaixaram-no até a boca tocar a água. Se não quisesse morrer afogado, seria obrigado a ficar com a cabeça levantada. Mas por quanto tempo aguentaria? Iria contar os segundos até a morte chegar.

Sem nenhum remorso, os dois saíram do apartamento e trancaram a porta.

Em Nova York, havia um clube de sucesso, o Roxy Go Go, na rua 52 Oeste, no coração da Broadway, onde só entrava quem fosse conhecido de algum cliente habitual.

A boate também era restaurante, cassino, casa de ópio e prostíbulo. Em suma, para todos os gostos. Mas sua especialidade era a Pizza Feliz. Desnecessário dizer que o ingrediente principal da pizza era uma boa camada de cocaína por cima do tomate e da mozarela italiana.

As pessoas entravam mostrando um ingresso dividido ao meio. Uma das metades, com o nome do convidado bem visível num dos lados, ficava com um porteiro uniformizado, que decidia quem podia entrar. Passada a soleira, a pessoa podia escolher a sala de jogos ou a pista de dança. Mas o restaurante era o destino preferido de todos os convidados. Era um grande salão com isolamento acústico nas paredes. Do lado de fora não se ouvia nada, exceto

quando a porta se abria e a barulheira da sala explodia. Muitos garçons e garçonetes circulavam entre as mesas, levando aos clientes a Pizza Feliz. Como antepasto, o cardápio oferecia alguns cigarros com ópio. A droga dava uma sensação de leveza e euforia. Mas os que já estavam habituados com os cigarros preferiam algo mais forte e recorriam aos picos de morfina. O estrépito aumentava e qualquer inibição era deixada de lado. Nessa barulheira, uma pequena banda de jazz, num palco estreito para não roubar espaço às mesas, tocava suingue num ritmo vertiginoso.

O primeiro trompete era Dixie, que tinha conseguido seu primeiro contrato. Um amigo o ouvira tocar durante um de seus giros com o Exército e perguntou se ele queria complementar sua renda tocando num clube um pouco especial. Claro que Dixie não pensou duas vezes. Demitiu-se na hora do Exército da Salvação e se alistou na orquestra do Roxy. Jamais podia imaginar que estava se metendo num círculo da pesada.

Graças a ele, Saro e Isabel puderam entrar no local. Entregaram o meio dólar ao solene porteiro e foram conduzidos diretamente à sala do restaurante, como estava indicado na metade do ingresso que ficava com o leão de chácara.

Quando entraram no salão, foram atingidos por uma trilha sonora ensurdecedora. Naquele instante, uma mulher estava em pleno surto de loucura e tinha se jogado no chão, retorcendo-se em convulsões. Dois amigos tentavam acalmá-la, mas inutilmente. Então apareceram dois leões de chácara do clube, que a pegaram sem muita cerimônia, um pelas pernas e o outro por baixo dos braços, levantaram a mulher e a levaram para fora, em meio à indiferença geral.

No subsolo, junto da garagem, havia um pronto-socorro com enfermeiros e médicos. Se a intervenção deles também falhasse, o paciente era posto num carro e levado para casa, ou despejado diretamente num beco do Bronx.

Isabel cumprimentou Dixie, jogando-lhe um beijo, enquanto se acomodava com Saro num canto da sala. Era a estreia de ambos no belo mundo da alta sociedade. Ao redor, atrizes muito jovens se esfregavam em abastados financistas; rapazes fascinantes, também muito jovens, e alguns mais maduros, dedicavam-se a homossexuais endinheirados. Outro gênero de cliente eram os figurões das famílias mafiosas, fáceis de reconhecer, pois exibiam despudoradamente gordos maços de dólares e estavam cercados por garotas muito bonitas e vulgares.

A banda começou a tocar “One o’clock jump”, de Count Basie, e boa parte da clientela se pôs de pé e começou a dançar. Todos pareciam se divertir

loucamente, como se o mundo fosse acabar. Cada vez que uma seção começava um solo, primeiro os saxofones, depois os trompetes e por fim os clarinetes, os músicos se levantavam das cadeiras e disparavam as notas da música com todo o fôlego que tinham nos pulmões.

Quando chegou a vez de Dixie, o simpático napolitano deu vazão a todos os truques do ofício, exibindo-se num solo inesquecível, e ao final foi recompensado com uma verdadeira ovação. Isabel estava feliz como nunca. Bateu palmas estrepitosas, pulando como uma garotinha: estava fascinada com a habilidade de Dixie e o sucesso que alcançava.

Dixie, absorvido demais pelos aplausos das pessoas apinhadas na sala, não se deu conta do entusiasmo de Isabel. Agradeceu erguendo o trompete, rei inconteste de sua vida. Saro olhou Dixie e olhou Isabel, e entendeu que a irlandesa ruiva estava apaixonada pelo amigo.

A música terminou, a orquestra fez um intervalo e Dixie foi até a mesa de seus amigos. Estava radiante. Sua vida tinha sofrido uma súbita reviravolta, que, ele esperava, o levaria aos palcos da Broadway. Beijou Isabel na testa e abraçou Saro.

— Foi um grande sucesso. Teddy confirmou meu contrato para toda a temporada — anunciou aos amigos.

Aquele trio não podia passar despercebido, principalmente pela presença de Isabel, com seus longos cabelos ruivos soltos nos ombros, o vestido leve de *chiffon* que sugeria seus belos seios, os traços aristocráticos do rosto, os olhos azuis como o céu: parecia uma verdadeira diva.

Não deixou de ser notada por alguns indivíduos sentados numa mesa não muito distante. Entre eles estava Johnny Scalia, o comerciante de limões que ainda não havia digerido o golpe de algumas semanas antes. Scalia, assim que viu Isabel e reconheceu os outros dois, deu uma cotovelada no homem que estava sentado a seu lado. Indicou-lhe o trio, depois aproximou a boca do ouvido do outro e disse:

— São eles.

O homem se levantou da cadeira ao mesmo tempo que o outro indivíduo sentado a seu lado. Deviam ser dois mafiosos, pois traziam sob o paletó um coldre de couro com revólver. Os dois guarda-costas encaminhavam-se para a mesa dos três amigos, quando de repente um apito ressoou pela sala; todos se levantaram ao mesmo tempo e começaram a fugir, correndo de um lado para o outro como ratos ensandecidos à procura de uma saída.

Na porta principal, apareceram dois policiais fardados e oficiais da polícia à

paisana, bradando que todos se acalmassem e retornassem a seus lugares. Mas ninguém lhes dava ouvidos, e todos continuaram gritando e se empurrando para sair dali.

Dixie, assim que ouviu o apito, teve tempo de recomendar aos dois amigos que mantivessem a calma. A primeira coisa que o diretor lhe mostrara, antes mesmo das músicas que iria tocar, tinha sido o caminho da saída, para qualquer tipo de invasão, fosse da polícia ou da máfia. Os três juntaram-se aos músicos e desapareceram por baixo do palco, onde havia um alçapão que, por sua vez, levava a um túnel de quase um quilômetro que desembocava na lavanderia de um prédio próximo.

Na manhã seguinte, Dixie acordou cedo para comprar a primeira edição do *The New Republic*. Na noite anterior, um certo Tom Rice, crítico musical do jornal, tinha lhe prometido uma bela resenha. Dixie estava excitadíssimo e procurou a matéria na seção de espetáculos.

— Ah, aqui. — Dobrou o jornal e começou a ler a matéria. — Está assinada pelo Tom... "Centenas de pessoas estão na pista ou sentadas nas mesas ou diante do bar. Num canto afastado, fica uma fila de *taxi girls*: duas moedinhas para três danças. Do teto descem luzes avermelhadas e o ambiente é uma imensa babel. Mas o centro vital do salão está aqui em cima, no palco onde os rapazes da orquestra, alinhados em duas filas, batem os pés ritmadamente e transpiram sobre seus instrumentos. E quando os músicos de Teddy Hill começam a tocar o último refrão de uma de suas peças de resistência, os dançarinos se esquecem de dançar e se aglomeram na frente do palco. Levanta-se da cadeira o primeiro trompete. É Dixie, um magnífico rapaz do sul da Itália, bigodinhos de astro de cinema, que dispara uma nota longuíssima, conseguindo um *split* no final. Depois ele se exibe numa série de escalas vertiginosas, segundo a melhor tradição do Harlem. O chão vibra, o clube parece um dínamo e o ar enfumaçado se levanta em ondas... É uma música que até os surdos conseguiriam ouvir."

Dixie estava absolutamente eletrizado com a leitura da matéria. Saro também ficou feliz pelo amigo. A menos contente era Isabel, que percebia que estava perdendo Dixie. Mas assim é a vida. Estavam brindando com suas xícaras de café, quando três figuras imponentes cercaram a mesa.

Um deles disse:

— Venham conosco.

— Isso é uma ordem? — perguntou Dixie.

— Não, é um conselho! — retrucou o homem.

— Aceitamos o convite — respondeu Dixie com simpatia, levantando-se. — Será talvez um novo contrato?

— Seu próximo contrato será na lápide do cemitério — cortou, seco, o indivíduo.

Brian Stoker não gostava de telefone. Dizia que era coisa do diabo, inventada para desgastar as pessoas, e não tinha telefone em casa. Se alguém quisesse falar com ele, precisaria ligar antes para seu filho Damien. Depois Hugh, um dos dois guarda-costas do filho, corria até sua casa para lhe dar o recado.

Naquela segunda-feira, chegou um telefonema na casa de Damien. Uma voz anônima dizia que avisassem Brian: ele devia ir à casa de Kevin... porque este precisava de ajuda... estava perdendo sangue pelo cérebro... Damien telefonou imediatamente para Kevin, mas ninguém atendeu. Começou a ficar preocupado. Com Hugh, correu à casa do pai e o convenceu a ir com eles.

Tiveram de arrombar a porta. Gritaram, mas ninguém respondeu. Procuraram nos armários, debaixo da cama, até que Hugh entrou no banheiro e viu o amigo pendurado pelos pés no gancho do lustre. Ainda dava sinais de vida. Chamou Damien e juntos abaixaram Kevin. Este estava aturdido, em condições realmente críticas. Se quisessem salvar sua vida, teriam de levá-lo imediatamente ao hospital. Naquele meio-tempo o telefone tocou. Damien se aproximou do aparelho. Temia outra má notícia.

A mesma voz de antes sussurrou:

— Dessa vez eu tive piedade. Mas vocês esqueçam o quadrado entre a Quarta, a Sétima e a Primeira Avenida e a Avenida A. Se respeitarem o trato, não vai acontecer mais nenhum acidente, como infelizmente ocorreu com o "Sardas". Peçam que ele conte os detalhes, se ainda tiver forças para respirar.

Ferdinando Licata desligou sem esperar a resposta de Damien.

# 33. O sangue de Pilatos

Precisamente em 1939, a família de Vito Genovese ficou sem chefe. Dom Vitone fora obrigado a embarcar a toda pressa para a Itália devido a uma confusão que tinha aprontado dois anos antes e que o procurador distrital de Nova York, Thomas Dewey, desencavou dos arquivos, dessa vez decidido a prendê-lo.

Vito Genovese, Peter De Feo, Gus Frasca e Mike Mirandi tinham resolvido depenar no pôquer um ingênuo empresário da área de construção, que tivera a imprudência de mostrar os bolsos recheados de dinheiro. Arrancaram-lhe cento e dezesseis mil dólares na sala de Willie Gallo, trapaceando como raras vezes se vira no Brooklyn. O combinado era que dividiriam o bolo em partes iguais, de vinte três mil e duzentos dólares cada uma. Mas Gallo resolveu que a parte dele deveria ser pelo menos trinta e três mil, isto é, dez mil a mais pelo uso da sala. Os quatro, naturalmente, não quiseram saber e decidiram eliminar o sócio exigente demais.

Muito bem, dois anos depois a Procuradoria de Nova York voltara a investigar o crime, porque naquele meio-tempo Mike Mirandi, preso por tráfico de drogas, conseguira prisão domiciliar em troca de testemunhar sobre o assassinato de Willie Gallo.

Genovese, De Feo e Frasca, sabendo que a procuradoria ia denunciá-los por causa das delações de Mike, "o infame", como passou a ser chamado, desapareceram. Genovese foi para a Itália e os outros dois sumiram em algum lugar dos Estados Unidos.

Assim, de um dia para o outro, a família Genovese se viu acéfala. Quem assumiu o comando foi um sobrinho de dom Vitone: Sante Genovese.

Saro, Isabel e Dixie foram levados à sua presença. Como todos os

iniciantes, Sante era considerado um louco. Agia por instinto, era amoral, não sabia o que significava uma negociação, não conhecia a sutil arte da diplomacia. Estar diante de Sante para um veredicto era realmente perigoso. Mas isso nossos três amigos não sabiam. Naquele momento, sabiam apenas que estavam na presença do número um da família Genovese, a família mafiosa mais importante de Nova York, e só esse fato já era motivo de preocupação.

Na sala de visitas da casa Genovese, além de Sante estavam também Johnny Scalia mais duas pessoas da família e alguns guarda-costas. Num canto da sala, a pequena distância, estava Mike Genna, o *consigliori*.

Assim que Saro e seus amigos entraram na sala e viram o comerciante de limões, foram tomados por uma espécie de fraqueza no estômago.

— Então, conhecem este senhor? — perguntou Sante imediatamente aos recém-chegados.

Os três olharam para Johnny Scalia. Dixie arriscou um leve sorriso como cumprimento.

Saro foi o primeiro a falar:

— Mister Genovese... ou melhor, dom Sante — corrigiu-se —, conhecemos esse homem. Ele se deixou levar por nós três, no golpe do escritório alugado, e perdeu vinte e cinco mil dólares.

Sante sorriu.

— E o que vocês lhe venderam?

— Um lote de caça-níqueis, com licença e tudo.

O chefão sacudiu a cabeça.

— Mister Johnny Scalia é da família, não devia ter sofrido essa afronta.

— Dom Sante, se soubéssemos disso, não teríamos chegado nem perto dele — desculpou-se Saro. — Mas ele não parava de esfregar debaixo do nosso nariz um maço de dólares deste tamanho! De qualquer forma, vamos devolver tudo — concluiu Saro. — Meu amigo pode ir buscar a bolsa?

Sante Genovese fez um sinal de concordância e mandou um de seus seguranças acompanhar Dixie. Este, não muito animado, saiu da sala escoltado pelo homem de Genovese.

— Dom Sante, nossas desculpas — retomou Saro —, devo dizer que não podíamos imaginar que o grande Genovese pudesse ser o padrinho de tamanho pateta.

Isabel conteve um sorriso, esperando uma reação despropositada.

O chefão ficou alguns instantes perplexo. Não sabia se devia se sentir ofendido ou não.

— Pensou em bancar o esperto só porque é jovem? — perguntou, levantando-se da poltrona e se aproximando de Saro. — Nunca gostei de cães soltos... mais cedo ou mais tarde, eles se juntam em matilhas e ficam perigosos.

— Mas os cães também se afeiçoam a um dono. É só jogar um osso de vez em quando — replicou Saro.

Sante ignorou aquelas palavras e se aproximou de Isabel.

— Não sei bem o que vou fazer com vocês... embora seja uma grande pena desperdiçar toda essa maravilha... — Girou ao redor da moça e, quando estava atrás dela, não pôde deixar de contemplar sua bela bundinha.

Mas a essa altura foi interrompido por um de seus homens, que lhe disse:

— Vanni chegou.

— Quem? — Sante tinha ocupado o lugar do tio fazia poucas semanas e ainda não aprendera os nomes de todos os cobradores.

— Carmelo Vanni, o cobrador da família Bontade.

Aquelas palavras soaram como melodia nos ouvidos de Sante.

Sante foi até a porta, deixou-a aberta e Carmelo Vanni viu na sala um jovem que reconheceu de imediato. Jamais poderia esquecer aquele rapaz.

— Perdoe-me se me intrometo em seus negócios, Sante... mas por acaso estou reconhecendo aquele rapaz ali. Ele salvou minha vida e nunca tive oportunidade de lhe agradecer. Se não fosse por ele, os Stoker teriam me mandado para o outro mundo. Aqueles desgraçados queriam nos tomar a grana da funerária de Enzo Carruba. Mas aquela zona é nossa, de Bontade. Posso ir cumprimentá-lo?

— Antes o dever, Vanni. Depois o prazer.

Vanni entregou-lhe o envelope com o valor recolhido em alguns dos esquemas do território dos Bontade. Depois recebeu permissão para ir cumprimentar Saro.

Carmelo Vanni abraçou Saro calorosamente, dando-lhe grandes palmadas nas costas.

— Se você soubesse o quanto te procurei. Precisamos de pessoas espertas como você. — Olhou Sante e acrescentou: — Falando com todo o respeito, dom, caso não seja um dos seus.

Sante foi pego de surpresa e não quis mostrar que Saro, pelo contrário, estava prestes a receber um castigo definitivo por ter trapaceado um de seus protegidos. Assim, preferiu fazer um sinal afirmativo.

— Bom, bom... não podia estar em melhores mãos, amigo — concluiu Vanni dirigindo-se a Saro. — Em todo caso, qualquer problema, sabe a quem

recorrer. Devo-lhe um favor.

Apertou a mão de Saro, depois se despediu de Sante Genovese.

— Até o mês que vem, chefe.

Alguns minutos depois, Dixie voltou com a bolsa cheia dos dólares do comerciante de limões. Colocou-a em cima da mesa e, com a desfaçatez que só ele conseguia ter, dirigiu-se a Genovese com seu habitual meio sorriso, que não se entendia bem se era de caçoada ou uma tentativa de conquistar a simpatia do interlocutor.

— Preciso lhe pedir um favor pessoal.

Sante Genovese o fitou desconfiado. Nem ele conseguia decifrar aquele sorrisinho irônico.

— Vamos, fale, do que se trata? — Enquanto isso, aproximou-se da bolsa, pegou-a e guardou em seu cofre: era a remuneração pelo incômodo.

Após o telefonema do indivíduo que havia torturado Kevin, os Stoker identificaram no quadrilátero indicado pelo misterioso personagem os pontos comerciais que pagavam a eles. Havia uns dois restaurantes, três bares, algumas lojas de roupas, uma lavanderia, um prostíbulo: em suma, perderiam uma gorda fatia de seus ganhos. Kevin ainda estava em estado de choque e dizia não se lembrar de nada, pois estava bêbado quando foi agredido e o apartamento estava às escuras, enfim, não sabia quem e quantos o tinham deixado naquelas condições.

Brian Stoker não era o tipo de sujeito que se deixava intimidar por um telefonema. Mas precisava descobrir se era uma jogada da família Bontade, um revide por sua tentativa de pegar a funerária do bairro de Baxter Street.

Fingiu aceitar o jogo daquele misterioso interlocutor, deixando o bairro em paz por algum tempo, mas decidiu que continuariam a procurar e a vigiar muito discretamente o quadrilátero indicado pela voz ao telefone.

Nas semanas seguintes, a região ao redor da Tompkins Square pareceu renascer. Não se via mais o pessoal de Stoker nas redondezas, principalmente Damien, a não ser de vez em quando, e eles até tinham parado de cobrar dinheiro dos estabelecimentos comerciais daquela área.

Não se sabe muito bem como nascem certas lendas urbanas, mas o fato é

que as pessoas do bairro começaram a cumprimentar Ferdinando Licata com alguma deferência. Quando ele passava, mesmo as mulheres lhe abriam caminho. Na banca de frutas e verduras, sempre era atendido na frente dos outros, embora ele se recusasse e quisesse esperar sua vez. E Michele, o dono, dava de graça grande parte das compras que ele fazia para o restaurante, para a enorme alegria de Nico.

Em suma, corriam comentários, nascidos não se sabe onde, de que aquela paz no bairro se devia a uma intervenção dele depois do roubo no La Tonnara e do sequestro de sua sobrinha-neta.

Licata não gostava disso, porque o expunha demais, e acharia muito melhor permanecer invisível.

Ferdinando Licata sabia que os Stoker constituíam um grande perigo para a comunidade. Ao menos os Bontade, que certamente não eram amados, tinham um código de honra que sabiam respeitar. Os Stoker, não. Para os Stoker não havia regras, coisa inadmissível na cultura mafiosa daqueles anos. Além do mais, Licata sabia que sua intervenção, sabe-se lá como, não passara despercebida e que seu nome estava na boca de todos os moradores do bairro.

Licata devia enfrentar um conflito pessoal que se prolongava por toda a sua vida. Mas já sabia a resposta. Considerava melhor ter as mãos banhadas em sangue do que na água de Pilatos. Assim pensava, e continuaria a seguir esse princípio.

Precisava encontrar uma maneira de se livrar das duas famílias ou, pelo menos, da dos irlandeses. Essa era a preocupação que começou a atormentá-lo e que continuou a remoê-lo nos dias que se seguiram.

Dixie estava ciente de que a família Genovese tinha participação em muitos bares e clubes da cidade. No dia em que ele e seus amigos foram obrigados a devolver a bolsa com o dinheiro roubado ao comerciante de limões, teve a coragem de pedir a Sante Genovese que o recomendasse ao diretor de alguma casa noturna, para que ele tocasse e ganhasse alguns trocados. Sante, que esperava sabe-se lá que pedido, sorriu diante daquela modesta pretensão. Como era um frequentador apaixonado dos bares onde se tocava suingue e admirava a habilidade dos músicos, decidiu dar uma ajuda àquele artista

desempregado.

— Pelo menos você vai me deixar em paz com os meus negócios — respondeu-lhe, rindo, e lhe conseguiu um encontro com seu amigo John Hammond.

John era um jovem de vinte e nove anos, mas mesmo com essa idade já era considerado um grande caça talentos no mundo dos músicos. Conhecia todos os porões e todas as bibocas onde se tocava jazz. Bastavam-lhe três notas para reconhecer um verdadeiro talento. No ano anterior, conseguira organizar um festival chamado *From Spirituals to Swing* no austero Carnegie Hall, o templo da música clássica. Fez desfilar todos os conjuntos que, segundo ele, tinham algo a dizer no cenário musical daqueles anos, e o sucesso foi enorme.

Hammond conseguiu incluir Dixie em algumas pequenas formações, para avaliar sua habilidade de trompetista.

Uma dessas formações tocava na Broadway, no Paramount. No palco alternavam-se orquestras de grande apelo e conjuntos de vanguarda, sempre dotados de músicos de primeira qualidade.

Na noite em que Dixie estreou, a *big orchestra* era a de Benny Goodman. Ele tinha sido posto num conjunto, os Five Brothers, dirigido pelo siciliano Giuseppe Venuti, um violinista de gênio expansivo que emanava grande simpatia. De saída, Dixie se deu bem com ele, que era conhecido como Joe Venuti.

Graças aos contatos de Sante Genovese, Saro e Isabel conseguiram dois lugares na primeira fila. Era uma noite de gala e os dois gastaram uma fortuna para alugar suas roupas. Isabel usava um vestido leve de seda vermelha que combinava perfeitamente com seus cabelos, presos num elegante coque. O vestido era muito recatado na frente, com uma gola branca que lhe dava um ar de colegial, mas as costas estavam totalmente descobertas, com um amplo decote que chegava quase até a cintura, tornando-a extremamente sexy.

Saro usava um smoking branco pela primeira vez na vida. Não se sentia à vontade e temia estar ridículo, mas, graças à sua capacidade de adaptação, depois de duas horas o smoking já lhe parecia uma segunda pele.

Isabel estava eufórica.

— Sinto que esta será a noite da minha vida — disse a Saro enquanto se dirigiam a seus lugares.

— Na verdade, é a de Dixie... se ele não errar alguma nota — respondeu o amigo.

— É a nossa noite... — replicou, enigmática, a bela irlandesa.

Saro sentiu um frêmito no coração.

— Nossa? — Não havia entendido bem a quem ela se referia.

— Sim, nossa, minha e de Domenico — especificou Isabel, fitando-o com imensos olhos azuis que brilhavam de felicidade. — Vou pedi-lo em casamento.

Saro se entristeceu e se afundou na poltrona.

— Eu pensei que os homens é que fizessem o pedido de casamento.

— Talvez no seu país. Na Irlanda, somos nós, as mulheres, que decidimos.

Imediatamente a imagem de Mena se materializou no espírito de Saro. Ele tinha lhe jurado amor eterno, mas se sentia irresistivelmente atraído pela beleza nórdica de Isabel. Talvez fossem as atitudes desinibidas dela, enquanto Mena era pudica em seus sentimentos.

Um rufar de tambor o trouxe de volta à realidade. No palco apareceu John Hammond, que logo apresentou a orquestra de Benny Goodman. Abriram-se as cortinas, os músicos começaram e ele entrou, sob uma grande ovação da plateia.

Alternaram-se outras orquestras e outras pequenas formações. Naquela noite, foi a primeira apresentação conjunta dos três melhores pianistas de *boogie woogie*, que o próprio Hammond tinha descoberto martelando teclas de piano em porões sórdidos do Harlem. Tratava-se de Pete Johnson, de Kansas City, e Meade Lux Lewis e Albert Ammons, de Chicago. Exibiram-se com uma nova versão de "Honky tonk train blues", fazendo o teatro literalmente vibrar. A partir dessa noite, a dança estourou com um tremendo sucesso em todo o país, e anos depois populações de toda a Europa, libertadas da tirania nazifascista, iriam dançar esse ritmo alegre.

A entrada dos Five Brothers, depois das loucas notas dos três pianistas, não foi acolhida com o mesmo entusiasmo. John Hammond, apesar de seu faro, nunca teria imaginado que aquele novo ritmo fosse alcançar um sucesso tão estrondoso.

Joe Venuti, o líder da banda, decidiu na hora mudar o programa e incluiu no repertório músicas mais rápidas, de grande impacto rítmico, onde se usaria muito o *riff*. Além dele e de Dixie, a banda contava com bons músicos que tocavam na orquestra de Woody Herman, como Joe Bishop.

Apresentaram músicas irresistíveis e o sucesso da formação foi arrebatador. No meio daqueles solistas experientes, Dixie não causou má impressão e também recebeu sua boa dose de aplausos em pleno palco.

No final da apresentação, Isabel e Saro foram cumprimentar o amigo nos bastidores. Lá já se encontrava o crítico musical do *New Republic*, Tom Rice,

que estava realmente entusiasmado com a habilidade de Dixie.

Isabel o abraçou e o beijou no rosto. Dixie, eufórico, deu-lhe um profundo beijo na boca. Sua língua penetrou fundo, procurando a dela, e Isabel, que não esperava outra coisa, retribuiu, sugando-lhe apaixonadamente os lábios, a língua e de novo os lábios macios.

O beijo foi tão ardente e prolongado que os músicos e amigos se viraram para aplaudir aquela efusão repentina. Os dois se soltaram, como que deslumbrados pela própria impetuosidade, e coraram, entrelaçando os dedos das mãos e comprimindo-os até fundi-las numa só mão.

Saro se acercou dos dois amigos. Estava feliz por eles, mas era uma alegria apenas exterior.

— Enfim, parabéns dobrados — disse a Dixie.

Na verdade, vendo a paixão que transbordara entre os dois, sentiu um sopro de amargura no coração. Estava para se afastar, mas Dixie o segurou.

— Epa, espere, vamos brindar juntos, como sempre.

— Obrigado, mas não quero segurar vela — respondeu Saro.

— Tenho um desejo: partilhar o sucesso desta noite com meus dois amigos mais queridos.

— Bom, agora só sobrou um — disse Saro, sorrindo e olhando para Isabel. — Alguém aqui se tornou mais que amigo...

— Ouviu, Isabel? Ele está dizendo que você não é mais minha amiga.

A ruiva irlandesa olhava extasiada para seu herói e assentiu com a cabeça, enquanto lhe estampava mais um beijo na boca.

— Vamos nos embebedar! Dessa vez a noite será curta demais para nós — exclamou Dixie, e os três saíram do teatro abraçados e felizes como crianças.

# 34. Cocaína no almoço

Depois do fim da Lei Seca, as organizações criminosas que tinham construído impérios econômicos com o contrabando de álcool foram obrigadas a encontrar o mais rápido possível uma nova substância para substituir a bebida, que agora era legal. E o que havia de melhor do que os proibidíssimos entorpecentes? Foi assim que a máfia se tornou a maior controladora do mercado de drogas, transformando a toxicomania numa das piores pragas de todos os tempos.

Em maio de 1929, num luxuoso hotel de Atlantic City, Frank Costello conseguiu reunir a nata da máfia americana.

A reunião resultou na criação da Cosa Nostra, uma nova organização formada como um corpo único. A direção executiva ficou em Nova York e a presidência foi confiada a Johnny Torrio.

A reunião de Atlantic City não contou com a participação de Salvatore Lucania, chamado Luciano, siciliano puro-sangue, porque seu caráter violento e insolente não era bem-visto pelas comunidades mafiosas italianas dos Estados Unidos.

Mas Luciano era um elemento muito valioso para aquela nova organização, e Costello, estrategista inteligente que era, sabia muito bem disso. De fato, tinha sido Luciano o único a conseguir estabelecer ligações com os traficantes franceses e italianos. Desde o final dos anos 1920, ele tinha montado uma complexa estrutura organizacional, que importava grandes lotes de drogas dos mercados produtores e distribuía nos bairros da grande metrópole através de empresas farmacêuticas e indústrias químicas estrangeiras. Naqueles anos, ainda não havia legislação contra a retirada de heroína e de morfina das cargas destinadas a usos terapêuticos.

Graças a esse tráfico, Luciano conseguira acumular um imenso patrimônio, fato que começava a incomodar alguns de seus inimigos.

Cinco meses depois da reunião de Atlantic City, Luciano foi detido no cruzamento entre a Sexta Avenida e a rua 50 por três matadores, que o colocaram dentro de um carro preto de alta cilindrada que seguiu para a periferia do Brooklyn. Entraram com o carro num galpão caindo aos pedaços. Diz a lenda que a única frase de Luciano foi:

— Façam o que vocês têm de fazer, mas vamos logo.

Não foi atendido. Foi submetido a todos os tipos de tortura. Os três brutamontes o penduraram de cabeça para baixo, preso ao gancho de uma roldana. Amarraram seus pulsos com arame. Arrancaram seu terno elegante e o chicotearam com uma correia em todo o corpo. Depois, o mais sádico dos três se divertiu marcando-lhe a pele com a ponta de uma faca, afiada como uma navalha. O outro usou seu rosto como saco de pancadas, desfigurando seus traços. Um verdadeiro massacre. Os três, achando que o tinham matado, abandonaram-no ali.

Mas calcularam mal a resistência de Luciano, que foi socorrido por um mendigo e levado ao hospital, onde continuou de boca fechada. A partir de então, Salvatore Luciano se tornou para todos "Lucky" Luciano. Luciano, "o sortudo".

Luciano desapareceu por alguns meses, escondido num local protegido por amigos. Esperou que as feridas se curassem, os ossos voltassem ao lugar, as contusões desaparecessem, e então retomou as rédeas de sua organização, a qual, nesse ínterim, continuou funcionando do mesmo modo. O grande faturamento com o tráfico de entorpecentes, superior a qualquer outro comércio ilegal, lhe permitia comprar até os chefes de governo. O mercado de Nova York era seu, mas ele tivera a habilidade de subdividi-lo em cerca de vinte zonas, que ficavam sob a jurisdição de vinte famílias, as quais recolhiam regularmente dez por cento em seu caixa.

Luciano soubera organizar a distribuição de drogas com a perícia de um grande estrategista, por meio de uma densa rede de relações que não remetiam a ele. De fato, o maior traficante de drogas de todos os tempos jamais pôde ser acusado de tráfico de entorpecentes pelos procuradores de Nova York.

Para os Bontade e os Stoker, esse mercado também representava uma porcentagem importante de seu faturamento. As duas famílias tinham chegado

muitas vezes às vias de fato simplesmente porque seus territórios eram vizinhos. Os Bontade, que por sua vez dependiam da família Genovese, tinham o controle de uma parte do bairro de Little Italy, enquanto os Stoker mandavam no bairro de Hamilton Fish Park.

Já haviam ocorrido algumas invasões de território resolvidas com uma boa quantidade de balas. Mas, desde a criação da Organização em Atlantic City, era expressamente proibido resolver as controvérsias por conta própria. O primeiro ponto do acordo de Atlantic City estabelecia que toda e qualquer controvérsia deveria ser regulamentada por um comitê executivo.

Todo o mecanismo era do conhecimento de Ferdinando Licata, que decidira jogar suas cartas exatamente nesse terreno.

Desde que chegara aos Estados Unidos, Licata não mantivera relações sexuais com nenhuma mulher. Agora começava a sentir desejo e, num sábado, anunciou a Betty que iria encontrar à noite alguns amigos sicilianos e voltaria de madrugada... por isso ela não devia esperá-lo.

Licata sabia aonde ir. Um rufião napolitano, apresentado por Jack Mastrangelo, havia recomendado uma garota no Limon Blue, em Chelsea, bem provida de tudo: cocaína, quarto de luxo, seios de dar inveja a Ginger Rogers. Mas o que mais interessou a Licata foi o ódio que a jovem cultivava por seu chefe, Lucky Luciano.

Naquele sábado à noite, Ferdinando Licata vestiu a roupa mais jovial que tinha, pôs perfume e foi para o Limon Blue.

O ambiente era parecido com o de milhões de outras casas noturnas: poltroninhas de veludo vermelho, reservados discretos, mesinhas redondas para jantar, pequenas saletas para assistir ao espetáculo. Atmosfera luxuosa. As garotas eram de primeira categoria, sem traços vulgares, mas suas formas em evidência fariam um moribundo saltar do leito.

Ferdinando Licata se sentou longe do palco. Pediu ao garçom um burbom... e Marta. Ele se afastou e pouco depois a jovem se materializou ao lado de Licata.

Sem dúvida. Os seios de Marta eram de dar inveja a Ginger Rogers, e o príncipe, na alcova da jovem naquela noite, soube fazer jus à honra dos sicilianos.

— Parabéns, príncipe... Os italianos jamais deixam a desejar. Corre-se até o perigo de se cair de paixão por vocês — disse a jovem em tom faceiro, para

agradá-lo.

Embora soubesse que aquilo era encenação, o príncipe se sentiu orgulhoso.

— Não é preciso ter medo do amor. Você teria medo de se apaixonar por mim? — perguntou, desafiando-a e abraçando sua cintura com seus braços vigorosos.

Mas ela se soltou do abraço e montou nele, imobilizando seus pulsos.

— Você ainda não me contou o que faz na vida.

— Faço dinheiro — respondeu ele com um sorriso maroto, tentando lamber-lhe o bico de um seio.

— Dizendo assim, parece até fácil. Você me ensina como se faz?

— Tem gente com muitos milhões no banco que não sabe como investir seu dinheiro. Eu tenho a habilidade de centuplicar esses capitais em poucos dias.

Ela tombou sobre ele e começou a mordiscar o lóbulo de sua orelha.

— Vou chamar você de Creso, então. Tudo que ele tocava virava ouro.

— Meu ouro é a droga — sussurrou, e sorriu ao ver o rosto de Marta. — Eu a desiludi?

— Não, só estou admirada. Teria pensado em tudo... — Marta se virou para o lado. A magia havia desaparecido.

— Agora me confiaram uma montanha de dinheiro. Cem mil dólares. Preciso comprar um pouco de mercadoria, mas estou penando para encontrar o vendedor certo. Até agora só encontrei um pessoal meia-boca. Preciso de um vendedor só, que tenha toda essa mercadoria de uma vez. É assim que sempre escapei da Justiça.

— Cem mil dólares é uma dinheirama.

— Uma transação, e pronto. É por isso que quero falar apenas com um distribuidor... Mas quero mercadoria de primeira qualidade, estou disposto até a pagar um pouco acima do preço de mercado, mas precisa ser mercadoria de primeira qualidade... e tenho um prazo de duas semanas. Se não encontrar aqui em Nova York, vou procurar em Chicago... Agora você já sabe por que sou tão rico. Mas te peço uma coisa — e fez sinal para ela ficar de boca fechada.

Mas ele conhecia muito bem aquele tipo de mulher. Sabia que ela logo iria contar tudo a seu cafetão, que por sua vez informaria o contato que tinha ligação direta com a família. Uma dica tão apetitosa poderia valer uma boa dose extra de drogas para todos.

A isca lançada por Ferdinando Licata foi imediatamente farejada por um dos peixes grandes da família Bontade, "grande" no sentido literal da palavra, porque Big Jordan tinha sido na juventude um competidor olímpico de canoagem. Com o passar dos anos, seu físico havia se transformado numa massa de gordura, provável consequência das substâncias dopantes que ingeria maciçamente nos anos de competição. Com um metro e noventa de altura e cento e cinquenta quilos de peso, ele parecia um gigante desengonçado ou, pior, um ogro das assustadoras fábulas europeias. Big Jordan era primo, por parte de mãe, de Cooper, um dos guarda-costas de Tom Bontade. E Tom o tinha em grande consideração, porque desde meninos sempre mantiveram contato. Era uma espécie de irmão para ele.

Marta, a apimentada francesinha, era a única que conseguia satisfazer sua libido. Foi numa daquelas extenuantes noitadas, dedicadas a práticas eróticas especiais necessárias para despertar o desejo de Big Jordan, que a pequena Marta contou ao cliente o que ouvira de Licata.

— Quer cem mil dólares em droga? — repetiu o gigante, interessado.

— Isso mesmo. Mas quer fazer uma compra só. Faz isso para diminuir os riscos — respondeu a jovem, prosseguindo com suas manobras.

Big Jordan contou a dica ao primo Cooper e, juntos, eles informaram Tom Bontade.

A oferta era um tanto insólita. Além disso, oferecer acima do preço de mercado fugia a todas as regras. Mas o negócio era interessante demais para deixar passar. Cem mil dólares era um valor muito respeitável, um sexto do faturamento de um ano inteiro. Mas onde encontrar vinte quilos de cocaína em menos de duas semanas?

No mundo do crime organizado, essas notícias correm à velocidade da luz. Em poucas horas, o pedido de uma grande quantidade de cocaína pura chegou a todas as famílias de Nova York. Para atender a esse pedido, teriam de juntar o fornecimento de duas ou três famílias.

Os Bontade foram procurados pelos Stoker. Eles também sabiam do pedido exorbitante e queriam fazer um cartel com seus eternos rivais.

Hugh, um dos guarda-costas de Damien Stoker, encontrou-se com Cooper, e os dois combinaram uma reunião entre seus respectivos chefões: Tom Bontade e Brian Stoker.

# 35. Marido ideal é o solteiro

O clamoroso sucesso que Dixie alcançara no Paramount tinha aumentado o ardor da irrequieta ruiva. Para ela, o jovem trompetista se convertera numa espécie de ídolo, um tesouro a ser agarrado antes que outra o levasse.

Como um ato libertador extremo, Dixie propôs a Saro e Isabel irem se embebedar no Big Max, local famoso em Nova York pelas fortes transgressões sexuais. Ele comentou o fato com os dois amigos, Isabel rompeu a relutância inicial de Saro e aplaudiu com gritinhos de prazer a ideia de Dixie.

O lugar estava cheio, mas, graças aos conhecimentos de Dixie, o leão de chácara conseguiu acomodá-los entre um nicho e uma saleta. O ambiente estava carregado de fumaça. Mal se conseguia ver o que acontecia no palco. Naquele momento apresentava-se um pintor da chamada *Hollers Art*. O artista negro veio para a frente do palco com um grande pincel na mão, totalmente nu, exceto por um aventalzinho engraçado que lhe cobria a frente. Quando o holofote o iluminou, o trio musical, formado por um piano, um contrabaixo e a bateria, começou um sensualíssimo blues.

Então o homem saiu de lado, desaparecendo no escuro. No mesmo instante, um longuíssimo agudo invadiu a sala. Uma luz se ergueu e enquadrou uma vênus negra e bela como uma estátua, também inteiramente nua, com o púbis coberto por um microscópico pedacinho de pano preto em forma de triângulo. A mulher, com voz de soprano, continuou com seus gorjeios, enquanto o homem se aproximou dela depois de mergulhar o pincel numa lata de tinta vermelha. Com estudada lentidão, ele passou o pincel na pele negra das coxas dela. Diante da cena, o público composto de brancos e negros começou a apupar, rir e assobiar. O homem espalhou tinta nos quadris dela, depois no ventre, pintando sua tanga de vermelho, e subiu para os seios, enquanto os assobios de aprovação já encobriam as notas musicais. Ela continuava a ofegar de prazer, simulando um abraço com o pincel com agudos

improvisados. No público, os casais apertavam-se as mãos e se acariciavam. A própria Isabel, que já estava excitadíssima antes mesmo de entrar no local, não soube resistir àquelas simulações demasiado evidentes e acariciava Dixie, encostava sua coxa na dele, beijava os lóbulos de suas orelhas, fitava-o demoradamente nos olhos. Depois escorregou a mão por baixo da mesa, tocou-lhe o joelho e subiu para o interior da coxa de Dixie, que a olhou embevecido. Saro estava sentado na frente deles, virado para o palco onde se dava a performance, e intuía que atrás de si se desenrolava outra, mas tentou ignorá-la.

O pintor virou a modelo, fazendo-a ficar de costas para os espectadores. Ergueu-se na sala um ulular de admiração por suas formas perfeitas. A mulher tinha os ombros bem-proporcionados, e as costas confluíam para a circunferência da cintura fina como a de uma bailarina clássica, numa silhueta que então se avolumava nos quadris altos e vigorosos, que davam suporte a dois glúteos rijos como os de um atleta.

Enquanto a mulher continuava cantando, o homem continuava cobrindo-a de tinta. E ele parecia colocar toda sua paixão naquela obra, enquanto ela, cada vez que as cerdas do pincel percorriam sua pele, suspirava e simulava um orgasmo.

Enquanto isso, Isabel tinha conseguido alcançar o membro de Dixie. Ela o apertou em sua mão quente. Fechou os olhos e Dixie fez o mesmo. Os lábios dos dois se procuraram. Isabel o beijou intensamente, espalhando a massa de cabelos sobre o rosto dele. Saro se virou por um instante. Viu um absorvido no outro e se sentiu mal.

Dixie também chegara ao espasmo. Afastou a boca dos lábios de Isabel, pôs a mão em seus bastos cabelos encaracolados e empurrou sua nuca com delicadeza para baixo. Isabel escorregou agilmente na cadeira e desapareceu sob a toalha, onde encontrou sua presa pulsante.

Conforme a cantora subia o agudo em seus espasmos, aumentava a excitação de Isabel. Ela não era a única na sala a palpitar de desejo, mas era a única a satisfazê-lo.

No auge da cena, quando a modelo já estava com todo o corpo pintado, o homem deixou o pincel na lata já vazia e a fez se deitar sobre um lençol branco. Agora, com um último estertor de prazer, ela parara de cantar. Mas os instrumentistas continuavam, e apenas as notas graves do contrabaixo, sustentadas pelo ritmo da bateria, difundiam-se pela sala envolvida pela fumaça de cigarro e maconha.

O homem com o aventalzinho engraçado então chamou alguém do

público e pediu que segurasse uma ponta do lençol, enquanto ele segurava a outra. Num mesmo movimento, cobriram a modelo como em um sudário. O artista passou as mãos pelo corpo da mulher, para que a tinta aderisse melhor ao tecido, mas era um pretexto para lhe massagear as pernas, as coxas, esfregar seu ventre e por fim os seios, os quais apertou vigorosamente. Então se deitou sobre ela até cada centímetro do corpo se colar no lençol. Enquanto as últimas notas do contrabaixo ressaltavam aquele repentino movimento, o homem simulou um coito; por fim se levantou do corpo da modelo. Nisso, o baterista encerrou a música com um rufar de tambores e uma sinfonia final dos pratos.

Houve um aplauso libertador e naquele momento Dixie também explodiu de prazer. Todo o público se pôs de pé e aplaudiu com entusiasmo. Isabel surgiu de sob a toalha com a expressão contraída e os cabelos despenteados. Sem dizer uma palavra, abraçou Dixie, beijou-lhe a boca com ardor e, durante os aplausos, brincaram procurando mutuamente suas línguas.

Enquanto isso, no palco o artista retirou o lençol do corpo da modelo e a ergueu do chão. A maravilhosa vênus negra recebeu a ovação do público. Depois, junto com o companheiro, abriu o lençol e o mostrou às pessoas que aplaudiam felizes. Como em uma cópia fotográfica, as formas eram evidentes: os seios, a linha em "V" do baixo ventre, os ombros, os glúteos e as coxas.

Isabel e Dixie se levantaram da mesa agarrados um ao outro.

— Ouça, nós temos que ir embora — disse Dixie a Saro, enquanto Isabel ocultava o rosto apoiando-o no pescoço dele. — Você não se importa, não é?

Saro foi tomado pelo pânico. Não queria aceitar a realidade: Isabel era louca por Dixie. Procurou os olhos dela, mas Isabel não se moveu. O rosto estava escondido sob a grande massa de cabelos ruivos. Então Saro entendeu que tinha perdido. Jamais deixaria transparecer sua derrota.

— Imagine! O que vocês ainda estão fazendo aqui?

Viu os dois se afastarem abraçados, felizes de haver se encontrado.

Na Segunda Avenida, na altura da rua 10, havia um largo com uma densa vegetação de olmos. No centro desse pequeno bosque, ficava uma das igrejas mais antigas da cidade: St. Mark's in the Bowery. Uma verdadeira joia da arquitetura, com um tímpano sustentado por colunas gêmeas e uma agulha que se ergue ao céu como um obelisco. Isabel, ao vê-la logo que chegou a Nova York, sonhara um dia se casar precisamente ali, e agora o sonho se realizava.

Depois de três dias de paixão, sem saírem de casa, havia pedido a Dixie que

se casasse com ela. Davam-se bem, o sexo era bom, eram feitos um para o outro, não podiam desperdiçar aquela sorte.

Dixie pensou um momento e depois respondeu que era uma ótima ideia. Alguns dias para preparar os papéis, e na semana seguinte o padre da St. Mark's abençoava a união.

Saro bebeu o cálice de fel até o fim e foi padrinho deles. Radiantes de alegria, no final da cerimônia os dois recém-casados se despediram dos amigos e, no carro que Tom Rice havia emprestado a eles, partiram para a lua de mel em Coney Island, onde passaram os três dias mais intensos e apaixonados de suas vidas.

Por volta do meio-dia desciam até a praia para longos passeios. Depois voltavam ao quarto do motel e passavam o resto da tarde e boa parte da noite fazendo amor.

Naquelas mesmas horas, Saro se consumia com uma garrafa de péssimo uísque, na tentativa de se atordoar e assim afastar o sentimento de culpa que surgia sempre que pensava em Mena. A imagem da jovem que deixara na Sicília continuava presente em seu espírito. Mena prometera esperá-lo, e as mulheres sicilianas são capazes de morrer solteiras para manter a promessa. Mas Saro agora não tinha certeza se conseguiria manter a palavra.

Desde que chegara aos Estados Unidos, não havia recebido notícias da jovem. No início, quando a saudade era mais pungente, escrevia-lhe pelo menos uma vez por semana. Depois, aos poucos, começou a diminuir a frequência das cartas. Mas por que Mena nunca lhe respondera? Teria acontecido alguma coisa a ela? Ou talvez não acreditasse mais no amor deles?

Esses e outros pensamentos o torturavam desde que abria os olhos de manhã até a hora de se deitar. Como todos os jovens, Saro acreditava numa existência rica de satisfações, mas o destino não fora generoso com ele desde seu primeiro dia de vida, quando os pais o rejeitaram. Ele cresceu com um grande sentimento de culpa, carregando nos ombros os pecados daqueles dois jovens que tinham decidido não reconhecê-lo como fruto do seu amor. E Saro suportara em silêncio aquele fardo de culpa. Mas a má sorte ainda não o abandonara.

# 36. A vida é um trem que nunca para

Havia uma regra na máfia que ditava que, diante do lucro, todos os rancores pessoais deveriam ser postos de lado.

Tom Bontade e Brian Stoker decidiram esquecer os "desentendimentos" que até então prevaleciam entre eles e firmaram uma trégua que deveria durar pelo menos até a conclusão do negócio com o estrangeiro.

Os dois chefões se encontraram em campo neutro, em uma salinha do Country Club de Coney Island, na orla marítima. Os dois patriarcas haviam testemunhado muitas lutas durante a vida e sabiam quando era hora de suspender a violência e sacar as armas da diplomacia em prol do interesse comum: o dinheiro.

O encontro foi organizado por Sante Genovese, que nomeou como moderador seu próprio *consigliori*, Mike Genna.

— Genovese... Sante Genovese pediu expressamente que se suspenda qualquer hostilidade durante as negociações — iniciou Mike Genna, apoiando o copo de uísque na mesinha. — Nossos irmãos sicilianos querem saber se é possível confiar na Cosa Nostra. Querem saber se estamos unidos, se somos um corpo só. Luciano, da prisão, fez chegar a eles que o tráfico com a Sicília pode ser ampliado para todas as partes dos *States*, porque as famílias estão unidas. Por isso ele não vê com bons olhos as divergências entre vocês.

Embora Genna estivesse representando Genovese, ele media cuidadosamente as palavras, pois os dois interlocutores que tinha diante de si representavam duas das famílias mais importantes de Nova York, infundiam medo e exigiam respeito. Genna, na verdade, bem que gostaria de gritar com eles: "Chega dessas bobagens! Por culpa de vocês, nos últimos meses houve um retrocesso nos negócios, porque as pessoas estão com medo e a polícia está nos nossos calcanhares". Mas sabia que não podia falar à vontade e lançou mão de todas as artes retóricas pelas quais era famoso.

— Mister Genna, já fumamos o cachimbo da paz, se é isso que lhe interessa — respondeu Tom Bontade, o mais velho dos três, com um sorriso irônico. Brian Stoker concordou.

— Muito bem. Perdoem a franqueza, mas aqui estou como um embaixador, transmitindo as palavras e os pensamentos de outra pessoa. Passemos agora às ações que devem ser adotadas. Genovese me encarregou de lhes dizer que, se a quantidade de mercadoria que vocês têm não é suficiente, ele cederá uma parte de suas reservas. O que devo comunicar a ele? — e esperou que os dois respondessem.

Tom Bontade retomou a palavra:

— No que me diz respeito, faltam três quilos para completar a metade do fornecimento.

— Nós estamos em ordem — disse o irlandês com um orgulho indisfarçado.

Isso surpreendeu Genna, que lhe perguntou:

— E podemos saber como vocês têm todo esse estoque, mister Stoker?

— Os porto-riquenhos vão nos ajudar. Estamos negociando com eles. Vão nos arrumar noventa por cento do que falta.

— "Estamos negociando" significa que ainda não está com vocês, certo? — insistiu Mike Genna.

— Quer dizer que precisamos garantir o carregamento. Um deles quer estar presente durante a transação.

— Mas o siciliano só quer um interlocutor. — Genna começava a se inquietar.

— Fique tranquilo, eu garanto com meus bens pessoais — acalmou-o Brian Stoker. — O supervisor ficará a meu lado, enquanto um outro se encarregará concretamente da transação.

— Será um de meus homens — declarou Tom Bontade.

— Está bem para vocês? — perguntou Genna dirigindo-se a Stoker.

— Se for na presença de vocês, para mim está bem — respondeu, seco, o irlandês.

O acordo estava firmado. Agora podiam contatar o siciliano para a transação.

Marta sabia o nome do hotel onde Ferdinando Licata se hospedava em Nova York, e passou imediatamente a informação a Big Jordan.

Após o acordo entre Bontade e Stoker, Genna telefonou para o hotel. Apresentou-se e convidou Licata para uma partida de pôquer dali a alguns dias.

O príncipe declinou e avisou que mandaria em seu lugar um amigo de confiança, Jack Mastrangelo.

Enquanto esses fatos ocorriam em Coney Island, em outra região da metrópole Saro se encaminhava para seu amargo destino. Aturdido pelo álcool e com o ânimo abatido, vagueava à toa pelo bairro, até que chegou a Chelsea. Ficou curioso com a tabuleta espirituosa do Limon Blue e entrou em busca de companhia.

Parou no balcão do bar e pediu ao jovem que preparava alguns coquetéis:

— Tem um "suco de mulher" para mim? — Era a bebida anunciada como especialidade da casa.

— Claro, amigo, isso nunca deixamos faltar — respondeu com a frase que repetia pelo menos trezentas vezes por dia.

Ele lhe trouxe um copo e serviu uma mistura de burbom, gim e martíni, decorada com uma azeitona. Saro bebeu de um trago só e sentiu no estômago as chamas do inferno. Um pouco adiante, viu uma garota do local e, apontando-a para o atendente, disse:

— Sirva um para ela também.

Marta saiu do balcão e se aproximou dele.

— São dores de amor ou te demitiram? — perguntou ela, pegando o copo que o atendente pusera à sua frente, mas sem beber.

— Dores de amor? E o que é o amor? Você alguma vez o conheceu?

— Todos nós tivemos um pouco de amor na nossa vida — respondeu Marta, paciente. — Pelo menos o de nossa mãe.

— Minha mãe nem quis me ver quando nasci — disse-lhe Saro, fazendo sinal ao jovem do bar para lhe servir mais uma dose daquela mistura infernal.

— Então sua situação está feia mesmo — comentou Marta, que voltou a olhar ao redor. — É melhor você engolir essa bomba e ir dormir. Você vai ver, amanhã vai estar melhor.

Um sujeito tipo John Wayne se aproximou dela e lhe tirou o copo das mãos.

— O que uma bonequinha como você está fazendo num lugar como este? — Bebericou algumas gotas do drinque e devolveu o copo à mulher. — Você não quer uma cerveja em vez dessa porcaria?

Saro sentiu-se humilhado. Estava consciente de que não tinha forças, mas não podia deixar o desaforo passar em branco.

— Ei, amigo, a senhorita está comigo — disse, encarando o homem de frente.

Mas o sujeito o afastou com um inesperado vigor.

— A senhorita está com quem ela bem entender.

— Vocês não vão brigar agora. — Marta colocou-se entre os dois e se dirigiu a Saro. — Eu já te disse, vá para a cama, meu lindo, vá para casa e deixe essa bebedeira passar, o.k.?

Em seguida, virou-se para o valentão e o tomou pelo braço.

— Aonde você quer ir, amigo?

— Me chame de Joe.

— O.k., Joe. Vamos para a sua casa ou você tem medo da sua mulher?

— O que a minha mulher tem a ver? Claro que vamos para a sua.

— Ei... a senhorita estava conversando comigo. — Saro tentou novamente reagir, mas sabia que estava fazendo um papelão.

— E agora ela quer trepar comigo. Sai da frente, *dago* imundo.

*Dago* era um dos nomes com que os americanos haviam marcado os italianos. Não existia tratamento que irritasse mais a colônia italiana.

Marta saiu com o homem do bar, antes que estourasse algo desagradável.

As garotas que trabalhavam no Limon Blue podiam usar alguns quartos que ficavam em cima do bar, e que o próprio dono colocava à disposição delas em troca da metade do que elas recebiam. Chegava-se a eles por uma escada de serviço. Dessa forma preservava-se a moral pública ou, pelo menos, assim se considerava.

Marta e o grandão chegaram ao pátio interno do estabelecimento e subiram a escada de metal. Seguindo-a, o homem apalpou suas belas coxas torneadas com a desculpa de ajudá-la a subir. Marta riu, achando graça, e o homem também; voltou a tocá-la, mas agora empurrando-a com o dedo do meio entre suas nádegas.

Saro os seguiu a tempo de ver essa cena. Os dois pareciam alegres namorados.

Estava desmoralizado e de repente sentiu a solidão apertar-lhe a garganta.

Viu os dois fecharem a porta do quarto, e isso foi como morrer. Dobrou-se sobre si mesmo de raiva e impotência. Praguejou contra seu destino e sentiu raiva do mundo todo, principalmente daquele caubói vulgar e daquela meretriz que não quisera ficar com ele. Levantou a cabeça. Sua visão estava turvada pelo álcool. Olhou para a porta e começou a subir a escada de metal.

Por volta de 1920, surgira no *Collier's* de Chicago um artigo escrito por um jornalista criminal anônimo: "A maior contribuição para a criminalidade se deu em nossa geração. Trata-se de uma máquina mortífera diabólica, um instrumento de destruição de um potencial inimaginável, hoje à disposição de qualquer um...".

O repórter referia-se à submetralhadora Thompson, também conhecida pelos gângsteres como "o piano de Chicago" ou "a fatiadora". A "Tommy gun", outro apelido dela, tinha sido projetada pelo comandante de brigada John T. Thompson, responsável pelos arsenais durante a Primeira Guerra Mundial. O comandante a desenvolvera para a guerra de trincheira, mas os primeiros exemplares surgiram apenas em 1920, quando já fora assinado o tratado de paz. Devido a seu potencial de fogo, a arma tinha sido boicotada tanto pelo Exército quanto pela polícia, mas para a marginalidade constituiu um verdadeiro salto de qualidade e logo se tornou a arma obrigatória de todo gângster.

A Thompson pesava pouco mais de quatro quilos, e mesmo assim um rapazinho poderia usá-la. Tinha uma capacidade de fogo de mil balas de calibre 45 por minuto. A uma distância de quatrocentos e cinquenta metros, perfurava uma tábua de madeira de sete centímetros de espessura, e a uma distância menor era capaz de atravessar uma parede. Podia ser comprada até pelo correio, em quantidade ilimitada. Por lei, bastava que o vendedor registrasse o nome completo do comprador, o qual geralmente acabava sendo o de alguma inocente velhinha de mais de oitenta anos. Entre Chicago e Nova York, a Thompson provocou massacres memoráveis, que se inscreveram nos anais da criminalidade.

Depois, nos anos 1930, a lei se tornou mais restritiva, e só se conseguia adquirir uma Thompson no mercado negro, por dois mil dólares.

Foi o preço pago por Jack Mastrangelo, o homem de confiança de Ferdinando Licata.

Mastrangelo, dessa vez, marcara um encontro com dois malandros do Harlem na Rodmans Neck, em Pelham Bay, lugar perfeito para treinar com aquelas metralhadoras de mão, pois era despovoado num raio de vários quilômetros, e a estrada deixara de ser frequentada fazia muitos anos.

Era a segunda vez que encontrava aqueles patetas. A primeira vez tinha sido para conhecê-los, para ver se estariam à altura da tarefa que devia lhes confiar. Concluiu que eram dois bandidinhos de periferia, mas suficientemente ferozes e amorais para dar conta do encargo.

Mastrangelo chegou antes do horário e ocultou o carro atrás de uma moita,

a um quilômetro e meio do local onde haviam marcado o encontro. Depois se aproximou dando uma volta bem larga, com as Thompsons a tiracolo.

No cruzamento combinado com os dois marginais negros, havia uma placa enferrujada de uma parada de ônibus desativada.

Mastrangelo se escondeu atrás de uma árvore e esperou com paciência a chegada dos dois.

Vinte minutos mais tarde, ouviu um carro se aproximar à distância. Na curva apareceu um Ford enferrujado com três homens negros. Aquela insubordinação o contrariou. Reconheceu o terceiro rapaz. Conhecia-o bem, era Abraham Solo. Não tinha o que temer: era um exaltado como os outros dois. Na direção do Ford, estava Gabriel, chamado de "Spike", o mais velho, e no banco do passageiro, Cornelio. No banco detrás, estava o penetra Abraham, que Mastrangelo conhecera no assalto a uma mercearia.

Ao chegar ao cruzamento, Gabriel saiu da estrada e parou o automóvel, levantando uma grande nuvem de poeira. Quando a poeira baixou, Mastrangelo, no esconderijo, viu os três descerem e esticar as pernas.

Depois de se certificar que eles não tinham sido seguidos, Mastrangelo saiu de onde estava.

— O combinado era que viriam dois — disse aproximando-se com as duas Thompsons a tiracolo.

— Ora, Jack, não diga bobagens. Dois, três, quatro, que diferença faz? — retrucou Gabriel indo ao encontro dele. — Abraham pode nos dar uma boa mão.

— Bom, problema de vocês, não meu. — Tirou do ombro as duas submetralhadoras e deu uma a Gabriel e outra a Cornelio.

Os dois negros estavam animadíssimos.

— Caramba, isto aqui é demais! — Cornelio empunhou a arma, imitando uma rajada contra os amigos.

"Parece uma criança", pensou Mastrangelo desconsolado. "Nem os bandidos são mais como os de antigamente."

— Vamos sair daqui, pode passar alguém — disse, suspirando, e se encaminhou para uma vala próxima. Desceram uns cem metros, até o fundo dela. — Pronto, aqui está bom. Cuidado com o coice. Vocês precisam segurar firme o apoio com a esquerda, ou correm o risco de um matar o outro. E não fiquem apertando o gatilho sem parar, senão acabam com o carregador em poucos segundos. Deem rajadas rápidas. Não precisa mirar. Vamos, experimentem. Atirem naquela árvore.

Os dois fizeram exatamente o contrário do que Mastrangelo havia dito. Mantiveram o gatilho apertado o tempo todo e não seguraram o apoio com força suficiente. O carregador acabou depois de poucos segundos e eles acertaram tudo, menos a árvore.

— Malditos idiotas — resmungou Jack consigo mesmo. — Esses carregadores custam trinta dólares cada um no mercado negro. Será que eu vou ter que descontar de vocês?

Arrancou a Thompson das mãos de Cornelio e a empunhou, mostrando como se devia fazer.

— Eu falei rajadas curtas. Curtas! Senão as balas acabam rápido. Além do mais, vocês precisam segurar bem a metralhadora. Têm que ficar com as mãos apertadas nela. Façam de conta que estão domando um potro!

Soltou o pente vazio e colocou um novo. Então apontou a arma para a árvore e começou a disparar rajadas curtas. Os tiros fizeram voar grandes lascas do tronco. A mira de Mastrangelo era perfeita e atingia sempre o mesmo ponto, até cortar totalmente o tronco, quando a árvore caiu no chão, passando de raspão nos três negros.

— Também quero experimentar — pediu Abraham, mas Jack entregou a Thompson para Cornelio.

— Não, Abraham, você não.

As outras tentativas foram melhores. Meia hora depois, terminados todos os carregadores, os dois bandidos do Harlem estavam prontos para a missão.

— Então, Jack, vai nos dizer o que devemos fazer?

— No momento certo. Não vou dizer nada agora, porque senão vocês vão fofocar com suas amiguinhas, e em uma hora todos vão ficar sabendo. É uma missão delicadíssima, por isso eu não queria nenhum intrometido no meio. Essa operação vai resolver a vida de vocês pelos próximos vinte anos. Mas, se um de vocês falar e deixar escapar alguma coisa, juro que faço engolir a língua. Agora voltem para o Harlem e finjam que não aconteceu nada... Olhem bem nos meus olhos... se abrirem a boca, juro que corto a língua de vocês. Palavra de Mastrangelo.

— E qual será a recompensa? — perguntou Gabriel, o durão do grupo.

— Vocês saberão na hora certa. Já disse, vão ficar bem pelo resto da vida desgraçada de vocês.

Jack Mastrangelo deu bem o seu recado, e nenhum dos três falou sobre o trabalho que iam realizar para os sicilianos.

# 37. Os pesadelos ressurgem ao amanhecer

Nas primeiras horas da manhã, os becos e as calçadas de Nova York devolvem os restos das chacinas ocorridas na noite anterior: traficantes desonestos, viciados com overdose, jogadores flagrados na trapaça, prostitutas azaradas.

Ninguém os notaria se não fosse uma outra espécie de gente, que vive um degrau mais abaixo e que de manhãzinha vai escarafunchar os restos em busca de um osso para chupar ou de um guarda-chuva para possuir. É essa gente invisível que primeiro se depara com esses cadáveres.

Ao pegar o papelão que poderia revender por alguns centavos, a velha mendiga descobriu o corpo de Saro, contraído sobre si mesmo, em posição fetal. Parecia morto. A velha continuou a remexer entre os latões de lixo do beco. Estava acostumada a tais encontros nas primeiras horas do dia. Mais tarde, como sempre, iria avisar seu amigo da prefeitura, um policial que às vezes lhe dava um dólar para um copo de leite quente. Mas, naquela manhã, ela teve um sobressalto ao ver o "cadáver" se virar, gemendo de dor.

Saro abriu os olhos e olhou ao redor. Viu a velha ali ao lado, com um vestido de lã preta, olhando-o espantada.

— E depois dizem que não existem milagres. Rapaz, se você não acordasse podia acabar no incinerador, sabia?

Saro não entendeu. Depois olhou suas mãos: estavam totalmente cobertas de pó e sangue seco. Olhou as falanges. Também ensanguentadas e esfoladas, como se ele tivesse esmurrado uma parede. Apalpou suas roupas. Estavam rasgadas em vários lugares e, igualmente, com grandes manchas de sangue. Não conseguia pensar. A cabeça formigava como se ele ainda estivesse de ressaca. Tentou ficar de pé, mas caiu no asfalto. A velha, nesse meio-tempo, tinha se afastado arrastando seu saco de papelões e tralhas inúteis.

Saro tentou se lembrar do que tinha acontecido na noite anterior, mas sua

memória parava no momento em que subia a escada de metal... Agora começava a lembrar... a escada levava ao quarto da garota que havia conhecido no Limon Blue... a névoa começava a se dissipar em seu cérebro confuso e dolorido.

O plano de Ferdinando Licata corria bem. Os Bontade haviam reunido droga de todos os distribuidores que conheciam e a parte que faltava tinha sido fornecida pela família Genovese. Por esse favor, Sante pedira a eles noventa por cento do que apurassem com a quantidade emprestada. Quem ainda não havia resolvido seus problemas eram os Stoker. Tinham se colocado nas mãos de um bando de traficantes porto-riquenhos que controlava todo o território setentrional do Bronx, aquele ao redor de Mount Vernon. A entrega da mercadoria fora prometida para o final do mês, mas já se passara uma semana desde aquela data e os porto-riquenhos ainda não haviam dado sinal de vida.

Por fim veio o telefonema. Jack Mastrangelo atendeu e perguntou:

— Quem fala?

— A prima já saiu e está bem.

Mastrangelo se pôs de pé.

— Quando ela chega? — tinha reconhecido a voz de Morris Rudesky, um polonês filiado à família Stoker.

— Amanhã às oito da noite, na estação que te falei. — O informante desligou o telefone.

Jack Mastrangelo tinha conseguido trazer para o seu lado um integrante da gangue dos irlandeses. Anos antes, quando ainda não estava ligado aos Stoker, Rudesky tinha matado um policial prepotente durante uma briga num bar do Queens. Mastrangelo, que possuía a habilidade de estar no lugar certo no momento certo, conseguira salvá-lo antes que chegassem outros tiras, escondendo-o num local seguro até que as águas se acalmassem. Morris Rudesky ficou eternamente grato a ele.

Avesso a qualquer disciplina, Mastrangelo sempre vivera à solta, ao contrário dos rapazes de sua época, que, logo que adquiriam o uso da razão, se alistavam nas gangues do bairro. Nos cortiços dos bairros populares, onde em dois cômodos chegavam a morar dez pessoas; em prédios onde o fedor da umidade e dos esgotos se espalhava pelos corredores e apartamentos; nos pátios cheios de lixo, onde nuvens de moscas e bandos de ratos sentiam-se à vontade, sem se incomodar com as pessoas; quando no inverno morria-se de frio e no

verão sufocava-se de calor, para os adultos era fácil desafogar seu ódio nos mais fracos, isto é, nas mulheres e nos filhos. Por isso os garotos, assim que ganhavam um pouco de autonomia, preferiam ficar longe daquela instituição chamada "família". A escapatória era a gangue do bairro. A gangue era a liberdade, a possibilidade de dar vazão às energias transbordantes. Com a gangue buscava-se a emoção, a aventura, as brincadeiras vulgares, as primeiras apostas, os primeiros furtos nas lojas, o vandalismo como um fim em si mesmo, o ritual do fumo coletivo e o da bebedeira desenfreada, as primeiras brincadeiras obscenas com alguma garota emancipada, até chegar ao confronto cruento com outros bandos, para demonstrar a própria força física. A gangue representava a passagem entre a brincadeira de rua orquestrada por um grupo de amigos e o crime organizado.

Jack Mastrangelo representava uma exceção. Ele sempre fora um individualista. Não gostava do rebanho. Não gostava de receber ordens de ninguém nem gostava de nenhum tipo de regra. Para evitar imposições, faltava sistematicamente aos encontros e, com isso, a certa altura ninguém mais lhe dirigia a palavra. Por outro lado, ele falava pouco, não se comunicava bem com o próximo e aos poucos conseguiu o que queria, que era ficar sozinho. Mas sobreviver por si só, sem cúmplices, numa cidade dividida em gangues, significava sucumbir. Para sobreviver, seria obrigado a fazer muitos "amigos", e foi assim que conseguiu difundir a fama de ser uma espécie de benfeitor, uma espécie de Robin Hood.

Mastrangelo não fazia senão acumular promissórias de gratidão que, mais cedo ou mais tarde, iria cobrar.

O método também funcionou daquela vez, ao salvar o polonês dos policiais. Pediu a Rudesky que o informasse sobre a chegada da mercadoria com os porto-riquenhos. O polonês titubeou um pouco, mas não podia negar um favor a quem o salvara da cadeira elétrica.

Primeiro avisou Mastrangelo, depois a família Stoker. Então Brian Stoker telefonou para Tom Bontade, marcando um encontro para o dia seguinte, por volta da meia-noite.

Assim que recebeu o telefonema, Mastrangelo foi depressa para o Harlem, ao apartamento de Gabriel e Cornelio.

Ali, entre crianças insolentes, mulheres grávidas e recém-nascidos chorando, entregou a eles as duas Thompsons guardadas em estojos de violino.

Por fim expôs detalhadamente o plano. Eles deviam entrar em ação no dia seguinte, por volta das oito da noite. No navio mercante o *Paraguay Star*,

ancorado no cais 97 do rio Hudson, uma gangue de porto-riquenhos traria uma carga de cocaína puríssima. A escuridão protegeria os dois. Encontrariam um barco a remo do mesmo lado do atracadouro. Iriam se aproximar da popa do navio, onde um amigo a bordo baixaria uma escada de corda. Eles subiriam para o navio e se esconderiam até a chegada dos porto-riquenhos. A partir daí, teriam de improvisar. Ele não sabia onde a transação iria ocorrer. Era quase certo que seria na cabine do capitão, a mais confortável do navio. O trabalho era fácil, pois ninguém esperava aquela surpresa, que era o trunfo deles. Deviam dar uma bela "varrida". Deviam acabar com todos que estivessem lá. Ninguém podia se salvar. Em seguida, deviam pegar a mala de coca e voltar ao esconderijo deles no Harlem. Ali iriam encontrar Mastrangelo pela última vez. Terminado o trabalho, Mastrangelo lhes daria novos passaportes e três passagens para o Rio de Janeiro. A aeromoça do voo levaria a mala com a mercadoria como bagagem de mão. Chegando ao Rio, antes de desembarcar, iriam receber um endereço e o número de uma conta corrente. Levariam a mercadoria até o endereço e a venderiam lá. Deveriam depositar vinte e cinco por cento naquela conta e o restante podia ser dividido entre eles. E, para terminar, Mastrangelo aconselhou-os a ficar longe dos porto-riquenhos pelo resto da vida.

Enquanto Mastrangelo explicava detalhadamente o plano, Gabriel e Cornelio trocavam olhares maravilhados. Jamais sonhariam tão alto. Estavam orgulhosos da grande consideração com que aquele sujeito os tratava.

— Alguma pergunta? — indagou Mastrangelo, concluindo seu longo discurso.

Gabriel tentou dissimular a alegria:

— Quantos vão ser os porto-riquenhos? E quem vai receber a mercadoria?

— Os porto-riquenhos não passam de cinco, e também o pessoal de Stoker.

— Vamos ter que matar o Stoker também?

— Não, ele não vai estar. Os chefões nunca se misturam nesses negócios.

Os dois negros se olharam um pouco preocupados. Não ia ser um passeio no campo.

— Eu entendi bem? É vinte e cinco e setenta e cinco? — quis saber Cornelio, especificando os percentuais da partilha.

— Entendeu, sim.

— E quanto tem de mercadoria?

— Uma mala cheia — finalizou Jack Mastrangelo, e por pouco não desandou a rir ao ver o ar de estupefação que os dois negros fizeram.

Saro tinha acordado num dos becos sem saída da Lafayette Street. Estava longe de Chelsea, o bairro do Limon Blue. Como havia ido parar ali? Quem o trouxera? Seria possível que não conseguisse se lembrar de nada do que tinha acontecido? Em sua mente atropelavam-se pensamentos desordenados e imagens terríveis, em flashes repentinos, de sangue e rostos feridos. Perdido em seus pesadelos, ouviu atrás de si o som do jato de uma mangueira d'água. No beco, o funcionário de um restaurante lavava o asfalto na saída dos fundos do estabelecimento. Quando acabou de lavar, ele largou a mangueira de borracha e entrou no restaurante, fechando a porta. Saro esperou alguns segundos, depois pegou a mangueira, abriu a torneira e colocou a cabeça debaixo do jato de água fria. Esperava pelo menos clarear as ideias. Lavou o sangue das mãos. Tirou o casaco para enxugá-las e depois jogou-o numa lata de lixo: estava danificado demais par andar com ele, iriam tomá-lo por um mendigo. Pegou a Broadway para voltar ao Limon Blue. A última imagem clara que tinha na memória era a escada de ferro do pátio interno do bar. Marta entrara no apartamento com aquele caubói caipira e ele tinha ido atrás dos dois. Lembrava-se perfeitamente dos dois, rindo e brincando... Saro se lembrava também que tinha bebido alguns copos a mais, lembrava que estava furioso por ter deixado que aquele sujeito lhe roubasse a garota. A ferida ardia, a lembrança de Isabel com o amigo Dixie estava próxima demais.

Chegou à esquina da Sétima Avenida com a rua 19, perto da viela que levava aos fundos do Limon Blue, e viu duas viaturas policiais obstruindo a passagem. Havia o grupo habitual de curiosos e um vaivém de policiais. Saro se aproximou da multidão e tentou enxergar o fundo do beco. Mas à distância não conseguia entender o que estava acontecendo. No pátio havia um furgão preto do necrotério.

— O que aconteceu? — perguntou de maneira despreocupada a um rapaz perto dele.

— Mataram duas pessoas — respondeu ele, tentando aguçar a vista para captar alguma imagem emocionante.

— Elas foram massacradas — corrigiu uma negra, indignada.

— Quem foi? — perguntou ingenuamente um velho.

— Nunca pegam eles, é a mão da máfia — concluiu o usual sabichão.

— Mas quem morreu? — dessa vez foi Saro quem perguntou.

— Uma daqui mesmo, pobrezinha — respondeu uma moça da mesma idade de Marta.

— Sim, pobrezinha — ironizou um homem —, era uma prostituta. Teve o

fim que merecia.

— Os tiras disseram que um cliente também foi assassinado. Um grandalhão — disse o sabichão.

— E como é que você sabe?

— Um policial estava contando para um repórter — replicou o homem.

Saro sentiu a cabeça rodar. Veio-lhe uma náusea súbita. Afastou-se do grupo de curiosos e se distanciou para não levantar suspeitas.

Mas um policial se aproximou dele.

— Ei, amigo, tudo bem? — perguntou.

— Tudo bem, só estou com um pouco de febre.

— Também, andando por aí só de camisa! Vá para casa — retrucou o policial.

— Vou, sim, obrigado.

Saro se afastou alguns passos e desapareceu atrás do primeiro canto onde pudesse se esconder. Encostou-se à parede e começou a chorar. Começava a se lembrar.

Tinha aberto a porta, entrou no quarto e viu o caubói tirando a roupa de Marta. Quando ela o viu, foi para perto de Saro gritando alguma coisa. Lembrava muito bem que ela estava sem sutiã, mas ainda de saia. Depois ele bateu nela. A partir daí, as lembranças eram fragmentadas. Ela com o rosto inchado de socos. O caubói tentou segurá-lo, mas foi atingido em pleno rosto por uma pesada cabeça de cavalo de bronze. O sangue começou a jorrar de seu nariz quebrado. A mulher se jogou sobre ele, arranhando-lhe o peito com as unhas. Saro tocou o lado direito de seu peito, ainda dolorido. Desabotoou a camisa e viu três marcas ainda sangrentas sulcando sua pele. Marta levou mais um soco, caiu no chão e seus gritos se enfraqueceram. Agora se transformavam num estertor. O cliente chegou por trás dele e tentou erguê-lo com os dois braços, mas dessa vez uma pancada lhe arrebentou a cabeça. Caiu a seus pés, como um saco vazio. Saro viu o atiçador ensanguentado. Olhou suas mãos, e elas estavam cheias de sangue. Esfregou-as no casaco para remover os sinais daquela loucura. Então, de repente, tudo escureceu e ele afundou num sono angustiado, onde revia continuamente aqueles momentos que mudariam sua vida para sempre...

Saro estava desesperado com o que havia acontecido. Mas como voltar atrás e mudar o destino, tanto o dele quanto o dos dois pobres-diabos? Era tarde demais. Ele também tinha transposto aquele tênue limite que há entre os poucos honestos e a maioria de gente perversa. Saro amaldiçoou seu destino e o

dia em que veio ao mundo. Agora sua existência enveredara por um caminho semeado de violência e morte.

# 38. A “vassoura” em ação

A doca 97 do rio Hudson era o primeiro cais, depois dos cobertos, destinado aos navios de passageiros. Gabriel estacionou o Ford na 12ª Avenida, com a frente do carro voltada para o sul e as chaves atrás do para-sol, como Mastrangelo havia recomendado. Disse que poderiam perdê-las na pressa da retirada, por isso era melhor deixá-las ali.

As primeiras sombras da noite já tinham descido. A escuridão os favorecia. Os cones das poucas lâmpadas elétricas clareavam somente as áreas em que incidiam, deixando vastas manchas escuras ao redor. Cornelio e Abraham desceram antes do carro e foram pegar os instrumentos no bagageiro. Gabriel os alcançou. Pegou seu estojo de violino e rumou para o cais.

Na ponta do embarcadouro havia alguns automóveis e furgões estacionados, enquanto à direita e à esquerda os barracões das empresas de transporte estavam acesos. Ainda havia pessoas circulando: muitas vezes, os turnos do porto iam até as dez da noite.

O navio estava atracado com a lateral direita no ancoradouro. Duas passarelas davam acesso à terra firme. Desceriam pela da proa a fim de fugir. A popa dava para o mar aberto. Com ar despreocupado, os três amigos seguiram até a extremidade do cais. Olharam para a água e viram o barco a remo ancorado um pouco adiante do navio. O primeiro a subir foi Cornelio, o mais ágil dos três. Manteve o barco firme e fez sinal a Gabriel para subir a bordo. Depois foi a vez de Abraham, que passou os dois estojos de violino a Cornelio e se preparou para embarcar; quando os três estavam acomodados, Cornelio começou a remar.

Ao redor ouvia-se apenas o marulho da água nas laterais da embarcação e ao longe os sons dos serviços de manutenção dos navios. Cornelio rodeou a popa do *Paraguay Star* e encostou na lateral. Os três perscrutaram na escuridão a lateral cinza, até encontrar a escada. Foi Abraham o primeiro a vê-la.

Cornelio remou devagar até a escada de corda. Tudo corria com perfeição, como Mastrangelo havia dito. Cornelio pôs o estojo do violino a tiracolo e começou a subir. Tinham combinado que o segundo seria Abraham e por fim viria Gabriel. Subiram a lateral, içando-se em cada degrau com grande dificuldade. Eram robustos e atléticos, com os ombros firmes e os músculos dos braços maciços como os de um boxeador. Mas subir uma escada de corda é algo muito difícil quando não se tem o físico e o treino de um trapezista.

Cornelio alcançou a amurada resfolegando. Olhou em torno e não viu ninguém no convés. O *Paraguay Star* era um navio mercante com as estruturas cobertas concentradas em volta da chaminé central. Pertencia a uma companhia inglesa e tinha chegado expressamente da Grã-Bretanha para ser vistoriado por uma comissão americana, que iria se decidir sobre um programa de desenvolvimento da frota mercantil americana. O tombadilho estava iluminado por uma série de lâmpadas, e a luz também estava acesa na torre central.

Atrás dele, Abraham subia com dificuldade. Gabriel, embaixo, exortava-o a ir mais depressa, mas o gigante do grupo não conseguia mais do que aquilo.

Por fim Cornelio pulou o parapeito e se escondeu na sombra bem a tempo, pois de baixo do convés subiu um marinheiro acendendo um cigarro. Passou a poucos metros dele, mas não percebeu nada. Cornelio esperou até perdê-lo de vista e então correu para se esconder atrás de uma grande caixa de madeira.

Vários minutos depois apareceu a silhueta inconfundível de Abraham e a seguir a de Gabriel.

Cornelio assomou por trás da caixa e agitou a mão para chamar a atenção deles. Os dois o viram e correram até lá na ponta dos pés. Os três, novamente reunidos, trocaram um olhar satisfeito: tudo prosseguia de acordo com os planos.

Alguns minutos antes das oito, os Stoker subiram a bordo pela passarela da proa. O velho Brian Stoker estava ausente, e também Morris Rudesky, que tinha uma "consulta marcada" para cuidar de uma dor de dente violenta. À exceção dos dois, o bando estava completo: os inseparáveis Hugh e Kevin, Roy Foster, o cobrador boxeador com seu habitual pulôver de gola olímpica, Lee Edward e Tony Russo, dois jovens americanos de origem caucasiana. Fechava a fila Damien Stoker, com uma bolsa de couro. Naquela noite ele estava inquieto. E tinha motivos, pois estavam prestes a aplicar um golpe nos porto-riquenhos.

Damien havia trazido um valor de fato ridículo, um pequeno sinal. Os porto-riquenhos certamente não cederiam a cocaína. Brian, seu pai, lhe recomendou que jogasse uma cartada radical. A ideia do pai não o convencia muito, mas, em todo caso, Damien faria conforme fora sugerido.

O comandante do navio foi ao encontro do grupo e convidou todos para a sala de refeições do *Paraguay Star*, o único ambiente fechado capaz de acolher cerca de vinte pessoas.

Pouco depois, os porto-riquenhos chegaram em dois Dodges pretos. Eram cinco tipos mal-encarados da pior espécie, chefiados por um certo Segundo, braço direito de Armando Diaz, o líder reconhecido de todos os tráficos que partiam da América do Sul. Atrás dele vinha Juan, o homem que trazia uma mala com os dez quilos de coca extrapura. Vinham escoltados por dois indivíduos que, só de vê-los, davam arrepios.

Os cinco subiram pela passarela da proa. Um marinheiro os conduziu diretamente à sala de refeições, onde Damien e seus homens os aguardavam. O capitão do navio tinha preferido se retirar para sua cabine.

Segundo entrou no refeitório e se aproximou de Damien.

— Mantive a palavra, amigo. São dez quilos de cocaína extra. Misturando, você pode conseguir cinquenta mil doses. Mostre-lhe a mercadoria, Juan.

O homem apoiou a bolsa na mesa e extraiu de lá um saquinho, que abriu e colocou sobre a superfície. Damien se aproximou e experimentou o pozinho branco. Fez um aceno de cabeça como que dizendo "Ótima" e se afastou. O homem guardou o saquinho de volta na bolsa, fechou-a e deixou-a em cima da mesa.

Damien hesitou e a coisa não passou despercebida a Segundo, que, alarmado, perguntou:

— O que está acontecendo, Damien?

— Tranquilo, Segundo, está tudo bem...

— E o dinheiro?

— Eu trouxe um sinal do valor que vou receber pela venda da mercadoria. Peço apenas doze horas de prazo. É uma transação rápida, com um comprador só. Um negócio único para todos nós.

Dizendo isso, pegou a maleta de couro e a estendeu a ele.

Segundo pegou-a, mas não abriu.

— Quanto tem aqui dentro?

— Cinco mil. Foi o que consegui juntar. Mas garanto que você não vai se arrepender.

Juan olhou para o chefe e entendeu imediatamente o que devia fazer. Pegou a bolsa com cocaína de cima da mesa e foi se pôr em segurança entre seus três guarda-costas, os quais, prontamente, tiraram as pistolas dos casacos e apontaram para Damien e seus homens. Damien fez sinal para que seus companheiros não reagissem.

— Que porra de brincadeira é essa, Damien? O combinado era claro.

— Calma, Segundo. Mande seus homens se acalmar. Não quero criar problemas. O combinado será respeitado. Mas daqui a doze horas.

— Amigo, você está maluco se pensa que eu vou te deixar a minha coca sem uma contrapartida.

Segundo estava decidido e Damien entendeu que era hora de sacar o trunfo que seu pai lhe sugerira.

— Segundo, você não precisa se preocupar, pois eu serei o seu seguro.

— O que você quer dizer? — perguntou o porto-riquenho, parando na soleira da sala de refeições.

— Eu mesmo irei com você, digamos... como refém? Acompanharemos juntos a transação. Depois, quando Roy Foster vier com o resto do dinheiro, apertamos as mãos, e todos nós vamos ficar contentes e com a carteira recheada.

Segundo avaliou atentamente a oferta... e por fim cedeu.

— Está bem. Te deixo a mercadoria e você vem com a gente. Mas se seu pai quiser bancar o esperto, te devolvo em pedacinhos dentro de uma mala.

— Não vai se arrepender, amigo. — E, dizendo isso, pegou a bolsa com os dez quilos de coca e estendeu a Roy Foster, o cobrador. — Você sabe o que fazer.

No mesmo instante, os três guarda-costas porto-riquenhos se aproximaram de Damien e o tomaram como refém.

— Vamos — ordenou Segundo. — Toda essa história está me cheirando a trapaça.

Estava prestes a sair da sala, quando pelo vidro de uma janela surgiu a Thompson de Cornelio.

Gabriel, com a segunda Thompson, estava atrás da porta que dava diretamente no convés, enquanto Abraham devia abrir fogo com a 38 de cano curto na passagem que ligava o convés à sala da reunião.

De repente, a sala foi inundada por rajadas de metralhadoras com uma frequência de mil balas por minuto. Aprendida a lição, Cornelio disparava rajadas curtas. Gabriel abriu a porta e se viu diante de Segundo. Atirou sem mirar, mas Segundo foi mais rápido do que ele e se jogou no chão. As balas

passaram por cima de sua cabeça e atingiram dois de seus homens, que estavam atrás. Damien, ao primeiro estralar dos tiros, também teve presença de espírito e se arremessou contra a janela no único lado da sala que os três negros não puderam cobrir. Segundo fez o mesmo, mas foi atingido por uma bala na coxa. Caiu sobre um monte de cordas. Viu Damien fugindo para se esconder atrás das caixas de carga. Mesmo mancando e com sangue correndo da ferida, lançou-se no encalço dele, enquanto atrás de si as Thompsons continuavam sua lúgubre ladainha de morte.

Segundo conseguiu alcançar Damien antes de ele chegar à passarela da proa. Pulou sobre ele, agarrando-lhe as pernas. Damien caiu no chão, desferindo pontapés violentos para tentar se soltar do porto-riquenho. Mas este não largava a presa. Levantou-se, imobilizou-o com o joelho e lhe deu um murro no meio dos olhos.

—Traidor! Infame! — gritava, espancando o rosto de Damien, agora reduzido a uma máscara de sangue.

— Eu não te traí... — tentou dizer o irlandês. Segundo continuava a esmurrá-lo, já totalmente enlouquecido de fúria. Damien, se não quisesse morrer, teria que fazer alguma coisa... Sentiu o volume da pistola no lado e, num último esforço, conseguiu empunhá-la.

Nesse meio-tempo, as Thompsons haviam parado de estalejar. Gabriel circulava entre os cadáveres amontoados na sala de refeições. Abraham se aproximou, e logo a seguir veio Cornelio. Não acreditavam no que viam. Tinham feito uma carnificina sem sofrer um único arranhão. Tudo correra como Mastrangelo havia previsto. Gabriel se aproximou da bolsa de couro, abriu e viu os maços de dólares. Enquanto isso, Cornelio tinha se dirigido à outra bolsa. O sujeito que parecia um boxeador, aquele com o pulôver de gola olímpica, ainda estava com ela apertada junto ao peito. Arquejava e instintivamente continuava a protegê-la. Abraham se aproximou dele, apontou o 38 para sua têmpora e disparou. Cornelio finalmente conseguiu tirar a valise de seus braços. Abriu e viu que estava repleta de pacotes de cocaína. Ficou boquiaberto de assombro e mostrou o conteúdo aos amigos. Eles sorriram de prazer.

Nesse instante, ouviram um tiro de revólver do lado de fora. Precipitaram-se para a porta, a tempo de ver Damien correndo pela passarela e se afastando do navio.

Cornelio tentou enquadrá-lo na mira da metralhadora, mas estava escuro e a silhueta de Damien logo se confundiu com as sombras do porto. Gabriel abaixou o cano da arma. À distância ouviam-se as sirenes da polícia, cada vez mais próximas. Devia ter sido o comandante do navio que dera o aviso pelo rádio. Os três, com as duas bolsas e os instrumentos mortíferos que esconderam nos estojos de violino, desceram tranquilamente do navio, desapareceram em silêncio entre as pilhas de mercadoria do cais e se dirigiram para o Ford.

Tinham deixado atrás de si dez cadáveres.

Precisavam atravessar grande parte de Manhattan até chegar ao seu refúgio. Lá Jack Mastrangelo os esperava. Iriam receber os passaportes com suas novas identidades e as passagens aéreas para o Rio, onde se esconderiam por alguns meses. Mais tarde poderiam trazer suas mulheres. Até nisso aquele demônio do Mastrangelo tinha pensado. Os três ainda não podiam acreditar que aquela sorte coubera a eles.

O esconderijo ficava nas proximidades do Harlem Hospital Center, adiante do canal que levava o nome do bairro. Passava-se a Madison Avenue Bridge e logo a seguir, virando à esquerda, entrava-se numa espécie de oficina para ônibus e caminhões. Num dos galpões abandonado pelos operários, Gabriel e seus amigos haviam instalado sua base operacional. Ali escondiam o fruto dos roubos e as armas que usavam em seus trabalhinhos.

Quando chegaram ao esconderijo, encontraram Mastrangelo à espera. Ouvia no rádio um programa de perguntas e respostas sobre cinema e se divertia em responder às perguntas do apresentador, antecipando-se aos concorrentes. Jack Mastrangelo era um cinéfilo apaixonado e se vangloriava de conhecer de cor quase todas as falas de *Pequeno César* e de *Inimigo do Estado*. Edward G. Robinson era seu ídolo.

Quando ouviu o motor do Ford, levantou-se e foi até a porta.

A adrenalina ainda estava circulando e os três assassinos novatos viviam um estado de exaltação. Riam, exibiam-se, sentiam-se invencíveis e intocáveis. Sabiam que haviam cometido um massacre mais importante do que o de São Valentim. Pena que ninguém jamais poderia associar o nome deles à chacina do *Paraguay Star*.

Gabriel abriu a porta. Estava radiante.

— Devo deduzir que tudo correu de acordo com os planos? — perguntou Mastrangelo, pondo-se de pé no centro da sala.

— Foi brincadeira de criança — disse Gabriel, depositando no chão o estojo com a Thompson. Então foi buscar a garrafa de uísque e emborcou um

trago longo.

Cornelio entrou a seguir.

— Quantos vocês mataram? — continuou Jack Mastrangelo.

— Cinco, dez, sabe lá... derrubamos tantos que nem deu para contar. Cornelio também deixou seu estojo ao lado do de Gabriel.

Por último entrou o grande Abraham. Segurava as duas bolsas pelas alças, como um aluno voltando da escola. Era o mais feliz e satisfeito de todos: a partir de agora, todos iriam respeitá-lo ou...

— O plano que você montou foi perfeito. Não houve nenhum contratempo... Você preparou os passaportes? — perguntou Gabriel.

— Claro — e, dizendo isso, Mastrangelo enfiou a mão dentro do paletó e retirou do coldre o 45 especial. Sem perder uma fração de segundo, apontou primeiro para Abraham, o único armado, depois para Gabriel e enfim para Cornelio.

Os três tiros ressoaram secos e em rápida sequência. Os negros, ainda com o sorriso nos lábios, mas os olhos escancarados de assombro, caíram no chão como sacos. Mastrangelo se abaixou e confirmou a morte apertando os dedos na aorta. Então se levantou e tirou as duas bolsas das mãos contraídas de Abraham. Compactou os maços de dólares dentro da valise com os pacotes de cocaína. Em seguida pegou os estojos das armas e saiu na noite.

Atravessou de novo a ponte da Madison Avenue e entrou na 369ª Harlem Hellfighters Dr, a rua que margeava o canal Harlem até o Carl Schurz Park, ponto onde confluía com o outro braço de mar à altura de Wards Island. Mastrangelo jogou as duas submetralhadoras nas águas pútridas. Depois despedaçou os estojos de violino e jogou-os em duas latas de lixo diferentes. Assim deu sumiço em todas as provas que poderiam associá-lo aos assassinatos daquela noite. Faltava apenas ir à estação central e deixar a bolsa com a mercadoria numa caixa de segurança do guarda-volumes.

Agora começava a parte mais fácil do roteiro traçado por Ferdinando Licata.

# 39. Nunca faça surpresas

O encontro com os Stoker estava combinado para as onze e meia da noite nos discretos escritórios do Dirty Rat, um bar do Soho na Broome Street. O local ficava em zona neutra, sob a jurisdição da família Genovese, e as duas famílias afiliadas, os Stoker e os Bontade, não podiam senão aceitar de bom grado a hospitalidade do chefão. Além do mais, àquela hora o local ainda estava cheio de clientes e o movimento de pessoas não daria na vista.

Tom Bontade tinha sido muito pontual. Devido à delicada transação, quis levar junto seus homens de maior confiança: naturalmente Big Jordan, e também Vincenzo Ciancianna, Barret, Cooper, e quis experimentar pela primeira vez Vito Pizzuto, o siciliano que entrara recentemente na família.

Já era meia-noite e ainda não havia notícias dos Stoker.

— Aqueles malditos irlandeses nunca foram confiáveis — resmungou consigo mesmo o velho Bontade.

Pediu que um de seus homens telefonasse para Brian Stoker. Mas Cooper o lembrou de que Brian nunca quis ter telefone em casa.

Bontade xingou a mentalidade ridícula e antiquada dos irlandeses.

— Ligue então para aquele louco do filho dele... Ou, melhor, não, vá você, Vincenzo. Você é mais diplomático. Podem ir.

Os dois saíram para telefonar. Tom Bontade estava com um mau pressentimento. Se os Stoker não chegassem com o restante da mercadoria, o negócio podia malograr e Sante Genovese armaria um escarcéu dos diabos por causa daquela "embromação".

Passavam poucos minutos da meia-noite quando um empregado do bar bateu na porta do escritório e introduziu Jack Mastrangelo. Nenhum dos presentes se mostrou satisfeito com a chegada dele.

— Dom Bontade, algum problema? — perguntou, aproximando-se do velho chefe.

— Está tudo bem, Mastrangelo — respondeu ele, aproximando-se de um móvel onde havia alguns copos e licores. — Quer tomar alguma coisa?

— Não estou aqui para passar a noite conversando. Onde está a mercadoria? — perguntou diretamente ao chefão.

Bontade teve que engolir a insolência do sujeito. Serviu o uísque em dois copos.

— Por que a pressa, Mastrangelo? Vamos gozar a vida. Os negócios não devem nos estragar a vida. — Estendeu-lhe um copo que Jack foi obrigado a pegar, mas que deixou na mesa sem sequer molhar os lábios.

— Então o senhor não está com a mercadoria? — insistiu num tom que não deixava alternativa.

Bontade teve que responder.

— Só a metade. Estou esperando a outra metade chegar.

— Não foi isso o combinado, Bontade. — Quis desvalorizá-lo de propósito, omitindo o tratamento de "dom". — Meu cliente detesta contratempos e os que não respeitam a palavra dada.

— Minha palavra é lei. Minha parte está naquela bolsa. Falta a dos irlandeses. Não posso garantir por eles. Em todo caso, mais cedo ou mais tarde vão chegar com o resto da mercadoria. Calma, vamos ter um pouco de paciência. São apenas alguns minutos, não estou pedindo demais, não é mesmo?

— Bontade, sinto muito, mas as condições do meu cliente são claras. Não devo prosseguir na transação se achar que há algo que não me convence. Até onde sei, por aquela porta pode entrar um esquadrão de policiais. Claro que comigo não tenho nada de comprometedor. O dinheiro está em outro lado da cidade.

— Não vai entrar nenhum policial por aquela porta. Tenha mais um pouco de paciência, Mastrangelo, e vai ver que tudo vai dar certo nesse bom negócio.

Bontade tinha se aproximado de Mastrangelo. Este simulou medo. Recuou alguns passos em direção à porta.

— Mastrangelo, não se preocupe, ninguém vai lhe fazer mal — continuou Bontade, sinceramente preocupado por tê-lo assustado.

— Sinto muito, sinto muito de verdade, mas meu cliente foi claro sobre isso. O acordo está desfeito.

Recuou até a porta. Barret e Big Jordan barraram-lhe a saída, mas Bontade fez um sinal para que o deixassem ir.

— Não quer reconsiderar, Mastrangelo?

— Não.

— Quando a segunda parte da mercadoria chegar, vou contatá-lo novamente, está bem?

— O.k.

Mastrangelo abriu a porta e saiu, enquanto Bontade maldizia os Stoker, que tinham estragado um dos negócios mais lucrativos dos últimos anos.

Ainda não havia terminado de praguejar contra os irlandeses, quando de repente justamente um irlandês se materializou diante de seus olhos.

Era Damien, furioso, que apontava o revólver para Bontade. Havia entrado pela porta-janela junto com o polonês Morris Rudesky e Boy Richard, um irlandês que não devia ter nem dezesseis anos.

— Siciliano filho da puta! — gritou antes de apertar o gatilho. Mas Big Jordan o atingiu com sua massa de gordura, derrubando-o no chão. A bala passou raspando por Bontade.

Ao mesmo tempo, Barret sacou o revólver e começou a atirar feito louco contra os recém-chegados, que se jogaram no chão para evitar as balas.

O polonês, que não estava tão motivado quanto seu patrão, arremessou-se pela sacada, enquanto o pequeno Richard tentava responder ao fogo de Barret atrás de um arquivo de metal. Nesse meio-tempo, Vito Pizzuto tinha se lançado em socorro de Bontade e o ajudava a ir para a porta, enquanto Vincenzo Ciancianna, o único homem desarmado, se encolhia debaixo da mesa.

Big Jordan tinha se engalfinhado com Damien, mas seu tamanho não o favorecia. Jordan segurava a pistola dele com as mãos, enquanto Damien com a mão livre esmurrava seu rosto. Mas Big Jordan sabia aparar os golpes melhor do que Jake LaMotta.

Um dos homens de Damien, vendo o chefe em dificuldades na luta com Big Jordan, foi ajudá-lo, e Barret aproveitou para atingi-lo no flanco. O jovem caiu no chão com um gemido. Enquanto isso Damien, apesar dos esforços de Big Jordan, conseguira apontar o cano da pistola para o rosto do gigante. Um instante depois veio a detonação, que desfigurou o rosto rubicundo do homenzarrão. Atingido em pleno rosto, Big Jordan caiu com todos os seus cento e cinquenta quilos sobre Damien, que teve dificuldade de sair debaixo daquela massa de gordura.

Tom Bontade, ao ver seu fiel amigo no chão, sangrando, arrancou a pistola

das mãos de Barret e, gritando enfurecido, avançou contra Damien, disparando várias vezes contra seu peito até esvaziar o tambor.

Damien, nos estertores finais, continuava a transbordar ódio, o mesmo sentimento que o acompanhara a vida toda. Murmurou para Bontade:

— Traidor... queria tudo para você... aniquilou a minha família... mas alguém vai me vingar. — E com essas palavras entregou sua alma infeliz.

Bontade estava aturdido e ainda fora de si pela morte do amigo. Abaixou-se sobre Big Jordan, mas apenas para constatar que ele tinha morrido. Dirigiu-se a Vito Pizzuto, que estava ao seu lado.

— O que será que ele quis dizer?

— Se entendi bem, alguém exterminou a família dele... Falou em vingança... Patrão, temos que sair daqui agora. Logo isto aqui vai estar cheio de policiais.

Tom Bontade entendeu as últimas palavras de Damien depois de ler os jornais do dia seguinte. O *New York Times* deu grande destaque ao massacre ocorrido no *Paraguay Star*, onde uma batalha implacável entre grupos rivais exterminara quase completamente a família Stoker e uma gangue de porto-riquenhos. O jornalista relatava que, segundo as forças da ordem, tratava-se de um acerto de contas saldado com a eliminação dos dois bandos.

Bontade, porém, sabia da verdade: alguém devia ter tido conhecimento daquela negociação e planejara aquela emboscada para roubar a cocaína e o dinheiro. Como dizem: dois coelhos com uma só cajadada... mas quem saberia sobre o negócio? Apenas as duas famílias... Quem seria o infame que traíra seu sangue para provocar aquela carnificina?

Tom Bontade decidiu falar com Brian Stoker. Iria sozinho, sem seguranças. Brian teria de ouvi-lo, porque agora Tom Bontade tinha plena certeza de que alguém estava trabalhando para aniquilar sua família e a dos Stoker.

Na manhã seguinte, depois de ler os jornais Ferdinando Licata também entendeu que Jack Mastrangelo havia executado o serviço. Mastrangelo tinha ordens de não entrar em contato com ele por pelo menos duas semanas.

Depois dos três dias ardentes em Coney Island, Dixie e Isabel voltaram para Manhattan e encontraram refúgio no Essex Hotel, um modesto hotel de um amigo, bem na frente do Seward Park, na zona oriental de Chinatown. Dixie voltara a tocar numa casa de Chelsea, enquanto Isabel recuperara seu lugar no Exército da Salvação. Era o trabalho mais fácil que ela conhecia e lhe deixava bastante tempo livre, se os outros colegas de patrulha não a entregassem aos superiores.

Dixie conquistava um sucesso cada vez maior nas bandas em que tocava, porém os horários do casal não coincidiam mais. Quando Isabel saía de casa para ir ao posto avançado do Exército, Dixie já tinha voltado umas duas horas antes e dormia profundamente, pelo menos até o meio-dia. Depois, quando ela voltava à noite, com os pés doloridos pelas longas andanças pelas ruas, ele estava se arrumando para sair.

Isabel não estava feliz. Era imperativo interromper aquela rotina.

Retornando com os companheiros de uma de suas incontáveis missões à caça de almas a redimir e de barrigas a encher, pediu dispensa à capitã Virginia, pois não se sentia bem. Tinha pontadas na barriga e o frio piorava as coisas. Virginia entendeu. Uma vez por mês, era permitido aliviar um pouco os turnos femininos e assim ela a autorizou a ir para casa. Isabel agradeceu com ar pesaroso e, sem nem tirar o uniforme, voltou ao hotel.

"Vou para a cama", pensou, alegre, "mas fazer um outro bom exercício." Já antecipava o encontro com Dixie e ria pensando na cara que ele faria ao vê-la chegar. Fazia quase duas semanas que não se tocavam.

Subiu as escadas correndo. Estava excitada como no primeiro encontro. Naquela manhã, ao sair, vestira a lingerie mais sexy que tinha no armário. Enfiou a chave na fechadura e girou-a devagar. Ouviu o clique da mola e abriu a porta. Passava pouco do meio-dia e ainda poderia encontrá-lo na cama. Isabel tirou o casaco e começou a desabotoar a blusa do Exército. Avançou pelo corredor. Dixie não estava na cozinha nem na sala. Estava com sorte, pensou Isabel. Aproximou-se do quarto, que estava com a porta entreaberta. Tirou a blusa, ficando apenas com a anágua e a saia azul. Mas, de repente, alguns suspiros gelaram seu sangue. Imobilizou-se. Apurou os ouvidos. Os suspiros eram gemidos, gemidos de prazer. Tapou a boca com as mãos, para conter um grito. Num átimo a felicidade se transformou em desespero. O mundo desmoronava sobre ela. Lágrimas ardentes sulcaram seu rosto. Tentou reprimi-las. Os suspiros tornavam-se cada vez mais intensos. A voz de Dixie era inequívoca. Quantas vezes ela se deliciara ouvindo-o gozar. Agora ele estava

gozando com outra. Um grito abafado de esgotamento e auge de prazer pôs fim ao abraço.

Isabel finalmente teve forças para abrir a porta. Dixie se virou de chofre. A outra cobriu a cabeça com o lençol.

Isabel abandonou o ar de vítima e deu livre vazão a seu temperamento irlandês. Jogou-se sobre Dixie, que, nu como estava, tentou contê-la.

— Seu grande saco de merda seca, cagado pelo mais calhorda dos seus malditos antepassados italianos! Como se atreveu a fazer isso! Como pôde trazer essa puta para a nossa cama!

Tentava atingi-lo com socos, mas Dixie se desviava habilmente dos golpes.

— Espere, Isabel, não é o que você está pensando! Acalme-se! Me deixe explicar! — Dixie se desviava dos objetos que Isabel começara a arremessar.

— Você não tem o que explicar, seu infame, seu verme imundo. Eu te mato, eu te mato... — Lançou um olhar para a cama. — Ou, melhor, mato ela antes e depois você.

Pegou um cinzeiro maciço. Dixie tentava vestir as calças. Vendo-a chegar perto da cama, gritou:

— Não, Isabel, não faça isso!

— Deixe eu ver seu focinho de puta antes de te arrebentar.

Dizendo isso, levantou bem alto o cinzeiro, pronta para golpeá-lo violentamente no rosto da desgraçada. Com um puxão rápido, fez voar o lençol.

Ficou paralisada com o que viu. Na cama não estava uma puta, e sim o crítico musical do *The New Republic* com as vestes de Adão: Tom Rice.

Isabel recuou um passo.

— Mas que história é essa... — gaguejou.

Tom Rice se levantou e foi pegar as roupas jogadas em desordem no chão.

Dixie se aproximou de Isabel.

— Queria te explicar... — Estendeu a mão acariciando-lhe o ombro.

— Não me toque... não me toque. — Libertou-se dele. — Não fale...

— Não faça um drama...

— Quieto... quieto... — Deixou cair o cinzeiro no chão.

— Aconteceu e pronto... Não sei como explicar... É a pessoa mais doce, afetuosa e compreensiva que jamais conheci...

— Mas é um homem!

— Eu sei... mas não é culpa dele.

— Não é culpa dele ser um homem ou os... os... encontros de vocês?

Isabel se sentou prostrada na beirada da cama, cobrindo o rosto com as

mãos.

— As duas coisas — atalhou Dixie. Fez sinal para Tom Rice ir embora em silêncio.

Ele lhe soprou um beijo com os lábios e saiu.

— Há quanto tempo está acontecendo essa história?

— Há pouco tempo. Mas não importa...

— Como não importa?! — bradou Isabel, levantando-se de chofre. — Pode não importar para você, mas importa para mim! Você não tem absolutamente nenhum escrúpulo moral. Como pude me apaixonar por um monstro como você?! Eu te odeio, te odeio!

Ela caiu num pranto desesperado. Ele tentou abraçá-la, mas Isabel se afastou enojada.

— Eu disse para não me tocar! Tenho nojo de você!... Na nossa cama... Não quero mais ver você! Vá embora! Não, melhor, eu vou embora! Este quarto me dá ânsia de vômito!

Saiu do apartamento e da vida de Dixie.

# 40. A vingança é um prato que se come quente

O velho Tom Bontade, contrariando todas as regras que desde sempre marcaram sua vida, foi ao encontro de Brian Stoker sozinho e desarmado.

O velho Brian ficou surpreso ao vê-lo. Por um instante, pensou que tinha vindo matar a ele também, mas Bontade logo o tranquilizou.

— Estou aqui como um pai falando com outro pai. Deixemos do lado de fora os interesses e os negócios que nos envenenaram a vida — começou Tom Bontade, estendendo-lhe a mão.

Ele foi ao seu encontro.

— Aperto a mão que matou meu filho — disse a contragosto.

— É por isso que estou aqui. Quero entender o que aconteceu. Alguém quis nos jogar um contra o outro.

— E conseguiu perfeitamente — concluiu Stoker.

— Sim. Exterminou sua família, fazendo a culpa recair sobre nós, os Bontade... Mas eu lhe juro pela minha honra que eu não sabia de nada.

— Só vocês e nós sabíamos da transação — lembrou Stoker.

— Alguém deve ter falado. Mas não fomos nós, juro.

— Acredito em você, Tom. Mas agora meu filho não existe mais, fui eu a enterrá-lo.

— Um pai jamais deveria enterrar seu filho. Sei o que isso significa. — A lembrança do filho abatido num confronto armado com uma gangue rival nunca o abandonara. — É uma lembrança que não se apaga. Você vai trazê-la sempre consigo.

— Eu me sinto velho, não tenho mais vontade de viver — disse Stoker amargurado.

— A velhice é triste não porque cessam as alegrias, mas porque acabam as esperanças. Enquanto se tem um filho, você espera vê-lo encaminhado, com um futuro promissor... mas quando ele vem a faltar... tudo desmorona ao nosso

redor. A vida se acaba.

— Eu te confesso uma coisa, Bontade. Uma decisão que tomei justamente esta noite... Vou me aposentar... Tenho um bom pé-de-meia que me permitirá viver como um paxá até meu último dia. Vou terminar meus dias na Flórida, no cemitério dos elefantes. Vou deixar Nova York.

Aquelas palavras pesavam como chumbo. Jamais o combativo Brian Stoker imaginaria dizer tal coisa.

— Mas você não deve se render justamente agora. Não quer saber quem nos pregou essa peça infame?

— A decisão está tomada, eu parei.

Brian Stoker mostrou-se irredutível. Tinha sido um grande sacrifício tomar aquela decisão. Principalmente um sacrifício do orgulho. Na vida, ele sempre revidara os golpes, jamais recuara um passo, nem nos momentos mais dramáticos. Mas agora tinha passado dos limites.

Sem Damien e os homens que formavam seu estado-maior, certamente o responsável pelo massacre iria se apoderar do território antes que ele pudesse reorganizar a gangue.

Tom Bontade, por sua vez, queria reconstituir as etapas daquela negociação para tentar deslindar o ocorrido e descobrir o responsável pela cilada. Já tinha certeza de que a compra da cocaína fora apenas um pretexto para liquidar a família Stoker e, com a venda da droga, autofinanciar a nova família.

Bontade obteve de Stoker a permissão de interrogar os sobreviventes de seu grupo. Apenas Morris Rudesky sobrevivera. Tom Bontade o interrogou, mas o polonês não lhe foi de nenhuma ajuda. Em momento algum deixou escapar que tinha sido ele a avisar Mastrangelo da transação.

Mas Tom Bontade já conhecera muitas mentiras para não perceber quando alguém dizia a verdade ou estava mentindo, e aquele polonês, que havia salvado sua pele em dois tiroteios, não estava falando a verdade. Bontade tinha certeza de que ele escondia algum segredo e ordenou a Barret, Cooper, Carmelo Vanni e Vito Pizzuto que não o perdessem de vista nas semanas seguintes.

Os quatro montaram turnos de vigilância vinte e quatro horas por dia, e no final da primeira semana seus esforços foram premiados.

Morris Rudesky, adotando todas as precauções necessárias, saiu uma

manhã da casa da Rivington Street, no Lower East Side, tomou um táxi e pediu que o levasse a Greenwich Village. Pegou o metrô por umas duas estações, depois foi a pé até Chelsea, e lá tomou outro táxi até Murray Hill. A perseguição terminou numa cabine telefônica.

Vito Pizzuto e Barret foram hábeis e tiveram sorte de não perdê-lo de vista. Enquanto o polonês discava, Barret, com um pequeno binóculo de teatro, conseguiu ler o número do telefone... mas não pôde ouvir a conversa.

— Jack, é o Morris — disse ao reconhecer a voz de Mastrangelo.

— Eu mandei você não ligar — repreendeu-o o siciliano em tom seco.

— Tomei cuidado, não se preocupe. Sei o que estou fazendo. Tenho uma informação para o seu patrão.

— Eu não tenho patrão... em todo caso, diga. Do que se trata?

— Brian Stoker está fugindo. Amanhã parte para a Flórida... É isso, a partir de amanhã estou desempregado... tenho na mão todos os esquemas dos irlandeses. Se interessar, estou pronto para cedê-los a você e ao seu amigo.

Do outro lado do telefone fez-se silêncio, depois um clique interrompeu a comunicação. "Italianos desgraçados", pensou Rudesky. "Quem eles acham que são?"

Graças aos favores de um funcionário da companhia telefônica, Barret descobriu em poucos minutos que o número de telefone correspondia ao de um usuário do Brooklyn: Jack Mastrangelo!

Jack Mastrangelo era o homem que conduzira a negociação em nome de um cliente misterioso. Portanto, o informante tinha sido o polonês, contando a Mastrangelo que os Stoker estavam para receber dez quilos de cocaína.

Enquanto Tom Bontade ouvia os resultados da vigilância, ocorreu ao velho chefão que quem tinha lhe falado daquela proposta fora o finado Big Jordan. E ele soubera por meio da sua puta. Uma tal de Marta. Era a única que conseguia despertar uma ereção nele: mas como Marta sabia da proposta?

— Eu devia ter pensado antes — recriminou-se Bontade. — Vocês precisam achar essa puta. Perguntaremos sobre seus últimos clientes, não os habituais, e na lista vai estar nosso homem, o que montou toda essa encenação.

Cooper conhecia bem as amigas de Marta. Mais de uma vez ele mesmo tinha acompanhado Big Jordan, aproveitando a ocasião para ficar com alguma amiguinha dela.

Elas contaram que Marta tinha sido atacada por um maluco uma semana antes, que matara o cliente e a espancara muito, deixando-a em coma. Agora ela estava no Sant Vincent Hospital. Conseguira sobreviver, mas continuava em

estado crítico.

Barret tinha um primo paramédico no Sant Vincent. Pediu a ele o favor de se aproximar da garota.

De início o primo de Barret relutou, porque não queria se envolver com os negócios do parente, que sabia serem um pouco obscuros. Mas depois, diante de uma nota de dez dólares, refreou sua consciência maleável e deixou Barret entrar no quarto da pobre garota durante o turno da noite.

Marta estava irreconhecível. Seu rosto estava roxo e com inúmeros hematomas. Uma atadura cobria a testa e outra sustentava o maxilar. Os olhos estavam tão inchados que só se viam suas pupilas se mexendo entre as fendas. O nariz também estava vistosamente coberto de curativos e a pele ao lado das orelhas e das sobrancelhas tinha sido costurada com vários pontos.

Disfarçado de enfermeiro, Barret se aproximou do soro e fingiu que regulava o dosador. Depois se reclinou sobre ela para ver se estava acordada. Percebeu que a garota estava apavorada com sua presença.

Ele se aproximou de seu ouvido e murmurou:

— Marta, alguns amigos me perguntaram se você se lembra do nome da pessoa que te contou que queria comprar uma carga de coca... Sabe do que eu estou falando?

A garota não se movia, mas não o perdia de vista.

— Consegue falar?

Marta fez um imperceptível movimento com a cabeça e Barret entendeu que era um "não".

Ele olhou ao redor procurando alguma solução... sobre a mesinha viu um bloco e um lápis... "É assim que se comunicam com ela", pensou.

Ele colocou o lápis entre seus dedos e por baixo o bloco. Com grande esforço, Marta conseguiu escrever FERDINANDO LICATA.

Para Tom Bontade, aquele nome não dizia nada. Mas Vito Pizzuto o conhecia bem.

— Conheço aquele filho da puta — disse avançando um passo. — É o príncipe Ferdinando Licata, dono de metade de Salemi. Ele também fugiu da Sicília, estávamos no mesmo navio. E esperto o príncipe soube se adaptar bem depressa ao nosso estilo de vida.

Cooper entrou na sala do apartamento que Bontade usava como escritório e sala de reuniões. Aproximou-se do chefe e estendeu-lhe o jornal da manhã.

Tom leu a manchete em nove colunas... "Justiçados os assassinos do *Paraguay Star*". Os jornais da manhã tinham publicado a notícia da descoberta de três cadáveres executados com um tiro na cabeça num galpão às margens do rio Harlem. Haviam morrido aproximadamente na mesma noite do massacre no *Paraguay Star* e por isso tinham sido associados à chacina do navio. As autoridades judiciárias e os jornalistas acreditavam ter sido eles os executantes do massacre, embora não tivessem sido encontradas armas no barracão.

O cenário tornava-se cada vez mais claro para Bontade. Os três tinham sido usados como mão de obra, e depois o contratante devia tê-los executado também. Para saber se aquele príncipe siciliano era o responsável pelos dois massacres, precisava falar de novo com Brian Stoker. O alvo fora a família dele. O ocorrido tinha todas as características de uma vingança.

Tom Bontade voltou mais uma vez ao velho Stoker. O homem já estava de partida para a Flórida.

Bontade se aproximou com os braços abertos, como para abraçá-lo.

— Veio se despedir de mim? — perguntou Brian.

— Só entendemos a vida quando nos damos conta de algumas coisas. Estivemos em guerra todos esses anos e poderíamos muito bem ter vivido em paz, sem nos atormentar.

Os dois homens se abraçaram. Pareciam realmente dois velhos amigos e, no entanto, um deles tinha matado o filho do outro.

— Talvez eu tenha descoberto quem nos jogou um contra o outro — disse Tom, soltando-se do abraço.

— Pelo que me diz respeito, é tarde demais — disse Brian, incomodado.

— Mas eu preciso que ele pague... o nome Ferdinando Licata lhe diz alguma coisa?

Brian Stoker repassou na memória as pessoas que haviam tido alguma relação com sua família nos últimos meses.

— Licata... Kevin me falou dele. É o velho do La Tonnara, um restaurante de italianos. Tivemos problemas com aquela gente e uma noite precisamos lhes dar uma lição. Mas já são águas passadas. Foi ali que nasceram todos os nossos problemas. Kevin foi torturado e depois começamos a receber telefonemas de ameaças... ameaças aos Stoker... depois aquela matança... Caro Bontade, o fim dos tempos realmente chegou.

Despediu-se com um aceno e se afastou devagar pelo longo corredor.

Ao chegar em casa, Bontade quis encontrar Vito Pizzuto sozinho.

— Por que você odeia tanto o príncipe Licata?

— Quando estávamos no navio, ele me ofendeu na frente dos meus amigos. Não admito que faltem ao respeito comigo. Ele me chamou de "cafetina".

Bontade teve vontade de sorrir, mas se conteve.

— Dizem que a picada de um pernilongo coça menos depois que conseguimos esmagá-lo. Licata precisa morrer.

— ... e a picada vai me coçar menos.

— Prepare um plano. Mas precisa ser rápido, se quisermos ocupar aquele bairro que os irlandeses deixaram livre.

Ferdinando Licata já se instalara fazia algum tempo no território a que Bontade se referia. Depois que a gangue dos irlandeses desapareceu, mas principalmente com a morte de Damien, os moradores de Tompkins Square e vizinhança tinham começado a respirar. As mães deixavam as filhas saírem sem ser escoltadas pelos pais ou irmãos mais velhos, os lojistas tinham abaixado os preços das mercadorias, agora que não eram mais pressionados pelas exigências dos Stoker, os donos dos restaurantes tinham voltado a sorrir, não precisando mais se submeter à presença desagradável de Damien e seus companheiros. E Ferdinando Licata, quando encontrava na rua do bairro algum amigo beneficiado por suas intervenções, era saudado com o velho título de Father. Na verdade, os velhos continuavam a saudá-lo no dialeto original: "Nossos respeitos, *patri*".

Desde que decidira participar do jogo, Ferdinando tinha deixado seu cômodo no La Tonnara. Tanto para liberar a sobrinha Betty de sua presença quanto, e principalmente, para não envolvê-la em suas novas atividades. Mas não passava um dia sem visitar Ginevra, sua querida sobrinha-neta. O apartamento que comprara situava-se a menos de cem metros do restaurante. De fato, ficava na rua 8 Leste, bem na frente dos plátanos, olmos e acácias que sombreavam e arejavam a praça.

Para ele e Mastrangelo eram dias muito intensos, pois ambos estavam organizando a estrutura de uma sólida "família". Isso significava procurar "soldados" confiáveis, e era a parte mais difícil. Significava obter o assentimento das pessoas. Mas também significava criar uma imagem de absoluta eficiência, para poder substituir as autoridades constituídas.

A última peça faltante do quebra-cabeça era um braço direito como Saro. Mas Jack Mastrangelo já havia pensado nisso.

# 41. A festa de são Ciro

Por dias e dias, Isabel perambulou pela cidade em busca de ajuda. Amigos, conhecidos, companheiros de um dia de alegria ou de tristeza, ninguém prestou muita atenção a seu desespero. Todos estavam ocupados em conseguir alimento, uma cama, uma mulher, um trabalho. Todos corriam e não tinham tempo para se compadecer das dores de amor de uma mulher.

Ela pedira apoio a todos, menos à única pessoa que talvez sentisse pena dela: Saro. Não tinha coragem de procurá-lo. Uma amiga lhe dissera onde ele morava... quantas vezes Isabel passou na frente de seu portão, seguindo adiante para não ceder ao orgulho. "É orgulho, o pecado inevitável dos tolos", pensava ela.

Mas um dia armou-se de coragem e, em vez de seguir em frente, entrou naquele portão da Great Jones Street. Foi até o último andar e bateu à porta 45.

O rádio estava ligado e transmitia de uma sala do Harlem o concerto da orquestra de Cab Calloway. Mas também ouviam-se vozes, e a porta se abriu logo depois.

Saro certamente não esperava vê-la e manteve a porta meio fechada. Com o sorriso mais maroto que conseguiu exibir, Isabel o cumprimentou acenando os dedos da mão.

— Oi, Saro...

O jovem continuou a fitá-la como que hipnotizado, sem se mover.

— Não vai me convidar para entrar? — Isabel estava sempre linda, apesar dos dias que passara no mais profundo desespero.

Saro continuava a olhá-la extasiado... depois sua expressão se transformou em desconforto.

— Não vai nem me cumprimentar? — continuou Isabel, sem entender o ar de perplexidade dele.

Atrás de Saro ouviram-se passos e uma voz feminina perguntou:

— Saro, querido, quem é?

Na moldura da porta apareceu uma moça morena, bastos cabelos negros, olhos escuros e decididos. Ela se aproximou de Saro e o tomou pelo braço. Depois viu Isabel.

— Quem é ela?

Dessa vez foi Isabel quem se surpreendeu. Saro pôs fim à situação embaraçosa.

— Ninguém; essa senhora se enganou de endereço. — Arrasado, fechou de novo a porta.

Alguns segundos depois, Isabel se afastou na direção do elevador e se abriu num pranto silencioso e convulsivo. Ninguém queria mais nada com ela. Foi uma sensação que lhe deu vertigens. Sentiu que ia desmaiar, mas se apoiou à parede e continuou a dar vazão a seu desespero, chorando descontroladamente.

— Aquela moça estava desesperada — disse Agnese a Saro, voltando para a cozinha.

— Como você pode dizer isso? Você mal a viu.

— Você esquece meu excepcional sexto sentido — gracejou ela.

— Então me dê os números da loteria, Senhorita Sexto Sentido.

Saro se aproximou dela e a abraçou pelas costas. Tentava disfarçar a própria tristeza.

De repente a música no rádio cessou e o locutor disse em tom grave:

— Lamentamos interromper o concerto ao vivo da orquestra de Cab Calloway no Apollo do Harlem para transmitir um comunicado importante. Estamos ao vivo no Reichstag de Berlim, na Alemanha. Vai falar o chanceler Adolf Hitler.

O locutor se calou e, poucos segundos depois, toda a América ouviu o discurso do Führer, com tradução simultânea feita pelo locutor americano.

Agnese se virou e abraçou-se instintivamente a Saro, como que buscando proteção. As palavras guturais do Führer, gritadas com violência e determinação, incutiam medo. O tradutor tinha dificuldade em acompanhá-lo. O discurso foi longo e confuso por causa da tradução simultânea.

— O que ele está dizendo, meu amor? — perguntou fitando-o nos olhos.

— Que estourou a guerra na Europa. Mas não precisamos ter medo. A América não vai se envolver nas brigas deles.

Saro tinha razão. Naquele dia, naquele 1º de setembro de 1939, uma sexta-feira, Hitler lançou seus *panzers* e seus *stukas* contra a cavalaria polonesa. Em menos de três semanas, a Wehrmacht chegou a Varsóvia, assombrando as outras nações europeias com a rapidez e a eficiência de sua ação militar.

As destruições causadas nas cidades pelas incursões aéreas também deixaram os analistas políticos perplexos. Os vilarejos desapareciam e as cidades se desintegravam sob os bombardeios aéreos, e aquilo era apenas uma amostra do que iria acontecer nos anos seguintes.

Nova York, diferentemente de Varsóvia, continuava sendo a cidade vibrante que todos conheciam. O discurso do Führer não preocupou demais os cidadãos nova-iorquinos. E o povo americano dizia que a Europa ficava longe, do outro lado do oceano.

Poucos dias após o anúncio da invasão da Polônia, Little Italy celebrava o dia do martírio de são Ciro, padroeiro dos imigrantes provenientes de Marineo, uma cidadezinha da Sicília próxima a Palermo. Na verdade, Ciro, médico de Alexandria, fora torturado pelos romanos em 31 de janeiro. Mas os imigrantes sicilianos se habituaram a organizar as festas do santo padroeiro na primeira semana de setembro, provavelmente porque em janeiro o clima em Nova York é rigoroso demais.

Para os marineses espalhados pelos Estados Unidos, a festa anual de são Ciro era uma oportunidade de reencontro, de confraternização, com comilanças pantagruélicas, abraços comovidos e apertos de mão entre conterrâneos e conhecidos, sorrisos e piscadelas entre os jovens. Era a hora das declarações de amor e do "planejamento de matrimônios". E não eram apenas os marineses que acorriam para homenagear a estátua do santo; de modo geral, era a festa de todos os sicilianos que estavam longe da terra natal.

No início do século XX, a comunidade siciliana se estabeleceu em Nova York, fixando-se na Elizabeth Street, Blecker, Houston e na Prince Street. Desde aquela época, para não deixar que os vínculos com sua terra de origem se enfraquecessem, os imigrantes decidiram contribuir para a construção de uma estátua de são Ciro semelhante à que haviam deixado em seu torrão natal. Reunidos os fundos necessários, encomendaram a um ourives siciliano uma estátua de prata maciça, pois também de prata é a urna que guarda a estatueta que se encontra na igreja matriz de Marineo, juntamente com o crânio do santo decapitado pelas tropas romanas.

O ourives fundiu o metal com perícia, fazendo uma réplica perfeita da estátua original.

Enviada para os Estados Unidos, a estátua ficou exposta na vitrine de uma loja de tecidos na Elizabeth Street, onde se reuniam os membros da congregação encarregados de organizar as festividades para o santo padroeiro. Por dias e dias, os sicilianos da América desfilavam em procissão diante da vitrine para rever a estátua que haviam deixado na pátria.

Desde então, todos os anos, entre o final de agosto e a primeira semana de setembro, Little Italy se animava como por encanto. Nesse período, as ruas eram invadidas por um desfile interminável de barracas coloridas. Havia vendedores de mexilhões, linguiças, algodão-doce para as crianças. As janelas eram enfeitadas com bandeiras com as cores italianas e estrelas e faixas americanas, e entre um prédio e outro montavam-se arcos de ramos e folhagens ou fios com pequenas lâmpadas que iluminavam as ruas escuras. A Congregação mandava erigir um altar especial para a ocasião, onde era colocada a estátua do santo. Outros dois palcos eram reservados às bandas musicais. À tarde e à noite, os moradores do bairro podiam ouvir trechos de óperas. Assistiam a comédias em dialeto, e havia espetáculos de marionetes sicilianas com as histórias de Orlando e seus paladinos. Mais tarde, a banda tocava músicas populares para as pessoas dançarem.

Mas o momento mais aguardado por todos era a segunda-feira, o último dia das festividades, quando ao anoitecer tinha início a procissão solene.

Antes de começar o longo percurso, as pessoas depositavam cédulas na estátua, cada uma conforme suas posses. Essa cerimônia também era um espetáculo memorável, quando milhares de braços se estendiam ao mesmo tempo para a imagem do santo, depondo sua oferenda. Terminada a homenagem, o baldaquim de prata era levado nas costas por um grupo de carregadores, que haviam conquistado aquele privilégio pagando caro por ele. A estátua de são Ciro, coberta de dólares, escoltada pela banda e seguida por milhares de fiéis, circulava então por cerca de duas horas pelas ruas de Little Italy, em meio à comoção geral. Todos persignavam-se à passagem do santo. Muitas mulheres, principalmente as idosas, seguiam o pálio descalças. Coros improvisados entoavam orações mais ou menos espontâneas.

*Diu vi sarvi, Santu Ciru, tuttu chinu di carità.*
*Aiutatinni e assistinni, nni li nostri nicissità.*
*O gran medicu beneficu, pi virtù di lu Spiritu Santu,*

*grazia vulemu, di vui patri d'Amuri.**

No final da imponente procissão, por volta da meia-noite, a estátua era reconduzida à igreja, onde seria venerada pelos fiéis do bairro durante o resto do ano.

E então a festa explodia em milhões de cintilações. Era o início dos fogos de artifício, tão ansiosamente aguardados. E era nesse exato instante que o pensamento de todos voava para as lembranças do lar, dos amigos deixados para sempre, dos irmãos e irmãs que talvez jamais voltassem a ver. Nesse momento em que as explosões alegres dos fogos deviam oferecer um pouco de alegria àquele povo desconsolado, os olhos se umedeciam, os corações se apertavam como num torno à recordação da terra natal.

Tal era o cenário que Vito Pizzuto queria utilizar para empreender sua vingança contra Ferdinando Licata. Encontrou Tom Bontade e lhe expôs o plano, o qual, porém, deixou o chefão perplexo, em razão do impacto negativo que poderia causar entre a população.

Na prática, Pizzuto queria encher a estátua de são Ciro com bananas de dinamite, para que explodissem com um tiro de carabina no momento em que o príncipe Licata se aproximasse da imagem do santo.

— O momento de acionar o detonador será quando o príncipe colocar sua oferenda na estátua do santo — especificou Vito Pizzuto. — Os estilhaços de prata devem ser letais. Certamente haverá alguns danos imprevistos.

— O que significa "danos imprevistos"? — perguntou Tom Bontade.

— Em poucas palavras, significa que outras pessoas também sairão feridas. Mas o homem dos explosivos vai montar a coisa de maneira que a saída da chama fique bem na parte da frente da estátua. Ali onde a pessoa vai para pendurar os dólares. — Pizzuto expunha aquelas ideias com a frieza de um contador.

— O atentado na estátua de são Ciro fará com que todos os moradores de Little Italy nos odeiem — ponderou Bontade.

— É um risco que devemos correr... Em todo caso, é mais seguro ser temido do que ser amado — arrematou Pizzuto.

Tom Bontade refletiu sobre a proposta durante alguns minutos. Não estava convencido de que devia destruir a estátua de são Ciro. Custara sacrifícios a toda a comunidade siciliana, e despedaçá-la daquela maneira lhe parecia uma traição. Licata podia ser liquidado com um tiro de *lupara*, mas não causaria o mesmo impacto em relação à população que já o adotara como "Pai".

— Pizzuto, eu lhe dou uma resposta amanhã de manhã.
Dito isto, ele o dispensou, pois queria ficar sozinho.

* [Deus vos salve, são Ciro, todo coberto de caridade./ Ajudai-nos e assisti-nos em nossas necessidades./ Ó grande médico benéfico, pia virtude do Espírito Santo,/ graça pedimos a vós, pai de Amores.]

# 42. O fim da razão

Segunda-feira, 11 de setembro, era o dia de encerramento das festas de são Ciro. Aquela edição de 1939 fora especialmente bem-sucedida. Tinham vindo delegações sicilianas de todas as partes dos Estados Unidos, e a participação dos italianos de Nova York fora maciça. A imagem da guerra que estourara poucos dias antes na Europa criava uma grande ansiedade entre aquele pobre povo. Todas as famílias tinham deixado parentes e amigos na pátria e todos receavam que o conflito lhes trouxesse luto e dor. Mas, na verdade, até aquele momento Mussolini parecia não ter a menor intenção de ir para a guerra, porque, dizia ele, a Itália ainda não estava pronta para entrar em ação.

Na segunda-feira da procissão, todos os italianos da metrópole participavam das funções solenes em homenagem ao santo padroeiro.

Milhares de pessoas se aglomeravam pelas ruas de Little Italy, principalmente na Elizabeth Street e vizinhanças. Oficiou-se a santa missa e então chegou o momento de apresentar a estátua de prata à devoção e à generosidade dos fiéis. Era uma prática que permitia à Congregação recolher fundos para a manutenção da estátua e fornecer ajuda econômica às famílias em estado de indigência.

Em meio à multidão, com roupa de festa, destacava-se Ferdinando Licata, em parte porque era um palmo mais alto do que os demais, em parte porque, com seu terno príncipe de Gales, era provavelmente o homem mais elegante da praça. Ferdinando segurava a pequena Ginevra pela mão, a qual volta e meia lhe pedia para ficar no colo e poder enxergar além da parede de pernas à altura de seus olhinhos. Atrás deles, de mãos dadas como dois namorados, estavam Betty e seu marido Nico. Ambos também vestiam suas melhores roupas e sorriam a todos os conhecidos que encontravam. Tinham fechado o La Tonnara para assistir à procissão e se permitiram um dia de folga. Depois do sumiço dos Stoker e, portanto, de suas exigências, as pessoas tinham voltado a

frequentar o restaurante, que agora finalmente estava no azul, e Nico até pensava em contratar um cozinheiro de verdade.

Misturados entre a multidão estavam também Tom Bontade e o fiel Carmelo Vanni. Barret e Cooper, os dois guarda-costas, não os perdiam de vista e com empurrões grosseiros afastavam jovens e até mulheres que tivessem o azar de estar atrapalhando o caminho do patrão deles. Bontade e Vanni, ambos com seus ternos escuros de risca de giz, observavam constantemente ao redor, como que procurando alguém que ainda não chegara.

Na entrada de uma doceria estava Agnese, a nova paixão de Saro. Ele saiu da loja com uma nuvem de algodão-doce. Estendeu a ela, que pegou a vareta de madeira com um sorriso festivo, depois lhe deu um beijo radiante no rosto e mergulhou os lábios nos vaporosos filamentos doces. Para ficar acima das cabeças da multidão, ambos subiram no degrau da porta da doceria e se prepararam para assistir à procissão.

A missa terminou e a banda começou a tocar uma música clássica solene. Os doze carregadores, todos usando o mesmo jaquetão vermelho, abriram espaço entre a multidão aglomerada perto da estrutura com a estátua de são Ciro. Seis de um lado e seis do outro, ergueram a armação e a equilibraram nos ombros. Não precisavam fazer muita força, porque a estrutura não era grande. O conjunto tinha no máximo dois metros e meio e não pesava mais do que cem quilos.

Logo que os carregadores ergueram o santo, a banda interrompeu a música sacra e começou um hino mais ritmado para facilitar a marcha dos carregadores. O pároco desceu do estrado onde oficiara a missa e, com um número indeterminado de coroinhas, as devotas e dois diáconos, foi encabeçar o cortejo, e a procissão teve início.

A armação com o santo de prata seguia os sacerdotes, atrás vinha a banda e por último a multidão de imigrantes.

O percurso pelas ruas do bairro levou duas horas. A aglomeração obrigava os carregadores a diminuir o passo. As litanias se alternavam com corais, antigos hinos de igreja e ave-marias. Depois de duas horas, voltaram à praça onde estavam montados os palcos. A banda se posicionou e os músicos finalmente puderam se sentar. O padre subiu no altar e são Ciro foi colocado num suporte logo abaixo do altar. A cerimônia das doações ia começar. Era o último ato antes do início dos fogos de artifício. De repente ergueu-se um aplauso espontâneo na multidão. Algumas mulheres gritaram:

— Viva são Ciro!

Um homem, com as mãos em funil na boca, bradou:

— São Ciro, faça-nos voltar.

Foi como um sinal. Muitos repetiram o mesmo voto. Enquanto isso formava-se uma fila na frente da estátua: homens com bebês adormecidos no colo, adolescentes, rapazes, idosos. Todos trazendo uma nota de cinco dólares, alguns de dez, alguns poucos de cinquenta. Os rapazes doavam um dólar. Alguns conseguiam pregar a nota na efígie do santo, outros deixavam na cesta colocada a seus pés.

Tom Bontade, em sua posição no centro da praça, distante da estátua, virou-se e viu no terraço do edifício às suas costas, na escuridão, o reflexo brilhante do cano de uma carabina.

No último andar do prédio, Roy Boccia, um ex-atirador de elite na guerra terminada em 1918, ajustava a mira na cabeça da estátua de são Ciro. A seu lado estava Vito Pizzuto, que, com um binóculo, não perdia de vista Ferdinando Licata. O príncipe, sempre segurando a mão da sobrinha, tinha entrado na fila para prestar sua homenagem ao santo. A nota que Ginevra levava na mão era de cem dólares, generosidade que não passou despercebida à maioria das pessoas na praça.

Saro e Agnese tinham se afastado e agora estavam ao lado de uma árvore, para enxergar melhor as pessoas que ofereciam seus donativos ao santo. Ao lado da estátua, Saro viu Isabel. A moça usava um vestidinho verde justo que ressaltava suas formas e estava com um lenço nos cabelos ruivos, como faziam todas as italianas quando entravam na igreja. Mas Isabel, embora católica, não tinha nada a ver com a cerimônia. De fato havia pouquíssimos estrangeiros na praça. Ele notou que Isabel chorava, e era evidente que não tinha dado certo com Dixie: ele era ligado demais à música, pensou Saro. Naquele momento, Saro viu Ferdinando Licata passar. Reconheceu-o imediatamente.

Saro o apontou à Agnese.

— Está vendo aquele senhor de mão dada com a menina? É o príncipe Ferdinando Licata.

— Eu conheço, aqui todos o chamam de The Father.

— É meu amigo — vangloriou-se Saro. — É da mesma cidade que eu, de Salemi. No navio ele me salvou da prisão, dizendo ao oficial que eu era seu amigo.

— Ele te salvou da prisão? Mas será possível que você está sempre se metendo em confusões?

Saro sorriu e lhe deu um beijo na boca.

O clima de festa, o vozerio excitado das pessoas, os sons melodiosos do dialeto siciliano fizeram voltar-lhe à mente sua Salemi dos dias de santa Faustina: o bingo na praça, a procissão, os fogos de artifício. Em sua memória desfilaram os rostos sorridentes de Stellina, Ester, de seus pais adorados: Annachiara e Peppino. Sentia saudades e sofria por não ter notícias deles há muito tempo.

Enquanto isso, Ferdinando Licata e sua sobrinha-neta tinham se aproximado do pálio. Ainda havia duas pessoas na frente.

Tom Bontade se virou para olhar o terraço. O momento era propício.

Vito Pizzuto o observava com seu binóculo militar. Viu Bontade se virar para ele. O chefe não podia vê-lo, mas sabia que ele o observava. Um pouco mais adiante, Pizzuto viu a figura inconfundível de Licata.

Sussurrou ao ex-atirador:

— Está com ele na mira?

— Estou — foi a resposta lacônica.

Vito Pizzuto voltou a focalizar o binóculo em Tom Bontade, que se virara para a estátua. Ao lado do patrão, viu também Carmelo Vanni, na ignorância do que se passava. Tirando Bontade, Roy Boccia e ele, ninguém sabia o que estava para acontecer.

Boccia era o melhor atirador e especialista em explosivos que havia. Inserir o detonador na cabeça oca do santo e a banana de pólvora negra dentro da estátua tinha sido brincadeira de criança. Ninguém jamais pensaria num atentado contra a estátua de são Ciro.

Tom Bontade se virou novamente para Pizzuto e fez um movimento quase imperceptível com a cabeça. Era o sinal combinado.

Bontade tinha se reservado até o último minuto a decisão de autorizar ou não o atentado. No final decidiu-se pelo massacre.

Agora havia apenas uma pessoa na fila antes de Licata e Ginevra. O príncipe levantou a menina no colo, para aproximá-la mais da estátua. A nota de cem dólares devia ficar exposta, como ditavam as regras, por isso Ginevra devia tentar colocá-la em alguma superfície ainda livre.

Finalmente chegou a vez deles. Licata estendeu a menina até a estátua de prata. Betty e Nico assistiam à cena alguns metros atrás.

As pessoas mais próximas viram o valor da nota e aplaudiram, e logo se seguiu o aplauso festivo de toda a praça. Novamente ouviram-se os vivas: "Viva são Ciro"; outros gritaram "Viva The Father", quando de repente a cabeça da estátua foi atravessada por um tiro seco e em seguida uma explosão partiu ao

meio a lâmina de prata da estátua. Uma labareda atingiu em cheio as pessoas que se encontravam diante da imagem. Ferdinando Licata, com Ginevra nos braços, foi arremessado a dez metros de distância pela onda de impacto. Milhões de estilhaços se precipitaram como uma chuva de agulhas dilacerantes sobre o povo aglomerado em torno da estátua. Gritos e lamentos subiam aos céus, como um dramático coro grego. A multidão ondulou, tomada pelo pânico. Passados os primeiros instantes de assombro, todos começaram a chamar seus entes queridos e a fugir em todas as direções, pisoteando velhos e crianças que tinham caído por causa do deslocamento de ar. Instintivamente, Nico abraçara Betty para protegê-la, mas então voltou-lhe à mente um flash da filha se inclinando na direção da estátua, e depois mais nada.

Muita gente estava caída no chão com o rosto ensanguentado. Betty se recuperou do choque e olhou para o altar e o pálio do santo: o local onde tinha visto a filha pela última vez. Mas não havia mais nada ali, apenas tábuas arrancadas e dólares ainda esvoaçando no ar. A estátua se transformara num amontoado informe de prata. Quando Betty começou a entender o que havia acontecido, gritou com todas as forças o nome da filha:

— Ginevra!!!

E disparou a procurá-la entre a multidão que chorava e os feridos que gemiam.

Saro, que estava com Agnese longe da explosão, ao contrário da grande maioria não fugiu, e se encaminhou ao altar. Agnese se encolheu junto ao tronco da árvore e irrompeu em lágrimas, como grande parte das pessoas que tinham saído ilesas. Saro, como um autômato, foi até o ponto onde vira Isabel pela última vez.

— Isabel! Isabel!

Seu grito se somou aos de outras pessoas que vagavam em busca de parentes e amigos.

Reconheceu o vestido verde. Ela estava caída no chão, imóvel como uma boneca. Ele se lançou sobre ela e soergueu seu corpo. Apoiou a cabeça dela no braço e tentou acomodá-la com delicadeza em suas pernas. Afastou do rosto a densa cabeleira vermelha que enegrecera com o fogo. Gritou de horror. Isabel tinha sido atingida em cheio pela labareda e pelos estilhaços da chapa de prata. Seu rosto estava desfigurado e vertia sangue por todos os lados. Alguns estilhaços grandes estavam cravados em seu peito, causando ferimentos que sangravam.

Saro olhou ao redor, procurando desesperadamente alguém que pudesse ajudá-lo.

— Socorro! Socorro! — gritou para atrair a atenção.

Um homem de roupas rasgadas ouviu o chamado. Deixou uma mulher que se lamentava a alguns metros de distância e se aproximou.

— Sou médico... — disse.

Vendo o estado de Isabel e não dispondo de instrumentos, auscultou com os dedos a artéria do pescoço. Abanou a cabeça e se afastou para ir ajudar e reconfortar outro ferido.

Saro gritou de dor. Abraçou-a com força junto ao peito...

— Isabel... meu amor... não me deixe... Isabel... não morra.

Um pouco mais adiante, Agnese ouvira as palavras de Saro. Virou-se e continuou chorando. Agora não sabia mais se pelo que tinha acontecido ou porque havia perdido um amor. Em estado de choque, afastou-se abalada.

Outro grito se levantou no meio da praça. Betty conseguira reconhecer Ferdinando e os restos de sua pequena Ginevra. Nico, à distância, viu a mulher se prostrar no chão e bater desesperadamente os punhos na calçada. Com a angústia que lhe fechava a garganta, correu para ajudá-la. Não ousava fitar a seu lado a pequena massa amorfa de sangue, carne e trapos que restara de sua pobre filha. Dobrou-se sobre Betty e a abraçou, cobrindo-a com seu corpo, como que para protegê-la daquele horror.

Tom Bontade, totalmente ileso, percorria a praça oferecendo auxílio e conforto a quem pedia. Procurava se mostrar a muita gente, pois pretendia ser lembrado como o primeiro a socorrer os feridos.

No alto, no terraço do edifício que ficava de frente para o pálio, Roy Boccia desmontou a carabina e a guardou no estojo. A seu lado, Vito Pizzuto se comprazia em observar o belo resultado do plano deles. Estava muito satisfeito com o resultado.

Ferdinando jazia estendido no chão com o rosto desfigurado virado para cima. Segurava nos braços os farrapos da roupa da menina, enquanto o resto do vestidinho tinha se imprimido no corpo carbonizado de Ginevra, martirizada pelas chamas e pelos estilhaços de prata.

Betty afastou com raiva o marido... não sabia como pegar a filhinha, com medo de machucá-la.

Mas Ginevra não podia mais sentir a dor dos homens.

Alguns minutos depois, chegaram os primeiros caminhões-tanque do corpo de bombeiros e as ambulância dos hospitais próximos. Os paramédicos e os

médicos atenderam primeiro aos sobreviventes e depois pensaram nos mortos.

Duas mãos caridosas tiraram o cadáver de Isabel dos braços de Saro. Apoiaram a jovem numa maca e depois a colocaram no furgão negro do necrotério.

Saro se levantou como um autômato. Estava esvaziado de qualquer vontade. Um pouco adiante, reconheceu o príncipe Ferdinando Licata. Identificou-o pelas roupas esfrangalhadas. Acercou-se dele.

Dois paramédicos haviam colocado uma maca no chão, a seu lado. Um bombeiro, com toda a delicadeza que o momento requeria, obrigou Betty a se afastar da filha para permitir que os enfermeiros ajudassem. Mas Betty lutou com todas as suas forças para continuar ali imóvel. Foi tomada por uma nova crise histérica e um dos enfermeiros precisou lhe injetar um sedativo. Enquanto isso, seu colega tinha recolhido delicadamente a pequena massa sangrenta de carne e ossos, ajeitando-a numa maca. Chamou um bombeiro para ajudá-lo e levaram os restos do pequeno cadáver até o lúgubre furgão negro.

Apenas depois de removerem as roupas queimadas e os estilhaços que haviam transpassado várias partes do corpo de Ferdinando Licata, Saro percebeu que o príncipe ainda estava vivo, com imperceptíveis sinais de atividade nas pupilas. Estava reduzido a um estado assustador. Os traços do rosto não existiam mais. O nariz tinha sumido, a boca se transformara numa fenda, a pele estava completamente queimada. Seus olhares se encontraram e por alguns instantes os olhos do príncipe pareceram transmitir uma profunda emoção.

Saro se recuperou e exclamou:

— Está vivo! Está vivo! Aqui! Rápido! Doutor! Ele está vivo!

Dois médicos socorriam uma velha senhora. Um deles deixou a mulher e, apanhando no chão a valise de primeiros socorros, correu até ele.

O médico se inclinou sobre Ferdinando e logo se deu conta de que não lhe restava muito tempo.

— Uma maca, depressa! Uma maca e uma ambulância!

Dois enfermeiros vieram correndo de uma ambulância, empurrando uma maca, depositaram o príncipe sobre ela, e um minuto depois a ambulância partiu com a sirene ligada para o Cabrini Medical Center, próximo dali.

No centro da praça, Tom Bontade, o artífice daquela carnificina, estava confortando um popular que ainda não entendia o que havia acontecido. Viu o corpo de Ferdinando Licata sendo levado para uma ambulância e não para o furgão do necrotério. Entendeu que o príncipe não morrera na explosão.

# 43. Paz ou, melhor, quase guerra

O atentado causou enorme comoção em toda a América. A comunidade italiana não conseguia entender como alguém pudesse sequer imaginar tal crime. Tinha sido um sacrilégio. Não podia haver perdão para quem promovera aquela chacina.

As autoridades da cidade interpretaram aquela represália como um recrudescimento da guerra entre as famílias mafiosas de Nova York e reforçaram a repressão ao crime.

Os cidadãos exigiam pulso de ferro com todos os infratores da lei. Mas a verdade, como tantas vezes acontece, era mais banal. Ninguém poderia imaginar que aquela ação cruel era fruto da vingança de um psicopata do calibre de Vito Pizzuto, amparado por um chefão igualmente megalomaníaco, Tom Bontade.

Dez dias depois do atentado, os médicos consideraram Ferdinando Licata fora de perigo e ele foi transferido para o Bellevue Hospital. A explosão destruíra completamente seu rosto, que, depois da cirurgia, ficou enfaixado como o de uma múmia. Havia apenas as aberturas para os olhos e a boca, a qual ele não podia mover.

Quatro semanas depois, ele já conseguia falar e podia receber visitas. Um dos primeiros a visitá-lo foi Nico, o marido de Betty. Com profunda dor no coração, falou de Ginevra. A pequena tinha morrido instantaneamente. O médico legista, talvez para aliviar um pouco a dor dos pais, dissera que a criança não devia ter sentido nada. Ferdinando perguntou de Betty. Nico abaixou a cabeça. Tinha dificuldade em falar sobre ela. Disse-lhe que, fisicamente, sua mulher estava bem, não fora atingida. As feridas estavam em outro lugar, ela estava arrasada com aquela morte tão violenta.

Ferdinando virou a cabeça em direção à janela, para que Nico não o visse. Conhecia a sobrinha e seu caráter combativo. Betty não queria ver o tio. Ele trouxera da Sicília aquele vírus que não distingue ninguém e massacra mulheres, crianças, maridos, irmãos e pais.

Nos dias seguintes ao atentado, Jack Mastrangelo operou em nome de Licata no ex-território dos Stoker. Alistou alguns sicilianos de lealdade comprovada. O príncipe preferia os oriundos da região de Salemi.

Mastrangelo ia ao Bellevue Hospital quase todos os dias para receber as ordens de The Father.

Jack Mastrangelo conversou com o chefe de polícia que conduzia as investigações e conseguiu que Ferdinando Licata fosse colocado sob proteção, pois certamente quem havia organizado o atentado tentaria matá-lo outra vez.

O comissário, para acalmar a opinião pública, permitiu que o quarto onde Licata estava internado ficasse sob vigilância. Quatro agentes do distrito de Manhattan, revezando-se em turnos de seis horas, protegiam a vida do príncipe.

A notoriedade de Ferdinando Licata e sua fama de homem justo e generoso subiram às estrelas. A tragédia que se abatera sobre sua família despertou a compaixão de todos os habitantes de Little Italy e sicilianos dos Estados Unidos.

O policial de guarda na porta do quarto do príncipe reconheceu Mastrangelo e o deixou entrar.

Além do rosto enfaixado, Ferdinando Licata estava também com o torso imobilizado devido ao golpe da onda de impacto, agravado pela queda na calçada. O corpinho da pequena Ginevra absorvera grande parte da explosão e lhe salvara a vida. Com efeito, os órgãos internos do príncipe não haviam sofrido nenhuma lesão.

Jack Mastrangelo sentou-se ao lado da cama.

— Cumpri todas as suas ordens, Father. Temos o controle do bairro. Ninguém opôs a menor reação. Os rapazes são bons e estão contentes em trabalhar para o senhor. Estão impacientes para entrar em ação.

— Muito bem, Jack, bom trabalho.

Ferdinando Licata falava devagar para ser entendido. O queixo também estava semi-imobilizado pelas ataduras.

— Trate de sarar, Father. Lá fora está tudo sob controle.

Licata moveu a mão pelo lençol e encostou-a no braço de Mastrangelo

para atrair sua atenção.

— Quero Saro. Chegou a hora de falar com ele.

— O.k. Vou trazê-lo o quanto antes.

Nas semanas seguintes ao atentado, o departamento de polícia de Nova York convocou todos os policiais de que dispunha. Foram suspensas por tempo indeterminado todas as folgas, férias, consultas médicas, tratamentos psicológicos, viagens. A vigilância sobre o território redobrou. Teve início um grande número de operações de controle e revistas. Foram semanas de muito trabalho para todos os distritos. Era um movimento incessante de carros e furgões transportando suspeitos e indiciados para as diversas delegacias.

Os cidadãos de Nova York tiveram um período de trégua: ladrões e traficantes preferiam não sair de casa, para evitar as inúmeras batidas das forças da ordem. Mas, apesar dessa enorme mobilização policial, os detetives não conseguiram identificar os executores e os mandantes do massacre de são Ciro.

No entanto, quem conhecia plenamente todas as motivações e os bastidores daquela ação era Sante Genovese.

O extremado empenho da polícia estava paralisando todas as atividades econômicas das famílias de Nova York. A cada dia, milhões de dólares deixavam de ser faturados, enquanto as despesas continuavam a correr. Sante estava furioso com Tom Bontade.

— Sem me dizer nada, ele planejou aquela tremenda idiotice — gritava a todos que o visitavam. — Se não fosse pelo meu tio, que o protege, eu já teria mandado meus homens matá-lo — continuava a berrar. — Um idiota desses vai nos levar à ruína.

Sante Genovese temia que se desencadeasse uma nova guerra entre as velhas e as novas famílias, como acontecera nos anos 1920. As ordens de Lucky Luciano tinham sido categóricas. Qualquer atrito entre famílias devia ser analisado e julgado pela cúpula da Cosa Nostra. Decisões tomadas unilateralmente estavam proibidas.

Sante sabia que ninguém conseguiria deter Ferdinando Licata. Tinham ouvido o príncipe dizer a seu braço direito: “Prepare os congeladores”. Isso significava que, mais cedo ou mais tarde, ele iria lavar com sangue o assassinato

da sobrinha-neta e o atentado contra ele.

Tom Bontade estava com os dias contados, mas por quanto tempo se arrastaria a contenda?

Sante Genovese precisava impedi-la a qualquer custo. Era absolutamente necessário pacificar os dois. Precisava levá-los a uma mesa de negociações. Tom Bontade cederia algo a Licata para saciar sua sede de vingança, e tudo se resolveria com um aperto de mão.

Se Tom não quisesse pedir um armistício a Licata, então ele ameaçaria contar tudo a Luciano, que ainda tinha o direito de vida e morte sobre os filiados da Cosa Nostra, embora estivesse encarcerado, fazia alguns anos, numa prisão de segurança máxima.

Jack Mastrangelo, como prometera, levou Saro à cabeceira do príncipe.

Com grande dificuldade, The Father lhe disse o que queria dele. Sabia que ele era um bom *picciotto* e que ali nos Estados Unidos tinha se empenhado, mas sem muita sorte. Ferdinando queria lhe oferecer a oportunidade que lhe faltara até o momento. Ele se tornaria o braço direito de Jack Mastrangelo, *consigliori* de Licata.

Jack ficou mais surpreso do que Saro. Não esperava aquela nomeação feita pelo príncipe. Ele, *consigliori*... Era uma honra que não pensava merecer.

— Você é a única pessoa em quem confio cegamente — disse Licata. — Vi como você trabalha e vim a conhecê-lo. Mastrangelo, ou, melhor, Jack, você já tem uma certa idade, não pode mais continuar solto por aí. É hora de encontrar uma casa.

Mastrangelo não sabia o que responder. As cicatrizes de seu rosto vibravam de emoção. No fundo, era o que sempre sonhara: ser o *consigliori* de um grande chefão. Não sabia se lhe beijava a mão pelo reconhecimento. Nunca tinha beijado a mão de ninguém na vida, e não queria começar agora.

Licata pareceu ler os pensamentos dele e decretou:

— O.k., é como se você tivesse me respondido.

Depois dirigiu-se novamente a Saro.

— Quanto a você... sei que tem um buraco negro em sua vida.

Saro ergueu os olhos e encontrou as pupilas do príncipe sob as ataduras. Seria possível que ele soubesse do Limon Blue?

— Fique tranquilo, você está entre amigos... Jamais vamos traí-lo... na verdade, você tem é de agradecer a Jack Mastrangelo, que te tirou dos

problemas...

— Mas quais problemas? — perguntou ingenuamente Saro.

— Coitada da moça... Você perdeu a cabeça... — comentou Mastrangelo.

"Mas então eles sabem de tudo", pensou Saro abaixando a cabeça, como um garotinho apanhado roubando chocolate.

— Você os massacrou sem piedade — continuou Jack Mastrangelo imperturbável.

— Não lembro nada daquela noite — tentou se justificar o rapaz.

— Você estava encharcado de álcool até os olhos.

— Mas o que aconteceu?

— Eu estava indo me encontrar com uma colega de Marta, que tem um quarto no mesmo andar onde você estava. Ouvi uma pancadaria... ou melhor, um massacre... a porta estava aberta. Você parecia uma leoa a quem tivessem roubado a cria... não parava nunca... depois se atirou na cama, meio desmaiado. Marta estava no chão, e o cliente dela também. Então peguei você, pus no carro e te larguei alguns quilômetros adiante.

— Jamais vou poder agradecê-lo o suficiente.

— Vai ter todo o tempo para saldar sua dívida. Agora você é um dos nossos, não ouviu o que o Father disse?

— É uma honra para mim.

— O.k., chega dessa lenga-lenga. Agora vamos começar a trabalhar. — O príncipe interrompeu as formalidades. — Recebi um recado de Sante Genovese dizendo que Tom Bontade quer falar comigo...

O fato era que, para evitar outra guerra entre famílias, Sante Genovese tinha convencido Tom Bontade, com argumentos que este não podia ignorar, a pedir desculpas a Ferdinando Licata pelo incidente e, para compensar a ele e sua família pela perda da menina, a lhe ceder todo o negócio de caça-níqueis.

Num primeiro momento, Bontade não quis se submeter às pressões de Sante, mas quando Genovese o ameaçou com uma intervenção de Luciano, imediatamente se mostrou mais razoável. Concordou em lhe pedir desculpas, mas... ceder o negócio de caça-níqueis lhe parecia oneroso demais para sua família.

Chegaram a um meio-termo. Bontade cederia sua parte por dois anos e depois poderia retomar uma porcentagem a ser combinada com Licata.

Tom Bontade foi obrigado a aceitar.

Sante Genovese disse que se encarregaria de organizar o encontro. Entraria em contato com Licata e estabeleceriam os detalhes do armistício. Genovese insistiu que os interesses das famílias deviam ser colocados acima de qualquer outra consideração.

— Aquele atentado idiota — repetiu-lhe pela milésima vez — foi uma péssima ideia. Cutucou a polícia e paralisou nossos negócios. E tudo isso para quê?

Para Tom Bontade, a repreensão doeu mais do que o fracasso da operação são Ciro. Mas teve de aceitar e se colocar à inteira disposição de tudo o que a cúpula lhe determinasse.

# 44. A câmara de morte do La Tonnara

Mike Genna, o *consigliori* de Sante Genovese, tinha sido encarregado de coordenar o encontro entre os representantes das duas famílias.

Visto que Ferdinando Licata estava preso numa cama, seria representado por Jack Mastrangelo e Saro Ragusa. Segundo as regras da máfia, sendo Tom Bontade chefe de uma família, só poderia tratar com seus iguais. Portanto, mandaria ao encontro Carmelo Vanni e Vincenzo Ciancianna.

Mike Genna passou a semana correndo de uma família a outra, fazendo as mediações e tentando definir todas as cláusulas do acordo. Genna tinha combinado o encontro num estabelecimento do Village. Mas, no último instante, Mastrangelo fez com que ele mudasse o local para o La Tonnara, o restaurante dos pais da pequena Ginevra sacrificada pela fúria insensata dos Bontade. Era um gesto de consideração que os Bontade deviam à família Licata.

Carmelo Vanni aceitou a imposição, mas pediu que, antes de entrar, seus homens pudessem revistar o local em busca de eventuais armas escondidas, no que foi atendido.

Chegou o dia do encontro, e os homens de Bontade, vigiados pelo próprio Mike Genna e por outros dois homens de Licata, começaram a vistoria da cantina.

Barret e Joe Cooper, os dois guarda-costas de Carmelo Vanni e Vincenzo Ciancianna, entraram no restaurante e o esquadrinharam minuciosamente em busca de alguma arma. Examinaram as caixas de descarga dos banheiros, embaixo das mesas, e claro que nas gavetas e nos armários da cozinha. O cozinheiro, em período de experiência fazia poucos dias, e o único garçom que ficara no restaurante também foram revistados pelos dois homens de Bontade.

Depois de uma boa meia hora de buscas, eles se renderam à evidência: o local estava “limpo”.

Carmelo Vanni e Vincenzo Ciancianna podiam entrar. Estes, por sua vez, foram revistados pelos dois "soldados" que deviam proteger Mastrangelo e Saro Ragusa: Lando Farinella e Bobby Mascellino.

Mike Genna convidou os dois grupos a se sentarem numa mesa posta especialmente para eles. Tomou a cabeceira da mesa, à sua direita se sentaram Jack Mastrangelo e Saro, e à sua esquerda Carmelo Vanni e Vincenzo Ciancianna, que, apesar da carranca fechada dos outros, continuava sempre jovial.

— Então, o que vamos comer esta noite? — começou, para quebrar o clima de desconforto e suspeita, enquanto acomodava seu corpo de tamanho considerável.

Os guarda-costas postaram-se atrás dos respectivos representantes das famílias.

— Agradecemos nossa anfitriã de hoje, a senhora Betty, sobrinha do príncipe Licata, e seu marido Nico — destacou Mike Genna, que estava levando a sério seu papel de moderador.

Mastrangelo interveio para enfatizar o estado de ânimo em que Betty se encontrava.

— A senhora, após a morte da filha, não se recuperou mais. Ainda assim, colocou à nossa disposição um cozinheiro e um garçom, para que não nos falte nada.

— Lembro aos senhores que a nossa reunião aqui tem como finalidade desfazer todos os nós que ainda podem dividir suas famílias. Eu represento os Genovese e, portanto, indiretamente, mister Luciano. Peço que os senhores mantenham o tom dentro dos limites da decência — recomendou pacientemente Genna.

— E agora vamos começar a comer — concluiu Ciancianna com uma risada alegre.

Nico tinha preparado pratos típicos do sul da Itália, que bastava aquecer na hora. O cardápio oferecia lasanhas, berinjelas à parmegiana, fritada de abobrinha com batatas e camarõezinhos e, para encerrar, calzones de ricota e espinafre. Tudo regado por um dos vinhos cujo perfume era suficiente para evocar as belezas da Sicília, o Catarratto, um branco com aroma de laranjas cristalizadas e figos-da-índia.

O garçom trouxe o vinho antes. Deu a prova a Mike Genna, que fez sinal para servir aos outros também. Então vieram as lasanhas, e Carmelo Vanni começou a cortar o primeiro pedaço.

— Tom Bontade manda dizer — começou talhando uma fatia de lasanha fumegante — que lamenta sinceramente o ocorrido na festa de são Ciro.

Mastrangelo lhe respondeu:

— O príncipe Licata aceita as desculpas dos Bontade.

A pantomima devia ser conduzida até o final. Todos sabiam o que dizer e como os outros responderiam. Mike Genna passara a semana anterior indo e vindo de uma família a outra para acertar os termos do pedido de desculpas e do perdão. Mas as regras determinavam que a parte errada deveria expor seu arrependimento com um cerimonial que se repetia de maneira quase idêntica por muitas décadas.

— Infelizmente houve um contratempo, uma variável que não foi possível prever — continuou Carmelo Vanni. — Jamais poderíamos pensar que o príncipe iria usar a sobrinha-neta como escudo.

— Quero especificar — interveio Mastrangelo no limite da paciência — que o príncipe Licata não usou a sobrinha-neta como escudo.

Então, voltando-se para Mike Genna, retomou:

— Chamo sua atenção, mister Genna, que não deveria ser este o espírito do encontro. Agora Vanni insinua que o príncipe é um covarde e que se escondeu atrás de uma menina? Se são essas as intenções, não ficaremos para ouvir mais nada.

— Não, não, Mastrangelo, tenho certeza de que não foi essa a intenção de Vanni — interveio Genna, tentando amenizar a situação. — Ele apenas quis dizer que houve um imprevisto, representado por sua sobrinha-neta.

Dizendo isso, dirigiu-se a Vanni:

— Não vamos divagar, vamos dizer apenas o que deve ser dito.

— Mas eu estava tentando deixar claro que, se houve erro, não foi por culpa nossa — insistiu Vanni.

Vincenzo Ciancianna ergueu a cabeça do prato. A atitude de Vanni era uma clara provocação.

— Carmelo Vanni, vou continuar a ouvir todos esses disparates?

Mastrangelo pousou o garfo na mesa, no que foi imitado por Saro.

Mike Genna interveio prontamente:

— Senhores, vamos nos acalmar. Aproveitemos este bom jantar e não vamos nos desviar do assunto. Continue, Vanni.

— Tom Bontade lamenta o incidente — retomou com gravidade.

Vincenzo Ciancianna se tranquilizou e voltou à sua segunda porção de lasanha.

— Ele chama de incidente... — disse sarcástico Jack Mastrangelo. — Vamos dar os nomes certos às coisas: assassinato. Digamos que Tom Bontade lamenta ter matado uma menina de sete anos.

— Chega! Parem com isso! Não podemos continuar assim — disse Mike Genna energicamente, levantando-se da mesa. — Voltemos aos motivos que nos trouxeram aqui. Prometi a Genovese que faria a paz entre as partes, e vou conseguir, nem que seja arrebentando a maldita cabeça de vocês.

Os antagonistas finalmente se calaram. Genna voltou a se sentar.

— Vamos, Vanni, pela última vez apresente as desculpas e a proposta de Bontade.

Vanni retomou depressa:

— Em poucas palavras, Bontade, como testemunho de sua disposição pacífica e para encerrar de uma vez por todas este incidente... — E ele ressaltou deliberadamente palavra "incidente".

— Assim não dá! — disparou Mastrangelo, dirigindo-se a Mike Genna. — Ele continua a escarnecer.

Dizendo isso, deu um safanão no copo de vinho, que caiu no chão. Era o sinal combinado. Lando Farinella se precipitou até a parede de onde pendia um cabo de pesca, agarrou-o e o puxou num tranco. A atenção ao copo custou caro para Barret e Joe Cooper, os guarda-costas dos Bontade. Do teto desprendeu-se uma rede de pesca, que caiu sobre a mesa dos comensais.

Saro e Mastrangelo saltaram ao mesmo tempo para longe da mesa, a fim de evitar a armadilha. Mike Genna e os outros dois, porém, foram apanhados de surpresa. Num piscar de olhos, Saro arrancou da parede um arpão de pesca de peixe-espada e Mastrangelo pegou um remo, enquanto Barret e Joe Cooper ainda se debatiam, tentando se desvencilhar das malhas da pesada rede.

Vincenzo Ciancianna recuou instintivamente, mas os pés da cadeira cederam e ele caiu no chão.

Enquanto Bobby Mascellino tirava o segundo arpão da parede, Mastrangelo girou o remo e atingiu com toda a força a cabeça de Carmelo Vanni. Joe Cooper, conseguindo se libertar da rede, atirou-se desarmado contra Mastrangelo. Saro ergueu o arpão e o apontou para ele. Cooper percebeu e tentou se desviar no último instante. Mas Saro não se deixou surpreender e desferiu o golpe. A lança transpassou Cooper de um lado a outro. Saro puxou o ferro para si, a fim de lhe rasgar os intestinos, mas Cooper girou o tórax e, depois de agarrar o ferro com as duas mãos, arrancou-o de Saro. Com o contragolpe, Saro caiu no chão.

Mastrangelo foi rápido em levantar o remo e bateu em Barret, que ainda se debatia sob a rede. Atingiu-o com o lado cortante, e a cabeça de Barret se fendeu como uma melancia madura. A rede conseguiu reter os pedaços do cérebro, mas não o sangue, que jorrou nas paredes e no piso. Joe Cooper, ainda de pé, tentava de forma horrível tirar o arpão do peito, mas evidentemente foi inútil. Ele prosseguia à força do desespero, e com isso escapavam pedaços de intestino, além de um rio de sangue. Saro, ainda no chão, contemplava a cena horrorizado.

Mike Genna finalmente conseguira se libertar da rede, sob a qual se ouviam apenas os gemidos de Vincenzo Ciancianna. Bobby Mascellino não hesitou um segundo. Embora o gordão fosse inofensivo, Mascellino vibrou o arpão, mirando direto no coração. Um segundo depois, Ciancianna jazia imóvel sob a rede de pesca.

— Mas que porra deu em vocês? — berrou Genna, olhando estupefato a matança. — Foi tudo premeditado, então? Foi premeditado? — gritou para Jack Mastrangelo.

— Sangue chama sangue — respondeu calmamente o homem de Licata. — A ofensa foi vingada. Diga a Genovese. O príncipe Licata agora está em paz consigo mesmo e, portanto, com todos os que quiserem estar em paz com ele.

— Vou dizer! Mas que caralho de jeito de agir! — Mike Genna estava sinceramente chocado. — Vocês, sicilianos, são melodramáticos! Precisava fazer toda esta carnificina?

Genna teve o cuidado de não pisar na poça de sangue, contornou Cooper, que ainda circulava alucinado pela sala com o arpão cravado no ventre, e saiu do La Tonnara.

A agonia de Joe Cooper se prolongou por muito tempo. Mas como ninguém tinha um revólver ou qualquer arma de fogo, foram obrigados a esperar que ele morresse sozinho. Cerca de uma hora depois, quando ele expirou, soltaram um suspiro de alívio e começaram a limpar o lugar; depois, trataram de dar sumiço nos quatro cadáveres, que, ao amanhecer, foram tragados pelo cimento dos alicerces de um novo prédio popular em construção nas proximidades do Bronx.

# 45. O pesadelo ficou para trás

Pouco antes do Natal de 1939, os médicos do Bellevue Hospital decidiram submeter o rosto do príncipe Licata a uma delicada cirurgia de reconstrução, especialmente do nariz e da boca, que tinham sido praticamente destruídos.

A cirurgia plástica foi longa e delicada, e assim também seria a convalescência, segundo o prognóstico dos médicos. Ferdinando Licata quis ser transferido para um esconderijo seguro, em meio ao verde da natureza, a fim de passar ali esse longo período.

Jack Mastrangelo se incumbiu pessoalmente de procurar o refúgio. Testou um local por alguns dias e concluiu que era o ambiente adequado. Não revelou sua localização nem mesmo a Saro. Organizou toda a parte logística, equipando com um suporte paramédico algumas senhoras do lugar que atendiam idosos e doentes necessitados.

Ele tinha pensado numa localidade bem remota, aonde os problemas da metrópole chegassem amortecidos. E o que melhor do que Vancouver, na costa do Oceano Pacífico? Mastrangelo conhecia bem a região, pois se escondera lá por dois anos e vira que as complicações do mundo chegavam diluídas.

Mastrangelo alugou um palacete na frente de Sunset Beach, o fiorde no centro da cidade onde havia vários clubes náuticos. Além disso, o Saint Paul's Hospital ficava a três quadras de distância, para as medicações de rotina e eventuais intervenções. Em suma, Mastrangelo pensou realmente em tudo.

— Só faltou encontrar uma namorada — gracejou o príncipe, quando chegaram ao lugar.

Lá Ferdinando Licata passou todo o ano seguinte e boa parte do outro.

Passava o tempo vendo filmes, ouvindo rádio, lendo jornais.

Ferdinando Licata compreendeu imediatamente o poder revolucionário desses meios de comunicação.

E intuiu a importância de possuir um jornal ou de contar com a

"cumplicidade" benevolente de um jornalista amigo. Naqueles dias, concluiu que seria fundamental "ter um pezinho", como disse a Mastrangelo e a Saro, no mundo jornalístico.

Então determinou a seus dois lugares-tenentes que se aproximassem de um repórter do *Evening Sun* para "convencê-lo" a ficar do lado deles.

O *Evening Sun* era o nervo central do *New York Sun*, o diário mais importante e antigo da cidade. Ele fora o primeiro *penny press* da história. Era vendido por apenas um penny e distribuído em todas as esquinas por uma sólida rede de jornaleiros que apregoavam as manchetes. Até então, os jornais eram distribuídos apenas aos assinantes, graças à eficiência dos correios americanos. O *New York Sun* era voltado não só para a elite comercial mas também para empregados, operários e para a população de maneira geral. Foi o primeiro a publicar crônicas locais e matérias sensacionalistas, conquistando grande sucesso editorial.

Com a promessa de lhe passar notícias de primeira página, Jack Mastrangelo entrou em contato com um jornalista do *Evening* e lhe fez uma oferta irrecusável: na prática, dobraria imediatamente seu salário. O jovem repórter, um tal Luke Bogart, não era ingênuo e sabia que estaria assinando uma nota promissória... mas como recusar um monte de dólares livres de imposto?

A cirurgia plástica era talvez a especialidade mais recente nas mesas de operação, e tinha se desenvolvido muito nos anos anteriores.

Ferdinando Licata pôde se beneficiar desses avanços. Passados vinte e três meses do atentado, o cirurgião removeu as ataduras da última operação e entregou um espelho oval ao paciente. Ferdinando olhou seu novo rosto refletido no espelho e fez um esgar. À cerimônia, além do cirurgião e do assistente, estavam presentes seus dois únicos amigos nos Estados Unidos: Jack Mastrangelo e Saro Ragusa. A tensão que predominara até aquele momento se desfez num segundo, pois era um esgar de satisfação.

— Parabéns, professor. É como se eu tivesse nascido outra vez. Vou ter que chamá-lo de pai.

Todos sorriram.

O cirurgião estava visivelmente satisfeito.

— Para mim já é uma honra ser seu amigo... agora pai...

Licata chamou Saro ao leito. Mastrangelo se pôs alguns passos atrás.

Estavam a sós no quarto do hospital canadense.

Ferdinando Licata deu uma última olhada no espelho.

— Quem rumina a vingança deveria manter suas feridas sempre sangrando...

— Father, ainda temos duas promissárias para receber — lembrou Mastrangelo.

Licata fez-lhe um aceno.

— Chegou o momento de resgatá-las.

Depois se dirigiu a Saro, fitando-o nos olhos.

— Nesses meses, Jack o manteve sob observação e me disse que vocês dois fizeram um bom trabalho juntos. Você tem estofo de líder porque sabe manter a calma nos momentos críticos, sabe tomar rapidamente a decisão certa e, ao mesmo tempo, consegue comandar seus homens com generosidade e sem favoritismos.

Saro estava embaraçado com tantos elogios. Nem lhe parecia que tinha feito tudo aquilo.

— Sempre agi como me ditava a consciência.

Licata se levantou da cama, tirou a bata do hospital e, ajudado por Mastrangelo, começou a vestir as roupas com que chegara ao Saint Paul's.

— Estou furioso com esses açougueiros que matam mulheres e crianças a sangue-frio — prosseguiu, vestindo a camisa de seda. — Varreremos toda a podridão que emporcalha as ruas de Nova York. Restauraremos os antigos valores de nossos avós. A guerra deve ser feita por soldados, não por civis. A partir de hoje, quem encostar numa mulher ou, pior, numa criança dos nossos bairros vai se arrepender de ter nascido.

Sentou-se na cadeira para recuperar as forças.

— Este é o meu projeto. — Fez sinal para os dois se aproximarem. — Trabalharemos em duas frentes. A primeira é Nova York. E vou ser eu a cuidar dela. Temos na mão os bairros dos Stoker. O próximo passo será eliminar os Bontade. Reunindo os dois territórios, poderemos construir uma verdadeira família, que estará à altura das que hoje dominam a cidade. A segunda frente será a Sicília. E vai ser você, Saro, quem cuidará disso.

Saro lançou um olhar a Mastrangelo, que permanecia impassível a suas costas. Licata notou o gesto.

— Jack é um dos nossos. Ele será nosso *consigliori*. Eu o conheço bem e ele não gosta de aparecer. O comando não lhe interessa. Mas sua experiência nos será preciosa. Nós três teremos que agir como um homem só. Você vai

aparecer como o *patrão*, e eu serei o *sub*. Nunca vou aparecer abertamente. Vai ser você a dar as ordens... mas eu é que vou indicar o caminho. Nossos adversários não podem saber quem é o chefe e quem é o subordinado, vamos deixá-los desorientados e, quando tentarem uma reação, já teremos abocanhado seus melhores homens. E agora me escutem bem. O plano é o seguinte...

Sing Sing, San Quintino, Folsom, Fremantle, Alcatraz, são nomes que faziam arrepiar qualquer cidadão americano respeitável, mas também eram fonte de terror para quem vivia às margens da lei. O maior pesadelo de todos, porém, era representado por Dannemora, a prisão de segurança máxima que ficava numa pequena região nos vales do norte do estado de Nova York, perto do vilarejo de Malone. Ali se encontrava a Clinton Correctional Facility, considerada a Sibéria das penitenciárias americanas. Uma de suas celas era ocupada por Lucky Luciano havia seis anos, desde que, como dizia ele, a sorte lhe dera as costas.

A má sorte de Luciano tinha nome e sobrenome: Thomas Edmund Dewey. Ele era o procurador distrital do condado de Nova York, advogado brilhante e político muito estimado, a tal ponto que, anos mais tarde, foi o candidato dos republicanos à presidência dos Estados Unidos. Dewey era um puritano, firme defensor de suas ideias conservadoras, inimigo implacável de todos os delinquentes da cidade. Sua batalha contra a Cosa Nostra foi travada não só em nome do moralismo mas também tinha objetivos pragmáticos. O rio de dólares produzido pela máfia ia engordar alguns setores do sindicato e, dali, uma parte considerável passava para as mãos dos políticos. Políticos do Partido Democrata, claro, não do Republicano, isto é, o dele. Se Dewey conseguisse deter esse fluxo de dinheiro, bloquearia também as dispendiosas campanhas políticas dos democratas.

Dewey tinha feito carreira no distrito sul de Nova York, onde conhecera de perto as técnicas e estratégias dos *picciotti*. À frente de um aguerrido grupo de procuradores, ele havia alcançado resultados importantes, tirando do jogo bandidos do calibre de Dutch Schultz, e, penetrando na organização de Luciano, garantira a cadeira elétrica para Lepke Buchalter, o único estrangeiro da família.

Mas como alcançar Luciano e sua organização? Thomas Dewey conhecia bem a mentalidade mafiosa. Sabia que as delações entre os sicilianos eram pagas com a morte. Sabia que jamais colheria provas contra ele no setor de

entorpecentes. Tirando os primeiros anos de aprendizado, Lucky Luciano, depois de adulto, jamais tocara num papelote de heroína ou cocaína, exatamente para não ser denunciado por algum espião. Dewey teve um palpite: as mulheres possuem uma mentalidade e uma sensibilidade muito particulares. Para elas, os sentimentos ocupam o primeiro lugar na escala de valores. A lei do silêncio, o espírito de grupo, a honra, não têm significado para elas, se forem enganadas, traídas, iludidas. Assim, ele investiu contra o chefe da Cosa Nostra na área da prostituição.

Começou a pressionar moças e madames da equipe de Lucky Luciano. Acumulou volumes e mais volumes de depoimentos concedidos de forma mais ou menos espontânea. Todas as garotas provinham de famílias indigentes. Não foi fácil convencê-las a testemunhar contra quem lhes dava trabalho, pois quase todas tinham sido apanhadas de maneira ignóbil pelo próprio Luciano. O roteiro era igual para todas. Um jantar com sopa de tartaruga, lagosta e champanhe, e depois uma torta de nozes ou um simples suco de laranja despachava a futura prostituta para o mundo dos sonhos. Quando a garota acordava, via-se numa casa de tolerância. Ali cabia à habilidade da madame traçar-lhe uma vida cheia de encantos. O resto era rotina.

Quando Dewey se sentiu seguro de dispor de uma série poderosa de elementos de acusação, e principalmente teve a certeza de que as jovens prostitutas não recuariam diante do "chefão", mandou algemarem Lucky Luciano e o arrastou ao tribunal com a mais mísera das acusações, a de exploração da prostituição, ele que, segundo os boatos, tinha matado dezenas de inimigos com as próprias mãos.

Thomas Dewey concebeu uma estratégia judicial que pegou desprevenido George Morton Levy, o advogado de defesa de Luciano.

O procurador tratou separadamente cada caso, como um processo único.

Chamou a primeira testemunha, uma romena loira, cuja antiga beleza mal se conseguia entrever. Ileana Romy declarou que fora proprietária de uma casa independente.

— O que quer dizer com "casa"? — perguntou Dewey.

— Um lugar onde quem quiser pode encontrar prostitutas. Eu cobrava um dólar e meio pelo uso do quarto.

— Quantas moças moravam na casa? — continuou o procurador.

— Uma dezena ao todo.

— Conte-nos o que aconteceu no dia 10 de outubro do ano passado.

A mulher estava visivelmente nervosa, olhando o tempo todo para Lucky

Luciano, que, pelo contrário, em momento algum olhou para ela e se manteve imóvel o tempo todo, como lhe recomendara o advogado.

— Eram três sujeitos italianos que eu nunca tinha visto antes. Disseram que Lucky queria uma porcentagem para a organização, do contrário ele iria fechar a minha casa.

— E o que você respondeu?

— Que podiam enfiar esse Luciano... em suma, que eu não pretendia pagar.

Algumas pessoas na audiência riram e o juiz restabeleceu o silêncio.

— E o que aconteceu então?

— Voltaram no dia seguinte e sem nem cumprimentar começaram a assustar os clientes e a quebrar os móveis. Depois bateram nas garotas e em mim.

— Depois desses fatos, você pagou a organização?

— Não precisei, porque fui obrigada a encerrar as atividades. Eles levaram todas as garotas. Sei que elas foram trabalhar para ele — e, dizendo isso, apontou para Luciano, imóvel no banco. — Voltei a trabalhar na rua, graças a esse senhor aí.

Os testemunhos das outras mulheres tiveram mais ou menos esse mesmo teor. O advogado de Luciano, o judeu Levy, estava tranquilo, pois se tratava de um monte de acusações sem nenhuma consistência jurídica. Acusações de crimes já prescritos. Denúncias feitas por autênticos rebotalhos humanos, moças transtornadas e um pouco perturbadas pelo uso frequente de drogas. Depois, porém, foi chamada uma certa Cokey Flo Brown, uma garota negra que mal teria vinte e dois anos.

Dewey perguntou-lhe imediatamente:

— Qual é sua profissão, senhorita?

A moça não se deteve em rodeios:

— Sou prostituta.

— A senhorita tem um cafetão?

— Até dois anos atrás, eu era autônoma... até que apareceu um certo Nick.

— Nick do quê? — perguntou o procurador, querendo que ela dissesse o sobrenome.

— Nick Montana. Naturalmente não foi ele que me procurou, mas um de seus capachos.

— E o que eles lhe pediram?

— O que pedem todos os chefões, que eu precisava pagar uma

porcentagem dos meus ganhos.

— E a senhorita aceitou?

— Eu não tinha alternativa. A gangue do Montana tinha mutilado com ácido as que se recusaram. Vieram com o frasco e me mostraram.

— Montana era do grupo de Salvatore Luciano?

— De jeito nenhum. Pertencia a outra família.

— E o que aconteceu depois? — Dewey a conduzia perfeitamente. Parecia um teatro de escola.

— Aconteceu — disse a mulher olhando para Luciano — que esse aí, depois de uns quatro meses, foi à minha casa.

— Meritíssimo, que conste dos autos que a testemunha indicou o réu Lucky Luciano — interveio Dewey.

— Autorizado — concedeu o juiz. — Incluam nos autos o solicitado pelo procurador — disse aos estenógrafos.

— Pode continuar, senhorita Brown. Lucky Luciano foi à sua casa, e o que aconteceu?

Lucky levantou a cabeça e estava para reagir, mas o advogado o segurou pelo paletó, obrigando-o a não se mover.

— Luciano me disse que, a partir daquele dia, eu teria de pagar a porcentagem diretamente a ele. Me disse que eu não precisava ter medo do Montana, porque ele já tinha cuidado disso. Me disse um monte de coisas... que ia criar um sindicato para nós, resumindo, que eu teria muitas vantagens me juntando a ele.

— E o que a senhorita fez? Entregou pessoalmente uma parte de seus ganhos ao réu Lucky Luciano?

— Isso mesmo: pessoalmente e regularmente. Todos os meses.

Um murmúrio tomou conta da sala. Luciano, que até então mantivera uma calma distante e levemente desdenhosa, descontrolou-se e gritou que era tudo mentira, que era a primeira vez que via aquela mulher, que ele nunca recebera nem um dólar de uma prostituta.

Os policiais tiveram dificuldade em contê-lo. Em cinco, conseguiram imobilizá-lo e arrastá-lo para fora da sala. As fotos que saíram nos jornais derrubaram o mito do homem de gelo, capaz de enfrentar qualquer tempestade.

A elaborada estratégia do procurador distrital tinha dado frutos. Na leitura do veredicto, o júri o declarou *guilty*, culpado das sessenta e duas acusações.

O juiz, com base na vontade expressa, considerou que a justa pena para ele

não podia ser inferior a trinta anos e não deveria superar os cinquenta.

Dessa vez, a verdade se apoiara na mentira. O depoimento da jovem prostituta Cokey Flo Brown tinha sido arquitetado junto com o procurador Dewey. O advogado levara vários dias para convencê-la a cooperar. Pagara-lhe uma grande soma para minar sua resistência. Brown por fim cedera. Era muito dinheiro e lhe permitiria recomeçar a vida em algum outro lugar do mundo. Mas depois, quando faltavam apenas dois dias para o depoimento, o medo do longo braço da Cosa Nostra, que poderia alcançá-la até no Polo Norte, se apossou da jovem e ela avisou Dewey que não queria mais testemunhar. O procurador ficou desolado, pois sabia que todos os depoimentos obtidos até o momento não bastariam para condenar Luciano. Foram necessários mais cinco mil dólares para fazê-la reconsiderar sua decisão.

Os responsáveis pelos trabalhos entenderam imediatamente que todo o depoimento dela era perjuro. Todos que conhecem alguma coisa da Cosa Nostra sabem que jamais nenhum chefão se comprometeria extorquindo uma prostituta. Muito menos o chefão dos chefões, Lucky Luciano.

Dewey tinha jogado uma cartada no escuro, blefando despudoradamente. Mas às vezes é para os audaciosos que a sorte sorri.

Com aquela condenação, Lucky Luciano fora definitivamente tirado do páreo ou, pelo menos, assim pensava Dewey. Foi conduzido de algemas à penitenciária de segurança máxima Clinton Prison de Dannemora, no estado de Nova York. Em 1936, Luciano tinha trinta e nove anos. Se tivesse bom comportamento, sairia antes de completar sessenta e nove anos.

Saro, junto com Jack Mastrangelo, ouvira atentamente o plano de Ferdinando Licata. No final da exposição, os dois ficaram admirados com tanta perspicácia e tanta criatividade. O plano era complexo, mas perfeito em todos os detalhes, embora demandasse uma dose de sorte.

— Mas como alcançar objetivos impossíveis sem uma pitada de boa sorte? — comentou Licata.

Na verdade, a estratégia do príncipe era muito ambiciosa: em última análise, levar os homens da Procuradoria de Nova York a uma mesa de negociações com os chefes da Cosa Nostra, isto é, com o presidiário Lucky Luciano. Um empreendimento impossível sequer de imaginar, mas Licata tinha seus ases na manga.

Saro se pôs imediatamente a trabalhar.

Como já tinham decidido antes, ele encarnaria o papel de chefe, e foi assim que se apresentou a Sante Genovese, junto com o inseparável Jack Mastrangelo.

O sobrinho de dom Vitone vinha acompanhando as ações do jovem nos últimos dezoito meses. Recebeu-o em sua casa, na sala de visitas que Saro conhecia bem, e dessa vez foi ao encontro do jovem, cumprimentando-o com beijos e abraços, como alguém da família. Deu-lhe os parabéns. Havia percorrido um longo caminho. Carmelo Vanni, o cobrador dos Bontade, tinha demonstrado ter um bom faro ao recomendá-lo.

Falaram de Lucky Luciano. Já fazia seis anos que ele apodrecia naquele cárcere. É verdade que não lhe faltava nada e ainda podia comandar a Comissão, corrompendo quem tentasse se opor a suas decisões. Mas começava a se mostrar ansioso. Por intermédio de seu amigo Lansky, pedira várias vezes que encontrassem alguma maneira legítima de o tirarem de lá.

Saro explicou a Sante que tinha vindo exatamente para resolver esse problema. E lhe expôs com minúcias seu plano, ou melhor, o plano do príncipe Licata.

Os Estados Unidos tinham entrado na guerra. Hitler estava desbaratando todos os exércitos europeus. Restara apenas a Grã-Bretanha para se opor a ele. Os americanos não iriam permitir a derrota de seus primos ingleses. Os Estados Unidos entrariam maciçamente na guerra e, para aniquilar as forças nazistas, aceitariam qualquer negociação.

Era uma oportunidade única. E a Cúpula não podia se dar ao luxo de perdê-la. Tinham de arriscar uma jogada que obrigasse o procurador de Nova York a fazer um acordo com Lucky Luciano. Mas como?

Sante Genovese não sabia responder a essa pergunta.

— Você quer sequestrar o procurador para uma troca de igual para igual?... Até pensamos nisso, mas é muito arriscado — concluiu Genovese.

— Não, nada de sequestros, você sabe como Luciano pensa — respondeu Saro.

— Mas então qual é a ideia genial? — perguntou Sante, curioso.

— É simples. Faremos ações de sabotagem no porto de Nova York e nos navios que partem para a Europa. Colocaremos de joelhos o esforço de guerra. Espalharemos que as sabotagens são obra dos serviços secretos nazifascistas operando em território americano. Faremos que chegue aos ouvidos do

comando militar que nossa organização, por intermédio de Lucky Luciano, poderia neutralizar esses grupos subversivos. No fundo, todos sabem que a frente do porto está nas mãos dos irmãos Anastasia, conhecidamente fiéis a Luciano. Nesse momento, o próprio Luciano deverá intervir... e então pediremos às autoridades que retribuam o favor. Essa é a ideia. Nas sabotagens, nós mesmos pensaremos, depois de ter a concordância dos Anastasia. O que você acha?

O que mais podia dizer Genovese a não ser que valia a pena tentar? Em todo caso, para não haver erro, levou o plano de Saro ao conhecimento de Luciano, que concordou de imediato. A ideia de que a própria guerra era um negócio da Cosa Nostra não lhe desagradava de maneira nenhuma. Finalmente começava a vislumbrar uma réstia de esperança para sua futura libertação.

# 46. 1942
# A sabotagem do *Normandie*

A história não conta, e os poucos que viveram isso talvez tenham esquecido, mas houve um momento no inverno de 1942 em que os nova-iorquinos temeram ver surgir, entre as árvores do Central Park, o comando das tropas de invasão nazista acompanhado dos japoneses.

Na metrópole, e sobretudo na zona portuária, ocorreram incidentes e sabotagens atribuídos a forças especiais do serviço secreto do Terceiro Reich.

Um dos primeiros e mais inquietantes episódios se deu nos canteiros da Marinha militar no cais 88.

Os operários trabalhavam, já fazia algumas semanas, na transformação do navio de cruzeiro francês *Normandie* em navio de transporte de tropas americanas.

O *Normandie* era o transoceânico mais rápido daquela época. Fazia a linha Le Havre-Nova York e podia cobrir a travessia em apenas quatro dias e meio, graças à sua velocidade de mais de trinta nós. Seu sistema de propulsão turboelétrico conseguia desenvolver nas quatro hélices uma potência de cento e sessenta mil cavalos. Tinha recebido a Faixa Azul pela travessia mais rápida. Primazia conquistada pelo vapor italiano *Rex* em 1933.

Suas três potentes chaminés, pintadas de vermelho com uma faixa preta no alto, o distinguiam de todos os transatlânticos.

O *Normandie* tinha atracado em Nova York em 28 de agosto de 1939, alguns dias antes da invasão nazista da Polônia que determinou o início da Segunda Guerra Mundial. Desde então o navio ficou desaparelhado no porto, ao lado de outros grandes transatlânticos como o *Queen Mary* e o *Queen Elizabeth*.

Em dezembro de 1941, depois do ataque japonês à base naval americana de Pearl Harbor, os Estados Unidos entraram na guerra ao lado da Grã-

Bretanha. Uma das primeiras decisões do Comando naval foi requisitar o *Normandie* para transformá-lo em navio de transporte de tropas. Aquela embarcação podia transportar de uma só vez até doze mil soldados, mais equipamentos de combate, a uma velocidade tão grande que nem era preciso a escolta de torpedeiros.

Os trabalhos de trasnformação do *Normandie* já haviam se iniciado alguns meses antes. O nome do navio fora alterado. Agora constava nos registros como *USS Lafayette*.

Naquele 9 de fevereiro de 1942, Saro Ragusa e seus amigos ficaram até mais tarde no Petrosino's Cafè, um bar na rua 54 Oeste não muito longe do porto. Além de Saro e Mastrangelo, à mesa estavam Carmine Mannino, Tommaso Sciacca e Alex Pagano. Carmine Mannino tinha cumprido o serviço militar no Friuli, na divisão dos sapadores. Sabia tudo sobre minas e explosivos. Tinha aprendido a destruir uma ponte com apenas três cargas e a colocar obstáculos ativos e passivos num determinado território. Saro o acompanhara na vistoria e bastaram vinte minutos de passeio pelo cais para que Carmine visse quais eram os locais onde o fogo pegaria mais fácil e, portanto, onde ele devia intervir. Durante o almoço, conversaram sobre os mais variados assuntos, menos sobre o que estavam para fazer. Do lado de fora do restaurante, estava estacionado o novo Packard 120 C Touring reluzente de Saro, e seu amplo bagageiro guardava o fardo com as bananas de dinamite. Estavam alegres e riam de todas as piadas de Tommaso Sciacca, o palhaço do grupo. Pareciam velhos amigos se reencontrando. Apenas Alex, o mais jovem deles, estava taciturno e triste. Deixara a namorada no vilarejo natal. Os amigos mais velhos haviam lhe dito: "Esqueça Irene, ache uma mulher. Irene já deve ter encontrado outro". Mas, quanto mais insistiam, mais raivoso ele respondia que Irene jamais o deixaria e que eles se amavam de verdade.

Já passava das duas da tarde e eles deviam se apressar, pois dali a meia hora soaria o apito no porto, anunciando o final do primeiro turno e o início do seguinte. Era o momento em que poderiam se misturar aos operários. Os chefes de turno já estavam avisados. Se vissem algum rosto desconhecido, deviam simplesmente se virar para o outro lado e não fazer perguntas.

Saro exortou os amigos a irem logo. Carmine pediu mais um copinho de sorvete, que foi comendo no carro enquanto se dirigiam ao porto.

A dinamite estava em três bolsas de couro preto. Com aquelas bolsas,

Carmine, Alex e Tommaso na verdade mais pareciam três legistas que iam dissecar um cadáver do que três operários.

— Vocês podiam ter escolhido valises que dessem menos na vista — repreendeu-os Mastrangelo.

— Peguei as primeiras que encontrei — tentou se justificar Tommaso.

— Vamos logo, é o segundo apito — cortou Saro.

Saro e Mastrangelo não saíram do carro e esperaram os três se afastar e se misturarem aos operários que entravam no estaleiro do ex-*Normandie*.

Depois de instalar a dinamite e os detonadores, os três deviam deixar o cais usando o transporte público.

Naquele 9 de fevereiro, por volta das três da tarde, os nova-iorquinos ainda estavam imersos no trabalho, quando, pelas janelas mais altas dos arranha-céus, viram uma coluna de fumaça se elevar de um dos cais do porto. A notícia se espalhou feito um raio pela cidade: iniciara-se um incêndio no *Lafayette*, o cruzeiro adaptado para o transporte de tropas.

Os carros de bombeiros e das equipes de socorro se dirigiram às pressas ao cais 88. Dos outros pontos do porto, barcos piloto, rebocadores com canhões de água e navios-cisterna dirigiram-se a toda a velocidade até o antigo vapor francês, que ardia em chamas.

O foco principal do incêndio estava no centro do navio, no grande salão da primeira classe. Mas não era o único. Os homens de Saro tinham feito um trabalho exemplar, colocando quatro explosivos que entrariam em ação um após o outro em quatro setores do navio, para camuflar a sabotagem e dar a impressão de um mero curto-circuito. Não estavam reformando o navio? Era plausível que um operário distraído tivesse deixado uma chama acesa ou alguma máquina de solda ligada.

As várias comissões de inquérito nunca chegaram a uma conclusão inequívoca sobre as causas do incêndio, e as matérias de jornal se referiam a ele como um infeliz acidente.

Durante a tarde inteira, as equipes de socorro inundaram o navio com água e espuma. O resultado foi que, na passagem do dia 9 para o dia 10 de fevereiro, devido ao tremendo aumento de peso com a água utilizada para apagar o incêndio, o *Lafayette* adernou lentamente sobre a lateral esquerda. Estava irremediavelmente perdido. Assim ficou até o fim da guerra, com um lado semissubmerso, como um memorial e alerta do que uma família mafiosa é capaz de conceber para alcançar seus objetivos.

O plano do príncipe Licata não se limitou a essa primeira grande demonstração de força.

Algumas semanas depois, por volta do final de fevereiro, Saro, com a ajuda de alguns peritos em explosivos que, antes de fugir para os Estados Unidos, tinham servido no Exército italiano, minara, sob a linha de flutuação, treze navios mercantes da classe *Liberty*. Esses navios deviam zarpar para a Inglaterra levando tropas e equipamentos bélicos.

Tão logo formaram o comboio fora das águas do porto de Hudson, os treze navios foram abalados por explosões que os partiram ao meio, indo a pique em questão de minutos. Foi um morticínio de marinheiros e soldados. Poucos se salvaram, pois ninguém teve tempo de vestir os coletes salva-vidas. Dos mil e trezentos homens da tripulação, oitocentos morreram entre as chamas ou se afogaram.

Espalhou-se na cidade a neurose do espião. Para conter o pânico, as autoridades tiveram que tomar providências extremamente impopulares. Determinaram o confinamento de milhares de imigrantes italianos, alemães e japoneses, declarando que poderia haver espiões e sabotadores infiltrados entre eles.

Mas o problema das sabotagens não desapareceu, e aos setenta e um navios mercantes que foram a pique em fevereiro de 1942 somaram-se outros quarenta e nove, que afundaram entre março e abril, enquanto em maio cento e dois navios da classe *Liberty* foram atingidos pelos U-Boot alemães ou sabotados pela máfia.

O almirantado estava em pânico. O chefe do Estado-maior da Marinha, almirante Haffenden, já não tinha certeza de que os U-Boot alemães eram os responsáveis por afundar os *Liberty* em águas territoriais americanas. Durante todos aqueles meses, os torpedeiros da Marinha americana tinham conseguido localizar apenas um. Mas era provável que a cidade pululasse de sabotadores nazistas — pelo menos eles assim pensavam. Quando haviam desembarcado nos Estados Unidos? Seria tão impossível assim identificá-los? E os poucos espiões que o FBI capturara até o momento tinham sido executados após um julgamento sumário e amplamente divulgado nos jornais e nas rádios. Onde se escondia aquele exército clandestino que agia debaixo do nariz de toda a fiscalização, e fazia e acontecia com toda a liberdade no porto de Nova York?

A resposta começou a aparecer nos relatórios matinais do ministério da Marinha: aquele exército era a máfia.

O almirante Haffenden, com o auxílio de Frank Hogan, novo procurador

distrital de Nova York, sucessor do esperto Dewey, que se demitira do cargo de procurador para concorrer ao de governador, decidiu que era hora de buscar um canal direto com os sindicatos dos portuários para assim chegar... à Cosa Nostra.

Jamais pensara em toda sua vida que iria dizer ou fazer uma coisa dessas, mas a guerra era prioritária em relação a qualquer outra consideração de ordem moral.

Depois da matança no restaurante La Tonnara, Tom Bontade tinha se entrincheirado na mansão que se destacava em Beechhurst, a zona residencial do Queens, de onde praticamente não saíra mais. Tinha perdido seus homens de maior confiança na guerra com Ferdinando Licata. Agora contava apenas com Vito Pizzuto e com seu capacho Roy Boccia. Nos últimos meses, Bontade tinha pensado mais de uma vez em se retirar definitivamente dos negócios, mas não queria se dar por vencido diante daqueles que haviam chegado por último. Tinha dinheiro suficiente para reconstruir um esquadrão de *picciotti* dispostos a tudo. Mas o problema não era recrutar sujeitos violentos: as ruas da cidade estavam cheias deles. A mercadoria mais difícil de se encontrar naqueles tempos era a lealdade. Esta, sim, era uma mercadoria raríssima. Por ora, o único com quem podia contar era aquele siciliano de Salemi, o último a entrar na família: Vito Pizzuto.

Pizzuto, por seu lado, tinha consciência de que servia a um patrão que vivia exclusivamente do passado. Ainda possuía o controle do território. Mas até quando, se não se mostrava mais nas ruas?

A única razão de amargura de Pizzuto era ter falhado no atentado contra o príncipe. Tentara descobrir seu esconderijo para concluir o trabalho, mas ninguém quis ajudá-lo. O fato de o príncipe não ter aparecido nas ruas depois de tantos meses também podia significar que conseguira sobreviver, sim, mas que a explosão podia ter lesado sua coluna vertebral, condenando-o à imobilidade. Nesse caso, seu poder estaria por um fio e bastaria cortá-lo para se apoderar daquilo que Licata tirara violentamente dos irlandeses de Brian Stoker.

Vito Pizzuto procurava alguma maneira de descobrir a verdade sobre Licata. Todos já sabiam que os interesses da família eram controlados por Saro Ragusa, com Jack Mastrangelo como *consigliori*. Os três, em suma, formavam uma espécie de trindade invencível.

Talvez o elo mais frágil da corrente consistisse justamente em Jack Mastrangelo. Pouco se sabia sobre ele. Morava sozinho num apartamento desconhecido de um grande prédio do Brooklyn. Nunca fora visto com uma mulher e tampouco com algum homem. Não tinha filhos. Era caladão, isso sim. Nunca era visto conversando pelo mero gosto de conversar. Quando falava, era apenas sobre o trabalho e as ações a executar.

Mastrangelo era praticamente inatacável, e também aparentava uma lealdade extrema a quem depositava confiança nele. Nunca trabalhara em nenhuma família em especial. Sempre preferira trabalhar de forma independente.

Entre as famílias comentava-se uma enorme fortuna acumulada ao longo dos anos. Mastrangelo vivia com o mínimo indispensável. Não jogava, não consumia drogas, não frequentava mulheres. Assim, nem o dinheiro era um ponto fraco.

Roy Boccia, com quem Bontade e Pizzuto trocavam essas reflexões, disse:

— Sabe, Vito, eu não acredito em toda essa virtude. Todos nós temos um segredo a esconder. Precisamos apenas descobrir qual é o dele, e teremos Mastrangelo nas mãos.

Vito Pizzuto concordou, e assim, imediatamente, decidiram descobrir o segredo de Jack Mastrangelo.

Durante quatro semanas inteiras, Roy Boccia, revezando-se com outros sete sabujos da família Bontade, não o perdeu de vista nem por um instante. Boccia, um verdadeiro mestre nesse gênero de organização, dividira os homens em cinco turnos diários. Os quatro primeiros turnos, com períodos de quatro horas cada um, terminavam às dez da noite, enquanto o quinto, o noturno, começava às dez da noite e ia até as seis da manhã seguinte. Dessa maneira, sem um horário muito estressante, podiam prosseguir assim por meses.

Boccia sabia, por experiência própria, que no início do segundo mês a boa notícia podia chegar de uma hora para outra. Tinha reunido uma pasta de relatórios com meio metro de altura. Mastrangelo parecia mesmo aquele ser inútil e anônimo descrito por todos. Mas certo dia, em um domingo, a profecia de Boccia se realizou.

Naquele dia, os turnos cabiam a Ben Eleazar e Aldo Martini, duas novas aquisições da família. O primeiro era um judeu originário da Grécia e o segundo vinha diretamente da Lombardia. Geralmente, Jack passava os domingos sozinho em casa, esparramado na poltrona, ouvindo rádio ou cochilando. Dessa vez, porém, ele se vestiu e, no começo da tarde, foi de carro

à Flushing Avenue, percorrendo-a até o final. Pensaram que ele estava indo ao aeroporto. Mas, depois de alguns quilômetros, o carro entrou na Whitestone Expy, em direção ao mar. Mastrangelo saiu da via rápida e entrou no elegante bairro residencial do Francis Lewis Park. Diminuiu a velocidade para se certificar de que não estava sendo seguido.

O italiano dirigia, e Ben recomendou que fosse mais devagar. O tráfego entre as avenidas daquela região era mínimo, e seria impossível passarem despercebidos.

O Francis Lewis Park é uma das zonas mais exclusivas de Nova York, com magníficas mansões cercadas de árvores e jardins muito bem-cuidados, com piscinas gigantescas e dependências para os empregados. É o refúgio da alta burguesia da cidade.

Ben e Aldo estavam empolgadíssimos, pois talvez tivessem atingido o objetivo, o segredo de Mastrangelo. E Boccia prometera um bônus considerável à dupla que tivesse a sorte de descobri-lo.

Jack Mastrangelo parou diante de uma das construções mais imponentes do bairro. Consistia num grande núcleo central de três andares, ladeado por duas outras construções em semicírculo, de dois andares, que pareciam acolher nos braços os visitantes da mansão. Um parque repleto de canteiros floridos, com árvores exóticas e uma grande avenida cercada por carvalhos frondosos, conferia ao ambiente uma atmosfera solene de hábitos antigos e disciplina sólida.

No parque, algumas freiras se ocupavam de trabalhos de jardinagem. O gramado era muito bem cuidado e os caminhos, cercados de sebes aparadas com perfeição. Aldo Martini viu uma cruz e a estátua de um santo nas proximidades do portão.

Jack Mastrangelo estacionou o carro, entrou no parque e percorreu a avenida de carvalhos que levava à entrada do edifício central. O maciço portão se abriu e uma freira saiu, cumprimentando-o com um sorriso formal e um aperto de mão.

Viram Jack Mastrangelo desaparecer no interior da instituição.

— Então este é o segredo dele — disse Ben.

— Será um filho ou uma filha? — perguntou-se Aldo Martini.

Não era nem uma coisa nem outra. Aurora era sua sobrinha, a filha de sua irmã morta treze anos antes, assassinada pelo companheiro. Aquele dia era

aniversário da jovem. Aurora fazia vinte e um anos. Pena não poder comemorar como todas as jovens de sua idade, com uma festa descontraída. Aurora vegetava. Fora acometida por uma espécie de catatonia treze anos antes, quando presenciou o homicídio da mãe.

O companheiro da mulher, um alcoólatra irrecuperável, vira-se sozinho em casa com Aurora. Na época, ela tinha apenas oito anos. Quando Elena, a irmã de Mastrangelo, voltou para casa depois do expediente na fábrica, flagrou o homem violentando a menina. Com uma das mãos tapava sua boca para que ela não gritasse e, com a outra, a molestava e torturava de maneira ignóbil. Elena, vendo aquela cena pavorosa, lançou-se contra ele e arrebentou o vaso de manjericão em sua cabeça. Mas o homem recuperou os sentidos e, com a vista turvada pelo álcool e pela pancada violenta, agarrou Elena pelo pescoço, apertando e sacudindo-a com brutalidade. A mulher, que se preocupava apenas com a menina, continuando a protegê-la nos braços, não teve como se defender. Morreu asfixiada, abraçando a criança, que continuava a gritar, embora já rouca a essa altura e de sua garganta saindo apenas um som surdo. O homem sentiu o corpo da mulher afrouxar e largou a vítima. Elena tombou sobre a menina, que parara de gritar. Também parara de se debater. Aurora deixara de existir. Daquele dia em diante, teve início sua longa noite cerebral.

"Catatonia", declararam os médicos. "É uma síndrome psiquiátrica caracterizada por anomalias motoras, emocionais e comportamentais derivada tanto de patologias orgânicas como psíquicas."

Foi essa a parca explicação que deram a Jack Mastrangelo. O amante da irmã foi julgado um semi-incapaz mental, pois tinha cometido os crimes em estado de embriaguez. Foi condenado a oito anos. Cinco anos antes, ao sair da prisão, ele localizara a menina e tentou ir visitá-la. Mas as freiras avisaram Mastrangelo, que interceptou o sujeito antes que ele chegasse à instituição.

As duas cicatrizes que desfiguravam o rosto de Mastrangelo eram a lembrança desse encontro. Ninguém soube mais nada a respeito do amante da irmã.

Elena recomendara mil vezes ao irmão que protegesse a menina caso lhe acontecesse alguma coisa. Parecia uma premonição.

Jack prometeu sobre o túmulo da irmã que jamais abandonaria Aurora, e aquela promessa era uma obsessão para ele.

Havia transferido todos os seus bens imóveis para a sobrinha. E, se ele sofresse algum acidente, constava no testamento que as irmãs receberiam uma grande soma vitalícia para continuarem cuidando dela. O resto da vida.

Ele ia visitá-la a cada dois ou três meses. Mas aquele domingo era uma ocasião especial, porque Aurora fazia vinte e um anos. No jardim, na parte de trás do instituto, Mastrangelo se aproximou da jovem, que estava sentada numa espreguiçadeira de madeira e lona azul.

Por trás do muro, Ben e Aldo espiavam a cena.

— Eis o ponto fraco dele... — sussurrou Aldo ao ver Jack Mastrangelo curvando-se para beijar a face da sobrinha.

# 47. A traição de um amigo

Uma semana depois desses acontecimentos, Jack Mastrangelo saiu de manhã cedo para se encontrar com Saro. Como de hábito, entrou no café onde costumava fazer seu desjejum. Lia o caderno de esportes e havia pedido uma xícara de um autêntico café expresso.

Enquanto estava lendo o *Usa Today*, Roy Boccia se sentou à sua mesa. Mastrangelo abaixou o jornal e reconheceu o carrasco da família Bontade. Com grande autocontrole, levantou o jornal outra vez:

— Boccia, você errou de mesa — disse, fingindo retomar a leitura.

— Era exatamente você que eu estava procurando, amigo.

Dessa vez Mastrangelo dobrou o jornal.

— Cansou daqueles palhaços dos Bontade?

— Vim aqui te propor um negócio.

— Não faço negócios com sujeitos como você — disse, e tomou um gole de café, enquanto a garçonete servia uma xícara para Roy.

Boccia esperou a mulher se afastar.

— Dessa vez aposto que você vai abrir uma exceção. Precisamos da sua ajuda.

— Mas o que você tem na cabeça? Nova York toda sabe para quem eu trabalho. O que você quer? Odeio gângsteres de meia-tigela.

— Queremos que você passe para o nosso lado.

Mastrangelo não se abalou. Manteve absoluta calma e continuou falando em voz baixa.

— Está vendo, seu grande filho da puta, a diferença entre mim e vocês é que os ratos de esgoto da sua laia correm para o queijo, qualquer que seja ele, mesmo fedorento. Eu escolho o meu queijo, e ele deve ser de primeira qualidade.

— Sinto muito por você, amigo, mas dessa vez você vai ter que engolir a

comida que te damos, do contrário...

— Do contrário? — interrompeu-o Mastrangelo com sarcasmo.

Roy Boccia, com seu habitual vinco amargo na boca, enfiou a mão no bolso do paletó e de lá tirou um pequeno pedaço de cartolina branca que deslizou pela mesa, colocando-o sob o pires da xícara de café de Jack.

Mastrangelo olhou para ele e teve um pressentimento terrível. Era o verso de uma foto. Estendeu a mão e virou o papel.

A foto mostrava sua sobrinha Aurora num ambiente que certamente não era o elegante instituto onde ela deveria estar. Ela tinha sido fotografada num porão, sentada numa cadeira, e atrás dela um homem, com um sorriso de idiota, acariciava suas coxas com as mãos.

— Tivemos um trabalhão para encontrá-la, mas no fim valeu a pena, não acha? Os rapazes não veem a hora de se divertir um pouco. É uma experiência rara trepar com uma retardada.

Mastrangelo esmagou a xícara de cerâmica para descarregar a cólera. Mas preferia que fosse o crânio de Boccia. Com um sibilo disse:

— Canalha. Sujeito sem honra. Ninguém jamais encostou um dedo nas nossas mulheres. Se tocarem num único fio de cabelo dela, não vou ter paz enquanto não me suplicarem a misericórdia de matá-los. Não sabem o que eu sou capaz de inventar.

— Calma, Jack. Sabemos o quanto você gosta da sua sobrinha. Por isso ninguém vai fazer mal a ela. Mas depende de você.

— O que vocês querem? — rugiu o gângster.

— Nada de impossível. Você deve apenas levar Ferdinando Licata e Saro Ragusa a um local que vamos te indicar.

— Quando?

— Cada coisa a seu tempo, Jack. Mas enquanto isso você não pode deixar transparecer nada, do contrário sua sobrinha... como ela se chama, Aurora? Pois bem, Aurora poderá sofrer algum dano físico, porque psicológico, pior do que está, é difícil imaginar.

— Boccia, vou repetir, vocês que não toquem nela.

— Senão? — desafiou o matador.

— Juro que, qualquer que seja o final, vou arrancar a sua língua e a do seu chefe. Gente como vocês não tem perdão.

Mastrangelo saiu do bar, deixando Roy Boccia sozinho, refletindo sobre o perigo de se indispor contra alguém como ele.

Agora Tom Bontade tinha Licata e Saro Ragusa nas mãos. Junto com Roy

Boccia, Jack Mastrangelo montou um plano que pôs em prática dias depois.

Mastrangelo avisaria o príncipe Licata da chegada de uma grande quantidade de plasma e produtos sanitários destinados à guerra na Europa. As caixas de plasma se encontravam numa das docas situadas na zona sul do porto de Manhattan. Estavam guardadas no armazém 82, à espera de ser embarcadas no próximo *Liberty* que zarparia para a Grã-Bretanha. Se se apressassem, a mercadoria poderia tomar outro rumo. Ele precisaria tratar diretamente com o chefe dos despachos, que providenciaria pessoalmente a substituição das caixas por outra carga de couros semicurtidos, abandonada no galpão fazia mais de dois meses. A troca da remessa era mais do que plausível e, quando os administradores dos hospitais fossem abrir as caixas para procurar o plasma, teriam a desagradável surpresa de encontrar toneladas de couros malcheirosos. Seria impossível rastrear a carga original, porque o expedidor também teria providenciado o sumiço dos papéis do frete.

Saro e seus homens deviam comparecer ao cais na noite seguinte levando no mínimo doze mil dólares. O lote de plasma valia pelo menos dez vezes mais. Licata autorizou a negociação e, na noite estabelecida para a troca, Saro Ragusa foi até a doca indicada.

Estava acompanhado por Jack Mastrangelo e Carmine Mannino. Chegara antes para conferir se a mercadoria era realmente como tinham combinado. Num segundo momento, ele traria Ferdinando Licata com o dinheiro. Tais eram as condições, a fim de evitar surpresas.

O galpão estava imerso na escuridão. Tomando mil precauções, Saro, Mastrangelo e Carmine Mannino entraram e avançaram até o meio do armazém de cargas. Ao redor, nas paredes, amontoava-se uma infinidade de fardos de juta e caixas de madeira. Iluminado por um raio de luar, viram um indivíduo no centro do galpão à espera deles. Não era um rosto conhecido. Entre os fardos estavam escondidos Roy Boccia, Vito Pizzuto e outros três homens da gangue: Angelo Bivona, Fabio Zummo e Salvatore Di Giovanni.

Saro se aproximou de Ben Eleazar, enquanto Jack Mastrangelo e Carmine Mannino mantiveram-se alguns passos atrás.

— Vocês estão de mãos vazias — comentou o homem que os aguardava.

— Preciso conferir se está tudo em ordem. Meu patrão está nas redondezas. Faço um sinal e ele vem com o dinheiro. Se estiver tudo certo, você não tem com o que se preocupar. Os outros estão escondidos? — perguntou Saro olhando em torno.

— Se respeitarem o combinado, não precisam recear nada — disse-lhe

Ben.

— Certo. Onde está a mercadoria?

— Venha comigo.

Ben dirigiu-se a uma coluna de paletes com caixas de papelão. Em todas constava em letras grandes *Drug* e *Plasma*. Virou-se para Saro.

— São cinquenta paletes. Qual você quer verificar?

Saro apontou uma das caixas semiescondidas. Ben abaixou a caixa escolhida por Saro e a empurrou para perto dos pés deles. Saro arrancou o lacre e constatou que dentro da caixa havia frascos com um líquido amarelado. As etiquetas indicavam claramente que era plasma.

Saro fez um sinal a Mastrangelo de que estava tudo certo. Mastrangelo saiu do galpão e acendeu um fósforo à prova de vento, agitando-o sobre a cabeça.

— Agora pode dizer para seus amigos saírem — falou Saro.

— Uma coisa por vez. Antes vamos ver o dinheiro.

Ben sabia conduzir as negociações com ar de credibilidade, por isso Tom Bontade o escolhera para aquela operação delicada.

Recortada no portão corrediço do galpão, apareceu a figura imponente do príncipe Ferdinando Licata. Trazia nas mãos uma valise de couro, parecida com a dos médicos.

— Não se mexa, Father! — gritou Saro. Depois dirigiu-se ao judeu. — Amigo, ou você manda seus guarda-costas saírem, ou o encontro acaba aqui.

— Calma, está tudo certo... queríamos ter certeza de que vocês não chamariam a polícia. O.k., rapazes. Podem sair.

Segundo o combinado, apenas Angelo Bivona e Fabio Zummo saíram do esconderijo. Ambos pareciam desarmados.

Aparentemente tranquilizado, o príncipe Licata entrou no armazém a passadas largas, indo na direção de Saro e Ben Eleazar.

Mastrangelo e Mannino abriram passagem para o príncipe, ficando em seus lugares a alguns metros de distância do portão corrediço do armazém.

Quando o príncipe se aproximou dos dois, estendeu a bolsa ao judeu.

— Aqui está seu dinheiro.

Ben pegou a bolsa de couro e recuou.

Às suas costas ressoou uma voz.

— Não estamos aqui por causa desses dólares.

Vito Pizzuto surgiu de trás de uma caixa, às costas de Ben. Ao mesmo tempo, apareceram também Roy Boccia e Salvatore Di Giovanni, saindo de trás de alguns fardos de juta, às costas do príncipe, apontando duas Thompson para

ele. Angelo Bivona e Fabio Zummo sacaram suas Magnum de dentro do casaco e as apontaram para Mastrangelo e Mannino. Estes levantaram os braços, bem como Saro Ragusa. Apenas Licata continuou de braços abaixados.

— Sinto muito, príncipe, mas Tom Bontade manda dizer que um de vocês está sobrando aqui em Nova York.

— Pizzuto, Pizzuto, desde que te conheço, você está sempre à caça de problemas — respondeu-lhe Ferdinando num tom distante, como se a situação não lhe dissesse respeito.

— Licata, não estamos mais no vilarejo, entre campônios... você precisa se adaptar aos tempos. — Vito Pizzuto, fixando os olhos de Licata, viu um olhar astutamente tranquilo. — Aqui as espingardas de cano cortado foram substituídas há muito tempo por essas vassouras.

— *Comparuzzo* meu — censurou Licata com ironia —, nossos antepassados nos ensinaram tudo. Você vai perceber que as velhas espingardas de cano cortado ainda são insubstituíveis para certos serviços.

Enquanto isso, Angelo Bivona e Fabio Zummo tinham se aproximado de Ben, mantendo na mira os homens de braços levantados.

Vito Pizzuto ordenou a Ben:

— Algeme-os.

Ben estendeu a bolsa a Fabio Zummo, mas naquele instante Vito Pizzuto percebeu um brilho nos olhos do príncipe.

— Espere. — Pizzuto tirou seu Colt e disse com ar preocupado a Zummo: — confira se são dólares.

Zummo ficou pelejando com a fechadura da valise. Finalmente conseguiu que ela desse um estalido...

Se Vito Pizzuto fosse um observador atento e se os outros homens não tivessem passado tanto tempo longe da Sicília, saberiam que um *chefe de família* jamais carregaria uma bolsa cheia de dinheiro. O fato de que o príncipe Ferdinando Licata estivesse com os dólares da transação só podia significar de duas uma: ou que não havia um único dólar na valise, ou que era a isca para uma armadilha.

Assim que Zummo abriu a bolsa para mostrar os maços de dólares ao chefe, um estopim acendeu o detonador, que por sua vez fez explodir duas bananas de dinamite.

Licata, Saro, Mastrangelo e Maninno jogaram-se no chão, protegendo a

cabeça com as mãos. A explosão atirou longe Fabio Zummo e Angelo Bivona, que estava a seu lado. Ben Eleazar se salvou da chama graças ao corpo de Bivona, que o protegeu, mas a onda de impacto o lançou contra os sacos de juta, deixando-o desacordado por alguns minutos.

Um segundo após a explosão, entraram no barracão os homens que Licata havia mandado ficar do lado de fora: Lando Farinella e Bobby Mascellino. Eles entraram pelo portão de correr por onde o príncipe tinha entrado. Tommaso Sciacca e Alex Pagano, por sua vez, entraram pela porta de trás. Os quatro estavam armados com *luparas*, Colts e Berettas. Abriram fogo contra Vito Pizzuto, Roy Boccia e Salvatore Di Giovanni. O fogo foi tão cerrado e a surpresa tão grande que Di Giovanni se rendeu imediatamente, mas um último tiro de *lupara* o atingiu em pleno peito, quando ele já estava de braços erguidos. No meio da confusão, Roy Boccia conseguira fugir do armazém. Ben jazia ao lado do fardo de juta ainda desmaiado, enquanto Vito Pizzuto estava agachado, escondido atrás de um monte de caixas. E foi assim que Alex e Tommy o encontraram.

Mastrangelo disparou atrás de Roy Boccia. Mas, depois de olhar em todos os lugares, foi obrigado a concluir, angustiado, que justamente ele havia conseguido fugir. Agora sua sobrinha estava de fato em perigo. Seu plano tinha se realizado só pela metade.

Pizzuto foi conduzido à presença de Licata. O homem mostrava desdém. Sabia que ainda tinha alguns trunfos para jogar.

— Quis se fazer de esperto, Mastrangelo? O que vai dizer agora à sua pequena Aurora?... Aldo Martini é um verdadeiro mestre em sadismo sexual.

— Diga onde ela está escondida! — gritou Mastrangelo.

— Você vai ter que me torturar, mas então será tarde demais para recuperá-la inteira.

Mastrangelo o esmurrou repetidamente, tirando-lhe sangue do nariz. Licata, com um aceno, mandou Tommy detê-lo. Depois deu ordem para prenderem Vito Pizzuto na corrente do guincho.

Mastrangelo se aproximou de Ben, que ainda estava atordoado por causa da explosão.

— Onde a esconderam?

Ben sacudia a cabeça.

— Devia ter pensado nisso antes. Agora não vai mais poder salvar a sua Aurora.

Tommy e Alex abriram os braços de Vito Pizzuto e o amarraram num cano

de ferro, de maneira que não conseguisse dobrá-los mais. Depois engancharam as duas pontas da corrente do guincho nas duas extremidades da corda e lentamente suspenderam o homem como numa cruz, até que as pontas de seu sapato ficassem longe do chão.

Vito Pizzuto ficou sério.

— Não queira me aterrorizar, Licata. Bontade vai pagar você na mesma moeda.

Licata nem se dignou a lhe dar atenção. Estava concentrado em Ben Eleazar, um sujeito que não tinha vocação para herói. E era com isso que o príncipe contava.

— Tudo vai acabar logo, Ben. Mas depende de você.

— Não vou falar, seus canalhas! — respondeu o judeu, enquanto Tommy e Alex o amarravam como tinham feito com Pizzuto.

— Talvez agora não... mas daqui a pouco. Agora vai ver o que preparamos para o seu amigo... Pelo menos assim, se decidir não colaborar, você já fica sabendo o que te espera...

As duas pontas da corrente do segundo elevador também foram enganchadas no cabo onde Ben estava amarrado. Tommy ergueu o suficiente para tirar seus pés do chão.

Ben Eleazar e Vito Pizzuto agora oscilavam um ao lado do outro no centro do galpão. Ambos com os braços abertos, pareciam dois condenados ao suplício da cruz.

Licata perguntou a Lando Farinella:

— Trouxe a caixa, Lando? — E se aproximou de Pizzuto. — Quero ver o horror nos seus olhos. Vai me lembrar de todos os seus crimes inúteis.

Farinella voltou a seguir, com uma caixa de papelão. Licata tirou um par de luvas de couro do bolso do paletó e o calçou com estudada lentidão.

Ben observava ora Licata, ora Vito Pizzuto, ora a misteriosa caixa, e estava seriamente preocupado.

Licata se ergueu na ponta dos pés e sussurrou algo no ouvido de Pizzuto. Ele começou a se agitar, fazendo oscilar as correntes que o prendiam. Tommy e Alex seguraram suas pernas.

Licata abriu a caixa de papelão. Enquanto isso, Saro tinha retornado com um rolo de fita isolante. Com um pedaço de fita, amordaçou Ben Eleazar. Depois preparou outro para Pizzuto.

Com uma das mãos, Ferdinando Licata pegou um dos dois ratos que estavam enlouquecidos dentro da caixa, procurando uma saída.

Vito Pizzuto, aterrorizado com o que o príncipe lhe murmurara no ouvido, começou a gritar. Licata aproveitou o momento em que ele abriu a boca para enfiar um rato nela. O grito de Pizzuto se transformou num grunhido. Os três não conseguiram mantê-lo parado. Tommy e Alex o seguravam pelas pernas, enquanto Saro tinha começado a lhe vedar a boca com a fita isolante. Pizzuto bufava, com os olhos saltando das órbitas no esforço de expelir o animal que se debatia dentro de sua boca. Começou a sangrar pelo nariz. A cauda comprida do rato saía por baixo da fita isolante e chicoteava o ar freneticamente. Ben Eleazar estava mais apavorado do que o amigo que estava sofrendo o suplício.

— Olhe bem — disse o príncipe a Eleazar. — Daqui a pouco vai ser a sua vez.

Vito Pizzuto emitia sons que não tinham mais nada de humano. Agitava-se como que tomado por convulsões. Licata mandou que seus homens o soltassem. O corpo vibrava como que atingido por descargas de milhões de volts. O infeliz continuava se debatendo como um endemoniado, e depois, horrorizados, todos viram o rabo desaparecer na boca, o pescoço se inchar à passagem do animal pela traqueia, prosseguindo até o estômago. Filetes de sangue saíam pelas orelhas, pelos globos oculares e também pelas partes baixas do corpo, sujando suas calças. Passaram-se ainda alguns longos minutos de sofrimento, e depois finalmente expirou.

Saro se aproximou de Ben Eleazar e tirou a fita isolante de sua boca. O infeliz estava a ponto de desmaiar. Teve forças apenas para dizer:

— Está num refúgio de Greenpoint. Na Nassau Avenue, juro que é verdade.

Enquanto o desamarravam, ouviram à distância as sirenes da polícia. Era algo que não estava no programa e nem previsto.

Mastrangelo, Carmine Mannino e Alex Pagano se afastaram, arrastando Ben Eleazar com eles.

Ferdinando Licata pegou outra saída, com Tommy, Lando Farinella e Bobby Mascellino. Enquanto isso, Saro pensou em encher de dinamite o carro com que Vito Pizzuto tinha ido encontrá-los. Queria fornecer à polícia as provas de que os atentados no porto e nos navios *Liberty* eram de matriz mafiosa, em especial da família Bontade, e não de células subversivas pró-nazistas.

Saro mal teve tempo de fechar o porta-malas do carro de Pizzuto e se afastar do barracão. Correu para a Kent Avenue com todo o fôlego que tinha nos pulmões. Mas as viaturas estavam descendo justamente pela Clymer Street,

a rua que cruzava a avenida. Os policiais o viram e mandaram que parasse, apontando-lhe uma infinidade de fuzis e revólveres. Saro ergueu os braços com ar de quem tinha sido flagrado espiando menininhas num banheiro público.

Por sorte, ele estava longe do galpão onde depois encontraram o cadáver supliciado de Pizzuto.

Ninguém poderia incriminá-lo. Apenas Roy Boccia, a única testemunha sobrevivente, além de Ben Eleazar. Mas nem Roy e muito menos o judeuzinho iriam testemunhar contra ele, pois sabiam que, mais cedo ou mais tarde, acabariam no Hudson com os pés presos numa tina de cimento.

A brutalidade e a crueldade de Ferdinando Licata, encobertas por suas maneiras corteses e generosas, transformaram-se em lenda entre as famílias não só de Nova York mas também de outras cidades da costa leste.

# 48. O acordo com a Cosa Nostra

A dianteira de Roy Boccia sobre Mastrangelo e seus companheiros não era tão grande que lhe permitisse procurar com calma outro esconderijo seguro para a garota sequestrada. Ele tinha consciência de que Aurora era sua garantia de vida. Enquanto fosse sua prisioneira, Mastrangelo e os outros da família jamais a colocariam em risco com operações imprudentes.

Logo que entendeu que tinham caído numa cilada, Boccia aproveitara a confusão e fugira por uma porta secundária. Agora, porém, precisava alcançar rapidamente Aldo Martini, para tirarem a prisioneira de Greenpoint. Já não era um esconderijo seguro... mas antes precisava avisar Tom Bontade. A vida de Aurora estava nas mãos dele: mandaria violentá-la e matá-la, para cumprir a ameaça feita a Mastrangelo? Ou continuaria a mantê-la escondida, a fim de impedir eventuais represálias de Licata?

Alex Pagano, na direção do Lincoln, seguia a toda a velocidade para a Nassau Avenue. No banco ao lado, estava Jack Mastrangelo e, atrás, Carmine Mannino com Ben Eleazar.

Em Greenpoint, o parque onde ficam as quadras de esportes, Ben Eleazar apontou a Bedford Avenue. Alex entrou e pisou no acelerador. O judeu disse que estavam quase chegando. A Bedford Avenue margeia a área dos campos de beisebol e vai dar na Lorimer Street. Pouco antes de cruzar aquela rua, Ben disse a Alex para virar à esquerda. Agora estavam na Nassau Avenue. Algumas dezenas de metros adiante, mandou-o parar. O esconderijo ficava num prédio de três andares de tijolos vermelhos em completo abandono. Fora destruído por um incêndio um ano antes, e as paredes ainda estavam totalmente enegrecidas. Enquanto não era demolido, ele se tornara o abrigo temporário de mendigos e clandestinos. O esconderijo de Aurora, revelou Ben, ficava nos porões.

Jack Mastrangelo saltou do carro com Alex Pagano. Carmine Mannino tirou um par de algemas e prendeu o pulso do judeu a um gancho especialmente colocado no chão do Lincoln, perto do câmbio. Travou as portas e seguiu Jack e Alex, que já tinham desaparecido atrás do portãozinho encostado.

O saguão era intransitável. Montes de reboco, tábuas amontoadas, rolos de fios elétricos impediam o acesso às escadas que levavam ao subsolo. Jack decidiu passar pela entrada dos fundos. Ali o desastre provocado pelo incêndio era menos visível. Jack, seguido pelos dois companheiros, dirigiu-se às escadas que levavam ao subsolo. Empunhava o Colt e prestava atenção em todos os sons que vinham dos corredores escuros do prédio.

Ouviu algumas vozes e viu o brilho de uma chama iluminando a escuridão no fundo do corredor. Fez sinal para os outros ficarem atentos. Alex e Carmine também estavam com suas pistolas. Avançaram lentamente em formação de triângulo.

Agora as vozes eram distintas. Jack estava pronto para avançar a descoberto. Com um sinal pediu que os outros o cobrissem e dirigiu-se ao outro trecho do corredor, gritando que ninguém se mexesse. Ao mesmo tempo, Alex e Carmine se jogaram no chão com as pistolas apontadas... Porém, a cena com que depararam não era o que esperavam: dois mendigos esquentavam um bule no fogo que tinham acendido com pedaços de madeira. Num canto do refúgio improvisado, havia restos de dois colchões e um balde d'água. Jack viu no chão uma corrente de pequenos elos. Os mendigos se assustaram com a repentina aparição deles. Mas depois, como não eram policiais, tranquilizou-os Mastrangelo, voltaram-se a suas ocupações. O sujeito de barba e cabelos brancos pegou o bule com água quente do fogo, apoiou-o numa caixinha de madeira, tirou a tampa e então despejou dentro dele um punhado de café. Enquanto isso, o outro preparava dois bancos improvisados. O velho se sentou e com um palito chinês começou a misturar o pó de café na água. Jack tinha se aproximado dele.

— Sinto muito, amigo, mas só temos duas xícaras boas... — disse o mendigo idoso com uma ponta de ironia.

Jack o ignorou:

— Tinha uma moça aqui dentro?

— Passam tantas... miss América... miss Flórida... miss Medê... — Era evidente que o homem costumava se divertir brincando com pessoas ditas normais.

— Vou repetir a pergunta só mais uma vez, depois...

Mas Jack foi interrompido pelo outro mendigo:

— Sim, tinha uma moça que levaram embora há uns vinte minutos. Tinha dois homens com ela.

Roy Boccia, portanto, conseguira levar Aurora pouco antes de Jack e os outros chegarem.

Foi o tempo apenas de telefonar para Bontade e pedir instruções. Bontade considerou mais prudente suspender as intimidações contra Mastrangelo. Este, apesar das ameaças à sobrinha, revelara a chantagem a Licata, colocando em sério risco a vida da jovem. Assim, Bontade julgou mais conveniente continuar a usá-la como refém para conter a ira de Mastrangelo.

Como, porém, não dispunha de outro esconderijo no momento, Bontade lhe disse que levasse a moça para sua casa, pelo menos enquanto não encontrassem outra acomodação melhor para ela.

Quando as equipes policiais cercaram o armazém 82, encontraram apenas um carro estacionado não muito longe do local do tiroteio. Os policiais apuraram que o carro pertencia a Roy Boccia, um integrante da família de Tom Bontade. O porta-malas estava semiaberto, e ali dentro encontraram uma grande quantidade de dinamite. Imediatamente avisaram o pessoal de explosivos, e o comissário mandou chamar o procurador-chefe da cidade.

Thomas Dewey não era mais o procurador de Nova York. Seu lugar fora ocupado por Frank Hogan, que prosseguia na guerra contra a máfia usando os mesmos métodos de seu antecessor.

Quando ele chegou ao local, os agentes já tinham encontrado o corpo destroçado de Vito Pizzuto.

Frank Hogan foi levado ao interior do galpão e viu com os próprios olhos o que aquele infeliz sofrera.

Mesmo alguém como ele, acostumado à violência, ficou estarrecido com a crueldade. O rato que Vito Pizzuto fora obrigado a engolir ainda se movia dentro de seu estômago e o fazia estremecer como se ainda estivesse vivo.

Hogan emitiu um mandado de captura contra Roy Boccia. Deveria prestar esclarecimentos sobre a presença de dinamite no porta-malas de seu carro. E

concluiu que a responsabilidade pelos atentados no porto talvez fosse dos Bontade...

Tudo estava saindo exatamente como Licata havia desejado.

Pediram a Hogan que abrisse um canal de comunicação com um dos figurões do sindicato, para chegar depois às famílias que "governavam" a frente do porto, com o objetivo de resolver a questão das sabotagens.

Frank Hogan soubera da prisão de Saro Ragusa, um jovem siciliano que seus informantes apontavam como o chefe da família que tomara o lugar dos Stoker, uma antiga gangue irlandesa, no Lower East Side.

Saro fora detido não muito longe do armazém 82, onde Vito Pizzuto teve aquele fim atroz. Mas não havia provas que o implicassem naquele homicídio.

Frank Hogan quis interrogar Saro, talvez com a remota esperança de conseguir uma linha direta com as famílias que mandavam e desmandavam na zona portuária.

Quem o levara por esse caminho, o dos mafiosos italianos como responsáveis pelos atentados, tinha sido Charles Radcliffe Haffenden, responsável pelo setor de investigações, o B-3.

Haffenden, chamado de volta à ativa quando a guerra estourou, espalhara informantes por toda a zona portuária. Não havia cais, mercado de peixe, pesqueiro, armazém onde não estivesse alguém do B-3 para captar qualquer frase ou ação suspeita.

Haffenden tinha sido um dos primeiros a saber que o incêndio do *Normandie* poderia ter sido obra da máfia italiana. Mas ninguém quis levar essa hipótese em consideração. A ideia de sabotagens feitas por espiões nazifascistas era mais plausível e consoladora.

Assim, quando Hogan decidiu interrogar Saro Ragusa, também o convocou, e o chefe do B-3 recebeu o convite de bom grado, esperando poder confirmar as informações que seus agentes tinham lhe passado.

— O carro com dinamite pertence a um tal Roy Boccia. Não há traço desse Boccia em nossos registros — disse Hogan a Haffenden.

— Boccia era o guarda-costas do homem morto? — indagou Haffenden.

— Era. Eles caíram numa emboscada, mas ele conseguiu fugir — respondeu Hogan. — Coloquei sob vigilância os locais que ele frequenta, inclusive a casa onde se encontra Bontade.

— Muito bem. Se o pegarmos, ele poderá nos explicar muitas coisas.

Haffenden tinha cerca de cinquenta anos, era meio calvo e com uma barriga volumosa, diferentemente do colega procurador, que era magro e

distinto, mas também apresentava um início de calvície na parte superior da cabeça.

Com a dura luta pela sobrevivência na metrópole americana, Saro Ragusa tinha amadurecido. Agora o jovem retraído, inseguro, tímido com as mulheres era apenas uma lembrança do passado. Sua ascensão no mundo da marginalidade fora fulgurante. Agora falavam dele com respeito e ele era considerado, entre os poucos da nova geração, digno de se sentar junto com os chefes das famílias da Comissão.

Na cela em que estava trancafiado, anunciaram a visita do procurador-chefe e do diretor do B-3. Saro pensou que aquelas duas visitas extraordinariamente importantes deviam ser o efeito do plano do príncipe Licata.

E não estava enganado.

Haffenden foi direto ao ponto. Sem maiores rodeios, disse-lhe que queriam instaurar uma colaboração com as famílias italianas dispostas a ajudá-los contra os sabotadores que operavam no porto. Estavam em guerra e todas as alianças eram válidas para vencer a barbárie nazista. Perguntaram-lhe se ele poderia arranjar crachás do sindicato para que os agentes do terceiro distrito embarcassem nos pesqueiros. Além disso, queriam ser informados de qualquer ação suspeita, como compras incomuns de combustível e víveres, porque suspeitavam que os submarinos inimigos que se aproximavam das costas americanas eram reabastecidos por um pessoal de apoio que agia em território americano. Em suma, queriam deter as sabotagens que estavam prejudicando o programa de reabastecimento dos equipamentos bélicos com destino à Grã-Bretanha.

Saro respondeu que só havia uma pessoa tão poderosa para decidir sobre essa colaboração. E essa pessoa certamente não era ele. Seu nome era Lucky Luciano.

Embora já estivesse preso fazia seis anos no cárcere de Dannemora, ele continuava a dirigir e comandar o sindicato. Era a ele que deviam se dirigir. Com certeza Luciano dispunha do poder adequado para resolver os problemas deles.

A essa primeira conversa com Saro, ocorrida na cela da delegacia, seguiram-se muitas outras, mas agora no gabinete particular de Haffenden, numa suíte do Astor Hotel da Broadway.

Frank Hogan autorizou o contato com Lucky Luciano, mas sugeriu ao almirante apenas uma precaução: que ele não se comunicasse diretamente com o gângster, e sim por intermédio de seu advogado de defesa, um russo de origem judaica chamado Moses Polakoff.

Haffenden seguiu o conselho do procurador e chamou Polakoff ao Astor Hotel. Disse-lhe sem rodeios nem meias palavras, como era seu hábito, que Luciano não devia esperar daquela cooperação qualquer redução de pena ou revisão do processo. Confiava apenas no patriotismo do novo cidadão americano. Na verdade, ao contrário dos parentes, Lucky Luciano nunca tinha pedido a cidadania americana.

O colaborador mais próximo de Lucky Luciano era também seu maior amigo: o judeu Meyer Lansky. Polakoff convocou o judeu e Saro Ragusa, que nesse meio-tempo tinha sido solto por falta de provas.

Os três se encontraram no restaurante Longchamps na 58ª West para discutir se aceitariam o pedido das autoridades. Lansky era o mais relutante, pois não queria dar falsas esperanças a seu amigo Lucky. Mas Saro conseguiu convencê-los de que era o único caminho, se quisessem libertar Luciano. Polakoff perguntou como ele tinha tanta certeza disso, visto que o próprio procurador o avisara de que aquela colaboração não traria nenhuma recompensa imediata.

Saro afirmou que a ele, pelo contrário, Frank Hogan prometera que a Procuradoria, no momento oportuno, levaria em conta uma ajuda para Luciano... desde que as sabotagens terminassem.

Algumas horas mais tarde, Saro Ragusa fez seu relatório ao príncipe Ferdinando Licata: havia convencido Lansky de que uma ajuda de Luciano às autoridades militares não significaria “colaborar com a polícia”. Aqui tratava-se de deter as sabotagens contra as Forças Armadas americanas.

Licata sorriu. O plano estava funcionando perfeitamente. Mas deviam avançar a pequenos passos.

— Com o próximo movimento, faremos Luciano sair de Dannemora... — declarou The Father.

Saro contatou novamente o advogado Polakoff e lhe disse o que deveria pedir a Haffenden para o prosseguimento das negociações.

Enquanto isso, transcorrera o mês inteiro de abril e naqueles trinta dias nada menos que quarenta e nove navios mercantes afundaram. A população e os órgãos de imprensa consideravam que os U-Boot eram os principais responsáveis por aqueles desastres, mas na verdade a grande parte das sabotagens era obra das equipes de sapadores da Cosa Nostra.

Em um encontro com Haffenden no escritório deste no Astor Hotel, Polakoff afirmou que não seria adequado que ele e seus amigos se apresentassem numa prisão de segurança máxima como Dannemora. Os carcereiros estranhariam essa irregularidade. Portanto, ele pedia que Lucky Luciano fosse transferido para um cárcere com menos restrições.

Haffenden apresentou o pedido do advogado russo a Frank Hogan, que o considerou plenamente apropriado.

Foi escolhida a penitenciária de Great Meadow, em Comstock, perto de Albany. A transferência de Lucky Luciano ocorreu com o máximo sigilo em 12 de maio. Três dias depois, Saro Ragusa, o advogado Polakoff e o amigo Lansky finalmente puderam visitar o chefe da Cosa Nostra.

Foi o próprio Lansky quem apresentou Saro Ragusa ao chefão. Ao apertar a mão de Lucky Luciano, Saro completava sua ascensão ao firmamento da máfia: agora entrara na história da organização.

O aperto de mão de Luciano foi vigoroso, como era seu costume:

— Você tem valor, rapaz, me disseram que a ideia foi sua.

Saro sorriu:

— Bem, digamos que alguém me inspirou... Mas, sim, a ideia da sabotagem do *Normandie* e dos outros comboios foi minha. — Ferdinando Licata o avisara que seu nome ainda não devia aparecer.

Luciano autorizou a operação antissabotagem.

A partir daquele dia, todos os homens das famílias de Nova York passaram a patrulhar cada metro dos cais da metrópole. Abortaram-se greves extremadas que atrasariam o envio da ajuda militar à Grã-Bretanha. Uma célula de sabotadores gregos nazifascistas foi detida sob a acusação de reabastecer os U-Boot alemães com alimentos e combustível. Outros oito sabotadores nazistas de

nacionalidade alemã foram capturados ao desembarcarem em Long Island.

Em suma, após a ordem de Luciano, em poucas semanas cessaram totalmente as sabotagens no porto e os afundamentos dos *Liberty*.

Considerou-se uma grande vitória para as famílias da Cosa Nostra, pois era a primeira vez que a Organização obtinha um reconhecimento oficial por parte das instituições, sobretudo da Procuradoria de Nova York.

# 49. Notícias do futuro

Aurora, a sobrinha de Jack Mastrangelo, jazia numa enxerga de palha no chão do porão da casa de Tom Bontade. A luz entrava apenas por algumas frestas, que deixavam entrever uma parte do jardim em torno da residência.

Em sua mente confusa, Aurora tentava entender a situação que vivia, mas apenas de maneira vaga conseguia distinguir quando uma ação era boa ou representava alguma violência contra ela. Os momentos felizes já se perdiam nas sombras da memória. Sua vida consistia somente de sensações que lhe causavam ansiedade e de um pânico que lhe comprimia a garganta. Mas não conseguia expressar seus sentimentos de forma nenhuma. Sabia que era prisioneira de um corpo que não reagia aos impulsos mentais. Um corpo que era como um estranho para ela e o qual ela gostaria de mandar para aquele lugar. De vez em quando, se recordava de "bons" momentos associados àquele senhor engraçado, com tantas marcas no rosto, que ia visitá-la levando flores ou chocolates. Eram instantes inesquecíveis. Mas agora o que ela estava fazendo naquele quarto tão escuro? Todos tinham se esquecido dela. Aquele senhor não vinha mais lhe trazer chocolates... Aurora está só... Aurora está só... Aurora está só... Repetia interminavelmente aquelas palavras, e de repente, como por milagre, uma lágrima brotou em seus olhos e deslizou por sua face pálida.

Depois de tantos anos, era o primeiro sinal de que Aurora começava a recuperar a consciência. Mas infelizmente ninguém pôde testemunhá-lo.

Enquanto isso, no andar de cima estavam discutindo seu destino.

Roy Boccia sustentava que deviam se desfazer dela o quanto antes.

Tom Bontade, mais prudente, julgava que, pelo contrário, deviam usá-la para ter algum controle sobre Jack Mastrangelo e seus mastins.

— Poderíamos fazer um acordo de paz com eles em troca da garota —

concluiu o velho chefe da família.

— Eles são pérfidos como cascavéis — retorquiu Boccia. — Já caímos uma vez na armadilha, quando o próprio Genovese quis uma trégua conosco. E sabe muito bem como terminou. Como ainda pode confiar neles?

— Não quero acabar como os Stoker. Não quero ir embora daqui. Quero ganhar tempo para reforçar nossas fileiras e recuperar o que tomaram de nós — disse Bontade. — Mas precisamos achar outro esconderijo para a garota. Aqui é o primeiro lugar onde virão procurá-la.

— Está bem, patrão. Ficamos com a mocinha e enfrentamos aqueles canalhas. — Só lhe restava acatar as decisões do chefe.

Precisavam se apressar para encontrar outro local onde manter a prisioneira.

A casa de Tom Bontade, na Décima Avenida do bairro residencial de Beechhurst, consistia de dois grandes edifícios paralelos com telhados inclinados de telhas vermelhas, no típico estilo *old english*. Tom Bontade ocupava o bloco da direita, enquanto os guarda-costas e os outros homens da família ficavam no edifício da esquerda, com um número maior de quartos.

Fazia mais de uma semana que os agentes da Naval Intelligence, sob as ordens de Charles Haffenden, estavam instalados numa casa desabitada em frente ao refúgio de Tom Bontade. A medida fazia parte de uma operação mais ampla do serviço secreto, organizada em colaboração com as famílias que haviam aceitado o convite de Saro Ragusa e Meyer Lansky.

Como o carro de um dos homens de Bontade fora encontrado cheio de dinamite, os investigadores achavam que a família estava envolvida nos atentados. Por sete dias, os agentes tinham observado quem entrava e quem saía da casa.

Com seus binóculos potentes, viram Bontade andando de um aposento a outro como um leão enjaulado. Fazia semanas que não saía dali.

Os agentes ainda não haviam localizado Roy Boccia, sobre o qual pendia um mandado de captura. Esperavam com paciência que ele fosse conversar com o chefe ou que saísse da casa. Mas não tinham provas de que ele estaria efetivamente lá dentro.

Finalmente, naquela manhã viram uma movimentação no portãozinho do bloco da esquerda. Roy Boccia saiu e seguiu depressa para a garagem à direita do edifício principal. Entrou no Chevrolet Street Rod de duas portas e se afastou em direção à Cross Island Parkway.

Assim que viram Roy Boccia, os agentes de Haffenden deixaram três colegas na vigilância e embarcaram em dois carros pretos do B-3 para seguir o Chevrolet.

As ordens de Haffenden eram que prendessem Roy Boccia longe da mansão, para que Bontade não ficasse sabendo.

Assim fizeram os agentes. Quando Boccia já estava perto da via rápida, um dos Ford, numa manobra espetacular, ultrapassou o Chevrolet e se colocou de atravessado na rua. Roy Boccia foi obrigado a frear bruscamente. Nisso, os outros dois agentes bateram no para-choque de seu carro para desorientar o criminoso. Saltaram dos automóveis e mandaram que se rendesse. Um dos policiais leu seus direitos e mostrou a ordem de prisão. Tiraram-no pelos braços do assento de motorista e o fizeram entrar no primeiro Ford.

As pessoas dos outros veículos assistiram à cena comentando o episódio com certa satisfação. Se as forças da ordem executavam uma prisão, era um criminoso a menos nas ruas, o que de fato se fazia necessário naqueles anos.

O Chevrolet de Roy Boccia, agora dirigido por um agente, fez uma rápida manobra e seguiu o Ford, que se afastava a toda a velocidade em direção à Church Street, onde ficava a sede da Naval Intelligence e onde Haffenden fora avisado da captura.

Numa suíte do Tribeca Grand Hotel, o último refúgio de Ferdinando Licata, estava em curso uma reunião entre o príncipe, Saro Ragusa e Jack Mastrangelo. Este último estava desesperado com o destino da sobrinha. Espremera Ben Eleazar, mas o judeu realmente não sabia nada mais além do que já dissera. Só Roy Boccia e, claro, Tom Bontade podiam saber onde estava a garota. Precisavam agarrar Boccia.

Mastrangelo fez correr a pergunta entre os informantes, mas todos lhe disseram que fazia algumas semanas que Boccia tinha sumido de circulação. Mastrangelo não tinha como saber que ele fora preso com grande sigilo pelos agentes do B-3, a seção de investigadores da Naval Intelligence.

Então Ferdinando Licata teve uma ideia para tirar os Bontade do refúgio deles. Chegara o momento de utilizar seu amigo jornalista, Luke Bogart, do

*Evening Sun*.

Roy Boccia foi levado aos subterrâneos à prova de som da Naval Intelligence na Church Street. O próprio Charles Haffenden quis interrogá-lo pessoalmente e, para não sofrer interferências que invocassem garantia de direitos, absteve-se de avisar até mesmo o procurador Hogan.

Roy Boccia se sentia numa arapuca. Podia mandar Saro Ragusa e o príncipe Ferdinando Licata para a cadeira elétrica, declarando que os vira matar Vito Pizzuto, mas também sabia que, se os denunciasse, isso seria sua ruína perante as outras famílias da Cosa Nostra. A lei do silêncio entre os mafiosos é o pilar sobre o qual se funda seu poder.

Para o interrogatório, Haffenden vestira seu uniforme de capitão da Marinha. Entrou na sala sem janelas, iluminada por duas luminárias de metal no teto.

Roy Boccia estava sentado no centro da sala numa cadeira giratória de madeira. Quando a porta se abriu, levantou o olhar e viu Haffenden avançando até ele com olhos de aço. Vendo sua determinação, percebeu que teria de suportar um interrogatório implacável.

— Muito bem, Roy Boccia, finalmente eu conheço você. Foi você que afundou todos aqueles meus navios, não é verdade?

Como sempre, sem preâmbulos nem subterfúgios, Haffenden foi direto ao ponto.

— Para ser sincero, não sei do que o senhor está falando — respondeu Boccia, seguro de si.

— Detesto perder tempo. Portanto, apelo à sua inteligência, se ainda tiver um pouco. — Haffenden girava em torno dele. — Encontramos não sei quantos quilos de dinamite no porta-malas do seu carro... A mesma usada nas sabotagens...

— Dinamite no meu carro? Juro que jamais transportei dinamite — replicou Boccia.

— Está bem, vamos mudar de assunto... você estava no armazém 82 quando mataram Vito Pizzuto? Ou vai me dizer que nem o conhecia?

— Conhecia, sim.

— O.k., começamos a melhorar. Então você estava lá? — repetiu Haffenden.

— Não. Fugi quando o tiroteio começou.

— Então não viu nada? Não viu quem o deixou naquele estado?

Roy Boccia esperou alguns segundos antes de responder, e Haffenden entendeu que ele ia mentir mais uma vez.

— Não — foi a resposta óbvia do gângster.

— Voltemos à dinamite. O que você ia fazer com todo aquele explosivo? Por que estava passeando com ele pela cidade? Qual era o próximo alvo? — insistiu o diretor do B-3.

— Juro, juro que não sei nada dessa dinamite. Alguém deve ter posto no meu carro para me prejudicar. Não sei nada a respeito. Juro.

Haffenden não tinha paciência, mas dispunha de todo o tempo do mundo. Num tom altivo, avisou ao assassino:

— Como quiser. Mas saiba que ninguém sabe que você está aqui, nem a Procuradoria. Posso te manter trancado aqui dentro a vida toda, se eu achar que é o caso. Pelo menos enquanto você não decidir a falar. Nos vemos depois de amanhã.

Dizendo isso, Charles Haffenden saiu do aposento e pouco depois Roy Boccia foi jogado numa cela onde, como único consolo, havia um balde malcheiroso e a luz fraca de uma lâmpada coberta. Boccia sentou no chão, encostado na parede, com a cabeça entre as mãos, e amaldiçoou o dia em que se colocara no caminho de Saro Ragusa.

Dias depois, uma notícia desconcertante lançou o pânico em toda a estrutura da Cosa Nostra. Na terceira página do *Evening Sun*, uma manchete em nove colunas anunciava: "Exterminada a família de Tom Bontade". O olho da notícia informava que uma epidemia misteriosa tinha matado um dos chefões da Cosa Nostra, com todos os seus familiares e alguns guarda-costas. Os corpos não apresentavam sinais de balas nem marcas de violência. As mortes misteriosas se deviam provavelmente à ingestão de uma substância venenosa. A matéria prosseguia, descrevendo como foram encontrados os corpos de Bontade e de três guarda-costas. Um detalhe macabro era que Bontade fora surpreendido pela morte enquanto falava ao telefone. Então o jornalista passava a narrar minuciosamente a vida aventurosa do criminoso até as últimas semanas, quando o gângster passara a viver praticamente recluso em casa, temendo ser morto. Mas era evidente que tais precauções tinham sido inúteis. O artigo trazia uma foto de Bontade na juventude e a imagem da casa onde se dera o massacre.

A notícia se espalhou em poucos minutos. Os chefes mais importantes de

Nova York e de toda a costa leste trocavam telefonemas. Alguns brindavam e outros se preocupavam com o próprio bem-estar. Outros ainda, mais corajosos ou mais interessados em saber como realmente haviam se dado os fatos, foram até o norte do Queens, em Beechhurst, onde ficava a casa de Bontade. Eles esperavam encontrar um mar de viaturas policiais, mas a Décima Avenida estava quase deserta. Viam-se apenas alguns transeuntes, algumas mães empurrando carrinhos, governantas negras tomando o ônibus para voltar a suas casas, em suma, a vida parecia correr normalmente.

Um amigo, porém, foi até o portão da casa de Bontade e tocou a campainha. Aldo Martini veio atender; reconheceu o homem e foi a seu encontro na aleia do edifício principal.

— Bob, o que você está fazendo aqui? — perguntou Aldo Martini ao se aproximar.

O homem estava estupefato, não sabia o que pensar...

— Estão todos bem? — perguntou aturdido.

Como todo bom italiano supersticioso, Martini pôs a mão nos testículos:

— Que porra é essa, Bob, será que tenho que me coçar?

O homem, em resposta, mostrou o jornal. Aldo Martini, curioso, o abriu, leu na primeira página as notícias da guerra na Europa. Levantou o olhar para ele, como que perguntando "E daí?".

— Leia a página três — disse o homem.

Aldo Martini folheou o jornal. A manchete lhe gelou o sangue. Depois começou a rir... Mas talvez devesse se preocupar. Entrou correndo na casa para mostrar o artigo a Bontade.

A fúria de Tom Bontade assustou seus homens. Nunca tinham visto o chefão tão descontrolado. Mesmo nos momentos mais difíceis, Bontade sempre conseguira manter a calma e o sangue-frio. Era evidente que todos aqueles dias fechado em casa haviam afetado seus nervos.

Ele se perguntava quem poderia ser tão poderoso para conseguir a publicação de uma matéria tão falsa. Telefonou imediatamente à redação, desmentindo a notícia.

Em todo caso, a partir daquele dia Tom Bontade redobrou as medidas de segurança, a fim de se proteger. Enclausurou-se em casa. Todos que entravam, mesmo o mais confiável dos guarda-costas, eram revistados minuciosamente. A comida, antes de lhe ser servida, era provada por um de seus conselheiros.

A segurança se tornou uma verdadeira obsessão para Bontade. Ferdinando Licata o tinha encurralado. O terror passara a ser seu companheiro constante.

Agora bastava Jack Mastrangelo aguardar pacientemente um movimento em falso.

# 50. O golpe de gênio

Nos últimos meses de 1942, a guerra na Europa atingira o auge da mais insana crueldade. A brutalidade na Polônia e no gueto de Varsóvia, a humilhação dos franceses, os bombardeios na Inglaterra, os massacres na África do Norte, as atrocidades na Rússia, haviam lançado o mundo no abismo da barbárie.

Mas, aos poucos, a sorte parecia abandonar o ditador nazista. A batalha da Inglaterra, travada nos céus da Mancha e nas cidades inglesas, fora vencida pelos pilotos da RAF. As tropas americanas tinham entrado no conflito. O general russo Zukov acuara trezentos mil alemães em Stalingrado, condenando-os à morte certa ou à rendição.

Na Itália, o descontentamento da população, sobretudo de algumas camadas hostis à monarquia e ao regime, finalmente se fez ouvir. O fascismo não gozava mais da aprovação plebiscitária do povo.

Assim, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos começaram a trocar uma série de notas diplomáticas para decidir como interviriam, no intuito de facilitar o fim da aliança entre a Itália e a Alemanha. Os ingleses eram mais intransigentes contra o governo italiano, em especial contra a monarquia dos Saboia. Os americanos, pelo contrário, eram mais compreensivos. Roosevelt sabia muito bem que, entre os mais de seis milhões de ítalo-americanos, a maioria tinha votado nele, e não queria desagradá-los.

Os estrategistas ingleses consideraram que o mais eficaz seria tirar a Itália rápido da guerra, fazendo com que as insatisfações e os distúrbios das vanguardas contrárias ao regime chegassem a tais proporções que os alemães seriam obrigados a proceder a uma verdadeira ocupação do país, transferindo tropas do tabuleiro europeu para o território italiano. Além disso, seriam obrigados a substituir as tropas italianas no fronte russo, na França e nos Bálcãs.

Os primeiros meses de 1943 foram dedicados a organizar a invasão da Itália

a partir da Sicília. A ilha fora escolhida porque fontes do serviço secreto informavam que a população era fortemente hostil ao governo fascista e um grupo de independentistas, formado por nobres e latifundiários, já começara a se mobilizar para criar um vigoroso movimento antigermânico.

A operação Husky, como foi batizada a invasão da ilha em código militar, foi lançada durante a conferência de Casablanca em 14 de janeiro de 1943.

O Naval Intelligence sabia que o regime havia perseguido as famílias mafiosas. Muitos chefões tinham sido obrigados a imigrar para os Estados Unidos, a fim de escapar do degredo ou da prisão.

Ocorreu ao almirante Haffenden a ideia de que justamente eles poderiam, talvez, fornecer o auxílio necessário para o sucesso do desembarque. Lembrou-se da ajuda valiosa de Lucky Luciano e de seus amigos na época das sabotagens no porto de Nova York. E pensou que Saro Ragusa, mais uma vez, poderia ajudá-lo intercedendo junto às hierarquias ítalo-americanas da Cosa Nostra.

Haffenden sabia que a máfia siciliana e a máfia americana eram ligadas por um duplo laço, por razões de sangue e de negócios. O representante máximo da seção B-3 dos serviços secretos da Marinha dos Estados Unidos decidiu recorrer novamente ao jovem Ragusa.

Marcado o dia do encontro, o príncipe Ferdinando Licata reuniu os chefões mais influentes de Nova York, para decidirem de comum acordo como Saro conduziria a difícil negociação com o diretor do B-3.

Sante Genovese, Frank Costello, Joe Adonis, Meyer Lansky, Vincent Mangano e, naturalmente, Saro Ragusa, sem esquecer Polakoff, o advogado de Lucky Luciano, encontraram-se no Tribeca Grand Hotel, na suíte de Licata.

Não foram necessárias apresentações porque o príncipe já era uma lenda na comunidade italiana da cidade, mesmo que ainda se mostrasse esquivo e sem poderes.

Licata transmitiu aos chefes da Cosa Nostra a nova oportunidade que lhes era oferecida. A notícia ainda não era de domínio público, mas Licata sabia que os aliados estavam organizando um desembarque na Sicília para iniciar ali a conquista da Itália. Em vista disso, e para facilitar as operações militares, os aliados queriam o apoio da população local. Segundo seu modesto ponto de vista, era uma ocasião imperdível para devolver a liberdade a Luciano.

— De que modo? — perguntou Costello.

— Eles precisam de apoio logístico. Sabem que a máfia foi perseguida pelo

regime fascista e por isso confiam que a organização se colocará à disposição dos americanos, que chegam para libertar os sicilianos da ditadura. Um de nós, que seja muito representativo, deve ir a Villalba parlamentar com dom Calò e convencê-lo a apoiar os aliados, talvez até atuando nas sabotagens às bases italianas e alemãs. Se ainda hoje vocês concordarem em considerar Luciano como nosso chefe supremo, deixaremos a ele a decisão de ajudar ou não as tropas americanas.

O discurso de Licata foi ouvido com sinais de anuência por quase todos os participantes.

— E nós, o que ganhamos com isso? — perguntou Sante Genovese.

— Antes de mais nada, o respeito do Estado-maior americano. Mas principalmente, em troca da importante contribuição oferecida nestes tempos de guerra, pediremos uma espécie de indulto para libertar Luciano — respondeu Saro Ragusa, antecipando-se ao príncipe.

— Isso mesmo — reforçou Ferdinando Licata. — Teremos de insistir com o almirante que apenas Luciano tem autoridade para encontrar dom Calò na Sicília. Ninguém mais. Assim, terão de tirá-lo da cadeia, e isso já será uma grande vitória para todos nós.

A comissão aprovou a resolução por unanimidade. Saro Ragusa podia ir ao encontro do almirante Haffenden com a certeza de contar com o sólido respaldo das principais famílias de Nova York.

Enquanto isso, Jack Mastrangelo continuava sua busca desesperada pela sobrinha Aurora. Nenhum de seus informantes sabia lhe fornecer a menor pista. Bontade não fizera mais contato com ele. O estratagema de Licata, a falsa notícia publicada no *Evening Sun*, não tinha provocado nenhuma reação, exceto fazer com que o chefe da família Bontade se fechasse como um ouriço na casa de Beechhurst. Mastrangelo rugia, queria enfrentar a situação, mas Licata insistia que tivesse paciência. Mais cedo ou mais tarde, Bontade daria um passo em falso.

A imobilidade forçada, as sombras do porão onde estava encerrada, os rostos pouco amigáveis que via, os longos pensamentos sem ordem nem lógica tinham feito Aurora recair na mais absoluta apatia. Dormia e comia o escasso alimento que seus carcereiros conseguiam lhe dar.

Bontade, nesse meio-tempo, ficava cada vez mais histérico. Não gostava da presença daquela garota no porão e, além do mais, não sabia se devia atribuir o

sumiço de Roy Boccia a uma traição dele, e nesse caso ele iria pagar caro, ou a uma captura da polícia. Diariamente mandava trazer o *New York Times* e o *Post* para verificar se seu homem tinha sido preso. Mas os jornais nunca traziam essa notícia. Nem seus informantes nas várias delegacias jamais lhe comunicaram a prisão. Decidiu esperar mais alguns dias, e depois daria um jeito de se desfazer da garota de uma ou outra maneira, o que, na sua cabeça, queria dizer: matá-la e jogá-la num caminhão de lixo.

No escritório particular do Astor Hotel, onde tratava dos negócios mais delicados, o almirante Haffenden recebeu Saro Ragusa e o advogado Polakoff.

Segundo seu proverbial estilo, Haffenden expôs claramente seu plano. Era mais ou menos o que Licata havia previsto.

Revelou aos dois que havia alguns meses seu departamento trabalhava para identificar todos os imigrantes sicilianos que nos últimos anos tinham voltado à Itália para visitar parentes. Já haviam localizado cerca de cem, e fizeram com que entregassem fotografias, cartões-postais, livros, documentos oficiais italianos e tudo o que pudesse ajudá-los a formar uma ideia da mentalidade dos insulares. Alguns tinham descrito as instalações industriais, os prédios do governo, as fortalezas militares, os caminhos entre os vilarejos, estradinhas muitas vezes desconhecidas dos próprios militares italianos e alemães. Pediam a todos eles que dessem os nomes de parentes e amigos de confiança. O B-3 localizou italianos que nunca tinham pedido a cidadania americana e outros que antes tiveram o pedido negado, e prometeu-lhes que a conseguiriam em troca de informações.

Já haviam reunido um bom volume de dados que o B-7, setor encarregado da análise das informações, estava examinando e catalogando em notas igualmente estratégicas.

Agora, concluiu Haffenden, faltava apenas o último lance: convencer toda a organização mafiosa siciliana a colaborar com a causa da libertação. Havia entre eles um chefe de carisma suficiente para convencer seu correlato siciliano a se alinhar ao lado deles?

Licata mais uma vez antevira o cerne da questão. Era essa a pergunta que queria ouvir do almirante. Saro declarou a Haffenden que o homem certo era o mesmo que conseguira sustar as sabotagens no porto de Nova York. Lucky Luciano era o único capaz de convencer os primos sicilianos a apoiar os americanos.

Naturalmente tudo isso teria um preço. Embora não fosse de sua alçada, Haffenden prometeu que apresentaria a questão à Procuradoria Geral, a única que poderia decidir sobre uma eventual redução de pena. Mas, como afirmou a Saro e a Polakoff, o procurador Hogan e mesmo o governador Dewey, que anos antes mandara Luciano para a cadeia, concordavam em rever o processo com vistas a um possível indulto.

Polakoff levou pessoalmente a Luciano as notícias sobre o encontro realizado com Haffenden, os pedidos da Naval Intelligence e as promessas de uma eventual revisão do processo para uma redução drástica da pena.

Lucky Luciano entendeu que era sua última cartada para deixar a prisão. Faltavam-lhe no mínimo vinte e quatro anos, se fosse um prisioneiro exemplar, ou até quarenta e quatro anos de pena. Portanto, concordou em ir secretamente à Sicília se encontrar com dom Calò, o "chefe dos chefes" da máfia siciliana.

Para o seu desembarque, Luciano indicou o golfo de Castellammare, onde muitas baías ainda eram controladas por amigos seus que lhe dariam proteção.

A Naval Intelligence organizaria a viagem e sua estada em terra siciliana. Mas Haffenden exigiu que Luciano fosse acompanhado por Saro Ragusa, o jovem em quem já confiava cegamente. Saro, depois que Luciano passasse as instruções aos chefes da ilha, seria o elemento de ligação das operações entre americanos e sicilianos.

# 51. 1943
# O príncipe de Villalba

Nos mapas da Sicília, Villalba é um minúsculo pontinho situado num pequeno monte com pouco mais de seiscentos metros de altitude, numa região inóspita que os habitantes chamam de Vallone, no coração das Madonie. Entre esses casebres e tugúrios malcheirosos, sem ruas, sem água nem esgoto, onde os animais moram dentro da própria casa dos camponeses, nasceu Calogero Vizzini.

Dom Calò, como todos o tratavam respeitosamente, era filho de gente pobre, não tinha parentes de linhagem altissonante, tios monsenhores ou administradores feudais, mas mesmo assim, graças à sua aguda inteligência criminosa e a uma extraordinária intuição tática de saber aproveitar as oportunidades da história em contínua mudança, conseguiu alcançar em poucos anos o topo da hierarquia mafiosa.

Ainda jovem, na casa dos vinte anos, dom Calò conquistou credibilidade e prestígio ao oferecer-se como intermediário entre os bandoleiros que infestavam a ilha e os proprietários de terra.

Os primeiros sucessos se concretizaram quando foi escolhido pelo famoso bandoleiro Varsallona como único interlocutor para tratar com os nobres da região. Dom Calò era uma espécie de agenciador de mão de obra criminosa que fornecia a fazendeiros e administradores capatazes para proteger suas terras. Naturalmente, os clientes dessa "agência" especial contratavam uma espécie de seguro contra furtos e extorsões.

Calogero logo adquiriu fama em todo o Vallone, mas também nas províncias próximas, como "homem de contato", isto é, homem de confiança. As pessoas apresentadas por ele eram de absoluta confiança. Essa atividade lhe permitiu criar um vasto sistema de relações interpessoais, constituído não só de *picciotti* com ficha mais ou menos limpa, mas também de nobres,

latifundiários, políticos e eclesiásticos.

Com o passar do tempo, ele estruturou uma ampla rede de colaboradores, seguidores, partidários, montando assim o núcleo de uma autêntica quadrilha. Conquistou o respeito e a estima dos proprietários rurais mais importantes. Conseguiu adquirir terras e feudos que os donos legítimos não tinham mais condições de manter. Naturalmente, teve de se haver com a justiça inúmeras vezes, mas sempre saiu limpo e apenas uma vez sofreu a ignomínia do cárcere. Ninguém conseguiu jamais incriminá-lo pelos trinta e nove homicídios que cometeu, trinta e seis assaltos, trinta e sete roubos e sessenta e três extorsões realizadas pessoalmente ou por ordens suas. Esse era o "homem de honra" que Lucky Luciano e Saro Ragusa teriam de encontrar na Sicília.

Nas horas avançadas de uma noite de primavera, Luciano foi retirado de sua confortável cela de Great Meadow perto de Albany e transportado até o aeroporto secreto da Naval Intelligence, junto ao rio Hudson. Saro Ragusa e o almirante Charles Haffenden o esperavam. Na pista, um Douglas C-54 Skymaster novo em folha, que os levaria até a Inglaterra, aquecia os motores.

Haffenden avisou a Luciano que não iriam mais desembarcar no golfo de Castellammare, porque o submarino que os transportaria não conseguiria chegar naquela data. Portanto, em Malta eles iriam embarcar num navio pesqueiro que os deixaria nas costas de Gela e depois ancoraria num pequeno promontório ao norte daquela cidade. Lá, dois moradores os levariam de carro para o encontro com dom Calò. O chefe já estava avisado e aceitara encontrar Luciano nos arredores de Palermo.

Logo depois, os dois seriam levados até o litoral de Capo Grosso, onde um barco os iria conduzi-los ao submarino que os levaria de volta a Malta, de onde retornariam aos Estados Unidos.

— Podemos contar com sua volta para os Estados Unidos, mister Luciano? — concluiu Haffenden, acompanhando Lucky e Saro até o portão da área onde estava o quadrimotor.

Luciano entrecerrou as pálpebras, como que enfocando melhor o interlocutor, em sua típica expressão que não admitia réplicas:

— Ninguém é tão virtuoso a ponto de não sentir tentações, almirante, mas nós somos sicilianos: os sicilianos têm uma palavra só, e por ela somos capazes de morrer.

Apertou-lhe a mão e subiu no avião seguido por Saro, que não se cansava

de admirar todos os seus gestos.

No Douglas, já se encontrava uma unidade de infantaria destinada a um batalhão enviado à Inglaterra. Saro e Lucky sentaram lado a lado no banco de madeira que corria ao longo da parede da fuselagem.

— Mister Luciano, é a primeira vez que vou voar — comentou Saro.

— Me chame de Charlie — respondeu o outro em tom afável, acomodando-se o melhor possível no assento desconfortável. — Terá que se acostumar. Você vai servir de ligação, portanto terá de viajar muito.

O Douglas deslizou pela pista e iniciou a fase de decolagem.

— Charlie, você conheceu dom Calò? — perguntou Saro.

— Eu só tinha sete anos quando embarquei com minha mãe para encontrar meu pai na América. Mas lembro que minha mãe nos falava daquele *picciotto* que aos vinte e cinco anos já tinha se tornado um homem de respeito. Ela comentava isso para dizer que "a América" também estava na Sicília e que não era preciso ir embora da nossa terra. Ela brigava com meu pai, que se sentia humilhado com as palavras dela. Ele era um operário mecânico e tinha conseguido emprego numa fábrica de bronzinas no Brooklyn. Mas trabalhar não dá dinheiro — comentou como conhecedor das coisas da vida.

— E como ele se tornou padrinho de todos os padrinhos da Sicília? — insistiu Saro, que sorvia cada palavra de Luciano como uma seiva vital.

— Com as amizades — respondeu enigmático.

E retomou:

— Você deve distribuir favores e estar sempre disponível a todos que deverão sentir obrigações morais de gratidão e lealdade com você. Se você analisar aqueles que têm sucesso na vida, políticos, industriais, fazendeiros, aventureiros, todos são primorosos nessa refinada arte política. Todos os homens são corruptíveis, seja porque cobiçam dinheiro, seja porque simplesmente ambicionam parecer poderosos... Mas agora vamos dormir. Hoje acordei às três da manhã. — Ergueu a lapela do casaco, cruzou os braços, esticou as pernas e fechou os olhos para recuperar um pouco do sono.

No começo da tarde, aterrissaram numa pista secundária ao norte de Bovington Camp, no sul da Inglaterra. A unidade de infantaria desceu e no Douglas ficaram apenas Luciano e Ragusa. O segundo piloto voltou com alguns sanduíches e disse que, depois de reabastecerem, decolariam imediatamente para Malta. Chegariam lá em três horas.

E assim foi. Aterrissaram no aeroporto de Malta, graças ao vento favorável, uns dez minutos antes do previsto.

Na mesma noite, no porto de La Valletta embarcaram no *Santa Maria*, um pesqueiro com tripulação siciliana. Saro Ragusa abraçou aqueles três pescadores que falavam seu dialeto. Fazia muitos anos, desde que partira para a América, que não ouvia sua língua, uma mescla de inúmeras dominações. Sua família lhe voltou à lembrança. Sorriu ao imaginar que cara faria seu pai Peppino se o visse com Lucky Luciano. E depois reviu num flash a imagem de Mena, a doce Mena. Tinha dificuldade em lembrar seus traços, parecia haver se passado tantos séculos desde a promessa daquela noite... quanta ingenuidade!

Subiram no bote, que logo depois se fez ao largo, apontando para Gela. Era noite funda quando enxergaram terra firme. O luar clareava a costa, o suficiente para ver o pequeno promontório onde iam desembarcar. Viram o piscar de uma lanterna, depois outro e mais outro, em rápida sucessão. Era o sinal de caminho livre.

Saro e Luciano subiram no bote militar e, remando com energia, alguns minutos depois chegaram à praia. Saro, depois de quatro anos, voltava a pisar o solo da Sicília. Mas não teve tempo de se emocionar, pois havia dois homens à espera deles na praia, que fizeram sinal para se apressarem. Um deles entregou-lhes duas calças e duas camisas secas, enquanto o outro escondia o bote numa reentrância da rocha. O primeiro disse que se chamava Michele e o segundo, o mais jovem, Nicolino. Foi tudo que disseram.

Depois de trocarem de roupa, Ragusa e Luciano seguiram Michele e Nicolino até a estrada onde estava estacionado um Millecento preto.

— Temos um longo percurso pela frente. Duzentos quilômetros, quase todos em estrada de terra, para evitar os camisas-negras. Mesmo assim, passaremos por Agrigento e depois por Caltanissetta. — Havia nervosismo na voz de Michele. Ele sabia que, se os parassem, iriam para a cadeia e lá ficariam até o final da guerra.

— Vocês sabem quem sou? — perguntou Luciano.

— Não, senhor, não nos disseram. Apenas recomendaram que os tratássemos com o máximo respeito.

Luciano sorriu e se encostou no banco, lançando a Saro um olhar de concordância.

Já tendo chegado aos sessenta e seis anos, dom Calò, depois do desterro, voltara para sua Villalba natal a fim de levar a vida de sempre. Uma vida sóbria e moderada, numa casa modesta, atendido apenas por uma irmã solteira, Marietta, a quem legara uma parte substancial do feudo Belaci. A idosa atendia e servia o irmão solteiro com a diligência frugal e atenciosa de uma velha criada. A parcimônia de Calogero Vizzini não era fruto da avareza, mas de um antigo respeito pelo valor das coisas.

O encontro entre Lucky Luciano e dom Calò, os dois maiores padrinhos de todos os tempos, constituiu um acontecimento que todos os mafiosos lembrariam com grande emoção. Era como, para os cristãos, assistir à união do Pai, do Filho e do Espírito Santo, representado, nessa ocasião, pelo jovem Saro Ragusa.

Quando finalmente chegaram à residência de dom Calò, Saro e Lucky Luciano, ao ver a casa onde ele morava e a maneira como estava vestido, ficaram surpresos e um pouco decepcionados, em especial Luciano, que, como americano, entendia o poder como força para mobilizar gente e dinheiro com o estilo e a firmeza de um grande empresário. Dom Calò se apresentou aos visitantes desconhecidos de pijama listrado aberto na frente e camiseta recém-lavada por baixo, e nos pés um chinelo de couro. O elástico da calça vinha até acima de sua grande barriga, chegando ao estômago. Dom Calò conduziu-os à sala de jantar, onde eles se sentaram ao redor da mesa em cadeiras velhas com assento de palha, e a solícita Marietta preparou o café, feito com o verdadeiro café brasileiro, uma raridade na Itália daqueles tempos.

— O desembarque das tropas aliadas na Sicília é iminente — começou Luciano. — Os fascistas estão com os dias contados e os americanos pedem nossa ajuda para contar com o apoio do povo da ilha.

Lucky Luciano narrou sua história, para explicar seu papel em todos aqueles acontecimentos, e as visitas do chefe da inteligência da Marinha dos Estados Unidos a sua cela. Os destinos da guerra estavam nas mãos deles. Isso podia significar muitas coisas, esclareceu Luciano. Em troca do favor, no final do conflito, teriam a possibilidade de colocar seus homens em posições de destaque nos futuros governos. E poderiam colaborar diretamente com o comando das Forças Armadas para manter a ordem nas cidades. Finalmente a máfia e a Cosa Nostra teriam um reconhecimento oficial.

Dom Calò ouvia em silêncio. Movia-se com gestos extremamente lentos e cuidadosos. Concordava de tempos em tempos, para mostrar que estava acompanhando a explanação de Luciano. E, conforme Luciano delineava os

futuros cenários determinados por aquele "favor" prestado às tropas americanas, dom Calò intuía os grandes negócios que se apresentariam a ele por muitos anos pela frente.

Compreendeu também que seu poder, ofuscado pelos cinco anos de desterro recém-terminado, voltaria a ser maior do que nunca. Todos os seus tráficos teriam o beneplácito das tropas de ocupação. Dom Calogero Vizzini entraria na história da Sicília como o maior benfeitor de seu povo.

Quando Luciano terminou a exposição dos fatos, dom Calò, que não era muito afeito a belas palavras e frases de efeito, como única resposta se levantou da cadeira, acercou-se do visitante e tomou-o pela mão para se levantar. Automaticamente Saro também se levantou e viu o siciliano corpulento dar um forte abraço no esguio Lucky, que, impressionado como nunca, rodeou-o com os braços como pôde, apertando-o junto a si. Então dom Calò, sempre com ar sério, mas consciente do momento que estava vivendo, imprimiu-lhe um beijo na boca, que Luciano não pôde evitar.

Quando se afastaram, o chefão americano tirou da mochila um lenço de seda amarelo. Entregou-o explicando que alguém, provavelmente um militar, viria dali a alguns meses e lhe mostraria um lenço idêntico. Era seu representante. Deveria fazer o que ele lhe pedisse, para o êxito do desembarque.

Dom Calò pegou o lenço e abriu. No centro, havia um "L" bordado em fio preto. Sempre sério, ele disse:

— Luciano, imagino.

— Não... Lucky, "sortudo" — respondeu o outro com um sorriso.

Dom Calò amarfanhou o lenço numa mão e colocou-o no bolso do pijama.

— Vou guardá-lo como uma relíquia — foram suas últimas palavras, e com isso se despediram.

# 52. As duas faces de Jano

Nas semanas seguintes, a população siciliana foi submetida a uma propaganda sutil e persistente. Das principais cidades até os vilarejos mais remotos, todos sabiam que os americanos estavam para desembarcar e libertá-los do jugo fascista. Todos estavam prontos para receber o estrangeiro de braços abertos. A guerra logo acabaria. Foi o fascismo que quis, foi o fascismo que perdeu. O povo estava esgotado.

As mães recomendavam aos filhos militares que não disparassem um único tiro contra os libertadores, mas se rendessem e assim salvassem a vida. Tinha sido o próprio Mussolini a querer que o solo da ilha fosse defendido principalmente por soldados sicilianos. Entre as fileiras das cinco divisões, duas brigadas e um regimento presentes na ilha, setenta e cinco por cento dos militares eram nascidos naquela terra. E, como havia dito o próprio dom Calò, dar uma mão aos infiltrados dos serviços secretos americanos significava garantir facilmente benemerências para a fase pós-bélica. Na iminência do desembarque, houve uma enorme quantidade de deserções, mesmo porque os soldados estavam preocupados com as famílias que tinham deixado em casa.

Desde o início da guerra a Sicília fora tremendamente atingida pelos bombardeios. Messina era a cidade mais visada, devido à sua posição estratégica. Pelo Estreito passava cerca de noventa por cento do abastecimento bélico e alimentar. Mas não foram poupadas Palermo, Augusta, Trapani, Siracusa, Ragusa e, sobretudo, Catania, que sofreu o bombardeio mais terrível.

Num único dia, os bombardeios em Catania fizeram mais de três mil vítimas. O objetivo desses ataques era quebrar o moral dos italianos instilando medo, horror e pânico.

Os sicilianos conheceram tudo isso. O reabastecimento cessou quase por completo. Pão e macarrão desapareceram do mercado. A carne não passava de mera lembrança para a maioria do povo, sabão não havia e tampouco azeite e

açúcar. Só restava procurar esses produtos no mercado negro, onde os preços subiam vertiginosamente.

Nesses dias dramáticos, grande parte dos quatro milhões de sicilianos matou a fome comendo alfarrobas, que até então serviam de alimento a asnos, cavalos e porcos.

Nesse clima, a ira da população contra o governo amadurecera a ponto de explodir. Em maio, um jornal de Catania publicou uma foto do Duce e uma legenda em letras garrafais: *Eis o diabólico responsável pela guerra*. Os exemplares se esgotaram em poucas horas.

Nesse marasmo social e político, a máfia, agora também com o aval dos aliados, voltara a exercer controle sobre o território e os gêneros de primeira necessidade. Palermo foi reabastecida com quatrocentas e cinquenta mil rações de trigo, quantidade que imaginavam corresponder ao número de habitantes. Na verdade, durante os meses de bombardeios dois terços dos moradores haviam preferido fugir para a zona rural, onde todos tinham um irmão, um primo ou um conhecido. Distribuídas as rações aos que permaneceram na cidade, sobravam pelo menos trezentas mil, que eram encaminhadas regularmente para o mercado negro.

Dom Calò também colaborou de forma concreta com as forças da contraespionagem. Disse a seus afilhados que eles deviam colaborar com os amigos americanos com todos os meios à disposição, inclusive sabotando as armas dos inimigos, para facilitar a invasão. E assim, naqueles dias de primavera, ocorreram avarias inexplicáveis nos blindados da Brigada Goering aquartelados na província de Palermo: alguém trocara os galões de diesel por galões cheios de água oleosa. Os motores de alguns tanques fundiram, foram retirados e retificados. A frota marítima também não ficou imune às sabotagens, e muitos navios de transporte foram obrigados a permanecer ancorados por causa das falsificações.

Salemi, na azáfama daqueles dias de fins da primavera, teve seus heróis. Nos campos perto da cidade, estavam acampadas a Divisão Aosta e a 15ª Divisão Panzergrenadier, uma parte da qual se destinava à defesa de Caltanissetta. Uma dúzia de canhões de assalto, quatro veículos motorizados, seis Panzer Tiger e cinco caminhões rebocadores de artilharia pesada e suas respectivas provisões logísticas deviam partir para a planície de Salemi, de onde alcançariam a nova base nas cercanias de Caltanissetta. Embora fosse uma

informação confidencial, a saída do comboio logo se tornou de conhecimento público, graças a certas moças que haviam entretido alguns soldados dos tanques alemães.

Naqueles últimos anos, formara-se uma rede considerável de dissidentes do regime. Um dos grupos mais ativos era composto de Nicola Cosentino, o capataz de Rosario Losurdo, o salineiro Turi Toscano e o carvoeiro Pericle Terrasini. Em meses recentes, juntara-se a eles Pepè, o neto de Ninì Trovato, o factótum da prefeitura. O avô não conseguia domá-lo e temia por sua vida. Mais de uma vez recomendara que não se misturasse com aquela gente. Ninì Trovato conhecia bem os instrumentos que Jano Vassallo usava para "endireitar as consciências sujas", como dizia. Mas Pepè, embora não tivesse completado dezoito anos, tinha ideias muito claras. Queria lutar por uma vida melhor, e o fascismo com aquela guerra, a reboque dos alemães, lhe prometia um futuro de escravo.

As instruções de dom Calò, transmitidas de boca em boca, também tinham chegado aos ouvidos de alguns homens de honra de Salemi, e o quarteto de amigos se pôs prontamente em ação, para serem reconhecidos como beneméritos da resistência aos alemães. Numa ocasião, os quatro sabotaram um caminhão utilizado para requisitar alguns sacos de trigo na fazenda de Rosario Losurdo. O pequeno Pepè deslizou por baixo do veículo e soltou a porca do óleo, o suficiente para vazar aos poucos, mas não o suficiente para pensarem em sabotagem. Dias depois, o motor do caminhão fundiu e o pobre mecânico teve de ouvir uma repreensão do cabo.

A partida do comboio podia ser uma oportunidade para mais uma sabotagem. Mas o que planejariam? A ideia foi de Turi Toscano. Na noite seguinte, saíram numa carroça cheia de picaretas, pás, pregos e martelos em direção à costa. Sabiam que o comboio iria até Castelvetrano para pegar a 115, a estrada que os levaria pela costa até Agrigento, e de lá até o destino final.

Desceram em Santa Ninfa, foram adiante até a grande bifurcação que, à direita, ia para Castelvetrano e, à esquerda, levava a Partanna, e inverteram as placas. Mas o plano não parava aí. Turi tinha imaginado também um toque final, de mestre.

Foram até Partanna, que ficava a pouco mais de sete quilômetros da bifurcação, e, na periferia da cidade, tiraram a placa que indicava a entrada e a substituíram por outra que tinham preparado previamente e onde se lia "Castelvetrano". E, para concluir a armação, fincaram no chão uma placa nova com uma seta indicando "Agrigento".

Voltaram a Salemi ainda de noite, felizes por terem tomado uma iniciativa que certamente receberia os aplausos dos aliados e do próprio dom Calò.

Pericle Terrasini estava conduzindo a mula, enquanto os três amigos sentados no fundo da carroça riam e gracejavam, imitando a cara que fariam os alemães quando descobrissem a brincadeira. Foi justamente Pericle o primeiro a ver Jano e seus camisas-negras postados na estrada para a vila.

— Jano está aí — exclamou, puxando instintivamente as rédeas da mula, que parou.

— Cristo! — blasfemou Nicola Cosentino. — Mas o que você está fazendo? Anda, anda.

Pericle afrouxou as rédeas e a mula retomou o passo.

— Deixem que eu falo — disse Nicola baixinho, colocando-se ao lado de Pericle.

Alcançaram o grupo dos fascistas de combate. Estavam todos ali, pensou Nicola Cosentino: Ginetto, Cosimo, Prospero, Quinto e até Nunzio.

— Ei! — Nicola levantou a mão em sinal de cumprimento.

— Bela noite para um passeio — respondeu Jano com sarcasmo, segurando o freio da mula, que parou, paciente.

— Fomos a uma festa da minha irmã Assuntina — continuou Nicola.

— E essas roupas são de festa? — disse Jano, rindo e abanando a cabeça.

— Foi uma coisa informal, ela ficou noiva do Toni.

— Quem, o Toni *babbalucco*? — Jano procurou a cumplicidade de seus homens, que até então continuavam mudos e impassíveis. Alguns sorriram.

— Não, Toni, o muleiro — respondeu Nicola com ar sério. Pegou as rédeas de Pericle e agitou-as no ar para a mula retomar o passo. — Ele nos emprestou a carroça para voltarmos para casa.

Mas Jano segurou o animal que ia avançar e puxou as rédeas com força.

— Onde você pensa que vai, Nicola Cosentino?

— Já te disse, para casa.

— Quer apostar que você vai passar a noite numa cela? — ameaçou Jano.

— E o que eu fiz? Está me acusando do quê? De guiar uma mula sem carta?

Conseguia enfrentá-lo em pé de igualdade, mas Jano estava cansado daquele jogo de esconde-esconde.

— Já faz algum tempo que estou de olho em vocês quatro. E hoje finalmente peguei vocês com a boca na botija. Estão contrabandeando no mercado negro? Ou pior, fazendo o jogo dos infiltrados? Sabem que existe

pelotão de fuzilamento para os derrotistas e os sabotadores? — Ninguém respondeu. — E então? Ninguém fala nada? — Entregou as rédeas da mula a Ginetto.

Jano rodeou a carroça e apoiou as mãos na parte traseira, que era aberta. Primeiro encarou Turi Toscano, que sustentou por algum tempo seu olhar, e depois se virou para o rapazinho sentado no fundo da carroça, de cabeça baixa.

— Pepè, o que você está fazendo com essa gente? — perguntou Jano.

O rapaz não ergueu os olhos; pelo contrário, afundou a cabeça ainda mais entre os joelhos.

— Quer que seu avô tenha um enfarte? — insistiu Jano.

Mas o rapaz não respondeu.

— Deixe ele em paz. Se quiser, implique com a gente — interveio Turi Toscano.

— Não estou falando com você, Turi. — E se dirigiu de novo ao jovem: — Então, Pepè, vai me dizer o que você e seus amigos fizeram esta noite?

Como o silêncio persistisse, Jano foi até a lateral da carroça, perto do rapaz, e murmurou num de seus ouvidos:

— Você é jovem, mas talvez alguém já tenha lhe explicado o que é a caixinha... Em todo caso eu te conto... é um instrumento que solta a língua até dos mais calhordas.

O rapaz tapou os ouvidos e estava prestes a chorar. Depois virou e gritou:

— Não fizemos nada. Nada. Foi só uma brincadeira, uma piada.

— Chega, Jano, pare de atormentar o garoto — explodiu Nicola Cosentino. — Vou te contar o que fizemos. Assinamos um seguro para quando os americanos chegarem. Gente como você está com os dias contados. Você perdeu, Jano, admita isso. Você e seus amigos não têm mais futuro. O fascismo acabou!

— E quem pôs essas belas ideias na cabeça de vocês? — prosseguiu Jano, mas agora sem sarcasmo na voz.

— Todos na Sicília sabem que os americanos vão chegar daqui a algumas semanas para nos libertar. Quem tiver colaborado vai ser recompensado. Quem, como você, continuar lutando por um Duce e um rei que nos traíram, terá o que merece — disse Nicola Cosentino.

— Quem anda falando essas coisas? — perguntou Jano.

E Nicola respondeu com a mesma seriedade:

— Você sabe quem é dom Calò, não sabe?

Jano refletiu por alguns segundos.

— Vamos combinar uma coisa, então... Eu fecho os olhos e os ouvidos sobre o que vocês fizeram esta noite. E vocês dizem uma palavrinha a nosso favor quando seus amigos americanos chegarem.

Afastou-se da carroça e fez um gesto ordenando a seus camaradas que se retirassem. Estes, companheiros de tantos abusos de Jano, ficaram surpresos, sem entender a razão daquela atitude. Ginetto pensou que era uma tática para pegá-los de surpresa, quando chegassem ao destino... Nicola e os outros pensaram a mesma coisa. Jano não costumava soltar sua presa depois de agarrá-la.

Os quatro amigos tinham tanta certeza de que Jano e seus camaradas iriam atacá-los à traição, que foram até a praça da cidade sem trocar uma palavra, apavorados, olhando constantemente para trás.

Na verdade, Jano, como bom oportunista, tinha sentido que o vento estava mudando de direção. Decidira mudar de lado e se alinhar com quem viesse a comandar as fases posteriores à queda da ditadura. Mas, para ter um aval desses, precisaria arrancá-lo de uma autoridade indiscutível. Assim, resolveu ir até dom Calò.

Chegou a Villalba no final da tarde. Ia acompanhado de Ginetto, que dirigiu o caminhão durante todo o percurso. Informou-se onde ficava a casa de Calogero Vizzini e disse ao amigo que o esperasse na praça.

A tarde daquela quinta-feira era dedicada às solicitações. Todos, não só os moradores de Villalba, mas também dos vilarejos vizinhos, podiam se aproximar de Vizzini e defender sua causa. Dom Calò, segundo seus conhecimentos, resolveria o problema de alguma maneira. Dificilmente alguém saía insatisfeito. Isso só ocorreria se a pessoa que lhe pedia justiça estivesse agindo contra os interesses de um amigo mais querido do que o requerente.

A porta da residência estava aberta. Havia um profundo silêncio e Jano tentou atrair a atenção de alguém da casa.

— Posso entrar? — disse em voz alta.

Um velho saiu de um corredor e foi até ele, fazendo sinal para abaixar a voz.

— Entre, é por isso que a porta está aberta — disse-lhe em voz baixa.

Guiado pelo velho, Jano chegou a uma saleta despojada, com uma série de cadeiras de palha encostadas à parede, todas ocupadas. Quando entrou, todos olharam para ele. Jano estava de camisa preta e os camisas-negras não eram

bem-vistos na Sicília. Depois todos retornaram a seus pensamentos. Jano murmurou um cumprimento e se sentou na última cadeira desocupada.

— Você vem de longe? — perguntou-lhe de chofre o camponês sentado a seu lado.

— Sim, de Salemi — respondeu Jano.

O velho anuiu, como que se compadecendo de toda a distância percorrida.

— Aqui vêm até de Palermo. Mesmo os grandes senhores.

— Veio ver dom Calò? — indagou Jano.

O velho não estava acostumado a sorrir, mas certamente sorriria à pergunta ingênua do rapagão.

— Bendito rapaz, e por que você estaria aqui? Por *zu Calò*, não?

Os moradores de Villalba davam a Calogero Vizzini o tratamento afetuoso de "tio".

— É a primeira vez que venho — justificou-se Jano.

— Que o Senhor o conserve por toda a eternidade. Toda cidade precisaria de alguém como ele. É o único capaz de pôr as coisas no lugar certo. É o único que tem todas as qualidades para ser um verdadeiro *omu*.

Quando chegou a sua vez, já era noite. Jano entrou na sala de jantar da casa de Calogero Vizzini. Ele estava sentado num lado da mesa, que servia de escrivaninha, mesa de jantar e apoio para os numerosos papéis espalhados pela superfície. Dom Calò tinha à sua frente uma xícara de café vazia. Do outro lado da mesa, havia uma cadeira, onde Jano se acomodou. A conversa entre os dois foi curta e sucinta. Dom Calò ouviu sem fazer perguntas. Jano disse que estava cansado de servir ao Duce, pois no fim das contas ele não tinha feito grande coisa pela Sicília. Pelo contrário, ao combater a máfia, havia enfraquecido e empobrecido a todos. Estava arrependido das escolhas que fizera e agora queria colocar à disposição dele o poder que conseguira reunir naqueles anos, bem como os jovens que estavam sob seu comando e que o seguiam cegamente.

Dom Calò anotou seu nome, o nome da cidade onde ele morava e se despediu dizendo que ele nada tinha a temer. Quando os aliados chegassem, ele também teria tarefas a cumprir e a justa recompensa. Mas agora devia tirar "essa palhaçada", referindo-se justamente à camisa, e aguardar suas instruções. Jano beijou-lhe a mão. Não imaginava que seria tão fácil lavar a roupa suja depois de tantos anos de abusos.

# 53. Os *Indesejados*

Depois do encontro com dom Calò, Saro Ragusa e Lucky Luciano foram levados à costa norte, nos arredores de Termini Imerese. Aguardava-os o pequeno barco de um pescador siciliano, que os conduziu a um submarino à espera deles um pouco mais adiante. O submarino seguiu a rota para Malta, e lá embarcaram em um Douglas de volta aos Estados Unidos. Vinte e quatro horas depois, Luciano retornara à sua cela em Great Meadow, mas com a sólida esperança de poder sair mais dia, menos dia.

Saro, por sua vez, correu para o Tribeca Grand Hotel para encontrar Ferdinando Licata e lhe contar como tinha sido a missão. Mas não o encontrou e ninguém soube dizer onde estava.

O príncipe achava-se empenhado em completar a fase mais crítica de seu plano, a mais delicada e difícil de implementar, pois necessitava do aval de ninguém mais, ninguém menos que o procurador geral Frank Hogan.

Dizendo seu nome e mencionando o terrível atentado que sofrera, e no qual perdera sua adorada sobrinha-neta, ele foi recebido por Hogan precisamente na mesma manhã em que Saro voltou aos Estados Unidos.

Subiu com alguma apreensão ao salão da Procuradoria de Nova York, não porque temesse o confronto com o procurador-chefe, mas pelo receio de ouvir uma negativa ao projeto que iria apresentar. Se isso ocorresse, toda sua estratégia desmoronaria como um castelo de cartas.

Frank Hogan o esperava. Deu-lhe os pêsames pela morte da sobrinha. Licata agradeceu. Depois acomodou-se na poltrona diante da escrivaninha.

— Senhor procurador, eu sou italiano, embora de ascendência inglesa — começou o príncipe. — O atentado que sofri me fez refletir longamente sobre as ervas daninhas que importamos aqui nos Estados Unidos.

— Refere-se às organizações mafiosas? — indagou o procurador.

— Isso mesmo. Pensei o que seria possível fazer para extirpar essa desonra dos italianos, senhor procurador.

Licata falava com tanta eloquência que, para todos os efeitos, parecia mais italiano do que um italiano de sete gerações.

— Pensando e repensando, elaborei um estratagema para nos livrarmos legalmente deles. Muito bem, senhor procurador, é um ovo de Colombo... é muito simples... basta remetê-los de volta ao destinatário. Ou seja, de onde vieram.

— Mas não podemos obrigar um cidadão a ir embora sem que ele tenha cometido um crime.

— Não é isso que quero dizer — explicou pacientemente Ferdinando Licata. — É necessário criar uma figura jurídica, uma norma, como os senhores juristas dizem, pela qual, se um estrangeiro for suspeito de pertencer a uma quadrilha ou família mafiosa, que tenha pelo menos um de seus afilhados já processado e condenado por um crime contra a coletividade, automaticamente esse indivíduo pode ser expulso dos Estados Unidos e reenviado à sua pátria, proibido de voltar aos *States*. O indivíduo será fichado como *Indesejado*. Pense, senhor procurador, nas grandes vantagens para toda a sociedade.

— Seria preciso estudar um dispositivo jurídico específico.

Licata exultou interiormente, pois Hogan não reprovara a ideia *a priori*.

— Falei com as pessoas de meu bairro sobre o assunto, e todas são favoráveis à ideia de expulsar os *Indesejados* — insistiu Licata.

— Sei que o senhor é um líder dos moradores do Lower East Side. Inclusive tratam-no como The Father — comentou Hogan.

— Na verdade, alguns me chamam de *u patri*, à siciliana — emendou Licata. — Mas vejo que vocês aqui da Procuradoria estão bem informados.

— Fazemos o possível. — Se tivesse plumas, o procurador se faria um pavão.

O príncipe entendeu que o conquistara e arriscou-se a avançar.

— Se o senhor quiser, eu poderia separar o joio do trigo — prosseguiu com aquela sua linguagem de "simplório", que deixava os poderosos à vontade.

— Como?

— Eu poderia lhe fornecer a lista dos *Indesejados*. Assim seu trabalho se reduziria ao mínimo.

Pronto, tinha dito. Agora precisava esperar a reação de Hogan, que por um momento ficou pasmo. Licata aproveitou para prosseguir:

— Naturalmente, o senhor decidirá sobre a maior ou menor periculosidade de cada um. Eu me limitaria a indicar os indivíduos, digamos assim, de maior risco, os que pertencem às famílias mafiosas.

Essa fórmula pareceu menos comprometedora para o procurador. De qualquer modo, pensou Hogan, aquela lista seria extremamente valiosa para ele e seu departamento. Aquele homem tinha sido enviado pelos céus.

— O.k., mister Licata. A ideia me parece factível. Vou apresentá-la à minha equipe e então veremos como transformá-la em norma legal. Vamos fazer uma coisa, para não perder tempo. Enquanto eu tento resolver as questões jurídicas, o senhor, nesse meio-tempo, pode montar essa lista e entregá-la a mim. Naturalmente tudo deve ser mantido na maior discrição — finalizou, levantando-se da cadeira para se aproximar do príncipe.

— Claro, senhor procurador.

Licata se levantou e os dois trocaram um vigoroso aperto de mãos para selar o acordo.

Num só lance, Frank Hogan se desfaria de boa parte da escória de Nova York, enquanto Ferdinando Licata se livraria da concorrência incômoda, sem precisar dar um único tiro de revólver.

A lista de Licata incluía cerca de duzentos nomes de suspeitos, a maioria colhida entre a mão de obra mais baixa das quadrilhas. Mas havia também alguns chefes e alguns nomes excelentes. Jack Mastrangelo concordara em ajudá-lo naquele trabalho, embora não entendesse bem a utilidade de uma delação em escala gigantesca como aquela.

Mas Ferdinando Licata sabia olhar mais longe do que qualquer um e Mastrangelo confiou em sua perspicácia.

Dias depois, quando entregou a Frank Hogan a lista dos *Indesejados*, o procurador esfregou as mãos de contentamento com aquele documento explosivo. Prometeu a Licata que faria um bom uso dele.

Mas na Procuradoria, como tantas vezes acontece, havia um informante. Embora Frank Hogan tivesse trancado o documento a chave, alguém conseguiu fotografá-lo e levou uma cópia a Tom Bontade, com toda a historieta dos *Indesejados*.

— Mas que tremendo filho da puta! — exclamou Bontade quando o informante acabou de contar o que tinha visto e ouvido na Procuradoria entre Hogan e o príncipe Licata.

— Quem faz acordos com a polícia não tem sangue nas veias e certamente não tem sangue siciliano. Este calhorda precisa morrer — disse Aldo Martini.

Bontade percorreu a lista e viu que ela continha os nomes de todos os seus homens.

— Você também, Martini — disse ao guarda-costas, mas viu que havia também os nomes dos *picciotti* das outras famílias. *Picciotti* de pouco valor, matadores de segunda categoria, mas também havia chefes. No entanto, um nome chocou Bontade: no final da lista encontrou o de Saro Ragusa... Refletiu por alguns segundos.

— Mas ele é mesmo um patife de marca maior! Imagine, traiu até seu braço direito: Saro Ragusa. Evidentemente quer se desfazer do rapaz. É típico dele. Usa as pessoas e depois se livra delas.

Segundo sua lógica, essa era a única razão que levaria o príncipe a incluir o nome de Saro na lista dos *Indesejados*. Bontade entendeu que finalmente tinha as cartas na mão para derrotar Licata. Traria Saro para seu lado, contaria a ele sobre aquela traição e o que realmente havia ocorrido no Limon Blue. Ele tinha uma testemunha que estava presente na noite em que aquela prostituta e seu cliente haviam sido espancados até a morte.

O príncipe havia cometido um erro fatal.

Nos últimos meses, a vida de Saro havia tomado um rumo realmente angustiante. Sem amigos de verdade, agora só conversava com os rapazes de Licata. Mas eles só sabiam dizer "o.k." e aprovavam qualquer besteira que ele dissesse. Sentia falta dos bons tempos de Dixie e Isabel... A morte da garota lhe tirara a vontade de viver e a lembrança de Mena agora estava demasiado distante.

Mas sua depressão chegou ao fundo do poço quando recebeu uma carta. Ela lhe foi entregue por um conterrâneo, Roberto Naselli, que tinha conseguido embarcar clandestinamente num navio vindo de Lisboa. A carta vinha de Marsala, entregue por Stellina, a irmã mais nova de Saro.

Ao tê-la nas mãos, Saro beijou o papel como uma relíquia, depois abriu e leu ansioso:

*Querido irmão muito amado, perdoe se te escrevo para dar uma notícia ruim. Só ontem eu soube por um conhecido nosso, fugido de Salemi, que as milícias fascistas prenderam nossos pais e a pobre Ester por serem judeus.*

*Junto com eles deportaram também Mimmo Ferro e mais uma dezena de conterrâneos. Não sabemos o destino deles. Tenho medo que venham prender também minha família, por isso Dinu e eu decidimos fugir da cidade. Querido irmão, não posso te dizer para onde, caso esta carta não chegue em suas mãos adoradas. Eu te abraço com todo o meu amor, para sempre Stellina.*

Aquelas poucas palavras desesperadas tiveram o poder de lhe tirar qualquer fiapo de vontade que ainda lhe restasse. A partir de então, sempre que podia, ia apagar a consciência numa sala de ópio em Chinatown, onde Madame Wu o tratava como filho. Mas, em vez do leite materno, ela lhe dava para fumar a mistura letal que o enviava a um mundo de névoas.

Foi ao sair de uma dessas sessões "benéficas" que foi agarrado por Aldo Martini e um outro mastim de Bontade. Empurraram-no para dentro de um Cadillac e, imobilizando-o sob seus pés, levaram-no à presença de Tom Bontade na casa *bunker* de Beechhurst.

Quando se viu diante do chefão, Bontade lhe disse que ele não tinha o que temer e estendeu-lhe um copo de uísque. Saro afundou no sofá e bebeu. Estava com a cabeça enevoada e esperava que o estímulo do álcool lhe devolvesse a percepção da realidade. Conseguiu enfocar a figura de Bontade, parado diante dele. Notou que ele tinha uma folha na mão. Começava a recuperar os sentidos aturdidos pelo ópio.

— Leia. Diz respeito diretamente a você.

Saro pegou a folha e lançou-lhe um olhar distraído. Recobrar toda a atenção era algo demorado. Viu apenas uma lista de nomes e recusou-se a lê-los.

— O que é isso?

— Esta é uma lista de *Indesejados*. Isto é, de pessoas que mais cedo ou mais tarde serão despachadas de volta para seus países de origem e não poderão mais colocar os pés na América. Leia, leia os nomes — exortou Bontade.

— Não vou ler todos esses nomes de merda. — Saro jogou a folha, que caiu aos pés de Aldo Martini.

Ele a recolheu rápido e devolveu a Saro. Tom Bontade gritou impaciente:

— Seu nome está aí também. Leia!

Dessa vez Saro obedeceu e percorreu rapidamente a lista de nomes até chegar ao seu: Saro Ragusa.

Bontade o avisou:

— Essa é uma cópia. O original está na Procuradoria, e não posso te dizer como consegui, porque é um documento confidencial. *Top secret*.

Bontade já antecipava o momento de fazer a revelação.

— Não vai me perguntar quem escreveu essa lista? — perguntou depois de algum tempo.

Saro ergueu o olhar.

— Quem é o infame?

— É o seu querido amigo Ferdinando Licata — respondeu Bontade.

— Mentira.

— É a pura verdade. Entendo que seja difícil de engolir, mas assim é. Quem o conhece sabe que não é a primeira vez que ele faz essas sacanagens: consegue a ajuda das pessoas e depois de usá-las joga no lixo.

— É mentira, repito! — exclamou Saro, convicto.

— E aí, Limon Blue não te diz nada? — perguntou Bontade, traiçoeiro.

Saro sentiu-se perdido. O que Bontade sabia sobre o Limon Blue? Tentou aparentar naturalidade.

— É um bar no Chelsea, fui lá algumas vezes.

— E por que você não aparece mais lá?

— Eu não disse isso.

Bontade sabia de tudo, pensou Saro. Agora iria chantageá-lo?

— Eu é que vou te dizer o porquê... porque lá você teria massacrado uma bela garota chamada Marta e matado um pobre cliente dela. É por isso... só que tem um porém...

Agora já tinha colocado Saro contra a parede.

— E sabe por que eu disse "teria massacrado" e não "massacrou"? Porque na verdade você não matou ninguém naquela noite, estava bêbado demais para erguer até o dedo mindinho.

Aquelas palavras entraram em seu cérebro como uma furadeira. O que Bontade estava dizendo? O que ele sabia de verdade? Saro continuava quieto.

Bontade se aproximou de seu rosto até quase encostar o nariz nele.

— Não foi "você" que massacrou aqueles dois. Fizeram você acreditar nisso. Tenho uma testemunha que viu tudo. Estava lá... Vou repetir: não foi você que bateu naquela puta e no cliente dela.

A revelação se insinuou no cérebro de Saro como uma tênia. A ideia era cada vez mais insuportável. Saro se opunha a ela com todas as suas forças, mas, quanto mais pensava, mais lhe parecia possível.

— Pense bem. Pense naquela noite... você estava bêbado... Tem pelo

menos algum fiapo de lembrança de haver batido naquele homem ou na mulher?

Bontade insistia, tinha notado que Saro estava prestes a ceder.

— Você não consegue se lembrar porque nunca fez aquilo. Suas lembranças vão até a hora em que desmaiou na cama. Depois entrou um sujeito troncudo, com o rosto marcado de cicatrizes. Meu informante viu bem a cara dele. E você o conhece. É unha e carne com seu chefe, o príncipe Licata. Jack Mastrangelo entrou depois de você e espancou primeiro a mulher e depois o homem. Ralou seus dedos da mão esfregando-os na parede, depois te carregou nas costas no meio da noite, quando não havia ninguém circulando, te levou para longe de lá, para uma viela escura.

— É tudo mentira! — protestou Saro, mas estava para sucumbir.

— Foi assim que aconteceu, e não me pergunte por que eles encenaram todo esse espetáculo, seu chefe e o comparsa dele. O fato é que te envolveram e te fizeram passar por homicida. Não consigo entender o motivo, talvez para poder chantageá-lo, quem sabe?

Saro era uma bomba prestes a explodir. Os efeitos do ópio, misturados aos do uísque, as palavras daquele homem, o retorno a uma lembrança dolorida de sua vida, que condicionara sua existência nos últimos anos, lançando-a num precipício sem volta, faziam pulsar suas têmporas ao ritmo de uma britadeira. Levantou-se do sofá furioso.

Bontade foi mais fundo.

— Eu entendo, é terrível se sentir traído pelos amigos. Por quem diz que vai nos ajudar, nos transformar sabe lá em quê... Damos tudo de nós mesmos, até a vida, se necessário, e aí descobrimos que é exatamente esse benfeitor que, na primeira oportunidade, é o nosso assassino. Esta lista é muito clara, Saro Ragusa. — Bontade abanou a relação dos *Indesejados*. — Ferdinando Licata, The Father, como vocês dizem, escreveu esta lista para se livrar de todos os *picciotti* que não lhe servem mais. Licata precisa morrer! — Dizendo isso, levantou-se do sofá e lhe estendeu um 38 de cano curto.

Saro pegou o revólver e perguntou:

— É tudo?

Bontade concordou.

Betty não havia se recuperado da morte da pequena Ginevra. Ia diariamente ao cemitério e passava horas diante do túmulo da filha. Depois

plantava florezinhas ao redor da sepultura, mudava o lugar das bonequinhas de pano na lápide, lustrava o mármore já reluzente. Desde o dia do atentado, não quisera mais ver seu tio Licata, que considerava o responsável pelo que havia acontecido à sua menina. A filha, com seu corpinho, tinha amortecido parte da explosão e salvara a vida do tio, enquanto era ele quem deveria ter protegido a menina. A mulher não conseguia se conformar com o que havia acontecido.

Ferdinando Licata considerou que chegara o momento de abraçar de novo sua querida sobrinha. Comentou o assunto com Nico, o marido dela, que tentava afogar no trabalho a dor pela morte da filha.

Naquela manhã, Nico levou o príncipe até o Brooklyn, no Greenwood Cemetery, onde Ginevra estava sepultada. Numa das colinazinhas do cemitério, reconheceu Betty. Estava entretida em limpar a lápide com uma flanela macia.

Licata relembrou a emoção que sentiu ao revê-la depois de tantos anos, naquele dia no porto de Nova York. Como daquela vez, sentiu um nó lhe apertando a garganta. Não conseguia imaginar o sofrimento da sobrinha com a perda de sua menina.

Ferdinando levava um buquê de margaridas. Atravessou o gramado na direção de Betty. Para não interferir, Nico deixou-o seguir na frente. A mulher levantou os olhos do túmulo e viu o tio parado diante dela, segurando, nervoso, o ramalhete de flores. Não disse nada e voltou a lustrar a lápide com mais vigor.

— Elisabetta... — sussurrou Licata.

A jovem não conseguiu mais resistir, virou-se e o abraçou com desespero. Os longos braços de Ferdinando a envolveram e ele afundou o rosto em seus cabelos, a custo refreando as lágrimas. Betty se entregou a um pranto incontrolável, libertador, e assim os dois permaneceram abraçados por longo tempo, enquanto Nico, igualmente comovido, continuava a olhá-los.

Depois Betty se acalmou. Soltou-se do abraço. Enxugou as lágrimas com um pequeno lenço.

— Tio, Ginevra está nos vendo lá do céu.

— Agora ela está sorrindo. E me repreende porque te chamo de Elisabetta e não de Betty — disse Licata com um sorriso triste.

A sobrinha também sorriu. Depois viu o marido e se aproximou para abraçá-lo também.

De repente, porém, uma voz gritou às costas deles:

— Mas que cena! As lágrimas de crocodilo do príncipe Licata! — Saro, alterado e fora de si pela raiva, empunhava o 38 de Tom Bontade.

— Saro, você está bêbado? Por que me seguiu? — bradou Licata.

— Para dizer a todos como você é infame! Há um buraco negro no lugar da sua consciência. Olhem, senhores, este é The Father. Um pai sem filhos, porque ele os devora.

— Saro, agora chega! Acalme-se. — Licata tentou impor sua autoridade.

— Agora que sei do que você é capaz, eu te desprezo! — Em seguida se dirigiu a Betty e Nico, que estavam completamente aturdidos com aquela agressão. — Este senhor, enquanto você é útil para ele, te coloca num altar e depois, quando você não serve mais, te joga no lixo. Assim ele fez com todos e comigo também.

— Mas você está louco? Não sei o que andaram te dizendo, mas é mentira! —defendeu-se Licata.

— Mentira? E isto aqui? — Tirou do bolso a lista dos *Indesejados* e agitou-a no ar. — Você escreveu esta lista! — E depois novamente para Betty e Nico: — É uma lista de pessoas que serão expulsas da América para sempre, porque assim ele decidiu. E tem também meu nome! É assim que o príncipe Licata se livra dos seus colaboradores mais próximos!

Apontou-lhe o revólver, pronto para atirar.

— Nãão! — o grito de Betty o distraiu. — Seu destino te segue implacável, tio. Não pode fugir de si mesmo! E os entes queridos que estão perto de você é que pagam por suas escolhas! Agora chega! Chega! Afaste-se de mim! Afaste-se de nós!

Pegou Nico pelo braço e o obrigou a irem embora. Licata olhou os dois se afastando e, irritado, falou a Saro:

— Posso saber o que deu em você? É por causa daquela merda com que você defuma os miolos que de repente está se comportando como um maluco?

— Eu soube de tudo. Vocês mentiram para mim, você e Jack Mastrangelo. Você me fez de fantoche! Me tratou como o último dos imbecis. Não admito isso, nem de você!

— Não sei do que você está falando.

— Do Limon Blue, vamos, fale do Limon Blue. Me diga que Mastrangelo massacrou duas pessoas e depois vocês me fizeram acreditar que tinha sido eu. Vai negar?

Alguém vira Mastrangelo e havia contado a verdade a Saro, pensou Licata.

— Quem te disse uma idiotice dessas? — perguntou o príncipe sem muita convicção.

— Seu amigo Bontade. Ele me descreveu a cena com detalhes. Você mentiu para mim. Sempre mentiu, mesmo quando estava na cama do hospital

à beira da morte, quando me fez acreditar que eu havia trucidado aqueles dois... E me traiu. Me traiu quando me inscreveu nessa lista. Uma pessoa como você só merece morrer. — Apontou resolutamente o revólver para Licata.

— Pare, Saro. Eu não traí você. Juro. Nunca traí.

— Sinto muito. — Saro começava a pressionar o gatilho.

Ferdinando Licata se sentiu perdido pela primeira vez na vida.

— Eu sempre te protegi, você é a pessoa mais importante para mim no mundo, juro!

— Tarde demais. — Saro firmou o pulso, como Mastrangelo lhe ensinara, para resistir ao coice da arma.

Licata compreendeu o desespero do rapaz.

— Saro não atire... Juro que nunca traí você. Nunca poderia trair meu filho!

— Você tenta todas, hein?

— É a verdade. Você é meu filho, Saro. Meu filho! Eu sou o seu verdadeiro pai. — O tom exaltado de Licata não admitia dúvidas.

Saro abaixou o revólver.

— Não me engane! Não me engane de novo!

Licata se aproximou dele.

— Você sempre soube que os Ragusa não são seus pais naturais, não é verdade? Que você foi adotado por eles, certo?

— Eles são meus únicos pais.

— Foram maravilhosos com você, mas sua verdadeira mãe se chamava Carole. — Licata se comoveu, como nunca tinha lhe ocorrido. — Ela era uma linda inglesa... aventureira, alegre, desenvolta... Nós nos conhecemos na Sicília. Ela adorava viajar. Nós nos apaixonamos à primeira vista. Com ela passei os melhores dias da minha vida. Dias inesquecíveis. Estão impressos na minha memória e irão comigo até a sepultura.

Saro estava atônito. Aquela revelação confundia ainda mais suas ideias.

— Você é o fruto do nosso amor.

— Sou seu filho?

— Sim — respondeu em voz baixa o príncipe.

— Mas então por que me entregou para adoção?

— É a maior culpa da minha vida — admitiu por fim Ferdinando Licata, libertando-se de um peso que carregava por mais de trinta anos. — Foi culpa minha... só minha... me perdoe, Saro... me perdoe...

Pegou a mão do filho, que ainda segurava o revólver, e a beijou. Saro

puxou a mão, assustado ao ver o príncipe naquele estado. Jamais se mostrara tão indefeso e frágil.

— Foi culpa minha. Eu tinha quase quarenta anos e senti medo de me unir a uma mulher, ter um filho. Minhas atividades não me permitiam ter ligações duradouras. Podia ser chantageado, renunciei a você e a Carole pelo poder.

— Você me abandonou.

— Carole morreu dois dias depois do parto. Não conseguiram estancar a hemorragia. Eu não quis ver você por medo de me afeiçoar. Fui um louco, só um louco se comporta assim, mas naquela época a luta era dura. Não havia espaço para os afetos familiares — disse, reassumindo o habitual tom autoritário. — Escolhi as pessoas mais honestas de Salemi e entreguei você para adoção. O doutor Ragusa era um homem de honra e um *omu di canuscenza*. Foi um ótimo pai para você. Sempre te acompanhei, um dia pensava em lhe contar tudo e me unir de novo a você. Jamais pretendi que você soubesse numa circunstância como esta. Infelizmente, muitas vezes o destino dispõe as coisas de outra maneira, de uma maneira diferente dos nossos planos.

— Muito tocante, mas por que me atribuir um crime que não cometi?

— Precisa acreditar em mim. Com suas maneiras respeitosas demais, você nunca conseguiria abrir caminho neste mundo de lobos. Eu tinha de trazer à tona todo o mal que havia em você. Acreditar que cometera um homicídio poderia lhe dar aquela firmeza no crime, suficiente para você se movimentar com desenvoltura entre assassinos e bandidos.

— De fato aquele episódio mudou a minha vida.

— Era o que eu queria. E quanto à lista... ora, é apenas para jogar poeira nos olhos. Com Haffenden, o diretor da Naval Intelligence, decidimos incluir você na lista para poder enviá-lo à Sicília sem suspeitas. Na verdade, você deve partir para a ilha com o primeiro contingente de agentes secretos do OSS, que vão preparar o desembarque das tropas americanas.

— É um plano muito complicado.

— Sim... um plano genial. Mas ainda não te contei tudo... Tenho grandes projetos para você. Essa operação de desembarque jogará a nosso favor. Você vai cuidar da normalização posterior. Junto com dom Calò, colocará os amigos dos amigos em posições estratégicas para nossos futuros negócios, e você será o chefão deles. Eu vou ficar em Nova York e manterei uma linha direta com você. Nós dois controlaremos os principais tráficos da Cosa Nostra. Entende o que isso significa?

Saro ficou impressionado com aquelas palavras de Licata. Depois o abraçou como nunca abraçara ninguém. E pela primeira vez na vida sussurrou:

— Pai.

# 54. As notícias se confirmam

Já fazia várias semanas que Jack Mastrangelo não recebia notícias da sobrinha.

Bontade lhe mandara o recado para ficar tranquilo. Enquanto ele estivesse vivo, a garota nada sofreria.

As investigações de Mastrangelo não tinham dado em nada. Ele não acreditava em Bontade; temia que a sobrinha já estivesse morta, e essa ideia o enlouquecia.

Mas Aurora não estava morta. Pelo contrário, a espera forçada, o medo daqueles homens que se alternavam à sua volta, os gestos violentos de alguns que, sem que outros vissem, acariciavam suas partes íntimas, despertando sensações desconhecidas, todas essas coisas tinham diminuído aquela escuridão perene que envolvia seu cérebro.

Com o passar dos dias, começaram a ressurgir imagens que sua psique afastara para o mais recôndito de sua mente, a fim de que não lhe fizessem mal. Tinha revisto e reconhecido o rosto da mãe. Lembrou de seu nome, Elena. Lembrou-se dela gritando desesperada... lembrou-se daquelas mãos enormes agarrando o pescoço dela, apertando, apertando, até que a mulher caiu sobre Aurora... Eram imagens nítidas e aquela cena, que lhe voltava todos os dias à lembrança, invariavelmente a fazia chorar. Mas eram lágrimas que lhe traziam alívio.

Lembrou-se dos rostos das senhoras de roupas pretas e da cabeça enfaixada com ataduras brancas. Entre elas, também se lembrava de haver algumas gentis e outras menos.

E depois lembrou-se de um senhor afável com um rosto engraçado marcado por linhas que de vez em quando ia visitá-la levando doces e flores! Como gostava das flores! A mãe regava todos os dias... Aurora se lembrou também do jardinzinho nos fundos da casa. Um dia, ocorreu-lhe a ideia de que,

se agora conseguia se lembrar, também conseguiria falar como antigamente. Tentou dizer "Olá, Aurora". Mas soltou apenas um som desarticulado. Teria de exercitar as cordas vocais. Mas tinha certeza que ia conseguir. Olhava ao redor. Passava o dia à espera das refeições, contemplando os objetos amontoados naquele aposento.

Quem sabe o que o destino lhe reservava.

Licata e Mastrangelo decidiram de comum acordo passar à ação.

Todos os anos, no final da primavera, a casa *bunker* de Bontade em Beechhurst era reabastecida com a última remessa de lenha. A caminhonete parou num dos lados do edifício principal. Além de Aldo Martini, Bontade queria ter com ele três guarda-costas de confiança: Vincenzo Sanfilippo, Antonio Vella e Peter Alaimo. Três clandestinos recém-chegados da Itália, recomendados por um primo siciliano.

Vincenzo e Peter revistaram minuciosamente o caminhãozinho e os dois carvoeiros que tinham trazido a carga. Estava tudo em ordem e mandaram os dois descarregar a lenha num canto do jardim.

Os dois ficaram de guarda até o momento em que o caminhãozinho sumiu de vista.

Dias depois, nas primeiras horas da manhã, Antonio Vella, o último dos guarda-costas de Tom Bontade, foi buscar lenha para a lareira do salão, onde ultimamente Bontade costumava tomar seu café da manhã. Ao atear fogo na madeira, Antonio Vella não sabia que aquele último carregamento tinha sido embebido com uma substância letal, extremamente tóxica. A exposição prolongada à fumaça derivada da combustão da toxina iria envenenar, passado algum tempo, todos que tivessem inalado seus vapores.

Tom Bontade desceu cedo e pediu o jornal. Queria manter a rotina, mesmo depois do artigo provocador do *Evening Sun*.

Bontade comeu as bolachas com sua geleia de maçã preferida. Adoçou a xícara de leite com mel. Leu as notícias do jornal. A fatalidade quis que, exatamente naquele dia, soprasse um vento forte que impedia o bom funcionamento da lareira. Um pouco de fumaça invadiu o salão.

Antonio Vella, que estava ao lado da lareira tentando conter o refluxo da fumaça, foi o primeiro a cair no chão soltando baba pela boca. Depois foi a vez de Peter Alaimo. Ele também foi acometido por espasmos no pulmão. Dobrou-se em dois, rolando de dor e cuspiu pela boca uma estranha espuma azulada.

Em seguida, ficou imóvel.

Bontade se alarmou. Chamou Aldo Martini. Nesse instante o telefone tocou e, de repente, ele se lembrou do que dizia a falsa matéria do *Evening Sun*: o cadáver tinha sido encontrado enquanto atendia ao telefone. O horror tomou conta de todos os seus poros. Foi até o aparelho, que continuava a tocar com insistência. Depois agarrou o fone.

— Olá, seu calhorda. Como se sente com a morte empoleirada nas costas? — Era a voz do príncipe Licata. — Há alguém aqui que quer falar com você.

Os pulmões de Bontade tinham dificuldade em se abrir. Ele quase não conseguia respirar. As vozes chegavam confusas. Seu cérebro estava cada vez menos oxigenado, e Bontade precisou se sentar no chão, as pernas não o sustentavam mais.

Agora Mastrangelo estava ao telefone:

— Você tem poucos minutos antes de entregar a alma ao diabo. Se me disser onde está Aurora, eu lhe dou o antídoto desse veneno. Há um médico do lado de fora do seu portão. Se falar, ainda pode salvar sua pele. Assim que me disser onde ela está, dou a ordem para injetarem o soro em você. Cabe a você decidir.

Bontade respirava cada vez com mais dificuldade. A boca estava empastada com uma saliva grossa.

— Está aqui... rápido... rápido... estou morrendo. — Fez um grande esforço para pronunciar essas poucas palavras.

Não havia nenhum médico do lado de fora da casa de Bontade. O velho mafioso caiu no chão com o fone ainda nas mãos. Tentou desesperadamente respirar. Mas já era irreversível. Os espasmos eram terríveis, e ele se agarrou com todas as forças àquele fio de vida que lhe sobrava.

Mastrangelo amaldiçoou a si mesmo por ter descartado *a priori* a possibilidade de Aurora estar exatamente no local mais óbvio, o *bunker* de Bontade. Começou a correr, desconsiderando todos os semáforos, em direção ao Queens. Sentia-se apavorado com a possibilidade de chegar tarde demais para salvar a sobrinha. Não entendia como a toxina tivera um efeito tão rápido e virulento. O químico contratado prometera uma diluição que provocaria um intenso mal-estar e a morte apenas depois de várias horas.

Mastrangelo chegou à casa. Não havia ninguém para detê-lo. Pôs a máscara de oxigênio e entrou pelos fundos. Viu Aldo Martini no chão do corredor. Tinha os olhos vidrados. Correu a seguir para o salão. E viu Bontade ainda segurando o fone na mão. A lareira estava acesa e continuava espalhando

as toxinas venenosas. Precipitou-se por todos os aposentos da casa. Teve a intuição de chamar a garota em voz alta. Não a encontrou em nenhum dos quartos. Bontade não podia ter mentido à beira da morte. De súbito ouviu uma voz:

— Aqui... estou aqui.

Nunca tinha ouvido Aurora falar, não podia ser ela... A voz vinha do porão. A porta que descia para o subsolo não estava trancada. Jack disparou escada abaixo e no centro do aposento, entre mil objetos amontoados, viu Aurora.

— Aqui, aqui.

Ela estava falando! Então ela falava! Jack se inclinou. Aurora achava-se estendida numa espécie de colchão de palha sobre o chão de cimento bruto.

— Aurora, sou o tio Jack, o irmão da sua mãe. Entende as minhas palavras?

— Sim, tio Jack. — A moça respirava com dificuldade.

Abriu os olhos penosamente e fez um esforço para levantar a mão e acariciar o rosto do tio.

— Se sua mãe estivesse aqui... — Jack beijou a mão estendida. — Vamos, vamos embora.

Tirou um lenço e limpou a saliva abundante que escorria pelo queixo da moça. Colocou a máscara de oxigênio nela. Mas Aurora já estertorava.

Não podia perder nem mais um minuto. Tomou-a nos braços, ela sorriu e, dominada pela dor que lhe comprimia o peito, fechou os olhos.

Mastrangelo cingiu o corpo da jovem e foi para a escada. Cambaleou um momento e teve de parar a fim de recuperar as forças. Agora ele também sentia uma forte dor no peito e dificuldade para respirar. Reuniu toda sua energia e subiu os degraus um a um. A porta ficava no alto da escada, mas parecia estar no final de um túnel. A luz intensa o cegava. Apoiou-se à parede e recomeçou a subir. Mais um pequeno esforço e conseguiria. De repente, o corpo de Aurora esmoreceu em seus braços, redobrando de peso. Sabia que a moça estava morta, mas irracionalmente afastou esse pensamento. Não devia se dar por vencido. Jamais na vida se rendera, e não o faria agora, quando precisava salvar a vida da sobrinha. Por fim alcançou a porta. Agora precisavam sair o mais rápido possível da casa. Seguiu pelo corredor, mas, com um soluço e uma tosse, expeliu um grumo de sangue que manchou a roupa da jovem, cuja cabeça já oscilava sem vida. Jack Mastrangelo ficou de joelhos, exausto pelo esforço feito até aquele momento. Pousou cuidadosamente o corpo de Aurora no chão. Abriu a camisa, tentou respirar, porém a dor agudíssima no peito o transpassou como uma espada. Tentou conter com as mãos aquela dor lancinante, mas as ferroadas se

espalharam por todo o corpo. Caiu de costas. Virou o olhar e viu Aurora. Ela parecia sorrir. Estendeu o braço, e mesmo esse pequeno gesto lhe foi penoso. Gostaria de chorar ou gritar de desespero por aquele destino infame, mas não conseguiu fazer nem uma coisa nem outra. Estendeu a mão e colocou-a em cima da mão da jovem, como que cumprindo uma promessa feita muito tempo antes à sua querida irmã. Depois abriu a boca, tentando sorver um último alento, mas não conseguiu.

Na época, a história da falsa morte de Tom Bontade, descrita com tantos detalhes pelo *Evening Sun*, circulara por toda a cidade e tinha ensejado muitas brincadeiras entre os demais padrinhos, não só de Nova York mas também de Las Vegas e Chicago. Entretanto, quando o episódio narrado se tornou notícia de fato, todas as famílias mafiosas dos vários distritos gelaram. Nunca ocorrera nada parecido. Todos sabiam quem tinha orquestrado aquilo, mas evitaram qualquer referência a ele. Ferdinando Licata conquistara o respeito de todos, inclusive dos que o odiavam por sua rápida ascensão.

Roy Boccia, quando tomou conhecimento da notícia pelo rádio da prisão, foi tomado de pânico. O pavor se tornou seu companheiro constante. Decidiu colaborar com os tiras. Sabia que, na hora em que pusesse o nariz fora da prisão, Licata o mandaria matar.

Assim, pediu para ser ouvido pelo procurador distrital, William Bray. Queria fazer uma confissão. Quando o procurador o convocou, Boccia disse que estava pronto para depor no tribunal contra Saro Ragusa. Confessou tê-lo visto agredir Vito Pizzuto, prendê-lo com uma corrente e torturá-lo até a morte num armazém do porto.

Em troca, pedia para entrar no programa de proteção às testemunhas. Queria uma nova identidade e novos documentos para recomeçar a vida do outro lado do mundo, longe de Nova York.

Com base nas acusações dessa testemunha ocular, o procurador William Bray emitiu um mandado de prisão contra Saro Ragusa. Mas não sabia que, nesse meio-tempo, Saro tinha se alistado no OSS para a operação Husky.

# 55. Operação Husky

Num dia de meados da primavera, Saro Ragusa, com o máximo sigilo, foi apanhado por dois militares à paisana, que o conduziram a uma base militar nos arredores de Washington.

Ali, junto com uma dúzia de outros jovens de origem siciliana, recebeu um treinamento intensivo, em que lhe ensinaram a usar pistolas automáticas e metralhadoras, a montar uma bomba e reconhecer detonadores e pólvoras detonantes, a usar um rádio de comunicações, a se haver numa luta japonesa e, por fim, a saltar de paraquedas — Saro deu três saltos, um durante o dia e dois à noite. Os instrutores informaram ao grupo de sicílio-americanos que eles seriam lançados de paraquedas nas costas sicilianas à noite.

O grupo fazia parte do Office of Strategic Services, o departamento dos serviços secretos criado naquela época por um vulcânico advogado irlandês de Washington, William Donovan.

Ele subdividiu o escritório em diversas seções. O Secret Intelligence, encarregado das operações nos países ocupados; o Secret Operations, responsável pelas operações conjuntas com os grupos de resistência nos países ocupados pelos alemães; o Moral Operations, voltado para a guerra psicológica; o X-2, dedicado à contraespionagem; e o Research & Analysis, o escritório de estudos encarregado de fornecer dados políticos, sociais e econômicos sobre os estados onde se realizavam as operações.

No âmbito da Secret Intelligence, havia uma subseção chamada Seção Itália, montada e comandada por um certo Earl Brennan. As figuras centrais eram Vincent Scamporino, que tinha a tarefa de chefiar a seção, o advogado Victor Anfuso e Max Corvo, um jovem de apenas vinte anos.

Essa subseção fora concebida para organizar um grupo formado essencialmente por oriundos da Sicília, com os quais se iniciaria um trabalho de infiltração a fim de facilitar a iminente invasão aliada. Para obter

informações sobre a Itália, ela recorria a uma fonte que contava com seis milhões de ítalo-americanos. Como colaboradores, dava-se preferência aos sicilianos, os que mais haviam sido pressionados a emigrar, pois o fascismo não só nunca cuidara da ilha como ainda tratara os moradores como delinquentes, enviando soldados e carabineiros para oprimir a população.

Por isso, quando o príncipe Licata pediu a Haffenden se poderia recrutar Saro Ragusa entre os homens da Seção Itália, os dirigentes ficaram satisfeitos em incluí-lo no grupo.

Os homens de Max Corvo se infiltraram em todas as áreas da ilha, sob cobertura, procurando campos minados, instalações militares, sedes de comando, pistas de pouso, elementos antifascistas, em suma, qualquer coisa que pudesse ser útil às forças que se preparavam para a invasão. Acima de tudo, cabia-lhes convencer os soldados a abandonar as armas, porque o fascismo já estava derrotado e todos deviam pensar no próprio futuro, que seria partilhado não com os alemães, e sim com os americanos e os ingleses.

Saro, com mais uma dúzia de conterrâneos, foi lançado numa noite sem luar na zona de Corleone.

A aterrissagem não foi das mais suaves: ele acabou batendo secamente numa mureta, daquelas que delimitam os campos, e foi arrastado pelo paraquedas para cima de uma grande figueira-da-índia. Os espinhos finos atravessaram a lona grossa de sua calça, causando-lhe dores insuportáveis. Segundo as instruções recebidas, a primeira coisa era dobrar o paraquedas e escondê-lo sob alguma moita. Enquanto estava empenhado em recolher a tela, com o corpo todo dolorido, foi cercado por dois camponeses que lhe apontaram as *luparas*. Perguntaram quem era ele, e Saro respondeu em dialeto. Disse que tinha vindo preparar a chegada dos americanos. Tranquilizados por aquelas palavras, os dois camponeses o ajudaram a dobrar o paraquedas e o levaram para a casinha deles, perto dali.

Lá, Saro constatou a extrema miséria em que vivia a população. Crianças subnutridas, mulheres envelhecidas antes do tempo, roupas puídas, casas que eram choupanas, piolhos e cupins banqueteando-se em todas as roupas, malária, resignação nos olhos dos homens, mas também uma orgulhosa e indômita dignidade, cientes do próprio valor, pisoteados por um Estado que os deixara à mercê da prepotência dos mais fortes. Foi esse o quadro deprimente que presenciou quando o camponês abriu a porta de seu casebre.

O homem fez as mulheres e as crianças saírem e mandou Saro se deitar na enxerga; ele cuidaria de remover os espinhos dos figos-da-índia. Saro tirou a camisa e a calça, e o velho começou seu trabalho com infinita paciência.

Saro fora lançado no coração da ilha, onde Patton passaria com suas colunas blindadas. Naturalmente ele desconhecia os planos táticos da invasão. Tinha ordens de entrar em contato com os chefes da máfia e convencê-los a colaborar com as tropas americanas que passassem pela região. Mas Saro também tinha uma tarefa confiada por Ferdinando Licata: aproveitar sua posição para lançar as bases de um reposicionamento dos chefes no alto das novas administrações, apoiando-se também no movimento separatista encabeçado pelo advogado Andrea Finocchiaro Aprile, até o advento do fascismo três vezes deputado, pela circunscrição de Corleone, considerada a Presidência do Conselho da Máfia.

Finocchiaro Aprile sonhava que a ilha se separasse da Itália e conquistasse a independência, e, para alcançar esse objetivo, aceitava alianças com quem quer que fosse. Antes de mais nada, com o partido dos latifundiários, bem representado por aquele Lucio Tasca, que, com o lema "Sicília e Liberdade", considerava o separatismo o melhor instrumento para resguardar privilégios e feudos. Depois, com os grandes chefes da máfia: Calogero Vizzini de Villalba, Giuseppe Genco Russo de Mussomeli, Greco de Giardini Croceverde, Nasi de Trapani, Rimi de Alcamo, Vanni Sacco de Palermo. Todos favoráveis ao fim da ditadura, a qual, além de mandar muitos homens ao desterro, lhes retirara o controle do território. Para prosperar, a máfia precisava de uma democracia, não da ditadura.

Enquanto Saro buscava cobertura para se locomover livremente pela região, sem levantar suspeitas, Jano e os seus, no novo papel de apoiadores dos chefes de quadrilhas, transformavam-se em sabotadores, ou, melhor, seguindo as diretrizes de dom Calò, que Jano já chamava familiarmente de *zu Calò*, dedicavam-se a saquear os víveres que eram levados, em caminhões sem escolta, aos redutos das artilharias.

A vida dos sicilianos se transformou em um inferno. Diariamente saíam de Malta esquadrilhas de caças em apoio aos bombardeiros, vindas da África para

despejar bombas em alvos civis e militares. As bombas eram democráticas, não faziam distinção. Atingiram o famoso hotel San Domenico em Taormina, onde o marechal Kesselring jantava, e reduziram a escombros o Palazzolo Acreide, onde estava abrigada a Divisão Nápoles, que foi praticamente neutralizada. Durante nove dias, os sicilianos viveram apavorados com os bombardeios noturnos, que quase sempre atingiam zonas onde estavam agrupamentos de tropas ou comandos militares.

O trabalho da Seção Itália dera ótimos resultados. Saro, em especial, teve um golpe de sorte. Depois da missão em Corleone, onde conseguira a promessa de colaboração das quadrilhas locais, fora até Gela esperar o desembarque e se juntar ao do século OSS.

Como disfarce, Saro reassumira a antiga profissão de barbeiro. Ia de fazenda em fazenda, oferecendo-se aos camponeses para cortar o cabelo ou fazer a barba e o bigode, em troca de alguma hortaliça ou de um ovo de galinha.

Nos campos de Gela foi recebido por um administrador, um certo Giovanni Scirè, que lhe pediu um serviço completo. Seu filho ia se casar dali a alguns dias com uma moça da cidade. Era um homem jovial e corado, não tinha passado fome durante a guerra, pois ele e a família eram bem nutridos e gozavam de boa saúde. O filho até teve tempo de se apaixonar e conseguir um bom casamento.

Enquanto afiava a navalha na tira de couro, Saro perguntou:

— Seu filho está de licença para o casamento?

— Não sei, mas por que pergunta?

— Curiosidade. Queria saber de que batalhão ele é. Tenho parentes espalhados pela ilha. — Preparou-se para barbeá-lo.

— Mas a guerra já acabou... E é uma pena, porque acabou também nossa fartura — disse o administrador com tristeza.

— O senhor apoia o Duce? — provocou Saro.

— Ele que se foda! — respondeu o homem com raiva.

— Mas então não entendo...

O homem abaixou o tom de voz, como se não quisesse ser ouvido:

— O Comando Naval italiano fica aqui perto.

— Mas não fica em Enna?

— Em Enna fica o Estado-maior. Aqui é o Comando Naval. Suas rações são contadas, por isso nos pedem para reabastecê-los com tudo o que houver, e cobramos os preços do mercado negro.

— Estão bem acostumados, esses senhores. — Saro se pôs imediatamente de alerta. Mas adotou a toada populista, que sempre ganha a concordância de todos. — Enquanto nós passamos fome.

— Alguma vez você já encontrou um *cappeddu* diferente dos outros? São todos iguais. — Scirè estava estendido na cadeira, as mãos cruzadas sobre a barriga e os olhos fechados para aproveitar o prazer de fazer a barba.

— Mas onde fica o Comando? — Saro perguntou com ar indiferente.

— No palacete do barão Giovanni Moleti. É um vaivém de generais e oficiais. Já é um segredo de polichinelo. A Sicília inteira sabe que o Comando Naval fica lá.

— O senhor já entrou lá?

Para Giovanni Scirè, ter contato com o alto mundo dos *cappeddi*, isto é, dos senhores, era motivo de grande orgulho.

— Claro. Sou eu que providencio frangos e galinhas para eles. Nos salões há grandes mapas da Sicília nas paredes. As mesas estão cheias de papéis. Tem também um cofre, eu nunca tinha visto um.

— E o cofre fica onde?

— No salão central, onde todos se reúnem. Puseram perto do retrato do bisavô do barão Giovanni Moleti. Sabe, ele foi um dos Mil de Garibaldi — concluiu Scirè.

Saro não teve dificuldade em localizar o palacete. Era uma construção do século XVIII, com um grande jardim, com uma profusão de plantas, mas que não recebia manutenção fazia vários anos. A fachada era cor-de-rosa, e em uma das fachadas laterais havia um grande terraço com vista para um vale que descia até o mar. À esquerda do corpo principal, erguia-se uma casinha, também cor-de-rosa, coberta de telhas vermelhas, que antigamente hospedava a criadagem, mas que agora era o refúgio das tropas encarregadas da segurança do Comando Naval. Era só o que se podia ver da estrada. Saro meteu na cabeça que iria abrir aquele cofre, mas para isso precisaria da ajuda de algum amigo da máfia de Gela. Estudou a situação por alguns dias. Notou que o palacete funcionava como uma espécie de escritório. Um militar chegava por volta das oito da manhã para abrir o Comando. Oficiais e generais chegavam às dez e saíam por volta das sete da noite. Quando iam embora, deixavam uns dois soldados de guarda do lado de fora. Assim, os barões Moleti podiam ter um pouco de privacidade, pelo menos até as oito da manhã seguinte.

A ação não apresentava problemas insuperáveis. Era preciso apenas neutralizar os dois guardas; quanto aos barões, não o preocupavam nem minimamente.

Para executar seu plano, porém, Saro precisava de três homens dispostos a tudo. Abordou um chefe de quadrilha, um certo Vincenzo Lanzafame, que já estava instruído sobre o desembarque iminente. Ele ficou até satisfeito de ser útil e lhe forneceu três de seus melhores homens.

Os dois soldados preparavam um prato de espaguete na cozinha do alojamento, quando foram surpreendidos pelo grupo de Saro. Golpearam-nos com os bastões envoltos em pano molhado, e os soldados caíram desmaiados. Os três mafiosos olharam para Saro como que pedindo alguma coisa. Saro pensou que esperavam um elogio.

Mas um dos três, aproximando-se do prato já pronto, disse:

— Vamos deixar esfriar?

Em tempos assim, era uma blasfêmia desperdiçar comida. Dividiram o espaguete, enchendo mais dois pratos, e começaram a comer em silêncio, devorando tudo em poucas garfadas.

Depois de encherem a barriga, saíram da casinha e se aproximaram da casa do barão.

Por mais que tivessem sido prudentes e cautelosos, procurando não fazer muito barulho, o barão tinha percebido a movimentação pouco usual atrás das janelas e abriu a porta do palacete antes que os mafiosos pudessem usar seus pés de cabra. Saro e os outros se assustaram, mas Giovanni Moleti os tranquilizou. Recebeu-os como libertadores e perguntou a Saro, o único do bando a quem não conhecia, se era verdade que o desembarque estava para acontecer e se aqueles bombardeios seriam sinal de que era questão de dias.

Saro confirmou suas intuições. O barão o pôs à vontade e lhe mostrou a sala do Comando Naval.

A descrição do administrador tinha sido plenamente correta. Ele viu de relance o quadro que retratava o antepassado do barão Moleti. Ao lado da grande lareira, estava o cofre. Saro perguntou se o barão podia abri-lo. O nobre bateu no peito jurando que não conhecia o segredo e implorou que acreditasse nele.

Saro, para apressar as coisas, decidiu abri-lo com uma pequena carga de dinamite que trazia consigo.

A porta saltou fora, e o que Saro viu no interior faria a alegria de qualquer espião: pastas, mapas, textos em código, envelopes com o carimbo

“ultraconfidencial”, pacotes com o sinete da águia do Terceiro Reich. Havia indicações do deslocamento dos navios italianos e da disposição da Força Aérea alemã no Mediterrâneo. E até ordens reservadas para as divisões da Wehrmacht na Itália. Colocou rapidamente todos os papéis numa sacola, despediu-se do barão e saiu do palacete, pouco depois separando-se também dos três mafiosos de Gela, prometendo que se lembraria deles e de Vincenzo Lanzafame.

Vinte e quatro horas depois, a sacola estava nas mãos dos agentes do OSS, que a remeteram rapidamente ao vice-almirante Hewitt.

Os bombardeios das principais cidades da ilha duraram nove dias. Muitos centros ficaram reduzidos a escombros. Logo ocorreria o desembarque. Em 10 de julho soou a hora H para as tropas de desembarque aliadas.

A frota de assalto não se reunira num ponto só. Os navios zarparam de diversos portos, Port Said, Alexandria, Trípoli, Susa, Sfax, Argel, Orã, Biserta, e se encontraram em mar aberto. Até onde podia recuar a memória da humanidade, nunca se vira nada parecido. A imponente frota era constituída por dois mil quinhentos e noventa navios de transporte, mil e oitocentos botes de desembarque e duzentos e oitenta navios de guerra.

O 15º Grupo da Marinha era comandado pelo general Alexander e iria se dividir em duas armadas perto da costa: a 7ª, comandada pelo general Patton, que desembarcaria na praia de Gela, e a 8ª, comandada pelo inglês Montgomery, que chegaria à terra ao sul de Siracusa.

Na estratégia elaborada pelos generais anglo-americanos, a 8ª Armada de Monty devia se dirigir a Messina para fechar a fuga e afunilar as armadas ítalo-alemãs, enquanto Patton controlaria o flanco esquerdo da ilha.

Para enfrentar essa massa de impacto, contrapunha-se um exército desmotivado. A infantaria, a infantaria leve e a artilharia eram compostas, quase na totalidade, de sicilianos. Eles temiam por suas famílias e odiavam aquele regime que os tiranizara. Além disso, os equipamentos estavam em petição de miséria. Faltavam sapatos, mas não só. Os uniformes dos soldados não estavam completos: alguns usavam o casaco regulamentar e calças à paisana, outros, ao contrário, tinham as calças regulamentares e camisas à paisana. Quando se analisava o armamento, aí sim a situação era realmente trágica. Além da inferioridade numérica, pois trinta e oito batalhões italianos e nove alemães enfrentariam sessenta e nove aliados, havia sobretudo a inferioridade dos armamentos: eles eram escassos e estavam em péssimas condições.

# 56. Todos para casa

A segunda leva trouxe a Gela os integrantes do OSS, que desembarcaram em quantidade maciça para apoiar os agentes que já estavam na ilha. A tarefa principal deles era interrogar os prisioneiros e os civis. Precisavam obter informações sobre as trilhas rurais, os campos minados, as posições de artilharia. Além disso, deviam continuar procurando as pessoas indicadas por Luciano, para pedir colaboração.

Os dois desembarques tiveram bom êxito. A 7ª Armada de Patton, em particular, não enfrentou praticamente nenhuma resistência em Gela, e Montgomery pôde entrar em Siracusa na mesma noite do desembarque.

No final do primeiro dia do desembarque, os aliados fizeram prisioneiros mais de mil italianos. Pelo menos outros mil largaram os fuzis e foram se esconder nos campos. Uma semana depois, os prisioneiros já somavam vinte e dois mil, a metade deles sicilianos. Os homens do OSS sugeriram mandá-los para casa, pois os campos precisavam de braços para a colheita em breve. Assim, o sistema logístico americano não ruiria.

Essa ideia também teve acolhida entre os comandantes. Os aliados permitiriam que todos os soldados rendidos voltassem para suas cidades.

A operação Todos para Casa permitiu que mais de trinta e cinco mil soldados sicilianos abandonassem a guerra e salvassem a vida, acelerando a desagregação da armada italiana na Sicília.

Na manhã de 14 de julho, quatro dias após o início da invasão, um caça americano sobrevoou o céu de Villalba, atraindo a atenção dos camponeses e dos poucos habitantes do vilarejo, curiosos com o piloto que deu umas duas voltas sobre a residência paroquial, em baixa altura, como que exibindo o estandarte amarelo preso na haste anterior do rádio, que esvoaçava alegremente

mostrando no centro um grande "L" negro. Na terceira volta, o piloto inclinou o aparelho em quarenta e cinco graus e deixou cair um grande envelope perto da casa do monsenhor Giovanni Vizzini, pároco local e irmão do mais que famoso dom Calogero Vizzini. Dentro do envelope havia um lenço igual ao que estava pendurado na antena de rádio do avião. O envelope foi recolhido pelo soldado Raniero Nuzzolese de Bari, que o levou à tenência dos carabineiros de Villalba, entregando-o imediatamente ao cabo Angelo Riccioli de Palermo.

No dia seguinte, o mesmo caça sobrevoou o bairro de Cozzo di Garbo, onde ficava a casa de Calogero Vizzini, e soltou um segundo envelope bem na frente de sua residência.

O envelope, no qual se lia "Zu Calò", foi recolhido por um dos assistentes da casa de Vizzini e entregue a seu legítimo destinatário.

Naquela mesma noite, Mangiapane, um camponês do lugar, partia a todo o galope de Villalba em direção a Mussomeli. Levava uma mensagem escrita por Calogero Vizzini.

> *Curatulu Turi partirà cu li vitiddazzi, pi la fera di Cerda martedù iornu 20. Iu partirò lu stissu iornu cu li vacchi, li voi di carrozzu e lu tavaru. Priparati l'ardimi pi fari lu fruttu e li mannari pi riparari li peculi. Avvertimi l'autri curatuli di tinirsi pronti. Pi lu quagghiu ci pinsavu iu.*

A mensagem era secretíssima e Mangiapane, se alguém o parasse, deveria engolir o papel. Era destinada a *zu Peppi*, Giuseppe Genco Russo, chefe de Mussomeli.

Com o colorido jargão da máfia, dom Calò mandava o recado de que no dia 20 um certo Turi, evidentemente um chefão da zona de Polizzi Generosa, acompanharia as divisões blindadas até Cerda, enquanto ele seguiria no mesmo dia com o grosso da tropa (*li vacchi*), os tanques (*li voi di carrozzu*) e *lu tavaru*, o touro, obviamente o comandante em chefe. *Zu Peppi* devia providenciar que os amigos preparassem focos de resistência e eventuais refúgios para as tropas (*li mannari pi riparari li vacchi*).

Ao amanhecer do dia seguinte, Mangiapane voltou com a resposta de *zu Peppi*, garantindo a dom Calò que o queijeiro Liddu tinha providenciado a preparação dos focos de resistência (*l'ardimi pi fari lu fruttu*).

Em 20 de julho, os tanques de Patton se encontraram perto de Salso Inferiore. Um jipe com dois militares e um civil se separou da coluna e rumou

a grande velocidade para Villalba, cinquenta quilômetros adiante das vanguardas. Na antena do jipe, esvoaçava o habitual lenço amarelo, tendo no centro o grande "L" preto. Infelizmente, pouco antes de pegar a estrada para lá, o motorista do jipe, devido ao hábito, entrou no lado errado da bifurcação e seguiu para Lumera. Lá deparou com uma patrulha italiana, a retaguarda da Divisão Assietta. Assim que viram o jipe americano, os soldados italianos abriram fogo e atingiram o mensageiro, que caiu do veículo. Sob o fogo dos italianos, ao motorista não restou alternativa senão dar marcha a ré e voltar depressa para o local de onde havia partido.

O mensageiro morreu instantaneamente. Seu corpo ficou atravessado no caminho por diversas horas. Carmine Palermo, voltando para o vilarejo, viu o cadáver. Parou a carroça, desceu e pegou a bolsa de couro que o outro ainda trazia a tiracolo. Dentro dela encontrou um envelope endereçado a Calogero Vizzini. Alguns minutos depois o envelope estava nas mãos de *zu Calò*.

No mesmo dia, à tarde, três tanques Sherman chegaram às portas de Villalba. No primeiro deles estava hasteada a bandeira amarelo-ouro com o "L" preto. A parte de cima do tanque se abriu e um rapagão com sotaque siciliano pediu aos curiosos que fossem chamar dom Calò, que apareceu minutos depois em mangas de camisa, com o casaco dobrado no braço e um charuto na boca. Andava devagar, não tanto por seu tamanho respeitável, mas porque é assim que andam os "homens de barriga". Estava acompanhado pelo sobrinho Damiano Lumia, o qual, por causa do início da guerra, não pudera emigrar para os Estados Unidos, ficando retido em Villalba.

Sem dizer uma palavra, Calogero Vizzini tirou do bolso da calça seu lenço amarelo e mostrou-o ao soldado do tanque. Este fez sinal para ele subir, e dom Calò, junto com o sobrinho, que, além do siciliano, falava bem o inglês, desapareceu de Villalba por onze dias.

Saro e o grupo da Seção Itália tinham se revelado elementos preciosos para orientar as colunas de tanques. Suas informações se mostraram exatas em todas as ocasiões, resultado evidente da expressiva ação de inteligência desenvolvida por seu grupo.

O próprio Donovan, artífice do OSS, quis ir até a Sicília conferir o trabalho realizado e, naturalmente, receber os parabéns do Estado-maior. Donovan também deveria realizar algumas missões delicadas, sob cobertura, como a libertação de uma centena de mafiosos presos pelo regime fascista nos cárceres

da ilha de Favignana. Era uma das promessas feitas a Luciano em troca de sua ajuda e da máfia siciliana.

De qualquer forma, o avanço na ilha não foi propriamente um passeio para as armadas de Patton e Montgomery. Contrapondo-se a tantos italianos que preferiram abandonar o uniforme, houve outros que escreveram páginas de heroísmo em solo siciliano.

Patton, depois da conquista relativamente fácil de Gela, teve de enfrentar os vigorosos contra-ataques da Divisão Livorno e da alemã Goering. Montgomery, por sua vez, foi detido às portas de Catania, que resistiu até o último homem.

Vindo diretamente da Procuradoria de Nova York, o sargento do FBI Charles Dickey foi dar bem no centro desse inferno quando chegou ao quartel-general de Patton. Ele fora enviado pelo procurador William Bray com um mandado de prisão contra Saro Ragusa, acusado de ter matado um certo Vito Pizzuto.

Tão logo voltou de uma missão, Saro foi posto à disposição do sargento. Porém, avisado dessa grave ingerência, Donovan determinou a Vincent Scamporino, o chefe da seção, que resolvesse imediatamente o assunto e "com um pontapé na bunda devolvesse o intruso do FBI ao Mediterrâneo".

Como civil, Scamporino defendera um milhão de processos, e sua retórica era muito habilidosa. Encontrou-se com o sargento num dos escritórios do quartel-general da 7ª Armada. Saro estava atrás das grades numa das celas de uma tenência dos carabineiros de Gela.

Ele se apresentou:

— Sou Vincent Scamporino. Ouça, lá fora há uma guerra e não tenho muito tempo à disposição. Vamos tentar nos entender depressa — disse, investindo de pronto contra o sargento.

— Caro amigo, digo-lhe desde já que sua patente e suas ameaças não me assustam. Eu estou aqui para servir à justiça. A justiça não tem dias bons nem dias ruins; para ela todos os dias são iguais. Com guerra ou sem guerra, Saro Ragusa é acusado de ter assassinado um homem. Há uma testemunha ocular que afirma isso. Portanto, ele deve vir comigo para Nova York e se explicar perante um júri. Fui claro?

— Talvez eu não tenha me explicado bem. — Scamporino estava furioso e não soube conter a ira, que expressava agitando o indicador como um chicote.

— Uma guerra significa gente, ou melhor, soldados americanos que podem morrer ou viver, dependendo se eu e meus homens, entre eles Saro Ragusa, formos capazes de lhes dar informações as mais confiáveis possiveis — disse, levantando a voz, que foi ouvida até os últimos andares do edifício. — Agora eu quero saber que porra vocês têm a ver com tudo isso! Que porra vocês, burocratas, que ficam esquentando a cadeira atrás de uma escrivaninha, sabem sobre o que acontece na porra desta ilha! Este homem está fazendo o Exército economizar dinheiro, um tempo precioso e principalmente vidas humanas! Vidas de rapazes americanos! Deve ser considerado um benemérito pelos contribuintes, pelas mães americanas e pelo senhor, mister zé-ninguém do FBI do caralho!!!

O sargento não demonstrou o menor abalo com a explosão de raiva de Scamporino. Respondeu com toda a calma:

— Major, é apenas uma questão de equidade. A justiça é igual para todos, e não podemos...

Mas Scamporino não deixou ele terminar a frase:

— Sabe onde eu vou colocar a sua justiça?

— O.k... entendi... vamos chegar a um acordo... eu solto Saro Ragusa, e assim ele pode continuar fazendo a sua guerra. Mas logo que toda essa confusão acabar e o trabalho dele não for mais necessário, eu o prendo e levo para Nova York. Está bem assim?

Vincent Scamporino aceitou o acordo. O sargento ia lhe estender a mão, mas ele se afastou sem nem olhar para ele.

Saro foi imediatamente libertado e pôde retornar às suas atividades na área de inteligência, porém volta e meia topava com o sargento Dickey em seus calcanhares, o qual nunca o perdia de vista, até mesmo quando Saro ia ao banheiro.

Nesse meio-tempo a armada de Patton dividira-se em duas partes em Agrigento. O primeiro grupo, comandado pelo próprio Patton, continuou percorrendo a linha da costa em direção a Palermo, conquistada pelo vaidoso general americano em 22 de julho. O outro foi em direção ao interior, também convergindo para Palermo. Uma vez reunidas, as duas divisões seguiriam para o entroncamento de Cerda, cidadezinha a poucos quilômetros de Termini Imerese, onde encontrariam um terceiro grupo da armada de Patton, que encontrara a resistência encarniçada das Divisões Goering e Livorno.

O plano operacional descrito toscamente no bilhete em código de dom Calò tinha dado certo. As duas divisões haviam encurralado as forças ítalo-alemãs, vedando-lhes qualquer possibilidade de retirada para Messina.

Então dom Calò foi levado de volta a Villalba, acompanhado por dois oficiais americanos. Dom Calò explicara a eles que sua jurisdição terminava no entroncamento de Cerda. Ali terminava a competência da máfia dos feudos sob seu controle e ali começava a máfia dos moinhos, controlada pelas ferozes famílias de Caccamo. Mais adiante, o domínio inconteste era da máfia dos jardins.

Os dois oficiais não entenderam plenamente os critérios daquelas divisões, mas em todo caso agradeceram a dom Calò pela ajuda e se despediram batendo uma continência impecável.

No dia seguinte ao retorno a Villalba, no quartel dos carabineiros, o tenente Beehr, do Civil Affaire de Mussomeli, nomeou-o prefeito da cidade. Os cidadãos estavam entusiasmados e gritavam eufóricos:

— Viva dom Calò! Viva a máfia!

Dom Calò, todos os seus homens de honra e os mafiosos sob sua jurisdição receberam autorização dos americanos para portar armas de fogo, "com o objetivo de se protegerem de eventuais ofensas dos fascistas e poderem expor com autoridade as tarefas confiadas a eles pelo prefeito Calogero Vizzini e, se necessário, prestarem auxílio aos carabineiros".

Removidos os prefeitos fascistas, os aliados teriam de nomear novos administradores locais. Naturalmente deram preferência aos que sempre tinham sido contrários ao regime fascista ou aos que gozavam de autoridade e prestígio, sem verificar se esse prestígio derivava de atividades ilícitas.

Foi assim que muitos expoentes da máfia, apresentando-se como antifascistas, ocuparam cargos importantes das administrações aliadas.

Giuseppe Genco Russo foi nomeado superintendente da assistência pública de Mussomeli. Em Raffadali, na província de Agrigento, o chefe da família local, Vincenzo di Carlo, foi designado responsável pelo departamento de requisição do trigo. A Max Mugnaini, conhecido traficante de entorpecentes, coube a responsabilidade pelos armazéns farmacêuticos americanos na Itália. Em Vallelunga, Turiddu Malta foi nomeado prefeito. Para o cargo de prefeito de Racalmuto, dom Calò indicou um ex-parceiro seu, Baldassarre Tenebra.

Era a primeira vez que os expoentes mais poderosos do aparato mafioso assumiam funções de responsabilidade política. Os aliados, para garantir o rápido controle da ilha, não demonstraram muita astúcia, caindo frequentemente nas tramas urdidas pelos poderosos locais, muitas vezes planejadas pelo próprio Saro Ragusa.

Assim, naqueles exultantes dias do final de julho, a Cosa Nostra voltou a operar à luz do sol. Seus homens tinham se infiltrado em muitas repartições da nova administração. Praticavam legalmente o que até então era considerado ilegal, e quem pagou a conta dessa vez foram seus próprios benfeitores, os americanos.

De fato, em Corleone, sede do Comando, desapareceu um cofre com o dinheiro destinado ao XII Corpo Naval. Em Vallelunga, alguns indivíduos arrombaram à noite as portas do armazém dos medicamentos, saqueando tudo o que conseguiram levar, em especial a maravilhosa penicilina, o novo medicamento que fazia verdadeiros milagres. Em Montemaggiore Belsito, desapareceram centenas de casacos destinados ao inverno. Isso sem contar o sumiço de galões de combustível, cabos telefônicos, sacos de farinha e de trigo.

Messina foi conquistada por Patton em 17 de agosto. Podia-se dar por concluída a campanha da Sicília. Os poucos números disponíveis apontaram as seguintes baixas nos trinta e oito dias de conflito: 4.875 italianos, 4.369 alemães, 2.899 militares americanos e 2.721 homens do Commonwealth britânico.

Com o objetivo de comemorar o fim do conflito, organizou-se uma grande reunião na casa de veraneio do marquês de Torrearsa, Enrico Ferro, para a qual foram convidados os notáveis da região, a aristocracia agrária, os oficiais ingleses e americanos do Comando ali próximo e os amigos dos amigos.

A festa também teve a presença do tenente-coronel Charles Poletti, governador da ilha durante o período do governo militar da Sicília. Poletti, na vida civil, exercera a profissão de advogado, a qual abandonou para assumir o cargo de juiz da Corte Suprema e, depois, seguir carreira política.

A maioria dos representantes das antigas famílias sicilianas e os nomes mais sonoros da máfia também foram convidados. Vincent Scamporino e Max Corvo estavam orgulhosos de apresentar naquela ocasião seu grupo quase completo da Seção Itália, do qual fazia parte também Saro Ragusa, vestido com seu resplandecente uniforme americano, novo em folha. Atrás dele, como sempre, seguia-o como uma sombra o sargento Charles Dickey, que sapateava de

impaciência para levá-lo enfim a uma cela em Nova York.

Scamporino aproximou-se dele e pediu que, pelo menos naquela noite, deixasse Saro respirar um pouco e comemorar a vitória, para a qual, podia-se dizer, ele contribuíra. O sargento, sem se alterar, respondeu que ficaria de lado, mas na manhã seguinte o faria subir no primeiro avião militar com destino aos Estados Unidos.

A ocasião foi alegrada pelo vinho que corria em abundância e por inúmeros brindes festivos. Uma orquestra composta de militares americanos tocava os últimos sucessos de Glenn Miller. Senhoras da burguesia siciliana dançavam com oficiais americanos com seus elegantes uniformes, e os maridos tentavam fazer amizade com os responsáveis pelas áreas comerciais, para alinhavar algum negócio lucrativo.

Depois, como ocorre em toda fraternidade de respeito, alguém passou secretamente vinte e oito bilhetinhos para vinte e oito pessoas: eram os convites para uma reunião sigilosa, que se daria no dia seguinte, no Palácio dos Colonna em Palermo.

Saro queria aproveitar aquelas últimas horas que lhe restavam antes de voltar para os Estados Unidos. Entre a multidão de convidados, pensou ter visto Jano Vassallo. Ele vestia um elegante terno risca de giz escuro, camisa branca e gravata.

Saro abriu caminho entre a multidão e parou em sua frente:

— Jano, estou surpreso. Que fim levou a camisa negra?

Jano lhe devolveu o mesmo desprezo.

— O mesmo fim que tiveram seus trapos.

Virou-se, pegou pelo braço a jovem que estava com ele e se afastou. A moça se voltou rapidamente e depois abaixou a cabeça. Saro sentiu-se atingido por uma chicotada no peito. Mena. Era Mena, mais bonita do que nunca, com um vestido de seda florida que mostrava suas pernas esbeltas. Tinha a mão no braço de Jano, que a exibia como um troféu.

A visão fugaz de Mena redespertou instantaneamente em Saro sensações que não tinha por muito tempo. O nome suave aflorou a seus lábios. “Mena”, sussurrou, como para se certificar que não estava sonhando.

Logo a emoção se transformou em rancor. Fazia tempo que Saro convivia com o ódio, que já se tornara seu sentimento dominante. Estava furioso com as injustiças da vida e do destino. Um ser tão desprezível como Jano devia pagar por seus crimes.

Enquanto estava mergulhado nesses pensamentos, um fraseio de trompete

chamou sua atenção. A banda tinha começado a tocar "Johnson rag". O som do instrumento lhe trouxe à lembrança algo familiar. Saro se aproximou do palco e reconheceu o velho amigo Dixie. Os dois se olharam e sorriram com a antiga cumplicidade.

Abraçaram-se felizes por ainda estar vivos. O primeiro pensamento deles foi para Isabel.

— Entendo que para ela deve ter sido um choque me encontrar na cama com Tom.

— É a sua especialidade, Dixie, pouco se importar com os outros e com qualquer coisa — censurou Saro. — Para você, só existe uma pessoa no mundo.

— Seria eu?

— E mais ninguém.

Continuaram a noitada relembrando os dias felizes com Isabel: o banho nos tanques, o golpe no comerciante de limões, o Exército da Salvação. Depois, como tantas vezes ocorre com amigos que se reencontram depois de anos, o tom da conversa se tornou melancólico. Saro lembrou a morte de Isabel: um dos piores momentos de sua vida.

Ao se despedir, prometeram manter contato. Dixie estava acompanhando as tropas na conquista da Itália e ainda ficaria por lá bastante tempo. Saro, por sua vez, contou a ele seus problemas com a justiça americana. Provavelmente teria de voltar a Nova York para enfrentar o processo.

No entanto, quando nossa vida parece seguir inevitavelmente para um destino adverso, às vezes o próprio destino vem em nosso socorro.

De fato, na manhã seguinte, Roy Boccia, que estava voluntariamente preso numa cela da delegacia do distrito de Manhattan, para se proteger de represálias dos amigos da Cosa Nostra, recebeu uma xícara de café à italiana. Desnecessário dizer que foi sua última bebida.

Quando comunicaram o fato ao procurador William Bray, ele armou um escarcéu, urrando que ia pôr todo o pessoal da delegacia na cadeia. Tinha perdido sua principal testemunha de acusação, e qualquer acusação contra Saro Ragusa caía por terra definitivamente.

# 57. Sicília, 49º estado americano

Quando Vincent Scamporino chegou a seu escritório de Palermo no dia seguinte, encontrou sobre a mesa um fonograma enviado pela Procuradoria de Nova York. Avisava que Roy Boccia, a testemunha de acusação, tinha sido envenenado na cela e morrera. Saro Ragusa podia ser considerado livre para todos os efeitos.

Scamporino ficou feliz em ser o primeiro a dar a boa notícia a Saro, um homem de extrema valia para seu grupo. Depois telefonou ao sargento Dickey e pediu que fosse encontrá-lo em seu escritório, porque precisava lhe mostrar um documento enviado pela Procuradoria de Nova York.

Com aquela notícia, a vida de Saro tomou um rumo totalmente inesperado. Suas perspectivas, agora, eram diferentes. Imaginara-se perseguido, procurado por todas as polícias do mundo. Sem esperança. E agora, de uma hora para outra, estava livre, livre para escolher... Quantos têm tal privilégio? Devia tudo isso a The Father, seu pai. Mas ainda sentia um espinho a atravessá-lo: Mena... Antes de qualquer outra decisão, precisava remover aquele espinho.

Como anos antes, na mesma sala vermelha do Palácio Cesarò, Finocchiaro Aprile reuniu as vinte e oito pessoas mais destacadas da ilha. Era a primeira reunião oficial do separatismo siciliano. A assembleia era composta da aristocracia agrária, que temia os ventos revolucionários do Norte. Havia também alguns autonomistas sinceros, que apostavam na luta contra a política centralizadora do Reino. Por fim, o grupo dos chefes mafiosos, bem representado por dom Calò, e alguns expoentes americanos e ingleses das forças de libertação, entre os quais Charles Poletti.

Durante o encontro estabeleceram-se os pontos programáticos do separatismo siciliano. O documento final dizia mais ou menos o seguinte:

*O Comitê para a Independência Siciliana saúda com fervoroso entusiasmo os exércitos da Inglaterra e dos Estados Unidos da América e seus invictos Comandantes e lhes expressa, desde este primeiro momento solene, o vivo e profundo reconhecimento do povo pela ajuda para se libertar da dominação fascista incivil, bárbara e vivamente desprezada. A suma aspiração é que a Sicília seja alçada a Estado soberano e independente com regime republicano. Após a experiência de muitas décadas de unidade italiana, durante as quais a ilha viu-se obrigada a penosamente constatar que jamais foi considerada no mesmo padrão e no mesmo nível das outras nações [...]*
*Nosso programa agora é: a Sicília para os sicilianos [...]*

*O Comitê, portanto, confia que a Inglaterra e os Estados Unidos da América favorecerão o projeto de criação do Estado soberano e independente da Sicília com base democrática [...]*

Esse novo Estado também incluía, evidentemente, a organização mafiosa.

Nem Salemi fora poupada dos bombardeios. O alvo principal das esquadrilhas dos Liberator tinha sido o bosquezinho aos pés da colina onde se ergue o povoado. Os bombardeiros tentaram atingir as divisões de artilharia escondidas entre as árvores. Mas, por engano, numerosos casebres da periferia da vila também foram atingidos e destruídos.

Agora que as operações militares haviam terminado, os rapazes da Seção Itália receberam permissão para visitar seus parentes.

Saro não tinha ninguém para abraçar, mesmo assim quis voltar à cidade a fim de rever os velhos amigos. À medida que se aproximava das casas, foi invadido por antigas lembranças: algumas felizes e muitas amargas. Parecia que fazia um século desde que tivera de deixar Salemi. Encontrou Ciccio Vacca, Armando Caradonna e alguns outros. Cumprimentaram-se, mas sem grande entusiasmo. O conflito havia acabado com a vontade de sorrir.

Dirigiu-se à sua antiga casa. A guerra passara apenas de raspão por ela. Mas o portão tinha sido arrancado, as janelas estavam quebradas e sem vidros. Ficou imóvel, contemplando aquelas queridas paredes por um tempo que lhe pareceu infinito. Uma mulher passou com um balde cheio de água na cabeça. Não a conhecia, nunca a vira: devia ter uns quarenta anos.

Depois que ela se afastou, Saro pulou uma janela e entrou na casa onde crescera cercado pelo amor dos pais, Peppino Ragusa e Annachiara. Aquelas

duas pessoas extraordinárias jamais o fizeram sentir nenhum peso pela condição de filho adotivo. O chão estava forrado de telhas, cacos de vidro, pedaços de reboco. No centro da sala, tombada no assoalho, reconheceu a mesa de jantar. Viu um caderno no chão; pegou, desempoeirou a capa preta e abriu-o. Reconheceu a letra tremida de Turi Toscano. "Todos os homens nascem com a mesma dignidade. Apenas o trabalho honesto liberta." Ao ler a frase, Saro não conseguiu mais se controlar e caiu num choro libertador.

Passado algum tempo, voltou ao jipe, engatou a marcha e foi em direção ao castelo, para a taberna de Mimmo Ferro. Esperava encontrar os velhos amigos. Havia dois homens sentados em silêncio na entrada. Fumavam os dois o mesmo cigarro, que um passava para o outro. Saro não os conhecia, provavelmente eram outros refugiados. Entrou, mas não havia mais a alegre balbúrdia de antes. As pessoas estavam sentadas às mesas com os copos vazios. Algumas jogavam baralho. Viu alguns velhos conhecidos: Domenico, o barbeiro, Curzio Turrisi, Armando Caradonna e Ninì Trovato, o pregoeiro da prefeitura, que, ao reconhecê-lo, foi a seu encontro de braços abertos.

— Saro! *Saruzzo beddu*! — Ninì abraçou-o com emoção sincera.

Depois o fitou e admirou o uniforme:

— Você virou americano? — perguntou ingenuamente.

— Desembarquei com os aliados.

Um grupo se formou ao redor de Saro. Agora todos queriam cumprimentá-lo, até quem não o conhecia.

— Você chegou com os "salvadores"? — perguntou-lhe, incrédulo, Curzio Turrisi.

— É, com os "salvadores", como você diz, Curzio.

— Mas venha, tome um copo com a gente. Você é nosso convidado. — Ninì o empurrou para o balcão da taberna.

— Sinto muito, mas esta rodada é por minha conta. — O taberneiro pôs no balcão os copos e começou a enchê-los.

Ninì percebeu o olhar triste do jovem.

— Mimmo foi levado pela milícia e pelas SS junto com a sua família. Aquele dia foi uma tragédia...

Saro abaixou a cabeça.

— O doutor Ragusa não merecia o que fizeram com ele — interveio Curzio.

— Mas não devemos pensar no pior. Precisamos ser otimistas — disse o barbeiro Domenico.

O taberneiro se afastou e Saro, erguendo a vista, viu atrás dele uma linda pintura, feita diretamente na pedra nua da cantina. Representava Salemi e a paisagem ao redor da cidade. As cores, o estilo e o enquadramento preciso trouxeram à sua lembrança uma pintura muito parecida que tinha visto no La Tonnara, o restaurante de Betty, a sobrinha do príncipe Ferdinando Licata.

— Antes não havia essa pintura aqui. Curzio, foi seu irmão que fez? Salvatore Turrisi voltou? — perguntou Saro.

— Há anos Salvatore não dá notícias. Por que você perguntou se ele voltou? — quis saber Curzio.

— Porque em Nova York, num restaurante, há uma pintura semelhante, ou melhor, eu diria que é igual. A proprietária é Elisabetta, a sobrinha do príncipe Licata. Ela me falou que foi seu irmão Salvatore Turrisi que fez.

— Ela disse como ele estava? — perguntou Curzio, perturbado.

— Na verdade, não. Mas pelo visto estava bem...

— Essa pintura foi feita pelo Ciccio Vinciguerra — explicou o taberneiro. — Ele a ofereceu de graça. Dei de comer a ele durante o tempo que levou para pintar. É um bom homem. Nunca fala.

— *U pisci* — disse Saro. — Mas eu não sabia que ele pintava tão bem.

Os velhos amigos beberam o vinho do novo taberneiro, lembrando a generosidade de Mimmo, e a memória recuou para todos os que jamais voltariam. Depois Saro se despediu, resolvido a ir até o Comando, em Palermo.

Ainda na praça, notou que os muros do castelo tinham sido poupados pelos bombardeios. Levantou os olhos e viu a guarita no alto do paredão. A torre também permanecia inteira. Aquela torre estava ligada a uma das lembranças mais belas de sua vida. Decidiu subir até o alto dos muros.

Entrou pelo portão do edifício. Desceu para o porão e percorreu o longo túnel que unia o palácio às prisões do castelo. Dessa vez tinha um farolete. Ainda lembrava com ternura como Mena receara segui-lo. Subiu para o passadiço onde começava a longa escada em espiral, que ia dar na guarita dos muros. Ali recordou, emocionado, o instante em que abraçara a cintura da jovem, com a desculpa de protegê-la do vazio. Seus olhos verdes faiscantes tinham despertado a paixão imediata de Saro. Aquela noite dos fogos de artifício foi inesquecível. A sensação do amor nascendo é indescritível.

Do alto dos muros, Saro correu os olhos pelos vales verdejantes de Salemi. Viu a retícula dos campos cultivados, a destruição dos casebres abandonados, a

vida que aos poucos voltava a florescer... decidiu ir embora, girou sobre si e dois olhos verdes encontraram os seus.

Por uma janela de sua casa nova na praça do castelo, Mena vira Saro chegando de jipe. Ao revê-lo, fora tomada por ondas de recordações. Precisava encontrá-lo. Queria que Saro soubesse da *sua* verdade.

Viu quando ele entrou na taberna. Quando saiu, ela entendeu para onde ele iria. Agora, olhos nos olhos, queria se afundar na terra para não ter que enfrentar o ressentimento dele.

— Mena... — murmurou Saro num fio de voz. Foi um golpe vê-la em sua frente.

Mena tinha se preparado para aquele encontro. Vestira um novo conjunto estampado de flores, com a saia curta acima do joelho. Uma raridade naqueles tempos, mas Jano não deixava lhe faltar nada.

— Olá, Saro — respondeu ela com o peito abalado pela emoção.

— Não imaginei encontrá-la aqui...

— Desde aquele dia nunca mais voltei aqui... Preciso falar com você — disse, baixando o olhar.

— Mena, mas o que aconteceu? Por que nunca respondeu às minhas cartas? Tínhamos feito uma promessa.

— Senti sua falta. Sua partida foi uma tragédia. Desde que você foi embora, os camisas-negras dominaram a cidade como tiranos.

— Nenhuma carta... você jamais me respondeu.

— Nunca recebi nada de você, Saro... eu juro. Aliás, pensei que você tivesse se apaixonado por outra mulher.

— Nós prometemos nos esperar. Não se lembra? — repetiu Saro.

— Sim, mas as coisas mudam. Nós mudamos. O que eu podia fazer? Não me crucifique você também!

O rumo que seu destino tomara havia transformado profundamente o caráter de Mena.

— Como você pôde aceitar um compromisso desse tipo!

— Saro... — Mena gostaria de gritar seu amor, mas estava ligada a outro homem e sua honra a impedia de trair o marido legítimo.

— Como pôde se casar com um ser tão desprezível! — Saro estava indignado, mas gostaria de abraçá-la com força e oferecer seu perdão.

— Você não pode me entender. Você estava longe. Talvez nunca voltasse, como fizeram tantos homens nossos. Eu não tinha notícias suas.

— Mas eu te escrevi... Já entendi. Foi Jano quem interceptou as minhas

cartas. Mesmo assim não era razão para se unir a um torturador sádico.

— É o pai do meu filho.

— Não quero ouvir isso. Somos um do outro. Não devia haver mais ninguém — exclamou Saro.

Mena começou a chorar.

— Minha vida terminou na noite em que você fugiu.

— Como pôde se unir a Jano?

— Ele disse que ia tomar tudo de nós, a terra, a fazenda... Fiz isso pela minha mãe e meus irmãos...

— É difícil sentir compaixão por alguém como você!

Mena não aguentou aquela injúria. Enxugou os olhos, virou-se e desapareceu no escuro das escadas.

O sargento Charles Dickey do FBI não tinha mais nada a fazer na Sicília. Sua missão terminara com a morte de Roy Boccia, a principal testemunha de acusação contra Saro Ragusa.

Estava pronto para partir e voltar a Nova York no primeiro avião disponível. Todos os dias, havia pelo menos um avião de regresso aos Estados Unidos. Já se despedira de Donovan e Scamporino, e não via a hora de abraçar sua família outra vez. Dickey, embora um jovem de apenas vinte e cinco anos, tinha mulher e dois filhos à sua espera.

Enquanto arrumava sua mochila militar, alguém bateu à porta de seu quarto. Foi abrir e viu à sua frente Jano Vassallo.

Jano pediu para entrar, precisava falar com ele com urgência. Dickey o fez entrar no modesto quarto do hotel de Palermo que o OSS re quisitara como quartel-general.

O sargento conhecia Jano, pois o vira mais de uma vez escoltando Calogero Vizzini em seus deslocamentos de um feudo a outro. Abriu uma garrafa de uísque e serviu dois copos. Jano bebeu e se sentou na única cadeira do quarto, enquanto o sargento se acomodou na beirada da cama estreita.

— Eu sei que o senhor veio prender Saro Ragusa por um homicídio que ele cometeu na América. E que vai voltar para casa de mãos vazias — começou sem preâmbulos.

— A principal testemunha contra ele foi assassinada no cárcere. Não há mais como acusá-lo — respondeu o sargento, entristecido. — Agora ele está livre.

— Posso lhe fornecer as provas de alguns crimes que Saro Ragusa está cometendo por trás do Exército americano — disse Jano secamente.

— Por exemplo?

— Ele é um dos principais organizadores do mercado negro. Ele manda desviar caminhões com tambores de gasolina, autopeças e alimentos, que depois revende no mercado negro. Suborna motoristas e almoxarifes. Pôs as mãos também no depósito de medicamentos e narcóticos.

— Nós sabemos que alguém está roubando. Mas, quando pomos as mãos neles, são sempre pequenos malandros. Até hoje, nunca capturamos os que controlam o comércio no atacado.

— Saro Ragusa é um deles. Posso conseguir que o prenda em flagrante. Depois caberá ao senhor fazê-lo confessar quem são os cabeças da organização. Garanto-lhe que vai se espantar — prometeu Jano.

— O que você quer em troca? Todo italiano, quando presta um favor, sempre quer alguma coisa — provocou o sargento.

Jano sentiu-se atingido em seu amor-próprio, mas não podia se comportar como um cidadão íntegro bem agora. Sim, era verdade, queria algo em troca.

— Um favor pelo outro, sargento Dickey. Eu lhe entrego Saro Ragusa numa bandeja de prata, e assim o senhor poderá ter a satisfação de jogá-lo numa cela pelo resto de seus dias... e em troca eu lhe peço que faça justiça sobre um certo príncipe Ferdinando Licata, que há quatro anos fugiu para a América. Em 1920, o príncipe foi cúmplice de um duplo homicídio.

— Um duplo homicídio cometido há vinte e três anos... — repetiu o sargento do FBI. — Não lhe parece tarde demais para pedir justiça?

— Ele mandou Rosario Losurdo, um administrador funcionário dele, matar o marquês Pietro Bellarato e outra pessoa que não foi possível identificar.

— Portanto, o senhor me oferece Saro Ragusa em flagrante roubando nossos materiais e eu, nos Estados Unidos, devo prender esse príncipe Licata e o... como vocês dizem?... administrador dele, Rosario Losurdo, por um duplo homicídio cometido há vinte e três anos...

— Losurdo está morto. Quero apenas o príncipe Licata.

— Realmente vocês, sicilianos, são um povo que jamais esquece. E posso perguntar o motivo de tamanho ódio?

— O príncipe Licata ordenou o massacre de minha família. Quando meus pais foram trucidados, eu era só uma criança. Me salvei porque me escondi debaixo da cama, mas vi tudo. Essas imagens ficaram marcadas a fogo na minha memória. Massacraram dois irmãos meus e dois tios, mas nunca conseguiram

pegar meu pai: o bandoleiro Vassallo. Encontraram as armas escondidas na fazenda de Rosario Losurdo. Ninguém jamais pagou por esse massacre. Mas eu nunca vou esquecer, até o dia da minha morte. É por isso que peço vingança ou justiça, como quiser.

— Está bem. Se esse príncipe Licata vive agora nos Estados Unidos, será bom livrar-se dele, em vista do que é capaz.

Para selar o acordo, os dois trocaram um aperto de mãos.

O sargento Charles Dickey, antes de começar a providenciar a extradição do príncipe Ferdinando Licata, conduziu uma investigação pessoal para apurar a verdade dos fatos. Ouviu as testemunhas ainda vivas. Em primeiro lugar, interrogou Curzio Turrisi, que tinha sido o principal acusador do bandoleiro Vassallo, apontando-o como o assassino do marquês Bellarato. Na verdade, Curzio Turrisi lhe confidenciou que teve de dar aquele nome para escapar à "caixinha". Os torturadores queriam que ele denunciasse Vassallo, porque o bandoleiro era a única prova do envolvimento do príncipe Licata na história.

O sargento dos carabineiros, Mattia Montalto, confirmou em linhas gerais o relato de Curzio Turrisi, embora pessoalmente não acreditasse que o príncipe Licata chegaria a ordenar a morte de um homem por uma disputa de terra. Disse ao sargento que todos na cidade o chamavam de *u patri*, pela compaixão que ele sentia pelos pobres e camponeses. Mas, para o sargento Dickey, as opiniões não tinham valor de prova.

Outras testemunhas confirmaram aqueles fatos. No final da breve investigação, Dickey decidiu solicitar à Procuradoria de Nova York a extradição do príncipe como mandante do homicídio do marquês Pietro Bellarato, ocorrido em 1920, e pelo posterior massacre de Borgo Guarine, realizado na tentativa de capturar o bandoleiro Gaetano Vassallo.

Enquanto o sargento Dickey tentava colher provas da culpa de Ferdinando Licata, Saro Ragusa organizava a "transferência" das mercadorias dos armazéns das Forças Armadas para os de dom Calò.

Naqueles meses tumultuados, no caos de uma guerra de desfecho ainda incerto, empenhados em reforçar as posições conquistadas e organizar os planos para o avanço progressivo em direção ao norte da Itália, os americanos não

controlavam fiscalmente o destino dos gêneros alimentícios. Não se preocupavam com a identidade dos destinatários, pois para eles bastava matar a fome da população. Como isso se dava, não era problema deles. Os próprios oficiais achavam mais conveniente dividir os lucros com as organizações mafiosas do que enfrentá-las.

Metade das provisões ia para entidades assistenciais, enquanto a outra metade tomava o caminho dos mercados negros de várias cidades, não apenas as sicilianas.

Saro estava de olho numa carga de tambores de óleo de tração, empilhados nas redondezas dos campos de Salemi. Depois de fornecer documentos falsos a dois motoristas canadenses, combinou com eles o transporte do óleo até uma fazenda perto de Villalba. Prometera aos canadenses um pouco de dinheiro, mas principalmente a companhia de duas prostitutas.

Ao amanhecer do dia seguinte, iriam carregar os caminhões e sairiam imediatamente para Villalba.

Mas Saro não sabia que um dos motoristas, Robert Miles, já havia sido contatado por Jano Vassallo, que lhe prometera o dobro do que lhe pagariam os mafiosos para contrabandear os tambores de óleo. Assim, pontualmente, o canadense informou a Jano que Saro o encarregara de transportar aqueles tambores para Villalba.

Era o que Jano esperava fazia algumas semanas. Chamou o sargento Dickey à sua casa, longe dos olhos indiscretos, e avisou que o transporte sairia no dia seguinte ao amanhecer. Era a prova que esperavam: Saro Ragusa passaria os próximos vinte anos numa prisão de segurança máxima.

# 58. Rixas de família

Mena, escondida atrás de uma porta, ouviu a conversa entre Jano e o sargento Dickey. Assim que os dois saíram da casa, a jovem decidiu procurar Saro. Disse à criada Nennella para dar o jantar ao menino. Ela tinha uns compromissos na cidade, mas voltaria o quanto antes. Se Jano chegasse nesse ínterim, devia dizer a ele que ela tinha ido levar leite para a mãe.

Ocultou o rosto num longo xale negro e saiu em direção à pensão onde sabia que Saro estava hospedado.

O porteiro ficou surpreso ao vê-la ali. Ela o cumprimentou e pediu o número do quarto de Saro. Subindo as escadas, cruzou com um militar abraçado a uma moça da cidade. As duas, ao se cruzarem, abaixaram a cabeça para não ser reconhecidas. Mena sabia que aquela visita seria fatal para a sua reputação. Bateu à porta e entrou. Saro deu um salto da cama ao vê-la. Ela ficou parada um instante na soleira, depois fechou a porta atrás de si e se jogou nos braços dele. Os dois jovens se abraçaram intensamente, permanecendo assim por longos minutos.

Quantas vezes Saro, na solidão das noites de Nova York, sonhara com aquele encontro! Tentou encostar seus lábios nos da jovem, mas ela se esquivou ao beijo e se soltou do abraço.

— Saro... me perdoe... não quero criar falsas expectativas. — Ela não conseguia encontrar as palavras certas. — Não estou aqui por nós. Agora há pouco Jano encontrou aquele sargento Dickey. Eles estão a par do transporte de óleo de amanhã cedo. Estão preparando uma armadilha para você.

Saro tinha a alma tumultuada. Não entendia a escolha de Mena. Aproximou-se dela e segurou seus pulsos.

— Mena, eu te amo, te amo como quando nos deixamos... mas por quê... por quê! — Ele apertava os braços dela e a machucava.

Então Mena desmoronou. Nunca revelara a ninguém o seu terrível

segredo.

— Eu também nunca deixei de amar você. Mas precisa me jurar que o que eu vou te dizer agora não mudará nosso destino.

— Está bem, prometo.

Mena reuniu os pensamentos dispersos e escolheu as palavras certas para não desencadear a ira de Saro.

— Numa noite em que eu estava mais triste do que nunca, por causa da sua ausência, Jano veio me visitar na fazenda, escondido dos meus pais... Enfim... eu estava arrasada com a sua ausência... com a morte do meu pai... estava indefesa... tentei repelir... mas ele me pegou à força... Para reparar a desonra, permiti que se casasse comigo.

Saro, arrasado com a revelação, abraçou desesperadamente Mena.

— Precisamos enterrar nossos sentimentos, porque eles não têm futuro — continuou Mena, desesperada. — Se você me ama como diz, pelo menos não vai me desonrar... Saro, meu amor... adeus.

Ao amanhecer, Saro mandou carregar os tambores de óleo na carroceria dos dois caminhões. Entregou os documentos de transporte ao primeiro motorista canadense, Robert Miles, dizendo que iria esperá-los na fazenda de Villalba, onde os tambores seriam descarregados.

Os dois caminhões partiram para o destino indicado, mas logo antes de Palermo, no entroncamento de Cristina, o comboio recebeu ordens de parar.

O bloqueio tinha sido organizado pelo sargento Dickey, com a assistência de Jano e mais dois policiais militares. Um simples cavalete atravessado na estrada deteve o primeiro caminhão, dirigido por Robert Miles.

O sargento do FBI se aproximou e pediu os documentos do frete.

— Para onde você está indo?

— Tenho de descarregar estes tambores numa fazenda de Villalba — respondeu o motorista com indiferença.

O sargento deu uma olhada nos papéis, mas sabia que não encontraria nenhuma irregularidade.

— Vamos escoltá-los. Quero ver quem vai receber esta carga de óleo.

Atrás dele, Jano se regozijava. Finalmente Saro ia cair na armadilha.

O sargento subiu na carroceria para verificar os tambores. Bateu no metal com a coronha do revólver, mas, ao invés de um som surdo, propagou-se uma espécie de eco prolongado. Bateu também nos outros tambores e todos

responderam com o mesmo som oco. Então chamou o motorista e mandou que abrisse um.

Ele obedeceu e o sargento constatou que todos os tambores estavam vazios. Os do outro caminhão também. O Exército americano estava passeando pela Sicília com vinte tambores de óleo vazios! O sargento ficou roxo de raiva. Gritou com Jano, dizendo que ele não zombaria dele impunemente e que ia pagar por aquilo. Queria ir a fundo na questão. Disse a Jano que o acompanhasse até o local indicado no documento de transporte. E ordenou que o motorista prosseguisse com sua missão.

A bordo do jipe, Dickey, Jano e os outros dois policiais militares rumaram para Villalba, percorrendo os cento e vinte quilômetros de estrada pela montanha em tempo recorde. Quando chegaram a seu destino, informaram-se onde ficava a fazenda Caprile.

Jano temia ser reconhecido pelos homens de dom Calò. Pediu para ficar escondido. E, para grande surpresa do sargento e dos dois policiais militares, que não conseguiam entender certas manias dos italianos, se enfiou embaixo do banco.

A fazenda estava deserta. A casa estava abandonada fazia algum tempo. As pessoas tinham retirado todos os objetos e móveis que podiam ser transportados. Dickey e seus homens inspecionaram os arredores, e um dos policiais, no vinhedo abandonado, encontrou algo que surpreendeu os três militares: nos campos estavam espalhadas as carcaças de uns vinte caminhões, calcinadas pelo sol. Evidentemente, os veículos tinham sido descarregados, escondidos entre as fileiras do vinhedo, embebidos em gasolina, incendiados e abandonados à sua sorte.

Com base nessa descoberta e no depoimento dos dois motoristas canadenses, que declararam ter sido Saro Ragusa a carregar os tambores vazios, ordenando que os levassem até a fazenda de Villalba, o sargento obteve um novo mandado de prisão contra Saro.

Naturalmente a inspeção dos militares americanos, conduzidos por um sujeito infame escondido no jipe, não passou despercebida aos olhos sempre vigilantes dos homens de dom Calò. O velho chefe da máfia ficou a par do que estava se passando na fazenda Caprile.

— Descubram quem é o desgraçado — determinou *zu Calò*.

Mais tarde Jano voltou para casa. Ao ver Mena, entendeu quem teria

contado a Saro sobre a cilada. Sem sequer pedir explicações, deu-lhe uma bofetada. Nennella correu em sua ajuda, como sempre fazia quando os dois brigavam e Jano erguia a mão contra a esposa.

— Pare! Não toque nela!

— Nennella, não se meta — bradou o homem, arfando de cólera. — Ela precisa aprender a ficar de boca fechada.

Jano se dirigiu a Mena, que tinha se refugiado nos braços da fiel empregada.

— Foi você que avisou seu amante, não foi? — berrou, assustando-a mortalmente.

— Ela não tem nenhum amante! Você tem um buraco no lugar do cérebro! — Era incrível como Nennella conseguia enfrentá-lo, sem medo de sua violência.

Na porta do quarto apareceu o filhinho chorando, assustado com os gritos do pai. Mena se desprendeu dos braços de Nennella e correu para acalmar o menino.

— Rosario... não chore... Venha, meu amor... — Pegou a criança no colo. — Está vendo? Não aconteceu nada...

Aproximou-se do marido.

— Olhe, o papai vai brincar de cavalinho com você... Pegue-o, Jano.

Jano foi obrigado a pegá-lo e, com uma virada, pôs o menino nos ombros. O menino passou das lágrimas ao riso. Mena batia palmas para disfarçar a angústia que tinha no coração...

Levando a ordem de prisão contra Saro, o sargento Dickey foi buscá-lo no campo de Salemi, onde se encontrava um destacamento do OSS. Mas, diante da voz de prisão, Saro apresentou uma série de atestados de benemerência e um salvo-conduto especial do Comando Geral americano, que o credenciava junto aos outros comandos aliados e aos gabinetes do governo militar provisório na Sicília. Dickey, apesar de haver insistido com os supremos escalões militares para que Saro Ragusa fosse preso, não tinha provas concretas de que o homem estava envolvido em alguma ilegalidade. A única acusação contra ele era ter remetido tambores vazios a uma fazenda onde havia alguns caminhões queimados. Isso não provava nada.

As exigências bélicas necessitavam dos serviços daquele elemento (pessoa) que em mais de uma ocasião revelara-se precioso para a guerra. Por fim, Dickey

foi obrigado a se render mais uma vez.

Enquanto isso, depois de um debate acalorado, a Procuradoria de Nova York determinou a extradição do príncipe Ferdinando Licata. Na verdade, alguns juízes foram contrários ao pedido de Dickey. Consideravam que não era oportuno, num momento daqueles, com operações de guerra em andamento na Itália central, desenterrar fatos de mais de vinte anos atrás. Os Estados Unidos não deviam se imiscuir naquelas "brigas entre conterrâneos", como disseram os magistrados. Mas no final decidiram que era melhor não se opor ao FBI. O sargento Dickey realizaria sua investigação e depois decidiriam o que fazer.

O único testemunho direto que indicava Ferdinando Licata como mandante da morte de Bellarato era o assinado por Prospero Abbate diante do procurador do Reino, o advogado Tommaso Amato de Marsala.

Habilmente, Jano conduziu o sargento para o caminho que ele mesmo tinha traçado anos antes. Por sorte, ambos ainda estavam vivos. O procurador havia se aposentado, para se dedicar a seus amados estudos botânicos. Prospero, por sua vez, e como os outros companheiros camisas-negras, conseguira se esconder no momento oportuno e escapar do caminho da República Social.

O ex-procurador admitiu honestamente ao sargento Dickey que a confissão de Prospero Abbate lhe parecera falsa desde o primeiro instante. Dickey agradeceu a franqueza, pediu os documentos da confissão e os estudou com atenção, palavra por palavra. O advogado Amato tinha razão: parecia uma lição decorada.

Estava decidido a arquivar o caso. Mesmo para um mastim como ele, era um assunto datado demais. Dificilmente encontraria provas fidedignas depois de tanto tempo. Além do mais, como disse a Jano, este também não cumprira sua palavra. Deveria lhe entregar Saro numa bandeja de prata, mas ele enganara ambos.

Jano, porém, tinha um trunfo na manga. Uma testemunha ocular que nunca quis aparecer, mas que ele convenceria a testemunhar. Dickey lhe concedeu essa última oportunidade.

Depois dos esclarecimentos com Mena, Saro não conseguia se conformar que ela tivesse cedido com tanta facilidade àquele ser desprezível. Conhecia o

profundo senso de honra que a jovem trazia no sangue. Remontava à dignidade do pai e ao senso de pudor da mãe. Na última vez em que tinham se encontrado, ela suplicara que ele a respeitasse... "Pelo menos você", disse sinceramente. Saro não conseguia deixar de pensar nela. Com as desculpas mais banais, tentava sempre passar perto da casa dela. Uma tarde, viu Mena voltando com duas grandes sacolas de verdura, e o menino agarrado à sua saia. Ele tropeçou num buraco e, caindo, começou a chorar.

— Saruzzo, olhe onde põe os pés — repreendeu a mãe.

Ela pousou uma das sacolas na calçada e pegou a criança no colo.

— Vamos, não chore... Olhe a Nennella...

Nennella pegou o menino de seus braços e logo ele se acalmou.

— Rosariuzzo, Nennella te preparou um docinho que vai te fazer lamber os beicinhos... — A mulher riu e o menino riu com ela.

Enquanto isso, Mena pegou a segunda sacola do chão, deu uma corridinha para alcançar a criada e o menino, e juntos sumiram no portãozinho da casa.

Saro entrou na taberna e perguntou com falsa indiferença:

— Como se chama o menino de Mena?

— Rosario, Saruzzo — responderam em coro os poucos clientes que estavam na taberna àquela hora.

Foi um golpe no coração. Um raio na cabeça. Mena jamais mentira, era verdade, só amava a ele... amava tanto que confundira Jano dando ao filho o nome não do avô, como era evidente, mas o de seu primeiro amor, ele!

Dickey, para dar uma aparência de legalidade aos depoimentos e, ao mesmo tempo, incutir responsabilidade nas testemunhas com a presença de juízes militares autênticos, obteve a colaboração de dois magistrados americanos. No grande salão da prefeitura, onde antes exibiam-se os filmes, mandou instalar duas cátedras da escola primária, onde os juízes tomaram assento.

Quis que todos os cidadãos de Salemi presenciassem o interrogatório. Se alguém se lembrasse de algum fato daquele distante homicídio, podia intervir e dizer o que sabia.

A testemunha, a surpresa de Jano, era Nunzio, o filho de Manfredi, um dos chefes dos capatazes de Rosario Losurdo.

Na época em que os fatos ocorreram, Nunzio tinha vinte anos. Nunca quisera falar para não se envolver naquele caso sórdido. Mas agora, como

pretendiam elucidar o crime do marquês Bellarato, decidira se apresentar. Essa foi a versão que Jano comunicou a todo o auditório. Na verdade, Nunzio estava prestando um favor pessoal a Jano, e a ele não se podia dizer não.

Quando ele entrou no salão, algumas vozes do fundo gritaram "fascista". Para dar solenidade ainda maior à confissão, Dickey fez a testemunha jurar sobre uma Bíblia, coisa que todos consideraram uma extravagância do investigador. Nunzio parou no centro da sala, diante dos dois oficiais e de costas para o auditório, e começou a responder às perguntas do sargento.

Em síntese, declarou que no dia do assassinato do marquês Pietro Bellarato ele estava nas imediações do palácio do marquês. De repente viu Rosario Losurdo sair correndo pela porta secundária da casa do marquês. Notou porque Rosario estava transtornado, com as roupas e as mãos sujas de sangue. Comportava-se como alguém que acabava de cometer um assassinato. Viu-o afastar-se correndo, e minutos depois explodiu o incêndio. Não se lembrava de mais nada.

Prospero Abbate também foi ouvido novamente, e repetiu o depoimento prestado ao procurador de Marsala anos antes. Sua confissão impressionou a audiência, que soltou um murmúrio veemente quando ele descreveu a morte do marquês com uma profusão de detalhes. Falou de Losurdo, que tentara convencer o marquês a retirar a opção pelo feudo, depois falou de novo de quando Losurdo pegou o atiçador e golpeou repetidamente a cabeça do marquês. Prospero foi bem minucioso ao descrever os jorros de sangue que atingiram o assassino, o qual tentou limpar o melhor que pôde o rosto e as mãos nas roupas. Então relatou a fuga de Losurdo depois de incendiar a mobília da casa. Ele, Prospero, estava assustado atrás de uma cortina. Naquela época tinha apenas onze anos. Esperou Losurdo sair para fugir também...

— Mas encontraram um segundo cadáver — insistiu Dickey. — Você viu uma segunda pessoa no palácio?

Prospero abanou a cabeça numa negativa. Sempre acreditou que Nicola Geraci, o outro cadáver, fora levado posteriormente pelo príncipe Licata ao palácio, que ardia em chamas. Isso porque Nicola Geraci era inimigo do príncipe, que também estava envolvido na compra dos feudos.

O sargento estava satisfeito com os dois testemunhos. Os dois juízes militares trocaram um olhar, como que dizendo que o caso era claro até demais.

No salão estavam o monsenhor Albamonte e seu pároco, dom Mario, Ninì Trovato, sua mulher Tina, Curzio Turrisi, sua mulher Vincenza e seu filho

Biagio, Jano, Nunzio e todo o grupo de fascistas de combate, que logo antes do desembarque conseguiram renegar o fascismo e se misturar aos antifascistas da cidade. Apenas Ginetto não estava lá. Alguém atirara nele pelas costas um pouco antes da chegada dos americanos. Também estavam Mena e Nennella, que segurava Rosario como se fosse seu filho. No fundo da sala estava Saro. Enfim, a maioria dos cidadãos de Salemi estava presente ao julgamento, ou, melhor, o que restava deles.

O sargento se dirigiu ao público e declarou em tom grave:

— Com base nesses depoimentos, eu acuso o príncipe Ferdinando Licata, que logo será extraditado dos Estados Unidos, pelos assassinatos do marquês Pietro Bellarato e de Nicola Geraci, ocorridos em 1920.

Se na assembleia houvesse alguém que desejasse acrescentar outros detalhes, pedia-se que se apresentasse.

Na sala baixou um silêncio irreal. Ninguém ousava respirar para não romper aquela atmosfera tão carregada de tensão. Depois, entre as últimas fileiras, alguém ergueu a mão. Todos se voltaram e viram Tosco se levantar, o empregado do marquês Bellarato. O homem avançou até o centro da sala, parando diante das duas cátedras e do sargento que o esperava de pé, ao lado dos juízes militares.

— Quem é você? — perguntou Dickey.

Com grande dignidade, declarou seu nome:

— Eu me chamo Tosco Bellarato.

Um dos dois juízes escreveu seu nome numa folha.

— Você é parente do marquês? — indagou o sargento.

— Sou meio-irmão. O pai dele era meu pai natural. — Olhou os dois juízes, que, impassíveis, anotavam suas declarações.

Ao vê-lo avançar para o centro da sala, uma pessoa entre o povo de Salemi teve um sobressalto: Nunzio.

— O senhor morava com o seu meio-irmão? — continuou Dickey.

— Eu era o criado e o escárnio dele.

Os americanos não entenderam o sentido da expressão, enquanto toda a cidade sabia a que o pobre Tosco se referia.

— Explique melhor — insistiu Dickey.

— Ele fazia de mim o que queria. Eu também era o amante dele, que fique claro.

Aquelas palavras caíram como um machado na cabeça dos estrangeiros. Tosco prosseguiu:

— Hoje um monte de mentiras foram ditas aqui. Alguém declarou que viu Losurdo fugir ensanguentado do palácio. É falso.

— Tosco, que vergonha! Vá para casa!

Todos se voltaram para Nunzio, que, fora de si, bradara aquelas palavras. Mas Tosco continuou imperturbável:

— Não sou eu que tenho que me envergonhar. A natureza me fez assim. A partir de agora, é outra pessoa que deve se envergonhar! — Apontou o dedo para Nunzio. — Ele cometeu perjúrio. Não tinha como ver Losurdo fugir, porque estava na cama comigo no dia do incêndio.

Aquelas palavras tiveram o efeito de uma bomba. Os presentes começaram a gritar, a brigar entre si, a lançar injúrias contra Tosco e contra Nunzio. Este tentou alcançar a saída, mas, a uma ordem seca do sargento, os dois policiais militares o alcançaram e o detiveram.

Num segundo, o sargento e Jano viram o processo desmoronar. Quando se restabeleceu a calma no salão, o sargento perguntou a Tosco se era possível ouvir, de seu quarto, o que acontecia no aposento onde estava o marquês na hora em que foi assassinado. Tosco negou e declarou que não se podia ouvir nada.

Em seguida o sargento dirigiu-se a Nunzio:

— Você nega conhecer... digamos, intimamente esse homem?

Nunzio afundou a cabeça entre os ombros.

Jano não acreditava nos próprios ouvidos.

— Veado — murmurou.

Naquele ínterim, ergueu-se outra mão, agora no centro do auditório. Mais uma vez todos se viraram para a nova testemunha.

Um nome ecoou na sala para o espanto de todos: *U Pisci*. Ciccio Vinciguerra, o homem que chegara a Salemi fazia uns dez anos, vindo ninguém sabia de onde, avançou entre as pessoas que lhe abriam passagem.

— Quem matou o marquês Bellarato foi... Salvatore Turrisi — disse o homem com uma voz grave que poucos naquela sala já tinham ouvido antes.

— É uma acusação grave que o senhor está fazendo — disse-lhe Dickey. — Mas quem é Turrisi?

Dessa vez quem se levantou foi Curzio Turrisi.

— Sou o irmão mais velho de Salvatore e me chamo Curzio Turrisi. Salvatore desapareceu na época do assassinato, e nunca mais ninguém o viu. Todos nós pensamos que ele tivesse emigrado para a América.

O sargento se dirigiu novamente ao barbudo Ciccio Vinciguerra.

— Por que o senhor tem certeza de que Salvatore Turrisi matou o marquês e Nicola Geraci?

— Porque ele mesmo me disse.

— E onde ele está?

— Eu o encontrei há uns dez anos em Nova York. Depois voltei para a Sicília e não soube mais dele.

— E o que ele lhe contou?

— Salvatore estava furioso com o marquês porque Bellarato jogou sobre ele a culpa pelo estupro e morte de um pequeno pastor, obrigando-o a fugir para a mata e se juntar ao bando de Vassallo. Mas foi o marquês mesmo quem violentou o pastorzinho e que, num impulso, o matou. Salvatore, porém, não nasceu para ser bandido, ele era um bom capataz, isso sim. Um dia Rosario Losurdo foi até o bandoleiro Vassallo. O administrador do príncipe Licata pediu que Vassallo roubasse o gado do marquês. Queria apenas chantageá-lo: se o marquês desistisse do feudo Baucina, a manada seria devolvida a ele. Do contrário, todo o gado ia ser degolado. Foi então que Salvatore Turrisi concebeu o plano de matar o marquês. Seria fácil fazer a culpa recair em Losurdo... E, de fato, foi o que aconteceu. Mas Salvatore contou que houve um imprevisto: o incêndio acidental no palácio. Na hora em que ele ia fugir, quando abriu a porta, as chamas se alastraram com mais força e avançaram sobre a mobília de madeira, mas principalmente sobre as cortinas grossas. Foi uma verdadeira surpresa quando ele descobriu que Nicola Geraci estava escondido atrás das cortinas. Geraci era o representante da liga socialista A Agrícola. Aquele verme nojento devia estar fazendo jogo duplo, porque era socialista e o marquês era notoriamente alérgico a qualquer político vermelho. Claro que o dinheiro acaba com qualquer diferença entre as ideologias. Na prática, os dois fizeram um acordo para pôr as mãos no feudo Baucina, que depois dividiriam entre si. Em resumo, Geraci foi cercado pelas chamas e Salvatore me disse que não conseguiu ajudá-lo. Ele o viu morrer entre espasmos indescritíveis. Naquele instante, Turrisi percebeu que estava ali uma ocasião única para o seu futuro: se identificassem aquele cadáver enegrecido e irreconhecível como sendo dele, ninguém iria procurá-lo. E, principalmente, ele poderia se livrar de Vassallo e de seu bando. A ação foi mais rápida do que o pensamento. Ele arrancou do pescoço sua medalhinha de alumínio com são Cristóvão e jogou-a em cima do cadáver... A morte de Nicola Geraci foi, portanto, acidental. Senti-me no dever de contar a verdade porque duas pessoas estavam para ser acusadas injustamente, e quem me deu esta coragem foi

Tosco!

Mais uma vez estourou um enorme pandemônio na sala. A revelação de Ciccio Vinciguerra tinha perturbado o espírito de todos. Curzio Turrisi, encolhido na cadeira, chorava como uma criança com a cabeça entre as mãos. A mulher tentava em vão consolá-lo.

No meio da confusão, Ciccio Vinciguerra dirigiu-se a Jano. Com voz grave chamou sua atenção:

— Jano! Tenho uma verdade para você também... Você se lembra de Michele Fardella? Eu estava lá quando ele foi capturado e executado pelos antifascistas, junto com Lorenzo Costa. Antes de morrer ele quis tirar uma verdadeira rocha que pesou durante anos em sua consciência. Ele me confessou que o massacre de Borgo Guarine foi cometido pelos guardas reais comandados por Costa. Jano, durante todos esses anos você obedeceu ao homem que matou seus irmãos e seus tios.

Essa revelação teve um impacto ensurdecedor sobre os moradores de Salemi. Era difícil aceitar as palavras de Vinciguerra. Jano estava totalmente aturdido.

Saro aproveitou esse momento de alvoroço para se aproximar de Mena.

— Mena, preciso falar com você — disse tomando sua mão.

— Não aqui, Saro... não agora... você está louco — respondeu, amedrontada, tentando se desvencilhar dele.

— Aqui e agora.

Saro dirigiu um olhar eloquente a Nennella. A criada, sempre com presença de espírito, tinha pegado o menino no colo, como que para defendê-lo das vozes excitadas das pessoas:

— Vou sair. Espero você lá fora com Saruzzo — disse a Mena.

Saro, segurando firme a mão de Mena, levou-a a um dos escritórios que davam para o salão central. Fechou a porta, deixando do outro lado o vozerio atropelado do povo de Salemi.

— Preciso saber a verdade... Você deu meu nome a seu filho? — perguntou Saro em voz baixa.

Os maravilhosos olhos normandos de Mena se encheram de lágrimas. Por noites e noites inteiras, havia sonhado em abraçar novamente seu amado, mas, para não desonrar o marido, sempre afastara aquele pensamento. Agora, porém, ali estava ele perguntando sobre Saruzzo... Mena finalmente desabou e deu

vazão às lágrimas. Abraçou Saro num impulso e beijou-o na boca com toda a paixão reprimida em todos aqueles quatro longos anos. Perdera qualquer pudor, precisava lhe dizer o quanto o amara e continuava a amar. Quando suas bocas se afastaram, Mena o fitou com ar sonhador. Gravou na memória cada centímetro de sua pele. Se pudesse, engoliria cada pedacinho dele.

— Saro... Saro... luz dos meus olhos... — disse por fim, contendo as lágrimas.

Abraçando-o, aproximou os lábios do ouvido do rapaz e murmurou num sopro:

— Saruzzo, graças a Deus, é fruto de nosso amor.

Saro recuou e olhou-a atônito.

— Isso mesmo... Rosario é seu filho.

O grande segredo fora revelado. Mena tinha jurado a si mesma que nunca o revelaria, mas ver Saro e se decidir pela verdade aconteceu num átimo.

— Rosario é meu filho! — exclamou Saro ainda incrédulo.

— Com Jano não foi como eu te contei na primeira vez. Jano me brutalizou, me pegou à força. Ele não sabia que eu já esperava um filho. Exigi um casamento de reparação... e quando Rosario nasceu, fiz com que ele acreditasse, tendo combinado com a parteira, que era prematuro... Ah, como eu chorei sua ausência, Saro... Depois me acostumei com ele, com suas violências... Mas odeio esse homem que destruiu nosso amor e a minha vida...

Saro manteve-se frio e distante diante daquelas últimas palavras. Agora tinha contas a acertar. Os dois voltaram a se beijar com paixão. Enquanto isso, o barulho no salão havia diminuído. Então decidiram voltar para lá.

Dickey, em acordo com os dois juízes militares, declarou o caso encerrado e mais tarde transmitiu um fonograma a Nova York, para que iniciassem a busca de um certo Salvatore Turrisi.

As pessoas começaram a deixar a sala da prefeitura, comentando os fatos que vieram a saber graças a Vinciguerra. Todos o congratulavam, agradecendo-lhe por ter restabelecido a verdade naquele atormentado vilarejo.

Quando todos saíram, Curzio Turrisi se aproximou dele com o coração repleto de gratidão. Os dois trocaram um longo olhar. Ciccio Vinciguerra, oculto por trás de uma grande barba e de cabelos compridos que lhe chegavam às costas, tinha dois olhos brilhantes como diamantes. Em seguida, Ciccio abriu a boca e mostrou a Curzio um espaço onde faltava um incisivo. Um sorriso iluminou o rosto de ambos, e eles trocaram um abraço emocionado e vibrante, mal conseguindo conter as lágrimas. Curzio beijou o rosto de Ciccio, depois

sussurrou com um sorriso:

— Seu filho da puta, com o perdão da boa alma da nossa mãe, finalmente posso te abraçar de novo.

# 59. Quem fica de quatro perde

A missão de Saro Ragusa foi um triunfo. O governador Charles Poletti tinha favorecido todos os movimentos dele e de seus amigos, sem criar empecilhos.

De seu lado, o próprio Poletti, para aproveitar melhor as vantagens do cargo, abrira em Nova York uma empresa de importação e exportação com Jimmy Hoffa, um figurão do sindicato dos transportes, e sobre quem muito se comentava.

Saro, com seu uniforme militar que lhe servia de carta branca, conseguira organizar com notável habilidade todo o mercado negro não só de alimentos, roupas, tecidos e sapatos como também de medicamentos, em especial narcóticos. Mas o verdadeiro negócio, além de morfina, era o tráfico de armas, financiado com o dinheiro das outras atividades comerciais.

Naqueles meses, a Sicília era um paiol de armas: havia armas abandonadas pelos militares italianos, pelas tropas alemãs em retirada e pelos próprios americanos, que na primeira avaria jogavam-nas no ferro-velho.

Dom Calogero Vizzini, o chefão de Villalba, tinha a seu serviço um exército de capangas, entre eles Jano e alguns de seus ex-fascistas de combate.

Uma noite, dom Calò mandou chamá-lo. Jano esperava um reconhecimento ou alguma tarefa especial. Já demonstrara ao velho chefão que era capaz de qualquer crueldade.

Mas dom Calò desfiou um discurso que raramente um mafioso faz a seus subalternos.

— Não é da minha conta — começou, depois de dispensar todos os presentes —, mas correm boatos desagradáveis sobre sua mulher e Saro Ragusa... Sinto ser eu a dizer, mas faço para seu bem, você sabe quanto o estimo.

— Aquele corno... faz anos que estou por aqui com ele —, disse, indicando

a garganta.

— Na verdade o corno é você.

Jano ficou desconcertado com a rispidez das palavras de dom Calò. Ninguém jamais falara com ele dessa maneira.

— Dom Calò, não seja tão duro comigo...

— Se você não sabe mandar na sua casa, como pretende que seus homens o obedeçam?

— Aquela filha da puta... — murmurou entre dentes.

— Está vendo? Você acha que é ela, enquanto devia era calar o amante.

— Antes vou cuidar dele, depois será a vez dela. — Jano estava fora de si de tanta cólera.

— Quero ajudá-lo, Jano Vassallo. Eu soube que os dois vão se encontrar hoje ao anoitecer, no moinho Chiarenza.

— Saro Ragusa decepcionou o senhor? — perguntou Jano, sabendo que Saro era próximo do chefão de Vizzini.

— Ele pôs as razões do coração antes dos negócios. Não se pode confiar nele — sentenciou *zu Calò*.

Essas palavras alegraram Jano. Com Saro eliminado, apenas ele ficaria ao lado de dom Calò. O velho chefe da máfia queria se desfazer dele, e a desculpa do crime de honra também aplacaria os que estimavam Saro e viam nele o braço direito de *zu Calò*.

Jano conhecia bem o moinho Chiarenza. Ficava no meio do caminho entre Salemi e Trapani, próximo à ponte da Collura, nos arredores do lago Rubino. Imaginou que os dois amantes queriam ficar em segurança, longe de olhos indiscretos. Jano deixou o cavalo a um quilômetro da construção e percorreu o resto do caminho a pé, tomando cuidado para não ser visto pelos passantes. Por fim alcançou o pequeno lago. A roda de madeira estava parada, devido aos bombardeios que atingiram as engrenagens. Caía a noite, e ao lado da entrada ele reconheceu a charrete de Mena. Portanto, era verdade o que dom Calò lhe havia confidenciado.

Jano estava com sua *lupara*. Aproximou-se da porta. Estava torta e caída para o lado. Passou por baixo e entrou, tomando cuidado para não fazer barulho. Queria surpreender os dois fazendo amor. Mas o edifício do moinho estava silencioso. Seguiu por um corredor e chegou à porta que dava na sala de máquinas.

De lá também não vinha nenhum ruído... abriu a porta e entrou na sala, evitando as vigas e os pedaços de madeira. Olhou em torno. As engrenagens complexas, as correias de transmissão, as grandes rodas dentadas de madeira ainda estavam cobertas por uma camada de farinha, como se os empregados tivessem interrompido o serviço para retomá-lo no dia seguinte. Jano avançou até o centro da sala, onde estava o pino dentado transversal da grande roda que entrava nas águas do riacho.

Uma voz às suas costas, fria como gelo, surpreendeu-o.

— *Dui su' i putenti: cu avi assai e cu non avi nenti*. Dois são poderosos: quem tem bastante e quem não tem nada.

Ele se virou e viu surgir das sombras o príncipe Ferdinando Licata.

A seu lado estava Saro Ragusa e, atrás deles, três homens de Saro. Estavam todos armados com espingardas, exceto o príncipe. Um dos três homens se aproximou de Jano e lhe tirou a *lupara*.

O príncipe avançou e parou a dois passos do inimigo.

— Surpreso, Jano?

Jano Vassallo entendeu que fora vendido por dom Calò. Sentiu-se perdido.

— E aqui estamos para o nosso acerto de contas. — O príncipe estava tranquilo como sempre.

— Não tenho medo... estou me fodendo para a morte — disse Jano com desprezo.

O príncipe assentiu com a cabeça e sorriu.

— Veja, não é você quem vai foder, mas os loucos que, de amanhã em diante, vão viver fodendo você.

— Vamos acabar com isso, príncipe Ferdinando Licata. Pode me matar! Não tenho medo — repetiu Jano.

— Seria fácil demais para nós e bom demais para você... Sinto muito, Jano, mas tenho outros planos. Por exemplo, vou te entupir de droga, mas não demais, porque quero que você esteja bem consciente quando eu te entregar como refeição para a turma de tarados. Sim, meu amigo, eu resolvi trancafiar você num dos nossos piores manicômios, com um diagnóstico que te dará poucas chances de cura. Você vai viver anos e anos mergulhado nos seus excrementos e nos dos seus inúmeros amantes. E não pense que poderá se suicidar, porque vou fazer com que tirem todas as suas forças e vontade de morrer. Viverá como uma larva. É o que animais como você merecem.

Com aquela sentença enregelante, Jano caiu de joelhos. Agarrou os tornozelos de Ferdinando Licata, invocando:

— *Patri*... tenha piedade de mim...

Beijou-lhe os sapatos, mas Licata deu um pontapé e se livrou dele. Rumou para a porta, enquanto Jano começava a bater a cabeça no chão de terra, até que dois homens o ergueram à força e lhe deram a primeira injeção de morfina.

Na noite seguinte a esses fatos, foi realizada uma reunião com os chefes da máfia siciliana e os americanos da Cosa Nostra. Os Estados Unidos estavam representados por Ferdinando Licata, enquanto pela Sicília compareceram os chefes das doze maiores famílias. Foram estabelecidas as diversas esferas de influência: na Sicília, dom Calò manteria o comando sobre a Comissão, enquanto Saro Ragusa obteve o reconhecimento dos padrinhos, que lhe "beijaram as mãos" em sinal de respeito e gratidão por tudo que tinha feito para reconduzi-los ao topo do poder siciliano. Nos Estados Unidos, Ferdinando Licata foi indicado, junto com Vito Genovese, membro principal da Comissão em substituição a Lucky Luciano, que, segundo os planos estratégicos do príncipe, seria libertado dois anos depois e reenviado para a Itália, também sob o pretexto oficial de ser um *Indesejado*.

Durante a reunião, dom Calò perguntou que fim levara Jano Vassallo.

— Caiu de quatro! — respondeu Saro.

O chefe assentiu satisfeito e não fez mais perguntas.

Meses depois, uma vez confirmada a doença mental de Jano, o tribunal da Sacra Rota Romana anulou seu casamento com Mena Losurdo, por ele haver ocultado dela sua doença psíquica a fim de poder contrair núpcias.

Um ano mais tarde, Mena e Saro coroaram seu sonho de amor, e o pequeno Saruzzo pôde abraçar definitivamente seu verdadeiro pai: Saro Ragusa, o novo chefão de Salemi.

Assim era a vida na Sicília daqueles tempos: um trago de fel.

# Um agradecimento a todos os "pais"

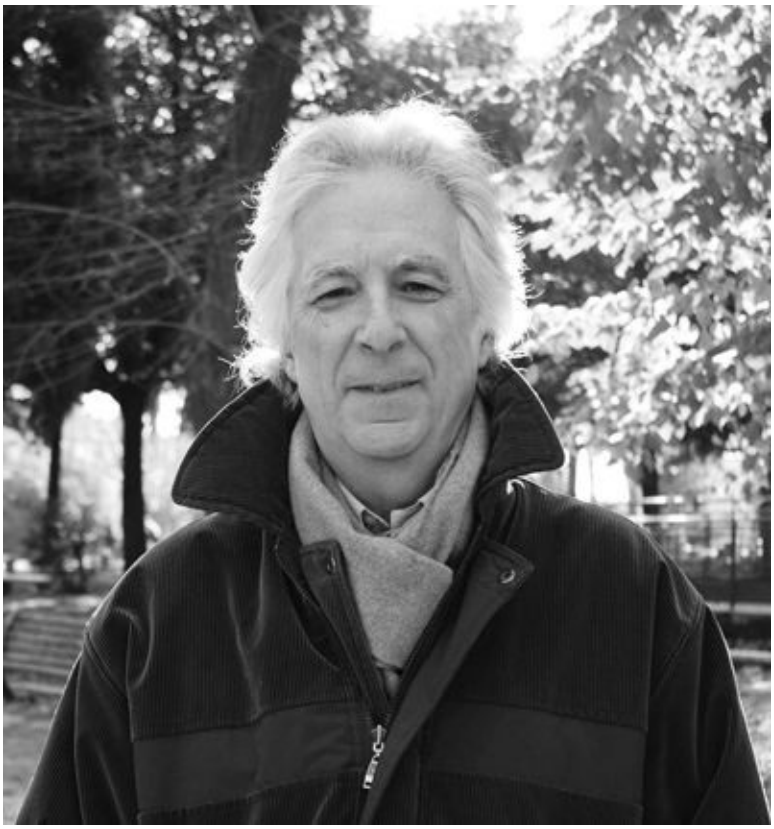
O "pai" de um romance nunca é apenas seu autor. Tudo começou há seis anos, quando um querido amigo que vivia no mundo editorial desde a época em que usava calças curtas, Sergio Fumasoni, tentou me convencer a escrever uma história sobre a máfia. Foi quando Vincenzo Labella (escritor e produtor de *Jesus de Nazaré*, *Marco Polo* e outros filmes) nos enviou de Los Angeles um artigo de Stash Luczkiw no *Herald Tribune*, em que o poeta lamentava não se escreverem mais histórias como *O chefão*. Esse artigo me serviu de estímulo, e aceitei o desafio. A inspiração também veio de Fumasoni: entre seus papéis havia um dossiê de 1945 sobre o afundamento do *Normandie*. Escrevi então *O chefão dos chefões*, que Fumasoni enviou ao produtor de cinema Carmine Parmigiani. Ele se entusiasmou imediatamente com a história e mandou-a por e-mail a um amigo em Los Angeles, Fabio Mancini, diretor de produção na Paramount. Os executivos da Major a apresentaram nas seleções de outono de 2007. Ao mesmo tempo, Parmigiani fez com que Alessandro D'Alatri também lesse o manuscrito, e devo dizer que foi ele quem melhor vislumbrou grandes possibilidades de envolvimento emocional do público de cinema com as vicissitudes do príncipe Licata. Imediatamente D'Alatri se pôs em ação e apresentou o romance a Raffaelo Avanzini, o editor da Newton Compton. Nunca esquecerei o dia em que ele deu seu "o.k." e me mostrou a capa do livro. Por fim, o último "pai" é, na verdade, uma mãe. Trata-se de Giusi Sorvillo, a editora do romance. Com Sorvillo é uma maravilha: ela sabe usar a espada como o cinzel de Benvenuto Cellini.

A todos deixo meu sincero agradecimento, com um abraço reconhecido por terem me conduzido ao resultado que agora o leitor tem em mãos.

Há mais duas pessoas às quais dedico minhas palavras. A primeira se chama Giuliana, minha mulher desde tempos imemoriais e que desde tempos imemoriais apoia meus sonhos. Peço-lhe desculpas por todos os sacrifícios que

ela precisou fazer para chegarmos a este dia. A segunda também se chama Giuliana, e é minha filha. A ela desejo uma vida repleta de sonhos, e que eles possam se realizar.

# Sobre o autor



Vito Bruschini nasceu em Roma, em 1943. Destacou-se nos anos 1970 como roteirista, diretor e jornalista. Mais recentemente, dirigiu documentários para o cinema e a TV italiana. *O chefão dos chefões* é seu primeiro romance.

Copyright © 2009 by Newton Compton editori S.R.L.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*
The Father — Il padrino dei padrini

*Capa*
Marcos Kothlar

*Foto de capa*
O gângster americano Charle "Lucky" Luciano, nascido na Sicília, caminhando com amigos em Lercara, Sicília. 1948. Slim Aarons/ Stringer/ Getty Images.
Quarta capa: Assassinato no telhado, 1941, Nova York. Weegee (Arthur Fellig)/ International Center of Photography/ Getty Images.

*Preparação*
Ciça Caropreso

*Revisão*
Jane Pessoa
Marise Leal

ISBN 978-85-8086-191-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

PRIMEIRA PARTE
1. 1921 O massacre de Borgo Guarine
2. 1938 O jogo do tocco
3. 1920 As estratégias do poder
4. 1938 O encontro fatídico
5. 1938 Quando nasce o amor
6. 1938 As razões do medo
7. 1939 A súplica
8. 1939 Os "cem santos"
9. 1920 Cooperativas brancas e vermelhas
10. 1920 Como nasce um bandoleiro
11. 1920 Quem nasce e quem morre
12. 1920 A dificuldade de morrer
13. 1939 Adeus, Providência
14. 1939 Nenhuma folha se move...
15. 1921 Lembra a primeira vez?
16. 1939 Quando o erro se transforma em remorso
17. 1939 Isso é o cinema
18. 1921 Anos difíceis
19. 1939 Bilhetes anônimos
20. 1939 Percorrendo túmulos
21. 1921 O pagamento da coragem
22. 1938 Violência gera violência
23. 1939 A fuga
24. 1921 A Glisenti modelo 1911
25. 1939 Salto no escuro
26. 1939 O Santuário de Calatafimi
27. 1939 Adeus, terra amarga

SEGUNDA PARTE
28. 1939 Esta é a 'Mérica
29. O La Tonnara
30. "Vagnari u pizzo"
31. A era do suingue

32. água na boca
33. O sangue de Pilatos
34. Cocaína no almoço
35. Marido ideal é o solteiro
36. A vida é um trem que nunca para
37. Os pesadelos ressurgem ao amanhecer
38. A "vassoura" em ação
39. Nunca faça surpresas
40. A vingança é um prato que se come quente
41. A festa de são Ciro
42. O fim da razão
43. Paz ou, melhor, quase guerra
44. A câmara de morte do La Tonnara
45. O pesadelo ficou para trás
46. 1942 A sabotagem do Normandie
47. A traição de um amigo
48. O acordo com a Cosa Nostra
49. Notícias do futuro
50. O golpe de gênio
51. 1943 O príncipe de Villalba
52. As duas faces de Jano
53. Os Indesejados
54. As notícias se confirmam
55. Operação Husky
56. Todos para casa
57. Sicília, 49º estado americano
58. Rixas de família
59. Quem fica de quatro perde
Um agradecimento a todos os "pais"
Sobre o autor
Créditos